4A
16
2
3

4A
16
2
3

THEOLOGIA

V Theologos

2 — Theologia moral

Foi: 4-20-47a-9

4A
16
2a
3

DIRECTOR
INSTRUIDO
OU
BREVE RESUMO
DA
MYSTICA THEOLOGIA
PARA INSTRUCÇÃO DOS DIRECTORES,

Que carecerem da neceſſaria; e principalmente dos Parochos, que de juſtiça, e obrigação do Miniſterio devem ſer, e ſaber ſer Directores.

EXPÕEM-SE AS VIAS DO ESPIRITO, A ORDEM DOS SEUS eſtados, os diverſos gráos de Oração, os exercicios proprios de cada hum, e os favores ſobrenaturaes, e infuſos, que Deos communica ás almas; com hum Formulario Pratico da Oração mental, e mais exercicios devotos.

BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
35387

OFFERECIDO
AO DIRECTOR DOS DIRECTORES,
Meſtre, e Exemplar das Virtudes
JESUS CHRISTO
CRUCIFICADO.

POR

Fr. FRANCISCO DA CONCEIÇÃO
Ex-Leitor de Theologia, e filho da Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal.

COIMBRA:
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE,
Anno de M.DCC.LXXIX.
Com licença da Real Meza Cenſoria.
Á cuſta de hum Irmão do Author.

DIRECTOR
INSTRUCTIVO
OU
BREVE RESUMO
DA
MYSTICA THEOLOGIA
PARA INSTRUCÇÃO DOS DIRECTORES,

Que carecerem de cocelleria, e vinculo [illegible] dos Farmacos, que se [illegible] de Ministerio devem ser [illegible] Directores.

[illegible]

OFFERECIDO
AO DIRECTOR DOS DIRECTORES,
Mestre, e Exemplar das Virtudes
JESUS CHRISTO
CRUCIFICADO,
POR
FR. FRANCISCO DA CONCEIÇÃO
Ex-Doctor de Theologia, e filho da Real Provincia da Immaculada Conceição de Portugal.

COIMBRA:
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE,
ANNO de MDCCLXXIX.
Em [illegible] da Real Mesa Censoria.
A [illegible] de [illegible] do Author.

A JESUS CHRISTO CRUCIFICADO.

A *Vós, Rey Altiſſimo, dedico as minhas obras; ſe de algum modo são minhas as que ſó de Vós tem tudo o que he digno de Vós, donde deſce todo o dom perfeito: mas por iſſo he bem que como agradecida fonte ao mar immenſo das voſſas miſericordias volte a buſcar em Vós o ſeu centro eſta, que ſó em Vós tem a origem, e o principio. Aos pés do Real Throno da Cruz, aonde Vós Divino Cordeiro morto, foſtes digno de abrir os ſete Sellos do Livro, e revelar-nos a ſabedoria do eſpirito, e os myſticos ſegredos, que tinhas nelle encerrados, e eſcondidos deſde os ſeculos; abi meſmo aonde vos offereceis Livro da Vida eſcripto por dentro, e por fora, em que poſſamos ler, e eſtudar as regras da perfeiçaõ, e virtude, que Vós enſinaſtes como Meſtre, e como Exemplar praticaſtes, offereço eſte pequenino*

Volume trasladado á letra deſſe Divino Original, deſejando que Vós o deis a goſtar aos Profetas do Voſſo Povo, e ſe faça como mel doce em ſua boca, para que poſsão fallar dignamente áquelles a quem Vós os mandais.

Dignai-vos, Divino Salvador, deſde o alto deſſe lugar de piedades, donde Vós exaltado da terra attrahis tudo a Vós, attrahir tambem eſt Livro, e o ſeu Author, para que eſte aprendendo de Vós o que no Livro enſina, pratique a virtude, e a perfeição, que nelle perſuade, e emende em ſi os defeitos, que nelle accautela aos mais; e no Livro não diminuão os que lhe communicou o Author, aquelle eſpirito, e unção, com que pela materia, toda Voſſa, he capaz de perſuadir á perfeição, e virtude, e emendar os defeitos de hum mundo inteiro.

Aſſim o eſpero de Vós pela multidão das Voſſas miſericordias, em premio do zelo, e boa intenção, (Vós o ſabeis) com que emprendi por Voſſo amor eſte pequenino trabalho; e com que tocando-me de dor o coração o ver tão deſertos os ſagrados caminhos de Sião; tão ſolitaria a ſanta ſolemnidade; tão pouco frequentadas as fontes do Salvador; tão deteriorados os coſtumes do Chriſtianiſmo; tão eſquecida a doutrina da da Cruz; tão abdicado aquelle eſpirito de perfeição

ção, e innocencia, em que nos nutrio a infancia do Voſſo Evangelho; e tão infructuoſa a dilatada ſeara da Igreja; tudo por falta da neceſſaria cultura; porque ſendo a méſſe tão grande, são poucos os operarios; por eſtarem todo o dia ociosos os que podião, e devião ir á Voſſa vinha; por não haver quem parta o pão aos pequeninos, que o pedem neceſſitados; e por ſerem tão pouco fieis os deſpenſeiros dos Voſſos ſagrados myſterios; deſejo collocar eſta pequena lucerna ſobre o candelabro do templo, donde poſſa luzir para todos os que habitão na Voſſa caſa, ainda que eu me fique nas trevas exteriores.

Inſpirai, Senhor, nos corações dos Voſſos Miniſtros que tomando-a em ſuas mãos fação luzir ſua luz diante dos homens, para que eſtes vejão as ſuas boas obras, e glorifiquem ao noſſo Pay, que eſtá nos Ceos. Inſpirai-lhes que ſem attender á maldade de minhas obras, aprendão as doutrinas mais Voſſas do que minhas, que neſte Livrinho lhes offereço, para que comidos do zelo da Voſſa caſa, da Voſſa gloria, e da ſalvação dos Fieis, os conduzão ſobre os Voſſos paſſos pelos caminhos das Voſſas juſtificações; e a mim me tocai fortemente com hum impulſo efficaz da Voſſa graça, que obrigue a minha rebelde vontade a que ſiga o meſmo, que perſuado, e me

não faça eu reprobo, quando instruo aos mais.

Corra por Vossa conta, bom Deos, a acceitação do Livro, a perfeição do Author, e o fructo das doutrinas de hum, e outro na santificação, e zelo dos Vossos Ministros, e na salvação do povo, que remistes, tudo para maior honra, e gloria Vossa. Assim vo-lo peço humildemente prostrado a Vossos pés, e devotamente abraçado com a Vossa Cruz, pelo sangue, que nella derramastes, e pelas chagas, que nella recebestes como preço, e redempção das almas, que desde a hi chamais ao caminho da vida, e á porta da salvação, que sois Vós, por onde só se vai ao Pay, e se entra ao Reyno do Ceos, aonde Vós sois Rey magnifico, excelso, omnipotente, e eu desejo ser Vosso humilde, e reverente vassalo, assim como sou

DE VOSSA DIVINA MAGESTADE

Ingrato servo, e o mais indigno Ministro

Fr. FRANCISCO DA CONCEICÃO.

IN-

INDEX

DOS TITULOS, QUE SE CONTEM Neſte Volume.

PRologo exortativo aos Directores, e motivo da obra. Pag. 1

Introducção perſuaſiva á vida do eſpirito, em que ſe declarão os gemidos d'alma nas ſaudades da Patria; os ſuſpiros do coração pelo ſeu deſcanſo; as amarguras do vicio, e delicias da virtude; a verdadeira fortuna, e felicidade da vida, e a falſidade da que tem por tal os mundanos. 18

TRATADO I.

Da eſſencia, partes, e ordem dos eſtados da Myſtica Theologia, e differença da vida activa, e contemplativa.

CAP. I. *Que couſa ſeja Myſtica Theologia?* 46
CAP. II. *Das partes da Myſtica Theologia.* 49
CAP. III. *Da ordem dos eſtados das tres vias.* 51
CAP. IV. *Da differença da vida activa, e contemplativa, e dos ſinaes da vocação a hũa, e outra.* 58

TRATADO II.

Da Oração, e ſuas partes.

CAP. I. *Da oração em commum, e particularmente da vocal.* 62
CAP. II. *Da oração mental em commum.* 65
CAP. III. *Da preparação, e licão eſpiritual.* 68
CAP IV. *Da meditação.* 72
CAP. V. *Da contemplação.* 82
CAP. VI. *Da acção de graças, offerecimento, e petição.* 85

TRATADO III.

Do eſtado de principiantes, ou via purgativa, e ſeus exercicios.

CAP. I. *Em que conſiſta o eſtado de principiantes* 89
CAP. II. *Do compoſto humano, e do ſeu modo de obrar, e da moralidade dos ſeus actos.* 91
CAP. III. *Das payxões do appetite ſenſitivo, que ſe hão de purgar.* 100
CAP. IV. *Do modo de purgar os appetites, payxões, e ſentidos externos, e internos.* 105
CAP. V. *Do modo de purgar os peccados actuaes, e habituaes, e da guarda do coração.* 109
CAP. VI. *Da Illuminação activa.* 113
CAP. VII. *Do meio, porque ſe faz a illuminação activa, que são as virtudes.* 115
CAP. VIII. *Da união activa.* 122
CAP. IX. *Do exercicio da contemplação adquirida.* 126
CAP. X. *Do Exercicio da preſença de Deos, e oração de Recolhimento, de Quiete, e de Fé adquiridas.* 134
CAP. XI, *Da purgação activa do eſpirito.* 143

CAP. XII. *Dos exercicios proprios da via purgativa, ou estado de principiantes, e da ordem, e modo, que deve observar o Director em os prescrever.* 151

TRATADO IV.

Do estado de aproveitados, ou via illuminativa, e seus exercicios.

CAP. I. *Em que consista o estado de aproveitados?* 169
CAP. II. *Dos sinaes, por onde se póde conhecer que Deos tem introduzido a alma ao estado de aproveitados, ou noite passiva do sentido:* 173
CAP. III. *Que cousa seja purgação passiva do sentido?* 175
CAP. IV. *Do instrumento, com que se faz esta purgação passiva.* 179
CAP. V. *De outros modos de purgação, com que Deos exercita algũas almas.* 189
CAP. VI. *Dos proveitos, que causa esta purgação.* 193
CAP. VII. *Dos vicios, que se purgão nesta purgação passiva.* 196
CAP. VIII. *Da Illuminação passiva.* 200
CAP. IX. *Da contemplação infusa, e suas causas, e effeitos* 204
CAP. X. *Do Recolhimento, Quiete, e oração de Fé infusas, e da Embriaguez sobrenatural, e somno de potencias.* 212
CAP. XI. *Declara-se em que consistão as vistas dos Esposos, e dá-se hũa breve noticia das quatro Aguas, e sete Moradas de S. Theresa.* 218
CAP. XII. *Da purgação passiva do espirito.* 223
CAP. XIII. *Dos exercicios da via illuminativa, ou estado de aproveitados, e da ordem, e modo de os prescrever.* 233

TRATADO V.

Do eſtado de perfeitos, ou via unitiva, e ſeus exercicios.

CAP. I. *Em que conſiſta o eſtado de perfeitos, ou unidos?* 245
CAP. II. *Da uuião infuſa, e ſeus effeitos, e gráos.* 248
CAP. III. *Das viſões, revelações, e locuções.* 255
CAP. IV. *Do caſo que ſe deve fazer das viſões, revelações, e locuções, e do modo de conhecer quaes são verdadeiras, ou falſas.* 261
CAP. V. *Do impulſo divino, e dos extaſis, e rapto, ou vôo do eſpirito.* 267
CAP. VI. *Dos deſpoſorios divinos.* 275
CAP. VII. *Do exercicio das virtudes em gráo heroico.* 279
CAP. VIII. *Da purgação do fogo, ou do amor.* 286
CAP. IX. *Do Matrimonio divino.* 292
CAP. X. *Da eſpecial união de algũas almas perfeitiſſimas com Jeſus Chriſto no Santiſſimo Sacramento da Euchariſtia.* 305
CAP. XI. *Dos exercicios da Via unitiva, ou eſtado de perfeitos, e da ordem, e modo de os preſcrever o Director.* 311
CAP. XII. *De algũas inſtrucções de S. João da Cruz mui uteis aos Directores.* 320
CAP. XIII. *De varias doutrinas de S. Thereſa de grande inſtrucção para os Directores.* 332

FORMULARIO PRATICO.

Da oração mental, e mais exercicios devotos.

§. I. *Oração mental.* 350
Meditações para os principiantes, e via purgativa. 356

Medi-

Meditações para os proficientes, e via illuminativa. 358
Meditações para os perfeitos, e via unitiva. 381
§. II. *Modo de Confessar.* 395
§§. III. *Communhão Sacramental.* 406
§§. IV. *Communhão espiritual.* 412
§§. V. *Modo de ouvir Missa.* 413
§§. VI. *Estação do SS. Sacramento.* 419
§§. VII. *Exercicios de dias de retiro.* 420
§§. VIII. *Exercicio da Cruz.* 427
§§. IX. *Exercicio da Morte.* 437
§§. X. *Exercicio da Via sacra.* 453
§§. XI. *Direcção universal.* 462
§. XII. *Estimulos da perfeição em varias doutrinas do Evangelho, Maximas de Santos, e sentenças de Sabios.* 466
§. XIII. *Exercicio quotidiano.* 470

ERRATAS.

Erros.	*Emendas.*
Numero 27 linha 9. á ſua, conta tanto	á ſua, tanto
N. 33 lin. 16. a obriga	a qual a obriga
N. 80 lin. 11. o acto	ao acto
N. 221 lin. 12. ſenſualidades	ſenſibilidades
N. 259 lin. 3. aſſento	aſſenſo
N. 312 lin. 11. intençaõ	intenſaõ
N. 580 lin. 16. ſe o roſto	ſe no roſto.

PROLOGO
EXORTATIVO
AOS DIRECTORES, E MOTIVO DA OBRA.

1 NÃO he meu intento dar lições aos Directores sabios, e prudentes; porque nem ellas lhes são necessarias, nem eu presumo tanto de mim, que saiba para os poder ensinar. Eu delles desejo aprender, como de muitos tenho aprendido, principalmente dos que continuamente me ensinão em seus escriptos, e de quem he tudo o que se achar bom nesta Obra, sendo só meus os defeitos. O que principalmente pertendo he instruir-me a mim; na certeza, e experiencia de que o melhor modo de aprender he ensinar. Em segundo lugar desejo dar algũa luz aos que a não tiverem, e os chamar a caridade, e o Espirito do Senhor ao santo ministerio de Directores das almas; porque se sem ella se exposerem a praticá-lo, serão cegos, que guiem outros cegos, e cahirão no abysmo de muitos erros em castigo de pertenderem ser mestres sem terem sido discipulos contra a ordem da boa doutrina, principalmente na Mystica, q̃ he a sciencia das sciencias, e tanto mais alta, e escondida, quanto trata de cousas mais sublimes, em que Deos he o primeiro agente: por cuja causa he necessario muitas vezes em certo modo adivinhar os santos intentos de Deos, e investigar os seus inscrutaveis juizos, e vontade, que elle muitas vezes poem nas mãos dos Mestres de espirito, como pendente das suas direcções, assim como da nossa liberdade.

2 Tem-me lastimado fortemente os erros consideraveis, que tenho conhecido em muitas almas, que por falta desta tão necessaria sciencia nos seus Directores vão levadas por caminhos torcidos, e alheios do estado, em que Deos as tem, ou a que as chama; porque as tem sopeádas, e

detidas, como delles se queixa amargamente S. Theresa; (*Vida c.* 13. *e* 25.) e S. João da Cruz, (*Llama canc.* 3. *vers.* 3.) sem que lhes dem a mão para darem hum passo adiante, nem ainda as deixem andar por seu pé, quando já tinhão forças, e idade no espirito, e podião já ter andado huma grande jornada na virtude, se elles as não tivessem presas com o grilhão da sua ignorancia, sem consentirem que passem de meninas, e de fallarem, e saberem como taes, quando Deos as chama para evacuarem as puerilidades deparvulos, e obrarem, e fallarem já como grandes. Ou querendo que ellas vôem sem ainda terem ázas para isso, e que saltem do principio ao fim sem se detêrem no meio, edificão sobre arêa, e sem fundamento sólido, e por isso as expôem a tanto maiores ruinas, quanto mais as querem elevar.

3 Eu conheço por experiencia que o não haver mais almas, que figão a vida do espirito, e fação felizes progressos na virtude, procede principalmente da falta de bons Directores, que tenhão a caridade, e zelo de as encaminhar; e o prova bem a conhecida differença, e vantagem, que levaõ na prática da virtude os povos aonde ha alguns ministros do Senhor dotados deste bom espirito, aos que experimentão a sua falta. E que severo ha de ser o juizo dos que por omissão sua fazem que Deos não seja tão servido como poderá, e seja tão offendido como não devia? Eu tenho conhecido muitos, que ou tinhão sufficiente capacidade para a direcção da virtude, ou a podião ter com húa ordinaria applicação aos muitos, e bons livros de Mystica, que prescrevem abundantes normas para isso: mas elles tem este talento tão sepultado na terra, que não sei se lhes valerá a supposta humildade, e imprudente temor, com que querem desculpar a sua culpavel omissão, para que o grande Rey se não dê por mal satisfeito, e lhes não chame servos máos quando lhes tirar conta delle, e do que com elle lucraraõ em proveitosas usuras; e para que diante do mesmo Senhor os não fação responsaveis os gemidos dos pequeninos, que pedião pão, e elles nem lho repartírão podendo,

do, nem ainda para lho empreſtar, ſe levantárão do ſeu ocioſo deſcanſo.

4 Conſultem eſtes o ſegredo do ſeu coração, e verão que todas eſtas deſculpas não ſatisfazem ao clamor da propria conſciencia, que os argúe, e lhes deſcobre que ellas procedem da ſua falta de caridade, e zelo do ſerviço de Deos, por mais que o ſeu amor proprio lhes não queira dar eſte nome. No dia grande não os há de enganar o ſeu engano: *Tunc videbunt.* Se lhes cuſta, ſoffrão o trabalho pelo Senhor, que os ſoffreu por elles maiores, e ainda agora lhes ſoffre os delictos, que podião expiar com a caridade. Se foſſe lícito iſentar-ſe do trabalho a quem o acha cuſtoſo, quem haveria que o abraçáſſe? Temão eſtes que o Senhor da Vinha os argúa de ociosos podendo elles, e devendo trabalhar na ſua cultura, e que elle ſe queixe de que ſendo a méſſe copioſa, ſão poucos os operarios. Saibão que ſão miniſtros de Chriſto, e diſpenſeiros dos myſterios do meſmo Deos, e que eſte quer diſpenſeiros fieis, que miniſtrem a refeição aos ſeus domeſticos.

5 Tómem o peſo ao miniſterio do altar, e ſaibão que o não deſempenhão comendo elles ſós do Sacrificio, mas que devem repartir aos filhos as carnes da victima pacífica, fazer goſtar a todos o cheiro de ſuavidade, que ſóbe ao Senhor, e tocá-los com o Sangue do Cordeiro, para evitarem o flagéllo do Anjo Vaſtador. Não cuidem que hé ſó obrigação dos párochos apaſcentar as ovelhas do Senhor, que o que eſtes devem de juſtiça, devem elles de caridade, de que Deos lhes há de tirar eſtreita conta como da juſtiça aos párochos. Revolvão as Hiſtorias Sagradas, conſultem as primeiras idades da Igreja, aquelles Seculos de innocencia, em que os Santos ſe contavão pelo numero dos Chriſtãos, e vejão, ſe todo eſte fructo copioſo ſe devia ao zelo dos ſeus miniſtros. Ainda neſtes tempos de corrupção vejão as fadigas, os trabalhos de muitos obreiros do Senhor, que ſem terem mais obrigação do que elles, não céſsão nas Santas diligencias da Caridade, e verão como eſta ſe não pratica

ſem fructo, o qual ſería mais copioſo, ſe elles os ajudaſſem, e verão tambem a ſua perguiça arguída por aquella diligencia. Ah! ſe tiveſſem hum bocadinho de amor de Deos, que deſeja que todos o amem, como a omiſsão ſe lhes converteria em cuidado, a negligencia em zelo!

6 Eu bem ſei que alguns com algũa razão ſe deſculpão com o pouco fructo, que vem; pois muitas almas, que fazem profiſsão da virtude, aproveitão nella taõ pouco, que nunca acabão de mortificar-ſe, nem negar-ſe á ſua vontade, e amor proprio: mas ſe elles ſe occuparem no miniſterio, elles acharão almas, que ſe queirão mortificar bem devéras; (pois não he abreviada a mão de Deos) e ainda muitas pouco fervoroſas, o ſerão mais com as ſuas inſtrucções, e exemplo: e ſe virem que não aproveitão em algũas, não percão o tempo com ellas; mas não criminem as mais, nem lhes neguem a caridade pela negligencia deſtas. Eſtimúle-os a certeza de que ſe ſerve mais a Deos neſte miniſterio de dirigir as almas, do que em outros ainda mais laborioſos; porque ainda que muitas naõ cheguem á maior perfeição, ſempre pela maior parte ſe iſentão de culpas graves; e por evitar huma ſó deviamos dar a vida, e o ſangue todos os miniſtros da Igreja. Além de que devem tambem conſiderar a fragilidade humana, e não eſtranhar os defeitos, nem querer logo as almas impeccaveis; que os maiores Santos da Igreja, até os meſmos Apoſtolos, tinhão culpas, que reprehender em ſi meſmos: e muitas vezes permitte Deos defeitos ás almas perfeitas para ſua mortificação, e humildade.

7 Muitos tambem allegão por deſculpa que para haverem de ſer Directores, devem praticar o meſmo que enſinão; devem ſer homens de oração, e de virtude ſublime; e como eſta lhes falta, não devem expor-ſe a enſinar o que não ſabem, nem praticão. A alguns, que aſſim julgão de ſi por humildade, mas que na realidade tem virtude, digo que ſim he neceſſario ſerem virtuoſos, e dados á vida do eſpirito para ſerem bons Directores; mas não he neceſſario ſer Santos da perfeição mais ſublime;

me; álias errarião os meſmos Santos tendo Directores, que o não erão tanto como elles, ou errarião eſtes, que os dirigião. Baſta que ſejão homens virtuoſos, que pratíquem a ſanta Oração aonde bébão as luzes, que hão de communicar aos mais, ainda que a não tenhão tão alta como algũas almas da ſua direcção; porque a que tiverem junta com a ſciencia, experiencia, diſcurſo, e com a graça de Deos, que nunca lhes faltará em premio do ſeu bom zelo, os fará hábeis para governar almas remontadas ao mais alto gráo de uniaõ. E ainda que não ſejão eſpirituaes, (iſto he dados á oração) como ſejão de bons coſtumes, diz S. Thereſa (*Vida c.* 13.) que são aptos para o miniſterio, e que Deos os ajudará, e ainda fará eſpirituaes em premio da Caridade.

8 Mas contra outros que nem ſeguem a oração, nem a virtude, antes a contradizem, e murmurão em lugar de apromovêrem, e obſervarem, exclamão os SS. PP. e me vejo eu preſſiſado a clamar: Ó deſgraça do Sacerdocio Santo! Ó láſtima, a que chegou na Igreja o eſtado dos ſeus miniſtros! Hum Sacerdote, hum Chriſto de Deos ſem oração! Hum ungido do Senhor, hum Vice-Chriſto ſem praticar a virtude! Hum Anjo do teſtamento, conductor do povo eſcolhido feito anjo de Satanaz, eſpirito vaſtador, que infeſta os caminhos de Sião, que eſpalha infecção em lugar de incenſo nas braſas do ſeu dourado thuribulo! Que eſpanto! Que horror! Ah! Iſto não he hum Sacerdote; iſto he hum monſtro da Igreja Santa; he hũa fantaſma do Sacerdocio; he hum profanador da dignidade Sagrada; he hum fingimento, hum engano, hũa figura de comédia, que parece o que não he, e não he o que parece.

9 Omnipotente Senhor, como vos tocará de dôr o coração ver a geração eſcolhida, o Sacerdocio real, a gente ſanta, o povo de acquiſição feito não povo de Deos, dobrando o joelho a Baal, profanando a voſſa meſma imagem! O ouro mais puro convertido em eſcória, mudada a côr optima, perdidas as luzes, que o fazião brilhar no interior da voſſa caſa! Feita vil a voſſa mais nobre por-

porção; os vaſos do templo profanados em uſos indecentes; as pedras do Santuario eſpalhadas no meio das ruas, feitas deſprêſo da plebe! Os mananciaes da doutrina, e da virtude feitos ciſternas diſſipadas, que não contêm as aguas da graça! O ſal da terra infatuado ſem ſervir de preſervativo á corrupção; poſtas debaixo do modio ſem luzirem para ſi, nem para outrem aquellas tochas, que vós collocaſtes ſobre o candelábro do templo, para illuminarem a voſſa caſa, e ſerem luz, que luziſſe diante dos homens, para que vendo eſtes as ſuas obras, glorificaſſem ao Pay celeſtial!

10 E não ſó não dão a luz, que devião, mas ainda intentão ſuffocar as lampadas das Virgens prudentes, que correm ao encontro do Eſpoſo. Sim; a Mãy univerſal dos Fieis não ſó chora a perverſidade dos ſeus miniſtros, mas tambem lamenta com dor a maldade de ver muitos delles feitos pedras de eſcandalo, e de offenſa para as almas innocentes, que andão os caminhos do Senhor. Lamenta ver nelles multiplicados os filhos de Helí, e com elles aquelle grande peccado de retrahirem as almas do ſacrificio de Deos; Quero dizer, de ſe miſturarem com os libertinos do povo, fazendo-ſe parciaes da ſua impiedade murmurando, e perſeguindo como elles as almas virtuoſas, declarando-ſe contrarios á virtude, e fazendo-a odioſa na Igreja Santa. Eu quizera ſuffocar no coração eſta queixa, e ocultar ao mundo o ſeu motivo; mas como poſſo eu ocultar o que elles fazem tão público, como eſcandaloſo aos ouvidos, e aos corações piedoſos?

11 E como pódem deixar eſtes inconſiderados Sacerdotes de ſe fazerem ſimilhantes aos do povo neſta criminoſa detracção, ſe elles os imitão, ou excedem nos delictos, que os juſtos lhes reprehendem com a ſua vida? Os mundanos, que ſeguem o partido do Seculo, que não eſtão da parte de Deos, fazem cáras á virtude; oppõem-ſe ás ſuas máximas; julgão inſenſátas as almas que a praticão; são para elles gente ſem honra, e ſem acêrto; mas he porque eſta vida aſſim ajuſtada; ſeparada dos ſeus vaidoſos comercios he reprehensão das ſuas diſſoluções. Elles

les murmurão da virtude, porque ella lhes faz despertar o clamor da propria consciencia, que os argue da deformidade da sua vida, e os adverte que só a dos justos he recta, e acertada; elles quizerão não ouvir este clamor, porque não querem entender o bem para o obrar. E como muitos, que vivem do altar, tem tal vida, ou peior do que os mundanos; feitos sócios das suas desordens; misturados com elles nos jogos, nas ociosidades, nos escandalos os mais vergonhosos, que muito he que como os do mundo se declarem contra o partido da virtude, se ella grita mais alto contra elles do q̃ contra os mesmos mundanos: *Sacerdotes polluerunt sanctum, injustè egerunt contra legem.* (*Soph.* 3.)

12 Ó desgraça dos Seculos infelizes, em que se tem verificado o triste vaticínio: *Erit sicut populus, sic Sacerdos!* (*Oseæ* 4.) Com razão lamenta Jeremias, (*Thren.* 4.) que os filhos inclitos vestidos do ouro mais fino estão feitos vasos de bárro: os Nazarêos mais brancos do que a neve, mais puros do que o leite, mais rubicundos do que o antigo marfim, mais formosos do que a preciosa Safíra deixárão denigrar sua face como carvões, e já não são conhecidos nas ruas por quem erão. Justamente clama S. Lourenço Justiniano „ Ó desgraça! O Clero do tempo pre„ sente falla mais para escandalo, do que para edifica„ ção: São mui poucos nelle, que vivão honestamente, „ e muito mais raros os que sejão capazes de administrar „ o pasto saudavel ao rabanho dos Fieis: a maior parte „ dos Sacerdotes vive nos vicios do povo. E eisaqui como elles, e as almas a quem devião guiar para o Ceo, caminhão precipitadamente para o Inferno. Eisaqui porque diz Dionisio Cartusiano com S. João Chrisostomo, que os mais Sacerdotes se condemnão.

13 Mas que muito que os conductores do povo Santo andem os caminhos errados; Que muito que as trombetas da Ley clamem em vozes de perdição, sôem em estampídos do Inferno, se ellas fallão a sôpros da serpente, obedecem á voz do tentador, que lhes tem deturpado a imagem, e riscado o nome Santo que os caratheri-

za?

za? Que quer dizer Sacerdote? Diga-o S. Antonino de Florença: *Sacerdos, ideſt Sacer-dux, Sacra-dans, Sacra-docens, Sacra-dos.* Diga-o Guilelmo Durando: *Præbyter, ideſt præbens-bonum iter.* E são muitos os Sacerdotes, que ſignifiquem ainda agora o meſmo? Ah! os guias ſagrados pela maior parte eſtão feitos ductores da perdição. O maior numero dos que devião repartir a ſagrada porção aos pequeninos, eſcaſſos dos theſouros do Deos liberal ſó lhes dão pedras por pão. Os que devião inſtruir os povos nas doutrinas da ſalvação, os mais ou as não ſabem, ou as não ſeguem, ou as não querem enſinar, e ſó dictão maximas de corrupção oppoſtas a ſantidade do Evangelho. O dote ſagrado que enriquecia a caſa do Deos das riquezas, eſtá diſſipado, e conſtitúe em pobreza o lugar Santo. Os que devião moſtrar os rectos caminhos da Patria, são monſtros, que eſpantão a quem intenta andálos. E eisaqui os Anjos de Deos convertidos em anjos de Satanaz, que não ſó ſe deſpenhão do Ceo, mas tambem com os golpes da ſua cauda arrójão delle as almas. Grande Deos, que dôr para quem eſtiver tocado do zelo da voſſa caſa!

14 Aquelles presbyteros de Deos, de que pendem as almas do povo; aquelles, que (ſegundo S. Hilário) são o braço direito de Deos para as obras dos mais ſagrados myſterios; eſtes são de quem elle meſmo ſe queixa, e a quem deita em roſto pelo ſeu Profeta eſtas taõ feias maldades: „ Eu fiz concêrto com o meu ſervo Leví, com a „ geração dos Sacerdotes, e o enſinei a temer-me: elle „ conſervou a Ley da verdade em ſua bôca, não ſe achou „ maldade em ſeus labios, andou comigo em paz, e equi„ dade, e apartou a muitos do mal; porque os labios do „ Sacerdote devem guardar a ſciencia, e da ſua lingua „ ſe ha de aprender a Ley Santa; pois he hum Anjo de „ Deos dado por guia ao povo: mas vós (*Sacerdotes*) „ ſois o maior eſcandalo da Ley, apartais-vos do ſeu ca„ minho, e fruſtrais o pacto, que eſtipulei com o meu „ ſervo Leví: por iſſo eu vos ſepáro da ſua ſórte, e vos „ entrego ao deſprêzo da plebe. (*Malac.* 2.) Aſſim ſe queixa o Senhor daquelles máos Sacerdotes, que devendo chorar

rar entre o veſtibulo, e o altar a profanação do lugar Santo, ſupplicar com gemidos ao Pay das miſericordias o perdão dos peccados do ſeu povo, e occorrer á perdição da herança do Senhor; elles athé prohibem que o meſmo povo chore os ſeus delictos; murmurão de que o pequeno rebanho ſolicite os caminhos do Reyno, elles meſmos ſe fazem parte da reprovada herança.

15 E ſe Deos tanto ſe queixa do pouco zelo, da eſcandaloſa murmuração, e da falta de caridade, e virtude nos ſimples Sacerdotes, que fará daquelles, que tendo a ſeu cargo as almas, não tomão o peſo ao cargo que tem? Quero dizer dos paſtores do ſeu rebanho, dos parochos, que devendo de juſtiça inſtruir-ſe nas apertadas obrigações do ſeu officio, das quaes he a primeira o ſerem Directores, e Meſtres eſpirituaes das ſuas ovelhas, não ſó não ſabem, nem praticão as regras da Myſtica, mas athé aborrecem que eſta ſe pratique no ſeu povo; e por iſſo (não o digo ſem experiencia) athé zélão que não haja no ſeu rebanho algũa ovelha apeſtada com ſimilhante contágio, negando a frequencia dos Sacramentos ainda ás almas, que a procurão por outra obediencia; e murmurando como os mundanos (porque tambem o são) de quem ſegue a Deos com mais zelo? Difficultoſamente haverá povo, em que não haja huma duzia d'almas ao menos dotadas de docilidade para a virtude, ſe foſſem ſufficientemente inſtruidas; mas: *Quomodo audient ſine prædicante*? Quem as ha de guiar, ſe o ſeu conductor as deixa? (Quando as não deſencaminha, como chorão infinitos exemplos.) Quem as ha de apaſcentar, ſe os ſeus paſtores ſe convertêrão em lobos, que as devorão? Se os Davides, que havião de ſuffocar os leões, e os urſos, que as inveſtem, elles ſe fazem féras, que as intimidão? Se ſó cuidão em ſe veſtir do que as deſpem, nutrir-ſe da ſua ſubſtancia, e ellas que morrão á fome de virtudes, e que andem nuas da graça?

16 „ Ay de vós paſtores de Iſrael, clama contra eſ-
„ tes a voz do Deos de vinganças, (*Ezech.* 34.) Ay de
„ vós, que ſó cuidais em vos apaſcentar a vós meſmos!

„ Por ventura os rebanhos são para apaſcentar os paſto-
„ res ; para vós ſó cuidares em fazer paſto da voſſa vo-
„ racidade , o meu amado rebanho ſem cuidares em o apaſ-
„ centar a eile ? Vós não conſolidais as enfermas , não
„ ſolicitais a ſaude das doentes , não lhes ligais as frac-
„ turas , não reduzís as que fraquêão , não ides buſcar
„ as perdidas , e todo o voſſo miniſterio ſe reduz a eſpan-
„ tá-las com o voſſo imperio , aterrá-las com vozes de a-
„ meaços , fazê-las fugir com a força do voſſo poder , e
„ por iſſo eſtão eſpalhadas , e deſgarradas as minhas ove-
„ lhas como ſe não tiveſſem paſtor , ou porque o que tem
„ não he bom , e cahírão nas garras , e nos dentes das
„ beſtas feras : andão perdidas , porque não ha quem as
„ conduza ; aſſim o digo ; porque não ha quem as
„ conduza. Por iſſo , paſtores , ouvi-me : Eu vos juro ,
„ que eu virei ſobre vós , e vos tirarei conta do meu a-
„ mado rebanho , que eu entreguei em voſſas mãos , pa-
„ ra o conduzires a mim.

17 E na verdade como ha de apaſcentar o rebanho hum paſtor , que ſó conhece as ſuas ovelhas para as conveniencias temporaes , e a quem as ovelhas não ſó não conhecem como paſtor , mas o olhão como mercenario , ou como inimigo; que athé as ſepara de poderem conhecer o bom Paſtor , e as deixa ao Lobo Infernal ? Por eſte infeliz os mandou Deos advertir , quando a hum miniſtro da palavra , que tinha de prégar em hum Concilio , diſſe o meſmo demonio , como refere S. Thomaz de Cantuaria : (*l.* 1. *c.* 20.) „ O Omnipotente me manda dizer-te , que pré-
„ gues no Concilio eſtas palavras : Os principes das tre-
„ vas Infernaes eſtão em grande obrigação aos principes
„ das Igrejas ; todos lhes rendem as graças , porque com-
„ ſigo levão os ſubditos ao Inferno , e pela ſua negligen-
„ cia quaſi todo o mundo ſe devolve ao imperio de Lu-
„ cifer. Oução iſto os parochos , e ſaibão que elles ſão principes das ſuas Igrejas , como os Biſpos das ſuas dioceſes em quanto á obrigação das fadigas paſtoraes ; e conſiderem que ſe a negligencia ſó he cauſa de tão deploravel deſgraça , que fará aquella impiedade nefanda , aquel-

le

le eſcandalo alheio da ſociedade fiel com que com murmurações fariſáicas, com ſeus imprudentes preceitos ſepará̃o as almas puſilanimes do apertado caminho da vida? péſem a ſua obrigação, e eſte delicto na balança do Santuario, e verão com horror hũa deformidade tão monſtruoſa em hum miniſterio tão Santo; e conheceráõ ás luzes do meſmo Santuario que elles faltão ao principal dever do ſeu officio, que de juſtiça devião praticar, e o não fazem por falta da ſciencia do eſpirito, e da prática do meſmo, que ella enſina. Não ſería eſte mal tão graſſante, ſe elles não foſſem promovidos aos beneficios ſem hum exame tão rigoroſo da Myſtica como das outras ſciencias, pois lha não julgo menos preciſa.

18 Outros há, que tinhão bons deſejos, e ſufficiente talento para o miniſterio da direcção; mas deixão de o exercitar (ás vezes depois de o praticarem algum tempo) por verem que tanto elles, como as almas, que ſeguem a virtude, são murmurados, e perſeguidas do mundo: e tambem pelo temor de ſerem enganados, vendo que alguns o tem ſido por algũas almas, que parecião virtuoſas, e erão fingidas, e illuſas. Vergonha he que haja miniſtros do Senhor, que ſe iſentem de o ſervir, e de trabalhar na ſua vinha com huns pretextos tão frivolos, e tão injurioſos ao miniſterio ſagrado. Certamente quem não tem eſpirito de fortaleza para tolerar as perſeguições, os trabalhos, as murmurações, com que os mundanos atacão a virtude, e a quem a ſegue, e promove, não tem eſpirito de direcção; porque lhe falta a preciſa conſtancia, e valor para ſer martyr da caridade; pois certamente he impoſſivel que hum Director deixe de goſtar o fél com Jeſus Chriſto, e de levar com elle a ſua Cruz fazendo a ſua peſſoa na terra. Se elle ſe declara contra o mundo, e ſuas maximas; ſe faz frente aos ſeus deſacertos, ſe ataca os vicios, e as vaidades do Seculo; reprovando o que elle aprova, deſpreſando, e fazendo deſpreſar o que elle eſtima; como poderá o mundo ſofrê-lo ſem cahir ſobre elle com impeto furioſo? Iſto he o que diſſe de ſi o Director Divino, e póde dizer hum miniſtro, que o imitta: *O mun-*

do me aborrece, e tem odio, porque eu reprehendo, deſcubro, e dou a conhecer o mal de ſuas obras. (*Joan.* 7.)

19 He neceſſario que hum Meſtre do eſpirito bêba primeiro o caliz dos trabalhos, para que deve animar os diſcipulos; que ſe eſtes neceſſariamente haõ de padecer perſeguições, ſe quizerem viver piedoſamente em Jeſus Chriſto, primeiro as haõ de ſofrer os ſeus meſtres, como aquelles, a quem os libertinos, e os detractores do mundo attribuem o motivo do ſeu eſcandalo. Alem de que, ſe haõ de enſinar a virtude, primeiro a devem praticar em ſi meſmos, e ſem o fogo da tribulação não ha virtude ſem fezes. Os trabalhos são o criſol, que a depurão por iſſo devem animar os diſcipulos com o exemplo, entrando ſem medo pelo meio das lanças contrárias; não temendo as ſettas dos parvulos que ſe fazem feridas dos meſmos, nem as linguas malignas, que ſe malignão contra os detractores. Iſto ſim he que he ſer bom miniſtro do Senhor, imitador da ſua paciencia, do ſeu zelo, da ſua caridade; mas fugir dos trabalhos com detrimento da virtude! Virar as coſtas á caridade por temer os cães ladradores! Não querer dar paſſos para a terra Santa ſó por não guerrear com os Amorrêos! Privar-ſe dos fructos da Paleſtina ſó por temer os monſtros, que ali ſe encontrão! Ó fraqueza dos eſcolhidos de Deos! Ó cobardia dos Capitães de Iſrael!

20 Aonde eſtá a imagem de Jeſus Chriſto que devem copiar em ſi meſmos? Elle tomou a ſeus hombros todos os noſſos trabalhos, e os deſſes cobardes, que os fogem: elle nos conciliou a vida á cuſta da ſua propria: e não quer elle que os ſeus miniſtros ſejão ſubſtitútos, do ſeu zelo, como do ſeu miniſterio? Oução a regra da verdadeira caridade, que lhes propoem o Evangeliſta, (1. *Joan.* 3.) e vejão o que della ſe apartão: *Niſto conhecemos a caridade de Deos; que elle entregou por nós a ſua alma, e nós o devemos imitar dando as noſſas almas por noſſos irmãos.* Por eſta regra he que o Prégador das gentes deſejava ſer anâthema por ſeus irmãos: por eſta he que os Apoſtolos, os Martyres, os Prégadores Evangelicos olhavão ſem horror os cadafalſos, os equleos, as lanças,

os alfanges, a morte : e por esta mesma he que o Pay Eterno não perdo-ou a seu Filho Unigenito, mas o entregou por nós aos despresos, ás perseguições, aos trabalhos, aos tormentos, e á mesma morte de Cruz.

21 Nem tambem he bastante para se retrahirem de hũa obra tão Santa o temor de serem enganados, nem os funestos exemplos d' algũas almas illusas, ou d' alguns indiscretos Directores, que se deixárão enganar, ou elles mesmos se enganárão a si; porque estes, e ellas quizerão padecer o engano por abusárem do ministerio Sagrado; e os seus vicios, a sua soberba, a sua ignorancia, e não o espirito de caridade os conduzírão aos erros, que impiamente praticárão; e assim não a sua caridade, mas só a sua malicia foi causa dos seus desacertos. Sejão elles fieis a Deos, guiados pelo Espirito do Senhor, que fiel lhes será o mesmo Deos para os não deixar enganar. Seja recta, e com Santo zelo a sua intenção, e Deos acudirá pela sua causa, e não lhes permittirá illusões; e se algũas almas os quizerem enganar, Deos fará que ellas só sejão enganadas, e não elles.

22 Mas fugirem de tratar almas de espirito por isso só que algũas forão illusas, ou movidas de depravados intentos, e que alguns Directores errárão; isto he reprovar que haja Discipulos de Christo, porque delles prevaricou hum Judas traidor : he dizer que não haja Bispos na Igreja, porque muitos se revoltárão contra ella, e a infestárão com erros : que se não deve aspirar ao Sacerdocio, porque delle sahio hum Luthéro, hum Calvino, e outros horriveis monstros de heresia : em huma palavra, que ninguem deve praticar, nem dirigir a vida mystica, porque hum Molínos a deturpou com torpezas; porque huma deshonesta Theresa, huma torpe Joanna, e algumas outras com capa de fingida Santidade forão feios monstros de vicios. Que severamente reprehende estes mal fundados temores a insigne Mestra do espirito S. Theresa de Jesus com estas, e outras similhantes palavras ! „ Cami-
„ nho de Oração caminho de perigos? Nunca Deos tal quei-
„ ra; que o demonio parece tem inventado pôr estes me-

„ dos

„ dos, e assim se tem empenhado a fazer cahir alguns,
„ que tinhão oração. E reparem na cegueira, que não
„ olha o mundo para milhares que tem cahido em here-
„ sias, e em grandes males sem ter oração, nem saber
„ que cousa era; e se o demonio por fazer melhor seu
„ negocio tem feito cahir alguns bem contados, que ti-
„ nhão oração tem feito pôr tanto medo nas cousas da
„ virtude a alguns. (*Cam. de perf. c.* 21.)

23 Muitos cuidão que satisfazem ao dever do ministerio em se presentarem no tribunal da reconciliação promptos para confessar a todo o mundo: e se confessão o mundo todo em poucas horas, assentão que tem prestado a Deos hum grande obsequio, quando muitos destes mais o offendem do que servem pela irreverencia com que abusão do poder de atar, e desatar: porque huns nem atão, nem desatão as almas que respectivamente o pedião segundo os custumes, que expoem a seus pés; outros as atão mais aos criminosos deleites facilitando-lhes as reincidencias pela facilidade do imaginado remedio, que elles convertem em maior damno, prodigalizando as misericordias de Deos mais do que o Deos das misericordias; pois athé aos indignos as intentão conferir ás mãos cheias, quando elle lhas está negando da altura da sua Justiça. Aos seus pés nunca ninguem chega indisposto, e se chega, assim volta, (mas em todo o caso absolvido) ainda que lá se podesse dispor; porque como o seu ponto he despachar ou com justiça, ou sem ella, fazem escrupulo de demorarem as partes na diligencia de as dispor, e naõ o fazem de se condemnarem a si, quando as absolvem a ellas. Ostentão desembaraço excessivo sem attenderem que com elle embaração mais as almas, e as consciencias. Quem podéra separar a estes tais para sempre do ministerio da reconciliação por não expôr a tantas profanações hum tribunal tão sagrado, e por não augmentar a facilidade de peccar, que o S. P. Benedicto XIV. citando a Belarmino attribúe á nimia facilidade de absolver! *Non esset tanta facilitas peccandi, si non esset tanta facilitas absolvendi.* (*Epist. de prepar. ad jubil.* §. 22.

24 Ou-

24 Outros porém, que tinhão bom zelo, e caridade para conduzirem as almas, lhes falta a preciſa inſtrucção; pelo que pouco fructo pódem fazer, por não ſaberem diſcernir os diverſos eſtados das almas para lhes aconſelharem as meditações, e os exercicios proprios de cada hum, e lhes enſinarem a fazer oração ſegundo a diverſidade dos ſeus gráos conformes ao eſtado em que Deos as tem, ou a que as chama. Por cuja ignorancia tudo para elles he o meſmo; para todos os meſmos exercicios, a meſma oração, a meſma frequencia de Sacramentos, as meſmas mortificações; e cuidão que baſta iſto, e perguntar-lhes ſe fizerão oração, ſem lhes ſaberem enſinar o modo de a fazer, nem inquirirem como nella ſe achão, no que ſó ſe conhece adiverſidade dos eſtados, e o aproveitamento do eſpirito. Ainda ſe eſtes forem humildes, e ſe ſogeitarem a perguntar, poderáõ remediar em parte eſte defeito; mas ſe os mover a indiſcrição, a ſoberba, ou ſatisfação de ſi meſmos ſem fundamento para ella, farão mais perda do que proveito nas almas innocentes, que ſe entregão em ſuas mãos com bellos deſejos da virtude, cuidando ſe encomendão a hum Anjo Cuſtodio, que lhes moſtre os caminhos do Ceo, e ſe achão com hum enganador, que as prende ſem as deixar ir para Deos, como podião, e querião. Bem ſentida deſte damno S. Thereſa não ceſſa de precaver-nos para o evitar-mos. (*Vida c.* 5. 13. e 25.

25 Alguns pela meſma ſoberba, ou ignorancia coſtumão dizer, que para as almas deſtes tempos não são neceſſarias eſſas altas ſciencias da Myſtica; porque já não ha almas com tão elevados gráos de virtude, que não baſte para as dirigir huma mediana inſtrucção: que já não ha eſſas altas contemplações, que aconſelhar, nem visões, extaſis, raptos, ou ſobrenaturalidades, que diſcernir; e ſe as ha, são ſuſpeitoſas, cujo diſcernimento he deſprezá-las. E o peior he que eſtes ignorantes ſoberbos athé ſe arrojão a mofar dos que não guião as almas como elles; aſſentando que ſó elles acertão, e que tudo o que não he conforme ao ſeu parecer, ou he illuſão, ou deſacerto. Quanto

to iſto ſeja filho da ignorancia, e falta de experiencia ſó o conheceráõ os poucos ſabios, que forem experimentados na materia. A caſo he abreviada a mão de Deos, ou coarctará aos tempos a liberalidade dos ſeus theſouros? Que ſeria da Igreja, ſe não houveſſe ainda nella almas juſtas, que praticando a virtude em gráo ſublime a ſuſtentaſſem como columnas immoveis, e mitigaſſem as iras do Deos de vinganças? Para deſperſuadí-los daquelle errado juizo baſta lembrar-lhes muitas almas aſſombros da virtude, que nos noſſos dias nos tem dado evidentes ſinaes de ſantidade nos prodigios. que obrárão em ſua morte, e nos que depois della ſe deſcobrírão nos proceſſos de ſuas admiraveis vidas. E ſe não ſe achão mais deſte caracter ſerá porque ſe occultão aos olhos do mundo indigno de as ver, ou por falta de bons Directores; e diſto ſerão reſponſaveis os que podendo-o ſer, não quizerão.

26 Todas eſtas, e outras razões me motiváraõ a reſumir aqui como em compendio o que he mais neceſſario ſaber, e praticar a hum Director; tanto para ſe fazer mais facil aos que quizerem ter algũa inſtrucção, por não poderem haver os mais livros, que tratão da materia, que ou são mais volumoſos, e diffuſos, ou menos preceptiveis; como tambem porque nenhum tenho viſto athé agora, que trate tudo o que he neceſſario, e ſem algũa confuſão, que deixe de os fazer obſcuros a quem não tiver letras maiores, e mais frequentes eſtudos na materia; a qual aqui acharáõ reſumida com a clareza, que pude; pelo que rogo ſe me diſſimule o defeito de irem algumas couſas repetidas em differentes partes, que o fiz de prepoſito para mais clareza.

27 O que aqui lhes offereço em reſumo, julgo ſerá baſtante para ſe inſtruirem nos primeiros principios da Myſtica, e para os fazer temer, e não ſe fiarem de ſi meſmos conhecendo o grande peſo, que tomão a ſeus hombros, e os perigos, a que andão ſugeitos, aſſim para viverem acautelados, e cuidarem em eſtudar, e perguntar o que não ſabem; como tambem para deſempenharem a ſua obrigação, que hão de dar a Deos eſtreita conta das al-

almas, q̃ tomão a ſua, conta tanto pelos defeitos, de que as não retrahírão, como pela falta de perfeição, a que as não promovérão. O que ſei não pondérão muitos delles, que ſendo alias timoratos, e eſcrupuloſos, ou lhes não faz peſo o não tomarem o de Meſtres de eſpirito; ou ſe o tomão, ſe alivião tanto delle, que ás vezes deixão andar as almas mezes, e annos, ſem lhes tomarem conta dos exercicios, nem dos progreſſos da Oração, da mortificação das payxões, e ainda ſem ſacramentos, como ſe não pediſſe a materia mais cuidado; donde ſe ſegue communicar-ſe ás almas a tibieza dos meſmos Directores, e em lugar de fazerem progreſſos na virtude, declinarem miſeravelmente para os vicios, como chora a meſma experiencia, e chorarão elles quando diſſo ſe lhes fizer cargo á face de Deos. *Tunc Videbunt.*

INTRODUCÇÃO PERSUASIVA A' VIDA DO ESPIRITO.

Em que se declarão os gemidos d' alma nas saudades da Patria; os suspiros do coração pelo seu descanso; as amarguras do vicio, e delicias da virtude; a verdadeira fortuna, e felicidade da vida; e a falsidade da que tem por tal os mundanos.

28 SOBRE os rios de Babylonia choravão tristes os filhos de Israel com saudades da sua amada Sião, tão profundados na dor do seu prolongado desterro, que nem lhes restavão alentos para cantar os canticos do Senhor na terra alheia: Mas que transportes de júbilo, de alegria lhes fizerão reviver os espiritos quando rotas as prisões do cativeiro, sacudidos os grilhões, que os detinhão, se vião já caminhar ao centro dos seus desejos, se vião ir já restituindo á doce Pátria! Afflicto gemia o mesmo povo nas oppressões do Egypto, violentado ao ministerio mais vil, soffrendo a tyranna perseguição de hum Faraó, que nem liberdade lhes deixava para os cultos do Deos de seus Pays: Mas que gostoso alivio, que descanso, que tranquilidade pacífica lhes fazia dilatar os corações, quando arrancados á força da mão forte sahião livres da triste servidão, e ião já caminhando á Palestina, á terra da promissão, áquella região de paz, e descanso abundante de leite, e de mel, e de toda suavidade gostosa, restituidos já á liberdade de Filhos, postos em lugar espaçoso, a proposito para os sacrificios de Deos!

29 Infeliz alma cativa na confusa Babylonia do vicio, arrastada á infame servidão do peccado; tu que foste creada

dá para Senhora das Gentes, e Princeſa de todas as Provincias; eſcolhida entre milhares para feliz eſpoſa do Cordeiro; deſtinada para habitadora de Jeruſalem triunfante; ah que triſtes lagrimas ſaem a banhar tuas faces, quando chorando choras na noite da tua culpa! Que laſtimoſos gemidos arrancas do fundo da tua meſma ſubſtancia lamentando perdida toda a formoſura de Filha de Sião, feita vil a que tinhas ſido Senhora, feita em tributo a Princeſa, privada da Patria a meſma eſpoſa do Rey, a meſma filha do Principe! Torna pois triſte Virgem de Iſrael, torna para as tuas Cidades; não ſejas mais filha vaga; não te diſſolvas mais em delicias; dirige teu coração ao recto caminho das juſtificações de Deos, que leva em direitura á Terra Santa. Levanta, levanta-te já, torna a veſtir-te da tua fortaleza perdida, cinge de novo o antigo eſplendor da tua gloria, captíva filha de Sião, e darás volta á terra eſpaçoſa, enxugarás tuas lagrimas, ceſſaráõ os gemidos da tua dor, e ſerás magnificada em gozo, e alegria.

30 Infeliz coração do peccador, triſte, e fatigado Iſraelita creado não menos que para throno, e templo da mageſtade do Excelſo, e agora vilmente ſugeito ao tyranno dominio de hũa infame payxão, que mais que Faraó te violenta, e te opprime por mais que poſſuido de hum ſobre-ſalto, e deſaſoſſêgo contínuo ſuſpires, e gemas com o peſo deſſes grilhões, que arraſtas, e clames (a furto da meſma eſcravidão, que tributas) por hum Salvador, que te livre, e te leve ao teu lugar de deſcanſo; que clamas, que ſuſpiras, porque razão te detens? que mais Salvador queres que o meſmo Salvador? Que mais Moyſés, que o meſmo que deu o poder a Moyſés? Ó Deos de Abraham, de Iſaac, e de Jacob, eſte he o que te tirará do Egypto, e te fará paſſar á força de portentos pelo mar vermelho do ſeu ſangue, ſe queres ſeguir os ſeus paſſos, e deixar o errado deſtino, em que vives tyrannizado das tuas meſmas payxões; levanta pois, levanta mais alto os teus cuidados, ſóbe a cima da terra os teus deſejos, que para mais altos deſejos te creou quem

te creou; poem-te ao caminho do deſerto, que he o da penitencia, e da virtude; ſegue os paſſos daquella refulgente columna, que te illumina com a luz da Fé para correr o caminho dos mandamentos de Deos, e tu ſerás dilatado em deſcanſo, e alegria; ſerá em paz teu lugar, e a tua habitação em Sião. Vai-te ao teu Deos, que te quer, já que te quer o teu Deos; eſte he o teu proprio deſtino; eſte he ſó o teu fim; o teu termo, o teu deſcanſo, o teu centro; a tua felicidade, o teu tudo; e ſem iſto tudo he nada, e tudo deve ſer nada para ti; pois em nada acharás o deſcanſo, nem a felicidade, que deſejas.

31 Sim, mortaes, eſte o unico, o proprio deſtino do homem; nada lhe he mais natural que a virtude, pela qual ſó póde fazer-ſe feliz. Para eſte fim he que o Creador do Univerſo o fez em alma vivente, lhe inſpirou hum ſpiraculo de vida em ſua face, e o conſtituio hum pouco menos que os Anjos. Mais eſſencial lhe he o ſer virtuoſo, do que o viver, porque o primeiro he o diſtintivo da razão, e o ſegundo he hum natural contingente, que athé aos brutos convem: por tanto então he o homem mais homem, quando he mais virtuoſo, porque he mais racional; e quando o não he, declina para a natureza de bruto, he comparado aos inſipientes jumentos, e ſe faz ſimilhante a elles. Olha homem o que foſte, o que es, e o que podes ſer pelo teu proprio arbitrio. Creou-te Deos para hum fim eterno, que he elle meſmo; infundio-te hũa natural propenſão do eſpirito para o deſejo da tua felicidade; deu-te hum coração capaz de o amar, e de o gozar, tão nobre em ſeus alentados deſejos, que nada ſe não o meſmo Deos o ſacía; tão grande em ſua capacidade, que nada o póde encher ſe não Deos; ninguem o engane em lhe dizer: Aqui eſtá a tua felicidade; que ſe ella não he verdadeira, elle a conhece por falſa na pouca ſatisfação, com que a goza; e ſe ſe detem no ſeu gozo, mais he arraſtado por hum violento capricho, que attrahido da propenſão natural; não o violentes pois, nem o arraſtes contra a natural propenſão.

32 Inclina eſta tanto o homem a appetecer-ſe feliz, que

que ainda os meſmos Gentios, que nos artigos da ſua errada fé não eſtendião a duração d'alma além dos prazos da vida, ideavão para ſi a ſeu arbitrio a ſua bemaventurança eſtravagante, que os fizeſſe felizes na meſma limitada duração, julgando-ſe muis ditoſo na vida o que mais larga dava á ſatisfação dos deſejos, e propenſões do ſeu genio; huns ſe julgavão bemaventurados nos deleites, outros nos regalos, outros nas riquezas caducas, outros nos divertimentos alegres, outros no trato, e converſação dos amigos, e em outros ſimilhantes delirios, que lhes fizeſſem menos ſenſiveis as penalidades da vida. Outros porém menos cegos, ainda que ſempre o erão, porque não vião a alma além da morte, tendo conhecimento de Deos, ſó em o conhecer, e amar punhão a bemaventurança, e felicidade da vida. Deſgraça ſería ſe eſta clara luz da razão não paſſaſſe a moſtrar áquelles bem intencionados pagãos o mais além a que paſſavão os limites do ſeu acertado penſar.

33 Elle he certo que ſó a felicidade, e bemaventurança eterna póde ſaciar os deſejos do coração humano; ſó a grandeza de hum Deos o póde encher, e fóra de Deos tudo o deixa vazio; nada o deſcanſa, porque ſó deſcanſa em Deos; e em quanto aqui não deſcanſa, nunca para, diz Agoſtinho, vive em deſaſoſlego contínuo: mas eſte deſcanſo, eſta felicidade, que ſó he completa na Patria, tem ſeu principio ainda no meſmo deſterro; a paz e a tranquilidade d'alma já começa quando no penoſo deſerto ſe vê guiada, e acompanhada de Deos; quando recebe o maná nas doçuras, e ſuavidades do eſpirito; quando lhe correm, e bebe em abundancia as agoas das celeſtiaes conſolações; quando finalmente ouvindo a voz de Deos, ainda que do meio da nuvem, conhece que eſtá Deos com ella, e recebe eſcriptos os preceitos da ſua Ley na taboa do ſeu coração, a obriga ao amar depois de o conhecer; e eisaqui hum retalho, hũa, ainda que eſcura, imagem da felicidade futura; eisaqui hũa bemaventurança inchoada, e a que ſó póde ter eſte nome na terra; eſte he o caminho, e o meio de conſeguir abemaventuran-

turança completa, e a felicidade da Gloria, que como eſta conſiſte em ver, e amar ao meſmo Deos, com differença, que o que cá he por eſpelho, e ſó em enigma, lá ha de ſer face a face.

34 Pois homem, ves aqui o meio de te fazeres feliz, e de ſeres ainda bemaventurado no mundo; fóra deſte ſabe que has de ſer infeliz cá, e lá; porque te apartas do centro, retíras-te do teu fim, auſêntas-te do teu lugar do deſcanſo. E ſenão diz, que pódem eſperar fóra do mar os peixes ſenão palpitar-lhes em ancias deſaſoſſegado o coração, e acabar brevemente a vida? Que ſórte póde ſer a dos prodigos apartados da face de ſeu Pay, por mais que ſe engolfem nos deleites, ſe não cahir na mais afrontoſa pobreza, miſeria, fome, nudez? Que alcança Jonas fugitivo de Deos, e entregue ás inconſtancias do mar, ſenão tempeſtades, tormentas, ſuſtos, naufragios, e ſer tragado de hum monſtro? Aonde correis logo, mortaes, cegos com a faſcinação do appetite? Buſcais a patria no deſterro, paraiſo no mundo, Ceo na terra? Pois ſe o quereis achar buſcai-o na virtude, que ella vos guiará ao amor, e ao conhecimento de Deos, que he o Ceo, e a bemaventurança da terra, e a que vos levará á do Ceo.

35 Matais-vos em buſcar a felicidade aonde a não há, e não lhe quereis apparecer quando vos buſca? Ella he a verdadeira ſabedoria, que ſáe ao encontro aos que a deſejão ſaber, e quem a não encontra he que não anda pelo caminho direito, em que ella unicamente ſe moſtra. Que cegueira he logo a que vos venda os olhos para o não veres, nem o ruinoſo, que erradamente ſeguis? Não cahireis hum dia na conta ao menos depois de canſados de tanto errar? Ó ſe quizeſſes eſcutar hũa vez as doces vozes com que vos convida a ſabedoria á ſua meſa, e ao logro das ſuas felicidades; que certamente naõ ſeríeis vãos como ſois, pois o ſão todos aquelles, em quem não reſide a ſabedoria de Deos, q̃ he a ſciencia do eſpirito! Vinde pois, vinde ao Senhor, que enternecido chama os canſados, e afflictos, e lhes promette hũa refeição ſaudavel, e o verdadeiro alivio, e deſcanſo a ſuas almas no

ſua-

ſuave jugo da ſua Ley, e no leve peſo de ſeus preceitos. Que buſcais fóra de ſuas mãos, pois nellas tem tudo, e tudo, fóra dellas, he nada?

36 Para onde caminhais inſenſatos ſem ſeguir o deſtino da razão? Deſprendei-vos dos peſados grilhões, que vos arraſtão a liberdade; ſacudi dos olhos o pó, e as eſcamas, que vos não deixão ver a luz do acerto; deſaggravai os ouvidos da terra, que os enſurdece; virai-vos ao voſſo interior; eſcutai a voz da propria conſciencia; conſultai os ſegredos do voſſo coração, e vós o ouvireis clamar, ainda que com voz opprimida, e ſuffocada pelo ruidoſo tumulto, e confuſo alarido das payxões: Ay de mim auſente do bem que deſejo! Ay de mim qual innocente Joſeph vendido aos Iſmaelitas de huns appetites eſtranhos; privado da liberdade de poder ir a meu Pay; detido no carcere por inducções de hũa deſordenada payxão! Ay de mim, que nem me deixão correr ao meu centro, nem me deixão ir ao meu fim, nem me deixão voar ao meu deſcanſo! Aqui me prometem fartar, mas tudo me deixa faminto; aqui me pertendem encher, mas tudo me deixa vazio; aqui me dão tantos bens, que ſem me fartar me enfaſtião, porque não tem de bens mais que o nome; e hum unico bem que deſejo, e que o he, e ſó elle, eſſe me não dão, nem pódem dar, antes me embaração o buſcá-lo, e em quanto o não gózo, não deſcanſo, em quanto o não poſſuo, ſou pobre, ainda que tudo poſſua! Aſſim te vem, homem, as vozes do teu interior, mas não as ouves, attento ſó ao canto enganador das ſerêas; por iſſo perdes de viſta o norte, e naufragas antes de chegar ao porto.

37 Ah como es cego, e ſurdo ſem ver, nem ouvir como tudo fóra de ti te enſina, tudo te argúe do deſvio, que fazes do teu centro, do muito, que te apartas do teu fim! lê no livro da meſma natureza, e em tudo acharás lições, que te confundão. Vê naſcer na dilatada campina hũa fonte; cuidas tu que por ver nella o bello matiz das boninas, o engraçado verde dos prados, o frondoſo das arvores, o delicioſo dos fructos, e o agradavel do boſ-

boſque, ſe detem a gozar deſtas parecidas venturas? Nada menos. Ella não ſe demora hum ſó inſtante ſem correr em direitura ao mar; de quem tem principio as ſuas agoas, e dimana todo o ſer, que tem, e em que deve ter o ſeu fim; não pára ſem caminhar ligeira ao ſeu centro; e agradecida ao beneficio da ſua cryſtalina origem, pertende render-lhe tributo em multiplicados cryſtaes, mendigando-os, e unindo a ſi quantos póde, ſó por dar mais vigor á corrente, fazer-ſe rio, a que era pequeno regato, e ir mais ligeira carregada de dons, que recebeu, e que vai offerecer á ſua cauſa.

38 Aqui lhe offerecem por obſtaculo hum muro á ſua corrente proteſtando faze-la feliz em ir correr dentro de hum ſoberbo palacio, aonde em canais de ouro, e prata afinará ſeus cryſtaes; mas ella offendida de que lhe cortem o paſſo ao ſeu deſtino, murmúra de quem a violenta, e ſe entra naquelle pompoſo edificio, mais he para moſtrar que o deſpreſa, no pouco que a li ſe detem, do que para gozar-ſe, do que nem reparo lhe deve. A li a convidão a divertir-ſe em hum delicioſo jardim, aonde a ſuſpenda o bello ornato das flores; a variedade de imagens, que reproduzidas Narciſos goſtaráõ ver-ſe no cryſtalino eſpelho de ſuas agoas; a melodia das aves, que feitas novos orpheos, ou attractivas ſerêas lhe ſirvão de novo encanto; mas ella zombando deſtas offenſivas liſonjas nada quer ſenão correr ao mar; paſſa por tudo como quem vai de paſſagem, e indo ſempre adiante, como quem vai de caminho, tudo vai deixando atras, como virando coſtas a tudo; e tendo ſó diante o ſeu fim, não deſcanſa em quanto não deſcanſa no centro; não pára em quanto não pára no mar, donde naſceu; em quanto não chega ao fim para que naſceu.

39 Pois aqui vês, homem, tão claro como a agoa, debuxado pela natureza, o teu deſtino: não peço que faça mais em ti a razão do que faz em hum rio a natureza. Eſte por ter no mar o ſeu fim, q̃ he o que lhe deu o ſeu principio, ainda que haja de perder ſua doçura, e o ſeu nome, e deixar quanto tem trabalhado na terra, deſpreza

tudo

tudo ſó por ſer hũa das ultimas ondas do mar ; para buſcar eſte , deixa ſua patria , ſeu naſcimento , e tudo quanto no mundo ſe eſtima ; move arêas de ouro , e pedras precioſas , e tudo arroja á praya deſpreſando-o ; encontra flores , aves , fructos , cidades , campos , valles , e ſe os olha he ſem deter-ſe : e hum homem creado para hum fim eterno na duração , para hum fim divino nas glorias , para hum mar immenſo de doçuras celeſtiaes , e de delicias ſoberanas , para hum Deos em fim goſado ſem canceira , ſerá poſſivel que deixe prender-ſe de hum pouco de ouro , que a manhã he alheio ; de humas flores vans , que a outro dia são nada ; de hũa alteza perigoſa , que mais he deſpenho que poſto ; e de hum vão applauſo de aves falladoras , que em chegando o inverno cerrão o bico ?

40 Romperá hum rio por tudo o que o intenta embaraçar , e ainda que fora de ouro , ou de diamantes o dique , igualmente o aborrecêra , como ſe fora de barro , porque lhe retarda o curſo ao ſeu fim : e hum homem de razão , e intelligencia , naſcido para hum Ceo , e Ceo eterno , por não romper hum obice fragil mais que de diamantes , de vidro quebradiço , e hũas debeis cadeias de ouro nocivamente fallazes , romperá por ſua obrigação , por ſua razão , por ſua intelligencia , por ſeu fim , por ſeu Ceo , e por ſeu Deos ? Correrá riſonho o rio tanto entre eſpinhas , como por meio de flores ; tão contente pelo alegre prado , como pelo eſteril deſerto ; tão goſtoſo quando banha arêas de ouro , como quando lava lodo immundo ; mais deſcanſado pelo humilde valle , que pela elevada collina ; pois eſta o precipita em quedas , e aquelle o faz caminhar ſoſſegado ao ſeu centro : e hum eſpirito nobre deixará logo o caminho do ſeu fim por não pizar quatro eſpinhas , por não ſofrer hum deſpreſo , por não ir por hum lugar abatido : e perderá todo hum Ceo por não perder hũa flor , que em vindo a tarde ſe ſecca ?

41 Toda a natureza conſpira docemente a fazer-nos ver hũa natural propenſão para o ſeu centro em tudo quanto Deos creou ſem razão ; e ſó o homem , que a tem , a titulo de mais obrigado , ſe vale da ſua liberdade para

fazer dos beneficios aggravos: e em ultraje do fim mais nobre, e ſoberano tranſtorna a ordem das couſas, pondo nos meios o fim, ou fingindo-o no que nem póde ſer meio ſe não para fim deſgraçado! Não vemos como a terra ſe deſentranha em producções, e he abundante nos fructos para que a deſtinou o Creador? Que fogo ha que não queime, que não aqueça, que não forceje por ſubir á ſua esfera? Que eſpaço ha, que não occupe, e não refrigére o ar? Quando deixou o Sol de luzir, a Lua de allumiar, as eſtrellas de dar reſplandores? Desfalecêrão ainda os Ceos hum ſó inſtante em ſua arrebatada carreira? Que flor deixou de naſcer para recrear-nos a viſta, e o olfato? Que fructo, que ave, que peixe deixou de lizongear-nos o goſto? Os brutos deſtinados por Deos para o ſerviço do homem, que promptos não executão o ſeu deſtino? E ſerá bem que quando tudo cumpre com o fim de ſervir ao homem, que he para que Deos creou tudo, ſó o homem, a quem Deos unicamente creou para o fim de o ſervir, e gozar, prevarique, e falte á obrigação do ſeu fim, naõ o ſervindo agora, e perdendo o haver de gozá-lo depois? Ah homem ſe ſouberas o muito, que perdes, por não ſervires hum pouco a quem tanto deves ſervir, e a quem tambem paga aos que o ſervem?

42 Podéra Deos obrigar-te a ſervir a outro homem, ou Anjo: podia não elevar-te nem á virtude, nem ao premio ſobrenatural, e divino: podia mandar-te que por hũa hora ſó de o gozar o ſerviſſes por hũa eternidade, e ſería maior o premio que o ſerviço: podia obrigar-te a ſervi-lo eternamente, ſobpena de condemnar-te, ſem mais premio que ſervi-lo. Nem te admires: pois iſto meſmo he o que o mundo te faz, pois ſó te dá em premio de hum ſerviço outro ſerviço: hum cargo, em que neceſſariamente has de ſervir, e ſe não ſerves to tira: e iſto, que he tyrannia no mundo, ſería juſtiça, e razão em Deos, ſe o fizera. Que premio dás tu ao teu eſcravo, ainda que toda a vida te ſirva? Nenhum: porque o preço, que déſte por elle, o deixou obrigado a ſervir-te como a ſenhor ſem algũa eſperança de premio: pois mais es tu

de

de Deos, do que teu eſcravo he teu; logo podia mandar-te que o ſerviſſes para ſempre ſem mais premio, que a honra de o ſervir; e eſta ſería grande, pois ſe o he ſervir aos reys da terra, quanta ſerá ſervir ao Rey do Céo!

43 Mas não para ſervir a homens, nem a reys, nem a Anjos te creou; não para gozar dos bens tranſitorios, e caducos; ſe não para o ſervir ſó a elle, e para alagarte no infinito gozo do bem ſummo. Não para que o ſirvas eternamente, e ſó poucos annos o gozes; mas para que em premio de o ſervir poucos annos, e talvez poucos dias, o gozes por ſeculos eternos. Não ſó para o ſervir; mas para que ſervindo-o hum pouco, reines hum ſempre. Quer que o ſirvas por teu bem, porque te importa; que o ſirvas para que deſcanſes, para que reines ainda meſmo ſervindo-o; porque ſervi-lo a elle he reinar. Ó liberalidade immenſa de Deos! Ó dita infinita do homem, que com amar a huma bondade tão amavel, que não póde deixar de a amar quem a conhece, tão beneficioſa, que para que a ames te obriga com continuos favores, como ſe não podéra pedir-to de juſtiça; e que com hum pouco deſte amor tão devido, e tão filho da razão, e da juſtiça ſe mereça hum Ceo perpétuo, ſe ganhe hum Reyno ſem fim! Ó coração humano nobre, e bizarro, como he poſſivel que queiras profanar-te vilmente em amar bens caducos, goſtos infames, deleites immundos, e afrontoſas honras em deſpreſo de hum fim tão excelſo, de hũas glorias divinas; de huns gozos eternos, e de hũa felicidade perfeita, e cabal!

44 Eu quizera banhar a pena em lagrimas de cõpunção peſaroſa, ou no mais vivo, e delicado do ſangue para eſcrever eſte fatal engano dos homens em deſpreſarem o bem verdadeiro, e irem atras do mal como bem, buſcando as delicias, e os regalos do corpo, como ſe ſó corpo tiverão. Olha homem que nem es ſó carne, nem es bruto; algũa couſa há em ti melhor que o corpo, e que dá a eſte toda a eſtimação; eſtima pois o que a merece, e a dá; e não o que a mendiga ſem a merecer. Quem não

cuida mais que no corpo, e em lhe cumprir os ſeus goſtos, em nada ſe deſtingue dos brutos, que ſó niſſo tem o ſeu fim. O fim do homem he Deos; e póde dizer-ſe que cumpre com eſte fim quem tem por ſeu Deos o ſeu ventre; ſó adora os ſeus appetites, e os deſtinos das inclinações ſenſuaes? Tem-te homem, diz David, não te queiras fazer como o bruto, que não tem razão, nem intelligencia. São por ventura as fortunas, as riquezas, os deleites do mundo o teu fim? Quem chega ao termo, pára; quem goza do fim, deſcanſa: pois olha ſe te aquietárão já mais os deleites o coração, ou ſe te enchêrão as delicias, as fortunas, e os bens do mundo os ſeus deſejos?

45 Pergunta aos Eliogabalos, aos Creſſos, aos Neros, aos Alexandres, ás Livias, ás Meſſalinas; por não lembrar-te outros exemplos mais proximos, e talvez não menos famoſos; ſe podérão já mais em ſuas riquezas, e deleites ver ſoſſegada a inſaciavel fome da cobiça, e ardente ſede dos appetites? Por mais que ſe beba dos póços de Samaria não ſe extingue, antes ſe augmenta a ſede. Quanto mais tumulento eſtá Balthaſar mais manda repetir os vaſos de vinho, porque o meſmo, que lhe faz perder o juizo, o incíta a novos exceſſos. Oh homens embriagados com o venenoſo vinho dos deleites, riquezas, e falſos regalos do mundo, vedes a hi a que elle vos obriga; faz-vos perder o juizo, mas não a ſede; eſte he o veneno dos dipſas, que a quem inficiona o faz arder em tal ſede, que quanto mais bebe, mais arde.

46 E há homens de tão eſtragado goſto, que goſtão do meſmo veneno do vicio, que ſe lhes antoja ſuave, por mais que ſaibão que dão a ſi meſmos a morte, e deixão o maná da virtude, que he o alimento da vida, porque ſe lhes repreſenta inſípido; Iſraelitas dementes, que trocão o pão do Deos pelas cebolas, e alhos do Egypto. Mas eſte foi já o delirio do primeiro erro do mundo, appetecer-ſe hum fructo vedado, porque parecia formoſo, e deleitavel á viſta, por mais que ſabião que nelle tragavão a morte para ſi, e para toda a ſua poſterida-

de;

de; e ter faſtio de hũa copioſa abundancia, athé do fructo d'arvore da vida, que fertilizava o paraizo: tão antigo he eſte fatal engano da concupiſcencia carnal; e o que mais he que por velho não he ainda decrepito; antes cadavez mais robuſto; quanto mais vive mais ſe lhe augmentão as forças; mas não ſe deſculpem por iſſo os homens; que ſe creſce, elles o fazem creſcer; e ſe tem forças, elles lhas dão; ſe vive, por elles, e nelles vive.

47 Como ſe cegão logo os homens com as apparencias de hum bem, que nada tem de bem mais que apparencias; e apparencias tão tenues, que elles meſmos com toda a ſua cegueira vêm, por mais que cerrem os olhos, que são fingimento, e engano? Todos ſabem (ſe ainda vive nelles a Fé) que o bem proprio de hũa alma immortal, e infinita, deve ſer infinito, e immortal, que nem enfade poſſuido, nem deixe de faciar gozado. Como podem logo ignorar que não he bem o deleite, ſe os defengana a meſma cuſtoſa experiencia de que então perece quando ſe goſta, e que em ſeu logro tem a ſua meſma ruina; apenas começa já acaba, e logo que chega ſe vai? Quem ſerá pois tão fatuo que corra atras de hũa exhalação tão ligeira, ſabendo que ſó tem luz de relampago, e faz eſtrago de raio; que não ficão della ſe não os ſinais da ruina, e as triſtes conſequencias de hum peſar, e de hum arrependimento tardío, que ſe flagélla pelo deſacerto paſſado, de nada ſerve para emendar o futuro? Ah fugitivo bem, falláz vislumbre! Ó fantaſma apparente, como foges ligeira ao tocar-te, e aos primeiros reflexos de hũa luz da razão! Ó vaidade de vaidades, vapor de vapores, fumo de fumos, e ſombra de ſombras, quem podéra fazer bem conhecer teu engano, pois nada em ti he verdadeiro, tudo mentidas quimeras, tudo fingimento doloſo.

48 E ainda eſſa fingida apparencia que caro a vendes a quem inſentato ta compra, ou ſe te vende por ella? Quanto cuſta a conſeguir hum deleite! *Qui navigant mare enarrent pericula ejus.* Digão-no os que padecendo tormenta acaſo ſe ſalvárão na taboa: trabalhos antes, perigos

gos então, e amarguras depois, e ſempre dementada a razão, e tranſtornado o juizo. Eſtas são as delicias, que ſe colhem na região de Sodoma, cujas vinhas ſó dão fructos de maldição, ſuas uvas são uvas de fel, ſeus cachos amargoſiſſimos, ſeu vinho fel de dragões, veneno inſanavel dos aſpides: quem a hi for buſcar o vinho dos deleites, tragará o caliz de amargoſas fezes, caliz de indignação, e de furor, que o Senhor tem na mão para os peccadores da terra, Ó quanto damna hum deleite, que coſtuma comprar-ſe tão caro! Não he iſto comprar mil males a preço de amarguras? Que digo? He comprá-los a preço de ſi meſmo; pois eſte vil comprador paga com a nobre liberdade do animo o vil goſto da ſua vã fantaſia, vendendo-ſe mais ao deleite, do que comprando-o a elle, e ficando eſcravo daquelle disfarçado tyranno, que ſe lhe doura os grilhões, não faz que não ſejão peſados, e que não ſejão priſão; e quem ſerá tão demente que ſe liſongêe de hũa eſcravidão a mais vil, ſó por ſer preſo com hum dourado grilhão? Quem ſerá tão inſano que faça goſto da morte ſó porque era de ouro o vaſo, em que bebeo o veneno?

49 Pois eisaqui o que he quem, perdido o tino, e a razão, vai como louco atras das mentidas apparencias do vicio; bebe como agoa o peccado; mas como o conduzio o deſatino, não quiz perceber o veneno, e morre a alma, e não poucas vezes o corpo. Tal foi o deleite do deſatinado Amnan, que começou em doença, e proſeguio em delirio, paſſando de hum louco extremo de amor a hum exceſſo de odio; e ultimamente acabou em morte deſgraçada, depois de a ter dado á alma: mas como não ha de acabar em morte hũa payxão, que começa em enfirmidade frenetica, e continúa ſempre em delirios? Aſſim delira, e aſſim erra quem ſó ſe julga feliz no complemento das ſuas concupiſcencias. Buſcar as felicidades nos deleites, e nos regalos do corpo he buſcar o paraiſo de Mafoma, que ſe formava ſó de delicias corporaes. Buſquemos pois, ſe não queremos errar, buſquemos os regalos, e as delicias do verdadeiro paraiſo, que são as

da

da innocencia, e virtude, amor, e conhecimento de Deos, que elle ahi communicou ao homem, e não as do paraiſo da carne, e do ventre, que ſó são proprias de Mahometanos ſem fé, e de brutos ſem intelligencia.

50 Olha homem que ſe recuſas as felicidades do eſpirito, que te offerece por hum pequeno ſerviço hum Deos benigno, e queres contentar o appetite, te reſolves a ſervir tantos tyrannos quantos são os meſmos appetites, tão inexoraveis, e crueis, que lhes has de obedecer, mandem o que mandarem, por indigno, difficil, immundo, vil, e afrontoſo que ſeja. Para q̃ buſcas pois tantos males quando deſejas hum bem? Mas ſe erras no bem que deſejas, que pódes achar ſe não males? Buſca pois, e deſeja o bem, que he proprio do teu coração, e ſaciarás teus deſejos ſem o deſconto de trabalhos, e males tão penoſos; pois para encher-te todo o coração capaz de hum bem infinito, ſe te offerece todo hum Deos, ſe o queres gozar no deleitavel bem da virtude. Ves aqui os deleites dignos de hum homem, que não quer comprar caros os deleites, e o arrependimento infructuoſo. Ves aqui as delicias verdadeiramente ſuaves, nobres, caſtas, puras, e capazes de fazerem ao homem hum Deos; deſte valle de miſerias hũa região de deleites, e conſolações verdadeiras; de hum calvario hum Tabor; de hũa Babylonia confuſa hũa Jeruſalem pacífica; e de hum inferno de deſgraças hum paraiſo de deſcanſo, e de gozo. Preciſo he logo confeſſar com Salviano, que ninguem póde ſer feliz ſendo vicioſo; porque não póde haver felicidade verdadeira aonde não há verdadeira virtude.

51 Que buſcas logo homem nos vicios ſe não fadigas, e infelicidades ſenſiveis? Aonde buſcas os bens, e as fortunas, ſe tudo há ſó em Deos, e nada fóra de Deos he fortuna, nada póde ſer bem fóra delle? Cuidou Salomão, que ſe fazia feliz gozando tudo o que ha deleitavel no mundo; deu-ſe ás delicias quanto podia deſejar o appetite; encheu de riquezas ſeus theſouros: buſcou a gloria no mando, no poder, na celebridade de ſabio; e depois de canſado de em nada achar o deſcanſo, nem a felicidade

de pertendida, ſe deſengana, e nos deſegana a nós meſmos, q̃ em tudo achou vaidade de vaidades, hũa fadiga do animo, hũa afflicção do eſpirito, hũa inconſtancia em tudo. E na verdade, que são as felicidades do mundo ſenão os fructos de Tantalo, que apenas colhidos deſaparecem das mãos? Que são ſenão maçans de Sodoma formoſas á viſta, mas dentro infecção peſtilente.

52 Que são as honras, as eſtimações ſenão hum vento, que eleva para precipitar; fumo, que ſóbe para deſfazer-ſe; e huns accidentes, que ſó tem ſer na imaginação humana? Que são as riquezas, a grandeza, e a meſma mageſtade da terra ſenão hũa ſombra vã, que deſapparece; hũa pompoſa quiméra, que eleva a vaidade, mas não ſatisfaz o coração; huns bens, que o mundo baptiza, mas he mentiroſo o nome, que lhes poem? São bens da fortuna tão inconſtantes como ella; hum acaſo os dá, outro os tira; causão trabalho ao adquirir, canſeira ao conſervar, tormento ao perder-ſe, e nunca ſacião o coração, porque para mais altos bens foi creado. Alexandre com o ſenhorio de hum mundo inteiro não pôde acreſcentar hum inſtante á ſua vida; antes talvez que o muito peſo do ſceptro, e da coroa o matarião mais cedo. Que bens são logo eſtes que mais dão morte, que vida; que mais dão trabalho, que deſcanſo? De que valem no mundo as riquezas; de que valem as dignidades, e as honras, de que valem as coroas, e os dominios, ſe tudo he carga, que opprime; tudo fadiga, que afflige; e nada felicidade, que deſcanſe?

53 Ah! Bemaventurada pobreza do eſpirito, que teu he o Reyno dos Ceos! Ditoſa liberdade do animo! Feliz deſapego das honras, e das vaidades do mundo, que gozoſa tranquilidade, que ſuave deſcanſo, que paz concilías ao coração, que te goza! Ah triſte ambição, infeliz cobiça das honras, e dos chamados bens da fortuna, quantas desfurtunas trazeis, quantos deſgoſtos ao coração, que vos goſta! Eu adjuro aos mais glorioſos do mundo: imperadores, reys, principes, e ainda os meſmos pontifices; tiverão por ventura o coração ſaciado hum ſó inſtante?

te? Que coração houve no mundo mais farto que do Alexandre; pois chegou a possuir o mundo todo? Ora perguntai-lhe se com toda a gloria do mundo, com toda a grandeza, e opulencia está já saciado o seu desejo; se tem cheio, e descansado o coração? E ouvi-lo-eis chorar como pobre; lamentar como infeliz; porque não ha mais mundos, a que estender o imperio como o desejo: o descanso, que tirou da posse de hum mundo inteiro, foi hũa cobiça, hũa insaciabilidade maior que o mesmo mundo: mas como não está no mundo a felicidade verdadeira, nem a paz, e tranquilidade do animo, mil mundos que houvesse, e possuisse, mil vezes ficaria vazio, e mais insaciavel com elles, que com o primeiro; e tanto mais cheio de fadigas, e de cuidados penosos, quanto mais lhe crescia a grandeza, e a opulencia.

54 Desgraçado de quem mais tem, que menos tem de sossego! Infelizes fortunas, que tão caras se comprão, e tão pouco valem, pois nem valem tanto como hum vaso de agoa; que este extingue a sede, e aquellas a augmentão! Triste refrigerio! Abrão pois os homens os olhos, e conheção quanto diminuem o preço, e a estimação ás honras, ás dignidades, ás riquezas, aos deleites os descontos, com que se comprão, e as fadigas, com que se possuem, e não se enganem em as avaliar em mais do que ellas valem. Que rey ainda que fosse hum David, viveo já mais descansado sobre o throno, que o não inquieta-se o temor de hũa conjuração, ou o sobresalto de hũa campanha arriscada? Qual não gemeu com o peso do sceptro, e da coroa, e com o clamor da consciencia, que lhe faz lembrado o juizo durissimo, que se ha de fazer aos que governão?

55 Que valído, ainda que fosse hum Abner na fidelidade ao rey, na pureza das suas intenções, dormio já mais descansado, que ou acordado, ou dormindo o não inquietasse a imaginação de hũa temída inveja, de hum odio, de hũa vingança, ou de hum desagrado do rey? E que trabalhos para se conservar na privança? A maior dignidade da Igreja ao primeiro passo de possuida logo

martyriza a memoria com a brevidade de lograda: a debil eſtopa, que a ſeus olhos arde ligeira, lhe faz recordar a preſteza, com que paſsão as glorias do mundo: o meſmo he pôr-lhe na cabeça a Tiara, que deſtina-lo a hũa breve duração; que ſentenceá-lo a não ver os dias de Pedro. A ſatisfação do meſmo torpe deleite de que trabalhos, fadigas, deſaſoſſegos, perigos não he precedida, e acompanhada? E que funeſtas conſequencias a não ſeguem? A fazenda diſſipada, o juizo perdido, a ſaude eſtragada, a alegria fugitiva, a diſſensão dos domeſticos, o odio dos eſtranhos, o eſcandalo de todos, a vida arriſcada, e não poucas vezes perdida. Finalmente que goſto mundano houve já, ainda o mais innocente, que não foſſe deſcontado logo com hum peſar? *Extrema gaudii luctus occupat.*

56 E ainda haverá inſenſatos, que tenhão por cuſtoſa a virtude; que não ſigão a vida do eſpirito, por lhe fazerem horror os trabalhos, e as penalidades, que a ſantificão; e que não queirão ir ao Ceo por temer a aſpereza do caminho? Vamos a partido mundanos: meio trabalho ſó, e não mais do que tendes por alcançar o inferno, eu vo-lo peço por conſeguires o Ceo; fazei por Deos ametade do que fazeis pelo mundo, e por ſervir ao demonio dous tyrannos, que vos tem pago tão mal, e eu vos ſeguro ſereis bem pagos de Deos; conſeguireis os verdadeiros deleites; tereis a verdadeira riqueza; e ſereis felizes athé ſe vos ſaciar o cõração. Deſengana-te pois, homem, de que he ſuave a virtude, e amargoſo o vicio, e ſe o não ſentes amargo, he que tens eſtragado o goſto: para que te andas logo canſando ſem proveito ſeguindo o mal como bem, e deixando o bem como mal; fingindo doce o amargo, e tendo por amargo o doce? Olha que eſſe bem apparente depois de te fazer correr atras de ſuas fugitivas eſperanças, ſe fica rindo de ti, e tu te ficas confuſo ſem ver atras de que foſte, e o trabalho, o tempo, a alma tudo perdido.

57 O enganoſo eſpelho da fortuna te pinta formoſa a ſua imagem, mas quando cuidas, que te abraças com ella, depois de canſado de buſcá-la, te achas com os braços,

ços, e com o coração vazios, e com a liberdade presa no laço que te armou para enganar-te. Pois para que adoras hum idolo, que te tem mentido mil vezes, e negas os cultos ao mesmo Deos da verdade? Para que andas buscando longe, e fóra de ti o reyno da paz, quando Deos te segura que dentro de ti o tens, se a hi o buscas? Desse interior sahe toda a gloria da filha do Rey dos Ceos, e ahi a achará quem a quizer nesta vida. Que buscas pois por esses trabalhosos caminhos da vaidade se não sobre fatigar-te, perder-te? Acaso não há Deos em Israel, para ires consultar a Beelzebub deos de Acaron? Athé quando has de claudicar em duas partes? Athé quando has de caminhar na escuridade cuidando que vas adiante, e tudo são passos atras, que te levão sem o veres ao precipicio?

58 Com andar para tras alguns passos reprehendeu Diogenes a hum theatro, e ajuntamento profano, respondendo com gravidade severa aos que se rião do que nelle julgavão loucura: Não he vergonha que andando vós para tras toda a vida, zombeis de Diogenes, que só o faz hum instante; se vos parece mal no que em mim he zombar, como vo-lo não parece no que em vos he devéras? Pois ves aqui o que Diogenes, mais que então, tinha hoje que reprehender em hum mundo inteiro. Anda quasi tudo ás avessas, buscando o mar Téjo acima, e a fonte ao correr da mesma agua; e por isso quanto mais correm mais fogem, e mais se apartão do fim. Andão no Labyrintho confusos, e tanto mais se enrredão, quanto mais cuidão que se avezinhão á porta.

59 Desengana-te, e não andes errando os passos, e o destino, buscando em vão a felicidade, e a bemaventurança fóra da virtude de Deos. Tudo o que não santifica o homem não póde ser bemaventurança do homem. Escuta, e ouve huma voz do teu interior, que como antigamente a Agostinho te clama: Insensato, athe quando buscarás prazeres, q̃ te não podem fazer ditoso? Quando acabarás as tuas inquietações com os teus desacertos, e começarás o teu descanso com a tua emenda? Não bas-

ta para te deſenganar do mundo a experiencia dos teus diſſabores, da tua propria deſgraça, e do mal que te tem pago o que o tens ſervido? Goſta, e vê como he ſuave o Senhor: experimenta, e conhecerás quanto he mais delicioſo ſervir a teu Deos; e que ſó elle paga bem, e póde encher os deſejos d'alma, que o ſerve, e que nada fóra delle, que pareça fortuna, o he; nada, que pareça deleitavel, deixa de amargar brevemente.

60 Digão os mundanos que goſto achárão ja mais nos prazeres, que antes de deſcontá-lo com maior deſgoſto, elle meſmo não canſaſſe continuado? Canſa o jogo; enfaſtião as converſações; as payxões, e affectos peccaminoſos tem ſeus deſgoſtos, e amarguras deſagradaveis; os eſpectaculos, os paſſatempos, os divertimentos, ainda os mais deleitaveis, a poucas horas enfadão; em fim nada do que no mundo agrada, chega a agradar muito tempo; he em tudo inconſtante o mundo, e são como elle os goſtos, que promete, ou dá; ou melhor, que vende. E com tudo eſte he o lugar aonde os peccadores buſcão a ſua felicidade; eſta he a ſua patria; aqui he aonde querião poder-ſe eternizar. Grande Deos, que caſtigo para os peccadores em permittires que não querendo buſcar a ſua bemaventurança em vós, que ſois a verdadeira paz do coração, que vos buſca, formem hũa bemaventurança eſtravagante dos ſeus meſmos deſgoſtos, dos ſeus tedios, das ſuas crueis inquietações!

61 Mas o juſto vê que tudo ſe lhe coopera em bem, e que as ſuaves delicias do eſpirito são goſtos ſem diſſabor, e que nunca enfaſtião gozados, antes quanto mais continuados maiores; e que tudo o do mundo he vaidade, tudo inſipido, tudo afflicção do eſpirito; e acolhendo-ſe ao lugar do verdadeiro deſcanſo, e da bemaventurança ſegura, aplaude a ſua felicidade; dá louvores á ſua cauſa; e lamenta os deſcaminhos do peccador. Ó veneravel região da virtude! Ó feliz reyno de paz, como eſtás livre das tribulações, que inquietão! Ó Deos da Gloria, como he certo que ſó ha gloria em vós; que ſó em vós ſe póde achar; e que ſó amar-vos, e conhecer-

vos, o he! Ó homem como es tão engenhoſo para te fazeres deſgraçado? Se buſcas ſer feliz com menos trabalho o podes ſer; ſe pertendes regalos com mais facilidade podes conſeguir os maiores; entra no palacio da ſabedoria do eſpirito, e ſerás regalado, e feliz ſem canſeira; não te deſanime o toſco da fabrica exterior, que todo o ſeu ornato, toda a ſua formoſura he lá dentro; porque ſó a quem entra ſe concede; ali acharás ſobre ſete formoſas columnas poſta a meſa dos mais exquiſitos regalos; entra, vê, e goſta, e logo te deſgoſtarás de tudo o que ſe te finge goſtoſo; e ſahirás do engano, em que vives, tendo por amargoſa a virtude.

62 Ó ſe ſouberas como são doces as ſuas amarguras ao virtuoſo, quando as compara com as crueis afflições, e eternos deſaſoſſegos dos peccadores; e como ſe dá a ſi meſmo os parabens de ter achado o lugar da paz, e de ſegurança, quando vê os amadores do mundo triſtemente arraſtados pelo cruel arbitrio das ſuas payxões, e tyrannizados por hum não conhecido deſgoſto, e por muitas disfarçadas canſeiras! Digão os prodigos reſtituidos á caſa de ſeu Pay (e o dirias tu, ſe aſſim como o es nos delictos, o foſſes tambem na emenda), digão aonde ſe achárão melhor, ſe nos delirios da ſua liberdade; na devaſſidão dos ſeus vicios; na luxuria dos ſeus brutaes appetites, em que diſſipada a ſubſtancia, perdida a honra, e a eſtimação, ſe vião na mais lamentavel miſeria, na vil eſcravidão de ſeus vicios, com fome inſaciavel athe do alimento dos brutos, que he o deleite frenetico do appetite brutal, o corpo reduzido a huma infame nudez, o que era filho do Princepe, a alma ſobreſaltada, o coração ſem ſocego, a imaginação perturbada, todo o interior inquicto, e o animo todo afflicto, maldizendo a cada hora o ſeu deſtino: digão ſe ſe achárão aqui melhor, ou agora em caſa do bom, e amante Pay, veſtidos da eſtolla primeira, gozando do ſeu doce oſculo, e amigavel abraço; ſentados á ſua meſa, goſtando o pão dos filhos, e os mais exquiſitos regalos; recreados com muſicas ſuaviſſimas; tudo jubilos, tudo alegrias, tudo paz,

e contentamento tudo? Ó amavel virtude, que poderoſa es para encher de bens aos teus amadores!

63 Ve-te pois aqui homem mundano; olha a tua triſte imagem nos deſacertos do prodigo; e já que o es como elle nos erros, transforma-te tambem como elle; ſegue-o na prompta emenda, e o ſeguirás na fortuna. Torna em ti, e não pares neſſa região de desgraças, e no funeſto eſtado da tua conſciencia; vai já aos pés do bom Pay, não teimes mais nos erros, de que eſtás tão mal ſatisfeito, e menos pago; profere hum *ay* do fundo do coração, e ſeja eſte o primeiro paſſo, que retrocedas no teu errado caminho, que elle ſerá o primeiro, que dês no do acerto; e verás, ſe goſtares, como he ſuave o Senhor, a quem buſcas; como he bom o Pay, contra quem te attreveſte a peccar; e que gozos, e feſtas, que contentamento no Ceo pela converſão deſſe peccador penitente! Toma ſobre ti o ſuave jugo do Senhor, e acharás o deſcanſo á tua alma, que não achaſte no grave peſo dos deleites, que te opprimia vilmente.

64 Mas porque não achão deſcanſo os mundanos com os goſtos do mundo, porque não ſocega com elles o coração, ſenão porque elles não são a ſua paz, nem a ſua felicidade? Mentírão ao coração prometendo enchê-lo, e ſaciá-lo, mas depois que lhe dão quanto podem, elle ſe queixa do engano, achando-ſe peior do que d'antes, ſobre vazio, faminto, cuberto de turbação, e canſeira; e depois de tudo o que o póde deſaſſocegar, e affligir, ſente hum martyrio continuo nos bramidos da propria conſciencia. Grande Deos, que trabalho, e que pouco viſto ſendo tão ſentido! He o peccador hum accuſador ſecreto, e contínuo de ſi meſmo; dentro de ſi tem eſcriptas as regras da Ley, que não póde eſquecer; não terá inclinação á virtude, mas não póde negar ſer ella o ſeu unico, e o ſeu primeiro dever; em toda a parte ouve os gritos da propria conſciencia, que o traz em deſaſoſſêgo contínuo; andará alegre o ſemblante, mas cuberto de triſteſa o coração; quererá buſcar-lhe algum remedio na variedade de prazeres, mas todos lhe reſpondem, diz

Agoſ-

Agoſtinho: Não te enganes em nos amar, olha que não ſomos a felicidade que buſcas; não podemos fazer-te feliz; levanta-te acima das creaturas, e conhecerás que aquelle, que nos formou, he maior, e mais amavel que nós, e que ſó elle póde ſaciar teus deſejos, e cumprir inteiramente teus goſtos.

65 Ah! Que doce couſa he ſervir ſó áquelle, que póde fazer bemaventurados os que o ſervem! Ó amavel condição da virtude, quem podera fazerte conhecer aos que buſcão o deſcanſo, e as delicias pelo caminho errado; pois ſó tu podes conſolar as deſgraças deſte deſterro, e aliviar todas as ſuas penas! Infelizes os que deixando-te a ti, que es a fonte d'agua viva, cavão para ſi com fadiga as ciſternas diſſipadas do vicio, que não pódem conter as aguas da Graça. Não ſe canſem pois os homens em buſcar fóra da virtude deſcanſo, que ſó na virtude o há: não ſe fatiguem em buſcar fóra de Deos o ſeu centro, fóra do ceo a ſua eſtrella, que quem a não tem no Ceo, não a tem; pois ſó no Ceo há eſtrellas; e ſe alguma lhes parecer que dá luz fóra do Ceo, não he eſtrella; ſerá comêta infauſto, ou exhalação ardente, que ou prognoſtíca deſgraças, ou inficiona, ou paſſa de relampago.

66 Não ſe enganem em buſcar no mundo a patria; que não temos aqui a noſſa cidade permanente; não pertendão ſaciar ſua fome com o pão, que lhes offerece o diabo; olhem que são pedras duriſſimas, que não fartão, antes augmentão a fome. Que deſgraça, cuidar o peccador que ſe farta, e quanto mais farto mais falto! Ó verdadeiro ſuſtento da virtude, que farta com a maior abundancia, e deixa huma fome goſtoſa, que he fartura, e fome juntamente! Os ſeus deſejos são huns deſejos que fartão, e fartão com o meſmo deſejo; são fome para ſe goſtar ſem faſtio; são fartura para não tornar a ter fome. Ó alegria incomparavel! Ó paz, e tranquillidade goſtoſa! Ó deſcanſo inalteravel dos juſtos, que adormecidos nos braços do Creador ſó ſentem a prisão, que os detem no carcere da carne; porque a magni-

magnificencia das promeſſas futuras, os faz deſejar ſaciar-ſe na abundancia da Caſa do Senhor; inebriar-ſe naquella torrente de goſtos, que inunda a ſanta Cidade de Deos; e os faz ſuſpirar pelos amaveis tabernaculos do Senhor Deos das virtudes, e desfalecer em deſejos de ſe verem nos atrios do Senhor: ſó eſperão a bemaventurada eſperança, aquelle momento feliz, em que hão-de ſer aſſociados á Igreja do Ceo; incorporados áquelle ajuntamento immortal dos eſcolhidos de Deos; aonde a eternidade he a medida, que ha de limitar a ſua felicidade! Eiſaqui os deſejos do coração dos juſtos, e os q̃ ſão proprios a todo o humano coração, e os que ſó o podem fazer ditoſo.

67 Mas os mundanos martyrizão o coração com huns deſejos eſtranhos, improprios ao ſer da razão; e por iſſo já são deſgraçados no mundo, martyres do demonio, e das ſuas concupiſcencias. As queixas do ſeu coração lhes ſervem de flagelo contínuo; o conhecimento da razão, que elle tem de queixar-ſe, he já hum anticipado ſupplicio; o clamor da propria conſciencia he já na terra hum anticipado inferno; elles conhecem por propria experiencia, que he verdade não haver paz para os impios, como diz o Senhor. Ó Deos, que grande he a voſſa bondade para com o homem, em haveres feito a virtude neceſſaria até para o ſeu deſcanço na terra, e em permittires que fóra della não haja felicidade! E então não he certo que o caminho do mundo, e das payxões he ainda mais penoſo que o do Evangelho; e que o reyno do Inferno (ſe o poſſo dizer aſſim) ainda ſe alcança com mais trabalho que o do Ceo? Ó engano do vicio, que trabalhos dás ſem proveito, e com detrimento infinito! Ó innocencia do humano coração, que bem trazes contigo ao homem! Ó homem, ſe ſouberas o que perdes quando perdes a innocencia do coração!

68 Mas como o coração dos mundanos não goſta nunca dos caſtos prazeres da virtude, tambem os não póde comprehender. O homem animal, diz o Apoſtolo, não percebe as couſas, que são do eſpirito de Deos; por-

porque eſtá poſſuido de eſtulticia. Dai-nos hum coração, q̃ ame, diz Agoſtinho, e ſentirá tudo o que dizemos. Mas ainda que não ſentem o bem da virtude, não deixão de conhecer o damno do vicio; percebem o mal da ſua conſciencia, e ſe queixão delle no ſeu interior; mas lá dentro tem outra voz, que ſe queixa do ſeu interior, porque ſe queixa; quiſerão não entender, para terem deſculpa na ſua ignorancia; mas (aindaque a ſeu pezar) não podem deixar de diſtinguir entre Lia, e Rachel; fazem hum diſcernimento juſto entre a virtude, e o vicio; concordão, ainda que não queirão, em que ſó quem ſegue a virtude vai ſeguro; que ſó elle he feliz, e deſcançado; e a ſeu peſar, são os máos fiſcaes de ſi meſmos, e teſtemunhas accuſadoras dos ſeus meſmos delictos; mas nem eſta ſevéra accuſação os emenda; e para dar mais larga ás ſuas diſſoluções, quiſerão fazer callar a voz da conſciencia: na vida quiſerão ſer o que são, e que não houveſſe outra vida; mas na morte quiſerão não o ter ſido, porém tarde; então tomárão ter ſido o que forão aquellas peſſoas de virtude, que na vida ou nunca ſeguirão, ou ſempre perſeguirão. Infelizes ricos avarentos, que já a ſeu peſar, ſem remedio, conhecem a felicidade dos Lazaros, a quem deſprezárão em vida, e agora invejão a ſua ſorte, e pertendem valer-ſe delles para o ſeu alivio; mas o juſto juizo do grande Abraham lho nega para ſua eterna deſgraça.

69 Pois mundanos, não olheis já com deſprezo para o deſtino das peſſoas virtuoſas; não julgueis a ſua bemaventurança, a ſua felicidade pelas apparencias externas, que eſtas são hum eſpeſſo véo, com que elles encobrem, e querem occultar a gloria do ſanctuario de Deos; e ſe vós por iſſo as deſprezares, ſereis daquelles inſenſatos, que tem por inſania a virtude, por loucura a vida dos juſtos, e deſtituido de algũa honra o ſeu fim; mas são obrigados depois, a ſeu peſar, a proferir hum deſeſperado: *Ergo erravimus*; quando olhão para os juſtos já computados entre os filhos de Deos; poſſuindo a ſua feliz ſorte entre os Santos. Não julgueis que os cansão os ſeus

trabalhos, como a vós vos cansão os voſſos; que a bemaventurada eſperança do premio os faz ſaber, que o leve, e momentaneo da noſſa tribulação obra em nós hum eterno peſo de gloria; e ſe eſta margarita ſe ha de comprar, e o ſeu preço são os trabalhos, que póde julgar muito, ou baſtante quem conhece o valor, e eſtimação da Gloria, que pertende? E ſe os trabalhos affligem algum momento o corpo, dentro ſe dá hũa refeição ao eſpirito, que faz ter em nada todos os tormentos do mundo, e conhecer que não são condignos todos os padeceres dos tempos para a futura gloria, que ha de revelar-ſe em nós.

70 Vós vedes gemer os juſtos com a penitencia, mas não vedes a unção da graça, que a ſuaviza; vedes correr ſuas lagrimas, mas não vedes a mão inviſivel, que as enxuga; vedes acções triſtes, e auſtéras, mas não vedes a conſciencia ſempre alegre, tranquilla, e pacifica; e por que vos deſagradão as apparencias, não quereis examinar o interior, e julgais ſer tudo o meſmo; mas niſſo, como em tudo, errais. São os juſtos ſimilhantes á Arca de Iſrael, por fóra veſtida de pelles, e por dentro ouro finiſſimo, e toda doçuras com a ſuavidade do Maná; aſſim os juſtos tem as apparencias aſperas, e vis; mas ſe podeſſes entrar no coração daquelle Sanctuario divino, acha-lo-hias veſtido de puro ouro; nelle verias a gloria de Deos, que o enche; aquella ſuavidade, aquella paz, aquelle ſilencio, aquella mageſtade, que ali reyna; o meſmo Senhor que o eſcolheu para ſua goſtoſa habitação, e delle faz as ſuas mais prezadas delicias.

71 Logo he certo que ſó a vida dos juſtos he a bemaventurança, e o proprio deſtino do homem, que quer viver como tal; que ides errados ſe não ſeguis a vida dos juſtos; e que não podereis achar a voſſa felicidade, o voſſo deſcanſo, a voſſa bemaventurança, ainda na vida, nem no que, nem aonde a buſcais. Buſcai-a pois aonde a poſſais achar. A vida bemaventurada poderá achar-ſe na região da morte? Aonde ſe não acha a vida como ſe hade achar a vida bemaventurada? Jeſus Chriſto

to he vida, e he caminho, que leva ao Pay, e á bemaventurança ſegura; ſegui eſte caminho, e eſta vida, e achareis a bemaventurada vida na vida do eſpirito, e depois da morte na vida eterna; andai ſobre os paſſos deſte divino Exemplar, que ſó quem os ſeguir, vai direito, pois por iſſo os deu, paraque os ſigamos; veio-nos moſtrar o caminho, e he ſó o que elle andou, fóra do qual, não há outro, e quem o não ſeguir, vai errado.

72 Concluamos pois, que para hũa vida humilde, manſa, paciente, ſofredora de injurias; vida de cruz, de trabalhos, de mortificações; vida deſpreſadora de vaidades, de regalos, de riquezas, de ocioſidades mundanas; vida de caridade fervoroſa, de oração continua, de amor de Deos permanente, qual he a dos juſtos, a da virtude, a de Chriſto, que he tudo o meſmo, para eſta he que nos creou a benigna providencia; e não para hũa vida ſoberba, altiva, iracunda, vingativa; vida regalada, vaidoſa, avarenta, ambicioſa; vida ocioſa, indevota, immortificada, voluptuoſa; falta de caridade, de oração, de piedade, de amor de Deos, qual he a do vicio, e do mundo, que Jeſus Chriſto abomina, e condemna com a ſua vida, com o ſeu exemplo, e com a ſua doutrina. Tudo o da terra nos ſugeitou Deos debaixo dos pés, mas foi para que com elles o calcaſſemos, e ſobre tudo nos levantaſſemos ao alto, e não para que tomando-o ſobre nós, carregaſſemos com elle o coração, e o opprimiſſe para o abyſmo profundo: mais activo ſe inclina o noſſo coração a voar para o ſeu Creador, doque o fogo para ſubir á ſua eſfera: mas preſo com os grilhões do terreno, carregado com o peſo do temporal, não póde bater as azas, nem levantar os vôos aonde deſeja ir deſcanſar.

73 Pois homens, a quem Deos creou para o Empyreo, e deſtinou para ſi, athé quando entre abatidos penſamentos, e raſteiras occupações haveis de envilecer voſſo ſer? Athé quando haveis de dobrar o joelho á infame monſtruoſidade de Babylonia? Athé quando haveis de incenſar ao idolo Dagon de voſſas payxões; ao bezerro

de ouro; a eſtatua de Nabuco, ou ao Aſtarót de voſſas riquezas; e á proſtituta vaidade de Aſtarte, ou Venus de voſſas delicias? Que buſca na terra quem foi naſcido para o Ceo? Para que ſe faz eſcravo de tão vís ſenhores, quem foi creado para ſer rey de tudo? Para que ſe profana em ſervir ao demonio, quem vive para ſervir, e reynar ſó com Deos? Saberá a agulha de marear negar-ſe a todas as eſtrellas errantes, fixa ſempre em ſeu norte fixo, e hum homem illuſtrado com a luz de Deos andar-ſe-há cegando atraz de outras luzes enganoſas, e apparentes, que ou ſe lhe deſvanecerão em fumo, ou o abraſarão com chamas? Deſpreſará a flor Gigante ſeguir outros raios que não ſeja todo Sol, e hũa alma nobre ſe irá galanteando a qualquer tremula luz de hũa véla, que em breve ſerá nada, para arder ſem proveito como maripoſa vil?

74 Levanta pois homem teus penſamentos mais alto, não os deixes abater vilmente a bens tão baixos como os da terra, pois para mais altos te chama o teu deſtino. E que bens ha de dar-te hũa terra amaldiçoada por Deos deſde o berço ſenão eſpinhas, que te laſtimem, ou flores vans, que deſvanecidas te affliJão? Pois que eſperas, que não levantas ao ceo os olhos, aonde has de luzir mais que o Sol? Queres riquezas, delicias, honras, contentamentos? Deixa toda eſſa pobreza do ouro, aſpíra aos theſouros do Paraiſo, deixa eſſes diſſabores, e penas dos deleites do mundo, e eſpera os nectares, e ambroſias, qne preparou Deos para regalos teus, e ſeus. Queres ſer Senhor, Princepe, Rey, e Monarcha? Deſpreſa as coroas do mundo, e no Ceo a teras maior que todos, aonde ſerás Rey de Reys, e não de pobres vaſſalos. Dilata pois teu coração, que para mais que tudo o do mundo te creou Deos. Como ſe contenta com pouco quem naſceu capaz de hum infinito bem?

75 O mundo creou-o Deos tambem para os ſeus inimigos: mas o que tem preparado para os ſeus amigos, he o meſmo com que elle he eternamente feliz. Não quiz Deos que a tua felicidade foſſe outra, ſenão a ſua propria:

nem

nem fiou de outra cousa a tua ventura, senão de si mesmo, paraque não devesses a tua gloria a outro mais que a elle. Elle quiz ser a tua bemaventurança, como he sua, paraque não te podesses queixar de que te amava menos que a si proprio. Attende pois que dita te espera, e nobremente ambicioso, e por dize-lo assim, sagradamente presumido, olha não te profanes, e abatas a ver, ou querer outras glorias senão a eterna, infinita, divina, para a qual te predestinou seu doce amor; que se vilmente te arrastas ao torpe desejo de algum infame deleite, ou de algũa gloria profana perderás a gloria eterna; perderás a teu Deos, e a tua alma; não serás mais de Deos, nem Deos teu. Ó meu Deos, fazei que seja eu todo vosso, pois vós quereis ser todo meu. Seja eu vosso eterno servo, pois vós vos não dedignais de ser meu Senhor. Sede vós para mim meu Deos, e todas as minhas cousas, para que nem busque, nem queira, nem ache cousa algũa fóra de Vós.

DIRECTOR INSTRUIDO.

TRATADO PRIMEIRO.

DA ESSENCIA, PARTES, E ORDEM DOS ESTADOS da Myſtica Theologia, e da differença da vida Activa, e Contemplativa.

CAPITULO I.

Que couſa ſeja Myſtica Theologia.

76 ENTRO a tratar de hũa ſciencia, que no meſmo myſterio do ſeu nome dá a conhecer a ſublimidade do ſeu objecto, e a excellencia da ſua materia ſuperior a todo o humano entendimento, e ſó bem conhecida do Deos das ſciencias, e de quem nelle meſmo a eſtudar, que he o que enſina ao homem a ſciencia, e a creou, e dá aos que o amão. Mas como elle meſmo ſe dignou eſconder dos ſabios, e prudentes os mais occultos myſterios, e os revela aos humildes, e ignorantes, eſpero não negará eſte premio ao meu bom zelo, com que deſejo eſta ſciencia das ſciencias mais ſabida, e mais praticada na ſua Igreja; por iſſo me animo a hũa empreſa ſuperior ao meu talento, e ao meu eſpirito.

77 He pois a *Myſtica Theologia* tanto no nome, como na eſſencia hũa ſciencia occulta, e eſcondida, que toda ſe occupa em tratar de Deos, e com Deos, não ſó para o conhecer, mas tambem para o amar. Eſta he aquelle theſouro eſcondido, infinito, de que eſtão os homens em poſſe, (ſegundo a expreſsão do Sabio) do qual os que ſe ſouberem aproveitar, ſe farão participantes da

ami-

amizade, e graça do Senhor. Esta he aquella Sabedoria divina, que (segundo o mesmo Sabio) toca de hum fim a outro fim fortemente, e tudo dispõe com suavidade, e doçura; he hum vapor da virtude do Omnipotente; hũa communicação da sua bondade, que participa o espirito de intelligencia santo, subtil, e suave; que ama o bem; que contem em si toda a virtude; que tudo vê, e conhece: são todos formosos seus caminhos; seus atalhos todos pacificos: he a formosa arvore da vida para os que a apprehenderem.

78 He mais estimavel que todas as riquezas preciosissimas, e nada do que se póde desejar, he comparavel com a sua preciosidade: não pódem comparar-se com ella as pedras preciosas; porque todo o ouro á sua vista he desprezivel arêa, e a prata se julga por lôdo: com ella nos vem todos os bens, e por suas mãos hũa honestidade infinita. São bemaventurados os que guardão os seus caminhos; quem a encontrar, achará a vida, e receberá do Senhor a salvação: e quem a desprezar, será infeliz, será a sua esperança vam, os seus trabalhos sem fructo, e as suas obras inuteis; porque são vãos todos os homens, em que não existe esta sciencia de Deos; mas os que a amão, amão a vida, e os que a possuirem, vivirão eternamente felizes. Tudo isto, e muito mais diz o Espirito Santo por boca do Sabio Rey (*Sapient. 7. & 8.*) em abono desta sciencia divina, o que devia ser bastante para nos despertar hũa santa ambição de sermos ricos com tão precioso thesouro, que a pouco custo podemos adquirir: mas he desgraça, que as mais das almas perdem o que não sabem, porque não querem saber o que perdem.

79 Toma-se a Mystica Theologia hũas vezes como habito de sciencia, que ensina o modo de conhecer, e amar a Deos pela pratica das virtudes, e exercicios de perfeição: outras como acto, que actualmente conhece, e ama ao mesmo Deos. Como sciencia tem por objecto a Deos com todos os seus attributos, e perfeições, e todas as verdades por elle reveladas, não só na ordem

de

de cognoſciveis, mas tambem na de amaveis : mas iſto naturalmente, e dentro da esfera da noſſa natural attingencia, como outra qualquer ſciencia Theologica. Como acto, tem tambem o meſmo objecto, mas não como naturalmente cognoſcivel, nem amavel; porque ſempre he ſobrenatural o acto da Myſtica Theologia: e por iſſo por outros nomes ſe chama *União Myſtica*, ou *Paſſiva* d'alma com Deos; ou *Contemplação Infuſa*, ou *Paſſiva* no gráo mais ſublime, que ſe pode conſeguir neſta vida, que he quando tranſportados, e alienados os ſentidos interiores, e exteriores com a força, e grandeza da ſoberana Luz, que ſe infunde n'alma, ceſsão os diſcurſos do entendimento, e chega ella ao ultimo ſilencio, e ás trevas luzidiſſimas, em que conhece a Deos no mais alto modo de conhecimento, a que póde chegar neſta vida, e ao meſmo tempo a vontade o ama com o amor mais intenſo, á proporção que o entendimento o conhece; ou ainda ás vezes muito mais; pois he certo, que póde a vontade amar mais do que conhece o entendimento.

80 Donde ſe vê, que aindaque a Myſtica Theologia ſe chame união infuſa, ou contemplação paſſiva, ou ſobrenatural, não he porque o entendimento, e a vontade não exercitem ſeus actos; porque ambos obrão então altamente : mas he porque eſta união, ou contemplação infuſa, que he o meſmo, he obra principalmente de Deos, pelo modo que em ſeu lugar ſe dirá, o qual ahi ſe dá a goſtar á alma contemplativa por hũa noticia experimental, e depois ſe dá a conhecer, como diz o Pſalmiſta : *Guſtate, & videte, quoniam ſuavis eſt Dominus.* (*Pſ.* 33.) Não porque o acto da vontade não preceda o do entendimento; porque he certo que ella não póde amar ſem que eſte conheça; mas porque a hum conhecimento confuſo ſe ſegue o goſto do Senhor, e a eſte goſto ſe ſegue hum conhecimento mais claro, como ſe vê neſte exemplo: aindaque todos me digão que o mel he doce, não tenho diſto noticia experimental, e clara em quanto o não goſto, e ſó o ſei por fé, e por hũa noti-

cia

cia confusa; mas depois de o gostar, já tenho noticia experimental, e evidente.

81 Assim he a noticia, que podemos ter de Deos, que primeiro he confusa na escuridade da Fé, e depois pela contemplação saborosa, e gozo da vontade se faz experimental na claridade da visão, com que Deos ahi se manifesta. Donde se infere, que o acto da Mystica Theologia he hum complexo de dous actos, hum do entendimento conhecendo, outro da vontade amando. Qual delles seja o principal, he questão, que não julgo necessario discuti-la. Deste acto de Mystica Theologia, e suas propriedades, e effeitos trataremos mais largamente quando fallarmos da contemplação infusa, e da união passiva; e o que de hũa, e outra dissermos, se entenderá dito da Mystica Theologia como acto. Agora trataremos della como habito de sciencia.

CAPITULO II.

Das partes da Mystica Theologia.

82 TRes são as partes, ou estados, em que commúmente os Mysticos dividem a Mystica Theologia; o primeiro se chama estado de *Principiantes*, ou *Incipientes*; o segundo de *Proficientes*, ou *Aproveitados*; o terceiro de *Perfeitos*, ou *Unidos*. No primeiro deve a alma cuidar em se apartar do peccado, e em resistir ás suas concupiscencias. No segundo trabalha principalmente em se aperfeiçoar no bem, e em augmentar a graça, e as virtudes. Este he mais perfeito que o primeiro, não só porque nelle se vai a alma chegando mais a Deos, e inflamando-se mais no seu amor, mas tambem porque já o vai conhecendo por hum modo mais alto, e perfeito. No terceiro estado já a alma está chegada a Deos, e já goza delle com superiores delicias; aspira a hũa intima união, athé desejar dissolver-se, e estar com Christo.

83 Aos tres ditos estados conrespondem as tres vias,

ou caminhos do espirito, a que os Mysticos chamão *Purgativa*, *Illuminativa*, e *Unitiva*; mas pela ordem que no seguinte capitulo diremos. A purgativa he dos incipientes, que nella purgão os máos habitos, e os desordenados appetites da vida passada, ou os defeitos, que lhes impedem subir a maior perfeição. A illuminativa he dos proficientes, que cuidão em adquirir as virtudes com o amor, e conhecimento de Deos, e seus beneficios. A unitiva he dos perfeitos, ou unidos, que cuidão só em Deos a fim de se unirem com elle. Cada hũa destas tres vias se divide em *Activa*, e *Passiva*. O estado activo da via purgativa consiste em que a alma trabalha com a divina graça por emendar sua vida, e tirar de raiz os máos costumes, e os defeitos, e culpas, em que costuma cahir, e fazer penitencia por elles. O estado passivo da via purgativa consiste em que Deos misericordiosamente, para dispor a alma para altos favores, que lhe quer communicar, por si mesmo lhe envia grandes trabalhos, e tribulações interiores, e exteriores, como se dirá em seus respectivos lugares, (porque são muitas as purgações passivas) as quaes são como fogo purgativo, que a purifica felizmente daquelles defeitos occultos, imperfeições, e affectos, que ella não chegava a conhecer, nem por si podia emendar, e lhe erão obice para a maior perfeição, a que o Senhor a quer levar.

64 O estado activo da via illuminativa consiste em que a creatura trabalha da sua parte com o auxilio de Deos, que sempre se suppõe, por se aperfeiçoar nas virtudes, e com a consideração dos grandes beneficios, que tem recebido da liberal mão do Senhor, se lhe illumina o entendimento para conhecer a bondade do mesmo Deos, e o quanto lhe deve ser agradecida. O estado passivo da via illuminativa consiste em que o amante Senhor attendendo ás ancias, com que a alma aspira á perfeição lhe concede as virtudes, que solicita em gráo mais alto do que ella as podia conseguir, e a illumina por modos altissimos, e extraordinarios, para que conheça mais, e mais os urgentes motivos da sua grande obrigação, e o muito

to que deve ao Senhor, com hum conhecimento sobrenatural, e infuso, a que ella não podia chegar pelas suas proprias diligencias.

85 O estado activo da via unitiva consiste em que a creatura por sua propria diligencia une, e conforma a sua vontade com a divina, e solicíta amar a seu Deos, e Senhor de todo o seu coração. O estado passivo da via unitiva consiste em que o Divino Esposo das almas, vendo que a creatura toda se entrega, e deixa nas mãos da sua divina providencia, ancioſa só de o amar, e de viver só nelle, e para elle, se lhe manifesta presente, e a une, e transforma em si por hum modo sobrenaturalissimo, e fica a alma hũa mesma cousa com elle, já divinizada, e quasi bemaventurada na terra, como em seu lugar se dirá.

CAPITULO III.

Da Ordem dos estados das tres vias.

86 COmo o bom acerto na direcção dos espiritos depende muito de se saber em que estado, ou gráo de perfeição se acha a creatura, e estes gráos, ou estados guardem entre si certa ordem, que ignorada, será origem de muitos erros tanto nas almas, como nos Mestres do espirito; e os Mysticos de ordinario tratão confusamente as tres vias sem aquella differença, e ordem, que guardão entre si ordinariamente huns, e outros estados; por isso julguei conveniente dar aqui hũa prévia noticia da ordem, e serie, que regularmente observão entre si, paraque pelos antecedentes se possa melhor conhecer em qual está, ou anda a creatura, para se lhe applicarem os exercicios proprios delle, segundo o que em seus respectivos lugares se dirá. Julgarão alguns pouco vistos, e menos experimentados na sciencia da direcção, que pela mesma ordem, com que se expoem os estados das vias do espirito, assim se vão seguindo nas almas, que as exercitão; e assim cuidão, que como cada hũa das vias se divide em dous estados activo, e passivo, assim se exer-

exercita a alma em ambos os das antecedentes, primeiro que em algum das seguintes; e que primeiro entra a alma na purgação activa, e desta passa immediatamente á passiva; depois desta á illuminação activa, e desta logo á passiva, e desta por conseguinte á união activa, e ultimamente á passiva.

87 Mas obra Deos tanto ao contrario, que como a illuminação, e união passivas, e muitos gráos destes estados mais, ou menos sublimes, a que o Senhor eleva as almas, que o amão, são favores extraordinarios, que elle lhes concede, sem que ellas os possão merecer, nem dispor-se immediatamente para elles por sua propria diligencia, alterna Deos as purgações passivas com os beneficios, de sorte que para as elevar a algum extraordinario favor da sua mão, primeiro por sua mesma mão as dispõe, e as purifica com alguns previos trabalhos, ou tribulações internas, ou externas, que he a que chamão os Mysticos purgações passivas, que he o mesmo. E assim aindaque estas sejão tantas, quantos são os favores singulares, que Deos quer conceder á creatura, porque nenhum lhe concede sem essa disposição; como são tres os mais conhecidos, em que elle se cõmunica ás suas esposas, que quer unir estreitamente com sigo, os quaes se chamão *Vistas dos Esposos*, que succedem no estado da illuminação passiva: *Desposorios Mysticos*, que se celebrão em hum gráo, e estado inferior de união infusa: e *Matrimonio Espiritual* da alma com o Divino Esposo, que só se contrahe no gráo sublime de união, ou Mystica Theologia; tres são tambem as principaes purgações, que precedem, e dispõem infusamente a alma para os tres ditos favores sobrenaturaes, que taes são todos os tres aqui referidos.

88 Pois assim como para haverem de subir as almas á Bemaventurança eterna, primeiro se hão de purificar no Purgatorio, e acrisolar-se ahi dos defeitos, com que sahirão do mundo; assim para cada hum dos favores sobrenaturaes, que o Senhor concede ás almas viadoras, que cada hum se póde chamar hũa gloria, ou bemaventuran-

ça

ça na terra, mais ou menos intensa segundo a qualidade do favor, tem o mesmo Deos previnido hum purgatorio, que as disponha para tão altas mercês. Estes purgatorios, ou purgações passivas da alma se chamão, a primeira *Purgação Passiva do sentido*, que precede ao primeiro ceo, ou bemaventurança espiritual, que he a illuminação passiva em que sucedem as vistas dos Esposos, e se fazem os primeiros ajustes para os futuros desposorios. A segunda se chama *Purgação Passiva do Espirito*, que precede ao segundo ceo, ou bemaventurança, que he hum gráo inferior da união infusa, em que se celebrão os divinos desposorios. A terceira se chama *Purgação Passiva do Amor*, que precede ao gráo sublime da Mystica Theologia, ou união infusa da alma com Deos, em que elle a une comsigo estreitamente, e se contrahe o espiritual matrimonio entre ella, e o Divino Esposo, e he o terceiro ceo, ou bemaventurança na terra.

89 Consta pois a Mystica Theologia dos tres referidos estados de principiantes, proficientes, e perfeitos, ou unidos, e estes incluem em si as tres vias, purgativa, illuminativa, e unitiva com os seus estados activos, e passivos; mas regularmente guardão esta ordem entre si. Os estados activos das tres vias precedem na alma, ao menos em gráos remissos, e em todos se deve ella exercitar antes de nenhum dos passivos. Prova-o a experiencia, e o pede a mesma razão: pois como os passivos são graça sobrenatural, e obra privativa de Deos, que não está na mão da creatura, e a póde elle conceder a quem quizer independente do merecimento, ou disposição da mesma creatura; póde succeder, e de facto tem succedido, que muitas almas, tendo recebido poucos, ou nenhũs favores sobrenaturaes, sejão muito mais elevadas na virtude, e merecimentos, e hajão de ter maior gloria do que outras, a quem Deos tenha cõmunicado muitas graças infusas, e divinas. E he certo que as primeiras se hão de ter purificado das culpas, e máos habitos; hão de ter adquirido as virtudes, e hum grande conhecimento de Deos, e das verdades reveladas; hão de ter solicita-

citado as virtudes em gráo heroico por propria diligencia, (ſuppoſta ſempre a graça divina) e hão de ter unido a ſua vontade com a de Deos em perfeita conformidade: e aqui eſtão os tres eſtados activos das tres vias purgativa, illuminativa, e unitiva. Além de que, como a perfeição eſtá no q̃ a creatura obra por propria diligencia, e não no que recebe por eſpecial graça de Deos, que iſto he obrigação, e divida, em que fica, e não merecimento que adquira, he natural q̃ a creatura poſſa adquirir o que he virtude, e merecimento independente de toda a graça extraordinaria, ou premio, que ſó na Patria ſe deve eſperar.

90 Depois dos tres eſtados activos, e ſeus exercicios, e perfeição, que por elles ſe adquire, que he como diſpoſição remota para o que Deos quer obrar na creatura, introduz o Senhor a alma em hum certo genero de trevas, e trabalhos, em que conſiſte a purgação paſſiva do ſentido, que he como diſpoſição para a illuminação paſſiva, que ſe lhe ſegue, e conſiſte em hũa contemplação infuſa com goſto ſobrenatural, e ſenſivel, como em ſeu lugar ſe dirá. Depois deſta illuminação torna Deos a meter a alma em outras trevas, e fogo tenebroſo, e trabalhos ainda mais terriveis, que he a purgação paſſiva do eſpirito, em que ella ſe diſpõe, e purifica para aquelle gráo de união, em que ſe celebrão os divinos deſpoſorios. Depois deſtes entra a alma na purgação do amor, em que eſte ſe depura de algũas fezes, do que ainda não tem de recto, e deſpido da propria conveniencia, o que he indiſpenſavelmente preciſo como terceiro purgatorio, para entrar no terceiro ceo, ou bemaventurança na terra, que he o perfeito gráo de união infuſa, ou matrimonio divino, em que conſiſte completamente a Myſtica Theologia.

91 Eſta pois he a ordem, que regularmente obſervão entre ſi os eſtados, e vias do eſpirito, e que deve ſeguir a alma para proceder ſem embaraço, que a retarde na virtude. O eſtado de principiantes compõe-ſe dos tres activos das tres vias: começa em purgaçã̃o activa do ſentido, continúa em illuminação activa, proſegue em união acti-

activa, em purgação activa do eſpirito, que aqui he o ſeu lugar, e acaba nos principios, ou meios da purgação paſſiva do ſentido, ou *Noite Eſcura do Sentido*, como lhe chama S. João da Cruz. O eſtado de proficientes, ou aproveitados começa nos principios, ou meio da purgação do ſentido, continúa nella, proſegue em illuminação paſſiva, (mas ſempre exercitando os eſtados activos todos, que em nenhum ſe hão de deixar) e acaba no fim da purgação paſſiva do eſpirito, ou *Noite Eſcura do Eſpirito*, ſegundo o meſmo Santo. O eſtado de perfeitos, ou unidos principia em união infuſa em gráo inferior, perſevera na activa, continúa em purgação do amor, e em gráos cada vez mais ſublimes de união infuſa alternados com trabalhos, athe o matrimonio eſpiritual, ou ſummo gráo de união, ou Myſtica Theologia.

92 Eſta ordem dos eſtados he mui conforme com a doutrina de S. João da Cruz, como ſe verá no diſcurſo deſta Obra. He conforme ás quatro Aguas, e ſete Moradas de S. Thereza como ſe dirá adiante (à n. 386.) E quanto aos activos he expreſſo de S. Boaventura, que diz, (*Myſtic. Theol. c.* 3. *p.* 2.) que qualquer peſſoa ſimplez, e ruſtica póde chegar á união com Deos, aindaque não ſaiba contemplar, nem ordenar a iſſo o ſeu conhecimento; porque póde fazer actos fervoroſos de contrição, e dor de culpas, que he ir a Deos *per oſculum pedum*, que he a via purgativa. Póde mover-ſe a actos de agradecimento, e pratica de virtudes pela memoria dos beneficios divinos, e vida de Chriſto, que he ir a Deos *per oſculum manuum*, que he a via illuminativa. E depois póde deſejar muito unir-ſe com Deos, fazer a ſua ſantiſſima vontade, com que poderá chegar *ad oſculum oris*, que he a divina união. Alguns Myſticos dividem cada hũa das tres vias nos tres eſtados de principiantes, proficientes, e perfeitos; o que he ſem dúvida; pois aſſim como em todas as artes, e ſciencias primeiro ſe principia, depois ſe vai aproveitando, e ultimamente ſe ſabe com perfeição; aſſim na via purgativa ſão principiantes os que entrão nella, ſão proficientes os que vão aproveitando, e ſão per-

perfeitos os que já estão bem purgados, e o mesmo na illuminativa, e unitiva.

93 Disse acima que observão *regularmente* esta ordem, porque como Deos não está sugeito a leys, póde, se quizer, desde os primeiros principios subir logo as almas ao mais alto grão de união, ou ao que elle quizer; porque he Senhor dos seus dons, e os póde conceder a quem, e por que ordem lhe parecer, sem esperar merecimento, ou disposição dos sugeitos: e de facto vemos que assim o praticou com a Magdalena, com S. Paulo, S. Agostinho, e outros Santos illustres: mas nestes casos ou Deos supre pelo seu infinito poder as purgações, que havião de preceder a essas graças, pois póde fazer que em hum instante se padeção trabalhos equivalentes aos de muitos annos, ou as faz depois nessas almas, como vemos praticou com a Magdalena nas ancias, nas fadigas amorosas, e nas prolongadas aspereſas de hum deserto: com S. Agostinho no muito que trabalhou pela Igreja: e com S. Paulo no Anjo de Satanáz, que o affligia, nas perseguições dos tyrannos, e nos trabalhos do seu ministerio Apostolico.

94 Advirto porém que a referida ordem dos estados se entende em quanto ao habito, ou aproveitamento, com que a creatura se tem adiantado na vida do espirito; porque em quanto aos actos de cada hũa das vias não observão muitas vezes a dita ordem: e assim algũas vezes concede Deos aos principiantes muitos actos de altissima contemplação, de união infusa, e Mystica Theologia, para altos fins da sua providencia; e muitas vezes aos proficientes, ou perfeitos tira todos os favores sobrenaturaes, e communicações gozosas, e os deixa ficar como nos seus principios, sem que ás vezes nem ainda saibão meditar, nem lhes occorra hum pensamento de Deos, nem saibão dizer hũa jaculatoria; e isto depois de terem andado em braços com Deos, conversando com elle *os ad os*, e vendo-o quasi face a face; e só se lembrão de suas miserias, e peccados, e quasi se dão por perdidos, e se lhes representão tão horrendas suas culpas, que quasi lhes pare-

parece impoſſivel o perdão; e os favores, e graças eſpecialiſſimas, que o Senhor lhes fez em outro tempo, tudo ſe lhes repreſentão enganos, e illusões; e eſta he a maior cauſa do ſeu tormento. Iſto pratíca Deos muitas vezes com as almas bem adiantadas para as humilhar, e reduzir ao proprio conhecimento, e á deſconfiança de ſi, e que não ſe elevem deſvanecidas á viſta dos paſſados favores, parecendo-lhes que já são algũa couſa, porque Deos aſſim as tem tratado com tanta affabilidade, e carinho.

95 Advirto mais, que ainda que os gráos, e eſtados activos são proprios dos principiantes, nem por iſſo os proficientes, e perfeitos os devem deixar; ſe não que quando ceſſarem as ſobrenaturalidades, e favores infuſos, cuidem elles em chorar ſeus peccados, fazer penitencia por elles, ſolicitar as virtudes com a pratica dellas, e conformar, e unir a ſua vontade com a do Senhor, ainda que já andem no eſtado mais alto de união: antes muitas vezes he conveniente, e ainda póde ſer neceſſario, que as almas, que eſtão em eſtados paſſivos, ſe tornem a pôr nos exercicios da vida activa, e meditações do proprio conhecimento, dos noviſſimos, do horror do peccado, e nas mais, que são proprias dos principiantes, ou do eſtado da purgação activa, para as humilhar, e fazer conhecer o que são, e o que forão, e ſe não deſvaneção com o que recebem ſem o merecerem.

96 A cada hum dos ſobreditos eſtados, ou gráos das vias do eſpirito conreſpondem ſeus diverſos eſtados, ou gráos de oração; diverſa materia de meditações; e ſeus particulares exercicios, como em ſeus reſpectivos lugares ſe dirá. Donde ſe infere quam neceſſario he aos Directores ſaberem, e perceberem o eſtado, e via, em que eſtá e anda a creatura, para aſſim lhe diſporem os exercicios accõmodados, e a oração, e ſua materia proprios de cada hum; o que ſe não ſouberem, e obſervarem aſſim, erraráõ no mais ſubſtancial da direcção dos eſpiritos. E ſe conhece por iſto meſmo quam incompetentes são para o miniſterio, os que ſem eſte diſcernimento ſe expõem a

pratica-lo com tanto perigo de errar, e de levarem erradas as almas, que tomão á ſua conduta.

CAPITULO IV.

Da differença da vida Activa, e Contemplativa, e dos ſinaes da vocação a huma, e outra.

97 ASſim como ha muitas moradas, e aſſentos no Reyno do Pay Celeſtial, aſſim para elles ha muitos, e diverſos caminhos neſta vida, huns mais breves, e direitos, outros com mais rodeios, e mórulas, mas que ſempre por fim lá vão dar; e aindaque não levem aos aſſentos, e ás moradas mais altas, e mais chegadas a Deos, baſta que ſejão do Ceo, para ſerem infinitas na gloria, e na eſtimação. Todos eſtes caminhos ſe incluem em dous, nos quais andão todos os que caminhão as tres vias expoſtas nos capitulos precedentes, e são o da vida *Activa*, e *Contemplativa*. A vida activa conſiſte em que a creatura tendo hum recto, e honeſto fim de agradar, e ſervir ao Creador, ſe exercite em obras de miſericordia, e de caridade a reſpeito do proximo, e tambem a reſpeito de ſi meſma. Em ordem ao proximo, são o ſoccorrer os pobres, curar os enfermos, viſitar, e remediar os encarcerados, conſolar os afflictos, enſinar os ignorantes, e outras deſte caracter. Em ordem a ſi, são as obras da vida activa o continuo exercicio das virtudes, que por eſtes, e outros actos ſe adquirem; tanto das que reſpeitão ao proveito eſpiritual de cada hum, como he a mortificação, a occupação por obediencia, ou por evitar a ocioſidade, o amor de Deos, e do proximo, a paciencia, a temperança, e outras; como das que reſpeitão a honra de Deos, e dos Santos, as quaes ſe reduzem á virtude da religião, pela qual ſe dá culto a Deos, a Maria Santiſſima, e aos Santos, como são ouvir Miſſas, frequentar ſacramentos, rezar devoções, e outras ſimilhantes, a que ſe reduz o exercicio da meditação por diſcurſo.

98

98 A vida contemplativa conſiſte na frequente conſideração, e amor de Deos, ponderando as ſuas divinas perfeições, e attributos, e as mais verdades reveladas, em ordem a mais conhecer, para mais amar ao Summo Bem; de ſorte que abſtrahida a alma, ou o homem interior de todos os cuidados, e cogitações terrenas, ſe entregue todo o eſpirito ás conſiderações do Ceo, e ſuſpire continuamente por ver a face do ſeu Creador. Eſtas duas vidas ſe repreſentão naquellas duas Irmans, e fieis diſcipulas do Senhor Martha, e Maria; das quaes Martha ſe occupava caritativa, e diligente em miniſtrar os regalos, com que havia de hoſpedar ao Divino Meſtre; porém Maria eſtava em proveitoſa ocioſidade ſentada aos pés do Senhor, ouvindo ſuas divinas palavras, e gozando-ſe nas delicias da ſua amavel preſença toda tranſportada em júbilo, e conſolação do eſpirito; e ainda que parece que Martha, em que ſe repreſenta a vida activa, trabalhava mais pelo Senhor, e ſe occupava mais em o ſervir, com tudo elle meſmo diſſe, que Maria eſcolheu para ſi a melhor parte, que he a da amoroſa contemplação, ou vida contemplativa, que nella ſe ſimboliza.

99 Donde ſe vê que a vida contemplativa he muito mais perfeita que a activa: não porque eſta não ſeja tambem perfeita, que por iſſo não diſſe Chriſto que Maria eſcolheu a boa parte, mas ſim que eſcolheu a melhor, para moſtrar que tambem a de Martha era boa, aindaque não tão perfeita; mas porque, comparadas hũa com a outra, a contemplativa excede na perfeição á activa. Por iſſo aquellas almas, a quem Deos não chamar ao eſtado da contemplação, ſigão ſem receio a vida activa, por onde o Senhor as levar, que eſta he a vocação do ſeu eſtado, e o que o meſmo Senhor ſó quer dellas: o ponto eſtá em a deſempenharem nas obras de miſericordia, e exercicios de caridade, que o Senhor ſe ſervio encarregar-lhes, e occupar-ſe em ſantas meditações, e no exercicio das virtudes moraes, pelas quaes ſe podem unir com Deos, em eſtreito vinculo de conformidade da ſua vontade com a do meſmo Senhor, que he em que conſiſte

a união activa, que ainda que não seja tão alta como a infusa, he com tudo de maior merecimento para a creatura.

100 De ambas estas vidas activa, e contemplativa se compõe outra, a que os DD. chamão *Mista*, porque participa de hũa, e de outra. Esta he mais perfeita, do que cada hũa per si; porque contém a perfeição de ambas; e a praticão as almas, que achão tempo para tudo, como diz o Sabio, e hũa parte do tempo se exercitão em obras de caridade, e exercicios santos de virtudes, em penitencias, devoções, cumprimento das obrigações do proprio estado, ou ministerio, e em santas meditações; outra parte descansão suavemente na presença do Creador, contemplando as suas perfeições, amando-o, e tratando com elle os occultos segredos de seu coração. Estas almas se recolhem com mais facilidade ao seu interior, e achão mais promptamente o suave descanso da contemplação; e esta he nellas ordinariamente mais alta; porque ainda que a vida activa, por mais perfeita que seja, impede ao mesmo tempo o santo ocio da suave contemplação; pois he impossivel estar occupado em cousas exteriores, e juntamente contemplando; (isto he em nós, que os Anjos contemplão ao mesmo tempo que obrão, e administrão) com tudo a acquisição das virtudes moraes, que se faz pela vida activa, he optima disposição para a contemplação, porque pelas virtudes se impede a vehemencia das payxões, que são grande embaraço para ella.

101 A difficuldade está em conhecer quaes almas chama Deos para os exercicios da vida activa, quaes para os da contemplativa, e quaes para os de hũa, e outra? Mas isto se poderá conhecer na propensão, e fervor, com que a creatura se inclina mais a huns, do que a outros; pois aindaque he certo, que Deos em todas as almas quer a maior perfeição, como para esta he necessaria a cooperação da creatura, e estas se não disponhão igualmente para a infusão da graça divina, hũas por natural genio, e inclinação, outras por inefficacia, negligen-

gencia, ou malicia; por isso Deos se não communica a todas igualmente, mas só conforme a sua disposição, e genio, com o qual ordinariamente se accõmoda. Esta he a razão porque algũas almas sóbem ao mais alto gráo de perfeição; outras só chegão ao meio; e muitas apenas principião, e ahi ficão, ou tornão atrás, como regularmente succede.

102 Observará pois o Director se a alma, quando entra no caminho da Oração (suppondo que entra com fervor, e firmes propositos de solicitar a perfeição) nos affectos, que tira das santas meditações, se inclina mais para o exercicio activo das virtudes, como prégar, confessar, curar enfermos, soccorrer pobres, e outros exercicios de caridade, que este será o final de que Deos a quer occupada nos exercicios de misericordia, e na perfeição da vida activa: e aindaque algũas vezes possa descansar em acto de contemplação saborosa, com tudo ordinariamente irá pelos exercicios externos das virtudes, e pelo interno da meditação discursiva, pela qual só poderá chegar á purgação passiva do sentido meditando, e discorrendo, sem que possa durar no ócio da santa contemplação: por isso não cuide o Director em a introduzir no exercicio desta; (só se for a espaços por tentar se póde dar passos neste caminho) mas cuide em que com fervor, e espirito de verdadeira caridade pratique a divina vocação no exercicio das obras de misericordia, e santas meditações.

103 As almas porém, que se gozão muito no exercicio, e meditação da vida espiritual; que se demorão nos seus affectos, e se inclinão muito para o suave descanso das potencias, e achão repugnancia para as obras exteriores, mas amão o doce somno do recolhimento na amavel presença do Senhor, estas certamente se dispõem para a vida contemplativa, e cada vez mais crescerá nellas a vocação, a qual se conhecerá, se se vir que se dilatão pouco na meditação, mas logo passão ao seu termo, e ahi descansão pacificamente: porque logo nos principios lhes quer Deos mostrar o caminho, por onde as quer levar para si.

104 Mas

104 Mas aquellas almas, que occupadas nos miniſterios da caridade, e obras de miſericordia, para que as chamar a ſua vocação, algũas vezes gozão de recolhimento, e ſoſſego na oração, e hũas vezes ſe ſentem attrahidas para o interior trato com Deos, e com repugnancia no eſpirito para ſahir a obras externas; (não porque as recuſem exercitar, ſenão porque, quando nellas ſe occupão, são attrahidas, e chamadas para o recolhimento pacifico, e por iſſo repugnão meditar) outras vezes ſe conhecem mais movidas, e fervoroſas para obras externas de virtudes; eſtas ſem dúvida são chamadas para o exercicio da vida miſta, e ſegundo a ſua maior, ou menor inclinação ſe devem applicar mais, ou menos aos exercicios da activa, ou aos da contemplativa. A eſta vida miſta são ordinariamente chamados os que ſe dedicão á pregação, converſão, e direcção d' almas levados de verdadeiro eſpirito, e zelo do Senhor; e a eſta deve o Director conduzir as almas, exercitando-as huns eſpaços na vida activa, outros na contemplativa, em quanto ſe não certificar da eſpecial vocação do Senhor a algũa dellas.

TRATADO SEGUNDO

DA ORAÇÃO, E SUAS PARTES.

CAPITULO I.

Da Oração em commum, e particularmente da Vocal.

105 HE a *Oração* o pão quotidiano dos juſtos, ſem o qual não pódem dar paſſo na virtude; por iſſo antes que a alma ſe ponha a caminho pelas tres vias do eſpirito, juſto he que tenha prevenido o ſuſtento, com que nellas ſe ha de alimentar. Eſta he a razão, porque antes de expôr o modo de as andar, julguei conveniente dar hũa previa noticia do que he, e como ſe deve praticar a oração: e tambem porque,

que, como há muitos gráos de oração, que conreſpondem a diverſos eſtados d' alma, e não era conveniente tratar aſſim divididos os gráos de oração, que devião fazer hum ſó tratado; era bem que já eſte os precedeſſe, para que quando nelles ſe exponha o gráo de oração, que lhes pertence, já eſte ſe ſupponha ſabido, para que com mais facilidade ſe entenda, e pratique.

106 He pois a *Oração* Chriſtã (que he ſó a de que aqui tratamos) hum acto da virtude da religião, e hum trato reverente com Deos, com que a creatura recorre a elle para remedio das ſuas neceſſidades; e como eſte trato ſe póde ter de tres modos, tres são tambem os modos de oraçaõ, a ſaber *Mental*, *Vocal*, e *Miſta*. A *Mental* he quando o entendimento, e coração eſtão occupados em Deos, ſem que a lingua profira algũas palavras. A *Vocal* he quando a lingua falla, ſem que o entendimento advirta. A *Miſta* he quando a lingua profere o meſmo, que o entendimento diſcorre. Da mental trataremos nos capitulos ſeguintes; neſte trataremos da vocal, e miſta juntamente.

107 Ainda que a oração puramente vocal ſempre he com diſtracção do entendimento, não ſe ſegue que ſempre ſeja má oração, porque hũa he fructuoſa, outra não fructuoſa. A fructuoſa he quando ſe principiou a rezar com verdadeira attenção, e intenção de perſeverar ſempre nella; porque ainda que depois involuntariamente eſteja a creatura diſtrahida, e não attenda actualmente ás vozes, perſevéra virtualmente a primeira attenção, e intenção, a qual ſó com acto voluntariamente oppoſto ſe retrata, e por iſſo não perde o fructo como certifica S. Thomaz. *Evagatio mentis, quæ ſit præter propoſitum, orationis fructum non tollit.* (1.2.*q*.74.*art*.3.) A infructuoſa, ou para melhor dizer, peccaminoſa, como lhe chama o meſmo S. Doutor, he quando ſe reza com diſtracção voluntaria. *Siquis ex propoſito in oratione mente vagatur, hoc peccatum eſt.*

108 Donde ſe ſegue que ſó então he boa a oração vocal, quando he acompanhada da mental actual, ou virtual-

tualmente incluida; porque he a alma, que a vivifica; e assim como hum corpo não póde viver sem alma, mas pode obrar muitas vezes, sem que a alma attenda actualmente; assim a oração vocal não póde ser viva sem a mental; mas póde-o ser sem que a mental actualmente attenda; com tanto que virtualmente exista, como está dito: he com tudo mais perfeita aquella, em que se está com actual attenção, do que quando só virtualmente se attende. Quando porém se reza com distracção voluntaria, ou porque se porta a creatura com neglicencia em recolher as potencias, ou porque, mesmo por querer, está com o entendimento, e com o coração derramado em alguns cuidados estranhos; isto mais he offender a Deos, do que louválo. Donde diz S. Theresa (*Cam. de perf. c.* 24.) „ Eu „ vos digo de certo, que não sei como póde apartar-se a „ oração vocal da mental, se ha de ser bem rezada a vo„ cal, e entendendo com quem fallamos; e ainda he obriga„ ção, que procuremos rezar com advertencia. E em ou„ tra parte: (*Mor.* 1. *c.* 1.) „ Quem não adverte na ora„ ção com quem falla, e o que pede, quem he que pe„ de, e a quem, pouco tem de oração, ainda que mui„ to mova os labios.

109 Advirto porém que ainda que a oração vocal inclúe necessariamente a mental, nem por isso he a vocal mais perfeita, nem he mais com a mental, do que ésta por si só; porque como a mental he a que dá a perfeição á vocal, e por ella he que ésta se chama oração, bem se vê que mais perfeita he aquella, donde ella recebe a perfeição. Além de que, como as forças d'alma são limitadas; diminuem-se quando se dividem para attender a muitas cousas; e assim occupando-se só na oração mental, está a alma com a sua virtude unida, e mais forte para orar, do que quando se divide para obrar tambem vocalmente; porque assim diverte algũa da sua virtude em concertar as palavras, e mover os orgãos locutorios. Mas nem por isso se segue, que se deve deixar a vocal totalmente por cuidar só na mental; porque como nem sempre a alma está para ter só a mental, he bom usar já de hũa, já de outra;

tra; pois assim se allevião as potencias, e se evita o tedio, e a fadiga, que hũa só causará. E tambem he justo que com alma, e corpo nos empreguemos nos divinos louvores, e isto faz a alma com a mental, e o corpo com a vocal. Devem porém ser poucas as rezas, e reguladas pela prudencia do Director, para que com a sua multiplicidade não sejão causa de se rezarem todas sem fructo.

CAPITULO II.

Da Oração Mental em cõmum.

110 O *Oração Mental* he hũa subida, ou elevação d'alma a Deos attendendo, e aspirando a elle, ou ás cousas, que a elle nos conduzem a fim de o amar, e gozar: pois segundo S. Theresa: (*Vida c. 9.*) „ Tratar de oração mental, he tratar de amizade com Deos. „ E em outra parte: Considerar, e entender o que fallamos com Deos, e com quem fallamos, e quem somos „ os que ousamos fallar com tão grande Senhor, e outras causas similhantes, do pouco que o temos servido, „ e o muito que estamos obrigados a servi-lo, he oração „ mental; não imagineis que he outra algaravía, nem „ vos espante o nome de oração mental. (*Cam. de perf. c. 25.*) Donde se infere, que a oração mental não he só obra do entendimento, mas sim acto de todas as potencias, principalmente espirituaes memoria, entendimento, e vontade. Da memoria recordando os mysterios, e objectos, que pódem servir á meditação, ponderação, e contemplação do entendimento, e conservando as suas ideas para a repetição dos mesmos actos. Do entendimento discorrendo, meditando, ponderando, e contemplando os mysterios, e objectos, que lhe ministra a memoria. Da vontade amando, desejando, e gozando-se com as cousas boas propostas como taes pelo entendimento, e aborrecendo, temendo, e ugindo ás más.

111 Os sentidos externos, ainda que na oração ordinariamente mais embaração, do que ajudão, e por isso nel-

la se lhes ha de cerrar a porta aos seus actos, como fechar os olhos, não attender a vozes, &c; com tudo tambem servem para a oração, em quanto antecedentemente recebêrão as imagens dos objectos, sem as quaes as potencias interiores não produzirião seus actos de conhecimento, discurso, amor, e os mais. E talvez estando muito distrahido, e desbaratado o interior, pódem elles servir para ajudá-lo a recolher; como vendo hũa imagem devota, lendo hum livro espiritual, ouvindo algũa musica, sermão, ou pratica espiritual; mas isto nelles não he oração; he só ministrar, e concorrer para ella, passando estas formas, ou imagens ás potencias interiores cognoscitivas, com as quaes ellas se pacificão, e movem as affectivas á devoção, e santos affectos. E ainda que algũas vezes verte os olhos lagrimas de devoção, não he porque a devoção esteja nos olhos; mas porque são como orgãos, e instrumentos, por onde as derramão as potencias interiores, que as causão com seus affectos.

112 Ainda que he erro dos Alumbrados o dizer-se, que sem oração mental ninguem se póde salvar; entende-se isto fallando da oração mental só por si, e não juntamente com a vocal; pois he certo que temos preceito de orar; e só com a oração vocal, sem a mental formal, ou virtualmente nella incluida, não se póde cumprir este preceito, porque a tal reza não se póde chamar oração como fica dito com S. Theresa. (*n.* 108.) E em outra parte, arguindo a mesma Santa o erro dos que reprovão a oração mental, diz: „ Se vos disserem que orcis vocalmen„ te, perguntai-lhes se ha de estar o entendimento, e co„ ração no que dizeis? Se võs disserém que sim, (que „ não poderáõ dizer outra cousa) vedes a hi confessão „ que de força haveis de ter oração mental. (*Cam. de perf.* c. 21.)

113 Mas ainda que a oração puramente mental não seja absolutamente necessaria para a salvação, ninguem duvida, que he summamente conveniente, e que sem ella he a salvação difficultosissima; e ao menos he certo, que sem ella não se póde conseguir a perfeição em gráo sublí-

blime; e que não vemos Santo algum, que a não praticasse, com frequencia antes a tinhão em tanta estimação, que se não fartão de a louvar; S. Theresa não cessa de a recomendar a suas Filhas, como meio o mais importante para se adiantarem na virtude, e evitarem as fallacias do demonio: e hum varão doutissimo igualmente virtuoso, que sábio protestava que antes perderia toda a sciencia, estudos, e escriptos, do que hũa hora de oração mental: tanto a estima quem lhe toma o gosto; porque lhe conhece o valor; e por isso os mundanos a desestimão, e desprezão, e com ella a quem a pratica, porque nem a conhecem, nem a gostão. Ó se a gostassem como a conhecerião, e estimarião!

114 Os Mysticos commummente dividem a oração em seis partes, ou actos, que ha de exercitar nella a creatura, os quaes são, *Preparação*, *Lição*, *Meditação*, *ou Contemplação*, *Acção de graças*, *Offerecimento*, *e Petição*. Alguns dividem a meditação, e contemplação em duas partes; porém como de ordinario não se exercitão ambas na oração, se não ou hũa, ou outra, como em seu lugar se dirá, por isso se numerão assim divisamente ou hũa, ou outra, e neste sentido vem a fazer hũa só parte; e pouco vai que seja hũa, ou duas; assim como tambem que a lição seja depois da preparação, ou antes, como alguns a numerão. *A ponderação*, que alguns poem como distinta, reduz-se á meditação, porque he hum modo de meditar reflexivo.

115 Advertindo porém, que ainda que os ditos seis actos, ou exercicios se chamão partes da oração, não se segue que ella seja de tal sórte composta destas partes, que se faltar algũa dellas, fique a oração imperfeita; porque cada hũa por si só he verdadeiramente oração independente da outra. Mas chamão-se partes, porque gastando parte em cada hũa, se enche com todas o tempo da oração, que se quer ter: Porém não he necessario que sempre, que se haja de ter oração mental, se exercitem todos os ditos actos, ou partes, nem pela ordem, que ficão numeradas; mas póde-se exercitar hũa, duas, ou

mais confórme a creatura melhor se achar, e para donde mais se lhe mover o espirito: e hũas vezes póde começar pela petição, supplicando a Deos graça, e auxilio para fazer bem a oração, para o servir, e amar, para fazer a sua divina vontade, &c. Outras vezes por ter bastantes especies, póde começar logo a meditar, sem outra preparação, ou lição: e os muito aproveitados apenas se poem no lugar da oração, logo se recolhem em contemplação, ou se occupão em affectos santos.

116 E tambem póde usar-se repetidas vezes de hum mesmo acto no mesmo tempo da oração, como da petição, ou acção de graças ao principio, meio, e fim; e a meditação, e contemplação costumão alternar-se mutuamente já hũa, já outra muitas vezes em hũa mesma hora de oração. E outras vezes póde gastar-se todo o tempo no exercicio de hũa só, como se toda hũa hora se gastásse em pedir a Deos perdão dos peccados; assim se faz perfeita oração. „ Assim como quando a hum hóspede se „ poem na mesa seis, ou sete pratos differentes, que pó„ de começar pelo que melhor lhe parecer, e no restan„ te do banquete comer mais do que melhor gosta, e „ lhe he mais proveitoso, e já de hum, já de outro, e „ tornar outra vez ao primeiro, e em se lhe acabando „ hum, toma de outro, para que não lhe falte o suffi„ ciente; e póde em todo o tempo comer de hum só, e „ assim ficar satisfeito; assim procede no espiritual ban„ quete da oração. He comparação do grande, e experimentado Mestre do espirito S. Pedro de Alcantra. (*Tr. de Or. c. 5.*) Mas poem-se as partes pela sobredita ordem, por estar disposta em boa proporção para os principiantes, como se verá.

CAPITULO III.

Da Preparação, e Lição espiritual.

117 A *Preparação* para a oração mental he hũa prevenção, com que a creatura se dispoem para fallar, e tratar com o Creador: e he tão necessaria, que

que o Espirito S. adverte, que será tentar a Deos, se sem ella entrarmos a orar. *Ante orationem præpara animam tuam, & noli esse quasi homo, qui tentat Deum.* (*Eccl.* 18.) Esta preparação he de dous modos, hũa *Remota*, outra *Proxima*. A remota he a que se deve ter ainda fóra do lugar, e tempo da oração; e consiste em hum contínuo cuidado, que deve ter a creatura de viver entre dia Christã, e virtuosamente, guardando os mandamentos, exercitando as virtudes, apartando-se das occasiões de peccar, fugindo ociosidades, e más companhias, juntando-se com as boas, refreando os appetites, tratando em cousas espirituaes com obras, e com palavras, andando sempre na presença de Deos, fazendo tudo com recta intenção de lhe agradar, não deixando occupar os sentidos, e potencias tanto sensitivas, como espirituaes em objectos estranhos, vaidosos, e seculares; porque assim estão bem dispostas para que em chegando o tempo da oração, logo se achem recolhidas, o que lhe custará grande trabalho, se entre dia andarem distrahidas, e errantes: assim como o pastor, que entre dia traz sempre junto o rebanho, e costumado a obedecer á sua voz, quando á noite o quer recolher ao aprisco, o acha prompto, e junto logo ao primeiro final, que lhe faz; mas se descuidado de dia, o deixar andar espalhado cada ovelha por onde a conduz o seu appetite, só o recolherá a grande custo.

118 A preparação proxima he quando já no lugar da oração a creatura se firma em viva fé, e actos de presença de Deos, no conhecimento do que elle he, e quem he a creatura, que com elle ha de fallar: Deos immenso, infinito, poderoso, e summamente perfeito; a creatura limitada, finita, fraca, e imperfeita. Deos santo, sabio, rico, e magestoso; a creatura peccadora, ignorante, pobre, e miseravel. Deos hum Espirito todo pureza; e a creatura hum barro todo corrupção, todo vileza, huma pouca de cinza, e pó, e que ainda assim se atreve a apparecer diante do Rey das alturas, fallar-lhe, e tratar familiarmente com elle, e que elle assim se digna de a admitir, e gosta de a ouvir, e attender. Deve tam-

tambem considerar o muito, que o tem offendido, a gravidade das suas offensas, a pouca satisfação que lhe tem dado por ellas, o muito que ainda o offende, e o quanto lhe he necessario emendar-se, tratar de amizade com Deos, e fazer com elle as pazes por meio de hũa satisfação condigna: e será bom que tambem se disponha com actos de dor, e sentimento das culpas.

119 Finalmente deve imitar o publicano humilde, confuso, e arrependido, que considerando as suas culpas, não se atrevia a levantar os olhos ao Ceo; mas ao mesmo tempo ferindo o peito de dor, pedia a Deos misericordia. (*Luc.* 18,) Ou como o filho prodigo, que conhecendo-se tão desbaratado de costumes, tão vicioso em seu obrar, tão alheio do santissimo proceder de seu bom Pay, se prostrou a seus pés arrependido, e reconhecendo-se indigno de ser chamado seu filho. (*Luc.* 25.) Convem tambem que se invoque o auxilio do Espirito Santo, e de Maria Santissima, e se adore toda a SS. Trindade.

120 A Lição não he precisamente necessaria, quando a creatura se sabe prevenir com algum ponto sobre que possa meditar; principalmente quando está já adiantada, e tem muito exercicio de oração: mas para os principiantes he mui conveniente que leião primeiro, ou levem prevenido o ponto da meditação, para que as especies, que a lição lhes desperta, lhes facilitem os actos das potencias, que nella se hão de occupar. Há muitos livros devotos, que trazem meditações bem proprias para cada estado, e tempos, dos quaes póde escolher a creatura o que melhor lhe convier, ou o Director lhe aconselhar. O illuminado P. Fr. Manoel de Deos compoz hum livrinho de meditações, que se he o menor de todos no volume, nenhum o poderá exceder na preciosidade. Os pontos do Retiro Espiritual são capazes de mover, e penetrar os corações mais insensiveis. Não tem menos efficacia as meditações do P. Bernardes; assim como as de S. Pedro de Alcantara.

121 Quem não souber ler, ou não tiver livro, ou ainda quem o tiver, leia por Jesus Christo crucificado, que

he

he o livro da vida eſcripto por dentro, e por fora, e nelle achará as mais divinas lições bem, proprias para toda a materia da oração: ſuas chagas são outros tantos caractéres, que cada hum delles diz muito em poucas expreſsões. Ali acharáõ os principiantes os effeitos das ſuas culpas; ali veráõ os eſtragos da morte, e os beneficios, que deſpreſárão; conheceráõ o juizo, que por iſſo os eſpera; e aprenderáõ a temer a ſentença da condemnação, e a merecer a da bemaventurança eterna. Os proficientes aprenderáõ ali a ſer humildes, pacientes, ſoffridos, caritativos, miſericordióſos, e a praticar as mais virtudes; e conheráõ a bondade, a grandeza de amor, e como he amavel aquelle Deos, que por elles padece goſtoſo. Os perfeitos ali conheceráõ a Divindade com todos os attributos, e perfeições Divinas, e juntamente todas as tres Divinas Peſſoas contidas naquelle divino compoſto aſſim deſtruido, aſſim deſpedaçado como eſtá; ali conheceráõ como he fino para com noſco o amor da meſma Divindade, e ſe motivaráõ a hũa conrreſpondencia indefectivel.

122 Deve ſer breve a lição, mas ſufficiente para dar materia para a meditação, e em materia propria para a o eſtado da creatura, ſegundo a direcção do Padre eſpiritual. Nella ſeja o principal intento mover a vontade a ſantos affectos, e por iſſo convem, que não ſeja muito extenſa, e que não participe muitas noticias; porque poderá a ſua multidão antes embaraçar, do que recolher: e ainda que ſe leia muito, tomar-ſe-há ſó para a meditação hũa circunſtancia, ou algũas, que mais moçâõ fizeſſem na vontade. Na lição ſe deve conſiderar que são palavras de Deos, com que elle nos eſtá enſinando, e fallando ao coração, como diz S. Agoſtinho (*Serm. 112. de temp.*) A alguns ſerá neceſſario ler mais, a outros menos ſegundo a capacidade dos genios, e a diverſidade do aproveitamento. E alguns haverá, que não poſsão orar, nem recolher-ſe ſenão alternando muitas vezes a lição com a meditação: e eu aconſelho que aſſim o faça quem nãõ poder meditar de outra ſórte; pois aſſim o praticou S. Thereza, que diz de ſi, que lhe ſuccedeu por eſpaço de ca-

torze

torze annos, e mais, que não podia ter ainda meditação se não acompanhada com lição. (*Cam. de perf. c.* 17.) E quem ler com vagar, e reflexão, fazendo bem conceito do que lê, e movendo-se com isso a affectos proprios da materia, que lê, este verdadeiramente medita; que não he outra cousa a meditação, como logo se verá.

CAPITULO IV.

Da Meditação.

123 O Exercicio da *Meditação* he hum complexo composto dos actos das potencias, principalmente do entendimento, e da vontade; do entendimento discorrendo, investigando, e ponderando as razões, e circunstancias, de que se reveste o objecto proposto, para as offerecer á vontade: desta produzindo affectos de amor, ou desejo do que se lhe propoem como bom; e de odio, fuga, e aversão ao que se lhe propoem como máo. Donde se segue que em tanto se ha de usar do discurso, e actos do entendimento, em quanto são necessarios para mover a vontate; mas, movida esta, deve parar o discurso, e aproveitar a moção com a pratica dos affectos, a que elle mover: porque se só obrar o entendimento em discursos, e nada a vontade em affectos, não passa de especulação; e o merecimento só está na praxe, que só se dá nos actos da vontade: por isso diz o illuminado Gerson: *Não he aquelle tempo de estudo, mas de oração.* (*Theol. Myst. c.* 27.) Donde o principal em que deve cuidar quem medita, he em mover a vontade a querer a virtude, e aborrecer o vicio; a amar a Deos, e ao proximo, e aborrecer-se a si; e a mortificar-se em suas payxões, e appetites, athé conseguir victoria de si mesmo.

124 Por isso se devem evitar largos discursos, e muito mais agudos pensamentos, e subtilezas, que mais são para as escholas, do que para o humilde trato com Deos, diante do qual toda a sabedoria da terra he hũa manifesta

ta ignorancia. (*Corint.* 3.) E quanto mais rudes, e simplez nos conhecermos diante do Deos das sciencias, mais seremos admittidos ao seu trato; porque com os simplez he que gosta de fallar, e tratar. (*Prov.* 3.) E discorrer altamente, sem mover a vontade aos seus actos, he fallar a creatura com sigo, e não orar; porque a verdadeira oração he fallar, e tratar com Deos, o que só se faz com os affectos da vontade; porque he manifestar-lhe os seus desejos. S. Pedro de Alcantara nos diz a este respeito quanto se póde desejar. „ Seja o segundo aviso, „ (diz elle) que trabalhe o homem por escusar neste ex- „ ercicio a demasiada especulação do entendimento; pro- „ cure tratar este negocio mais com affectos, e sentimen- „ tos da vontade; porque sem dúvida não acertão este ca- „ minho os que de tal maneira se poem na oração a me- „ ditar os mysterios divinos, como se os estudassem pa- „ ra prégar; o que mais he derramar o espirito, do que „ recolhê-lo, e andar mais fóra de si, do que dentro de „ si. Donde nasce que acabada a oração se ficão seccos, e „ sem çuco de devoção, e tão faceis, e ligeiros para „ qualquer liviandade, como estavão antes; porque na „ verdade os taes não tem orado, mas só conversado, e „ estudado, que he hum negocio bem differente da ora- „ ção. (*Da orac. c.* 12.)

125 Na meditação exercita o entendimento dous actos, que são *Conhecimento*, e *Ponderação* do objecto, e destes ambos se compoem o discurso, que deve preceder aos actos da vontade. O conhecimento tambem se chama *Acto Directo*, e a ponderação *Acto Reflexo*; porque o primeiro só se dirige a conhecer o objecto, e as suas circunstancias; e o segundo faz sobre ellas nova reflexão, ponderando as razões, de que elle se reveste, e que pódem mover a vontade. E este segundo he o principal; porque já tem parte de prático, e he o que aperfeiçoa o conhecimento, o qual não passa de especulativo, e apprehensivo, que só investiga as razões, que devem servir para a meditação; porém a ponderação o faz julgando, e pesando essas razões para mover os affectos. Donde pa-

ra que se possa dizer, que o conhecimento move a vontade, he necessario, que cesse de especular mais razões, e fique em descanso communicando á alma a substancia da especulação, para que esta faça o juizo pratico, e a ponderação da noticia, que adquirio pelo conhecimento, e he como hum mastigar, ou pesar as razões propostas, que por isso se chama *Ponderação.*

126 Mas ainda que esta seja perfectiva do conhecimento, não deve a alma ficar só nella; porque então fallaria só com sigo, e não com Deos; mas deve ordenar para Deos o seu conceito, e desejo, e em hum certo descanso offerecer-lhe o seu affecto. Por isso, como fica dito, o conhecimento, e ponderação só por si não são meditação, nem oração, se não quando depois desta ponderação a creatura deixa de fallar comsigo, e falla com Deos, e obra actos da vontade depois dos do entendimento. Aqui lembro o que a cima se disse, (*n.* 110.) que a oração, e por conseguinte a meditação he obra das tres potencias memoria, entendimento, e vontade. Da memoria, conservando, e ministrando a lembrança, e imagens dos objectos, e mysterios, que pódem ser materia da meditação. Do entendimento, discorrendo nelles conhecendo-os, julgando, e ponderando as razões, que pódem mover a vontade. Desta, exercitando-se em affectos conformes ao que lhe propoem o entendimento; e sem isto não ha perfeita oração. O que supposto, parece-me conveniente em beneficio dos principiantes propor aqui hum exemplo pratico do modo de meditar, e de exercitar as potencias, e os actos de conhecimento, ponderação, e affectos, de que a meditação se compoem, a cuja imitação possão os meditativos produzir os seus actos.

127 Supponhamos pois que a materia proposta para a meditação são os açoutes do Senhor. Primeiramente a memoria ministra hũa terna imagem, que em si tem formado daquelle doloroso espectaculo: representa aquelle Senhor nu, atado a hũa columna, como se fora hum famoso ladrão, e malfeitor: offerece aquelle corpo sacrosanto todo despedaçado á força de golpes, sua carne a pedaços

daços pela terra, seus ossos descubertos, seu sangue a correr, e elle desfallecendo em agonias de morte. Em segundo lugar, o entendimento conhecendo primeiro todas estas circustancias dolorosas, e ainda julgando, e discorrendo outras de novo; como que aquelle, que padece, he o mesmo Filho de Deos feito homem, que padece cinco mil açoutes por nosso amor; que as nossas culpas forão a causa de tantos tormentos; que ellas mesmas, ainda mais que os verdugos, o atormentão; e que ainda agora lhe renovão os golpes quando mesmo as commettemos; e outras razões similhantes: passa daqui ao seu segundo acto, que he aponderação dessas razões, e circunstancias, fallando a creatura comsigo: Ah! o mesmo Deos, o mesmo Creador padecendo tanto pela creatura ingrata! Que amor, que bondade, que misericordia! Ah! que estrago fizerão as culpas! Que horrivel cousa he o peccado! Mas nenhuns tanto como os meus affligirão, e maltratárão ao bom Jesus: Os meus peccados ali descarregárão os golpes, despedaçárão as carnes, descobrirão os ossos, derramárão o sangue, e ainda agora o fazem de novo quando me attrevo a commettê-los: e Deos tão bom que ainda me soffre, ainda me espera, ainda me não tem sepultado nos Infernos! E abusarei ainda por mais tempo da sua paciencia? Ainda me não resolverei a amar a quem tanto me ama? Ainda cometterei peccados, que executão tanto estrago no doce Jesus?

128 Depois destes, e outros similhantes actos de reflexão, e ponderação nas razões, e circunstancias propostas, movido já dellas o coração, e a vontade, deixa a creatura de fallar comsigo, e entra a fallar com o Senhor, produzindo estes, ou similhantes affectos: Ah Jesus meu, doce bem da minh' alma, que razões estas para me convencerem inteiramente! Eu sería rebelde, e mais insensivel, e duro que hum penhasco, se me não abrandasse á vista de tanta ternura. Eu me rendo já, Senhor, á força da vossa brandura, e piedade. Ahi mesmo nessa columna, aonde cometti o delicto, vou já buscar o remedio. Minhas culpas fizerão correr esse sangue; mas elle he o

preço da minha liberdade; he a satisfação das minhas culpas; e por isso ainda que tenho a maior parte na tyrannia, com que o derramei, tambem tenho direito ao fructo, para que elle correu. Corra elle sobre meu coração endurecido, e abrande a dureza da minha obstinação, para que não seja mais tyranno, que vos afflija, mas sim filho humilde, que vos console, que vos ame, e estime como a Pay; pois vós como bom Pay tendes tanto amor a este máo filho. Cure a minha dor essas chagas, que vos fez o meu peccado, e curem essas chagas as muitas, que elle tem feito na minh' alma. Perdoai-me, Senhor, por essas chagas, por esse sangue santissimo, que a mim me pesa de haver derramado, e de vos haver offendido.

129 Estes, e outros piedosos affectos deve produzir na vontade a ponderação do objecto meditado, e nelles, mais que nas considerações, se deve deter a alma, como está dito. Mas advirto, que não he preciso que a meditação seja toda sobre hum mesmo ponto; se não, que nelle se detenha o espirito, em quanto achar çuco, e proveito; mas se em hum se vir árido, e que nelle não póde discorrer, mude para outro, ou outros, com tauto que faça diligencia por tirar proveito de todos, exercitando em cada hum os referidos actos das potencias, e produzindo alguns piedosos affectos; e se nada poder discorrer, nem meditar, nem por isso se desconsole, que como faça diligencia, não perderá o tempo, nem o trabalho, que o Senhor lho pagará como bom serviço, e a seu tempo lhe conhecerá o proveito.

130 He quem medita como a abelha, que cuidadosa em solicitar o doce sustento, o busca nas flores do campo: se em hũa acha abundancia, ali se detêm çugando, e gostando athé fartar-se, e não só hũa, mas muitas vezes torna á mesma, em quanto nella acha proveito; mas tanto que ali o não acha, voa a outra, e desta a outra, e a outras, mas sempre de todas tirando o que póde, athé que pouco a pouco, ainda que com mais trabalho, e fadiga, tira de muitas o mesmo proveito, que outras vezes achava em hũa só mais abundante: e quando na fadiga

diga de hum dia inteiro não tenha achado nas flores o ſuſtento, quando ſe recolhe canſada, o acha no favo, e o goſta com deſcanſo, e mais doce, e ſuave do que o acharia nas flores; e vem eſta a ficar de melhor partido, do que as que nellas o achárão, que eſſe lhe ſervio de ſuſtento, e não goſtão do que eſtá recolhido no favo, que he mais puro, e ſuave.

131 Aſſim a alma como abelha argumentoſa, ſe em hum objecto acha baſtante çuco, e ſubſtancia em que occupe o eſpirito, e os affectos, aqui ſe detenha, daqui não ſaya, ali ſe ſuſtente, e goſte aquella ſuavidade, e doçura, e repita hũa, e muitas vezes a meditação ſobre a meſma materia: mas tanto que em hũa ſe vir ſécca, tire della o fructo, que poder, e paſſe a outra, e a outras, tirando ſempre affecto de todas, athe ſaciar o eſpirito. E ſe depois de gaſtar o tempo neſta fadiga ſe achar a alma faminta, e lhe parecer que nada tem conſeguido, ſaiba que não perdeu o tempo, nem o trabalho; recolha-ſe ao interior do ſeu conhecimento proprio, e o Senhor a ſuſtentará da abundancia de ſua caſa, e ficará mais farta, e com mais proveitoſo ſuſtento, do que podia achar por ſua diligencia; que o Senhor ſó quer de nós o trabalho, e a diligencia, e ſempre paga, e paga bem, ainda que trabalhemos ſem fructo, como não ſeja por culpa da noſſa negligencia.

132 Os ſervos, que pertendem tirar ouro para ſeu ſenhor, por muito tempo cavão na terra ſem fructo, nem deſcobrirem a mina, e nem por iſſo deixão de ſervir ao Senhor, e elle de ſe dar por ſervido, e de os ſuſtentar com a meſma abundancia, e regalo, com que ſuſtenta os que em outra parte já deſcobrírão a mina, e tirão ouro; porque ſuppoſto aquelles ainda o não tirem, tirão a terra, que empede chegar-ſe a mina; e talvez que aqui ponha o Senhor os ſervos mais fortes, e lhes dê maior alimento, porque he maior o trabalho. Cave pois a alma na terra do ſeu nada, trabalhe que trabalha, para o Senhor, e ſe não tirar affectos fervoroſos, tirará os do proprio conhecimento, e humildade. Cave, e tire fora a terra

ra do amor proprio, e das payxões terrenas, que empedem chegar á mina do fino ouro do amor de Deos; e bom serviço he este para o mesmo Senhor, que nelle a poz, e a quer, e não deixará por isso de a sustentar com as mesmas, ou talvez mais abundantes graças, do que concede a outras almas, que gozão do descanso da suave contemplação. S. Theresa nos dá celestial doutrina a este respeito. (*Vida c.* 11.)

133 Por isso ainda que se veja sem çuco, e fervor, não deixe por isso a oração; (senão for por dar algum desafogo á natureza, e tomar alento para tornar de novo a ella) nem lhe pareça que não faz ali nada; porque quando não tire outro lucro, sempre tira o da obediencia, (se ella o determina) e o de estar na presença de Deos, e não he pequena mercê, que o Senhor ahi a admitta; que os privados do Rey tem por honra o fazer-lhe sála, ainda que por então lhes não falle, nem mostre algum final de agrado; que como os admitta a palacio, já se dá por servido, e elles o servem em estar ali, ainda que não fação outra cousa. Deixe-se a creatura ali estar a esperar o que Senhor quer della, e esteja por seu amor, e pela obediencia guardando aquelle lugar, e se lhe parecer que está como cepo, ou pedra, não se desanime, que tambem as pedras, e cepos, tem prestimo na casa de Deos; esteja ali humilhada, e abatida, que quando não faça outra cousa, muito faz em fazer o que Deos quer, que he que por então esteja assim. Ouça o que diz S. João Climaco: „ Com tanto que perseveres na oração, não te „ atrevas a dizer que nada tens aproveitado, pois já „ tens aproveitado bastante. Que cousa mais sublime pó„ de haver, do que estar ali junto do Senhor, e perse„ verar no lugar da oração com elle? (*Scal. Par. gr.* 28.)

134 Trabalhe pois a alma, como digo, meditando em hum objecto, ou muitos, quando hum só não bastar, ou as diversas circunstancias, que nelle descobrir; como por exemplo: se no passo do Horto não bastar para a mover a agonia, com que o Senhor está orando, passe a considerá-lo suando sangue; daqui áquella mortal tristeza, que

que padece; desta á visita dos Discipulos, ao osculo de Judas, á prizão, quedas, e máos tratamentos. Ou passe da oração do Horto aos açoutes, destes á coroação de espinhos, ao *Ecce Homo*, e assim aos mais, meditando em hum depois de outro, tirándo de todos affectos proporcionados; e eisaqui exercita boa meditação, como ensina S. Theresa. (*Mor. 6. c. 7.*) Porém deve esta meditação imaginária exercitar-se com suavidade, e moderação, e não com demasiada fadiga; porque cansará a imaginação, e fará mal á saude; assim como o vinho que moderado faz bem, e demasiado he nocivo. Mas não deve tambem a creatura deixar-se vencer da tibieza, sem se fazer violencia, que muitas vezes a causa de se achar distrahida he por não se querer violentar, como adverte S. Theresa: „ Há pessoas mal soffridas, e amigas de não se dar pe„ na, que como não tem costume de recolher-se, (isto „ he, recolher o pensamento ao principio) e por não „ cansar-se, dizem que não podem mais, nem sabem. (*Cam. de perf. c. 24.*)

135 Mas se trabalhando, e feitas as diligencias moderadas, não poder a creatura meditar, nem recolher-se, nem por isso se desanime; que muitas vezes permitte Deos as seccuras, e escuridades, porque quer provar a constancia, e affecto da creatura, e experimentar se na oração busca o proprio proveito, e conveniencia levada do gosto, e consolação sensivel, que nella experimentava, ou só com o sincero desejo de fazer a vontade do Senhor: porque se só este a levar á oração despida do proprio querer, estará satisfeita com o que Deos quer; e ainda que não faça nada, faz muito em fazer o nada, que Deos quer, que só então quer que ella não faça nada; e se ella então quizer trabalhar, perderá tudo, e desgostará ao Senhor. Ha creados, que sem fazer nada, servêm a seus senhores, porque só os querem para estar ali; e se algum então se occupasse em outro serviço, ainda que fosse do mesmo senhor, iria contra a sua vontade, e o desgostaria; porque não era aquillo o que então queria delle, se não que estivesse ali esperando o que delle dispu-

dispunha. Faça assim a alma, quando Deos a não quer occupada; esteja ali esperando o que o Senhor lhe ordena, mas sempre tendo-lhe inclinação, e affecto, e estando por amor delle.

136 E quando não souber orar de outra sórte, saiba pedir, que isto he linguagem, que a mesma necessidade ensina: e se pedir bem, e com instancia, conhecendo-se pobre, e necessitada., e que o Senhor he rico, e liberal, não he necessario que faça mais nada, para fazer boa oração; nem se lhe dê de parecer, e ser importuna diante de Deos, que elle não se infada com isso como os homens; antes gosta de nos ver pedir muitas vezes: e algũas differe o despachar as nossas supplicas pelo gosto, que tem de nos ver pedir: e na parabola do que não se querendo levantar da cama para empreſtar tres paẽs ao seu vezinho, se levantou, e lhe deu ainda mais do que pedia, porque elle instou, repetio a supplica, e se fez importuno, (*Luc.* 11.) nos ensinou o Mestre Divino, que a repetição, e instancia das nossas rogativas vencerá todos os obstaculos da sua liberalidade. O mesmo ensinou quando se queixou a seus Discipulos, que por não pedirem, tinhão represados os thesouros da sua grandeza, e os mandou que pedissem; porque tudo lhes seria concedido (*Joann.* 16.)

137 He admiravel a doutrina do V. Padre Segneri varão bem experimentado não so na meditação discursiva, mas tambem na pratica d'alta contemplação. „ E pelo que „ amim me toca, (diz elle) estou resolvido com a divi„ na graça a rogar, pedir, supplicar, e exclamar conti„ nuamente athé que me tenha por importuno. E nem „ por isso me espanta o ser pobre, miseravel, e despi„ do de todos os merecimentos; porque a minha per„ tensão he pedir como mendigo esmola a quem he mui„ to rico, liberal, e grande esmoler; e no pobre não se „ attende ao merecimento, senão á necessidade (*Vida.* §.52.)

138 A materia da meditação não deve ser sempre a mesma, nem o tempo; mas deve ser diversa segundo a diversidade do estado, em que a creatura se achar. Os princi-

principiantes na purgação activa devem meditar nos novissimos, na graveza, e horror do peccado, na eternidade, nas miserias, e brevidade da vida, e em outras materias, que movão á dor, e emenda das culpas: na illuminação activa meditarão na vida de Jesus Christo, de Maria SS., e dos Santos; nos beneficios de Deos, e outras materias, que infundão amor ás virtudes: na união activa devem meditar na grandeza da Divindade, na bondade de Deos, e mais attributos, no Mysterio da Trindade, e nas mais verdades reveladas, e tudo o mais que attrahir o coração ao amor de Deos. A vida, e payxão de Jesus Christo he materia para a meditação em todos os estados. Nos estados passivos cõmummente deve a alma meditar na materia da illuminação, ou união activa; e algũas vezes será conveniente que recorde a da purgação activa, para se não esquecer do que he, e do que foi. O tempo, segundo os estados, será regulado a juizo do prudente Director, como em seus respectivos lugares se dirá.

139 Ultimamente advirto, que a meditação não he mais que hum caminho, ou diligencia para se achar a verdade; mas achada ella, não se deve mais procurar, senão gozar-se a creatura com a mesma verdade, que achou: assim como quem busca o que ha de comer, que tanto que o acha, cessa de o buscar, e se senta descansado a gostar do fructo da sua diligencia. E como o gozo da verdade achada, e conhecida he verdadeiramente contemplação, como se verá no capitulo seguinte, segue-se que a meditação não he mais que hũa via para a contemplação, ou hum meio de a conseguir, e por conseguinte que a contemplação he o termo, e fim da meditação. Pelo que deve a creatura fazer muito por acabar a meditação com hum, ou muitos actos de contemplação, ou alternar os de hũa com os de outra, athé adquirir habito de contemplar, que he a que a meditação se encaminha, e a que a alma deve aspirar pelo exercicio da meditação, da qual diz S. João da Cruz, que a contemplação he o seu espirito. (*Subida l. 2. c. 14.*) Isto se entenderá melhor do que se diz no capitulo seguinte, e do que mais adiante se dirá.

140 Este modo de converter a meditação em contemplação activa ensina S. Theresa, (*Vida c.*13.) dizendo, que he boa oração meditar a Christo em algum passo da Payxão; discorrer hum pouco, e considerar as penas, que ali soffreu, quem, por quem, e com que amor as soffreu: mas que se não canse a alma sempre em andar abuscar isto, se não que esteja ali com elle calado, e quieto o entendimento; e que se poder o occupe em considerar que o Senhor a vê; e o acompanhe, e lhe peça; se humilhe, e regale com elle, e se lembre que não merecia estar ali. O qual modo de orar he contemplação activa, que diz a mesma S. faz muitos proveitos. E para quando a creatura não poder recolher-se em meditação, ou contemplação, ouça o que o Senhor disse á mesma S. Madre (*Vida c.* 40.) que quando não podesse ter recolhimento, se não fatigasse; que nesta vida não podiamos estar sempre em ser; que hũas vezes teria fervor, outras estaria sem elle; hũas com desasossego, outras com paz, e tentações; mas que esperasse nelle, e não temesse.

CAPITULO V.

Da Contemplação.

141 JÁ dissemos com S. João da Cruz, que a *Contemplação* he o espirito, e substancia da meditação, o termo e fim, a que esta se ordena: e a razão he, porque a meditação he hum exercicio do discurso, em que labora o entendimento, investigando a verdade com o desejo de a achar, para descançar no gôzo della; e este descanso, ou gozo na verdade conhecida, he verdadeiramente que se chama contemplação. Como se a hum lhe mostrassem hũa imagem mui formosa, que primeiro attende, e considéra por partes as suas perfeições, a proporção, e harmonia de todas entre si, e por isto conhece que verdadeiramente he admiravel esta imagem; athe-qui corresponde á meditação. Mas depois sem mais discorrer por partes, senão com hũa attenção fixa, sim-

ſimplez, e em geral admirado, e como fóra de ſi contempla a excellencia daquella imagem goſtoſo, e ſuſpenſo com a muita perfeição, que nella aſſim ao todo conhece; eſte acto ſimplez, e fixo he que conreſponde á contemplação.

142 Eſte pois he o modo de contemplar as verdades reveladas, que pinta a Fé, aindaque em ſombras. Lembra-ſe a creatura, por exemplo, do Naſcimento de Deos Menino; conhece primeiro com o diſcurſo a ſumma bondade daquelle Deos em ſe fazer homem, e naſcer para noſſo remedio; a pobreza, e humildade, em que naſce; o amor, com que nos vem buſcar, e attrahir com ternuras, e agrados de Menino; a Gloria, que lhe cantão os Anjos; a aſſiſtencia, que lhe fazem todos os Corteſãos celeſtiaes; e elle como he todo formoſo, amavel, e deſejavel. Athe-qui não paſſa de meditar diſcorrendo nas circunſtancias, que lhe podem dar a conhecer eſte terniſſimo Myſterio: mas conhecido mais, ou menos conforme as razões, que deſpertão o conhecimento, admirada de tanta bondade, abatimento, e amor, deixa os diſcurſos, e ſe ſuſpende como abſorta, conhecendo com hum acto ſimplez, fixo, e como em geral a excellencia, e ternura deſte ſagrado Myſterio, e gozando-ſe ao meſmo tempo de que o Senhor ſeja tão bom, tão miſericordioſo, e affavel, amando-o por iſſo meſmo que pelas caricias, e ternuras de Menino attrahe o noſſo amor, e he digno de que todas as creaturas o amem; eiſaqui o que ſe chama, e he contemplação, que neceſſariamente diz hum ſimplez acto do entendimento ſem diſcurſo, mas junto com o da vontade, e ambas as potencias ſuſpenſas, e admiradas, ao modo de quem com os olhos do corpo eſtá fixamente ſem peſtenejar, olhando para hũa couſa que admira.

143 He pois a contemplação chriſtã (que he a de que ſó aqui ſe trata) hum ſimplez, e fixo intuito de algũa verdade catholica com admiração, e gozo. E ainda que pareça que neſte modo de explicar ſe não inclue a contemplação purgativa; não he aſſim, porque aindaque nella não haja gozo, e admiração ſenſivel, Deos o communi-

ca insensivel, e espiritualmente á alma, em cujo centro habita, e quer que por então hum, e outro lhe seja occulto, assim como a sua mesma presença; porque não he aquelle tempo de gozar, mas só de padecer. Divide-se a contemplação christã em *Adquirida*, e *Infusa*: outros dizem em *Activa*, e *Passiva*, o que vem a ser o mesmo; porque toda a contemplação adquirida he activa, e toda a infusa he passiva. A activa, ou adquirida he aquella, que temos quando queremos, e quando gostamos de applicar-nos a ella, e nos valemos da nossa propria industria para exercita-la; concorrendo, ou suppondo-se sempre a Fé, e com os auxilios da graça: por isso alguns dizem, que esta contemplação tem parte de adquirida, parte de infusa, porque suppõe o habito da Fé, que he infuso; mas não he neste sentido que se chama infusa a contemplação, como logo diremos. Que se dê a dita contemplação adquirita, he sentença quasi commua dos Mysticos, e della usão mais frequentemente os Santos, e contemplativos, porque a infusa não está na nossa mão, senaõ na de Deos, quando elle misericordiosamente a quer dar.

144 A contemplação infusa, ou passiva he quando Deos por si só a infunde sobrenaturalmente, sem que nós da nossa parte concorramos, senão recebendo o principio effectivo della, o qual Deos em nós produz, e o applica ao acto de contemplar, e por isso se chama passiva, ou infusa; pois nem para a producção, nem para a applicação do dito principio effectivo conduz a nossa industria, habilidade, ou natural querer, ou não querer; senão que só pende da vontade Divina, que graciosamente nos eleva sobre o nosso modo quando, e como quer, e para o gráo, e modo, que he servido. Mas he de advertir, que a contemplação não se chama infusa, porque seja infuso o mesmo acto de contemplar; pois isto he impossivel; porque o dito acto, e operação he vital, que procede de potencia vital, qual he o nosso entendimento, ainda que a qualidade, ou habito, mediante o qual obra, seja sobrenatural, e infuso: e o mesmo se diz dos actos da von-

vontade, como he o amor ſobrenatural, que procede da caridade, que tambem são vitaes: e aſſim eſtes actos, e operações as ha de produzir o homem, como cauſa principal, aindaque mediante a virtude, ou habito ſobrenatural, que ſe lhe infundio. Chama-ſe pois infuſa, não porque Deos infunda o acto; que então ſeria acto de Deos, e não noſſo; mas porque Deos independente do noſſo querer, ou não querer, ſenão ſó porque elle quer, infunde a virtude, ou qualidade ſobrenatural, e a applica paraque o homem com ella produza a contemplação. Deſta contemplação infuſa, e dos ſeus diverſos gráos, e tambem dos da adquirida trataremos mais largamente nos ſeus reſpectivos lugares; por hora baſte o dito para ſe ſaber que couſa he hũa, e outra, e como ſe produzem os ſeus actos.

CAPITULO VI.

Da Acção de Graças, Offerecimento, e Petição.

145 PÕem-ſe em ultimo lugar eſtas tres partes da oração, porque ordinariamente ſe conclue por ellas; mas não porque não poſsão os ſeus actos exercitar-ſe no meio, ou no principio della; antes na meditação fervoroſa regularmente todos ſe praticão, e he bem que aſſim ſeja; porque movida a creatura ou pelo que deve a Deos, ou pelo conhecimento da ſua grandeza, e da propria miſeria, e neceſſidade, he natural que rompa em actos de louvor; que em agradecimento aos ſeus beneficios ſe offereça rendida á ſua divina vontade; e que lhe peça as graças, e auxilios, que vê lhe são neceſſarios para o ſervir, e amar, e não o tornar a offender. Tambem os meſmos ſe pódem logo exercitar ao principio, e de facto na preparação ſe pede a Deos graça, e ao Eſpirito Santo luz para fazer a oração com fructo, e agrado do meſmo Senhor: e ſe então logo a creatura ſe vir penetrada do conhecimento da ſumma bondade, e dos beneficios, que deve ao Creador, não he bem que

paſſe

passe mais adiante sem intentar hum agradecimento fiel; rendendo-lhe as graças devidas, e offerecendo-se a hũa correspondencia possivel.

146 A *Acção de Graças* consiste em actos de agradecimento a Deos pelos beneficios recebidos, não só os que na oração tem meditado, e o Senhor ahi lhe tem concedido, se não por todos os que em todo o tempo, e a toda a creatura tem feito; e ainda pelos males, com que nos tem castigado; porque sempre por sua misericordia os ordena para nosso maior bem; pois castigando sára, e mortificando vivifica. E aindaque delle não tivessemos recebido, nem podessemos receber bens, ou males, sempre lhe erão devidas as graças, e louvores pelo seu mesmo ser infinito, pela sua grandesa, e Magestade, e porque só por ser elle quem he, he infinitamente amavel, e digno de todo o louvor, gloria, e honra. Por isso nao deve a creatura contentar-se com as graças, e louvores, que pódem sahir da sua balbuciente lingua, e do seu pequeno, e tibio coração; mas deve discorrer por essas moradas celestes, supplicar aos seus Cortesãos, á Mãy das misericordias, e a todos os Espiritos ditosos, que em seu lugar louvem aquelle ser increado, aquella bondade infinita; descer á terra, convidar todas as creaturas do universo para os louvores do seu Creador.

147 O *Offerecimento* pouco differe da acção de graças, porque he hum acto de agradecimento, e correspondencia, com que a creatura intenta em parte retribuir a Deos algum obsequio pelos beneficios recebidos da sua divina mão; e como he pobre, e não tem nada que dar, offerece a Deos o mesmo, que elle lhe deu, e que he seu, e só seu; e he tal a bondade do amantissimo Deos, que aceita de nós com satisfação, e agrado o mesmo que nos deu; que para isso no-lo deu, paraque tornando nós a offerecer-lho ficasse elle satisfeito, e nós desempenhados; mas por isso quanto mais desempenhados mais devedores, porque lhe ficamos devendo o mesmo, com que pagamos: tanto quer o Senhor de nós a nossa correspondencia, que antes nos quer dar o cabedal,

dal, com que lhe paguemos a divida, do que que deixemos de nos moſtrar agradecidos.

148 Deve pois a creatura offerecer a Deos a ſua meſma bondade, a ſua mageſtade, e grandeza, o ſeu ſer immutavel, as ſuas perfeições, e attributos, o ſangue, e merecimentos de Chriſtó, de Maria SS. e de todos os juſtos, e Santos. Deve offerecer-ſe a ſi meſma aſſim vil, e inutil como he; que aſſim a quer o Senhor, porque não deixa de ſer imagem ſua, e que elle muito eſtima, aindaque tão desfigurada pela culpa, tão diſſimilhante daquelle divino original. Offereça-lhe o ſeu coração com todos os ſeus affectos, o corpo com todos os ſeus ſentidos, a alma com todas as ſuas potencias, principalmente a vontade rendida, e ſogeita á do Senhor, com vivos proteſtos de o amar, de emendar a vida, de cumprir ſua ſanta Ley, e preceitos, e em particular de ſe vencer na payxão, que mais o domina, que he aquella, em que ſe vê mais tentada, e em que mais defeitos comette; e de adquirir a virtude, de que mais neceſſita, que he a contraria a eſſa payxão dominante. Eſtes proteſtos, e reſolução efficaz são o fructo da oração, que a creatura deve tirar neſte lugar; e ainda que já o tenha proteſtado nos affectos, que na meditação produzia, ſempre aqui deve renovar os proteſtos, como em lugar proprio do agradecimento.

149 A *Petição* pode-ſe dizer que he a principal parte da oração, ou que he toda ella; porque por ella principia, nella continúa, e com ella ſe finalíza: e tambem porque he certo, que quem bem pede, bem ora, pois pedir, e orar he tudo o meſmo. Para ſerem ouvidas, e attendidas as noſſas petições diante de Deos, hão de ter cinco condições, que apontão os Myſticos, e conſtão da Sagrada Eſcriptura. A primeira he que ſe peça com fé, e firme confiança de que o Senhor, como he tão bom, tão liberal, e noſſo amigo nos concederá de boa vontade o que pedirmos, ſendo conveniente, que por iſſo nos manda muitas vezes pedir, e ſe queixa de nós por não pedirmos. A ſegunda he, que ſe peça com perſeverança;

por-

porque muitas vezes differe Deos o deſpacho pelo goſto de nos ver pedir, ou por experimentar a noſſa conſtancia, e ſe confiamos nelle deveras, ou por outros fins, que elle ſabe. A terceira he q̃ o que ſe pede ſeja conveniente á noſſa ſalvação; porque eſte he o fim paraque Deos nos creou, e paraque devemos terminar todas as noſſas diligencias, e deſejos, e tudo o que não conduz a eſte fim, he contrario a Deos, e ao noſſo bem, por iſſo o não concede o Senhor; e ſe algũa vez o permitte, he em caſtigo do noſſo amor proprio, e falta de reſignação na ſua Divina vontade.

150 Que eſta he a quarta condição, que peçamos com conformidade, e ſogeição na vontade do Senhor; pois o contrario ſeria injuria, que a creatura lhe fazia, pedirlhe o que lhe foſſe contrario, e deſagradavel á ſua viſta. A quinta he que ſe peça ao Eterno Padre, ou a Chriſto em nome do meſmo Chriſto; iſto he pelos ſeus infinitos merecimentos; pois elle he o principio, e origem de todo o noſſo bem, e o noſſo medianeiro, e advogado junto do Pay. Tambem deve a petição ſer humilde, devota, e com confiança nos merecimentos de Chriſto, de Maria SS. e dos Santos; e na bondade, miſericordia, e liberalidade do meſmo Deos. Com eſtas condições ſe deve pedir a Deos graça, auxilios, e miſericordia, perdão dos peccados para nós, e para todas as creaturas: remedio para todas as neceſſidades eſpirituaes, e temporaes, proprias, e alheias, e das almas do Purgatorio: e particularmente ſe deve pedir graça ao Senhor para adquirir o fructo, que ſe proteſtou tirar da Oração, para ſe vencer na payxão dominante, e adquirir a virtude contraria: deve-ſe rogar a Deos pelo augmento da Fé, conversão dos peccadores; pela paz da Igreja, e dos reynos; pelos Reys, Pontifice, e eſtado Eccleſiaſtico, e Secular, e ſeus miniſtros. Veja-ſe o que a reſpeito da petição diſſemos acima (*n.* 136. *e ſeg.*)

TRA-

TRATADO TERCEIRO

DO ESTADO DE PRINCIPIANTES, OU VIA PURgativa, e ſeus exercicios.

CAPITULO I.

Em que conſiſta o eſtado de Principiantes.

151 O *Eſtado de Principiantes* chama-ſe tambem *Via Purgativa*, não porque nelle ſe fação todas as purgações da alma, mas porque eſta nelle ſe purifica activamente deſarreigando os vicios, e máos coſtumes; refreando ſuas payxões, e appetites; reformando os ſiniſtros affectos; guardando os ſentidos, e o coração de defeitos; e evitando todo o genero de culpas, e peccados. A meſma razão eſtá dit ando quepor eſta diligencia de limpar a alma de culpas, e máos habitos principie a vida do eſpirito: pois aſſim como para ſe plantarem as flores ſe diſpõe primeiro a terra cavando-a, arrancando-lhe as hervas agreſtes, e raizes nocivas, que poſsão ſuffocar, ou não deixar naſcer as flores, aſſim para ſe plantarem, ou ſemèarem na alma as flores das virtudes, deve ella primeiro ſer lavrada com o arado da mortificação, e penitencia; cortadas as hervas dos vicios, e arrancadas as raizes dos máos habitos, que nella profundárão as culpas.

152 Não he porem ſó o cuidado de purgar a alma dos máos habitos, o que deve occupar a diligencia dos principiantes; pois aſſim como o jardineiro depois de diſpôr a terra, em hũa parte ſemea, em outra planta as flores, em outra as rega, e ſempre em toda a parte, e a todo o tempo não ceſſa na diligencia de as purgar, e limpar das hervas nocivas, que, ou vão naſcendo de novo, ou brotando de algũas raizes, que ainda eſcaparão da primeira cultura da terra; aſſim a creatura depois de diſpor a terra da ſua alma com a diligencia de hũa doloroſa confiſsão, deve logo ir ſemeando, e plantando as

virtudes, regando-as com lagrimas de dor verdadeira, e nunca ceſſando de as ir purgando das culpas, que, ou vai comettendo de novo, ou vão reſurgindo de algum habito, que ainda ſe não tirou de raiz: ou para melhor dizer, o meſmo he lançar fóra da alma os máos habitos, e vicios, que ir adquirindo as virtudes a elles oppoſtas; pois aſſim como para diſſipar as trevas he neceſſaria a luz; o frio ſó com o calor ſe deſterra, aſſim o peccado ſó com a graça, os vicios ſó com as virtudes ſe apartão; pois hum contrario ſó com outro contrario ſe vence; e como os máos habitos ſe adquirirão por actos vicioſos, ſó ſe podem deitar fóra por habitos bons, e virtuoſos, que ſe adquirão por actos de virtudes oppoſtas aos vicios, que gerarão os habitos máos.

153 E como hum dos vicios, e o mais pernicioſo erro, em que a alma vivia, era em ſeguir os dictames da ſua propria vontade, oppondo-ſe, e encontrando a de Deos, quando corria ſem reparo atraz dos deſejos de ſeu coração; ſolicitando a ſatisfação dos ſeus goſtos, ſem conſultar o divino beneplacito; attribuindo á ſua propria diligencia as proſperidades da fortuna, e perturbando-ſe com impaciencia nas fatalidades adverſas, ſem attribuir hũas, e outras ás ſabias diſpoſições da providencia, e decretos do Creador; tambem he certo, que para extirpar eſte vicio deve logo ao principio oppor-ſe-lhe com a virtude contraria, qual he a união da ſua vontade com a de Deos, a conformidade, e deixação do ſeu querer nas diſpoſições Divinas, attribuindo a eſtas todos os ſucceſſos proſperos, ou adverſos.

154 Donde ſe vê claramente que ao eſtado de principiantes, ou via purgativa pertence não ſó a purgação activa, mas tambem a illuminação activa, que conſiſte em hũa cuidadoſa diligencia por adquirir as virtudes, e conhecer mais a Deos, e as ſuas perfeições para o amar, e os beneficios, que lhe devemos, para lhos agradecer; e pertence tambem a união activa, que conſiſte, como diſſemos, na união da noſſa vontade com a de Deos, na conformidade com as ſuas diſpoſições, e na paz inalteravel

ravel do coração, não o entregando excessivamente aos contentamentos nas prosperidades, nem se perturbando nas adversidades, que lhe advenhão, attribuindo tudo á sua Divina providencia, e dando-lhe louvores por tudo. Donde fica claro o que acima dissemos (*n.* 89.) que a illuminação, e união activas, ao menos em gráos remissos, pertencem ao estado de principiantes; pois he certo que todas as tres vias nelle se praticão ao mesmo tempo, quanto ao activo, ou se seguem hũa depois de outra imediatamente por sua ordem.

CAPITULO II.

Do composto Humano, e do seu modo de obrar, e da moralidade dos seus actos.

155 COmo em nós há hũas obras, que procedem naturalmente do corpo, sem conhecimento d'alma, outras, que esta obra independente do corpo, outras, paraque hum e outro concorrem juntamente; julguei conveniente dar aqui hũa breve noticia da constituição, harmonia, disposição, e ordem das partes do humano composto, e das obras que delle procedem natural, ou livremente, quanto baste para o presente assumpto; para que melhor se possa conhecer aonde há, ou não peccado, ou malicia, e que movimentos se devem mortificar, ou cohibir.

156 He pois o homem hum artefacto de Deos formado por suas divinas mãos, e mesmo á sua imagem, e similhança. As partes fisicas deste admiravel composto são *Corpo*, e *Alma* unidos intimamente por decreto do mesmo Deos, e só pelo mesmo separaveis na morte. O corpo foi formado pelo Creador do Universo de hũa materia tão vil como o lodo, para que se não desvaneceſſe o homem, antes se humilhasse á vista do seu humilde, e corruptivel principio. A alma he creada pelo Soberano Author, e infundida no corpo tanto que elle está organizado no ventre materno, e apto com a disposição das

partes para ser por ella informado. He hũa substancia espiritual destinada por Deos para hum fim sobrenatural, e eterno, e por isso tambem eterna na duração, immortal, e incorruptivel por decreto do mesmo Creador. O fim para que Deos a cria, e destina, he para ser feliz, e bemaventurada, e gozar da vista do mesmo Deos por perpetuas eternidades, por meio das obras do seu serviço, e amor, em que ella se deve occupar todo o tempo, que viver unida ao corpo, pena de se trocar a eterna felicidade em eterna desgraça.

157 Esta alma he hũa perfeita imagem, e similhança de Deos, não só em ser espiritual, e incorruptivel, mas tambem em ser hũa só essencia, e substancia com tres distintas potencias, assim como Deos he hũa essencia, e natureza em tres pessoas distintas. As tres potencias da alma são *Memoria*, *Entendimento*, e *Vontade*. O ministerio da memoria he conservar, e recordar de novo as imagens dos objectos passados, que lhe tem sido recomendadas, e por isso reside no cerebro. O entendimento tambem reside no mesmo cerebro, e he seu officio entender, julgar, discorrer a respeito dos objectos, que a memoria lhe propõe, discernir nelles o bem, e o mal, o conveniente, e desconveniente tanto na ordem da natureza, como da graça, e assim os presentar á vontade, paraque ella á vista das ponderadas circunstancias escolha o que lhe he conveniente, e aborreça, e repudie o que assim não he. A vontade reside no coração, donde sahem os bons, e máos desejos, e he seu officio como dissemos, escolher, amar, e desejar o bem, e repudiar, aborrecer, e fugir o mal, que lhe foi proposto pelo entendimento; e aindaque ás vezes escolha, e ame o que he máo, não o quer assim como máo, mas só por alguma bondade, que nelle acha, ou seja verdadeira, ou apparente, como adiante diremos. A alma como he espiritual, e indivisivel, informa todo o corpo, extensa nelle indivisivelmente toda em todo elle, e toda em qualquer parte, ao modo que hum Anjo enche hum espaço extenso.

158 Paraque estas duas partes alma, e corpo, ainda

que

que entre si tão diversas, fizessem hum só composto humano, as unio Deos entre si com hum vinculo, que só a morte póde dissolver, o qual consiste em hum decreto de que a alma, aindaque tem suas particulares operações, não podesse obrar senão dependente do corpo, e este della. E assim aindaque o corpo tem suas particulares faculdades, como são os sentidos de *Ver*, *Ouvir*, *Cheirar*, *Gostar*, e *Palpar*, e as potencias de fallar, rir, mover-se, nutrir, respirar, circulação do sangue, e outras, que na razão do corpo podia exercitar independente de ter a alma racional, como vemos nos brutos, e ainda tendo-a, algũas dellas exercita sem conhecimento, nem concurso particular della; e aindaque tambem a alma separada do corpo possa exercitar os actos da memoria, entendimento, e vontade; e ainda unida a elle tenha seus actos immanentes, e espirituaes das mesmas potencias sem particular recurso ao corpo, sempre se verifica a mutua dependencia pela união, sem a qual nem hum, nem outro podem produzir os seus actos.

159 Destas duas partes fisicas corpo, e alma unidas resultão outras duas metafisicas, que metafisicamente constituem a *Natureza Humana*, as quaes são *Animal*, ou *Sensitivo*, e o *Racional*, ou *Espiritual*. Destas duas partes unidas, ou desta natureza he que procedem as boas, ou más inclinações, e segundo estas he que a creatura se diz ser de bom, ou máo genio, ou natural, ou natureza que he o mesmo. O animal, ou sensitivo, que aqui significão o mesmo, se attribue ao corpo; e o racional, ou razão, ou espiritual, que tambem são o mesmo, se attribue á alma. Pelo sensitivo não differe o homem dos brutos, e tem as mesmas inclinações, e appetites, que por isso se chamão brutaes, e são os primeiros movimentos das payxões. Pelo racional se constitue na razão de homem, e differe dos brutos em ter conhecimento, e saber discernir entre o bem, e o mal, e ter liberdade para escolher o que quizer.

160 Este sensitivo, e racional no homem he que se chamão duas partes, ou duas porções d' alma, ou da von-

vontade; a sensitiva chama-se parte, ou vontade inferior; a racional chama-se parte, ou vontade superior. Na inferior, ou sensitiva nunca póde haver malicia, ou peccado, se a superior não abraça, e consente os seus insultos; pois, como dissemos, nesta he que está a liberdade, e a razão do bem, e do mal; e pelo sensitivo não differe o homem dos brutos, os quaes como não obrão com liberdade, tambem não pódem obrar com malicia. Esta parte inferior he a que se chama *Appetite*, ou *Concupiscencia da carne*, ou *Fomes peccati*, ou della resulta, a qual sempre inclina para o que he deleitavel, ou conveniente á natureza, seja, ou não seja segundo a graça, ou razão, porque não he da sua parte o discerni-lo.

161 Se não fora o peccado dos nossos primeiros Pays, seria esta natureza, ou sensitivo tão conforme, e ordenado com o espirito, ou razão, que nem a insultaria com violencia para o mal, nem a ella lhe custaria trabalho o traze-lo em ordem, e rectidão; porque perseveraria o homem na innocencia, e justiça original, e nas virtudes, e dons sobrenaturaes, e habitos naturaes inteiros, e perfeitos, com que Deos o creou: em castigo porem do peccado ficou o sensitivo, ou appetite tão rebelde, tão renitente para o bem, e tão inclinado para o mal desde a mesma adolescencia, que se fez por isso a vida do homem hũa continua milicia sobre a terra, em que a victoria custa grande trabalho ao espirito, e he necessario que este esteja sempre posto em armas contra a carne, que deseja contra o espirito, não só pela rebelião, que ella lhe tem pelo peccado, mas tambem porque por elle ficou o mesmo espirito fraco, debilitado, e desordenado nas potencias; pois o entendimento, em que está a prudencia para o conhecimento, ficou cheio de ignorancia; a vontade, em que está a justiça para obrar bem, ficou cheia de malicia; a irascivel, em que está a fortaleza para conseguir o bem difficultoso, ficou fraca; a concupiscivel, em que está a temperança para moderar o deleitavel segundo a razão, ficou cheia de concupiscencía desordenada. E aindaque Christo curou estas feridas, foi em

em quanto a dar-nos maiores forças para o vencimento das payxões, mas não em quanto á sua guerra; por isso quer diligencia da nossa parte para as vencermos.

162 Porém aindaque este appetite he rebelde, e repugna obedecer á razão, sempre com tudo lhe he sugeito, e ella o domina, e póde subjugar, aindaque com custo, e força; e nunca elle póde prevalecer contra ella, se ella livremente se lhe não quizer sugeitar, e ceder nelle o seu dominio; e esta sugeição do appetite, e superioridade da razão, ou espirito sobre elle he que se chama *Livre Arbitrio*, ou *Liberdade* de eleger o bem, ou o mal, qual delles quizer. Isto que se chama *Appetite*, ou *Concupiscencia da carne*, ou *Genio*, ou *Natureza*, ou *Natural*, que tudo aqui he o mesmo, he em hũas creaturas mais activo, e mais inclinado para o mal, e para a satisfação do que appetece, do que em outras, ou por maior força, e tentação do demonio, que tem jurisdição de exaltar o appetite inferior do homem, ou porque a creatura com a repetição dos actos de satisfação do appetite tem augmentado o habito vicioso; mas o mais ordinario he proceder a diversidade de genios, e inclinações da diversidade de humores, que superabundão no corpo humano.

163 Para o que he de saber, que o corpo humano consta de quatro principaes humores, que lhe servem como de base, e fundamento da vida, os quaes são *Sangue*, *Colera*, *Fleuma*, e *Melancolia*. Quanto mais estes humores são entre si uniformes, e proporcionados em quantidade, e qualidades, tanto a creatura he mais bem ordenada na disposição do corpo, e nas inclinações do genio, e esta harmonia dos humores he que se chama *Temperamento*, que sendo sem excesso em algum delles, se chama temperamento *ad pondus*: mas este raras vezes se achará em algum corpo; porque o ordinario he prevalecer na creatura notavelmente algum, ou alguns dos ditos humores, e daqui procede ter o genio mais propenso para as inclinações, que procedem dos que superabundão em quantidade, ou qualidades; segundo as quaes

se

se diz a creatura ser do genio, ou do temperamento colerico, ou fleumatico, ou sanguineo &c.

164 Assim os que são demasiadamente sanguineos, são mais venereos, e luxuriosos; os colericos são iracundos, odiosos, e vingativos; os fleumaticos são propensos para os regalos, jogos, e ociosidades; os melancolicos para as tristezas, desesperações, desconfianças da salvação, e escrupulos sem fundamento. Mas como já disse, estes movimentos não são, nem pódem ser peccado em quanto a vontade superior, ou racional os não abraçar livremente: antes quanto maior for o incentivo delles para o mal, tanto maior será a coroa, e o merecimento da victoria: o que servirá de consolação aos escrupulosos, que cuidão que já peccão quando sentem os estimulos das payxões; e devem advertir que as tentações não são peccado, em quanto se lhes não dá consentimento deliberado; e que hũa cousa he sentir, outra consentir, e que nunca peccão quando sentem, senão quando consentem a tentação.

165 Procedem pois deste modo as nossas operações, para serem peccaminosas, ou meritorias. A vontade racional reside no governo do homem como absoluta senhora das suas acçoes livres, e moraes; pois só ella he potencia livre para obrar, ou não obrar; ou para obrar antes isto, do que aquillo; e por isso só nella, ou nos seus actos póde haver bondade, ou malicia; e os das outras potencias, (que todas obrão naturalmente) tanto espirituaes como corporeas, ou sensitivas nunca podem ser bons, ou máos, senão quando procedem do imperio da vontade, a qual póde mandar, por exemplo, ao entendimento que considére no objecto torpe para se deleitar, ou aparte delle a idéa para mortificação; aos olhos que se detenhão na vista do objecto concupiscivel, ou se abstenhão della; (e assim nas mais potencias, e sentidos) e neste caso o primeiro he que se chama peccado de pensamento, ou vista lasciva, cujo peccado sempre se consuma na vontade; e o segundo he que se chama acto virtuoso de mortificação, que tambem se attribue a vontade.

166 He

166 He porém a vontade hũa potencia cega, ainda que ſenhora, que não vê as circunſtancias, bondade, ou malicia dos objectos, para ſe deliberar, ſem que lhe ſejão propoſtas pelo entendimento, que he como guia, ou director, que lhe moſtra o bem, e o mal, que nelles conhece, tanto na ordem moral, como no que tem de deleitavel, ou ingrato á natureza; e á viſta deſtas propoſtas circunſtancias he, que a vontade elege a parte, que julga mais conveniente, e boa á natureza, ou ao eſpirito. Donde ſe vê, que ainda quando a vontade abraça, e conſente no mal, nunca o quer como mal, ſenão como bem em algũa razão, e de algũa ſorte conveniente; aſſim quando, por exemplo, conſente na torpeza, preſcinde de que ſeja ou não peccado, e ſó a abraça como deleitavel á natureza; mas ſempre certa de que incorre no mal da culpa, a qual ella ſó de ſecundario conſente, em quanto ſem ella não póde conſeguir o deleite, e por iſſo ſempre lhe he voluntario o peccado.

167 O qual peccado neſta, e nas mais materias prohibidas tanto he mais grave, quanto a tentação he menor; e pelo contrario quanto a tentação he mais vehemente, tanto diminue na culpa, ou no ſeu voluntario; porque a força da concupiſcencia cega em parte a razão, e não lhe deixa moſtrar á vontade toda a malicia do acto. Por iſſo muitas vezes alguns actos, cuja materia he prohibida, pódem não ſer culpa, e a não são quando falta a advertencia, e conhecimento da malicia; mas eſtes tambem não são actos da vontade na razão da malicia, porque não são livres pela falta do conhecimento della; aſſim póde ſucceder que hum homem mate a outro com hum movimento repentino, e violento da ira, e não peque; porque a violencia da payxão o não deixou advertir no mal da culpa. Por iſſo são de mais facil perdão os peccados de fragilidade, que são os que procedem por força do appetite, do que os de malicia, que são os que mais ſe fazem por fazer o mal, do que por força da tentação.

168 Mas ſim como a vontade não póde abraçar, ou repu-

repudiar couſa algũa, ſem que lhe ſeja propoſta pelo entendimento, aſſim eſte nada lhe póde propor, ſem que primeiro paſſe por algum dos ſentidos externos, ou internos. Para o que he de ſaber que álem dos cinco ſentidos externos, que acima diſſemos, há em nós outros internos materiaes, com que os externos ſe communicão, os quaes ainda que alguns Authores aſſignárão mais, todos ſe pódem reduzir a hum ſó, e chamar-ſe *Fantaſia*, ou *Imaginativa*, ou *Sentido Commum*, o qual reſide no cerebro, e ſe chama aſſim, porque a elle levão, e nelle formão todos os ſentidos externos as imagens, ou repreſentações dos ſeus reſpectivos objectos,e o fazem como officina, ou ſentido commum de todo o ſenſivel.Aqui he aonde ſe conſuma a concupiſcencia, ou appetite, e daqui naſcem os inſultos das payxões; porque as imagens, que ahi ſe imprimem, fazem exaltar os eſpiritos animaes, que ahi concorrem, e eſtes fazem commover os humores correſpondentes á payxão, que ſe excita, donde ſe ſegue o deſejo ſenſitivo deſta para a ſua ſatisfação.

169 Eſta imaginativa, ou fantaſia, ou os ſeus actos ſuccede ſerem em algũas creaturas tão activos, e produzir ideas, e imaginações tanto ao vivo, principalmente em peſſoas melancolicas, que lhes parece realidade o que não paſſa de imaginação, e neſtas ſe verifica o Aphoriſmo: *A imaginação faz a cauſa.* Aſſim tem ſuccedido q̃ algũas peſſoas concebêrão na imaginação que eſtavão doentes,q̃ tinhão dores, e ainda que eſtavão proximas á morte, e ſó por iſto, ſem aſſim ſer na realidade, adoecerem deveras, terem dores, e irem agonizando athé eſpirarem. Outras certificarem que viã, ouvião, ou ſentião o q̃ na realidade não era mais que imaginado; não de outro modo ſenão como quem ſonha; pois não são os ſonhos outra couſa mais que obra da fantaſia, ou imaginação: e aſſim como os ſonhos, tem ás vezes produzido effeitos eſtranhos como levantar-ſe a creatura da cama, veſtir-ſe, hir a hũa, e outra parte, e ſempre dormindo; e outras vezes tem cauſado doenças, dores, e talvez mortes, não he muito que a meſma apprehensão nos imaginativos produza os meſmos, e outros effei-

feitos; pelo que se póde dizer, que os taes sonhão ainda estando acordados, porque imaginão como dormindo.

170 E he a causa porque assim como nos que dormem por isso obra assim a imaginação, porque estando com o somno ligados os sentidos externos, e as potencias espirituaes, e só livre a fantasia, para por ella discorrerem os espiritos animaes, tem ella todo o dominio, e liberdade para as suas ideas materiaes sem o embaraço dos sentidos, ou potencias; assim nos imaginativos, como a imaginação he mui viva, e por isso mais efficaz do que os sentidos externos, e ainda do que o seu mesmo entendimento, e memoria, tem mais dominio nos seus actos, do que as ditas potencias, e sentidos, que á sua vista estão como entorpecidos, ou adormecidos, e por isso são mais perceptiveis as suas idéas do que os actos dos sentidos, e potencias. O que devem advertir muito os Directores, para saberem como se haõ de haver com as taes pessoas, que são martyrio dos confessores, e sem os quererem enganar lhes dizem (e ás vezes o affirmão com tal certeza, que se attrevião a jurá-lo) que vêm, ouvem, ou sentem o que na realidade não passa de imaginação: achaque, que tem pouco remedio; e se algum se lhe acha, he fazer-lhes apprehender outra idéa mais viva contrária á que tem na imaginação.

171 Eisaqui pois a ordem, e harmonia com que obrão as nossas potencias. Os objectos imprimem suas imagens, ou representações nos sentidos externos: destes por ductos nervosos, mediantes os espiritos animaes, passão as ditas imagens a formar-se no sentido interno material, que dissemos se chama fantasia, ou imaginativa, ou sentido commum, e reside no cerebro, donde tem principio os nervos, que dali se encaminhão a todas as partes do corpo. Esta impressão de imagens he a que commove os espiritos animaes, e exalta o appetite para as payxões conformes ás mesmas imagens; e quanto para o seu complemento não necessita que o entendimento perceba, porque são na ordem do sensitivo. Para que o entendimento perceba estas imagens, q̃ como são materiaes, não as

póde receber em si, tendo-as presentes na imaginação; que está junto delle, fórma em si, e copía (como destro pintor) imagens espirituaes em tudo similhantes a ellas. Por estas, que em si fórma o entendimento, e se chamão *Idéas*, ou *Primeiras Apprehensões*, conhece o entendimento os objectos, e á sua vista julga, e discorre á cerca delles, e das circunstancias, que tem de bem, e de mal na ordem da graça, e as de conveniencia, e desconveniencia na ordem da natureza, e todas estas com as mesmas imagens propõe, e declara á vontade, que athéli não sabe o que passa na casa do interior, que ella domina, e á vista destas circunstancias ella abraça o bem da graça, ou a conveniencia da natureza, ou foge, e aborce o mal proposto como contrario á graça, ou como desconveniente á natureza, e então he que dá a moralidade ao acto, segundo a qual elle he virtuoso, ou vicioso.

172 Advirto porém que para que a imaginativa proponha ao entendimento as imagens dos objectos, não he necessario que sempre lhas ministrem de novo os sentidos externos, mas basta que já estes em outras occasiões as tenhão nella imprimido, as quaes ella conserva em si, como sello em cera, cuja conservação se chama *Memoria Material*, porque as recorda de novo quando nellas incorrem os espiritos animaes do mesmo modo que quando se imprimírão, e basta que ella de novo as proponha ao entendimento, para que este com a memoria espiritual se lembre de novo dellas, e forme novos actos sobre os objectos, que ellas representão pelo modo dito.

CAPITULO III.

Das payxões do Appetite sensitivo, que se hão de purgar.

173 AQuelle *Appetite sensitivo, ou concupiscencia* de que fallamos no capitulo precedente, tem em si diversos movimentos segundo a diversidade dos objectos, que o commovem; e como estes se reduzem a duas classes, húa dos que attrahem, outra dos que retra-

hem

hem o meſmo appetite, tambem os movimentos deſte para com elles são huns de proſecução, outros de aversão; e por conſeguinte contrarios huns aos outros. Todos os objectos do appetite lhos propoem a imaginação debaixo das idéas de bem ſenſivel, e conveniente, ou de mal deſconveniente á natureza; e como eſta conveniencia, e deſconveniencia do bem, e do mal ainda ſe propoem de dous modos, que são, o primeiro, o bem propoſto como deleitavel, e o mal como ingrato á natureza: o ſegundo o bem como difficultoſo de conſeguir, e o mal como arduo de ſe evitar, por iſſo, ainda que o appetite ſenſitivo he hum ſó, tem duas denominações pelo reſpeito a eſtes dous modos, com que ſe lhe propoem o bem, e o mal: o do primeiro chama-ſe *Concupiſcivel*, e o do ſegundo *Iraſcivel*.

174 Os movimentos deſtes appetites chamão-ſe *Payxões*, porque o ſugeito as padece, ou recebe em ſi; iſto he; não obra activamente para ellas, nem com ellas, mas ellas he que obrão nelle os movimentos, ou inclinações naturaes, e elle ſe há paſſivamente nellas; por iſſo não ſe chamão propriamente payxões os actos da vontade, porque neſtes obra ella activamente, e a creatura com ella. Eſtas payxões são onze, ſeis das quaes pertencem ao concupiſcivel, e cinco ao iraſcivel. As do concupiſcivel são *Amor*, e *Odio*; *Deſejo*, e *Fúga*: *Gôzo*, ou *Deleite*, e *Triſteza*: trez das quaes, que são amor, deſejo, e gôzo, ou deleite inclinão para appetecer o bem, que he deleitavel, e conveniente á natureza; e as outras trez, que são odio contrario ao amor, fuga contraria ao deſejo, e triſteza contraria ao gôzo inclinão para aborrecer, e ter aversão ao mal, que he ingrato, e deſconveniente á meſma natureza. As do iraſcivel são *Eſperança*, e *Deſeſperação*: *Audacia*, e *Temor*: e *Ira*: Das quaes a eſperança inclina para a confiança de alcançar o bem difficultoſo, e a deſeſparação ſua contraria inclina para a deſconfiança de alcançar o bem aſſim meſmo difficultoſo. A audacia dá animo para evitar o mal arduo, e o temor ſeu contrario deſanima para o evitar. A ira incita para vingar o mal da injúria, a qual não tem contrária, porque o ſeu contrário he ſó negativo,

vo, que he não se irar; e como todas as mais tem contrária, por isso são seis as payxões do concupiscivel, e só cinco as do irascivel. Estas payxões então são voluntarias quando ou são imperadas pela vontade, ou ella as abraça, e não prohibe; e se se confórmão com a recta razão, são boas; se senão confórmão com ella, são más.

175 O amor sensitivo he hũa affeição, com que o appetite se inclina com hũa certa união para algum objecto por causa da sua bondade, e differe do amor racional, porque este he acto da vontade, que suppoem juizo, eleição, e estimação da cousa amada, o que não tem o sensivel. Este he de dous modos, hum de *Amicicia*, ôutro de *Concupiscencia*, ou *Conveniencia*. O primeiro he com que se ama a outro por amor delle só, como o vassallo, que ama ao Rey, porque he seu Rey: o segundo he com que se ama a outro por amor de algũa conveniencia, como o vassallo, que ama ao Rey por amor da mercê, que espera. Os quaes se pódem dar juntos, quando a amizade he util, e deleitavel, mas o verdadeiro amor he quando se ama o deleitavel, prescindindo do util; pois quando eu amo por conveniencia, mais me amo a mim, do que a quem amo. As causas do amor são cinco: a primeira he a bondade do objecto: a segunda a sua formosura: a terceira o conhecimento do objecto amavel: a quarta a similhança: a quinta o amor com que o amante se vê amado; por isso se diz; *Ama, se queres ser amado.*

176 Os principaes effeitos do amor são tambem cinco: o primeiro he a mutua união dos amantes, de sórte que hum do outro se não possão separar, pelo que diz S. Paulo: *Vivo eu, já não eu; mas vive em mim Jesus Christo.* O segundo he transformar os amantes de sórte que hum seja o outro; por isso diz S. Agostinho: *Se amas a terra, es terra.* O terceiro he extasis, ou excesso, com que o amante como que sáe fóra de si, para tender para o amado. O quarto he zelo, com que o amante teme, e sente algũa cousa, que lhe possa impedir o gozar do amado. O quinto he causar doença no corpo; porque com a vehemencia do amor sensitivo se defecão os espiritos animaes

nimaes pelo nimio calor, e desordenão o cerebro do proprio, e regular temperamento; por isso se diz que os amantes se fazem amentes. A estes effeitos se reduzem outros, como a contínua presença, ou lembrança do amado; a liquefacção, ou ferida do amor; gozo, desasossego, e fervor. O que se tem dito do amor sensitivo, se verifica á proporção do espiritual.

177 O odio contrario ao amor he hũa aversão ao mal, que se concebe como tal; e he de dous modos; hum de de *Abominação* opposta ao amor da concupiscencia, e he quando aborrecemos o mal, que conhecemos nos he desconveninte; outro de *Inimizade*, opposto ao amor de amicicia, e he quando aborrecemos o mal, como mal; prescindindo de que nos seja, ou não desconvenientte. O desejo he com que se appetece o bem ausente. A fuga opposta ao desejo he com que repugnamos o mal ausente. O gozo, ou deleitação he com que nos gozamos do bem presente, e possuido. A tristeza opposta ao gozo he com que sentimos o mal presente verdadeiro, ou imaginado. A tristeza divide-se em *Misericordia*, que he dor, ou sentimento do mal alheio reputado como proprio; em *Penitencia*, que he dor do mal proprio; em *Inveja*, que he sentimento pelo bem alheio reputado como mal proprio; em *Nemésis*, que he sentimento pelo bem alheio reputando a quem o possúe indigno delle; em *Zello*, que he sentimento do bem alheio em quanto falta ao que o zéla; em *Angustia*, que he sentimento, que aggrava o animo sem refrigerio, nem esperança delle; e em *Acédia*, ou *Torpôr*, que he angustia tão vehemente, que athé priva dos sentidos; principalmente da voz, e entorpéce os membros.

178 A esperança sensitiva he a confiança de alcançar o bem ausente, e possivel, mas difficultoso; funda-se no desejo, e accrescenta sobre elle hũa magnanimidade contra as difficuldades, que impedem o bem esperádo. A desesperação opposta á esperança he a desconfiança de escapar do mal ausente concebido como impossivel de evitar. A audacia he o o animo, com que nos oppomos a hum

hum mal terrivel, e imminente, que concebemos possivel de vencer, ainda que com grande difficuldade. O temor he o receio do mal imminente, que com difficuldade se póde evitar; mas, se não ha algũa esperança de o vencer, o temor passa a desesperação. São seis as especies do temor; quaes são a *Cobardia*, que he quando algum foge de obrar por temer o trabalho, que jnlga maior do que as forças; a *Erubescencia*, que he quando se teme algũa fealdade no acto, que se ha de fazer; a *Vergonha*, que he quando a fealdade está no acto já feito; a *Admiração*, que he quando se teme algum mal, e não se sabe como se ha de evitar; o *Estupôr*, que he quando se teme algum mal grande, e desacostumado; e a *Agonia*, que he quando se teme algum mal repentino, e improviso, que se não póde remediar.

179 A ira chama-se assim do verbo *Ir*, porque pela ira sahimos de nós, e quando ella cessa tornamos em nós; e he payxão com que nos appetecemos vingar do mal, que nos fazem. O fervor do sangue á roda do coração, e a exaltação da colera são os que exaltão, e commovem a ira. O odio he peior do que a ira; mas a ira muitas vezes cresce em odio, e faz de hum argueiro hũa trave. O odio deseja mal a outro simplezmente; mas a ira deseja-lhe esse mal como vingança. Ha tres especies de ira, que são *Fel*, *Mania*, e *Furor*: o fel he quando a ira dura pouco tempo; a mania he quando dura muito; e o furor he quando o irado não descansa em quanto se não vinga. Tudo o que fica dito das payxões do appetite sensitivo, se deve applicar ás do appetite racional, que são as mesmas no numero, e no nome, como excitadas pelas sensitivas, espiritualizadas pelas racionaes, que as dominão pelo livre arbitrio da vontade; e na pugna de hũas com as outras está a concupiscencia da carne contra o espirito.

CA-

CAPITULO IV.

Do modo de purgar os appetites, payxões, e ſentidos externos, e internos.

180 DEve advertir a creatura, que emprehende o caminho da perfeição, que ſae a campo contra hum exercito de inimigos todos crueis, e furioſos, que intentão embaraçar-lhe o paſſo, e por iſſo ſe deve armar da fortaleza da fé, e da confiança de que tem a Deos da ſua parte, e que ſe quizer póde vencer todo o inferno: mas deve ſaber que ſem trabalho não ha premio, ſem contenda não ha victoria, e ſem força, e violencia não ha Ceo: e aſſim não deve fraquear, nem ceſſar da contenda; porque como os inimigos não ceſsão, o meſmo ſerá ceſſar a alma que ſer delles vencida: por iſſo ſe diz que no caminho da virtude não há parar, porque quem não vai por diante torna a tras. Anime-ſe pois a alma com a eſperança do premio, com o temor do caſtigo, e com a certeza de que he breve o prazo da vida preſente, e o da futura eterno, e que eternamente, ou há de viver deſcanſada pelos trabalhos da vida, ou em trabalhos eternos pelo ocioſo deſcanſo, e logo lhe pareceráõ pigmêos os inimigos, que ao principio ſe lhe pintavão gigantes; e ſuaves os trabalhos, que ſe lhe repreſentavão cuſtoſos.

181 São os inimigos *Mundo*, *Diabo*, *e Carne*, que mutuamente ſe ajudão, e conſpirão para a noſſa ruina; mas mais ferozes ſáem de tropel contra as pobres almas, que ſe lhes declarão inimigas, e começão a declinar os ſeus enganos pelos acertados caminhos do eſpirito; porque o mundo as inſulta com damnadas murmurações, e lhes poem diante os feios monſtros do pejo, e do *Que diráõ*; e as ataca com perſeguições tão crueis, que a não ſerem ellas bem animoſas, a poucos paſſos deſiſtem do ſeu acertado projecto, e ſe tornão ao partido do mundo, que as vexa. O diabo ajudado do mundo, e da carne, e ajudan-

dando-os a elles, sópra ao vento das tentações, para derrubar os Cedros do Libano; incita os mundanos contra os espirituaes, commove os humores do corpo, exalta os appetites da carne, e molesta com suggestões importunas. Mas a carne he que he o mais forte, e o mais prejudicial inimigo, e o que dá mais trabalho para o vencimento, e muitas vezes nos sugeita lastimosamente vencidos: porque como vive com nosco, e nos persegue disfarçado com capa de amigo, fere mais a seu salvo, e só a poder de força, e vigilancia, e muitas vezes de fugida se vence; que este he hum inimigo, que he valentia fugir-lhe, e he ás vezes fraqueza o não o temer. A este não lhe são necessarias armas alheas, porque lhe sobejão as suas para si, e para ministrar aos outros.

182 As principaes são os sentidos externos, he a imaginação, e as payxões dos appetites, principalmente a propria vontade, ou amor proprio contra as quaes se deve armar o Soldado de Jesus Christo com as contrarias, que as possão embotar, e vencer. Eu lhe vou a mostrar hũas, e outras, e o seu modo de pelejar. O sentido da vista he o primeiro, e o mais perfeito dos externos, mas tambem he o primeiro, e o mais pernicioso ao espirito, se se não guarda pela modestia; porque, o que o olho não vê, não o deseja o coração, e por estas janellas entra a morte, como succedeu a Eva, a David, e outros muitos. Por isso o espiritual deve apartar os seus olhos para não verem a vaidade; e por isso o S. Job dizia, que tinha feito concerto com os seus olhos para não ter cogitações perigosas. O ouvido se deve refrear para não ouvir palavras ociosas, lascivas, ou de murmuração; para não se demorar na attenção de praticas superfluas, principalmente de pessoas de outro sexo, ainda que não sejão illicitas; e tambem para não se entregar muito a novidades, e noticias estranhas, que enchem a idea de variedade de especies, que arrastão para si o discurso, e o conhecimento, que a creatura devia occupar no de si mesma, e no de Deos, e das verdades eternas, e noticias do Reyno Celeste.

183 O olfato se deve reprimir em não solicitar cheiros suaves por deleitação, e regalo, que he ociosidade viciosa, e dá larga á delicadeza do corpo para repudiar as asperezas da penitencia. O gosto não mortificado foi a origem da ruina do Universo; todos sentimos ainda agora os seus tristes effeitos, e o experimentárão Adam, Eva, Loth, Esaú, os Filhos de Helí, o Golotão do Euangelho, e o conheceráõ a seu pesar os golosos, e regalados do mundo, que tem por seu deos ao seu ventre, e será o seu fim desgraçado. Por isso o deve cohibir o servo de Deos, primeiro não buscando comeres delicados, mas ordinarios, e grosseiros; segundo não comendo athé fartar ainda destes: terceiro comendo não por appetite, e regalo, mas por satisfazer á natureza com escassêz, e regra prudente; e algũas vezes dissaboreando o alimento com algũa mistura insípida; ou escolhendo o menos gostoso. O tacto he o sentido, que maior guerra nos faz, não só porque divága por todos, pois todos são hũa certa especie de tacto, mas tambem porque está extenso por todo o corpo, e o conturba com qualquer contacto de outro sexo, e provoca a lascivia; por isso se deve mortificar, não só privando-o de todo o incentivo perigoso, mas tambem com alguns instrumentos afflictivos, como cilicios, disciplinas, aspereza de vestidos, e de cama, jejuns, abstinencias, e outras mortificações, e asperezas reguladas pela obediencia prudente.

184 A imaginação tem muita culpa nos insultos do appetite, porque se ella lhe não ministrara as ideas, e representações dos objectos, não os appetecia elle com tanto ardor, e violencia: por isso deve ser acautelado o servo de Deos em não dar entrada na imaginaçaã a ideas, e imagens perigosas, e sacudir della com presteza as que ahi se introduzirem furtivamente, nem lhes dar tempo, nem lugar para que nella se imprimão com viveza, e tenacidade, e o melhor meio de evitar na imaginação estas vans occupações he occupá-la no emprego de cogitações proveitosas, e ideas santas, como a de Deos, de Christo, da Payxão, dos Santos, e outras similhantes. As onze payxões

xões do appetite todas tem seus contrarios, ou remedios para se vencerem, principalmente as virtudes, de que em seu lugar trataremos: aqui basta dizer-se, que todas as ditas payxõens se devem moderar, e trazer á recta razão; mas principalmente se deve fortalecer o espiritual contra aquella, que em si vê mais forte, e vehemente, e que mais guerra lhe faz, e mais que todas o incita para o mal, a qual se chama *Payxão dominante*, porque tem maior dominio no sensitivo, do que as mais.

185 Esta payxão dominante he em cada hum conforme ao genio, ou natural, que nelle predomina, ou conforme ao habito vicioso, e máo costume, que com máos actos tem adquirido. Em huns he a ira, em outros a ambiçaõ, em outros a lascivia, e outras em outros. Contra ella se deve armar o Soldado do Senhor com tal capricho, e valentia, que não descanse em quanto a não tiver vencido de todo; e de tal sórte se ha de occupar nesta guerra, como se só este inimigo tivesse que vencer; porque vencido este maior, e mais forte, facilmente se vencem os outros, que á sua vista são fracos: não cuide porém, que ha de vencer, e domar as payxões de tal sórte, que totalmente se veja livre dos seus insultos; porque estes são os monstros, que perseguem os Filhos de Israel no caminho da terra da promissão; são os Filistheos que nunca cessão de os inquietar; e sem tentação nao se vive; porque na enfermidade se aperfeiçoa a virtude, e na guerra se conhece o valor, e se merece o premio.

186 Outros inimigos bem prejudicaes ao espirito são o *Amor Proprio*, e *Propria vontade*, que ainda que parecem ser hũa mesma cousa, differem com tudo entre si em que o amor proprio he o que nos incita a solicitar, e desejar a estimação de nós mesmos, a contradizer tudo o que a encontra, e a sentir-nos de que nos faltem a ella: tal he o desejo das honras, dos cargos, dos louvores, das destinções, e o sentimento pelos vituperios, pelos despresos, e por não conseguir-mos a estimação desejada: porém a vontade propria he hũa certa tenacidade,

de, e apego ao noſſo proprio querer, e parecer ſem reſignação, nem conformidade com a vontade de Deos, e da obediencia; he querer cada hum fazer o que lhe pede o ſeu genio, e inclinação, ſeja, ou não vontade de Deos, porque por fazer o ſeu goſto, e a ſua vontade atropela a Deos, aos ſeus preceitos, aos da obediencia, e a tudo; porque quer que tudo queira o que elle quer, ſenão não tem paz comſigo, nem com os mais.

187 He muito neceſſario ao Servo de Deos, como diſſemos da payxão dominante, trabalhar animoſo por arrancar de ſi eſta propria vontade, è amor proprio, que são o fomento da da ſoberba, da vaidade, da depravação, e da rebelião contra os dictames da razão, e da Ley ſanta. O modo de vencer o amor proprio he converte-lo em proprio conhecimento, lembrar-ſe do ſeu vil principio, e fim corruptivel, conhecer-ſe indigno de eſtimações, ſó merecedor de deſpreſos, goſtar com elles, e ainda ſolicitá-los, e faze-los a ſi meſmo quando não ouver quem lhos faça. O modo de vencer a propria vontade he ſogeitá-la com promptidão, ainda que lhe cuſte, á vontade do Creador, á dos ſeus ſuperiores, e Director, e tambem á meſma razão; e ainda muitas vezes ſolicitar o contrario do que inſpira a meſma propria vontade; ceder da ſua teima, e tenacidade; ſogeitar-ſe ao parecer, e dictame de peſſoas cordatas, e de conſelho, e ainda a o dos meſmos inferiores; deſconfiando ſempre de ſi, que a meſma propria vontade lhe offuſcará a razão, e lhe fará parecer que a tem ſem a ter.

CAPITULO V.

Do modo de purgar os peccados actuaes, e habituaes, e da guarda do coração.

188 SE os juſtos cahem ſete vezes no dia, quantas cahiráõ os principiantes ainda pouco robuſtos na virtude? Por iſſo depois de ſe terem purgado dos peccados paſſados por meio de hũa ſincéra, e doloroſa confiſsão

fissão de todos elles, com hũa firme resolução de emenda, de os purgar com penitencias, e de fazer vida justificada, deve sempre viver com cautela o novo convertido para não cometter mais os mortaes, e evitar os veniaes quanto lhe for possivel; porque ainda que estes por si não fazem perder a graça de Deos, vão dispondo muito para isso, esfriando a caridade, debilitando a alma, e desmerecendo as graças; para que quando acõmette a tentação esteja a alma fraca, e consinta facilmente; por isso a espoſa queria caçadas as raposinhas pequenas, que lhe destruião as vinhas. Deve tambem cuidar em desarreigar os máos habitos, que pelos vicios adquirio; para o que he de saber, que habito vicioso he hũa inclinação má, que se tem adquirido pelos muitos actos máos, que se tem repetido em algum vicio, o qual habito tanto he maior, e mais custoso de vencer, e lançar fóra, quanto mais foi o tempo, e os actos, com que se tem profundado na natureza; e assim como foi adquirido por actos, he nessario que por actos contrarios se vença, e lance fóra: estes actos hão de ser da virtude contraria ao vicio, que o gerou, os quaes fação adquirir habito da mesma virtude, que vença o seu contrario: Por isso para vencer o habito vicioso, que se adquirio por muitos actos, não bastão poucos da virtude sua contraria, se não que he necessario fazer tantos virtuosos, ou mais do que forão os máos, ou ao menos que sejão mais intensos, e mais frequentes.

189 O modo de destruir os habitos viciosos he o mesmo, que fica dito da payxão dominante; não emprehendendo destrui-los todos de repente; porque como nestes principios não está ainda a alma bem fortalecida na virtude, não terá forças, nem poderá pelejar contra tantos: por isso quando Deos quiz que os Israelitas sahissem vencedores daquellas sete nações, que lhes impedião o passo da terra santa significados nos sete vicios capitaes, que impedem o passo da virtude, disse q̃ elle as iria consumindo pouco, a pouco, e por partes, isto he, que lhas ajudaria a vencer por este modo, porque todas juntas não as poderião

rião vencer : *Ipſe conſumet nationes has in conſpectu tuo paulatim, atque per partes. Non poteris eas delere pariter.* (*Deuter.* 7.) Procure pois o principiante vencer pouco a pouco, e por partes os máos habitos começando pelo mais forte, e que mais guerra lhe faz; porque como eſte he o principal, e como capitão dos mais, vencido eſte, ficão desfalecidos os outros, e facilmente ſe vencem. Aſſim ſuccedeu quando David proſtrou o gigante, e Judith degolou a Holofernes, que vendo-ſe os exercitos ſem aquelles fortes, em que firmavão as eſperanças para o vencimento, logo fugirão aſſombrados. E para que ſaiba cada hum ſe tem, ou não vicios, que vencer, e ſe os tem já, ou não vencidos depois de ter pelejado com elles, ſerá bom dar aqui hũa breve noticia dos ſete mais principaes, que são como raizes, e cabeças de todos os outros, e por iſſo ſe chamão capitaes, e por elles ſe conheceráõ os mais.

190 São eſtes ſete a *Soberba*, *Avareza*, *Luxuria*, *Ira*, *Gula*, *Inveja*, *Perguiça*. A ſoberba he hum deſordenado deſejo da propria exaltação, e hum julgar-ſe a creatura mais do que he; por iſſo he hum querer, e juizo deſordenado, e alheio da razão, o qual Deos abomina mais que todos; porque ſe oppoem directamente contra o ſer de Deos, que ſó he grande, e eſtimavel ſobre tudo, e contra o da creatura, que he limitada, caduca, e deſpreſivel, como formada de barro; e ſe parece outra couſa, he ſó na apparencia, e não na realidade; e he delirio eſtimar-ſe alguem por parecer o que não he, como ſe hũa figura de comedia ſe julgaſſe rey, porque o repreſenta; e ſe a creatura tem algum bem eſtimavel, he de Deos, que lho deu, e não ſeu; e ainda he maior ſem razão deſvanecer-ſe com iſſo a creatura, quando ſe devia humilhar, porque quanto tem he alheio, e por iſſo mais pobre porque mais devedora, e mais ingrata, ſe não reconhece a divida. A avareza he hum appetite deſordenado de adquirir riquezas, e bens temporaes, e de os conſervar com apego, e ambição, excedendo o modo da razão, querendo ter o ſuperfluo, apropriando-os a ſi, quando to-

todos são de Deos, e não os repartindo com os pobres; como elle quer, e para o que lhos deu.

191 A luxuria he toda a casta de concupiscencia desordenada, e deshonesta em pensamentos, palavras, e obras. A ira he hũa violenta commoção do animo do que se irrita, com a qual em certo modo sae de si, e da razão, e se accende em colera quando lhe succede o contrario ao seu gosto, e vontade. A gula he a desordem em comer, e beber, ou por ser fóra do tempo, e horas costumadas; ou por exceder o necessario, e dar larga ao appetite como os brutos, que comem athé se fartar; ou por comer com ancia, e impeto apressado como os cães; ou procurando de proposito manjares exquisitos, e delicados mais para gosto, e regalo, do que para satisfação da necessidade, o que, segundo os Theologos, não póde deixar de ser culpa, ao menos venial, porque he apartar-se do recto fim, e razão. A inveja he hũa tristeza pelo bem alheio considerado como que diminue a propria excellencia, e estimação do invejoso, o qual não quizera que o invejado o excedesse, nem igualasse.

192 A perguiça he hum tedio, ou fastio ás cousas da virtude; he ter tristeza com as cousas espirituaes, que desmaia, e infunde negligencia, e tibieza para as procurar, e para as deixar, se as praticava; tambem he perguiça o viver ocioso sem empregar o tempo em algum trabalho, ou occupação honesta, que he necessaria para lançar fóra a ociosidade, que he a mãy dos vicios, e madrasta da virtude. Todos estes vicios se purgão por virtudes contrarias, que são *Humildade* contra a soberba; *Liberalidade* contra a avareza; *Castidade* contra a luxuria; *Paciencia* contra a ira; *Temperança* contra a gula; *Diligencia* contra a perguiça, das quaes fallaremos quando tratarmos das mais virtudes. Na mortificação das payxões, e pratica das virtudes he que consiste a *Guarda do coração*, que he hũa vigilancia, e cuidado para o não deixar corromper com affectos sinistros, e para o ir adornando de virtudes, que o façáo agradavel ao Deos, que o pede, e o quer puro, sem mancha, cheio, e não vazio

zio de virtudes, e todo sem repartição, nem reserva de algũa parte delle para o mundo, diabo, ou carne; para o que já se ve he necessaria grande vigilancia, e cautela nas payxões, nos sentidos, e potencias, e nas obras, pensamentos, e palavras, que não sejão taes, que ministrem ao coração algũa impureza, ou iniquidade, que o fação indigno de aceitação do Senhor.

CAPITULO VI.

Da Illuminação activa.

193 COmo o peccado são trevas, que escurecem a luz da razão, e os appetites cegão a mesma razão, e o entendimento para lhe não deixarem ver claramente a gravidade da culpa, e a opposição que faz á bondade do Deos offendido, porque tambem lhe não deixa bem conhecer esta bondade, nem as mais razões, que da nossa parte, e da de Deos nos coarctão á obrigação de o amar; por isso ao passo que a alma se vai purgando das culpas, e desarreigando os habitos viciosos, tambem lhe vão caindo as escamas dos olhos da razão, e vai recebendo luzes para se ir conhecendo a si, e a Deos: em si a sua vileza, e ingratidão; em Deos a sua grandeza, e bondade, a sua misericordia, com que a soffreu, e as mais perfeições, e attributos divinos, que o fazem infinitamente amavel, e á vista dellas vai conhecendo a summa amabilidade de Deos, a gravidade da offensa, e se penetra de dor dos peccados, e de ancioſos desejos de o servir; vão-se-lhe patenteando cada vez mais os beneficios, que tem recebido da liberal mão do Senhor, e as razões de mostrar-se agradecida, e se anima a emprehender hũa correspondencia fiel; e assim se vai a alma illuminando para ver o recto caminho da virtude, e os perigos, que deve evitar. Hũa illuminação se chama activa, porque he obra da creatura com o auxilio da graça, e he a de que tratamos aqui: a outra se chama passiva, porque he luz, que Deos sobre naturalmente concede, da qual trataremos adiante.

194 He pois a *Illuminação Activa* hum conhecimento mais claro, que a creatura vai tendo de si, e de Deos pelo exterminio das trevas dos vicios, e novo oriente das luzes das virtudes. Por este conhecimento suspirava, e fazia diligencia S. Agostinho quando dizia: *Senhor conheça-me eu a mim, e conheça-vos a vós.* Esta he a sciencia das sciencias, que nunca se póde bem comprehender; pois por muito que o homem conheça a sua vileza, e miseria, ainda tem muita mais que conhecer: e por mais que tenha conhecido da grandeza, bondade, e perfeições do Omnipotente, não chegou a conhecer tanto delle, em comparação do que excede, como hũa pequena gotinha a respeito de toda a grandeza do mar. Faz-se pois, como disse, esta illuminação pelo exterminio dos vicios, que são trevas, e pela acquisição das virtudes, que são luzes; e á proporção que a creatura se vai illuminando no conhecimento de si, e de Deos, se vai tambem purgando das maculas, e imperfeições das culpas; e quanto mais estas se purgão, tanto mais a alma se vai illuminando, e profundando naquelles conhecimentos saudaveis; pois como as trevas não podem estar com a luz, nem esta com ellas, ao passo que ellas se retirão, entra a luz; ou por isso se retirão, porque esta entra; e como estas trevas são actos, e habitos viciosos, he certo que a luz, que as ha de desterrar, hão de ser os actos, e habitos das virtudes; e assim quanto mais a alma as vai adquirindo, tanto mais se vai illuminando, e desterrando as culpas: donde se vê o mutuo comercio, e conrespondencia que observão entre si a purgação, e illuminação activas, pois hũa se não póde praticar sem a outra.

195 A vida, payxão, e morte do Salvador he a materia, em que devem meditar os principiantes, que trabalharem por ser illuminados, e a norma que se devem propôr em suas obras; pois como elle he o exemplar das virtudes, e as praticou todas para nosso exemplo, e he o caminho, e porta por onde se entra ao Pay, e ninguem póde ir ao Pay senão por elle, e quem o vê a el-

le

le vê ao Pay, e elle he luz, verdade, e vida, e habita a luz inaceſſivel, he ſem duvida que deſte Meſtre, e neſta Eſchola divina devemos eſtudar as altas ſciencias do eſpirito, e aprender a pratica das virtudes; deſte fogo devemos receber luz, e claridade; a elle nos devemos chegar para ſermos illuminados. Como pois eſta illuminação ſe conſegue por meio das virtudes, como pela fé o conhecimento de Deos, de ſuas perfeições, e attributos, e dos beneficios, que lhe devemos; pela humildade o conhecimento de nós; pela caridade o do horror, graveza, e ingratidão do peccado; pela prudencia o da ſem razão das offenſas, e o da rectidão, com que devemos obrar, e por todas o exterminio dos vicios, que nos conſervão nas trevas da ignorancia, he juſto demos de todas hũa breve noticia, como fazemos no ſeguinte Capitulo.

CAPITULO VII.

Do meio, porque ſe faz a illuminação activa, que ſão as virtudes.

196 A *Virtude* he hum habito bom da alma, que inclina para o bem obrar. Hũas virtudes ſão infuſas, outras adquiridas. As infuſas ſão as que Deos nos produz, ou cria na alma, ſem que nós concorramos para iſſo mais que com algũa diſpoſição, ou remoção de algum impedimento. As adquiridas ſão as que nós conſeguimos com os noſſos actos, e por noſſa propria diligencia, aindaque ſempre com o auxilio da graça cooperante, e coadjuvante, que Deos nos concede como cauſa univerſal, mas não como cauſa proxima, e immediata. Donde ſe vê, que os habitos das virtudes adquiridas havemos de produzi-los nós meſmos com a repetição dos ſeus actos; mas os das virtudes infuſas ſão infundidos por Deos na meſma ſubſtancia da alma, ſem que precedão actos alguns deſſas virtudes: porém ainda que eſtes habitos ſão infundidos por Deos, depois de reſidirem na alma, podemos nós augmenta-los pelos actos

das meſmas virtudes. As virtudes de que aqui tratamos, hũas são *Theologaes*, outras *Moraes*. As Theologaes são a *Fé*, *Eſperança*, e *Caridade*, e ſe chamão aſſim da palavra *Theos*, que quer dizer Deos, porque todas tres attendem immediattamente a elle.

197 As moraes chamaõ-ſe aſſim, porque ſervem para regular os coſtumes, e os dirigem ſegundo a recta razão; e são *Prudencia*, *Juſtiça*, *Fortaleza*, e *Temperança*, que tambem ſe chamão *Cardeaes* de *Cardo*, porque ſobre ellas ſe movem os exercicios, que abrem a porta para a vida do eſpirito, e da perfeição. A prudencia pertence ao entendimento, e he a recta razão de obrar bem: as outras tres pertencem á vontade. As virtudes Theologaes todas tres são habitos ſobrenaturaes infuſos por Deos no Baptiſmo, que nos inclinão, e roborão para o exercicio dos ſeus actos. Com a fé cremos os myſterios revelados: com a eſperança eſperamos gozar de Deos, e dos bens eternos: com a caridade amamos a Deos por amor delle, e ao proximo por amor de Deos. Eſta he a maior das virtudes, mas não a primeira, porque a primeira he a fé, que he a porta, por onde ſe entra ás mais, e ſem fé nem ſe póde agradar a Deos, nem ter outra algũa virtude meritoria: e aindaque alguns infieis fação actos de caridade, e outras virtudes, eſtas não são habitos ſobrenaturaes, ſenão hum natural dictame da razão, que póde proceder da prudencia.

198 As virtudes moraes, ou cardeaes são hũas fontes, donde todas as outras dimanão, e todas a ellas ſe reduzem; e tanto ellas, como as que dellas procedem, são ordinariamente adquiridas, mas póde Deos infundi-las quando, e a quem lhe parecer. A prudencia ainda que reſide no entendimento tambem pertence ás virtudes moraes, porque he a recta razão de obrar bem, que dirige, e governa os actos de todas. Da prudencia dimanão muitas virtudes, que podem chamar-ſe partes della. Hũas são partes integraes, porque aperfeiçoão o entendimento em ordem á prudencia, e são *Memoria*, *Intelligencia*, *Docilidade*, *Solercia*, *Providencia*, *Circunſpecção*, e *Cautela*.

tela. Outras são partes ſubjectivas, porque ella as domida, e dirige, e são a *Monaſtica*, e *Politica*. A monaſtica tambem ſe chama particular, e he a que dá o modo de obrar bem aos particulares, não ſó como taes, mas tambem como membros, ou partes da communidade, ou republica. A politica, ou gubernativa tambem ſe chama commua, porque pertence ao bem commum.

199 Eſta politica ſe ſubdivide em *Economica*, *Legal*, *Civil*, e *Militar*. A economica he a que pertence ao governo de hũa familia. A legal he a que dirige o acerto no eſtabeleſcimento das leys para o bem commum. A civil he a que procura a recta adminiſtração dos povos, e a obſervancia das leys. A militar he a que enſina a ordenar as guerras juſtas, e a diſpoſição dos exercitos. A civil pertence a *Regnativa*, que ſe divide em *Monarchica*, que he quando hum ſó domina, e governa: em *Ariſtocratica*, que he quando o governo do Soberano depende do conſentimento de alguns poucos: e em *Democratica*, que he quando o imperio he de todo o povo. Outras são partes potenciaes, porque são directivas da prudencia em alguns caſos; como he a *Ebulía*, que enſina a conſultar o que ſe ha de obrar: *Synéſis*, que enſina a dar o conſelho recto nas conſultas: *Gnôme*, que enſina a interpretar a vontade do legislador em caſos particulares fóra das leys, e he directiva da *Epichéia*, que he a actual interpretação deſſas leys.

200 A juſtiça he hũa conſtante, e perpetua vontade de dar a cada hum o ſeu direito; e a ella pertence o obrar bem, e evitar o mal, que por iſſo tambem a graça, e rectidão das obras ſe chama juſtiça, e juſtos os que obrão rectamente. Divide-ſe em *Commutativa*, *Diſtributiva*, e *Legal*. A commutativa he de parte para parte, como de hum mercador para outro, porque ſó ſe dá nos contratos. A diſtributiva he do todo para as ſuas partes, como na diſtribuição dos bens communs, dignidades, e empregos da republica pelos cidadãos. A legal he das partes para o ſeu todo, principalmente na obſervancia das leys ſegundo a vontade interpretativa do legislador.

Tam-

Tambem são partes da justiça a *Religião*, *Penitencia*, *Piedade*, *Observancia*, *Agradecimento*, a *Vingança justa*, a *Verdade*, *Amizade*, e *Liberalidade*. A religião he a que dá a Deos o verdadeiro culto com orações, sacrificios, e mais actos devotos, o qual culto se chama *Latría* em differença do que se dá á Mãy de Deos, e se chama *Hyperdulía*, e do que se dá aos Santos, que se chama *Dulía*, e pertencem á virtude da observancia, como logo se dirá.

201 A penitencia he a que offerece a Deos a satisfação das offensas com actos internos de dor, arrependimento, e propositos de emenda, e com os externos de jejuns, abstinencias, vigilias, e macerações da carne; a esta se reduz a *Mortificação* interna, e externa de sentidos, e potencias. A piedade he a que ensina a venerar os pays, a patria, e os parentes. A observancia he a que ensina a guardar o respeito, e a honra devida ás pessoas constituidas em dignidade; e a esta pertence a *Obediencia* para com os superiores; a *Urbanidade* para com os ministros da justiça; a *Hyperdulía* para com a Mãy de Deos; e a *Dulía*, para com os Santos. O agradecimento he o que rende as graças aos bemfeitores pelos beneficios recebidos. A vindicativa ensina a lançar fóra o que he nocivo, e castigar os delictos para emenda. A verdade ensina a não enganar ao proximo. A amizade ensina a tratá-lo com agrado, e benevolencia. A liberalidade ensina a usar bem dos bens temporaes, não os entheſourando com avareza, nem desperdiçando com prodigalidade, que são os dous extremos oppostos á liberalidade, o primeiro por diminuição, o segundo por excesso, mas dispendendo-os comsigo, e com os pobres em hũa mediania racionavel. Á liberalidade se reduz a *Magnificencia*, e *Generosidade*, que tamhem devem ser sem superfluidade para serem virtude. A algũas das ditas virtudes lhes falta a razão de perfeita justiça por falta da igualdade, a que não podem chegar, como era necessario; taes são a religião, penitencia, piedade, hyperdulía, e outras.

202 A fortaleza ensina a reprimir o temor, e moderar

rar a audacia nos perigos, e difficuldades que occorrem. Á fortaleza pertencem a *Magnanimidade*, que inclina a emprehender couſas grandes, e heroicas em todo o genero de virtudes: a *Magnificencia*, que inclina para executar grandes obras: a *Diligencia*, que enſina a vencer a perguiça: a *Devoção*, que enſina a vencer a tibieza nas couſas ſantas: e a *Paciencia*, que he hũa voluntaria, e continuada conſtancia em ſofrer couſas arduas, e difficultoſas ſem perturbação de animo. A eſta pertence a *Longanimidade*, que enſina a ſofrer grandes triſtezas, trabalhos, dores, afflições com animo pacifico, e alegre: a *Reſignação*, e *Conformidade* nos trabalhos, e nas adverſidades da vida: e a *Perſeverança*, que enſina a eſtar firme no bem, e na tolerancia dos trabalhos. A eſta pertence a *Conſtancia*, que enſina a vencer todos os impedimentos exteriores.

203 A temperança he a que enſina a moderar os appetites do corpo á cerca do comer, beber, e luxuria. Á temperança pertencem a *Abſtinencia*, *Sobriedade*, e *Caſtidade*, ou *Pudicicia*, as quaes ſe oppõem á gula, á ebriedade, á luxuria, ou impudicicia. Tambem pertencem á temperança a *Vergonha*, e a *Honeſtidade*. A vergonha faz evitar o que he torpe por temor do oprobrio, e confuſão, á qual ſe ajunta a *Erubeſcencia*, que naſce do temor do vituperio. A honeſtidade he a que enſina a exterior compoſição do corpo, a que pertence o *Pudôr*, que enſina a modeſtia diante de peſſoas de ontro ſexo. Tambem são partes da temperança a *Continencia*, a *Manſidão*, a *Clemencia*, e a *Modeſtia*, e debaixo deſta em commum ſe contem a *Humildade*, a *Studioſidade*, a *Eutrapelia*, e a modeſtia nas acções particulares exteriores. A continencia he a que enſina a moderar as payxões. A manſidão he a que enſina a moderar a ira. A clemencia enſina a moderar o caſtigo na vingança quanto pede a razão, e permitte a juſtiça. A modeſtia tomada geralmente, he a que enſina a moderar as acções interiores, e exteriores. A humildade enſina a não elevar o animo deſordenadamente. A ſtudioſidade dirige os affectos para

ſoli-

solicitar saber o que importa, e ignorar o que não importa. A eutrapelia põe modo de razão, e recto fim aos jogos, e divertimentos honestos. A modestia exterior põe moderação nas acções, e movimentos exteriores do corpo. A esta pertence a *Parcimonia*, que modéra o uso das cousas externas pertencentes ao corpo, como vestidos, gallas, joyas, e similhantes.

204 Todas as virtudes moraes, que aperfeiçoão a alma, são tão connexas hũas com outras, que nenhũa póde estar em estado perfeito sem as outras; póde porém em gráo imperfeito. Donde se vê quanto he necessario a quem deseja chegar ao perfeito estado da virtude, fazer diligencia por todas; peloque hũas dependem das outras, e os defeitos contra hũa redundão em todas. As virtudes Theologaes primeiras pódem estar na alma sem as que se seguem, mas não as segundas sem as primeiras. Assim a fé póde estar sem a esperança, e caridade: a fé, e esperança pódem estar sem caridade; mas não póde estar a esperança sem fé; nem a caridade sem fé, e esperança. Mas quando as primeiras estão sem caridade não tem razão de perfeita virtude. E assim tambem as outras virtudes moraes sem caridade não pódem ter a razão de verdadeiras virtudes, nem ordem de sobrenaturalidade; aindaque se possão praticar como actos, ou habitos naturaes: por isso quem quizer as virtudes meritorias, cuide em conservar a graça, e caridade.

205 Para adquirir as virtudes he necessario primeiro conhecer que cousa he virtude; porque muitas vezes os vicios parecem virtudes, como por exemplo, a vingança, e ira parece zelo; a avareza parece economia, ou temperança; a prodigalidade parece liberalidade, e assim em outras. Por isso he necessario ao Director discernir com vigilancia entre a virtude, e o vicio para separar a zizania da boa semente. Segundo, he necessario ter grande estimação da virtude; porque o que se não estima não se ama, e o que se não ama, não se busca. Terceiro, he necessario pedi-la a Deos com instancia; porque he o dador dos dons, e sem elle nada podemos. Quarto, he

neces-

neceſſario querer imitar em tudo a Jeſus Chriſto, que he o Meſtre, e exemplar das virtudes. Quinto, deve o varão eſpiritual emprehende-la com animo, e reſolução de vencer todos os impedimentos que ſe lhe offereção: *Quia nihil volenti difficile.* Deve alentar-ſe com a eſperança do premio, e não deſcanſar no começado projecto, nem desfalecer no propoſito, antes renova-lo com frequencia, e aſſim facilmente conſeguirá as virtudes. Ultimamente deve fazer a principal diligencia por adquirir a de que mais neceſſita, que he a contraria ao vício, ou payxão dominante, conforme ao que deſta diſſemos, (*a n.* 184.) fazendo cada dia muitos actos deſſa virtude, e examinando em todos o progreſſo, que nella tem feito, o que conhecerá pelo vencimento que for tendo nos inſultos do vicio contrario.

206 Ainda que o exercicio das virtudes he neceſſario em todo o decurſo da vida eſpiritual, com tudo he differente em cada hum dos eſtados, ou vias do eſpirito: porque no de principiantes começa a apparecer a virtude pela evacuação das culpas, erradicação dos vicios, mortificação dos appetites, e moderação das payxões; pois como diſſemos, com eſtas diligencias ſe vão conſeguindo as virtudes ao paſſo que ſe exterminão os vicios. No de perfeitos eſtão as virtudes em gráo heroico, como em ſeu lugar ſe dirá, e ſe aperfeiçoão as potencias de tal ſorte, que já livres de tudo exterior, e recolhidas dentro em ſi ſe unem ſuavemente com Deos, e em certo modo transformadas nelle gozão de hũa bemaventurança inchoada. Porém no de proficientes eſtão as virtudes em hum certo gráo de perfeição, que he medio entre o da via purgativa, e unitiva, ou de principiantes, e perfeitos, no qual de tal ſorte illuſtrão as potencias, que cauſão no coração huma tranquilidade pacifica, e ao entendimento hum recolhimento quieto, neceſſario para a contemplação.

207 Por alguns indicios ſe póde conhecer quando ſe tem conſeguido as virtudes neſte gráo medio, ou eſtado illuminativo. O primeiro, e totalmente certo he ſe a crea-

creatura vê que obra facil, prompta, conſtante, e goſtoſamente a reſpeito da ſua materia, quando antes obrava com difficuldade, repugnancia, e triſteza; porque he final de que já a alma adquirio habito para obrar facilmente. O ſegundo indicio he carecer da guerra dos vicios paſſados, e da importuna moleſtia das payxões, porque he final de que a virtude os vence, e reprime. Mas he de advertir, que algũas vezes a algũas almas, ainda ſantiſſimas, permitte Deos movimentos deſordenados das payxões, ou de algũa dellas para exercicio da humildade, ou para augmento do merito, como fez a S. Paulo, a S. Jeronymo, a S. Catharina de Sena, e outros muitos: e por iſſo não ſe devem julgar imperfeitos, antes com o vencimento ſe aperfeiçoaráõ mais. O terceiro indicio he a exacta obſervancia dos mandamentos, e leys particulares de cada eſtado. O quarto he o ancioſo deſejo de aproveitar nas virtudes, e de imitar nellas a Jeſus Chriſto, e aos Santos. Quem achar em ſi eſtes indicios, dê graças a Deos, e humilhe-ſe, porque da ſua divina mão lhe veio o ter adquirido as virtudes, e nada preſuma de ſi, nem ceſſe de as augmentar com diligencia, porque nunca as terá em tal gráo de perfeição, que não poſſa ter mais; nem deſcanſe, ou ſe deſcuide neſta diligencia, porque no exercicio das virtudes quem não vai adiante, torna atraz.

CAPITULO VIII.

Da União activa.

208 O Principal effeito do amor he a união dos amantes, porque o amante verdadeiro de tal ſorte enlaça a ſua vontade com a do amado, que por ella ſe move, e governa, como ſe não tivera mais vontade do que a delle: e na verdade não ſe póde dizer que ama deveras quem contradiz a vontade do amado. Não ſe trata aqui da união de Deos com as almas por immenſidade, com que eſtá igualmente em todas as crea-

creaturas ; nem da união por graça ſantificante, porque eſta ſuccede a todos os juſtos ; mas ſó da união myſtica da alma com Deos por affecto, e amor intenſo, a qual ſe divide em activa, ou adquirida ; e em paſſiva, ou fruitiva. A paſſiva he quando Deos arrebata a alma a hum conhecimento experimental de ſi meſmo com hum goſto, e tacto interno, e ſobrenatural, da qual em ſeu lugar fallaremos. A activa he a que nós podemos conſeguir, e procurar por noſſa diligencia, e conſiſte em hũa total conformidade, e reſignação da noſſa vontade com a de Deos, querendo o que elle quer ; aborrecendo o que elle aborrece ; attribuindo tudo quanto ſuccede, ſeja proſpero, ſeja adverſo, ás diſpoſições de ſua ſábia providencia ; e por iſſo com nada nos perturbarmos, antes conſervando em tudo a paz do coração ; eſtando certos que tudo Deos permitte, ou diſpõe, os bens para bens, e os males para delles fazer bens ; pois como diz S. Agoſtinho, julgou que era melhor dos males fazer bens, do que não permittir que ouveſſe males nenhuns.

209 Neſta paz, conformidade, e união he que conſiſte a ſumma da perfeição, e virtude, tanto, que como diz S. Thereſa, quem a tiver alcançado nada ſe lhe dê da paſſiva, e fruitiva, porque o q̃ eſta tem de mais eſtimavel he proceder da activa, e a venturoſa alma, que a tiver alcançado vivirá com deſcanſo neſta vida, e na outra. E na verdade não póde deixar de viver com grande tranquilidade, e deſcanſo quem vive neſta paz inalteravel, porque eſtá certo que em tudo obra o melhor, e o que he vontade de Deos ; tudo lhe ſuccede a ſeu goſto, tudo para elle he bom, em tudo acha goſto, e conſolação ; com nada ſe entriſtece, com nada ſe deſgoſta, com nada ſe afflige, e finalmente tem já neſta vida hũa bemaventurança verdadeira, porque não encontra males, nem contradições nenhũas, ſenão tudo bens, e tudo fortunas : ſim ; porque os males, e as desfortunas do mundo conſiſtem em nos ſuccederem as couſas contrarias ao noſſo goſto, e deſejo ; e como ao verdadeiro unido, e conforme tudo lhe ſuccede como deſeja, e tudo

do ao seu gosto, porque he o de Deos, tudo para elle são gostos, e fortunas, e nada desfortunas, nem desgostos.

210 Isto foi o que Deos ensinou ao veneravel Tauléro naquelle raro succesſo, que elle mesmo conta em suas obras, e he da maneira seguinte. Ancioso Taulero de ter hum mestre, que o dirigisse na virtude, e lhe ensinasse o modo de subir ao monte da perfeição, o pedia a Deos com instancia, e em hũa vez que com mais ancia derramou o coração em sua presença, ouvio hũa voz, que lhe disse, que sahisse ás grades do templo, e ali acharia o que desejava: foi, e achando só hum pobre mendigo roto, descalço, macilento, desfigurado pelas fomes, e frios que padecia, o saudou deste modo: Tenhais bons dias Irmão: a que o pobre mendigo respondeu: Agradeço-vos a saudação, mas sabei que não me lembro que tivesse na minha vida hum dia máo, e na minha mão está o não ter máo daqui em diante; porque dia máo he aquelle, em que não damos a Deos a gloria, e louvor, que lhe devemos; e eu em todos, e tudo o louvo, e posso louvar como devo; pois se tenho fome louvo a Deos; se padeço necessidades, se não acho quem me favoreça louvo a Deos; se me chove, e faz frio louvo a Deos, e em todos os trabalhos louvo a Deos; porque vejo que me vem da sua mão, e dispostos por sua divina providencia; e desta maneira são para mim bem, e he bom o dia, em que o padeço: porque as adversidades não fazem que o dia seja adverso, senão a nossa impaciencia nellas; pois nasce de não termos a nossa vontade sugeita á de Deos.

211 Muito me alegro que sempre tenhais tido bons dias, (disse Taulero) e com elles vos desejo muitas fortunas. Tambem nunca deixei de as ter, nem deixarei, se quizer: (respondeu o mendigo) pois fortuna he ter o que desejamos, e o melhor; e como eu sempre dezejo, e posso dezejar o que Deos quer, e isso sei que he o melhor, e isto acho em tudo o que succede seja prospero, seja adverso, sempre me succede bem, e com fortuna. Queira Deos, Irmão meu, (tornou Taulero) que de-

depois deſſes bens, e fortunas alcanceis a bemaventurança. Pois eſtai certo, (reſpondeu o mendigo) que nunca careci, nem careço, nem carecerei, ſe quizer, da bemaventurança: pois ſe eſta conſiſte em ter cada hum o que deſeja ſem deſgoſto; quem tem inteiramente reſignada a ſua vontade na de Deos, e tem eſta por ſua propria, conformando-ſe com ella, e folgando-ſe com o beneplacito de Deos, bemaventurado lhe podemos chamar na terra; porque tem já goſtos celeſtiaes em ver que em tudo ſe faz a ſua vontade, a qual he conforme com a de Deos: e como eu me determinei a ſer ſempre da parte da de Deos, de ſorte que a minha não excedeſſe a ſua, nem ficaſſe em mim algum querer ſenão ajuſtado ao ſeu, e niſto poſſo eſtar ſempre com a graça Divina, já me tenho por bemaventurado na terra.

212 Quem tanto ſabe extrahir a medulla da virtude, quem dá tão ſabias, e tão ſublimes lições na perfeição, aindaque ſeja pobre, mendigo, roto, e desfigurado, aindaque ſeja ruſtico, e ignorante nas outras ſciencias do ſeculo, como he tão douto na ſabedoria dos Santos, bem póde ſer Meſtre, e Director de hum homem tão ſabio, de hum Theologo tão eminente, de hum varão tão reſpeitado, e tão attendido, e ainda tão virtuoſo como já era Taulero: e com effeito o foi em quanto viveu, dirigindo-o ſempre com admiraveis inſtrucções, que todas ſe encaminhavão a faze-lo negar a ſua propria vontade, e eſtar firme, pacifico, alegre, e conforme com a de Deos em todos os acontecimentos, e por eſta, que ſe póde chamar eſtrada do paraiſo, o levou athé hũa perfeição tão ſublime, como a do veneravel Taulero. E depois de hũa tão alta doutrina nada mais me reſta dizer a reſpeito deſta união activa, ſenão que o final, por onde podemos conhecer ſe a temos adquirido he ſe amamos a Deos, e ao proximo, porque eſta he a vontade de Deos, e ſem iſto não ha união; antes ha diviſão, e ſeparação.

CAPITULO IX.

Do exercicio da Contemplação adquirida.

213 JÁ fica dito (*an.* 143.) que a *Contemplação* he hum acto simplez, e fixo, que attende para alguma verdade com admiração, e gozo; que se divide em activa, e passiva, ou em adquirida, e infusa, que he o mesmo; que a infusa he obra de Deos em nós, mas a adquirida a podemos nós ter por nossa diligencia com os auxilios ordinarios da graça; e que esta contemplação se dá segundo a mais commua opinião dos Mysticos. Em que tempo porém se deva a creatura exercitar nesta contemplação adquirida, não o resolvem claramente os mesmos Mestres do espirito; e fundão a razão de duvidar em que o illuminado S. João da Cruz chama ao estado de principiantes estado de meditação, e discurso, e ao de aproveitados estado de contemplação sobrenatural, e infusa: e tambem aconselha (*Subida l.* 2. *c.* 13.) que em quanto na meditação se achar çuco, e se poder discorrer, a não deve deixar a creatura; segundo o qual parece não fica lugar para a contemplação adquirida.

214 Eu porém segundo o que do mesmo Santo tenho colligido, e de outros Authores, e Mysticos, que consultei na materia, e tambem do que a experiencia me ensinou em algũas almas, julgo que o exercicio da contemplação adquirida deve começar no estado de principiantes, ao menos pelo fim delle; aindaque tambem deve continuar no de aproveitados, ao menos nos principios, em que hũas vezes há natural junto com sobrenatural, outras ha sómente natural. Pois sendo, como he a contemplação o fim, e o fructo da meditação; e a activa a disposição para a passiva, pela qual passiva começa o estado de aproveitados na purgação passiva do sentido, como expressamente diz o S. Padre, (*Noite L.* 1. *c.* 1. *e* 9.) he sem duvida que já antes de entrar a creatura no dito estado de aproveitados se deve ter exercitado, e dis-

pos-

posto para elle com a contemplação adquirida, e conseguido o fim, e fructo da meditação como fica dito. E como nem sempre no estado de aproveitados concede Deos a contemplação infusa, e nos principios he esta em gráo mais remisso, e inferior, não deve a creatura cessar da propria diligencia, mas exercitar-se na activa, em quanto Deos a não pozer na passiva.

215 E se S. João da Cruz diz que o estado de principiantes he de meditação, e discurso, e que deste se passa para o de aproveitados, a que já chama de contemplação sobrenatural, e infusa; he porque a meditação he a que mais se deve exercitar no primeiro, e a contemplação, aindaque tambem nelle se deve praticar, não he constantemente, e como de principal, senão como fim, e fructo da mesma meditação; e no segundo he mais ordinaria a contemplação infusa, ainda nos mesmos principios, supposto que antes desconhecida da creatura; porque por ella como instrumento purgativo se faz a purgação passiva do sentido, pela qual principia o dito estado; por isso o Santo Mystico o chama absolutamente de contemplação infusa, mas isto não tira que a creatura faça da sua parte diligencia pela activa, em que athe ali se tem exercitado, quando faltar a passiva. E tambem no primeiro se confunde a contemplação activa com o nome de meditação, porque, principalmente nos principios, pouco differem hũa de outra.

216 O veneravel Paulo Señeri varão bem experimentado na materia confirma bem decisivamente esta doutrina pela maneira seguinte: (*Concord. P. 3. c. 1. §. 2.*) „ A „ contemplação adquirida costuma ser fructo da medita- „ ção constante, e assim, se damos credito aos Theolo- „ gos, não se destingue muito da meditação, senão que „ a aperfeiçoa, e realça; porque he o modo perfeito „ de conhecer hũa cousa, quem a tem visto muitas vezes „ com individual attenção. Como succedeu á Raynha „ Sabá, que ao principio foi com grande gosto conside- „ rando por partes a gloria de Salomão, e depois con- „ siderando-a toda junta formou della hum conceito tão

„ ca-

„ cabal, que para contemplar nella, estimá-la; e ficar-se
„ atonita, só necessitava traze-la á memoria. Este foi o
„ conhecimento, que pelo que toca ao entendimento a
„ fez sahir como fóra de si toda atonita, e absorta em
„ admiração: *Non erat præ stupore ultra in ea spiritus.*
„ E pelo que toca á vontade a fez romper naquelles af-
„ fectos tão ternos para com o Rey: *Beati viri, & bea-*
„ *ti servi tui, qui assistunt coram te omni tempore, &*
„ *audiunt sapientiam tuam.* Por esta razão quando se co-
„ nhece que com o exercicio de meditar hũa alma tem al-
„ cançado hum modo de conhecer, ou conceber as cou-
„ sas como este, de que acabamos de fallar, deixe-se
„ perseverar nelle, que isto he contemplar. Mas este não
„ he de nenhũa maneira estado fixo. E por isso não creia
„ nunca a tal alma que obra contra o seu estado pro-
„ prio se algũa vez por algũa necessidade particular ou-
„ vesse de tornar a meditar. „ Athe aqui o douto, e ve-
neravel Padre.

217 Que já antes de entrar a alma no estado de apro-
veitados se deva ter exercitado, e conseguido habito de
contemplação adquirida, parece he expresso de S. João
da Cruz, que fallando do dito estado, em que a alma
passa do de principiantes para o de aproveitados, que he
ao entrar na purgação passiva, ou noite escura do senti-
tido diz assim: (*Subida L. 2. c. 14.*) „ Já a alma neste
„ tempo tem o espirito de meditação em substancia, e
„ habito; porque o fim da meditação, e discurso nas
„ cousas de Deos he tirar algũa noticia, e amor de Deos,
„ e cada vez que a alma a tira he hum acto; e muitos
„ actos destas noticias amorosas, que a alma tem hido
„ tirando por vezes com o trabalho de meditar, vem por
„ uso a continuar-se tanto, que se faz habito da mesma
„ noticia. O qual tambem Deos costuma fazer sem estes
„ actos de meditação, pondo logo as almas em contem-
„ plação. E assim o que a alma antes hia tirando por
„ vezes com o trabalho de meditar em noticias particu-
„ res, já pelo uso se tem feito habito nella, e substan-
„ cia de hũa noticia amorosa geral, não destinta, nem

„ par-

„ particular, como antes. Pelo que em ſe pondo em ora-
„ ção, já como quem tem tirado a agua da fonte, bebe
„ ſem trabalho em ſuavidade, ſem ſer neceſſario tira-la
„ pelos alcatruzes das paſſadas meditações, formas, e fi-
„ guras. De ſorte que logo em ſe pondo diante de Deos
„ ſe põe em acto de noticia confuſa, amoroſa, pacifica,
„ e ſoſſegada, em que eſtá a alma bebendo ſabedoria,
„ amor, e ſabor.

218 Deſta doutrina de tão grande, e experimentado Meſtre do eſpirito ſe vê claramente que antes de entrar a alma no eſtado de aproveitados já ha de ter o habito da contemplação activa, que he o meſmo que aquella *noticia geral, e confuſa, amoroſa, pacifica, e ſoſſegada*: e como os habitos ſe adquirem pela repetição dos actos, he ſem duvida que muito antes ſe ha de ter a alma exercitado em actos da dita contemplação, que são aquelles *actos de noticias amoroſas*, que o Santo diz vai a alma por vezes tirando da meditação, os quaes vem a gerar habito conforme a elles; e como elles são actos de contemplação adquirida, tal ha de ſer o habito que delles reſulta. Donde ſe confirma o já dito, que o fim, e fructo da meditação he a contemplação; não a infuſa, porque eſta não póde ſer cauſada pela meditação, q̃ he natural, mas ſim a adquirida, q̃ he natural como ella; e ſe infere tambem, que quem medita não ha de parar ſó no diſcurſo, mas fazer diligencia por adquirir algũa noticia geral, e confuſa, em que ſe occupe pacifica, e amoroſamente no fim da meditação, como fructo, e fim della, e tanta mais diligencia deve fazer por adquirir, e ſe ficar neſta noticia geral, ſimplez, e amoroſa de contemplação, quanto mais tempo tem exercitado a meditação, e diſcurſo; mas ſempre deve principiar por meditação, que he o arrimo da contemplação, não ſó activa, mas tambem da paſſiva, como diz o meſmo Santo. (*ibi c.* 15.)

219 Á viſta do que não me poſſo conformar com o que diz o Author da Lucerna Myſtica (*Prolog. animadv. n.* 16.) que para o exercicio da contemplação adquirida

he necessario, que a alma se tenha exercitado por muito tempo na via purgativa, e illuminativa, e nas suas meditações, pelas quaes tenha adquirido habito de perseverar na noticia simplez, e amatoria de Deos: e accrescenta, que a dita contemplação adquirida he só exercicio dos perfeitos, o que prova com esta authoridade de Soares: *Contemplationem, quæ spectat ad viam unitivam, esse propriam perfectorum, &c.* O que não se deve entender da contemplação adquirida, nem ainda da infusa em gráos inferiores; porque esta he propria dos aproveitados na via illuminativa, como fica dito, e se dirá com S. João da Cruz: mas só se deve entender da contemplação infusa em gráos sublimes, e já contínua, e como por habito, a qual he certo, q̃ he só propria dos perfeitos no estado da via unitiva, como lá se dirá. Se não he que por via purgativa, illuminativa, unitiva, e estado de perfeitos entende ali o dito Author os estados activos das tres vias, que então estamos conformes; pois como dissemos, (*n.* 89.) todos os activos precedem antes que algum dos passivos, e só na de perfeitos, e via unitiva activa he que pomos o exercicio da contemplação adquirida, como se verá adiante. (*a. n.* 284.)

220 Aqui se deve notar a differença, que ha entre ponderação, e contemplação: pois a ponderação he hum acto reflexivo do discurso, como se disse, (*a n.* 125.) com que julga, e pésa com reflexão as circunstancias investigadas no objecto pelo acto do conhecimento, a qual ponderação tanto não he contemplação, que nem meditação he ainda, porque he só hum juizo, e exame, com que a creatura fallando comsigo mesma reflecte sobre o que tem conhecido no objecto para mais efficazmente mover a vontade a affectos proporcionados, com os quaes fallando a creatura com Deos, se completa a meditação; mas a contemplação he hum simplez intuito, que singelamente attende, e conhece a verdade em noticia geral, confusa, e amatoria, como quem olha fixamente, e com attenção para o objecto da vista. A ponderação he hum como mastigar o espiritual alimento, ou materia da me-

di-

ditação; mas a contemplação he hum goſtar, e ſuavizar-ſe a alma com elle deſcanſadamente. E aſſim a ponderação he meio para a meditação; e a contemplação he termo, e fim da ponderação, e meditação. Mas quando as verdades ponderadas são certas, que não neceſſitão da reflexão para ſe conhecerem, como são as da noſſa fé, a ponderação, que ſobre ellas ſe fizer, ſerá contemplação, e como admiração, e quieta viſta do objecto.

221 O modo de praticar eſta contemplação adquirida, álem do que neſte capitulo ſe diz, e ſe diſſe no Tratado Segundo, (*a n.* 141.) ſe poderá tambem ver no ſeguinte capitulo, em que ſe explica a oração de quiete, e de fé, que ambas são a meſma contemplação, que dizemos. Aqui advirto oito circunſtancias, q̃ diz S. Bernardo deve ter a alma para poder excitar-ſe na contemplação adquirida. A primeira he pureza de coração contínua, ou quaſi contínua. A ſegunda dominio ſobre as payxões adquirido pelo exercicio das virtudes moraes. A terceira não ſe confiar na propria prudencia, nem ſer ſábia em ſeus olhos, nem ter apego a ſenſualidades. A quarta não appetecer couſas altas, nem eſquadrinhar o que excede a humana capacidade. A quinta nunca eſtar ocioſa, mas ter as horas repartidas em exercicios honeſtos; e que todos digão ordem a Deos. A ſexta, que examine muito o que aproveita, e que conheça o muito que lhe falta para ſer perfeita. A ſeptima dar-ſe á ſoledade, e ſilencio communicando parcamente com os proximos, quanto obrigão, ou permittem a caridade, a neceſſidade, ou a obediencia. A oitava, retiro do ſeculo, e abſtracção dos ſeus negocios, cuidados, vaidades, e deſejo das riquezas, ou apego a ellas; pois ſó na ſolidão, e deſerto de todas eſtas couſas he que Deos falla ao coração da creatura. *Ducam eam in ſolitudinem, & ibi loquar ad cor ejus* (*Oſeæ* 2.)

222 Por falta deſtas tão neceſſarias circunſtancias he que muitas almas, ou não pratícão a ſanta contemplação, e andão ſempre acanhadas como principiantes podendo já ter feito felizes progreſſos na virtude ſe ſe ſoubeſſem deſprender deſtes laços, que as retardão, e fazem

que nellas se verifique aquillo de S. João Climaco: (*cap. 6 escad. 26.*) *Que he confusão grande ver andar hum velho na escola com os meninos* : Ou tornão atraz depois de a terem exercitado algum tempo, por se tornarem aos defeitos, que ellas acautelão. Tambem se dão outras duas causas, que fazem retroceder da santa contemplação, como diz S. João da Cruz. (*Subida l. 2. c. 13.*) „ Hũa he por- „ que aos principios da contemplação costuma ser a no- „ ticia amorosa mui sutil, delicada, e quasi insensivel. A „ outra porque havendo estado a alma habituada ao ou- „ tro exercicio da meditação, que he mais sensivel, não „ percebe bem, nem quasi sente a novidade da contem- „ plação, que he quasi insensivel, e já pura de espirito. Tambem costuma ser embaraço para a contemplação, e não pequeno, a ignorancia, ou falta de experiencia dos Directores, que ou não sabem que cousa he contemplação, ou cuidão que só he propria para as almas, que como S. Paulo se arrebatem athé o terceiro Ceo. Vejãose a respeito disto os lugares citados (*n. 25., & a n. 573., & a n. 596.*)

223 Persevere pois a alma na diligencia de se conservar naquella noticia geral, e amorosa em acto de fé affectiva, ainda que lhe pareça que não faz assim tanto, como com a meditação discursiva, porque se quizer tornar a esta deixando aquella, nem hũa, nem outra achará, e perderá todo o tempo. Mas se de todo lhe faltar o recolhimento para hũa, e outra, e em nenhũa poder achar a presença de Deos, exercite jaculatorias, e affectos piedosos; e ainda que tambem nestes se ache secca, e pouco fervorosa, não deixe com tudo de os repetir arrancando-os do coração á força de diligencia, que estes são de maior merecimento do que os que elle produz a impulsos da devoção sensivel: e ainda que nelles não ache gosto, basta que elles lhe sejão de proveito; q̃ tambem o enfermo, ainda que tenha fastio; come porque lhe importa; não para recrear o gosto, que antes o mortifica; mas para alimentar a natureza, e resistir ao mal; e o que come, ainda que o não suaviza, lhe aproveita. Anime-

se

ſe a alma a eſta diligencia, e força dos affectos com o que diz S. Franciſco de Sales: Que hũa onça de obra feita no meio das trevas, e ſeccuras com a ponta do eſpirito vale mais que cem libras feitas entre conſolações, e devotos ſentimentos. E ſe a alma perſeverar, irá vencendo a difficuldade, e adquirindo o recolhimento.

224 Convem tambem muito ao contemplativo ſaber, que couſa he penſamento, que differença tem do entendimento, e como póde embaraçar, ou não ſervir de embaraço para a contemplação; para ſaber quando tem, ou não tem culpa na diſtracção, ou ſeccuras. O penſamento differe tanto do entendimento, que eſte he hũa potencia d'alma, e eſpiritual como ella, e aquelle he hũa potencia ſenſitiva, e material como o corpo, de que procede; pois não he outra couſa o penſamento ſenão hũa obra da imaginação, ou hum effeito dos eſpiritos animaes, que diſcorrendo pelo cerebro, e paſſando por aquella parte, q̃ ſe chama imaginativa, ou memoria material, como diſſemos, (*n.* 168., & 171.) ſuſcitão as ideas dos objectos, cujas imagens ahi encontrão, e fazem avivar a lembrança, ou imaginação dellas: e como os eſpiritos animaes nunca parão, por iſſo ſe ſuſcitão a cada inſtante tantas, e tão diſtinctas ideas, quantas são as imagens, que elles encontrão no cerebro, ou memoria material, e como eſta eſtá tão junta com a eſpiritual, nada ſe move naquella, que neſta ſe não ſuſcite; mas como o entendimento póde eſtar tão occupado na conſideração, e attenção de hum objecto, que a nenhum outro attenda, como ſuccede a quem eſtá com grande applicação ao eſtudo, ao jogo, ou outras occupações de cuidado; póde tambem no acto de contemplar eſtar tão attento, e fixo no ſeu objecto, que a nenhũas ideas do penſamento, ou da imaginação dê entrada, nem eſtas o embaracem por mais que inquietas diſcorrão, e ſe movão; aſſim como a ovelha ſe eſtá apaſcentando deſcanſada, em quanto o cordeirinho ſeu filho anda ſaltando diante della, e correndo de hũa a outra parte, ſem que ella a iſſo attenda, nem ſe embarace com iſſo. Veja-ſe S. Thereſa. (*Moradas* 4. *c.* 1.)

225 De

225 Deve o contemplativo ter muita determinação em não ter apego a goſtos, ou a fervores ſenſiveis na oração, não ſe conſolando muito com elles, nem ſe deſconſolando ſe faltão, que quem tiver eſta virtuoſa indifferença vai edificando ſobre fundamemento firme: pois não eſtá o amor de Deos em ter lagrimas, goſtos, ou ternuras, ſenão em o ſervir com juſtiça, fortaleza, e humildade. Ter goſtos mais he favor que recebemos, do que obſequio, que fazemos a Deos, e neſte, e não naquelle eſtá o merecimento. Se Deos dá a devoção, eſtime-ſe em muito, mas quando a não dá não ſe deſconſole, que aſſim julgará o Senhor que convem. O contrario he falta, e imperfeição, e não andar com liberdade de eſpirito. Cuidão algũas almas que não fazem nada em deixando de obrar o entendimento; e talvez que então a vontade ſe alente, e tome mais forças ſem que ellas o entendão. O Senhor attende aos corações, e aos deſejos, e bem vê que eſtas almas os tem de meditar ſempre nelle, e amalo: ſe tem eſta determinação pacifiquem-ſe, e ſatisfação-ſe com ſaber que o Senhor as conhece; que o contrario he perder tempo. E muitas vezes tambem procede a falta de recolhimento de indiſpoſição do corpo, do qual depende a alma para obrar, e ſe então ſe quer forçar he peor; e quando proceder diſto he melhor eſperar tempo, e occaſião, e deixar por então a fadiga. Mas he neceſſario diſcrição, e cuídado não ſeja do demonio eſſa fraqueza, como muitas vezes he, que então por nenhum modo ſe deve deixar a oração.

CAPITULO X.

Do exercicio da Preſença de Deos, e oração de Recolhimento, de Quiete, e de Fé adquiridas.

226 HE de tanto proveito, e tão recomendavel na vida do eſpirito o exercicio da *Preſença de Deos*, que podemos dizer, que nelle conſiſte toda a origem, e todo o eſtimulo da perfeição, e virtude;

de; por isso o mesmo Deos, que queria ensinar a Abraham o modo de a conseguir, lhe aconselha, que ande na sua presença, e elle será perfeito: *Ambula coram me, & esto perfectus.* (*Genes.* 17.) E he sem duvida, pois se a presença dos pays da terra nos infunde respeito, e cautela para lhe fazermos em tudo a vontade, e não os desagradar em nada á sua vista, temendo a sua reprehensão, ou castigo, quanto mais a presença do Pay celestial, que he testemunha, e juiz das nossas obras, e vê athé o mais occulto dos nossos corações será bastante para as regular segundo a recta razão, e vontade divina em quem o considerar todo olhos, e todo presente a quanto fizer, e cuidar? Certamente não poderá deixar de o respeitar, e temer, e de se cohibir nos excessos das payxões, quem bem se profundar na viva fé, e certeza de que Deos o vê, e lhe está presente. Dita-o assim tanto a mesma razão natural, que athé o chegárão a conhecer os Gentios; por isso Seneca disse: *Assim has de viver com os homens, como que Deos te está vendo, e assim has de fallar com Deos como se te virão os homens.* (*Epist.* 10.) De grande confusão devia ser este dito para muitos dos q̃ tratão de oração. Considere cada hum o que dirião os homens, se virão o que algũas vezes pensão ali, e o que dirá Deos, que sempre o vê.

227 Consiste pois este santo exercicio da presença de Deos em hũa piedosa fé, e attenção, com que cremos, e consideramos a Deos presente em todo o tempo, e lugar a todas as nossas operações internas, e externas. De dous modos póde ser esta presença, ou consideração de Deos presente, hũa *Imaginária*, outra *Intellectual*. A imaginária he quando o representamos, ou conhecemos debaixo d'algũa imagem, que formamos; como quando fingimos o Eterno Pay na figura de hum venerando Senhor, e ancião; o Espirito Santo em figura de pomba; os Anjos na de formosos mancebos; ou quando representamos a Christo em algum passo, ou mysterio de sua vida. O mesmo se póde dizer da presença da Santissima Virgem, e outros Santos. E ainda que Deos não tenha corpo; e

nem

nem Christo, nem os Santos estejão corporalmente em todas as partes, porque não são corpos immensos, com tudo he mui proveitoso ás almas considerar assim a Deos presente em toda a parte, ou ainda os Anjos, e Santos; e especialmente a Jesus Christo em algum mysterio da sua vida, ou algum passo da sua dolorosa Payxão, para a diligencia de o imitar nas virtudes, fazer-nos similhantes a elle quanto podermos, fallar-lhe, agradecer-lhe os beneficios, que lhe devemos, offerecer-lhe as obras de virtude, pedir-lhe a benção, e graça para as fazer com perfeição, e consolar-nos com elle nos trabalhos.

228 Esta presença assim de Jesus Christo póde ser repartida pelos dias da semana cada hum em seu passo, ou imagem, como dictar a devoção; como por exemplo: na Segunda feira orando no horto, suando sangue, cheio de agonias: na Terça feira açoutado, descarnado a golpes, regando a terra com sangue athé chegar tres vezes ás agonias da morte: na Quarta feira coroado de espinhos como Rey fingido, cheio de ludibrios, desprezos, e afrontas: na Quinta caminhando com a Sagrada Cruz para o Calvario ajoelhando, e cahindo a cada passo: na Sexta feira crucificado, e morto: no Sabbado posto nos braços da dolorosa Mãy, ou sepultado: no Domingo resuscitado triunfante, cheio de resplendor, gloria, e magestade. Mas advirto que na presença deste Divino composto não se há de considerar só como homem; mas como homem, e Deos juntamente, em quem habita toda a plenidão da Divindade, de que não estão, nem pódem estar separados o Pay, e o Espirito Santo.

229 Apresença intellectual he a mais perfeita, e mais confórme ao conceito de Deos; e he quando fundados nos principios, e certeza da fé representamos no nosso entendimento a Deos não com algũa fórma; ou imagem corporea, ou material, se não debaixo de hum conceito de substancia espiritual, divina, infinita, immensa, que enche tudo; tudo penetra athé a medúla dos ossos, e mais intimo dos nossos corações; dentro do qual andamos como dentro da luz, ou do ar, que respirâmos, e elle dentro

tro de nós; e que em toda a parte vê, e he todo olhos, e tudo quanto obramos, ou passa pelo nosso entendimento, ou coração, tudo he á sua vista, e presença, e tudo vê, e conhece mais claramente que nós mesmos; que nelle, e dentro delle nos movemos, estando, e tocando nelle, e elle em nós, sem que possa apartar-se de nós, nem nós delle. Esta presença intellectual, ainda que he mais perfeita, tambem he mais difficultosa de conservar por ser abstrahida dos sentidos; e assim he mais propria das almas já adiantadas na virtude; pelo que os principiantes he bem se exercitem mais na imaginária, como mais accommodada ao sensivel, de que elles estão ainda pouco apartados.

230 Com o exercicio da presença de Deos se parecem muito os tres modos de oração a que chamão de *Recolhimento*, de *Quiete*, ou *Descanço*, e de *Fé*, porque em todas se exercita algum dos dous modos da presença de Deos, ou ellas são o modo de a praticar; por isso aqui daremos hũa breve noticia destes tres modos de oração, quanto ao activo, que só he deste lugar; e do passivo em outro se dirá. He pois a oração de recolhimento hum modo de se recolher a creatura ao seu interior considerando a Deos em sua alma, e coração, tratando a hi, e conversando com elle. Este recolhimento he de dous modos; hum geral, que convem a todo o gráo de oração, porque toda se chama recolhimento; outro particular, que he o de que aqui se trata, o qual consiste em se pôr a creatura em oração com os olhos fechados considerando a Deos, como Deos, ou a Jesus Christo como Deos, e homem interiormente em sua alma, e coração, e ahi tratar com elle, ahi o respeitar, adorar, e lhe dizer mil affectos.

231 Para o que he de saber, que a nossa alma, como creada á imagem, e similhança de Deos, he tão nobre, tão digna, e tão estimavel, que he mais propria habitação de Deos, do que o mesmo Empyreo aonde elle constituio o seu throno, e assento; que por isso elle disse que o Reyno de Deos está dentro de nós: e se a alma está em graça, gosta Deos mais de estar nella, do que naquelle

le throno, em que o cercão innumeraveis Serafins, como elle meſmo declarou quando diſſe que as ſuas delicias são eſtar com os filhos dos homens: e por iſſo meſmo elle fez a noſſa alma, e coração com hũa amplitude, e capacidade tão grande, e tão inſaciavel nos ſeus deſejos, que nada o enche, nada o ſatisfaz, ſe não o meſmo Deos.

232 Conſiderando pois iſto a creatura, e firmando-ſe na fé de que, ainda que não ſeja por eſte modo eſpecial, não póde deixar Deos de eſtar interiormente penetrado com a ſubſtancia de ſua alma, e coração, não neceſſita de o ir buſcar ao Ceo, ou aos templos para lhe fallar, e lhe apreſentar os memoriaes da ſua neceſſidade; de caſa o tem, e tanto de caſa, como em ſi meſma; recolha-ſe com elle no ſeu interior, e ahi lhe falle, ahi o adore, e reſpeite, e conheça a ſumma bondade, e amor, com que primeiro a veio buſcar do que ella a elle. Da meſma ſórte ſe póde conſiderar interiormente a Jeſus Chriſto em algũa das ſagradas imagens, ou myſterios de ſua vida, e Payxão, e ahi ter com elle humildes, e amigaveis colloquios. Eſte modo de oração he que ſe chama recolhimento adquirido, porque póde cada hum te-lo quando quizer; e póde ſer em meditação, ou contemplação, ou em hũa, e outra.

233 Eſta oração de recolhimento aconſelha muito S. Thereſa, e lhe faz huns grandes elogios, confeſſando dever-lhe muito proveito nos ſeus principios; eſtas são as ſuas palavras: (*Vida c.* 4.) „ Procurava o mais que podia „ trazer a Jeſus Chriſto noſſo bem, e Senhor dentro de „ mim preſente, e eſte era o meu modo de oração. E no capitulo ultimo de ſua vida o pondera bem, e dá a razão dizendo: „ Enſinar-ſe a conſiderar ao Senhor no muito „ interior de ſua alma he conſideração, que mais ſe apega, e muito mais fructuoſa, do que fóra de ſi, (como „ outras vezes tenho dito) e em alguns livros de oração „ eſtá eſcripto aonde ſe ha de buſcar a Deos: em eſpe- „ cial o diz o glorioſo Santo Agoſtinho, que nem nas „ praças, nem nos contentamentos, nem por nenhũa „ parte, que o buſcava o achava como dentro de ſi

„ E

„ E isto he mui claro, ser o melhor: e não he necessa-
„ rio ir ao Ceo, nem mais longe que a nós mesmos, por-
„ que he cansar o espirito, e distrahir a alma, e não com tanto fructo.

234 A oração de quiete, ou descanso adquirido he já de contemplação; porque nesta he aonde se sossegão as potencias: ou para melhor dizer a contemplação he que he oração de quiete; porque he aquelle acto simplez de noticia geral, e amorosa, em que a alma se está gozando descansadamente com Deos sem o desassosego, e trabalho, que tem as potencias na meditação. Mas não se segue daqui que na oração de quiete, ou contemplação deixem as potencias de obrar; porque isso seria estarem ociosas, e vazias de todo o acto, o que era erro dos hereges Alumbrados, e Quietistas; mas sempre hão de estar occupados nos seus respectivos actos, principalmente o entendimento em viva fé, e a vontade em suave, e amoroso gozo. Tambem se deve evitar outro modo de quiete natural, que provêm, ou do humor melancolico, ou de hũa natural froxidão, e ociosidade, em que algũas almas se pôem como pasmadas sem pensar em nada, nem occupar a vontade em algum acto; feitas bobos, e gastando o tempo sem fructo, nem proveito; ficando seccas, frias, e sem devoção, como adverte, e reprehende S. Theresa, (*Morad.* 4. *c.* 3.) e S. João da Cruz. (*Subida l.* 2. *c.*13.)

235 A Oração de fé adquirida tambem não differe da contemplação, e he aquelle acto fixo, e simplez de noticia geral, e amatoria, que formamos de Deos como Deos sem particulares ideas firmados meramente nos principios da fé, que ainda que he obscura, he certissima, e tanto mais certa, quanto mais verdadeiro, e infalivel he o principio, em que se funda, qual he a revelação, e palavra do mesmo Deos, que não faltará ainda que falte o Ceo, e a terra; e por isso he mais meritoria essa fé, pela confiança, e firmeza, que com ella se faz na divina verdade, e pela negação, que fazemos da nossa razão, e discursos, crendo os mysterios independente de outro fundamento mais que a divina revelação: e quanto mais

nos firmarmos só nesta razão, e nos evacuarmos de todas as mais, tanto a fe he mais firme, e mais pura, e esta he que se chama *Fé Pura*, ou *Simplez*; isto he não misturada com os nossos naturaes conhecimentos.

236 Esta contemplação de fé se representa na quelle comercio familiar, que teve Moyzés com Deos no alto do monte Sinai, aonde o Senhor o mandou subir só, sem companhia de ninguem; e logo cobrio o monte de hũa escura nuvem, do meio da qual o mesmo Deos lhe fallava, e elle com Deos sem o ver. Subio Moyzés só, porque na contemplação não ha de estar o entendimento acompanhado de especies, ou representações imaginárias. Cerrou-se a escura névoa, porque não hão de haver outras luzes, ou razões naturaes mais que a escuridade da fé, do meio da qual falla Deos como fallou a Moyzés: *Vocavit eum de medio caliginis.* (*Exod.* 24.) O mesmo succedeu quando Salomão dedicou o templo a Deos, que se encheu todo de hũa escura nevoa, no meio da qual disse o mesmo Senhor que elle estava: *Dominus dixit ut habitaret in nebula.* (3. *Reg. c.* 8.)

237 Com esta escuridade da fé, he que Deos illumina a sua Igreja, e no meio da qual elle habita, e donde falla, e se communica ás almas, que ahi se deixão estar lós, e ahi o buscão: e chama-se obscura por se fundar em dito, e testemunho alheio, e não em conhecimento natural do homem: porém como o testemunho he de Deos, que falla com infinita sabedoria, fidelidade, e verdade, he tão certa, e tão infalivel esta noticia como a sabedoria de Deos: e assim o conhecimento, que temos pela fé, he mais certo, e mais infalivel, do que quantos conhecimentos naturaes podemos ter nesta vida; e este he o modo de oração, a que os Mysticos chamão contemplação de Deos em trevas, ou em escuridade: *Contemplatio Dei in caligine.* A esta escuridade da fé chama S. João da Cruz *Noite Escura*; porque nos deixa ás escuras de todo o conhecimento natural tanto da imaginativa, como do entendimento; mas com tudo esta noite he a que nos illumina, e clarifica o entendimento; porque he noite luzida,

zida, e são trevas reſplandecentes; o que prova o meſmo S. Doutor com aquelle lugar do Salmiſta: *Et nox illuminatio mea in deliciis meis.* (*Pſ.* 138.) E com aquella nuvem tenebroſa, que illuminava a noite aos Iſraelitas. *Erat nubes tenebroſa, & illuminans noctem.* (*Exod.* 14.)

138 Eſte modo de contemplação o póde qualquer exercitar quando quizer com os auxilios ordinarios da graça, que por iſſo ſe chama contemplação adquirida, porque ſuppoſta a fé, póde não uſar de conhecimento natural imaginario, ou intellectual, e firmar-ſe ſó no da fé, fazendo com ella os ſeus actos, e ficando ſú na noticia geral, eſcura, e amatoria, em que conſiſte o acto de contemplar: porém nos principios ſó poderá fazer hum, ou outro acto pelo pouco uſo de recolher as potencias, e ſentidos; mas depois que por algum tempo ſe tiver exercitado na meditação, e pelo ſeu exercicio tiver adquirido hábito de meditar, e de recolher as potencias, já poderá contemplar com ſoſſego, e applicação ſuave. Aſſim ſe contempla ſem fadiga, e com certeza, e ſegurança da verdade; mas procure a alma ſempre na contemplação dar a maior, e melhor parte á vontade, que he a que principalmente fabrica o mel neſta interior officina de eſpirituaes doçuras com os affectos, e actos das virtudes, que ali ſempre ſe hão de exercitar, principalmente a fé, eſperança, e caridade.

239 Póde ſer de grande utilidade, e inſtrucção para os contemplativos a Doutrina do veneravel Gerſon, que diz aſſim: (*Opuſc. Concil.* 9.) „Por mais de quarenta an„nos trabalhei; e ſuei eſtudando muito, lendo, oran„do, meditando em muitas, e quietas horas de oração; „e com tudo iſſo nenhúa couſa achei mais proveitoſa, „e efficaz para alcançar a ſabedoria Myſtica, do que fa„zer-ſe o eſpirito aos pés de Deos como hum menino „pobre, e ignorante, que eſtá pedindo ás portas da di„vina Sabedoria, e miſericordia, donde a mendiguez „eſpiritual tem o primeiro lugar na ſingileza da fé. Não he menos recomendavel a inſtrucção, com que S. Franciſco de Sales approva, e perſuade eſta contemplação de

fé

fé a hũa sua filha espiritual; estas são as suas palavras: „ Mui amada filha, a vossa maneira de oração he boa. „ Sede mui fiel em perseverar junto a Deos nessa doce, „ e tranquilla attenção de coração, e nesse suave ador- „ mecimento entre os braços da sua providencia, e nes- „ se brando consentimento da sua santa vontade; porque „ isso lhe he agradavel. Guardai-vos de fazer vehemen- „ tes applicações do entendimento; pois vos fazem dam- „ no não só no mais, mas na mesma oração; e traba- „ lhai á cerca do vosso amado objecto com os affectos „ o mais simplez, e suavemente que poderes. (*Veja-se o n.* 140.)

240 Parece-me concluir com o seguinte exemplo, que explica palpavelmente o modo de contemplar. Se hum homemzinho rustico, que desejasse muito ver o rey, fosse admittido á sua presença, ficaria absorto, e admirado de o ver tão magestoso, tão agradavel, formoso, benigno, tão adornado de galas, e pedras preciosas, e lhe conceberia por isso hum grande amor, e por ver que he o seu rey, que o admittio á sua presença, e que o olha com benignidade, e amor; e ainda que por então lhe não falle, nem o rey com elle, gosta de estar ali na sua presença; e ainda que confuso, e envergonhado por se ver indigno dessa honra, o estima por grande merce; e cheio de respeito, reverencia, e agradecimento interior ali está gozoso vendo-o, e amando-o, e ali estaria muito tempo assim, ainda que nunca lhe fallasse. Forme tambem assim o contemplativo a presença de Deos naquella noticia Geral, e conceito de Deos como Deos, sem lhe fingir imagem, nem figura, se não que sabe que he immenso, magestoso, benigno, e amavel, e posto assim na sua presença dentro delle, como dentro do ar que não vê, mas sabe que o cerca, deixe-se ali estar admirado, confuso, humilhado, agradecido, e com amor interno, e inclinação affectiva, ainda que não falle com Deos, nem Deos com elle, se não estando ali com este conhecimento affectivo, que isto he contemplação verdadeira.

CA-

CAPITULO XI.

Da Purgação Activa do espirito.

241 O Grande, e illuminado Mestre do espirito S. João da Cruz, cujas admiraveis obras cheias de celestial sabedoria tem por objecto as disposições activas, e passivas, proximas, e remotas d'alma para a divina união, ás quaes disposições chama noites escuras activas, e passivas do sentido, e do espirito conforme as porções, que nellas se purgão, e o modo de as purgar ou activamente por diligencia da creatura, ou passivamente por obra, e favor do mesmo Deos, antes de tratar das disposições, ou noites escuras, ou purgações passivas do sentido, e do espirito (como faz nos dous livros da sua Noite Escura) primeiro ensina á creatura a dispor-se activamente com as purgações activas do sentido, e do espirito (a que tambem chama noites escuras) em trez livros, que intitulou *Subida do Monte Carmelo*: e depois de tratar no primeiro da purgação, ou noite escura activa do sentido segundo as potencias materiaes, appetites, e sentidos, que he o de que temos tratado athéqui, passa no segundo, e terceiro a tratar da noite escura, ou purgação activa do espirito; isto he do modo com que a alma se ha de dispor, e purificar activamente segundo as potencias espirituaes memoria, enfendimento, e vontade, evacuando-as de toda a superfluidade, e imperfeição dos seus actos, para não terem embaraço de entrar na noite escura do sentido, ou contemplação infusa, em que a alma deve estar bem purgada, quanto poder da sua parte para tratar mais intimamente com Deos quando elle nella quer obrar sobrenaturalmente.

242 Por isso póde fazer duvida se esta purgação activa do espirito se faz ainda no estado de principiantes, ou já no de aproveitados? mas o certo he que ou nella acaba o primeiro, ou por ella principia o segundo, ou tudo; porque como he disposição proxima para a purgação

ção paſſiva do ſentido, que ſe faz nos principios do eſtado de aproveitados, e para entrar no eſtado de contemplação infuſa, que he eſte meſmo, deve preceder imediatamente o dito eſtado, e purgação: e por iſſo a pomos aqui no fim do de principiantes, para que nada medêe entre ella, e o principio do de aproveitados, no caſo que a eſte pertença.

243 He pois eſta *Purgação Activa do eſpirito* hum módo, com que a creatura por ſua propria diligencia deve cuidar em alimpar, e purificar a alma, e as ſuas potencias de algũas maculas, e imperfeições, que nellas deixou ainda aquelle comercio, e familiaridade, com que tratou com as potencias materiaes, e appetites ſenſitivos; para o que he de ſaber que aſſim como o ſenſitivo pela repetição dos actos vicioſos adquire habitos máos, de que neceſſita purgar-ſe, aſſim o racional, ou eſpirito pelo conſentimento, que tem dado aos inſultos, e actos do appetite, tem manchado a pureza de ſuas potencias memoria, entendimento, e vontade com actos contrarios á razão, dos quaes reſultárão nas ditas potencias habitos vicioſos, e menos rectos, muito ſimilhantes aos do appetite, os quaes communicão ás potencias hũa imperfeição, que ainda que já não he tão grande, nem tão culpavel quando já ſe tem purgado o appetite, com tudo indiſpõe muito a alma para entrar *in divinam caliginem*, ou noite eſcura da contemplação infuſa, que diſpoem para a intima união com o amado; por iſſo ſe deve primeiro purgar como o appetite de todas eſſas maculas, e imperfeições.

244 Deve pois a memoria, e entendimento não admittir lembranças, apprehensões, juizos, ou diſcurſos a reſpeito daquelles objectos, que lhe ſervírão de ruina no tempo da vida imperfeita; de fórte, que eſtejão tão advertidas, e promptas eſtas potencias para facudir de ſi qualquer acto deſtes, que poſſa ſer perigoſo, como a mão para lançar fóra a braza, que lhe falta. Devem eſtas potencias andar tão occupadas na frequencia de actos, idéas, e cogitações ſantas, que eſta virtuoſa applicação as embara-

barace para qualquer acto ocioſo, que as quizer divertir; aſſim como faz hũa peſſoa de reſpeito, quando por muito occupada com negocios de ſumma importancia não quer, ou não póde dar entrada a viſitas ſuperfluas, e impertinentes, que a diſtráhão.

245 Além diſto devem tambem não admittir noticias, ou diſcurſos ocioſos, e indifferentes ainda em materias não perigoſas, como ſejão deſneceſſarias, e pouco conducentes para a paz, e nudez, que devem conſervar, quaes são novidades deſneceſſarias, ſciencias curioſas, lição de livros divertidos, e outras ſimilhantes; porque ainda que eſtas algũas vezes não são de perigo, são com tudo grande embaraço nas potencias para o vazio, em que devem eſtar de noticias eſtranhas, para que as occupe a ſimplez, e pura de Deos em que ſe devem empregar no ſoſlego da ſanta contemplação. E aſſim como a alma não póde unir-ſe affectivamente com Deos, em quanto não eſtiver livre de todo o affecto ocioſo ao mundo, (porque ſervir a dous ſenhores he impoſſivel) aſſim as potencias, que tambem com elle ſe hão de unir com a alma, não o poderáõ conſeguir, nem ainda parcialmente na contemplação, em quanto conſervarem algũa noticia ocioſa do mundo, que são todas as curioſas, e deſneceſſarias: e neſte ſentido he que ſe entende a ſentença do Apoſtolo, *que não devemos ſaber mais do que he conveniente, mas ſaber o neceſſario.* (*Rom.* 12.)

246 Deve tambem a memoria, e entendimento para entrar na contemplação das couſas divinas eſquecer-ſe de todas as imagens mendigadas da imaginação, e de todos os diſcurſos a reſpeito dellas; e entrando ſó pela eſcuridade da fé ſe ponhão as potencias naquella noticia ſimplez, geral, e confuſa de Deos *puro*, *puro*, (como dizem) em que diſſemos conſiſte o acto da contemplação. Mas advirto que eſta abſtracção de imagens, e diſcurſos ſe deve entender ſó no acto da contemplação, e não nos que o precedem como diſpoſição para elle; que antes ellas ajudão muito as potencias como limitadas, e fracas, para mendigarem conhecimento, e conceitos de Deos pe-

las creaturas, quando lhes não basta a luz da fé; pois como diz S. Paulo: (*Rom.* 1.) *As cousas invisiveis de Deos, e a sua sempiterna virtude, e divindade percebemo-las pelo conhecimento das cousas creadas.* E só então he que se hão de deixar as imagens, e discursos quando já se não poder discorrer, ou meditar a respeito dellas, como logo se dirá

247 Assim podemos ao principio figurar a Deos como hum grande Senhor sentado em hum throno excelso, e elevado entre duas ordens de abrazados Serafins, todo cheio de gloria, e magestade infinitamente perfeito, e daqui prescindir destas imagens, e noticias particulares, e passar a contempla-lo em noticia geral, e simplez da Divindade, e grandeza da magestade; que assim o vio Isaías quando estava na contemplação mais alta do mesmo Deos. (*Isai. c.* 6.) Que contemplação mais alta que a de S. Agostinho? e começou pela vista de hum jardim; daqui passou aos bosques; daqui ao ar, ás estrellas, ao sol, daqui ao Ceo Empyreo; e daqui parou no silencio summo da contemplação, de que goza finalmente a alma quieta em Deos, como em seu centro. (*Confes. L. q. c.* 10.) Comece-se pois a oração pelas imagens, e discursos; mas detendo-se nellas só o necessario para adquirir a noticia, e conhecimento do imaginado, que he o objecto, que ellas representão, faça a alma a respeito deste os discursos parciaes, que forem necessarios, e possão concorrer para adquirir hũa noticia geral da verdade, ou mysterio, a que pertencem, e fique-se nesta, deixando á parte as imagens, e discursos, como já não necessarios para o fim, para que se servia delles; e isto he contemplar sem imagens, mas por meio, e auxilio dellas, como está dito.

248 S. João da Cruz aponta tres sinaes por onde a alma póde ponhecer que deve deixar as imagens, e discursos, formas, e figuras, e são os seguintes. (*Subida L.* 2. *c.* 13.) „ O primeiro he ver que já não póde me„ ditar, nem obrar com a imaginação, nem gosta disso, „ como dantes; antes acha já seccuras no que costuma„ va fixar o sentido, e tirar çuco. Porém em quanto o

„ achar,

„ achar, e poder discorrer na meditação, não a ha de
„ deixar, senão for quando a alma se pozer na paz, que
„ se dirá no terceiro final. O segundo he quando lhe não
„ dá gosto, nem vontade de pôr a dita imaginação, nem
„ o sentido em outras cousas particulares exteriores, nem
„ interiores. Não digo que não vá, e venha, (que esta
„ ainda em muito recolhimento costuma andar solta) se
„ não que não goste a alma de pô-la de proposito, em
„ outras cousas. O terceiro, e mais certo he se a alma
„ gosta de estar só com attenção amorosa a Deos sem
„ particular consideração, em paz interior, e descanso,
„ sem actos, nem exercicios das potencias memoria, en-
„ tendimento, e vontade, ao menos discursivos, que he
„ ir de hum em outro; senão só com a noticia, e ad-
„ vertencia geral, e amorosa, que dizemos, sem parti-
„ cular intelligencia.

249 „ Estes tres sinaes (continúa o Santo) ha de ver
„ em si juntos, pelo menos o espiritual, para attrever-
„ se seguramente a deixar o estado de meditação, e en-
„ trar no de contemplação, e do espirito. E fallando a
„ respeito do terceiro final diz, que he verdade com tu-
„ do que aos principios que começa este estado, quasi
„ não se conhece esta noticia amorosa por dois motivos:
„ hum porque ao principio costuma ser mui sutil, deli-
„ cada, e quasi insensivel: outro, porque havendo esta-
„ do a alma habituada no outro exercicio da meditação,
„ que he mais sensivel, não vê bem, nem quasi sente
„ estoutra novidade insensivel, que he já pura de espi-
„ rito. Porém quanto mais se for habilitando, e deixan-
„ do socegar, mais irá sempre crescendo nella, e sen-
„ tindo mais aquella noticia amorosa, e geral de Deos,
„ de que gosta ella mais que tudo; porque lhe causa
„ paz, descanso, sabor, e deleite sem trabalho.

250 Advirto porém, que quando o Santo aqui diz que se ha de deixar o estado de meditação, e discurso para entrar no de contemplação, por estado de meditação, e discurso entende tambem o de contemplação activa, a qual como acima dissemos, (*n.* 215.) pouco diffe-

re da meditação ; e por isso o Santo lhe não chama ainda rigorosamente contemplação ; pois só tem por tal propriamente a que he sobrenatural , e infusa , qual he esta noticia amorosa , e geral , de que falla nos sinaes acima referidos , pois a esta mesma no capitulo quatorze em varias partes chama noticia , e luz sobrenatural : e no capitulo quinze diz , que aos aproveitantes he que Deos começa a pôr nesta noticia sobrenatural de contemplação , de que tem fallado nos antecedentes. E o que entende por contemplação activa , he o que no capitulo quatorze chama ter em habito o espirito da meditação pela repetição de actos de noticias amorosas , como dissemos: (*n.* 217.) donde está claro , que esta purgação activa do espirito , e os tres sinaes acima referidos he tudo disposição immediata para o estado de contemplação infusa , ou para a purgação passiva do sentido , em que começa o estado de aproveitados , e o da dita contemplação infusa.

251 Deve tambem notar-se que a abstracção das imagens , formas , e figuras não se deve entender a respeito de Christo nosso Redemptor ; antes elle he imagem , que nunca se deve esquecer , e que devemos sempre trazer vivamente impressa em nosso coração , e as sagradas obras de sua vida , e Payxão são materia para a meditação , e contemplação mais subida em todos os estados da vida do espirito ; porque elle he o caminho , a verdade , e a vida ; he a porta , por onde se entra ao Pay ; e ninguem vai ao Pay senão por elle ; e quem entrar por esta porta será salvo , e achará o pasto espiritual da alma ; e quem o vê a elle vê ao Pay ; porque elle está no Pay , e o Pay nelle ; e se o conhecermos a elle , conheceremos ao Pay. (*Joan.* 10. & 14.) E assim este Divino composto não he embaraço , antes ajuda tanto para a meditação , como para a contemplação : mas he bem que não nos detenhamos só na humanidade , senão que conhecendo-o como Deos , e homem juntamente , nelle respeitemos toda a plenidão da Divindade , que nelle se acha como no Pay , e no Espirito Santo , e que estas mesmas pes-

soas

foas nelle, e com elle estão, por communicação divina. Assim o meu Seraſico Patriarcha, quando se lhe imprimirão as chagas, estava na contemplação mais subida, e a sua materia erão as afrontas da Cruz, e o que nella sofreu o Redemptor. Sirva de exemplo o modo de contemplar, que fica dito. (*n.* 142. *e* 240.)

252 O mesmo se deve dizer de Maria Santissima, e dos mais Santos, que tambem as suas fórmas, e imagens internas não embaração a contemplação; com tanto que o entendimento se não demore no que he exterior, e material, que se póde perceber pelos sentidos externos, ou internos; senão que passando a considera-los huns espiritos ditosos, cheios de felicidades eternas, transformados em gloria á face do mesmo Deos, vendo-o como elle he, não já por espelho, ou em enigmas, mas intuitivamente face a face, transfigurados na gloria do seu rosto, feitos huns como Deoses com elle, ali contemplemos as maravilhas da graça, as grandezas da Gloria, as felicidades dos Justos, a abundancia das misericordias divinas, e a enchente de delicias, e regalos, que inunda a Santa Cidade de Deos, e de que estão gozando, e gozarão aquelles felizes espiritos por eternidades de seculos.

253 Tambem as noticias, ainda espirituaes, e sobrenaturaes, como visões, revelações, fallas, e outras similhantes, que Deos muitas vezes communica ás almas adiantadas, e ainda algũas ás principiantes por fins só a elle manifestos, pódem servir de embaraço para a contemplação, e união divina; por isso só a memoria, e entendimento devem dellas conservar a substancia, e esquecer o accidente: quero dizer, aproveitar-se da unção, e bons movimentos, que conduzem para o fim, que Deos nellas se propôs, e despresar o modo, a formosura, a imagem, o gôzo, o júbilo, a suavidade, que nella percebeu, ou sentio o sensitivo, ou ainda o mesmo espirito; assim como da noz só se aproveita a medúla, e se faz pouco caso da casca. Desta materia se fallará mais largamente em seu lugar.

254 Assim como a memoria, e entendimento das noticias

ticias, assim a vontade se deve purgar dos affectos; primeiro de todos aquelles, e a respeito daquelles objectos, que o forão de desagrados do Senhor; occupando-se de tal sorte nos actos de amor para com elle, que nella não possão ter entrada os affectos estranhos, pelo modo que dissemos a respeito das outras potencias. (*n.* 244.) Desta sorte deve a vontade não admittir affectos, ou apêgos do coração ás cousas da terra, ainda ás licitas; porque aindaque não sejão prohibidas, sempre o desordenado desejo, ou apêgo a ellas he ocioso, vão, superfluo, e faz dividir o coração, que o Senhor só para si creou, quer, e pede todo, e sem reserva; e assim tanto delle apéga a creatura á creatura tanto nega ao creador. Quem não for pobre do espirito, não está disposto para a contemplação, e união com o Senhor de tudo; e não he pobre quem tem, ou tem desejo de ter, pouco que seja; aonde está o thesouro, ali está tambem o coração; e não he thesouro o ter muito; he ter ambição, avareza, e propriedade na posse, ou no desejo do terreno: por isso he mais pobre, e mais disposto para a contemplação hum rico desapegado do que tem, do que hum pobre ambicioso, e estimador do pouco que possúe.

255 Deve tambem a vontade em todas as payxões, que o appetite tanto concupiscivel, como iracivel nella commoveu, haver-se com hũa tal rectidão, que nem o concupiscivel a arraste ao amor, ou odio, gôzo, ou tristeza, desejo, ou fuga, que não só não sejão rectos, mas ainda que não sejão virtuosos, e dirigidos ao mesmo Deos; nem o iracivel a commova para esperança, ou desesperação, audacia, temor, ou ira, que não sejão rectificados com o fim honesto, e moral. E isto não só nas cousas terrenas, mas ainda nas do espirito, ou sejão naturaes, como devoções, exercicios, penitencias, &c., ou sobrenaturaes, como visões, revelações, fallas, &c. pois em nada disto, assim como no mais, se deve a vontade deixar attrahir do gôzo, affecto, desejo, ou dictame do proprio parecer; se não que seguindo o da direcção, e obediencia, não tenha outro apêgo, ou desejo mais que de

fa-

fazer a vontade do Creador. Finalmente deve a vontade ter aquella união activa com a de Deos, que acima fica explicada, (*a n.* 208.) para ſe diſpor para a ſanta contemplação, e união infuſa com o meſmo Deos.

CAPITULO XII.

Dos exercicios proprios da via purgativa, ou eſtado de principiantes, e da ordem, e modo, que deve obſervar o Director em os preſcrever.

256 DEpois de tratar tudo o que pertence ao eſtado de principiantes, como fizemos athe agora, aindaque em reſumo, he juſto que demos aqui hũa breve inſtrucção da qualidade dos exercicios, que lhe são proprios, e da ordem, e modo que devem ter os Directores, não ſó em os preſcrever ás almas ſugeitas á ſua direcção, mas tambem em tratar, e communicar com as meſmas. Primeiramente deve advertir o Director, que quando recebe hũa alma debaixo da ſua conducta, faz com ella, e com Deos hum implicito contrato de não perdoar a diligencia, e de ſolicitar todos os meios de a fazer ſubir ao mais elevado gráo de perfeição, que lhe for poſſivel; e que toma ſobre ſi hũa nova obrigação de ſe fazer reſponſavel a Deos de toda a omiſsão, que niſſo tiver, e de toda a que por ella tiver a alma no ſerviço de Deos.

257 Por iſſo não deve acceitar na ſua direcção ſenão aquellas, que ſegundo o ſeu talento, tempo, ou miniſterios poder cõmodamente dirigir ſem lhes faltar com o neceſſario, nem lhes conceder o ſuperfluo, que de hũa, e outra couſa ha de ſer o Senhor juiz terrivel; aſſim como o ha de ſer da omiſsão, que tiverem os miniſtros ſagrados em ſe ſugeitarem a eſte exercicio de caridade tão proprio do ſeu miniſterio, e que tanto o Senhor delles eſpera como ſacerdotes do Altiſſimo, ſubſtitutos de Jeſus Chriſto, herdeiros do ſeu zelo, e caridade, depoſitarios do fructo da Redempção, e dos talentos, que

lhes

lhes entregou, de cuja negociação, e lucro lhes ha de tirar conta quando vier. Veja-se o Prologo. (*a n.* 3.)

258 Não deve com tudo rogar-se o Director, porque perderá nisso a estimação; excepto se vir algũa creatura em máo estado, e tiver esperanças de que offerecendo-se a dirigi-la a apartará dos laços da culpa, que então pede a caridade se lhe facilite a entrada á casa do Senhor, e que os seus ministros solicitem trazer a ella, e ao gremio santo as ovelhas perdidas, principalmente sendo os seus proprios pastores, que estes não só devem offerecer a sua conducta ás desgarradas, mas tambem a todas as que Deos encarregou ao seu cuidado; e não devem negar-se a nenhũa, antes facilitar-se a todas com promptidão, e benignidade de Pay; pois de justiça as devem conduzir para Deos, saber a sciencia de bem pastorear, ministrar-lhes o pasto saudavel, mostrar-lhes os caminhos da salvação, e reduzi-las a elles quando desgarrarem, aindaque lhes custe trabalhos, e suores, ainda que lhes seja necessario gemer com o seu peso para as trazer ao gremio do Senhor, que para isso ellas os sustentão. Grande Deos, que durissimo juizo haveis de fazer aos pastores de Israel! Veja-se o Prologo a este respeito. (*a n.* 15.)

259 Quando pois algũa alma se pertende sugeitar aos seus dictames, não a deve logo acceitar o Director; mas differindo por algum tempo o seu assento, lhe aconselhe que consulte com Deos este negocio, e elle mesmo o consulte, fazendo emtanto diligentes exames, provas, e experiencias para ver se ella vem com verdadeiro, e sincero desejo da virtude, de dar de mão aos descaminhos, e seguir os passos de Jesus Christo: em hũa palavra; se vem verdadeiramente convertida; e sendo assim a acceitará benignamente, e a animará a proseguir em tão acertado projecto, promettendo ajuda-la com o seu cuidado, e diligencia. Mas se vir que não he totalmente sincero o seu desejo, se não que intenta andar com hum pé na terra, outro no mar; compôr com Deos, e com o mundo; concordar a vida do espirito com a satisfação das

suas

ſuas payxões; em hũa palavra, ſervir a dous ſenhores, deſengane-a com ſanta reſolução de que não póde ſeguir o partido de Deos, e o de Baal; que são contrarios Deos, e o mundo; e para ſervir áquelle ha de renunciar a eſte totalmente; e ſe não quizer, não gaſte com ella o tempo, que póde aproveitar com outras mais penetradas do bom zelo, e temor ſanto.

260. Mas ſe as inclinações, que não quer demittir ao principio, não forem abſolutamente perigoſas, mas ſó de algũa ocioſidade, ou vaidade, como caça, jogos ſem muito exceſſo, veſtidos ricos, e outras ſimilhantes, haja-ſe com ella o Director humanamente; ſofra-a aſſim ao principio, eſperando pela ſua boa diligencia, e boas doutrinas, que com brandura, e ſuavidade como o Sol ao viajante, pouco a pouco lhe irá introduzindo o calor divino, que a faça deſpir das ſuperfluidades, que a carregão, e lhe dará luz para conhecer a pouca harmonia, que fazem eſtas couſas com a vida do eſpirito; com o que deixará goſtoſa, e voluntaria o que lhe repugnava ao principio. Se porém vir que depois de algum tempo de exercicios, e inſtrucções as vaidades, e ocioſidades ſe não diminuem; e a creatura conſerva a meſma tenacidade, e apêgo, (e muito mais ſe vir que ſe augmentão) deſengane-a com ſanta liberdade, e ſe as não quizer deixar, deixe-a elle.

261 Certificado porém de que a alma vem tocada do eſpirito do Senhor, a receberá, e animará benignamente, diſpondo-a para huma confiſsão geral de toda a vida, ou do tempo, que lhe parecer neceſſario, a qual deve fazer com elle meſmo, ou dar-lhe hũa fiel relação das inclinações, e progreſſos da ſua vida, tendo-ſe já confeſſado com outro geralmente, para ter hum cabal conhecimento das neceſſidades, e perigos, a que deve occorrer. O meſmo exame deve fazer áquellas almas, que o vem procurar depois de terem tido outro Director, e ſeguido a vida do eſpirito algum tempo para ſaber o progreſſo, que tem feito na virtude, o eſtado em que eſtão, e os exercicios, em que as deve continuar; pois as não

deve tornar ao principio, mas ajuda-las a hir adiante naquelle, em que se acharem. Tambem deve advertir logo ao principiante; que entrar no caminho do espirito he entrar em contenda com os inimigos, que intentão cortar-lhe o passo, como succedeu ao povo de Deos no da terra da promissão, figura do espiritual, que nunca embainhárão a espada, nem lhes faltárão inimigos que vencer, e monstros ferozes, que os intimidavão; mas anime-o como o Sacerdote de Israel alentava aquelle timido povo. *Vos hodie contra inimicos vestros pugnam cõmittitis, non pertimescat cor vestrum, nolite metuere, nolite cedere, nec formidetis eos: quia Dominus Deus vester in medio vestri est, & pro vobis contra adversarios vestros dimicabit, ut eruat vos a malo.* (*Deuter.* 20.)

262 „ Vós, alma, entrais em hũa contenda terrivel; „ os inimigos se vos hão de oppôr com furia implaca- „ vel; a carne queixosa por lhe negares a posse em que „ estava da satisfação dos seus appetites, os exaltará com „ força, e pertenderá restituir-se á sua posse; o mundo „ vendo que se lhe rebella hum partidista, solicitará to- „ dos os meios para vos tornar a conduzir ao seu co- „ mercio, já com murmurações, mofas, e escarneos, já „ com persuasões declaradas, e principalmente intimidan- „ do-vos com a vergonha, e com o temor daquelle fe- „ ro monstro: *Que dirão*, que aindaque só tem fealda- „ de apparente, e só póde fazer mal a quem lhe fugir, „ e o temer, tem feito estrago em hum sem numero de „ almas pusilanimes; e o demonio, ainda que fraco, rai- „ voso de que lhe fugisse a presa, aliado com o mundo, „ e com a carne não cessará da contenda, por mais que „ fique vencido, e se contentará com hũa victoria, ainda „ que tenha perdido hum cento: mas não se desanime „ o vosso coração, não temais, nem vos asuste a furia „ dos inimigos, que junto de vós, com vosco, e mesmo „ dentro de vós está o Deos dos exercitos; elle peleja- „ rá as vossas batalhas; elle vos vencerá os contrarios, „ para vos livrar dos perigos. Armai-vos com o escu- „ do da fé, e confiança em Deos, e com hum *Não* de-

„ sar-

„ ſarmareis de hum golpe todos os poderes adverſos.

263 As armas mais poderoſas, de que a deve armar, são as da ſanta oração; e ſe nella perſeverar, em breve tempo ſe verá triunfante de todos os contrarios. Nos primeiros principios lhe deve aconſelhar meditações, que a fação penetrar de dor das culpas, e firmar em propoſitos de emenda. Taes são as dos noviſſimos, da Eternidade, da graveza do peccado, das miſerias, e brevidade da vida, do conhecimento da ſua propria vileza, e algũas vezes da Vida, e Payxão de Jeſus Chriſto; mas deduzindo ſempre dellas motivos de arrependimento das culpas, conſiderando que as ſuas, como ſe não houvera outras nenhũas, forão a cauſa dos trabalhos, e penas do Salvador, e que por ſeu amor as ſofreu, como ſe não houvera mais almas que remir, e ainda pela ſua as padeceria de novo muitas vezes, ſe foſſe neceſſario, para a ſalvar; e de facto de novo as padeceu quantas vezes ella peccou, pois outras tantas o crucificou de novo: *Iterum crucifigentes.*

264 Nos principios não a fatigue com prolixas meditações, paraque não ſe cance o eſpirito pouco afeito á violencia. Regularmente baſtará meia hora de manhã, e meia á noite, ou hum quarto, ſe vir que ainda meia hora a afflige. Enſine-lhe o modo de meditar, que em ſeu lugar fica poſto. (*a n.* 123.) Se ſe vir arida, e deſabrida, e que nada póde attingir, faça o que ahi ſe enſina, ou ſe ponha diante de hum Crucifixo, ou o repreſente na idêa, e o vá reſiſtando de vagar com os olhos, ou imaginação hũa, e muitas vezes, vendo as feridas, roturas, e eſtragos que fizerão os tormentos em cada hũa das partes daquelle Divino compoſto, e faça por mover o coração a algum affecto de compaixão, e ternura, e não perderá o tempo. Outras vezes ſe póde abraçar com a meſma imagem ſagrada applicando a bôca com demora aos ſagrados pes, ou divino lado, e eſpere confiadamente que lhe virá o fervor do eſpirito deſta officina do amor.

265 Exorte-a á penitencia, e maceração da carne para

ra inteira expiação do peccado, mas que nada faça sem o prudente dictame da obediencia, a qual nisto, e em tudo o mais deve seguir sem renitencia, para não errar, e para serem meritorios os exercicios; certificando-se que mais merece quando os não faz, porque a obediencia lhos não permitte, do que se então os fizesse. Esta penitencia lhe deve prescrever o Director conforme as suas forças, e algũa cousa menos, attendendo sempre ás culpas, que tem para expiar, e ao fervor com que a appetece, por não fazer logo tão desabrido o caminho santo, e não intimidar com as suas asperesas as pusilanimes; advertindo porém, que nestes principios costumão as almas ter grandes desejos de penitencias, cuidando erradamente que no seu augmento consiste o adiantamento na virtude com cujos imprudentes desejos não deve condescender o Director, mas conter-lhos nos limites de hũa prudente mediania, persuadindo-a de que não está o ponto da perfeição nas mortificações do corpo, se não nas do amor proprio, e payxões, e pratica das virtudes, que este he o fim para que ajudão as penitencias, e por isso só se devem tomar como meio para a mortificação principal.

266 Não deve com tudo abandonar tanto os santos rigores da penitencia, que os tenha em tão pouco como os partidistas do mundo, que só conhecem a penitencia pelo nome, e cuidão que para satisfazer, e escapar a severa comminação do Salvador de que, *Se não fizermos penitencia pereceremos*, (*Luc.* 13.) basta o sacramento da reconciliação com hũas poucas de orações, que nelle se impõem por penitencia, e que dar em si só he officio de loucos: assim o tenho ouvido a alguns, e a alguns ministros da Igreja, e a hum, que lhe comia os fructos: grande Deos, que pastor! Proposição, que se não he heretica, lhe he mui proxima; e não deixa de ser erronea, impia, temeraria, blasfema, e offensiva dos piedosos ouvidos; pois tem por loucos a hum S. Paulo, que diz, que castigava seu corpo para o reduzir á servidão: hum S. Francisco meu Padre: hum S. Pedro de Alcantra, e outros sagrados monstros de penitencia, que erão huns

ſeveros verdugos de ſi meſmos, caſtigando com ſanta crueldade em ſua meſma innocencia os delictos, com que o mundo offendia ao Creador. Que abundantes exemplos nos não dão diſto as ſagradas Hiſtorias!

267 Outras almas tem grande contradicção ás macerações, temendo perder a ſaude, e que já morrem ſe fazem penitencia, e iſto coſtuma ſer tentação, como he o exceſſivo deſejo de as fazer; por iſſo a nenhũa dellas deve attender o Director, fazendo-lhas vencer com prudencia. Tenha cuidado que as penitencias ſe não façáo com exceſſivo rigor, ou numero, nem em circunſtancias, e tempo que prejudiquem gravemente á ſaude; mas tambem que não ſeja niſto tão apurada a creatura, que com temor de qualquer leve incommodo, ou prejuizo (ou ainda que tema o grave, ſe he ſem fundamento) ſe diſpenſe dos ſantos rigores da penitencia; pois ſe eſta não ha de mortificar, para que ſe faz? Quem aſſim for tão eſcrupuloſo, e acautelado nas enfermidades do corpo, não o ſerá muito nas da alma; e quem tiver bem amor a virtude, não terá tanto ao corpo, que o não queira prejudicar em algũa couſa: o que ſó he prohibido he o prejuizo grave conhecido; o leve he proprio da penitencia, que ſe não póde dar ſem elle.

268 Não houve Santo, que não trataſſe o corpo como hum rebelde, como hum cruel inimigo que he; os que tinhão ſido peccadores, vingavão-ſe nelle do mal que lhes cauſou; os que erão innocentes, com os rigores acautelavão a ruina; e huns, e outros o tratavão com auſteridades rigoroſas para lhe cortar os brios, e diminuir as forças contra o eſpirito, ſem ſe lembrarem da ſaude, que he bem de ver ſe havia de prejudicar com os máos tratamentos. Não ſei de Santo, nem de peſſoa de virtude radical, que não padeceſſe achaques corporaes. Santa Thereſa queixando-ſe da demaſiada diſcrição, que niſto tem muitas almas, diz (*Vida c.* 13.) que he tentação do demonio, que as faz entender que tudo as ha de matar, e tirar a ſaude; e que aindaque ella era tão enferma, em quanto ſe não determinou a não fazer caſo do corpo,

nem

nem da saude, sempre esteve atada, e sem valer nada; e que quando o demonio lhe punha diante o perder a saude, ou o descanso, dizia: pouco emporta que morra, já não necessito de descanso, senão de cruz.

269 Ao Director he que pertence prescrever as mortificações necessarias, e conformes ás forças, espirito, e estado da creatura, no que deve observar hum meio prudente. Regularmente ao principio bastará que em tres dias da semana tome deciplina por tempo em que se reze hũa estação, ou duas vezes o Salmo *Miserere*, mas rara vez, ou nunca com instrumento de ferro; e que em outros tres aperte hum cilicio por tempo de duas horas; mas rara vez na cintura, e nunca nas horas do chylo; deixando-lhe o Domingo feriado de mortificações corporaes. Se tiver commodo, póde aconselhar-lhe o jejum da Sexta, e do Sabado, ou algum delles, e que nos mais dias se abstenha de manjares regalados, dissaboreando os de muito gosto com algũa mistura insipida, podendo faze-lo sem nota, e com disfarce, sendo muito cuidadosa nas mortificações pequenas, que o não são no merecimento, como não comer hum bocado que appetecia, engolir hum amargoso, não beber logo que desejava, não olhar para hũa parte que gostava, não dizer hũa palavra que queria, e outras similhantes a estas, que cada hũa dellas feita pelo amor de Deos vale mais que o mundo todo.

270 A principal mortificação he a da vontade, e a dos sentidos internos, e externos; a dos appetites, e payxões principalmente da que nella for dominante, conforme ao que em seu lugar fica dito, (*an.* 180.) trabalhando sem cessar no seu vencimento, e em adquirir a virtude opposta á mesma payxão, como se nada mais tivesse que vencer, adquirir, ou trabalhar, para o que se regulará pelo que no sobredito lugar se ensina. A lingua he fogo, e a universidade de todos os males; (*Jacob* 3.) no muito fallar não faltará o peccado; (*Prov.* 10.) he mais facil calar sempre, do que fallar sempre bem; por isso deve o espiritual mortificar-se muito na lingua, e ter

hũa

hũa grande guarda no ſilencio, principalmente hũa, ou duas horas cada dia, e nas mais antes decline para o diminuto, do que para o exceſſivo, que de toda a palavra ocioſa (que he o meſmo que ſuperflua) ſe ha de dar conta no dia do juizo. (*Math.* 12.)

271 He muito conveniente a frequencia dos ſacramentos, que são as fontes do Salvador, donde ſe bebem com goſto as aguas da graça; por iſſo ſe a creatura tiver commodidade, faça o Director que ao menos cada oito dias ſe confeſſe, e receba a ſagrada Communhão; e nos mais todos, podendo, aſſiſta ao tremendo ſacrificio da Miſſa. Não a carregue muito de orações vocaes, nem lhas permitta; que a ſua multiplicidade as faz ſatisfazer com imperfeição; eſta he hũa tentação, e engano das almas, cuidarem que ſe não tem muitas devoções, muitas rezas não fazem vida perfeita; a perfeição eſtá no bem, e não no muito; e muito, e bem não póde ſer; mais vale hum Padre noſſo bem rezado, do que mil proferidos ſem attenção. (*Veja-ſe a n.* 107.) Ordinariamente no principio baſtará cada dia o Roſario, ou a Coroa da Senhora, a Via ſacra podendo, a Novena das Almas, a Eſtação do Santiſſimo Sacramento, e poucas mais, mas todas com devoção, vagar, e attenção.

272 Pede a razão, e a prudencia que o Director regule os exercicios eſpirituaes ſegundo o eſtado da creatura, e conforme as obrigações publicas, ou domeſticas, que tem a ſeu cargo. Aſſim aos filhos-familias, creados de ſervir, e molheres caſadas não deve impor exercicios, que encontrem a boa harmonia das caſas, o cumprimento das ſuas obrigações, a obediencia de ſeus pays, maridos, ou amos: advirta-lhes que he melhor a obediencia, que o ſacrificio, e que mais merecem na paciencia, e ſugeição da vontade, e em deixar hum exercicio porque lho contradiz o ſuperior, do que em o fazer, e por iſſo motivar diſcordias, e rixas.

273 Mas advirta tambem aos ſuperiores, ou advirtão elles, que ſerão reſponſaveis diante do Senhor dos ſenhores, ſe ſem razão, meſmo por não goſtarem da virtude,

tude, e com nimio apêgo aos bens caducos lhes impedirem solicitar os eternos. Não entendão mal o que se diz, *que primeiro está a obrigação, que a devoção*; pois a primeira, e principal obrigação dos Christãos he cuidar, e procurar primeiro o Reyno de Deos, e a salvação da sua alma, e a respeito desta obrigação mais se deve chamar devoção o trato, e o cuidado do mundo. A casa, e familia do nosso interior tem sentidos, potencias, e payxões, que são os domesticos, que primeiro devemos governar, do que os domesticos, e familia da casa exterior, e cuidar nesta descuidando-se daquella, he errar o fim, e o cuidado, e não encher a obrigação primeira, e principal. A alma tem mais necessidade de sustento, de vestido, e de riquezas do que o corpo, e quem só cuida neste, e não naquella, ou não adverte que a tem, ou se lhe não dá de a perder.

274 Se o superior for devoto, e dado á oração tudo regulará em boa ordem; elle achará, e dará tempo para tudo; mas se elle for só lembrado da ambição, esquecido de Deos, e de si, julgará perdido hum momento de oração, e tomára mais tempo para occupar, e fazer occupar nos negocios, e nos cuidados terrenos, e tudo será desordem em sua casa, tudo horror sempiterno. Aos que dizem, que boa oração faz quem cuida no governo da sua casa, em prover as necessidades dos seus domesticos, e ter conta com o que tem a seu cargo, e por isso nem cuidão em oração, nem em vida devota, reprehende S. Thereza dizendo: (*Carta* 8.) „ Que sua „ necessidade he a primeira, e de maior obrigação; e a „ perfeita caridade começa por si mesmo. E que o pas„ tor, para fazer bem seu officio, se deve pôr no lugar „ mais alto, donde veja bem o seu rebanho; e este al„ to he o lugar da oração. E S. Bernardo diz: (*L.* 1. „ *de Consid. ad Eug.*) Malditas occupações, que attrahem „ todo o superior para si, e nada lhe deixão para a ora„ ção; porque lhe farão duro o coração, e sem luz, ca„ lor, nem graça para o ministerio que occupa.

275 No trato, e familiaridade com os discipulos de-

ve

ve o Director ser affavel sem demasia, benigno com inteireza, riguroso sem crueldade, compadecido com justiça, indulgente com rectidão, e em tudo dar-lhes a conhecer entranhas de Pay para os favorecer, e inteireza de Ministro para os castigar. Fuja a estreita communicação com as filhas espirituaes, aindaque sejão castas, e virtuosas, porque, como diz S. Agostinho, quanto ellas são mais santas, tanto mais attrahem, e debaixo de brandas palavras se accende o fogo da concupiscencia. E por isso ainda que as instrucções dos Directores são uteis, quando são necessarias, pódem ser perniciosas, quando são superfluas, e ainda que não tivessem outro mal, bastava o da superfluidade, e da perda do tempo para se dever evitar.

276 Porque algũas mulheres, ainda com bom fim, e por devoção frequentão os seus Directores mais do que he necessario com duvidas inuteis, com que os detem, e querendo-lhes agradar, fazem mal a si, e a elles; o que se evitará se o Director as admoestar a que deixem praticas inuteis, e as instruir mais na praxe, do que na especulação das virtudes; pois da nimia familiaridade com ellas se origina o pouco respeito, ou o nimio affecto, que tudo he mío. Por isso assimcomo he necessario consultar o Director nas duvidas importantes da consciencia, assim he superfluo importuna-lo com futilidades escusadas, com o que a devoção póde passar a affecto do coração. Se a sábia prudencia achasse o meio de não faltar ao necessario, e evitar o superfluo, tinha conseguido o acertar; mas a haver de declinar para algum extremo, seja antes para o de diminuto, do que para o de excessivo.

277 Abstenha-se de toda a cubiça, e faça entender aos discipulos que imita ao Apostolo, que dizia: *Nolo vestra, sed vos.* E se se deixar arrastar de algum interesse, perderá o merecimento, e ouvirá da boca do Remunerador supremo: *Recepisti mercedem tuam.* Tenha santa ambição de ganhar almas para Deos, e merecimentos de caridade para si, e será inebriado da abundancia da

casa do Senhor. Mas tanto nisto, como no trato, e communicação com as dirigidas não se deve portar tão desabrido, e despresar tanto as leis da politica, que em lugar de edificar escandalize, e querendo ter a virtude da isenção, incorra no vicio da indiscrição, ou da soberba; que os Santos, e o mesmo S. Paulo, e ainda o mesmo Jesus Christo não se negavão á communicação honesta, quando a caridade o pedia, e aceitavão o soccorro das suas necessidades como pobres, sem que Christo se lhe desse de ser murmurado de communicar com a Magdalena, e ir a sua casa, aceitar della os regalos, e obsequios. Obre com rectidão o Director, e se for murmurado como Christo, será glorificado como elle; que a murmuração he o pão dos justos, e quem o não gostar não o será.

278 Neste estado de purgação activa, em que se exercita a creatura na mortificação das payxões, e propria vontade, na dor das culpas, e santo temor de Deos deve tambem já praticar o uso das orações jaculatorias, que sejão proprias para mover á dor, e arrependimento, ou para attrahir as misericordias de Deos; taes são estas, ou similhantes: *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam. Tibi soli peccavi, & malum coram te feci. Bom Deos sede propicio para com este grande peccador. Senhor tende misericordia de mim.* Tambem se deve exercitar na presença de Deos, principalmente na imaginaria, como se disse, (*an.* 227.) e quando a não tenha continua, renove-a com a frequencia possivel. Se ouver relogio na terra, póde toma-lo por despertador para se lembrar de Deos naquella hora, e o póde julgar hum pregoeiro do Ceo, que lhe clama: Já lá vai mais hũa hora da tua vida; lembra-te do Deos que ta deu, e ta póde tirar na hora que se segue.

279 He muito recomendavel a frequencia de communhões espirituaes, e actos de amor de Deos; o silencio, e retiro das creaturas, principalmente das de differente sexo, e das do mesmo, que forem perigosas, e pouco exemplares: *Quia sæpe corrumpunt bonos mores consortia mala;*

mala; mas isto não seja pelas desprezar a ellas, que antes as deve amar, e encomendar a Deos, mas por se acautelar a si. Todos os dias deve examinar a consciencia, ao menos á noite, do que tem aproveitado, ou delinquido nelle, se tem ou não cumprido os exercicios, e com que perfeição, ou imperfeição os satisfez, para dar graças a Deos pelo bem que achar, referindo-o todo a elle como origem de todo o bem, e pedir-lhe perdão dos defeitos, que em si conhecer; e fará bem se no fim de cada mez, e de cada anno o fizer de todo elle, para ver o que tem aproveitado, para se reprehender da negligencia, e se afervorar com novos propositos: e se no fim do mez, e do anno se confessar geralmente das culpas de todo elle, será diligencia louvavel. He bem que todos os dias, tendo commodidade para isso, lea, ou ouça ler meia hora, ou hum quarto por algum livro conforme á meditação do seu estado: como a Differença entre o temporal, e eterno; as meditações do P. Bernardes; o Retiro espiritual, e outros assim.

280 Este estado he todo de meditação, ainda que algũas vezes no fim desta he bem conclua com algum acto de contemplação, e já aqui he bem que pratique a oração de recolhimento activo, como dissemos, (*an.* 230.) que tambem pela maior parte he de meditação, e propria deste estado. Nelle deve o Director conservar a creatura mais, ou menos tempo segundo o aproveitamento, espirito, e diligencia que vê nella, e conforme as mais ou menos culpas, que tem que expiar, e a intensão dos actos de satisfação; de sorte que só a tire delle quando a vir bastantemente mortificada, e que se vence com força, e presteza nas tentações, e tem praticado com fervor, e diligencia os exercicios da vida activa, e a meditação com fructo.

281 Mas não he necessario esperar que já de todo não sinta os movimentos das payxões, ou que não caia em alguns defeitos, que isto pelo tempo adiante se consegue; mas basta que a veja fervorosa, compungida, e prompta na diligencia de se vencer, e na pratica dos exer-

exercicios ſantos com ancia de ſe adiantar na perfeição. Por iſſo póde ſucceder que hũa creatura, que teve vida muito eſcandaloſa, poſſa depois da ſua conversão paſſar mais depreſſa para a illuminação activa do que outra, que não tenha grandes peccados que expiar, ſe a primeira for fervoroſa, e diligente, e a ſegunda tibia, e afferrada ao ſeu parecer; pois ordinariamente mais depreſſa ſe adianta na virtude hum peccador grande convertido, do que hum tibio ſem culpas muito graves; porque o primeiro, como o publicano ſe confunde, e humilha com o conhecimento das ſuas maldades, e o ſegundo como o Fariſeu ſe exalta com a ſatisfação de ſi.

282 Exercitada a creatura o tempo conveniente no exercicio de deſarreigar os máos hàbitos, a paſſará ao de plantar as virtudes, que he o da illuminação activa, como ſe diſſe, (*an.* 193.) o qual tambem he eſtado de meditação; mas já devem ſer mais frequentes os actos de contemplação activa. A materia da meditação deve ſer regularmente a Vida, e Payxão de Jeſus Chriſto; mas não deixando algũas vezes de meditar na do eſtado antecedente para renovar a dor, e os bons propoſitos, e para conhecer a neceſſidade que tem das virtudes. A lição eſpiritual ſerá por vidas de Santos, de Chriſto, de Maria Santiſſima, ou por livros que tratem da pratica das virtudes.

283 As jaculatorias ſejão terminàdas a pedir luz, graça, e virtudes a Deos, ou a Jeſus Chriſto, que he o Meſtre, e exemplar dellas, e a luz verdadeira, que illumina a todo o homem, e pódem ſer eſtas, ou outras ſimilhantes: *Deus meus, illumina tenebras meas. Vias tuas Domine demonſtra mihi, & ſemitas tuas edoce me. Dirige me in veritate tua, & doce me, quia tu es Deus Salvator meus. O' bom Deos, dai-me luz, e graça para vos ſervir. O' meu doce Jeſus, e Meſtre Divino enſinai-me os caminhos da juſtiça. O' Senhor Deos das virtudes, concedei-mas por voſſo amor.* A preſença de Deos ſeja tambem imaginaria, e mais frequente a do recolhimento activo. As communhões podem ſer duas, ou tres na ſemana

mana; e a oração se póde estender athé hora e meia cada dia conforme a possibilidade, e occupações da creatura. Ás mortificações corporaes se pódem accrescentar algum pouco; e os actos de amor de Deos, jaculatorias, e communhões espirituaes devem já ser mais frequentes, e maior o retiro, e abstracção das creaturas, e ociosidades.

284 Tanto que o Director vir que a creatura depois de algum tempo de exercicio de virtudes conforme o seu fervor, e cuidado já lhe tem ganhado affecto, e inclinação, e se tem adiantado nellas, aindaque as não tenha adquirido em gráo perfeito, a póde introduzir ao estado da união activa, e contemplação adquirida, como acima se disse, (*an.* 208. *e* 221.) em que a materia da oração, que póde estender-se a duas horas cada dia em pessoas desocupadas, deve ser a bondade, grandeza, e mais attributos, e perfeições de Deos; o que tem obrado por nós; o amor, e beneficios, que lhe devemos; as suas obras *ad intra*, e *ad extra*, e tudo o que a possa conduzir ao conhecimento de Deos, para que por força destas noticias particulares, vá adquirindo habito de hũa noticia geral, em que consiste a contemplação.

285 Assim ao principio deste estado deve deter-se em meditação destas verdades, mas completando-a com alguns actos de contemplação, athé que depois de ter adquirido habito desta a pratique pela maior parte do tempo quanto poder, começando sempre por meditação. Aqui se devem praticar com frequencia a oração de recolhimento, de quiete, e de fé adquiridas, que acima ficão explicadas. (*an.* 230.) Tambem são proprias deste estado, e de todos, como dissemos, (*an.* 138.) as meditações da Vida, e Payxão de Jesus Christo; e algũas vezes será bom que tambem medite nas da purgação activa, para mais se firmar na humildade, temor de Deos, e conhecimento proprio. Nas festividades maiores, e principaes mysterios da Igreja he bem que as almas os tomem para materia da oração (e isto em todos os estados) acompanhando no júbilo a Mãy universal dos Fieis.

286 A presença de Deos deve aqui ser intellectual pela maior parte, e continua o mais que poder ser. Os actos de amor de Deos, e communhões espirituaes mui frequentes, assim como as orações jaculatorias, que devem ser terminadas a inflamar o coração no amor de Deos, e união da vontade com a do mesmo Senhor, como estas, e outras assim: *Diligam te Domine fortitudo mea. Deus cordis mei, & pars mea Deus in æternum. Deus meus, & omnia. Meu Deos, quem vos amára como mereceis! Faça-se em mim, Senhor, a vossa divina vontade. Adoro, Senhor, a profundidade dos vossos juizos, e as disposições da vossa providencia.* A lição espiritual deve ser em livros piedosos, que relatem as grandezas, e perfeições de Deos; o poder da sua vontade, que tudo dispõe, e governa; a sua bondade, misericordia, e beneficios, que lhe devemos; a formosura da gloria, da graça, e da virtude; e a felicidade, e gozo do amor de Deos, e da conformidade, e paz do coração.

287 As communhões podem ser quatro ou cinco cada semana, ou as que julgar que convem o Director; e algũas vezes a quotidiana poderá ser conveniente, ou necessaria; mas não sempre, nem geralmente a conceda. A abstracção das creaturas, o recolhimento, e silencio, a pratica das virtudes, o amor aos trabalhos, e desprezos pelo Senhor, a humildade, e conhecimento proprio devem aqui ser na creatura hum exercicio continuo: mas o mais principal ha de ser a negação ao seu proprio juizo, e parecer no da obediencia, e hũa total renunciação, e deixação de si, e da sua propria vontade nas mãos de Deos, conformando-se em tudo com a delle, e vivendo com ella tão ajustada, unida, e conforme, que nada obre a sua, senão a de Deos, e que a esta attribúa tudo o que acontecer prospero, ou adverso, ficando em tudo com aquella paz, e tranquilidade de coração, em que dissemos consiste a união activa. (*an.* 208.)

288 Este he o estado da perfeição proprio da creatura, e o mais alto, a que ella póde chegar por sua diligencia com o soccorro da graça, por isso neste se ha de

de exercitar, e aqui se ha de deter, em quanto Deos a não passar ao passivo, e se a não tirar deste, deixe-se estar, que está bem, e neste, se se ouver fielmente, póde ser mais santa do que outras, que andassem nos passivos muitos annos. Mas o ordinario he não se passar muito tempo, que o Senhor as não leve ao passivo, por que elle está prompto da sua parte, e deseja muito a nossa maior perfeição, e se a creatura se dispõe, e tira o obice, em breve o Senhor a chama ao deserto da contemplação infusa, ou purgação passiva do sentido, que he a que immediatamente se segue. Assim deve a alma exercitar-se neste estado de união activa, e contemplação adquirida em quanto não vir em si os tres sinaes para passar á contemplação infusa, que acima dissemos com S. João da Cruz; (*an.* 248.) depois dos quaes se deve hir purgando activamente segundo a parte espiritual, como tambem fica dito, (*an.* 241.) que he a disposição immediata á purgação passiva do sentido, a que Deos a chama.

289 Nem faça dúvida ao Director para exercitar aqui a creatura na contemplação adquirida, o que commummente dizem os Mysticos com S. João da Cruz, que o estado de principiantes he só de meditação, e que só esta se ha de deixar quando já se naõ poder meditar, e que só no estado de proficientes he que passa a alma á contemplação; não faça isto duvida; pois como dissemos com o veneravel Segneri, (*an.* 215.) a contemplação adquirida pouco differe da meditação, e sempre por ella principia; por isso os PP. lhe chamão meditação; e só dão absolutamente o nome de contemplação á que já tem parte de infusa, que começa no estado da purgação passiva do sentido.

290 Ultimamente advirta o Director, e advirta á creatura que a querer seguir a virtude deveras se apparelhe para a perseguição, que vem sem duvida; porque ha mil olhos para hũa alma destas, quando para mil almas de outra qualidade não ha nenhum. Ha de ser martyr do mundo, e se ella não quizer bem morrer a elle,

elle

elle a matará ; porque o mundo ainda ſendo máo ſabe aonde eſtá a virtude, não para a ſeguir, mas para perſeguir a quem a ſegue; e como juiz indiſcreto não conſente faltas nos bons, e ſe lhas vê, logo cuida em lhas corrigir á cuſta de murmurações. Apenas a creatura começa, logo o mundo quer que ſeja perfeita ; e de mil legoas lhe entende hũa falta, que ás vezes o não he, ou he virtude, parecendo-lhe que não ha de comer, nem dormir, nem dizer palavra, e que deve ſer impeccavel ſem cometter hum defeito ; e qualquer que lhe veja, ou julgue logo tudo he condemnado a falſidade ; quer o mundo que a alma apenas começa a andar logo vôe, e que logo ao principio faça as acções heroiças dos Santos confirmados em graça ; não advertindo que ſe os juſtos caem ſete vezes no dia, e os meſmos Apoſtolos cõmettião faltas, que muito he que as tenha, quem ainda á pouco começou a vida dos juſtos ; principalmente ſendo certo que em quanto vivemos neſte ſacco da mortalidade, andamos ſugeitos ás ſuas miſerias? He para louvar ao Senhor o que por eſte caminho padece hũa alma; e tambem para laſtimar que muitas por falta de animo temem, e tornão atraz. Haja pois valor para ir por diante entre as lanças dos inimigos, que Deos eſtá ahi com quem por ſeu amor ſofre, e não teme os golpes.

TRA-

TRATADO QUARTO

DO ESTADO DE APROVEITADOS, OU Via illuminativa, e seus exercicios.

CAPITULO I.

Em que consista o estado de Aproveitados?

291 O Estado de *Aproveitados*, ou *Proficientes* na vida do espirito chama-se tambem *Via Illuminativa*, não porque só conste de illuminação, mas porque nelle succede a principal, e mais sublime, que he a passiva; e porque já aqui vai a alma tendo mais illustrado o interior para se conhecer a si, e a Deos mais claramente, os seus proprios defeitos, e a estimação, que deve fazer da virtude para a solicitar com mais ancia. Por isso o Veneravel Dionisio Cartusiano disse, (*De fonte lucis. c.* 8.) que a via illuminativa he hum cuidado, ou occupação da nossa alma em ordem a contemplar as grandezas, e perfeições de Deos; porque já aqui a alma trata mais familiarmente com elle por graça, e misericordia sua, que a chama, e introduz ao interior do palacio, e se lhe mostra mais de perto, e com mais luz; mas por isso mesmo tanto fica mais cega quanto mais vê, e tanto mais em trevas quanto mais perto da luz; porque esta he hũa luz escura pela sua excessiva claridade, e que por muito activa quanto mais faz ver tanto mais cega; ao modo de quem olha fixamente para o Sol, que com actividade dos raios fica por algum tempo em trevas.

292 Por esta causa ás duas purgações passivas hũa do sentido, outra do espirito, que ambas se fazem nesta via illuminativa, ou estado de proficientes, chama S. João da Cruz *Noites Escuras* com muita propriedade; não porque não sejão luzidas, mas porque nellas resplandece a luz nas mesmas trevas, ou as trevas se fazem pela muita abun-

dancia da luz, como diremos. (*n.* 313.) Esta pois he a serie, que ordinariamente se segue neste estado de aproveitados, ou via illuminativa. A purgação passiva do sentido he o principio deste estado, ou ella se comece nelle, ou no fim do de principiantes; o certo he que no principio deste se continúa, e he já de contemplação parte infusa, parte adquirida, como está dito, e se dirá.

293 Feita a purgação passiva, se segue hum estado de consolações, gozos, e favores sobrenaturaes, que Deos communica ás almas, que passárão animosas pelos grandes trabalhos da purgação passiva antecedente, a qual he disposição immediata para este feliz estado de consolações divinas; e a este he que se chama propriamente illuminação passiva, no qual succedem as vistas dos esposos, ou ajustes dos desposorios, porque ahi estando a alma depuráda pela precedente purgação de muitas maculas, que lhe offuscavão os olhos do interior se lhe deixa ver o Amado já de perto, e entra ella já a gostar como he suave o Senhor, se enamora, e agrada delle, e se accende em ancioſos desejos de celebrar com elle o espiritual matrimonio, e o pede ancioſamente ao Amado, o qual lhe dá esperanças de que brevemente se desposará com ella, e depois se celebraráõ as bodas solemnes. Por isso não dura muito este estado de gozos, porque ancioſo o Amante Divino de se desposar com a alma a introduz a breves espaços na purgação passiva do espirito, que he disposição prévia, proxima, e indispensavelmente necessaria para os divinos desposorios. E no fim desta purgação, ou noite escura do espirito he que acaba o estado de aproveitados.

294 He pois, como dissemos, este estado de proficientes já todo de contemplação infusa; mas no principio, como Deos quer trazer a alma em trevas, e na escuridade da fé, he esta contemplação tão subtil, que se não deixa conhecer da creatura; por isso anda desabrida, attribulada, e cheia de desconsolação, por lhe parecer que tornou a tras, que está perdida, que nada faz no caminho da virtude, e que Deos a tem desamparada; e todo

o seu ponto he ver se se póde tornar a afervorar nos discursos, e meditações, ancioſa pela consolação sensivel, que nellas tinha: mas quanto mais cuida nisto menos faz, porque obra contra o que Deos então quer, e dispoem.

295 Por esta causa ainda que muitas almas, ou talvez todas as que se dão resolutivamente á vida do espirito, chegão a este estado de purgação passiva do sentido, muito poucas passão daqui, e as mais dellas tornão a traz, e estão toda a vida no estado de principiantes, ainda que tenhão vida de oração, e a pratíquem todos os dias, porque não sabem pôr-se no vazio de imagens, e discursos, e continúão sempre em ser crianças da escola, podendo já saber a alta sciencia do espirito. E assim porque, como acima dissemos com S. João da Cruz, (*n.* 222.) aos principios da contemplação costuma ser a noticia amorosa subtil, e delicada, e quasi insensivel; e havendo estado a alma habituada ao exercicio da meditação, que he mais sensivel, quasi não sente, nem percebe a novidade insensivel da contemplação, que he já pura de espirito; por isso tornão a traz as almas; e deixando o que lhes he imperceptivel, e delicado da contemplação, em que não achão o gosto, que achavão no material, e sensivel da meditação, e a variedade, que antes as deleitava, de diversas figuras, e corporeas representações, se tornão a estas, parecendo-lhes que assim mais ao palpavel estão mais devotas, e recolhidas, e lhes irá melhor; e assim deixão o mais gostoso, levantado, e mais proveitoso exercicio, que começavão a gostar da contemplação, com que Deos queria regalá-las.

296 Assim succedeu aos filhos de Israel no deserto, que dando-lhes Deos para sustento a suavidade do Maná, que era pão do Ceo, e dos Anjos, doce como o mel, e que tinha em si o gosto, e suávidade de todos os manjares; e sabia a cada hum ao que desejava, (*Sap.* 18.) elles affeitos aos manjares grosseiros, e usaes se enfastiavão daquelle delicado, e leviſſimo, (como dizião) e suspiravão pelas panellas de carne, e pelo pão dos pobres jornaleiros, e choravão pelas cebolas, e alhos do Egypto.

(*Num.* 11.) Assim as almas affeitas ás representações sensiveis da imaginação, e á occupação do discurso em cousas perceptiveis antes as querem do que a contemplação, cuja suavidade ao principio por delicada apenas se sente, e percebe pelos espiritos affeitos ás grossarias da meditação.

297 Mas se se determinassem a proseguir por diante, e passar alguns dias como em jejum pelo delicado do novo manjar, brevemente se affarião a elle, e experimentarião os seus regalos, e conveniencia, como succederia a hum rustico creado em hũa aldea, e serranía, que se passasse a viver no palacio, ao principio estranharia os delicados manjares, mas a pouco espaço se lhe acommodarião com o gosto, e com o estomago. O mesmo succede aos que aprendem a nadar, que se sem medo se levantão sobre as aguas deixando de ir pela terra, brevemente gozão o intento; mas se sempre quizerem ir com os pés na terra nunca aprenderáõ a nadar, ainda que muitos annos se banhem. Assim os espirituaes, se sempre quizerem caminhar rasteiros pelos discursos, e formas sensiveis, sem se quererem levantar ao alto, nunca gozaráõ dos proveitos, e suavidade da contemplação, aonde Deos mais se communica; mas se se souberem soltar, serão levantados docemente como o Espirito do Senhor sobre as aguas da suave contemplação

298 Por esta causa se queixa muito S. Theresa em varios lugares, que se pódem ver adiante, (*an.* 596.) de alguns Directores, que ou por ignorantes, ou por timoratos deixaõ estar as almas como entorpecidas, e acanhadas no rasteiro da meditaçaõ, e discursos, quando Deos as chama ao alto da contemplaçaõ pacifica. E S. Joaõ da Cruz lhes dá por isso hũa reprehensão severa, entre outras sabias instrucções, das quaes resumiremos algũas adiante, (*an.* 574.) outras, ou todas se pódem ver nelle mesmo. (*Llama. Can.* 3. ℣. 3. §. 4. *e seguintes*) Seja pois muito advertido o Director sobre este ponto tão substancial, e necessario; e cuide bem tanto em naõ querer que as almas voem a este estado passivo da con-

contemplação em quanto Deos as quer no da meditação; activa, como em não as deter, e fazer andar arraſtadas pela terra, quando Deos as chama, e quer elevar ao alto.

299 Para não errar em hum, e outro lhe ſerviráõ de guia os tres ſinaes de S. João da Cruz, que acima deixamos apontados, (*an.* 248.) para conhecer quando ha de diſpor a alma com o vazio das potencias, e purgação activa do eſpirito para eſta paſſiva do ſentido, e os outros tres, que com o meſmo Santo poremos no Capitulo ſeguinte, para conhecer quando Deos tem introduzido a alma neſta purgação do ſentido, e eſtado de contemplação infuſa. Advertindo bem, que quando Deos não der a contemplação infuſa, e ſempre que a creatura obrar por propria diligencia depois de introduzida a eſte eſtado paſſivo, deve conſervar-ſe naquelle vazio de potencias, e abſtracção de imagens, que diſſemos, e naquella noticia geral, e amoroſa, em que conſiſte o exercicio da contemplação activa, que a iſto chama S. João da Cruz (*Llama ubi ſupra* §. 6.) ajuntar noticia com noticia; iſto he a da contemplação activa por noſſa diligencia, com a da paſſiva por favor de Deos, e para a qual diſpoem a meſma activa.

CAPITULO II.

Dos ſinaes por onde ſe póde conhecer que Deos tem introduzido a alma ao eſtado de aproveitados, ou noite paſſiva do ſentido.

300 DEpois que S. João da Cruz tratando da purgação activa do eſpirito dá os tres ſinaes, que no lugar citado declaramos, para ſe conhecer quando deve a alma exercitar-ſe na dita purgação activa do eſpirito, e por-ſe no vazio de potencias, e abſtracção de imagens, que he neceſſaria como diſpoſição para a contemplação infuſa, e para entrar no eſtado de aproveitados, e noite paſſiva do ſentido; quando depois (*Noite eſc. l.* 1. *c.* 9.) entra a tratar da meſma noite paſſiva do ſentido;

tido; e estado de aproveitados nos dá outros tres sinaes para se conhecer quando a alma já vai, ou está no caminho da dita noite, ou purgação passiva, os quaes são tão parecidos com os tres, que dá para o vazio das potencias, e tão pouco differentes delles, que bem dá a entender que ou são os mesmos, e que ao mesmo tempo, q̃ a alma he chamada passivamente por Deos para a purgação do sentido, deve ella trabalhar activamente na purgação do espirito; ou que esta purgação he tão proxima, e como disposição immediata áquella, que ambas se conhecem pelos mesmos sinaes com pouca, ou nenhũa differença como se verá.

301 Estes pois são os tres sinaes, que o Santo aponta para se conhecer se as escuridades, seccuras, e desabrimentos, em que a alma se vê, procedem de Deos, e desta purgação passiva do sentido, em que elle a tem introduzido; ou são effeito de peccados, ou imperfeições, froxidão, ou tibieza della, ou de algum humor, ou indisposição corporal. O primeiro he, se assim como não acha gosto, nem consolação nas cousas de Deos, tambem o não acha em alguma das cousas creadas. O segundo he, que ordinariamente traz a memoria em Deos com attenção, e cuidado penoso pensando que o não serve, senão que torna atras como se vê sem aquelle sabor nas cousas de Deos. O terceiro he não poder já meditar, nem valer-se do sentido da imaginação, ainda que mais faça da sua parte. Confirão-se estes com os outros tres, e verse-há que ou são os mesmos, ou com pouca differença; e que todos são indicios desta purgação do sentido, os primeiros de que vai a alma entrando nella; os segundos de que já de facto entrou, e está nella.

302 As razões que dá o mesmo Santo porque por estes sinaes se póde conhecer, que a alma está na purgação do sentido, e que della procedem as seccuras, e escuridades, e não de defeito, ou máo humor da creatura são as seguintes. Quanto ao primeiro, porque como Deos poem a alma na noite escura a fim de enxugar-lhe, e purgar-lhe o appetite sensitivo, em nenhũa cousa a deixa engo-

loſinar, nem achar ſabor. E niſto ſe conhece provavelmente que eſta ſeccura, e diſſabor não provêm de peccados, nem de imperfeições novamente commettidas: porque ſe iſto foſſe ſentir-ſe-hia no natural algũa inclinação, ou deſejo de goſtar algũa couſa, que não foſſe das de Deos; porque quando o appetite ſe relaxa em algũa imperfeição, logo ſe ſente ficar inclinado a ella pouco, ou muito ſegundo o goſto, e affeição, que ahi applicou.

303 Quanto ao ſegundo ſinal he a razão, porque niſto ſe vê que não naſce de froxidão, e tibieza o ſem ſabor, e ſeccuras, que a alma ſente: porque da razão da tibieza he não ſe lhe dar muito, nem ter cuidado interior nas couſas de Deos. Que eſta he a differença entre a ſeccura, e a tibieza; que a tibieza cauſa muita remiſsão, e froxidão na vontade, ſem cuidado de ſervir a Deos; mas a ſeccura purgativa traz comſigo ordinaria attenção com cuidado, e pena (como ſe diſſe) de que não ſerve a Deos. Quanto ao terceiro he a razão porque como aqui começa Deos a communicar-ſe á alma não já por ſentido, como antes fazia por meio do diſcurſo, ſenão por eſpirito puro, em que não há diſcurſo ſucceſſivamente, e ſe lhe communica com acto de ſingela contemplação, a qual não alcanção os ſentidos materiaes, daqui he que a imaginação, e fantaſia não pódem fazer arrimo, nem dar principio a algũa conſideração, nem achar nella pé dahi em diante.

CAPITULO III.

Que couſa ſeja a purgação paſſiva do ſentido?

304 A *Purgação Paſſiva do Sentido*, como diſſemos com S. João da Cruz, he hum eſtado de trabalhos, ſeccuras, e eſcuridades, em que Deos poem a alma depois de ter andado nos goſtos, ſuavidades, e conſolações ſenſiveis da meditação, e contemplação adquirida: a qual purgação conſiſte em hũa obſcura, árida, e imperceptivel contemplação infuſa, que Deos lhe cõmunica, e com a qual lhe ſubtrahe a luz, e ſuavidade da gra-

graça sensivel, para que perdendo o apêgo, com que a estimava, talvez mais do que a mesma virtude, comece a andar pelo caminho seguro da fé, e amor de Deos puro, desinteressado, e do espirito, que he já dos fortes, e crescidos na virtude. E como a alma pela subtracção da luz sensivel fica ás escuras, e não acha outro caminho senão o da fé, por onde Deos só quer então que ella vá, e a fé he tambem necessariamente obscura, ainda que certa, porque não deixa, nem faz ver o mesmo, que affirma; por isso a esta purgação (e tambem á do espirito pela mesma razão) chama S. João da Cruz *Noite Escura.*

305 Advirto porém que a contemplação, em que consiste esta purgação passiva, ainda que he infusa, e sobre natural, he tão remissa, obscura, subtil, e imperceptivel, principalmente ao principio, que não a chega a conhecer a creatura, nem attinge a admiração, e gozo, que ella causa, porque como he instrumento purgativo, só Deos deixa ver o que nella he penoso, e esconde o suave, e deleitavel; e tambem porque como he o primeiro gráo de contemplação infusa, he muito inferior, e imperfeito a respeito dos que se seguem, e estando a alma affeita ás suavidades da meditação, e contemplação adquirida, que são mais sensiveis, não conhece as desta, que são mais subtis, e espirituaes; e assim como a contemplação activa pela proximidade, q̃ tem com a meditação, e por entrar a alma nella acostumada a esta pouco differe della, como fica dito, (*n.* 215. *& seq.*) assim esta contemplação infusa pouco differe da adquirida pelas mesmas razões; e por isso se póde chamar parte adquirida, parte infusa, principalmente nos principios, em que ordinariamente se alternão já hũa, já outra.

306 Chama-se *passiva* esta purgação, porque nella he Deos o principal agente illustrando, e allumiando subtilmente o entendimento, para que faça mais ponderação, e estimação de Deos do que athé alí, e lhe tenha a vontade hum mais forte, e sincero amor, só por seu amor; para cuja illustração só se ha a creatura passivamente recebendo em si a qualidade sobre natural, que Deos lhe infun-

funde, com a qual já póde depois obrar actívamente produzindo os actos das potencías. E como os actos deſtas, que são conhecimento, e amor, vão creſcendo n'alma, aindaque eſcura, e imperceptivelmente, são cauſa das penas, e ſentimentos, que tem, de ſe ver com ſeccuras, e pouco fervor na oração, e exercicios eſpirituaes temendo, e ſuſpeitando que eſtá em deſgraça de Deos, e que torna atras no caminho do eſpirito: e eſte meſmo amor, ſem ella o advertir, he a cauſa de andar com tantas ancias buſcando a Deos, e diligenciando meios de o achar com jejuns, e penitencias; clamando a elle, e fugindo das occaſiões de o offender. Pelo q̃ tudo he revolver a ſua conſciencia, fazer confiſsões geraes, procurar peſſoas doutas com quem conſultar, e orações de peſſoas de virtude paraque a encomendem a Deos, e lhe alcancem delle miſericordía, e remedio em tão grande neceſſidade, e deſamparo, em que ſe julga.

307 E verdadeiramente cauſa grande láſtima ver a miſeria, e tribulação, em que a pobre alma ſe vê neſte penoſo eſtado; porque Deos ſe lhe eſconde, e auſenta com as graças ſenſiveis, que lhe communicava, e dá liberdade a tudo o mais para que ſe rebelle, e conjure contra ella, e conſpire em ſeu tormento, como os amigos de Job quando o virão neſte deſamparo; porque o entendimento eſtá eſcuro como hũa noite tenebroſa: a vontade eſteril, e ſecca como terra ſem agua: a imaginação ſôlta como náo ſem vélas, nem remos fluctuando entre mil penſamentos inquietos; e ſe porfia em a recolher com força mais ſe ſecca, e eſcurece. As payxões ſe deſenfreião com força, e rebeldia, e nas batalhas contra ellas ſe acha a alma debilitada, e a deixão perplexa ſe conſentio, ou reſiſtio com valor; e como não tem ſatisfação da ſua propria conſciencia, anda triſte comſigo, e muitas vezes deſabrida, e impaciente com os proximos; alguns dos quaes em vez de a conſolar a perſeguem, e ſuſpeitão que anda illuſa; outros a pertendem conſolar, e na meſma conſolação a affligem mais, porque não he da terra que lhe póde vir o alivio.

308 Muitas vezes ſe vê quaſi determinada a largar os ſantos exercicios, parecendo-lhe que nada faz nelles, que mais offende a Deos, do que o ſerve; que elle não acceita, nem ouve os ſeus gemidos, nem a quer levar pelo caminho da vida contemplativa. Outras vezes teme que não eſtá bem confeſſada, e que tem algum peccado grave-occulto pelo qual Deos a tem deſamparado, e eſta he a cauſa de querer repetir confiſsões. Hũa hora de oração lhe parece hum anno, quando em outro tempo lhe parecia hum inſtante. E ás vezes ſe vê tão anguſtiada, que ſente impetos de ſe a maldiçoar, de blasfemar de Deos, e de ſe impacientar contra elle, parecendo-lhe que obra com mais rigor do que miſericordia; e ás vezes ſe vê a pontos de deſeſperar. Em fim chega a imaginar, que tem completo o numero dos peccados, que eſtá reproba, e deſamparada de Deos, pois em nada delle ſente affecto pio, nem devoto.

309 Mas eſte Senhor, que muito ama aos que põe neſte eſtado, com elles eſtá na tribulaçaõ, aindaque imperceptivel, para os fortalecer, animar, e os não deixar cahir. E os quer aſſim attribulados, ſêccos, e ſem çuco na parte ſenſitiva, ſem que percebão o proveito deſta aridez, e eſcuridade, porque os quer tirar aſſim do eſtado de principiantes, em que como a meninos tenros na virtude os regalava, e tinha fervoroſos, alegres, e conſolados com a doçura, que lhe dava na meditação, e contemplação adquirida, para que enguloſinados com iſſo ſe affeiçoaſſem mais, e mais á oração, e exercicios das virtudes, com o que ſe fortaleceſſem, e radicaſſem nellas.

310 Mas porque deſta doçura, e proſperidade eſpiritual pelo damno do noſſo natural ſe lhes occaſionaõ muitos defeitos, e vicios por então de algũa ſorte diſſimulados, os quaes Deos quer que agora deixem, e ſe aperfeiçoem, por iſſo ſe lhes eſconde quando mais cuida delles, paraque deſocupadas as potencias da demaſiada attenção, e propriedade, com que ſe apegavaõ ao ſenſivel, as tenhaõ livres para o conhecimento da ſua miſeria, e

ſe vejão pobres, neceſſitados de todo o bem, e deſamparados a ſeu parecer de quem antes os favorecia tanto, e por iſſo ſe humilhem, e deſconfiem de ſi como devem. Por iſſo ſe retira Deos ao interior, e parte eſpiritual da creatura, e permitte ás potencias, ſentidos, e payxões que ſe rebellem contra a razão, e inclinem para o mal, com o que humilhados, e poſſuidos de temor ſanto começaõ a exercitar as virtudes ſem a miſtura vicioſa, que athé ali as desluſtrava.

311 Neſta purgação, e tambem nas dos eſtados ſeguintes, ſuccede muitas vezes que a creatura com a força da tribulação diga algumas palavras ainda ao meſmo confeſſor com modo, que parece ſoberbo, e impaciente, pelo que elle ſe vê concitado (permittindo-o Deos aſſim) a reprehende-la com aſpereza, e deſabrimento, julgando por falta de mortificação, e de humildade o tal exceſſo; e não he ſenão que a força da agonia lhe não dá lugar a fallar como quiſera; em tal maneira que nem então adverte, nem depois lhe lembra o que diſſe, ſe o meſmo Director lho não lembra. Outras vezes ſe vê poſſuida de hum tal eſpirito de ira, que, como diz S. Thereza (*Vida c.* 30.) lhe parece ſe quer virar contra tudo, ainda ſem cauſa; e ſe neſtas occaſiões lhe dão algũa, cuſta-lhe grande trabalho o vencer-ſe, e ás vezes ſe deixa vencer da impaciencia, a que a força da tribulação diminue muito o voluntario: o que deve notar o Director para diſcernir athé onde chega a malicia, e advertencia; e ſe poder, (que muitas vezes não eſtá mais na ſua mão) uſe mais de brandura, que de aſpereza, que não eſtá entaõ a creatura para ſe levar com rigor.

CAPITULO IV.

Dos inſtrumentos, com que ſe faz eſta purgação paſſiva.

312 COmo Deos he o principal agente deſta feliz purgação, póde uſar dos meios, que julgar mais conformes á neceſſidade da creatura, que não ſão

sempre os mesmos, nem todos os ordinarios em todas; mas huns em hũas, outros em outras, e em algũas todos; a outras purga por modos extraordinarios, como se dirá no capitulo seguinte. O que he mais cõmum nesta purgação he, como dissemos, a subtracção da graça sensivel por força do lume infuso da contemplação, com que Deos investe a alma, o qual lume, ainda que he remisso na sua intenção, porque se quer o Senhor accommodar com a debilidade do entendimento, que pouco affeito a perceber luzes sobrenaturaes, se cegaria se estas o investissem com toda a sua actividade, com tudo ainda assim remisso como he o deixa cego, e ás escuras, como a ave nocturna quando a obrigão a ver a luz do dia, que por muito clara lhe offende a vista, e a cega; ou como o que olha de fito para o Sol, que por hum pouco fica em trevas.

313 Ás escuridades do entendimento se seguem as seccuras, desabrimentos, e sem sabor da vontade, pois assim como com aquella luz escura, ou escuridade luzida quer Deos melhorar de objecto ao entendimento espiritualizando seus actos, e elevando-os do sensivel das formas, e imagens, em que athé ali mais se occupavão; assim na vontade quer mudar os gostos, e suavidades do sentido para os do espirito; e como ella estava satisfeita com aquelles, que lhe erão sensiveis, e os percebia junto com o sensitivo, quando agora Deos lhos quer mudar só para o espiritual, como o sensitivo fica em jejum, sêcco, e vazio, da mesma sorte se acha a vontade quando nelle vai procurar o çuco, e sabor, que athé ali delle participava; mas ainda que por esta mudança, e novidade ao principio não percebe em si o sabor, e deleite espiritual, que Deos sobrenaturalmente lhe vai communicando, e só percebe a seccura, e sem sabor; o espirito que então vai recebendo o delicado, e virtuoso sustento, se vai vigorando, e fortalecendo, e se faz mais solicito para as cousas de Deos; e se ao principio o não conhece, he porque havendo tido o paladar affeito aos gostos sensiveis, tem ainda os olhos nelles.

314 Este espiritual, e virtuoso alimento he principio da sêcca, e escura contemplação infusa, a qual ainda que he occulta, e secreta para o mesmo que a tem, ordinariamente junto com a seccura, e vazio, que causa no sensitivo, dá á alma hũa certa inclinação, e desejo de estar só, e em descanso, sem poder pensar cousa particular, nem ter vontade disso. E então se a quem isto succede se soubesse bem sossegar, descuidando-se de qualquer obra interior, e exterior, que pertenda fazer por propria industria, e discurso sem outro cuidado mais que deixar-se levar de Deos, receber, e ouvir com attenção amorosa, e interior; logo naquelle descuido, e ocio santo sentiria delicadamente aquella refeição, e proveito interior; o que sera pelo contrario, se porfiar em querer arrimar-se a discursos, e cuidados proprios; porque de tal sorte põe Deos a alma neste estado, e por tão differente caminho a leva, que se ella quer obrar por sua industria, e habilidade mais estorva, do que ajuda a obra, que Deos nella vai fazendo; porque como já neste estado he elle o que obra na alma, parece que lhe ata as potencias interiores, e lhe não deixa arrimo no entendimento, nem çuco na vontade, nem attenção na memoria.

315 Outras vezes faz Deos esta purgação, permittindo ao demonio que vexe a creatura com suggestões impuras, e tentações vehementissimas da concupiscencia, como succedeu a S. Paulo, a S. Jeronymo, a S. Catharina de Sena, e a outros muitos Santos, e escolhidos de Deos, o que he de grande trabalho áquellas almas, que querem ser puras, e amigas de Deos; e como cuidavão que já o espirito se tinha senhoreado desta payxão, quando agora a sentem taõ viva, e pertinaz, se affligem em grande maneira, e andão em hum continuo susto, e escrupulo se terão, ou não consentido, ou de que poderáõ consentir. Outras vezes permitte Deos ao demonio que atormente as creaturas com horrendas, e torpissimas visões, sustos, perseguições, vexações; e ás vezes athé chegar a feri-las, arrastá-las, fazer-lhes máos tratamentos de sorte, que lhes parece as despedaça, e lhes desconjunta os ossos;

ossos; o que ordinariamente mais he por imaginação, do que na realidade, ainda que ellas affirmem que o sentirão realmente; e de tudo triunfaráõ se tiverem fé, e estiverem certas, que o demonio está ligado com cadeas, e que nada nos póde empecer senão quanto Deos lhe der licença, ou a creatura lhe der entrada, a qual quanto mais medo tem ao demonio mais forças lhe dá, e quanto menos o teme mais o enfraquece.

316 Advirto aqui ao Director, que aindaque he certo que muitas almas nesta purgação do sentido, e ainda na do espirito, e muitas vezes fóra dellas são perseguidas com vexações do demonio, não seja elle facil em as capitular por taes sem bem maduro exame; porque as mais dellas, principalmente em mulheres, ainda que pareção taes não o são. Para o que he de advertir que vexação he o mesmo que perseguição; e a que he do demonio segundo a permissão de Deos he de dous modos. Hũa chama-se possessão, e he quando Deos permitte a hum, ou mais demonios que entrem no corpo da creatura, e lho atormentem segundo a permissão, e fim do mesmo Deos; e estes he que se chamão propriamente energumenos, ou possessos, de que muitos Authores duvidão se os tem havido na Igreja depois que Jesus Christo triunfou do inferno, e ligou o demonio com cadêas; mas se os há, são bem raros.

317 A outra, que se chama obsessão, he a perseguição, que fazem os demonios ás creaturas em sua presença externa com medos, feias visões, horriveis figuras, estrondos, e ás vezes ferindo-as, maltratando-as, desordenando-lhes os humores, invertendo-lhes os sentidos, e tambem suggerindo-lhes imaginações vehementes, e tentações perigosas, segundo a licença de Deos, sem a qual nada nos póde empecer; e desta sorte foi vexado o S. Job, e são vexados todos os Christãos; porque aquelle cruel adversario a todos nos cerca como leão rugindo, buscando em quem fazer presa, e he certo que nenhum de nós está nunca sem hum, ou muitos espiritos tentadores junto de si, e só está a differença em que huns são

mais

mais vexados (que he o meſmo que perſeguidos) do que outros; e são aquelles, que o demonio atormenta, e perſegue externa, e ſenſivelmente pelo modo dito, permittindo-o Deos aſſim para alguns fins, que elle intenta.

318 Deſtes tambem são menos, e muito menos do que ſe cuida; principalmente em mulheres, em quem podem proceder de hum de tres principios, ou de todos juntos effeitos tão extraordinarios, que pareceráõ na realidade vexação, ſem tal ſer. O primeiro he ſe ellas são de imaginação muito viva, e efficaz, e juntamente propenſas para o iraſcivel, como he nellas ordinario; porque a apprehensão da injuria, ou motivo, que tiverão para ſe irar, (ainda querendo ellas vencer-ſe, e talvez então muito mais) lhe exalta de tal modo o humor bilioſo, e lhes faz ebullir o ſangue com hũa effervеſcencia tal, que fazendo-o circular com velocidade, e impeto exceſſivo pelas arterias, e vêas occorre em tanta copia, e tão ardente ao coração, que por hũa parte opprimindo-o com a nimia abundancia, e por outra affligindo-o com o demaſiado calor, o põe em anguſtias, e deſaſſoſſegos, e concorrendo mais a falta, que fazem os eſpiritos animaes nas partes remotas, as quaes deſamparão por acudir tambem á roda do coração, ſegue-ſe muitas vezes ficarem eſtas ſem movimento, e a creatura cahir em deliquios naturaes, ficar extatica, immovel, inſenſivel, e deſtituida de todos, ou de alguns dos ſentidos, ou da falla; e outras vezes com a violencia da anguſtia romper em geſtos, movimentos, vozes, gritos, tudo fóra do natural.

319 O ſegundo principio he a melancolia, que como he humor terreo, e peſado, que predomina na maſſa do ſangue, quando he exceſſivo (principalmente ſe he junto com a viva imaginação de que são enfermos os melancolicos) difficulta a circulação, obſtrue os vaſos ſanguinarios, occorre peſado á roda do coração, carrega-o, e opprime-o com o ſeu pêſo, e qualidade terreſtre, retarda-lhe o ſyſtole, e diaſtole, e o faz anguſtiar de tal ſorte, que produz os meſmos, ou ſimilhantes effeitos aos

pri-

primeiros. Maiores os produz nas mulheres o terceiro principio, quaes são os flatos, ou insultos hisfericos; que ás vezes as fazem romper em delirios, e fazer tão extraordinarias acções, gestos, e movimentos, que parece só estando possuidas de hũa legião de demonios poderião fazer taes desatinos; e a verdade he que pouco, ou nada o demonio nisso he culpado.

320 Digo, *pouco*, porque não duvido que elle muitas vezes ajude; principalmente a exaltar, e cõmover a causa natural donde procedem essas affecções hisfericas; porque he certo que elle sabe, e póde inverter os nossos humores, exalta-los, e incita-los a movimentos proprios das payxões; e este he o modo, com que tenta á satisfação dos appetites, commovendo-os, e exaltando-lhes a concupiscencia. Pois se na creatura se ajuntarem todas estas cinco cousas, colera, melancolia, imaginação, flatos, e demonio, ou algũas dellas, grande trabalho ha de ter quem a sofrer; e muito lhe custará a não se capacitar que he vexação. Mas o certo he que muitas mulheres são vexadas, porque emprehenderão que o são, ou porque algum confessor, ou exorcista por ver nellas alguns dos ditos effeitos, as persuadirão (faltos de experiencia) a que o erão, sem tal serem. Eu tenho curado muitas deste mal só com as fazer capacitar que tal não he.

321 Mas como póde ser que seja tudo em algũas, quando o Director duvidar, lhe ponha preceitos com fé, que estes desfaráõ o que fizer o demonio, e para o que for queixa natural ha tambem remedios naturaes, e muitas vezes mais do que estes remedeão, e curão algũas palavras, com que o Director as console, anime, e fortaleça; porque estas lhe farão dilatar o coração, e o aliviaráõ do pêso da tristeza. Mas nunca se demore muito em exorcismos, nem lhos faça com força, e efficacia externa, porque esta em vez de as melhorar da vexação, as affligе, e perturba a imaginação, e o interior, e daqui procedem os effeitos extraordinarios, que muitas vezes se seguem, que parecem verdadeiramente demoniacos, e não são senão naturaes; porque com a força do exorcismo,

que

que como dizemos as afflige, e perturba, ſe exalta mais o achaque, ou humor, de que procede, e daqui vem os exceſſos extraordinarios, que ſe experimentão. Advirto aqui tambem, que qualquer das tres couſas, ou principios, que diſſemos, que são viva imaginação com vehemente iraſcivel, melancolia, e affecção hiſterica, são baſtantes para hebetar o entendimento, e offuſcar a razão ás creaturas, donde ſe ſegue ás vezes dizer palavras, e romper em deſatinos, que ſerião grandes peccados, ſe eſtiveſſem na ſua liberdade; mas naquelle eſtado o não são, porque obrão, e fallão ſem ella. (Fallo de quando a cauſa he vehemente.) E então ſe devem julgar como ſe foſſem motos primo primos.

322 Outro inſtrumento, e não o menos agudo, são as creaturas, que muitas vezes ſe armão contra a pobre alma com perſeguições, ditos, murmurações, falſos teſtemunhos; e ás vezes as meſmas, que lhe deſejão alivio, lhe dão pena no que a querião aliviar; pois vendo-a triſte, e deſconſolada, julgão que he queixa natural, e procurão que ſe divirta, e trate com as creaturas, e ſe occupe em miniſterios, e paſſatempos alegres; mas como não eſtá aqui o remedio do ſeu mal, nem em nada diſto acha o que lhe falta, e o que buſca, e por cuja falta anda afflita, tudo em vêz de a aliviar lhe faz mais creſcido o tormento, e ſó na paciencia, humildade, manſidão, e conformidade com a vontade de Deos, he que acha refrigerio a ſua dor. Ainda o meſmo Director, que era o unico alivio, que lhe reſtava, muitas vezes, permittindo-o Deos aſſim, ſe lhe moſtra deſabrido, aſpero, e enfadado, e lhe dá palavras, que a ferem, e fazem vacilar em triſtes imaginações; outras vezes a não quer ouvir nas ſuas afflicções, e algũas vezes quer Deos que elle lhe falte, ou por morte, ou por auſencia, ou por não querer dirigi-la, e aqui chegaria a alma a deſfalecer de todo, ſe Deos, que com hũa mão fére, e com outra ſára, a não fortalecêra, e conſolára, ainda que por hora occultamente.

323 A algũas permitte Deos a perda dos bens da for-

fortuna, como riquezas, filhos, pays, parentes, honras, e dignidades, como ſuccedeu a Job, a Abraham, e Jacob. A outros tira a ſaude, e as forças, e lhes dá graves moleſtias, e trabalhos, como a Job, e a Tobias, e a muitos Santos, que vivérão annos, e annos paraliticos, e aſſim forão Santos. E finalmente com toda a caſta de trabalhos, afflicções, e contradicções da vontade coſtuma Deos acriſolar eſtas almas, das quaes, aindaque ſabemos que tudo Deos lhes coopéra em bem, devemos ter compayxão por ver que eſtão tocadas da mão de Deos, como ſe queixava o Santo Job, e que hũas almas tão queridas de Deos, ſe vejão tão cercadas de anguſtias, e penas, que ſe pódem comparar com as do Inferno, ou mais propriamente com as do Purgatorio, pois o he como diſſemos eſta purgação, no qual ſe purificão para entrar no primeiro Ceo, ou primeira gloria da vida do eſpirito, que he a illuminação paſſiva em que ſuccedem as viſtas dos Eſpoſos, e ſe fazem os ajuſtes para os deſpoſorios, como diſſemos: por iſſo quanto maior favor quizer Deos communicar á creatura, tanto mais forte, terrivel, trabalhoſa, e dilatada ha de ſer a purgação, que o ha de preceder como diſpoſição.

324 Mas por iſſo que os trabalhos, e afflicções são tão exceſſivos he grande o perigo de que eſtes principiantes na via illuminativa vendo-ſe em tal deſamparo, e julgando tudo perdido, e que tudo fazem ſem fructo, e tambem deſanimados para padecer tanto, ſe deixem da vida do eſpirito, e retrocedão no caminho da virtude, que tão aſpero, eſcabroſo, e cheio de perigos, eſpinhos, e abrolhos ſe lhes repreſenta: por iſſo he neceſſario que o Director aqui ſe encha de caridade, prudencia, e compayxão, e que neſta batalha, penas, e trabalhos os anime, conſole, alente, e fortaleça, levando parte do peſo da ſua Cruz, e indo diante no aſpero caminho para lhes facilitar os paſſos. Faça-lhes conhecer o fim para que Deos ordena eſte martyrio, e a felicidade, e bonança, que depois deſta tormenta ſe lhes ſegue, ſe nella ſe conſervarem firmes, animoſos pacientes, e conformes com a vontade

tade de Deos, confiando muito na ſua miſericordia, e eſtando certos de que elle meſmo he o que os fere para os ſarar, os abate para os exaltar, e os leva a eſſe inferno ditoſo, para os extrahir delle para hũa gloria na terra.

325 Aconſelhe-lhes que quando ſe virem áridos, eſcuros, e privados da graça ſenſivel, e que não pódem meditar como d'antes não ſe fatiguem, nem canſem em procurar a meditação, porque perderáõ o tempo, e iráõ contra a vontade de Deos, que então quer a alma em deſcanſo, e não em diſcurſos; por iſſo deve deſcanſar naquelle ſagrado Ócio, e tranquilidade pacifica da noticia geral, e confuſa, que tem de Deos, e no amor affectivo, que he o fim do diſcurſo, e acto da contemplação. Mas ſe fazendo experiencia, vir que póde meditar, e diſcorrer, deixe-ſe eſtar no diſcurſo tambem affectivo athé que Deos a chame a outra parte. Advirta-lhes que por mais que ſe vejão deſabridos, ſeccos, e eſcuros não deixem por modo nenhum os exercicios, e a oração; ainda que julguem que nada fazem; porque quando não fação outra couſa, muito fazem na obediencia, mortificação, e paciencia de eſtar ali pelo amor de Deos contra o que lhes pedia a vontade, e natureza; e ſe fazem, ou não algũa couſa, elles o experimentaráõ; que ſe deixarem por alguns dias eſſes exercicios, e oração aſſim árida, exângue, e inutil, como lhes parece, logo ſe verão a cometidos de hum deſenfreado tropel de tentações, que inveſtem aos que vem deſarmados, o que não fazião em quanto os viãõ com eſſes taes, ou quaes exercicios, e oração.

326 Vão pois para o lugar da oração; eſtejão ali o tempo deſtinado; façáõ as diligencias, que temos dito; e ſe nada poderem fazer, nem cuidar, eſtejão ali pela obediencia, e pelo amor de Deos, que ſó quer que ali eſtejão aſſim, e não quer que façáõ mais nada; que ſe eſtiverem ali por ſeu amor, já niſto o amão, e já fazem muito. Tenhão fortaleza, conſtancia, longanimidade, e perſeverança athé o fim; que elles ſeráõ ſalvos. Eſperem ali o que o Senhor quizer delles, guardem aquelle lugar pela obediencia, e pelo amor de Deos, e vejão ſe

pódem fazer algũas jaculatorias com o coração, ou com a boca, ainda que não seja mais que hũa repetida muitas vezes, que para isso nos deu exemplo Jesus Christo na oração da maior amargura, tristeza, e desamparo, e vemos que tres vezes repetio o mesmo ao Pay; que se era possivel apartasse delle o caliz da Payxão, senão que se fizesse a sua vontade: *Oravit tertio eundem sermonem dicens.* E se as almas nestes trabalhos trousserem á vista este divino exemplar de paciencia, cheio de tristezas, amarguras, penas, trabalhos, despresos, e athé desamparos da Divindade, logo se lhes faráõ suaves os trabalhos, e por esta cruz, e pelo seu caminho conseguiráõ a gloria da illuminação, a que as destinão.

327 Mas algũas almas cuidão erradamente que então fazem melhor oração quando sentem mais consolação, e fervor; e não advertem que nos gostos, e consolações as está Deos servindo a ellas; e pelo contrario nas seccuras, e trabalhos com paciencia estão ellas servindo a Deos, e fazendo a sua divina vontade; e que o merecimento está no que o servem a elle, e não no que elle as serve; antes isto he favor, que recebem, e dívida, em que ficão; e que se desejão as consolações, desejão mais o seu gosto, e vontade feita do que a de Deos, porque desejão regalar-se, não servir. Mais serve ao Rey o vassalo, que anda na campanha ausente delle, ou o que lhe está fazendo sala todo o dia, ainda que o não veja, nem elle lhe falle, do que aquelle, que come com elle á mesa; porque este recebe, e aquelle merece; isto he favor que deixa o vassalo obrigado, e aquillo he serviço que deixa obrigado o Rey. Va pois a creatura para a oração, esteja-lhe ali fazendo sala ainda que lhe custe, e ainda que não veja a Deos, nem elle lhe falle, que elle se dá por obrigado deste serviço, mais que do das que gostão a suavidade, e consolação do espirito; e a seu tempo elle lhe dará o premio mais crescido.

CAPITULO V.

De outros modos de purgação, com que Deos exercita algumas almas.

328 Algũas almas vivem em desconsolação, porque sendo summamente ancioſas da virtude, amigas de Deos, zeloſas da ſua honra, depois de muitos annos de vida de eſpirito não tem ſentido em ſi aquella aridez, ſeccura, e eſcuridade purgativa, com que Deos diſpoem as almas para a contemplação infuſa, e por iſſo ſe perſuadem que não vão caminho direito, e que Deos as não tem por amigas, pois as não leva pelo caminho dos perfeitos; mas não advertem que eſta meſma tribulação, e temor he hum deſconto bem parecido com eſſa aridez, e eſcuridade, e não menos efficaz no ſeu effeito; e devem advertir que o ſobredito modo de purgação he pela maior parte ſó para as almas, que Deos leva mais principalmente pela vida contemplativa, e que quer ſublimar a elevados gráos de oração, e favores ſobrenaturaes; nas quaes ordinariamente não deixa de ſer inſtrumento purgativo a ſubtracção da graça ſenſivel, com ſeccuras, e eſcuridades junto com algum, ou alguns dos mais que no precedente capitulo ſe referem.

329 Mas a outras almas, (e algũas perfeitiſſimas) que Deos leva pelos exercicios da vida miſta, purga o Senhor por outros meios; as quaes, aindaque nunca tenhão, nem hajão de ter contemplação mui ſubida, nem graças, e favores ſobrenaturaes, pódem ſer, e são muitas vezes mais perfeitas do que as ſobreditas, porque fundão a ſua perfeição no eſſencial da virtude, que he em obras de caridade, e ſerviço de Deos; em exercicios de paciencia; em humildade, e manſidão; em amor aos deſpreſos; paz do coração; e na prática das mais virtudes; e principalmente em padecer grandes trabalhos, fadigas, e perſeguições pelo Senhor, pelo ſeu ſerviço, e por zelar a ſua gloria, honra, e louvor. Taes são os Pontifices, Biſpos, Reys,

Reys, Prelados das Religiões, e pessoas de cargos laboriosos dirigidos á gloria de Deos, bem da Igreja, e reforma dos costumes, como Ministros de Justiça, e Varões Apostolicos, que com verdadeiro zêlo se occupão na conversão dos peccadores, e instrucção das almas, ou seja prégando, ou ensinando, ou confessando, ou dirigindo, ou escrevendo livros &c.

330 A estas almas, se são de timorata consciencia, e vida reformada; se o tempo, que lhes resta das occupações, se exercitão na oração, e exercicios devotos, e tem desejo da virtude, e de amar a Deos, e cuidado em o não offender, e todos os seus ministerios exercitão com recto fim, e bom espirito; a estas servem de purgação as mesmas fadigas, cuidados, e trabalhos espirituaes, sem que tenhão ordinariamente as seccuras, escuridades, e angustias internas, que padecem as que Deos chama á contemplação saborosa, e pacifica; porque Deos verdadeiramente piedoso, verdadeiramente benigno, aindaque quer que todos os seus servos trabalhem, e padeção, reparte os trabalhos a cada hum conforme as suas posses, e ministerios, e segundo os meios proporcionados aos fins, que elle se propos; e não quer faltar com a refeição aos seus obreiros, nem affligi-los de mais com outras fadigas; quando assás são já bem laboriosas as que sofrem.

331 Mas aindaque não sofrão as seccuras, e escuridades internas, bem descontadas lhes ficao não só nos trabalhos dos seus respectivos ministerios, mas tambem em outros, que delles são consequencias infalliveis, como são murmurações, falsos testemunhos, injurias, perseguições, e outras deste caracter, que chovem como settas sobre quem se faz alvo do público, e de que se não izentou o mesmo Christo, nem os maiores Santos; e que nem guardão respeito ao sagrado das tiaras, dos baculos, dos sceptros, das varas, dos claustros, dos habitos, das tonsuras. Este foi o pão quotidiano dos Apostolos, dos Jeronymos, dos Agostinhos, dos Athanasios, dos Chrisostomos, dos Ignacios, dos Xavieres, e de outra immensidade de espiritos gigantes, que forão ancoras da fé, e columnas firmes da Igreja.

332

332 A alguns pregadores, ou Directores, ou outros miniſtros Evangelicos permitte Deos, que com a força do eſpirito, ou efficacia do zêlo caião em algũa imprudencia, e indiſcrição inculpavel; e que com boa intenção preguem, ou aconſelhem algũas couſas, de que algũas peſſoas grandes ſe dem por offendidas; ou profirão inadvertidamente algũa propoſição mal ſoante; ou comettão algum delicto ſem malicia, nem conhecimento, donde ſe lhes ſiga ſerem murmurados, perſeguidos, e ás vezes preſos, e caſtigados em publico, ou em ſecreto, depoſtos dos ſeus cargos, privados dos ſeus miniſterios, e ainda obrando os ſuperiores rectamente, porque a juſtiça ſó julga dos exteriores, e eiſaqui hũa cruz tão peſada, que talvez muitos contemplativos não quererião trocar por ella a das eſcuridades, ſeccuras, e anguſtias do eſpirito, de que tanto ſe queixão por grandes.

333 Outros varões zeloſos, e abraſados no amor de Deos, e caridade são tidos por imprudentes ſem o ſerem, e atacados com murmurações, perſeguições, falſos teſtemunhos, por aquelles, cujos coſtumes reprehendem, ou querem reformar, de cujos exemplos eſtão cheias as Hiſtorias ſagradas. S. Athanaſio foi arguido em juizo de hum ſtupro. De S. Jeronymo diſſerão, que tinha comercio laſcivo com S. Paula. A S. Bernardo levantárão que apoſtatou da Religião Catholica. A S. Felippe Neri chamárão na cara hipocrita, e ambicioſo. S. Ignacio foi accuſado ao S. Officio, chamado, e examinado por elle. O Veneravel Ávilla foi preſo pelo meſmo S. Officio por falſas accuſações. S. Thereſa foi perſeguida, murmurada, preſa, encarcerada, accuſada á Inquiſição por promover a ſagrada Reforma Carmelitana. S. João da Cruz pelo meſmo foi perſeguido fortemente, encarcerado em rigoroſa prisão, caſtigado com jejuns a pão, e agua, diciplinas, e outras rigoroſas penitencias. O illuſtre varão de Deos Jeronymo Graciano columna fortiſſima da meſma ſanta Reforma, por iſſo foi preſo, deſpojado do habito della, obrigado a andar muito tempo veſtido de Clerigo ſecular, e por iſſo meſmo foi cativo de Mouros.

334

334 Quando alguns bons são oppostos a outros, e os arguem por mal informados, e com boa intenção, como arguio S. Epifanio a S. João Chrisostomo, S. Agostinho a S. Jeronymo &c. he esta Cruz pesadissima, porque como a santidade do perseguidor dá authoridade ao que diz, fica a innocencia do perseguido com pouco lugar para a defesa: mas esperem estes hum pouco, e esperem todos os perseguidos, e murmurados, que se poserem a sua confiança em Deos, elle acudirá pela sua causa; e quando a verdade desterrar as trevas da mentira, sahirá triunfante a innocencia, e tanto mais airosa, e exaltada, quanto antes foi mais abatida, e despresada; e quando em vida não vejão os Justos o triunfo da sua innocencia, alegrem-se, que he para ser mais crescido o da sua gloria; e depois o mundo recompensará com veneraçõe a sua feliz memoria, os despresos, com que os atacou em vida.

335 Todos estes espiritos alentados, e todos os mais sofredores de trabalhos, zeladores da Gloria de Deos, do bem da Igreja, e dos proximos, ainda que não tenhao vida tão austera, e retirada; aindaque não tenhão tantas horas de oração, nem fação tantas rezas, devoções, penitencias, jejuns, vigilias como os contemplativos solitarios, que vivem para si só; aindaque se lhes pegue algum pó de defeitos com o continuo trato, que tem com os peccadores para os reduzir, e encaminhar; ainda que não tenhão as paixões tão mortificadas; com tudo as muitas, e mui pesadas cruzes que sofrem, de fadigas, cansaços, oprobrios, testemunhos, e outras afflicções do corpo, e alma, que tolerão, os purgão, e purificão de tal sorte; os dispõem tanto para a união com o Creador, e os elevão a hum tão alto gráo de perfeição, que ou sem contemplação tão alta, e recolhida, chegão ao osculo, e abraço do Senhor, ou este mesmo lhes dá a contemplação, que concede aos retirados, sem os desamparos, e seccuras, que elles tem; porque bem substituidas ficão com as penalidades que sofrerão.

336 A todos estes deve o Director animar, e fortalecer

lecer (e tambem a ſi meſmo , porque tambem he deſte numero) quando ſe virem attribulados , perſeguidos , injuriados , murmurados , e afflictos ; alegrando-ſe , porque nelles ſe ve reproduzida a imagem de Jeſus Chriſto , de quem são capitães esforçados , cujas piſadas ſeguem , e cujo premio podem eſperar não ſó na eternidade , aonde he completo , e indefectivel , mas ainda neſte mundo , aonde o Senhor , que he fiel aos ſeus ſervos , eſtá com elles na tribulação , para os tirar della , e os glorificar. Se ſe capacitarem , como he certiſſimo , que os trabalhos, os deſpreſos , as injurias são o diſtinctivo dos ſervos do Senhor , e o caracter por onde elle os conhece , e tanto mais , quanto elles forem maiores ; não ſó ſofreráõ tudo com goſto , animo , e alegria , mas tambem terão hũa ancioſa ſaudade , e hũa ſanta ambição por mais , e mais padecer , e ſer deſpreſados. Que gloria eſta para quem lhe conhece o proveito !

337 He certo que a quem Deos mais ama mais trabalhos lhe dá que padecer ; por iſſo os deu maiores a ſeu Filho porque o amou mais ; e daqui ſe conhece qual he a ſua vontade , que he que os ſeus padeção por ſeu amor. Eſtes são os ſeus dons neſte mundo , em que mais nos moſtra o ſeu amor , e por iſſo os dá conforme ao amor que nos tem ; aos que muito ama lhes dá mais , e aos que menos ama menos lhes dá que ſofrer ; e tambem os dá conforme ao animo , e amor , que em nós conhece ; Quem o amar muito verá que póde padecer muito por elle , e quem o amar pouco , pouco lhe dará que padecer. A medida para poder levar grande cruz , ou pequena he a do amor.

CAPITULO VI.

Dos proveitos que cauſa eſta purgação.

338 JEſus Chriſto , que veio ao mundo enſinar a virtude , e perfeição , e que primeiro andou o ſeu caminho para ir diante , e nos animar a ſegui-lo , ve-

mos que escolheu, e andou o dos trabalhos: as fadigas, os suores, os despresos, as injurias, os falsos testemunhos, as amarguras, os desamparos, os tormentos, a cruz; eisaqui o qne fórma no Salvador a imagem da perfeição, e o fundo do merecimento; eisaqui o que elle mesmo diz que lhe foi necessario padecer para entrar na posse da sua gloria: *Oportuit pati Christum, & ita intrare in Gloriam suam.* (*Luc.* 24.) Eisaqui o partido, que elle nos comette, a condição que elle nos impõe para transformarmos em nós a sua imagem, e nos fazermos imitadores da sua vida, discipulos da sua Doutrina, consortes da sua Gloria. *Siquis vult post me venire, abneget semetipsum, & tollat crucem suam, & sequatur me.* (*Math.* 16.) *Qui non bajulat crucem suam, & venit post me, non potest meus esse discipulus.* (*Luc.* 14.) Este pois he o primeiro proveito, que causão na alma os trabalhos desta purgação; elles são a cruz, que o Senhor nos manda levar, ella nos faz dignos delle, seus discipulos, suas imagens, seus imitadores, e nos habilita para a sua, e nossa gloria.

339 O segundo proveito he purificar a alma de muitas maculas, e imperfeições, que em si tem, e não conhece, principalmente das que no seguinte capitulo se dirão: pois assim como o ouro se prova, e purifica no fogo, donde sae luzido, e sem fezes; o diamante só se faz estimavel á força de golpes do buril; o madeiro informe he desbastado, e ferido a muitos golpes para se fazer imagem perfeita; assim esta laboriosa purgação he fogo que prova, alimpa, e purifica das imperfeições aos escolhidos do Senhor: *Tamquam aurum in fornace probavit electos Dominus.* (*Sap.* 3.) He buril que os faz estimaveis, e dignos do mesmo Senhor: *Et invenit illos dignos se.* He instrumento que corta no sensitivo tudo o superfluo, tudo o que he tosco, e grosseiro, que deformava na alma a imagem do mesmo Deos, e a transforma na mesma imagem de claridade em claridade. (*Corint.*3.)

340 O terceiro he que por esta purgação tira Deos a creatura do estado de principiantes para o de proficientes;

tes ; e tendo-a athé ali trazido em ſeus braços , ſuſtentando-a como a pequena com o ſuave leite, e doce alimento de meninos , quaes erão as conſolações ſenſiveis ; agora já não quer que ande , nem falle como parvula , mas que já ande , e obre como varão forte , e creſcido, por iſſo a aparta daquelle ſuſtento delicado , e lhe dá a comer o pão dos fortes , que aindaque não he tão ſuave , e goſtoſo , hé mais proveitoſo , e ſubſtancial ; o que ſe deve ter em grande dita , e por ella ſe lhe devem dar mil parabens ; pois , como diz S. João da Cruz , (*Noite L. 1. c. 12.*) aſſim como Abraham fez grande feſta quando apartou do leite a ſeu filho Iſac , aſſim ſe gozão no Ceo de que já Deos tire a alma das faxas , a deſça de ſeus braços , e a faça andar por ſeu pé , tirando-a do peito , do leite , e do brando , e doce manjar de meninos ; e a faça comer pão de fortes , e robuſtos , o qual neſtas ſeccuras , e trevas do ſentido ſe começa a dar ao eſpirito vazio , e ſêcco dos çucos do ſentido , que he a contemplação infuſa , que fica dita.

341 O quarto he o conhecimento que a creatura vai tendo de ſi , e de ſua miſeria , o que bem não conhecia no tempo das proſperidades , e conſolações ; porque o goſto que nellas ſentia , lhe arraſtava para ſi as potencias com apêgo , e as não deixava attender como devião á ſua propria baixeza ; antes a fazião andar contente , e ſatisfeita de ſi , parecendo-lhe que algũa couſa ſervia a Deos , porque achava nelle muito goſto , conſolação , e arrimo ; o que agora he pelo contrario , porque como lhe faltão aquelles goſtos ſenſiveis , em nada vive ſatisfeita de ſi , em tudo deſconfia que deſacerta , e ſe deſconſola , porque em nada agrada a Deos , e pelo muito que lhe deſeja agradar de boa vontade deixaria os goſtos primeiros , e ainda outros maiores , e ſofreria maiores deſconſolações , e amarguras , com tanto , que tiveſſe certeza que niſſo agradava a Deos , e o ſervia , e que elle ſe não deſagradava della.

342 O quinto he que não ſó alcança a creatura o conhecimento de ſi , mas tambem vai formando maior con-

ceito da grandeza, e excellencia de Deos, e o entra a tratar com mais respeito, e attenção do que athé ali; porque com a sua agradavel cõmunicação tinha tomado mais confiança, e attrevimento do que devia: mas agora que apagados os appetites, gostos, e arrimos sensiveis fica livre o entendimento para conhecer a verdade, o vai Deos illustrando com a sua divina sabedoria sobrenaturalmente por meio desta noite escura, e sècca contemplação. O que mui bem dá a conhecer Isaias dizendo: *A quem ensinará Deos a sciencia, e a quem fará ouvir sua palavra? Aos apartados do leite, e aos desarrimados dos peitos.* (*Isai.* 28.) No qual se dá a entender que para esta divina influencia não he tanto disposição o leite primeiro da suavidade espiritual, nem o arrimo do peito dos saborosos discursos das potencias sensitivas, de que gostava a alma, quanto o carecer de hum, e do arrimo do outro. Outros muitos proveitos causa na alma esta purgação, como he a pratica das virtudes da humildade, paciencia, conformidade, fortaleza, longanimidade, e todas as mais assim Theologaes, como Cardeaes, e Moraes, e outros.

CAPITULO VII.

Dos vicios que se purgão nesta purgação passiva:

343 COmo a perfeição dos principiantes na virtude não tem bem vencido o desordenado do humano natural viciado pela culpa, e ainda da mesma virtude, que exercitão, penitencias, que fazem, oração, que praticão, e favores, que Deos lhes concede, já dando-lhes muito, e conhecido fervor, já grande gosto nos exercicios santos, deleite grande na meditação, e contemplação adquirida, e talvez experimentando algũas visões, extasis, revelações, ou algum outro favor divino, costumão resultar-lhes muitos defeitos ao espirito, os quaes todos se podem incluir nos vicios capitaes espiritualmente tomados, dos quaes todos Deos aqui quer purificar a alma, delles por sua ordem faremos aqui hum breve resumo.

344 E primeiro em quanto á ſoberba eſpiritualmente tomada coſtumão os principiantes ter hũa occulta ſatisfação de ſi meſmos, parecendo-lhes que já são algũa couſa diante de Deos. Vem-lhes deſejo grande de fallar de eſpirito diante de outros, e mais para enſinar, do que para aprender. Condemnão interiormente aos que não vem tão devotos, e fervoroſos como elles ſe julgão a ſi. Gozão-ſe, e ſatisfazem-ſe de parecer devotos, e eſpirituaes; e goſtão que os louvem de taes; e ſe apartão, e deſgoſtão dos Confeſſores, e Directores, que não approvão o ſeu eſpirito, e modo de proceder; e buſcão outro, que ſe conforme com o ſeu goſto, e parecer. As ſuas faltas as tem por pequenas, e as deſculpão; e outras vezes ſe entriſtecem com perturbação, e algũa impaciencia por cahirem em alguns defeitos, parecendo-lhes que he muito de admirar que ainda caia nelles quem já eſtá tão adiantado na virtude, como elles ſe ſuppoem. E ainda ſuccede que o demonio procura augmentar-lhes a devoção, e fervor ſenſivel, para que creſção mais na ſoberba, e vaidade.

345 Na avareza tãmbem caem eſpiritualmente alguns; porque apenas os verão contentes, e conformes com o eſpirito, que Deos lhes dá; e andão triſtes, e queixoſos porque não achão a conſolação, e goſto, que querião na oração, e exercicios eſpirituaes. Não ſe fartão de ler livros, e de ouvir conſelhos, e preceitos eſpirituaes; e por iſſo goſtão de eſtar muito com os ſeus Directores, gaſtando mais tempo niſto do que he neceſſario, e buſcando mais o proprio alivio, e ſatisfação do ſeu deſejo do que a mortificação, e pobreza do eſpirito. Procurão ajuntar muitas reliquias, cruzes, e imagens devotas; já deixão hũas, e tomão outras, no que ſe manifeſta o muito apêgo do coração, que he o que ſe condemna, e não a devoção aos ſantos, e ſagradas imagens.

346 Na luxuria eſpiritualmente entendida coſtumão os principiantes ter algũas impurezas: porque como nos exercicios eſpirituaes ſe achão com tanto goſto, e alegria, ainda que principalmente eſtes affectos ſe achão no eſpirito,

rito, como não está bem aperfeiçoado o sugeito, e a porção sensitiva está no mesmo supposto junta com o espirito, succede que tendo a creatura gozo, e deleite neste, o esperimente tambem no sensitivo, com o que se levantão na sensualidade feios movimentos, e gostos sensuaes; e por não estar o appetite bem refreado tem muito perigo nestas occasiões de cahir em algũa deleitação culpavel. E por esta causa padecem os principiantes as mesmas impurezas, ou affectos menos puros no trato com algũas pessoas espirituaes, a quem communicão, e com seu trato se lhes originão tentações, e muitas vezes se retardão na perfeição.

347 Na ira cahem tambem espiritualmente; porque quando se lhes acaba o gosto, sabor, e consolaçãõ espiritual, que tinhão na oração, ou porque os chamão a outras occupações precisas, ou porque se distrahem, se irão comsigo mesmos, ou com quem lhes impedio o gosto, que gozavão; como quando hum menino está docemente gozando do peito de sua mãy, e o apartão, que se sente, chora, e mostra tristeza. E ainda que este desgosto he natural, com tudo he imperfeição não se conformar quando convem: e ainda em alguns passa a tanto, que andão desabridos, e se impacientão facilmente, com as pessoas, com quem tratão, e tambem não pouco comsigo mesmos; especialmente quando vãõ á oração, e não achão aquelles gostos, e consolações, que quizerão, e que ião buscar; porque como realmente mais ião ali por amor de si, do que de Deos, ainda que elles julgão outra cousa, como não se achão a si mesmos, isto he, não achão o seu gosto, se desabrem; sem advertir que Deos assim o dispoem para seu bem. Outras vezes se se achão fervorosos na oração, e prática das virtudes, vendo que outros não se dão tanto aos seus exercicios, se revestem de hum imprudente zelo, e sem lhes pertencer, nem ser da sua conta os reprehendem em presença, e os murmurão em ausencia com desabrimento, e desagrado.

348 Na Gula tambem caem espiritualmente; porque muitos destes engolosinados com o sabor, e gosto espiritual,

ritual, que achão nos taes exercicios, procurão mais este sabor, do que a vontade de Deos, a pureza da sua alma, e a devoção verdadeira, que he a promptidão de servir ao mesmo Senhor, e o de que elle gosta, e aproveita á alma. Elevados deste gosto, e pelo conseguir mais, e mais, se arrojão muitas vezes indiscretamente, e sem conselho do Director a grandes penitencias; e quizerao matar-se com mortificações, e jejuns; e ainda, o que he mais, procurão faze-lo escondido delle, e sem que o saiba o mesmo Director, julgando que se lho dizem, lhes irá á mão; e parecendo-lhes que acertão melhor fazendo aquillo assim, do que elle prohibindo-lho: com o que se fazem almas sem sugeição, sem prudencia, e sem conselho, attendendo só ao seu gosto, e vontade, sem advertir que diz Deos pelo seu Profeta: *Melhor he obediencia, que o sacrificio.* (1. *Reg.* 11.) E daqui lhes nasce que ainda quando o queirão fazer com licença, tem tantas porfias com o Director, que não parão athé lhe não tirar por força a licença para o que intentão; não sossegando athé que lhes não conceda o que querem; e em lugar de obedecerem, querem ser obedecidos; trastornando com isto a ordem, que Deos tem posto na Igreja.

349 Tambem cahem espiritualmente no vicio da inveja; porque costumão ter pefar de que outros lhe levem vantagem, e sirvão mais a Deos, e sejão tidos por santos, e por melhores do que elles; e sentem que fallem bem delles; e quizerão que de si se disseſſe o mesmo, e ainda ser em tudo preferidos aos outros. E a tanto chega em alguns que ouvindo que louvão aos outros, dizem algũas faltas delles, com que os desdourem, e desluſtrem do conceito que delles se tem. Tambem a respeito do trato com os Directores costumão ter muitas invejas, sentindo-se desabridamente se vem, ou presumem que gastão mais tempo com outros, ou lhe dão o primeiro lugar, ou lhes fallão com mais agrado, ou os tratão com algũa distinção, e ás vezes passão a ter por isto aborrecimentos, e ainda discordias com aquelles, que julgão mais attendidos, e athé queixar-se por isto aos Directores: no

que

que elles mais que em nada devem ser Juizes severos; castigando-os com a maior aspereza, e athé despedindo-os, senão se emendarem, por arrancar de raiz esta peste, que enche de infecção o lugar santo. Mas attendão sempre á fragilidade humana para lhes desculparem, e emendarem este defeito primeiro com advertencias; pois não he muito, que entre os discipulos de hum homem haja estas invejas, quando entre os de Christo as ouve, e com alteração grande, a qual delles era o maior, e mais estimado de seu Mestre: *Facta est contentio inter eos, quis eorum videretur esse maior.* (*Luc.* 22.) E por isso mesmo os filhos de Zebedeu pedirão os primeiros lugares a Christo.

350 Na perguiça tambem tem imperfeições; porque quando nos exercicios espirituaes, que por obediencia hão de fazer, não achão o gosto que quizerão, ou costumão ter em outros, em que desejavão occupar-se, lhes tem tedio, e fogem delles. E he a razão, porque sem o entenderem mais se vão a buscar a si mesmos, e ao seu gosto na oração, e santos exercicios, do que a Deos, e por isso imaginão que não he vontade de Deos aquillo, em que não achão o gosto, e alegria, que outras vezes tinhão experimentado. De todos estes vicios, e imperfeições, e outras muitas contra outras virtudes, em que costumão cahir os principiantes, ainda quando se vem mais favorecidos de Deos, e mais regalados de gostos, e consolações, os intenta Deos purgar, limpar, e purificar, mediante esta purgação passiva do sentido, para entrarem no primeiro Ceo, q̃ he a illuminação passiva, que se segue.

CAPITULO VIII.

Da Illuminação Passiva.

351 COmo a purgação passiva do sentido he disposição para a *Illuminação Passiva*, ou para a contemplação infusa em todo o sentido, (porque a da purgação passiva do sentido não he tão propriamente infusa,

fusa ; pois pela maior parte ainda vai acompanhada da imaginação , e tem parte de adquirida) tanto mais , ou menos tempo durará a dita purgação quanto mais ou menos a alma tiver que purgar , e conforme ella tambem da sua parte obrar activamente ou em pratica de paciencia , longanimidade , fortaleza , e mais virtudes , ou em não pôr obice ao que Deos vai nella obrando : que se não cooperar da sua parte como Deos quer , e pozer embaraço á sua obra , quando não torne atrás , que he o mais ordinario , certamente não irá adiante ; mas nessa purgação perseverará , e acabará a vida ; porque como se não conforma com o que Deos quer , cada vez vai accrescentando mais defeitos , que purgar , e estes a vão demorando neste exercicio sem a deixarem passar adiante.

352 Se porém cooperar á graça , e obra do Senhor , e sofrer com animo os trabalhos , com que Deos a vai provando , e dispondo , em breve a chamará o mesmo Deos mais acima , e a fará entrar ao gôzo do seu Senhor , que he o da suave , saborosa , e alta contemplação da illuminação passiva , e favores sobrenaturaes , que ahi lhe communica. Desta illuminação , e favores sobrenaturaes falla S. João da Cruz nos primeiros tres capitulos do livro segundo da Noite Escura , depois de ter tratado athé ali da purgação passiva do sentido , e antes de tratar da do espirito , como faz desde o capitulo quarto por diante ; donde se colhe claramente que a illuminação passiva he media entre a purgação passiva do sentido , e a do espirito no sentir deste illuminado Mestre , e assim o confirma a experiencia.

353 Diz pois o S. Doutor no primeiro dos tres referidos capitulos , que a alma , que Deos quer levar adiante , não a põe logo em união de amor assim que sae das seccuras , e trabalhos da primeira purgação , e noite do sentido ; antes costuma passar muito tempo , e annos , que saindo a alma do estado de principiantes se exercita no de aproveitados ; no qual (assim como se sahisse de hum estreito carcere) anda nas cousas de Deos com mais desembaraço , e satisfação do espirito , e com mais

abundante, e interior deleite do que dantes; por que com grande facilidade acha logo em seu espirito mui serena, e amorosa contemplação, e sabor espiritual, sem trabalho do discurso. Aindaque como não está bem feita a purgação da alma (porque falta a principal parte, que he a do espirito, sem a qual a do sentido não fica perfeita) nunca lhe faltão algũas seccuras, trevas, e apertos, ás vezes muito mais intensos do que os passados, que são como pressagios, e mensageiros da futura noite do espirito, ainda que não são duraveis como ella ha de ser; porque havendo passado algum tempo, ou dias desta tempestade, logo torna á sua costumada serenidade, e sabor.

354 Este sabor, e gôzo interior se communica ao espirito com muita mais abundancia do que dantes, redundando tambem dahi no sentido mais do que costumava antes da purgação sensivel; porque como por ella está já o sentido mais puro, com mais facilidade póde sentir os gostos do espirito ao seu modo. Mas porque a parte sensitiva he fraca, e incapaz para as cousas fortes do espirito, daqui vem que estes aproveitados por causa desta communicação dos gostos do espirito, que se faz na parte sensitiva, padecem nella muitas debilidades, e detrimentos, e fraquezas do estomago, e conseguintemente fadiga no espirito. Donde se segue que as cõmunicações destes, os favores sobrenaturaes de visões, fallas, extasis &c. nem podem ser mui fortes, nem mui intensas, nem mui espirituaes, quaes se requerem para a divina união, pela fraqueza, e corrupção da sensualidade, que participa nellas. E daqui vem os arrobamentos, e traspassos, e desconjuntamento de ossos, que sempre acontecem quando as communicações não são puramente espirituaes, como são as que succedem aos que já estão purificados com a segunda noite do espirito, nos quaes cessão já estes arrobamentos, e tormentos do corpo; pois gozão já da liberdade do espirito sem que se opponha o sentido.

355 No segundo capitulo continúa o mesmo S. dizendo, que por força destes bens espirituaes, que trazem no sentido os aproveitados, caem em alguns inconvenientes,

e imperfeições, de que necessitão purgar-se na seguinte noite do espirito. Porque como ellas achão ás mãos cheias tantas communicações, e apprehensões ao sentido, e espirito, donde muitas vezes vem visões imaginarias, e espirituaes, (porque tudo isto com outros sentimentos saborosos acontece a muitos destes neste estado, em que ás vezes póde haver engano do demonio, ou da fantasia) e como o demonio costuma suggerir, e imprimir com muito gosto na alma as ditas apprehensões, e sentimentos, com grande facilidade a emboba, e engana, se ella não tem cautela para se resignar, e defender fortemente de todas estas visões, e sentimentos. Porque aqui faz o demonio crer muitas visões vans, e profecias falsas, e lhe faz presumir que falla Deos, e os Santos com elles, e muitas vezes dão credito á sua fantasia.

356 No terceiro capitulo conclue o S. dizendo, que ao tempo que os aproveitados entrão na noite do espirito tem antecedentemente experimentado estas doces cõmuniçações, para que assim attrahida, e saboreada do espiritual gosto a parte sensitiva, se coadune, e conforme com elle, para que sejão ambos completamente purgados na escura noite que se segue; porque nunca hũa destas partes se purga bem sem a outra. E como a purgação do espirito he mais terrivel, e espantosa que a do sentido, não a poderia sofrer a parte inferior depois de ter sofrido a primeira, se Deos a não alentasse, e fortalecesse com o doce, e saboroso trato que tem com ella depois que sae da primeira, e chega á bonança que della resulta. Mas este trato, e operações, que tem com Deos os aproveitados antes da noite do espirito, são mui baixos por não estar ainda purificado o ouro do espirito.

357 Athe aqui he doutrina do S. Mystico, da qual se segue que depois que na alma se faz a purgação passiva do sentido entra Deos a cõmunicar-se-lhe com hum trato familiar, e saboroso, em que lhe concede alta contemplação infusa já sem dependencia da imaginação, ou discurso; na qual he certo que tambem lhe communica muitos favores sobrenaturaes de visões, revelações, extasis,

fis, raptos, locuções, e neſtes algũas vezes alguns eſpaços de união infuſa; (aindaque tranſeunte, e em gráo muito inferior) principalmente quando com ella ſe aviſta mais intima, e eſpiritualmente, e faz com ella o ajuſte do futuro contrato dos deſpoſorios, que he hũa como declaração da mutua vontade de ſe unirem intima, e eſpiritualmente hum com o outro na futura celebração dos deſpoſorios, e a ſeu tempo na do eſpiritual matrimonio: a qual declaração da mutua vontade ſe chama *Viſtas dos Eſpoſos*, que ſuccedem (como diremos) aqui neſte eſtado de gôzo, e bonança, antes da purgação do eſpirito, o qual eſtado ſe póde chamar *Illuminação paſſiva*, porque Deos nelle ſe moſtra, e dá a conhecer á creatura mais claramente, e lhe communica ao entendimento mais luz para o conhecer.

CAPITULO IX.

Da Contemplação Infuſa, e ſuas cauſas, e effeitos.

358 AInda que a purgação paſſiva do ſentido já he eſtado de contemplação infuſa, como ella ahi he mui ſubtil, e deſconhecida, e alternada com a adquirida, e ainda com muita dependencia da imaginação, reſervei o tratar della para eſte lugar, e eſtado de illuminação paſſiva, aonde ella já he ſaboroſa, conhecida, e mais frequente, e com menos recurſo a imaginações; aindaque tambem ainda he alternada com a adquirida, em que a alma ſe deve exercitar quando Deos não der a infuſa, e ainda muitas vezes na meditação; principalmente da Vida, e Payxão de Chriſto, dos beneficios, e attributos de Deos, quando não poder contemplar activa, ou paſſivamente.

359 Já diſſemos (*an.* 141.) que couſa ſeja contemplação, e como ſe faz, e que he acto vital da creatura dependente do principio, ou qualidade ſobrenatural, que Deos lhe infunde, para que obre com ella; e daqui lhe vem o ſer ſobrenatural, e infuſa, ainda que na operação

ſeja

seja natural. Este principio, ou qualidade, que Deos infunde no entendimento, para que contemple, ou para que conheça as cousas sobrenaturaes, e divinos mysterios, póde ser de diversos modos, assim como tambem o são as contemplações; e conforme os principios são mais, ou menos subidos assim são mais, ou menos altas as contemplações. Húas vezes he este principio o dom do entendimento, outras o de sabedoria, outras o de sciencia: outras algúa sciencia infusa, ou graças *gratis datas*: outras huns auxilios muito elevados; e algúas vezes póde ser tanto, que ao menos *transeunter* chegue a ser lume da gloria, que he o principio da visão intuitiva de Deos, como succedeu a S. Paulo, a Moysés, e muitas vezes a Maria Santissima.

360 Aqui he de saber, que os dons do Espirito Santo não se dão só para aperfeiçoar o homem no modo humano, e segundo a sua liberdade, como as virtudes; mas sim para o aperfeiçoar sobre o seu modo humano em quanto só o dispõem, não para que elle se mova, e obre por sua industria, senão para que seja movido pelo Espirito Santo quando, e como o mesmo Divino Espirito quizer. Estes dons são sete, como ensina a Igreja, a saber: dom de *Sabedoria*, de *Entendimento*, de *Conselho*, de *Fortaleza*, de *Sciencia*, de *Piedade*, e de *Temor de Deos*. Destes a sabedoria, entendimento, sciencia, e conselho pertencem á parte intellectiva; os outros tres de fortaleza, piedade, e temor de Deos pertencem á parte affectiva, e se recebem nella. Todos estes sete dons se achão na alma, que está em graça, ainda que não sempre obre com elles, senão quando para isso he movida por Deos; e se não está em graça, não póde ter nenhum.

361 Os tres de sciencia, entendimento, e sabedoria são os que pertencem á contemplação, por serem os seus actos especulativos, como ella; ainda que secundariamente se extendem tambem, como ella, á operação dos affectos da vontade excitando-os. O dom de conselho he prático, e pertence á prudencia nas cousas, que se hão de fazer. O dom de entendimento concorre para se conhece-

nhecerem as cousas divinas, e mysterios da fé sem formar juizo a respeito dellas: porém quando se forma juizo, se elle he por altissimas causas, e principios divinos, como o conhecimento de Deos, e suas perfeições, pertence ao dom de sabedoria, e he quando descemos do conhecimento de Deos ao das creaturas: mas quando esse juizo se faz pelas cousas creadas, para subir ás divinas, ou para conhecer outras verdades reveladas, pertence ao dom de sciencia. Quando porém estes juizos se applicão ás obras singulares para regular as circunstancias, modo, e tempo em que se hão de fazer, ou deixar de fazer, pertence ao dom de conselho.

362 A contemplação, que procede do dom da sabedoria, differe da que procede do dom entendimento, em que a primeira tem sabor, e deleitação, e não a segunda; porque esta he só especulativa, e como por vista; porém a sapiencia he conhecimento experimental, e prático como por gosto. O modo de obrar do nosso entendimento na contemplação, mediante o lume sobrenatural, que se lhe dá, tem tres gráos, infimo, médio, e supremo. O primeiro he, quando o entendimento, mediante aquelle principio sobrenatural, contempla as cousas creadas, e dellas sobe a Deos; e este se dá, quando Deos cõmunica esta contemplação aos principiantes; ainda que algũas vezes se acha nos mais. O segundo he, quando o entendimento contempla as cousas divinas, e creadas recolhido dentro de si, sem recurso á imaginação; ainda que esta tambem ahi se haja *concomitanter* por conversão ao fantasma, e este modo he mais ordinario nos proficientes, ainda que tambem se ache nos outros algũas vezes.

363 O terceiro gráo da contemplação infusa, he quando o entendimento elevado sobre si, contempla as verdades divinas, ou creadas com hum modo eminente, sem nenhum concurso, ou consorcio da imaginação; porque como ahi entra o entendimento *in caligine divina*, e se une com Deos intimamente refundido n'alma por amor fruictivo, de algũa sorte vê a Deos em si mesmo, e nelle todas as creaturas, que nelle reluzem; e este conhecimento

mento he o mais nobre; que se póde communicar nesta vida fóra da intuitiva visão de Deos, e he proprio dos perfeitos, e nas outras vias só raras vezes, e extraordinariamente se acha. Destes gráos o infimo pertence ao dom da sciencia, o medio ao da sabedoria, e o supremo ao do entendimento; ainda que algũas vezes se misturão os seus raios.

364 *Caligo*, ou escuridade divina, em que se diz entra a alma na contemplação sublime he hum lume inacessivel, em que se diz, que habita Deos: he invisivel pelo excesso da luz, e por isso mesmo inacessivel; porque como Deos he luz clarissima, que excede a faculdade do nosso entendimento, quanto mais se lhe communica, mais o escurece com a sua nimia vezinhança, se Deos o não roborar com o lume da Gloria para o ver intuitivamente, o que na via tem succedido raras vezes: pois assim como quem olha direito para o Sol se cega com a muita luz, e depois nada vê, assim quem olha para aquella luz divina fica *in caligine*; mas nesta vê abondade infinita, a verdade increada, e todas as mais perfeições de Deos; e assim quanto maiores são aquellas luzidas trevas, e aquella clara esuridade, tanto mais perfeitamente conhece a Deos; não percebendo-o distinctamente, mas indistincta, e eminentemente, conhecendo-o presente, e infinitamente perfeito: e a razão he, porque esta escuridade não he por falta de luz, antes he pela redundancia, e excesso della da parte de Deos; logo quanto maior for a escuridade, he certo, que he maior a luz; logo maior será o conhecimento de Deos; porque este raio de trevas dá-se para o mostrar, e dar a conhecer.

365 E causa trevas porque nesta vida havemos de ver a Deos pela fé, que he escura, por espelho, e em nigmas: e assim a alma que está mettida nesta luzida escuridade, e proxima á presença da Divindade, ainda que a não póde comprehender, tem ahi hũa certa ociosa occupação, que he hum amoroso anhélo, e ancia de ver descuberto o glorioso rosto do Amado; e por isso tem hum como amoroso tedio a essa escuridade; porque conhece que procede

cede da debilidade da sua potencia; pois em Deos não ha trevas, e com este desejo, tem hũa pacifica esperança, de o ver claramente na patria. Esta contemplação sublime dura pouco tempo; porque o corpo pesado a interrompe. Alguns Mysticos só lhe attribuem meia hora, segundo aquillo do Apocalypse: *Factum est silentium in Cœlo quasi dimidia hora.* (C. 8.) Outros a extendem athé hũa hora o mais; mas como he de Deos, será quanto elle quizer; e de alguns santos consta que estiverão por mais tempo em extasis, que succedem nesta contemplação.

366 Assim como na contemplação adquirida se não discorre, muito menos na infusa; porque a contemplação he hũa elevação suspensa do entendimento para com Deos com suavidade, e gozo; ou hũa alegre admiração da verdade revelada, ou hum simplez intuito da mesma, o qual simplez intuito, suspensão, e admiração não pódem estar com discursos. Donde dizem alguns, que a contemplação he o descanso dos trabalhos, complemento dos desejos, perfeição das virtudes, premio da abnegação, fim da oração, e instrumento efficacissimo para conseguir a pureza do entendimento. Esta contemplação ainda que principalmente consista em acto do entendimento, com tudo tem principio no affecto da vontade, em quanto a alma pela caridade he que se excita para a contemplação de Deos; e como o fim conresponde ao principio, por isso he que o fim, e termo da contemplação he no affecto da vontade, em quanto a alma se deleita na visão do Amado; e esta deleitação mais lhe excita o amor para o mesmo que vê. Por esta causa entre a alma contemplativa, e o seu Esposo Jesus se dá hum vivo amor, que não só persevera no habito da caridade da parte d'alma, mas em hum quasi continuo exercicio; porque neste estado arde o amor como em viva chama.

367 A contemplação sobrenatural algũas vezes succede com alienação dos sentidos, porque de tal sórte se arrebata a alma sobre si, e se absorbe com a intima suavidade, que não sabe o que Deos obra nella: e por isso esta contemplação se chama *Ignorante do modo*, e isto he

que

que se chama extasis, ou rapto, cuja causa he a grandeza da admiração, com que a alma se eleva sobre si suspensa de tão divina formosura, e tambem a grandeza da devoção, ou amor, com que a alma se abraza, e ferve de tal sórte, que sae fora de si com os desejos, que a impellem; assim como a agoa, que primeiro aquece, depois ferve, e ultimamente se levanta, e sae fora. Tambem concorre a grandeza da alegria, de que se goza na contemplação, que faz que a alma saia fora de si, para se unir com a causa de tanto gozo.

368 A alienação dos sentidos, ou raptos, ou extasis, que procedem das ditas causas em algũas creaturas succedem pela debilidade da potencia, ou natureza; porque ainda naturalmente succede que huns se admirão do que outros não fazem caso, e amão o que outros não estimão: e assim os principiantes, como ignorão as cousas divinas, quando as começão a gostar com a minima visão, ou revelação, logo se arrebatão fóra de si; quando os perfeitos, ainda que vejão outras cousas muito maiores, não se movem, nem alienão: *Quia ab assuetis non fit passio.* Por isso quando os perfeitos tem raptos, ou extasis procedem de causa maior, e de ver algum mysterio, que ainda não tinhão visto; porque Deos não se communica igualmente a todos, nem mostra igualmente as suas perfeições; mas ordinariamente aos principiantes mostra primeiro visões corporeas, que são as infimas, depois as imaginárias, que já são mais altas; mas aos perfeitos communica as intellectuaes, que são mais sublimes, e hũas mais que outras. Por isso a nobreza da contemplação sobrenatural não se deve julgar porque causa, ou não causa raptos, ou extasis; mas segundo a nobreza do objecto, e perfeição do lume infuso, ou principio sobrenatural coadjuvante.

369 Aqui questionão os Mysticos se na contemplação sobrenatural fica a alma com liberdade? Amim me parece mais provavel, que por mais alta que seja a contemplação nesta vida nunca a alma se priva das operações do entendimento, e vontade, mas que sempre obra livre,

e com conhecimento: porque a graça não deſtroe a natureza, antes a aperfeiçoa; e a natureza do homem he obrar livremente; álem de que ſem liberdade não ſe póde merecer; e não he veriſſimil que Deos queira privar de tanta perfeição as almas elevadas á contemplação ſublime. Por iſſo ſe deve advertir, que ainda no mais elevado gráo de contemplação não fica a creatura iſenta dos preceitos de Deos, e da Igreja, e de exercitar os actos das virtudes como cegamente errárão alguns hereges, que affirmavão, que as almas na contemplação infuſa, já eſtavão em eſtado de bemaventurança completa, vendo a divina eſſencia; ou reſtituidas ao eſtado da innocencia, e que nada obravão, mas que ſe havião *merè paſſivè*, e por iſſo nada merecião.

370 Como ninguem eſtá livre de tentações, e muitas vezes Deos permitte as quedas aos juſtos para ſua humildade, e cautela, por iſſo ainda que algum contemplativo não ſeja logo perfeito, e muitas vezes caia em alguns peccados veniaes, nem por iſſo logo ſe devem julgar illuſões, e enganos, e que procedem de máo eſpirito os effeitos ſobrenaturaes, que recebe na oração; ainda que ſejão da união divina: porque como eſta he de dous modos, hũa perfeita, e habitual, outra inchoada, ou ainda não perfeita, que he a actual antecedente á habitual; eſta póde dar-ſe n'alma contemplativa imperfeita; e tambem porque Deos muitas vezes concede a contemplação aos principiantes para os attrahir com a ſua doçura, e ſuavidade.

371 Mas ainda que não ſeja impoſſivel que ſe dem eſtes divinos favores, e conſolações á alma ainda imperfeita, he impoſſivel que quem os recebe não attenda, e aſpire cada dia mais, e mais á perfeição; porque eſte he o fim, que Deos com ellas intenta; e aſſim como illumina o entendimento ſobrenaturalmente, tambem move a vontade ſobre o modo ordinario para a maior perfeição. Por iſſo diz S. Thereſa (*Cam. de perf. c.* 36.) que quando a alma não ſae perfeita da contemplação, e com grande determinação de alcançar a mortificação, e as mais virtudes, principalmente a de perdoar as injurias, não ſe

há

há de confiar muito na tal contemplação. E assim do proveito, que dos favores, e consolações se segue, se conhecerá se são, ou não verdadeiras, e de bom espirito, como adiante se dirá.

372 Os principaes effeitos desta contemplação infusa são entre outros arrebatar, e attrahir suavemente o entendimento para Deos, e suspendê-lo de tal sórte, que o abstrae, e eleva das cousas terrenas para as celestiaes, e lhas mostra, e faz ver claramente á proporção do seu lume, ou qualidade, que lhe imprime; o que causa grande suavidade, e deleitação n'alma, grande estimação das cousas celestiaes, que conhece, e grande despreso das terrenas, cuja vileza se lhe faz ver em presença das celestiaes. Tambem causa grande admiração, e hum amor ardentissimo, extático, e anagógico, isto he, que encaminha, e arrebata para as cousas divinas.

373 Tem esta contemplação todas as propriedades do bem que he ser honesto, util, e deleitavel, por isso todos a devemos desejar, e aspirar a ella, como á optima parte, que Maria escolheu; nem para isto nos deve acanhar a nossa imperfeição; porque, ainda que o ordinario he dá-lá Deos aos perfeitos; como he fazenda sua póde dá-la, e muitas vezes a dá aos imperfeitos, como dissemos, e a nega aos perfeitos por fins só a elle notorios: por isso, ainda que não está na nossa mão o conseguí-la, está o dispor-nos; e assim devemos pôr os meios proporcionados, e as disposições necessarias para a conseguir de Deos. Ao Director pertence preparar, e dispor as almas para a contemplação, ou immediatamente pelo seu exercicio, e pelo da adquirida, ou mediatamente pela mortificação das payxões, prática das virtudes, e pelas obras da vida activa segundo a capacidade, e aptidão de cada hum; porque nem todos são aptos para a contemplação, como dissemos, (*an.* 101.) e o mostra a experiencia, e se vio naquellas Santas Irmans Marta, e Maria.

CAPITULO X.

Do Recolhimento, Quicte, e Oração de Fé infusas; e da Embriaguez sobrenatural, e Somno de potencias.

374 A Oração de *Recolhimento* infuso he o primeiro gráo de contemplação infusa saborosa, e succede quando Deos pela interior doçura da contemção, obriga suavemente a alma, para que deixando a consideração das cousas extrinsecas, e caduças, se retire ao seu interior para attender ás celestiaes. Neste gráo de contemplação não se alienão totalmente os sentidos, nem as potencias; mas como diz S. Theresa (*Mor.* 4. *c.* 3.) tudo está muito applicado em Deos com tanta suavidade interior, que sem diligencia da creatura, se-lhe cerrão os olhos, e se poem a alma em solidão; e com isto se dispoem para a oração de quiéte, em que já perdem os sentidos o seu direito, e começão a obedecer gostosamente á razão; de sorte que apenas o Senhor dá hum silvo, ou inspiração, ainda que elles andem por fora com suas occupações, logo, se retirão ao interior a ouvir o que o Senhor falla n'alma. Esta suavidade do recolhimento póde sentir-se não só nas potencias espirituaes, em q̃ se faz a contemplação, mas tambem nas sensitivas, pelo q̃ alguns chamão a esta oração: *Communicação, ou recolhimento da parte sensivel*; mas principalmente se communica ao entendimento, e vontade, e dahi se diriva aos sentidos internos, e externos. O modo como a alma se ha de haver neste, e nos mais favores sobrenaturaes, para evitar enganos do demonio, ou da propria imaginação, se dirá adiante. (*an.* 463.)

375 O segundo gráo de contemplação infusa se chama *Quiéte*, ou *Descanso*; porque nella poem Deos a alma toda em hũa admiravel paz, e tranquilidade por meio de hũa doçura, e suavidade, que lhe communica com a sua presença, e especial assistencia para que o conheça muito, e o ame; ainda que não conhece como o conhece; porque

que he hum modo admiravel, que não póde entender-se o Senhor lho não manifesta ; mas bem entende que se lhe dá Deos, e que o tem mui perto de si ; pois tanto como goza , bem vê que só delle lhe póde vir. E daqui vem á alma hum grande respeito , e reverencia tal , que nem se atreve a pedir-lhe nada ; ou porque o mesmo gozo a engolfa na attenção só a Deos , ou porque adverte que aquelle Senhor , que tão liberal se lhe communica , como conhece as suas necessidades , lhas remediará sem ser necessario pedir-lho. Está ali a alma tão deixada de si em seu Deos , que corpo , e espirito se achão tão amortecidos , que quizerão não se bullir ; entregando-se toda a gozar-se em Deos , donde entende tirará forças para depois trabalhar em servi-lo. Sente-se grandissimo deleite no corpo , e satisfação n'alma , de sórte que lhe parece não ha mais que desejar.

376 As potencias estão sossegadas de sórte , que não querião bullir-se , nem attender a outra cousa , porque tudo lhes parece as embaraçará a amar o Amado. O entendimento , e memoria estão livres , mas a vontade está cativa do amor do Senhor ; e se algũa pena póde ter estando assim , he de ver que ha de tornar a ter liberdade , porque quizera ficar-se sempre ali , como S. Pedro no Tabor. O entendimento não queria entender mais do que entende , nem a memoria lembrar-se de mais nada. Aqui vem , que só isto as satisfaz , e que as outras cousas antes as perturbão , e tirão do seu gozo : não querião que o corpo se bullisse , porque lhes parece hão de perder aquella paz. Neste tempo custalhes a estas creaturas o fallar ainda fóra da oração , ainda que seja rezar ; porque conhecem experimentalmente , e com satisfação , e gosto d'alma , que o Senhor quer que conheção , que cousa he o seu amor com regalo. Parece-lhes que não estão no mundo ; nem querião ver , nem ouvir senão a seu Deos : nada lhes dá pena nem parece lha dará. Em fim em quanto dura esta satisfação , e deleite estão absortas , e embebidas no mesmo , e não se lembrão que há mais que desejar , senão que de boa mente dirião : *Senhor bom he que estejamos aqui.*

377 Nes-

377 Nesta oração de quiete infusa, como tambem nos recolhimentos, e outros gráos, que diremos há seu mais, e menos, conforme o Senhor quer communicar-se, e segundo o estado da alma, e disposição della; por isso hũa mesma mercê em huns faz maior impressão do que em outros. Assim alguns depois deste favor ficão hum dia, ou dois como sem acordo para as cousas do mundo, principalmente quando he já no estado da união, em que a alma já não gosta senão de Deos. A este gráo de oração chegão muitas almas, mas poucas passão adiante, e muitas tornão atrás, porque se não sabem dispor para ir a diante, nem desapegar-se dos cuidados, e affectos ás cousas do mundo, que ainda que pequenos, e licitos, divertem a alma do cuidado continuo, e paz, que aqui deve ter em Deos, para que elle obre nella.

378 Aqui se deve advertir que como as ancias do amor de Deos vem com grande impeto, e sensivelmente, e he cousa tão saborosa o gozar de tanta suavidade, costumão algũas almas deixar-se attrahir tanto della, que lhes prejudica a saude corporal; pois como este amor, que se communica ás potencias sensitivas, se recebe no coração, commove-o muito pelo muito sangue que ali concorre, e como lhe he violento, o fatiga, e molesta, e parece que algũas vezes se suffoca; e daqui procedem alguns achaques do coração, e tristezas, e dores do estomago por falta do calor natural, que acudio ao coração; donde se segue muitas vezes não poder digerir o alimento, e perder-se a vontade de comer, pelo que se debilitão excessivamente. Por isso he necessario ir de vagar ao principio, e não dar muita larga a estas ancias do sensitivo, e violentar-se a comer o sustento necessario. O que se diz destes gráos de contemplação, e dos que se seguem, se entenda tambem da contemplação de *Fé Infusa*, que he toda a destes gráos; e della se diz o mesmo que fica dito acima, (*an.* 235.) só com a differença de que ali he adquirida, e aqui infusa

379 Nestes gráos de oração, e contemplação infusa costuma Deos communicar-se com tanta abundancia, que

não

não podendo as potencias naturaes abraçar tanto gôzo, nem digerir influencia tão ſoberana ſahem de ſi para melhor ſe acharem. E porque muitas vezes ſuccede na alma, que ſe deſacorda com hum eſpiritual deſatino ao modo de quem bebeu vinho em demaſia, por iſſo ſe deu a eſte exceſſo eſpiritual o nome de *Embriaguêz*, e delle uſa a Eſcriptura em muitas partes para explicar a abundancia de doçuras, que Deos cõmunica aos ſeus amigos; porque a força, e impeto do grande amor de Deos, que ſe communica, e a contemplação, que procede do dom de ſabedoria cauſa ſimilhantes effeitos; como ſuccedeu aos Apoſtolos quando receberão o Eſpirito Santo, que fazião taes exceſſos de jubilo, e gôzo, e fallavão com tanto fervor as maravilhas de Deos, que forão reputados por ebrios, e tomados do vinho. Daqui procede que os que tem eſte impulſo coſtumão pronunciar algũas palavras ſem concerto; e outras vezes os não deixa parar em hum lugar com a violencia do ardor, como ſuccedeu a David quando ia ſaltando diante da Arca. Outras vezes rompem em vozes, e ſe explicão por termos, que paſsão álem da raia da razão, e parece tratão a Deos com algum menos reſpeito, como lhe diſſe Job, que ſe lhe tinha feito cruel: e David: *Senhor eſtais a dormir? Eſqueceis-vos da noſſa neceſſidade? Levantai-vos, e ajudai-nos.* (*Pſ.* 43.)

380 Eſta divina influencia he de ſeu genero mais efficaz, vigoroſa, e forte que a que ſe cõmunica nas orações infuſas antecedentes, e por iſſo tem mais fortes, e exceſſivos effeitos ſenſiveis; porque quando o exceſſo de gôzo chega a communicar-ſe á parte ſenſitiva, a faz ſenſivelmente romper nos ditos effeitos. E como eſte gôzo pela força da doçura tira a creatura do ſeu acordo, não lhe deixa baſtante advertencia para concertar o que então diz; donde diz S. Thereſa que eſta oração: *He hum glorioſo deſatino, huma celeſtial loucura, aonde ſe aprende a verdadeira ſabedoria.* (*Vida c.* 16.) E então ſó as potencias tem agilidade para ſe occuparem em Deos, e por elle abraçaráõ quantos trabalhos, tormentos, e deſpreſos

ſe

se pódem offerecer, e tudo lhes seria gostoso.

381 Outras vezes dizem palavras com muito concêrto, e sobre a sua natural capacidade, porque Deos as concerta; e ás vezes fazem canticos, e versos de grande cadencia, e conceito; pelo que alguns Mysticos chamárão a esta oração hũa especie de rapto. E porque esta embriaguez nasce do amor de Deos, que ainda não he perfeito, como será quando chegar aos gráos da via unitiva, aonde tambem se acha outra embriaguez de espirito mais perfeita, que pertence ao despozorio espiritual, por isso S. João da Cruz (*Canc.* 17.) diz que esta, de que aqui se falla, tem muito de imperfeita, e sensivel; porque nasce do amor de Deos, que ainda se chega muito á parte sensitiva. Por esta causa estes favores, e furias espirituaes costumão prejudicar á saude se não se moderão, como dissemos; pois se guião muito pelo sensivel.

382 O qual explica o S. Doutor com o exemplo do vinho novo, que tem os fervores por fóra, e tem aquella força de ferver por não ter ainda digerido, e cozido as fezes; por cuja causa tem o gôsto aspero, e grosso; e tem perigo de se derrancar, e damnará a qnem o beber com excesso, porque não tem a bondade na substancia, como quando elle he velho; e muito mais se estiver composto com misturas de finas, e saudaveis qualidades; ao qual vinho já sazonado se compára o amor, que se acha nos despozorios espirituaes por ser perfeito, suave, e fòrte em sua propria substancia, e do qual nasce a embriaguez do espirito, que alî costuma succeder: e desta qualidade foi a que tiverão os Apostolos, e outros Santos em gráos de elevada santidade.

383 Mas assim como a embriaguez do vinho hũas vezes causa inquietação, vozes, e alvoroços; outras causa somno; assim nesta espiritual, e sobrenatural se achão os mesmos effeitos; pois hũas vezes causa hũa inquietação saborosa, hũa loucura santa, hum glorioso, e prudente desatino, como fica dito; outras vezes causa hum somno de sorte, que todo o sensitivo se suspende, se quieta, e perde as suas operações; todas as potencias sensitivas fi-

ção

cão ligadas, e immoveis para gozar em ſoſſego a muita ſuavidade, e regalo, que lá de dentro as atrahe com tal força, que não póde a creatura reſiſtir, ſenão ſe com grande força ſe quizeſſe divertir, e ainda então diz S. Thereſa (*Vida c.* 16.) que lhe parece não poderia de todo.

384 Eſte *ſomno de potencias*, que aſſim chamão os Myſticos a eſte gráo de oração, hę maior mercê, e ſe communica nelle maior luz ao entendimento, e maior exceſſo de amor de Deos á vontade, e maior gôzo ás potencias ſenſiveis, do que nos outros dous gráos infuſos de recolhimento, e quiete. As potencias com tudo não ſe perdem de todo neſte abyſmo de celeſtiaes doçuras; por que ainda que parece que não póde o noſſo curſo natural ſofrer tanto; com tudo não fica de todo rendido, ſenão quaſi morto a todas as couſas deſta vida, e quaſi de todo entregue ſó a Deos, em quem ſe goza, e de cujas doçuras quaſi ſe facía ſem ſe fartar: e ainda que eſta alienação lhe dá pena, he tal pena, que quizera que nunca faltaſſe.

385 Importa muito, como diz S. Thereſa, (*Vida c.* 15.) que a alma, que chega a eſte eſtado, e aos mais, que a elle ſe ſeguem, conheça a grande dignidade em que eſtá, e a grande mercê, que lhe tem feito o Senhor, e como por boa razão não deve já ſer da terra, porque parece a faz a ſua bondade vezinha do Ceo, ſe não póe embaraço por ſua culpa. Mas não ſe dê por ſegura, que muitas daqui, e ainda de mais alto tem cahido por ſua ſoberba, e preſumpção. Profunde-ſe em hum grande conhecimento proprio; e por iſſo meſmo que o Senhor lhe fez a grande mercê de a chegar a eſte eſtado, tenha hũa humilde, e ſanta preſumpção, e brioſo animo para não tornar ás carnes do Egypto. E ſe por deſgraça cahir, por nenhum modo deixe a oração, que niſſo eſtá todo o ſeu remedio.

CAPITULO XI.

Declara-se em que consistão as Vistas dos Esposos; e da-se huma breve noticia das quatro Aguas, e sete Moradas de S. Theresa.

386 DEsta oração de embriaguez, e somno de potencias trata S. Theresa no capitulo 16. e 17. de sua vida, aonde lhe chama já oração de união conhecida da alma com Deos, ainda que não total de todas as potencias; e diz que he a terceira agua das quatro, em que divide os gráos de Oração: e nas Moradas quintas tratando desta mesma oração diz no capitulo 4. que esta união ainda não chega a desposorio, mas que aqui são as *Vistas dos Esposos*. E como principia as Moradas sextas por huns grandes trabalhos, que precedem aos divinos desposorios, que nas mesmas Moradas sextas se fazem, como diz a mesma Santa, os quaes trabalhos são a purgação passiva do espirito, que dispõe para os divinos desposorios, (porque da do fogo, ou do amor, que precede, e dispõe para o matrimonio espiritual, trata a Santa no fim das Moradas sextas, e principio das setimas) segue-se que nesta oração de embriaguez, e somno de potencias, que já he de união, ainda que em gráo inferior, são as alegres *Vistas dos Esposos*. Donde, e do que se dirá, fica claro, que esta divisão, e ordem dos estados, que expozemos, (*an.* 86.) e imos seguindo, he mui conforme á doutrina da S. Madre; o que melhor se verá na breve noticia que imos a dar das suas quatro Aguas, e sete Moradas, e conformidade da doutrina de hũas, e outras.

387 Querendo a S. Madre explicar quatro gráos de oração, a que todas se podem reduzir (porque as orações do ultimo gráo só differem entre si por mais, ou menos elevadas) se serve de hũa comparação admiravel de quatro modos com que se póde regar hum horto, ou jardim; e por isso chama quatro *Aguas* a estes quatro gráos de

de oração. Diz pois no capitulo 11. de sua vida, que o primeiro modo de regar he tirando a agua com hum caldeirão de hum fundo poço, o que já se vê vai tudo á força de braço, e a muito custo. O segundo he tirando-a de hum poço já não tão fundo, e por engenho de roda, ou nóra, com o que fica muito mais suave o trabalho, e se rega em mais abundancia. O terceiro he quando vindo a agua de algũa fonte, ou regato, não tem mais trabalho o jardineiro do que endireitá-la, e guiá-la para que corra pelo pé das flores, e plantas. O quarto he quando chove do ceo, em que nenhum trabalho, ou diligencia põe o hortelão; e já se vê que estes dous ultimos modos de regar são muito mais abundantes, e proveitosos para o jardim.

388 Conforme a estas quatro aguas, ou modos de regar explica a S. Madre os quatro gráos de oração. O primeiro he dos principiantes, e he toda a oração natural, que a alma faz por propria diligencia, e com trabalho, qual he a meditação, e a contemplação adquirida como ella explica nos capitulos 11, 12, e 13. da sua vida. E tambem pertence a este primeiro gráo a oração de seccuras, que se tem no tempo da purgação passiva do sentido, porque supposto já tem parte de sobrenatural, como he de tanto trabalho, e tem muito de natural, a esta primeira se deve reduzir. O segundo gráo he já dos aproveitados, e diz a Santa capitulo 14, e 15. que he a oração de recolhimento, e quiete, que supposto já he sobrenatural, ainda custa algum trabalho á creatura por haver de dispor-se para ella por propria diligencia, e concorrer com a ajuda dos discursos, e imagens, em quanto Deos não dá o sobrenatural. Por isso fallando desta oração de recolhimento, e quiete infusas nas quartas Moradas, diz no fim do capitulo 3. que ahi ha natural junto com o sobrenatural.

389 Do terceiro gráo trata a S. Madre no capitulo 16. e 17. de sua vida, aonde diz que he oração de embriaguez, e somno de potencias, e que já he conhecida união da alma com Deos; aindaque não total de todas as po-

tencias; na qual a creatura já não tem mais trabalho do que encaminhar esta agua divina; isto he, dispor as potencias, e ministrá-las sem embaraço de cousas terrenas, ou cuidados ociosos, para que por ellas corra com suavidade, e proveito; a qual oração diz a Santa que he mais do que a de recolhimento, e quiete antecedentes. O quarto gráo he a oração de rapto, vôo do espirito, ou extasis, (que tudo he o mesmo com pouca differença) na qual a creatura já não obra, nem he necessario que se disponha proximamente; porque vem esta oração quando Deos quer; e ás vezes estando a creatura bem descuidada, e ainda cuidando em cousas estranhas. Desta trata a Santa no capitulo 18. e nos tres seguintes de sua vida. E como já he união total de todas as potencias, e daqui a diante não há outra differente, senão em ser em gráos cada vez mais levantados, por isso concluio aqui todos os gráos desta oração, que são muitos, e cada vez mais sublimes, e de maiores favores divinos, como ella declara em outras partes.

390 Muito se conforma com esta doutrina o discreto modo com que a mesma Santa Doutora expoem o progresso de hũa alma no caminho da virtude, e oração desde o seu principio athé que chega a celebrar o divino matrimonio com o Amado, usando para isso de outra não menos subtil, e discreta similhança. Divide o caminho, ou modo de proceder na virtude, e oração em sete *Moradas*, ou estancias de hum castello que he a nossa alma, ás quaes estão contiguas, e communicaveis entre si; a setima, que he a mais interior, está no centro, e nella habita o Senhor, e para ella se vai desde a primeira por sua ordem, e em cada hũa dellas vai a alma vendo, e experimentando cousas novas, e recebendo novos alentos, e disposições, para ser admittida na ultima em que está a consumação da virtude. Destas Moradas, álem da sua boa digestão, nos deu hũa exposição bem discreta o douto P. Fr. João de Rôxas nas suas *Representações da verdade vestida*, confórme á qual, e ao que dellas mesmas está claro he a sua ordem pela maneira seguinte.

391 Nas

391 Nas primeiras Moradas entra a alma quando se resolve a virar as costas ao mundo, e seguir a virtude de veras; e começão quando começa o estado de principiantes, e com ellas principia a primeira Agua de S. Theresa. Nas segundas Moradas entra a alma quando conhecendo o valor, e estimação da virtude, se firma em novos propositos de fazer nella progressos, e não tornar aos caminhos do engano. Aqui hũas vezes tem consolações, outras desgostos, e se exercita na pratica das virtudes, e na meditação da vida de Christo, e acabão estas Moradas em contemplação de fé adquirida, como diz o referido Expositor. (*c.* 14.) Donde se vê que as primeiras Moradas contêm só a purgação activa do sentido, e estas segundas contêm a illuminação, e união activa, que consiste na conformidade com a vontade de Deos, que muito aconselha a S. Madre nestas, e nas seguintes Moradas. Tambem se inclue aqui a contemplação activa, que he a de fé, que diz o P. Rôxas, e nós dissemos em seu lugar. Ainda aqui continúa a primeira Agua da Santa.

392 Nas terceiras Moradas entra a alma por huns grandes temores de perder, e ter perdido a Deos, com grandes seccuras, e escuridades na oração, e outras desconsolações, e trabalhos; o que bem se vê he a purgação passiva do sentido. Ahi trata a S. de hũa nudez, e deixação d'alma em Deos, e da resignação, e conformidade com elle, e promptidão na obediencia para não fazer em nada a propria vontade, o que entende, e expoem o P. Rôxas (*c.* 19.) da purgação activa do espirito, ou do homem interior, a qual dissemos (*an.* 241.) que acompanhava n'alma a purgação passiva do sentido, ou comece antes, ou com ella. Aqui acaba a primeira Agua da S. Madre. Nas quartas Moradas entra a alma por oração de recolhimento, e quiéte infusos a que a S. ali chama oração de gostos, e he a sua segunda Agua; porque tem natural junto com sobrenatural, como ella ahi diz, (*c.* 3.) e aqui começa a illuminação passiva.

393 Nas quintas Moradas entra a alma por oração de embriaguez, e somno de potencias como ahi lhe chama

a

a S. Madre, e diz que he já de conhecida união d'alma com Deos, ainda que não totalmente de todas as potencias. E neſta conſiſtem as viſtas dos Eſpoſos, como ella declara no capitulo 4. E eſta he a ſua terceira Agua. Nas ſextas Moradas entra a alma por huns grandes trabalhos interiores, e exteriores, que a S. declara no primeiro capitulo, os quaes são a purgação paſſiva do eſpirito, que precede como diſpoſição aos divinos deſpoſorios, os quaes ella ahi diz no capitulo 4., e Moradas quintas capitulo 4., que ſe fazem neſtas ſextas Moradas, aonde no dito capitulo 4., e ſeguintes expoem a oração de arrobamento, ou rapto, ou arrebatamento, ou vôo de eſpirito, ou extaſis, que tudo com pouca differença he o meſmo, em que ſe celebrão os meſmos deſpoſorios, como diremos; e eſta he a quarta Agua da S. Madre, e já oração de união completa de todas as potencias com elevação das meſmas.

394 Depois deſta oração, e eſtado declara a S. Madre no capitulo 11. outros padecimentos, e trabalhos interiores, a que ella meſma chama purgatorio, com que o Senhor diſpoem, e purifica a alma para haver de entrar nas ſetimas Moradas a celebrar com elle o divino matrimonio; dos quaes trabalhos tambem faz menção no primeiro capitulo das meſmas ſetimas moradas, e no capitulo 20. de ſua vida, e neſtes conſiſte a purgação do fogo, ou do amor como diremos. Depois de acriſolada a alma neſte purgatorio de amor entra nas ſetimas moradas quando Deos a eleva a hũa viſão intellectual de toda a Trindade Santiſſima, como diz a S. no meſmo primeiro capitulo, e depois a une comſigo por modo mais alto, e divino do que nos deſpoſorios; porque neſta união conſiſte o matrimonio eſpiritual, de que ella trata no capitulo 2., e ſeguintes das meſmas Moradas ſetimas.

395 Do que aqui ſe diz, fica claro que as alegres viſtas dos Eſpoſos he o primeiro gráo de união, e o mais infimo a reſpeito dos mais, que ſe ſeguem; e que eſtas viſtas não ſuccedem no eſtado de perfeitos, e via unitiva, mas ſim no de aproveitados, e via illuminativa, de que imos tratando, e neſte gráo de oração que ſe cha-

ma

ma embriaguez, e ſomno de potencias, que acima fica explicado. E chamão-ſe *Viſtas dos Eſpoſos* tomando a ſimilhança dos que ſe querem deſpoſar carnalmente, que ſe manifeſtão, e vem peſſoalmente, para que ſe agradem hum do outro; e tratão das conveniencias do conſorcio para mais cativar as vontades; e ſe ajuſtão as circunſtancias, e o tempo, ou dia para o futuro deſpoſorio: o que neſte contrato eſpiritual ſe faz pela oração de união que explicamos, na qual ſe dá o Divino Eſpoſo já bem a goſtar á alma com noticia experimental, e outros favores, que neſta ſoberana, e alta contemplação lhe concede, illuſtrando-lhe o entendimento com o dom da ſabedoria muito perfeito, e intenſo; e inflamando-lhe a vontade com hũa ſoberana, e perfeitiſſima caridade, com que o ama mui perfeita, e intenſamente; e como entra a goſtar como he ſuave o Senhor, toda ſe desfaz em ancias de o poſſuir no deſpoſorio divino.

CAPITULO XII.

Da Purgação Paſſiva do Eſpirito.

396 ASſim como para o Divino Eſpoſo communicar á alma aquelle ſoberano favor da ſua viſta a diſpoz primeiro com a purgação do ſentido, aſſim para lhe conceder o ſeu doce deſpoſorio, que he mais ſublime, e ſingular, a quer diſpor com outra mais terrivel purgação, qual he a da parte ſuperior, ou do eſpirito, que ſe faz nas potencias ſuperiores memoria, entendimento, e vontade acriſolando-as de toda a macula, e imperfeição de ſeus actos, e habitos para entrarem em hũa mais eſtreita cõmunicação, e união com o Amado. Digo que he mais terrivel, e eſpantoſa eſta purgação, porque á ſua viſta parece não forão nada os trabalhos da purgação do ſentido: a razão he porque a primeira fez-ſe para que a parte inferior ſe proporcionaſſe com a ſuperior, e eſta faz-ſe para q̃ a parte ſuperior ſe proporcione com Deos, com quem ſe ha de unir; e por iſſo deve ſer tanto maior, quanto eſtas partes

tes são entre si mais distantes, e desproporcionadas.

397 Consiste pois esta trabalhosa purgação em hũa contemplação infusa sobrenatural lucidissima, e eminente, cujo excesso por ser sobre a virtude d'alma, he causa de que o entendimento com trevas, e a vontade com summa angustia, ancia, e aridez se atormentão; a que acompanhão hũa grande tristeza, e outros muitos trabalhos d'alma, e do corpo. Della trata S. João da Cruz em todo o segundo livro da sua Noite Escura, aonde se póde ver com bem extenção, e energía: ahi diz que consiste na contemplação infusa, como se disse da purgação do sentido, e que já aqui ha Mystica Theologia pelo secreto da sua operação: mas tanto esta Mystica Theologia, como a contemplação não são conhecidas; porque a alma mettida nas luzidas trevas desta clarissima escuridade vê sem saber que vê, conhece sem saber que conhece.

398 E he a razão disto porque aquella clarissima luz da contemplação, que penetra o intimo do coração, e o centro d'alma, manifesta todos os seus defeitos ainda que occultos, e pequenos atormentando-a fortemente com o conhecimento delles; mas como he luz tão intensa, involve o entendimento em trevas, ás quaes ajudão a fazer mais palpaveis as angustias, e seccuras, a que se vê reduzida a vontade pelo sentimento de tantas miserias, que em si descobre, cuja tribulação se refunde tambem no entendimento, e o faz applicar mais ao que sente, do que ao que conhece. Daqui se segue parecer-lhe á alma que está perdida; que não tem feito nada no serviço de Deos; que os favores, que experimentou, e recebeu delle tudo erão illusões da fantasia, ou enganos do demonio; e que tem andado a enganar os confessores, e que he necessario desengana-los, e fazer confissões geraes, porque tudo athé ali tem sido hũa invenção, e engano.

399 A razão porque esta luz causa trevas, he a mesma que na purgação do sentido se disse. (*an.* 312.) E como quanto maior for a luz tanto mais offende a potencia, e a deixa em maior escuridade, sendo esta contemplação de muito maior excesso não só do que a da purgação

gação do sentido, mas ainda do que as saborosas que no capitulo decimo ficão declaradas, supposto não he conhecida, e saborosa, como ellas, he certo ha de ser mais densa aqui a nuvem, em que o Senhor se esconda á amante alma, que o deseja ver; porque a quer então privar da sensivel confortação, que em outras contemplações lhe tem dado; porque nesta quer só que em segredo conheça suas culpas, fazendo ponderação ainda que sêcca do que he Deos, e quam digno de ser amado, e por isso mesmo que feia cousa he o peccado. Por isso os Mysticos chamão *Raio de treva* a esta contemplação, porque sendo em si clarissimo, he para a alma trevas, e escuridade pela debilidade da mesma alma.

400 Por esta razão não he muito que cause na vontade angustia, tristeza, e aridez; porque como antes gozava de tanta felicidade, gozo, e consolação, se sentia fervorosa, e cheia de favores divinos; toda anciosa por Deos, a quem ardente, e suavemente amava; vendo-se agora de repente privada de tanto bem, posto hum muro de separação entre ella, e Deos, sem gosto, nem consolação em nada, que faz; e álem disto conhecendo-se cheia de culpas, e defeitos, confusa, e envergonhada de tanto mal, que em si vê, como não ha de estar triste á vista de hũa tão grande novidade? Parece-lhe sem duvida que está em desgraça de Deos, e que por isso elle se lhe converteu em cruel, como se queixava o S. Job; (*c.* 30.) e por isso lamenta como elle, que sendo em outro tempo rica de favores, e consolações, de repente se vê abatida, e humilhada, e reduzida a hũa extrema pobreza; (*c* 16.) ou como David, que vendo-se nesta purgação, e desamparo dizia, que o cercárão as dores da morte, o atacárão os perigos do inferno, e achou a tribulação, e a dor. (*Psl.* 114.)

401 E na verdade aperta Deos aqui a alma com tantas fadigas, e penas, que verdadeiramente se pódem comparar ás da morte, ou do inferno: pois se está interiormente desfazendo por não achar cousa, que a possa alentar, antes tudo amargo, triste, e violento. Álem destes

trabalhos lhe permitte Deos outros grandes n'alma, e no corpo. Hũas vezes tentações gravissimas contra a fé com tanta viveza, que lhe parece muitas vezes que já não crê nenhum dos mysterios da Religião, e que está inteiramente herege, o que lhe causa hũa pena intoleravel, e antes quizera mil mortes. Outras vezes contra a esperança se vê quasi a termos de se persuadir que está condemnada, que já não tem remedio, nem póde haver para ella misericordia; pois não lhe parece que quem he tão máo, como se conhece, a possa merecer.

402 Contra a caridade se vê tentada para se aborrecer, e se impacientar contra Deos, e para o ter por injusto, cruel, e falto de misericordia, e piedade, e que não he tão bom como se diz, porque se o fora, não a desempararia, nem castigaria com tanto rigor, e aspereza: e ás vezes a acomette o espirito de blasfemia, e algũas succede chegar a proferi-las sem saber como, porque não o quizera por quanto tem o mundo, e lhe he isto hum tormento maior do que todas as suas tristezas, e angustias. Contra a castidade se desenfrea tanto o appetite, que athé no exterior se manifestão ás vezes os effeitos da sua vehemencia, e por isso se afflige muito a pobre alma, que desejava ser esposa casta, e pura para o seu Amado; e com o temor que tem de o offender a cada passo lhe parece que consente, porque julga que tão fortes baterias, e tanto segundo o sensivel, e deleitavel não pódem compadecer-se com não as querer a vontade; e lhe parece já não tem forças para maior resistencia; por cuja causa muitos Santos se arrojáraõ nas espinhas, no fogo, na neve, no gêlo, e fizerão outros extraordinarios rigores para se vencerem.

403 Similhantemente se vêm tentadas as almas nesta purgação com iras, impaciencias, aborrecimentos, invejas contra os proximos, e outros vicios. Carrega-as hũa multidão de escrupulos; e muitas vezes permitte Deos ao demonio, que as atormente, e afflija hũas vezes com máos tratamentos no corpo, como ao S. Job, e a muitos Santos; outras com feias visões, e ameaços; outras com-

commovendo as creaturas, para que as perſigão, e murmurem, lhes levantem falſos teſtemunhos, ſatyrizem ſuas obras, e as tenhão por invenções, fingimentos, e naſcidas de máo eſpirito; e ás vezes athé os meſmos parentes, e amigos as deſamparão, e fogem dellas como apeſtadas, ou ſe as communicão he para mais as affligirem, e fazerem mais creſcido o ſeu tormento com as advertencias, e culpas, que lhe lanção em roſto, como fizerão os amigos de Job, e a ſua meſma mulher. Finalmente aqui são atacadas as almas por todos os modos, com que o mundo coſtuma perſeguir a virtude; e eſte he o mais certo ſinal de que ellas a tem, porque virtude ſem contradições he impoſſivel; as murmurações, as adverſidades, os deſpreſos são tão communs a todos os juſtos que nenhum, nem o meſmo Chriſto lhe eſcapou, e o diſſe S. Paulo, que: *Todos os que quizerem viver piedoſamente em Jeſus Chriſto, hão de padecer perſeguição* (2. *Tim.* 3.)

404 E ſobre iſto coſtumão vir-lhe muitas dores, achaques, e enfermidades. Não tem muitas vezes a pobre alma para onde reſpirar, porque athé o Ceo ſe lhe tem feito de bronze, e lhe parece que Deos a não ouve, que não faz caſo della, nem da ſua oração, por mais que a elle clame, como ſe queixava Jeremias. (*Tr.* 3.) *Sed & cum clamavero, & rogavero, excluſit orationem meam.* Só o Padre eſpiritual he aconſolação da pobre alma, e ainda algũas vezes permitte Deos para maior exercicio, e pena, que o Director ſe lhe moſtre deſabrido, e carregado, a reprehenda com aſpereza, e lhe diga palavras, que lhe atraveſſem o coração, como diz de ſi meſma S. Thereſa. (*Vida c.* 30.) O que he grande tormento á pobre alma; pois eſta ſó porta, a que lhe reſtava bater para o alivio, a acha fechada, e nella repulſa para toda a conſolação. Outras vezes a meſma communicação do Director lhe he penoſa pela pouca ſatisfação, e alivio, que acha nas ſuas doutrinas, e conſelhos, parecendo-lhe que a não entende, nem conhece o que paſſa por ella, nem o eſtado da ſua conſciencia, e que o deve deixar, e buſcar outro, ou não ter nenhum; pois em nenhum apharà

o remedio a tanto mal. Quam grande pena iſto ſeja, ſó o póde ſaber quem a experimenta.

405 Todos eſtes trabalhos, e outros muitos permitte Deos ás almas, que quer unir comſigo no amigavel deſpoſorio; mas nem todos os permitte a todas, nem a todas os meſmos; ſenão a hũas huns, a outras outros conforme o q̃ nellas ha que purgar, e o gráo de união, a q̃ as quer elevar; e tambem ſegundo as forças, e valentia, com que os ſofrem; porque como o Senhor he fiel, que não permitte que ſejamos tentados ſobre aquillo, que podemos, aos fracos permitte menos, mas tambem não chegaráõ a tanta perfeição; mas aos valentes, e animoſos permitte mais, e eſtes são os ſeus muito amados, e eſcolhidos, em que quer obrar grandes couſas: e por eſta meſma razão em hũas almas dura mais eſta purgação, do que em outras; porque as quer ſublimar a favores mais altos, e por iſſo as conſerva mais tempo neſte exame de fogo, e prova de trabalhos, para que ſaião mais puras, e acriſoladas, e dignas de ſubir aonde as chama, e quer levar o Senhor. Tudo em fim o meſmo Senhor diſpoem ſegundo o fim, que ſe propoem a ſabia providencia.

406 Algũas almas, ou muitas ha, a quem por ſua fraqueza, e inconſtancia não poem Deos neſta riguroſa purgação, porque conhece que ſe ſe viſſem em tantos trabalhos, e trevas, deſcahirião de animo, e declinarião do caminho da virtude; por iſſo conformando-ſe com a ſua fraqueza lhes vai dando trabalhos alternados com goſtos, e alivios, fazendo como diz S. João da Cruz, (*Noite l. 2. c. 1.*) amanhecer, e anoitecer a meudo, e dando a bocados o cryſtal da contemplação, (*Pſ. 147.*) com que vai purgando as almas, que não hão de ſubir a tão alto gráo de amor, e união como as outras: ſendo que tambem ás que eſtão neſta eſcura, e tenebroſa noite, e o Senhor as vai diſpondo para que paſſem adiante, lhes dá de quando em quando huns raios de luz, com que as alenta naquelle penoſo trabalho; porque compadecido o Amante Divino da tribulação, em que as vê ſumergidas com o temor de que vão perdidas de todo, e por caminho errado,

lhes

lhes dá hũa repentina luz a eſpaços, com que as fortalece, e ſegura por hum pouco; mas logo tornão a ficar ás eſcuras, e em anxiedade como d'antes, porque iſto he o que por então quer o Senhor.

407 Aſſim como ſuccede aos que caminhão em hũa noite tenebroſa, que pela eſcuridade temem ir perdidos, mas ſe ſuccede dar hum relampago, conhecem á ſua luz que vão direitos, ainda que logo tornão a ficar na meſma eſcuridade, e temor, athé que do ceo ſe lhe repita aquella ainda que eſcaſſa, e repentina luz, que os torne em outro momento a ſegurar do acerto. Mas ás vezes não são tão repentinas as conſolações, e luzes celeſtiaes, que o Senhor dá neſta noite de purgação, que não durem por algum tempo para refazer a alma da fadiga, que a ia opprimindo. Pois como diz S. João da Cruz, (*Noite L. 2. c. 7.*) neſtes meios ha interpolações, e alivios, em que por diſpenſação de Deos deixando eſta purgação eſcura de inveſtir em forma, e modo purgativo, inveſte illuminativa, e amoroſamente, em que a alma como ſaindo de hũa eſcura priſão, e poſta em liberdade ſente, e goſta grande ſuavidade de paz, e amoroſa, e abundante communicação eſpiritual com Deos, o que he na alma indicio de que vai nella obrando a divina purgação, e annuncio da abundancia que a eſpera.

408 E ás vezes he tanto o gôzo, que lhe parece á alma que já ſe acabárão os trabalhos: porque deſta qualidade são as couſas do eſpirito, quando são puramente eſpirituaes; que quando são trabalhos parece á alma que nunca ſe hão de acabar; e quando são bens, julga que já não ha de ter mais trabalhos. Mas eſte penſamento ſuccede aqui poucas vezes; porque athé que eſteja acabada a purgação do eſpirito, raras vezes coſtuma ſer a communicação ſuave tão abundante, que lhe encubra a raiz, que lá fica na alma, e a faz ſentir hũa certa couſa que lhe falta, ou que eſtá por fazer, que não a deixa completamente gozar daquelle alivio; ſentindo lá dentro como hum inimigo ſeu, que ainda que eſtá como ſoſſegado, e adormecido, ſe teme que tornará a reviver, e lhe appre-

ſen-

fente maior guerra. E assim he que quando ella mais segura está a torna elle a tragar, e absorber em outro grão de trevas mais escuro, trabalhoso, e sensivel que o passado, e que talvez durará por muito maior espaço; e tanto maior, e mais diuturno será, quanto maior, e mais duravel foi a consolação, que o precedeu, que tambem para isso a dá o Senhor, para que a fortaleça para os futuros trabalhos.

409 Nesta trabalhosa purgação são as almas ordinariamente tentadas para deixar a oração, exercicios, e vida do espirito com dous falsos motivos, que lhes propõe o inimigo: hum he, que como julgão não fazem nada que preste, antes que em tudo desagradão ao Senhor, he melhor deixar-se do que fazem, do que fazê-lo de sorte que mais mereça castigo, do que premio. Outro motivo he hũa fingida humildade, de que sendo tão más como se conhecem, não são capazes de tratar com Deos, nem de estar na sua presença; o que tudo se vence continuando nos exercicios, e oração, considerando que se são tão más com os exercicios, sem elles serão muito peiores; e que Deos quer na sua presença os peccadores; porque a estes veio buscar, e não aos justos, e os chama como mais necessitados da sua misericordia, para sahirem da sua presença justificados, como sahio o publicano, se se humilharem como elle.

410 As almas que passão da purgação passiva do sentido, todas ordinariamente entrão nesta segunda, porque como o estado intermedio he de gostos, e consolações; estas mesmas lhes servem de incentivo para a devoção, e esta ainda que com suas imperfeições as vai dispondo para o estado futuro; e como não tem violencias que vencer, facilmente vão adiante: mas ainda que muitas chegão a esta purgação, adiante passão mui poucas, e muitas tornão atraz por força das sobreditas, e outras tentações, e por falta de fortaleza, e tolerancia nos trabalhos; e muitas aqui perseverão athé a morte alternando trabalhos com consolações, e defeitos com emendas; pelo que, e por falta de fidelidade, e fortaleza não merecem

cem chegar a maior gráo de união; mas como não deixão de ter algũas virtudes, e de conreſponder em parte aos beneficios de Deos, não deixa eſte Senhor de as ir refazendo, e alentando neſte caminho com novas graças. Succede a eſtas almas o que ao povo de Iſrael, que ſaindo do Egypto para a terra da promiſsão, ſó dous, que forão fieis a Deos, entrarão nella, e os mais por não cumprirem os preceitos do Senhor os deteve, e ſuſtentou no deſerto quarenta annos, e ahi acabarão as vidas.

411 Ainda que os trabalhos deſta purgação do eſpirito tem pouca differença dos da purgação do ſentido quanto á qualidade, são com tudo na intensão muito maiores; e os interiores tanto são aqui mais actívos, quanto tocão em parte mais ſubtil, e delicada, qual he o eſpirito, cujos tormentos excedem tão incomparavelmente os do corpo, quanto eſte he excedido pelo eſpirito. Mas como deſta ſimilhança dos trabalhos póde originar-ſe equivocação no Director, e cuidar que eſtá em hũa purgação a alma, que Deos tem na outra, darei alguns ſinaes, por onde ſe poſſa conhecer, ſe a alma eſtá, ou não neſta purgação do eſpirito. O primeiro ſinal de que a alma eſtá neſta ſegunda purgação he ſe já tem paſſado pela primeira do ſentido, pois ſem ſe purgar na parte ſenſitiva não paſſa Deos a purgá-la na eſpiritual, e ſe ainda não tem paſſado a primeira, he ſinal que eſtá nella.

412 O ſegundo ſinal que ſe requer junto com o primeiro, para que a alma eſteja na purgação do eſpirito, he que tenhão tambem paſſado por ella aquelles goſtos, conſolações, e favores ſobrenaturaes, que ficão aqui declarados nos capitulos oitavo, e decimo, e são medios entre hũa, e outra purgação, porque por elles ſe diſpõe a alma para eſta ſegunda, e pelos meſmos ſe coſtuma deixar a obra do ſentido para entrar na do eſpirito. Além de que, como diz S. João da Cruz, (*Noite L. 2. c. 3.*) para ſofrer eſta horrivel purgação do eſpirito, neceſſita a alma de ſer fortalecida, e roborada com o esforço deſſas ſuaves communicações, que ſe recebem parte no ſenſitivo, parte no eſpirito, paraque ſe acommodem hũa com

a outra estas duas partes, comendo ambas de hum mesmo manjar, e em hum mesmo prato, paraque juntas, e conformes estejão dispostas para sofrer esta aspera, e dura purgação do espirito, que as espera, na qual ambas se hão de purgar completamente, porque hũa nunca se purga bem sem a outra: donde a rigorosa purgação do sentido he quando começa a do espirito; e a outra mais se deve chamar hũa certa reforma, ou enfreamento do appetite doque purgação.

413 Tambem póde succeder que a aridez, e escuridade, e a falta das communicações, gostos, e favores sobrenaturaes proceda não desta purgação, mas de castigo de Deos por algũas culpas, em que a creatura tem cahido, ou pela tibieza, e negligencia, com que tem cooperado ás graças que lhe tem dado: para o que he necessario advertir, e conhecer quando os trabalhos procedem deste castigo, ou da tibieza, ou de purgação; o que se conhecerá pelos effeitos, que fizerem na creatura; pois quando são por castigo, ou tibieza como Deos não communica o soberano dom da contemplação, nem illustra o entendimento, nem inflama a vontade, fica a alma sêcca, desabrida, impaciente, e com defeitos; deseja com ancia os alivios das creaturas, e os procura, e os gostos, e satisfação dos sentidos; esquece-se de Deos, não ama o retiro de sua alma, nem procura a limpeza de seu coração; não tem tão profundado o temor de perder, ou ter perdido a Deos, nem se acautela muito dos defeitos, nem lhe causão muito horror os que commette, antes os desculpa no seu conceito, e por palavras. E se por misericordia de Deos cuida algũa cousa na emenda de sua vida, e prática dos exercicios, he mui tibia, e imperfeitamente, e muito ao modo de principiantes na virtude. *Veja-se o que dissemos n.* 302., *e* 303.

414 Os effeitos porem da purgação do espirito são mui perfeitos, e subidos. Porque em primeiro lugar estas almas se achão com grandes ancias de amar a Deos; o que se conhece, porque em nada do mundo achão consolação, e nada das creaturas lhes dá alivio; e só se satisfa-

tisfarião se lhes dessem o seu Amado : daqui lhes vem huns suspiros por elle ; que por lhes parecer que lhes falta he toda a sua tristeza ; por elle chorão , por elle clamão. Em tudo quanto fazem cuidão em Deos , por quem suspirão ; e por ver que não o achão he a sua pena : não advertindo que o tem comsigo , pois estes effeitos são proprios de hũa alma , que está enamorada de Deos , e isto he estar elle com ella , ainda que ella o não conheça.

415 Daqui procede que estas almas não farão hum peccado mortal por quanto tem o mundo ; porque como todas suas ancias são o gozar de Deos , e sabem que peccando o perdem , não se pódem persuadir a fazer cousa, que cause tanto damno. E se por acaso cáem em algum peccado , logo com grande dor o confessão , o chorão , e fazem vivos protestos de emenda ; e por este temor athé os pequenos defeitos temem , e cuidão em os evitar , receando que desagradem muito a seu Senhor , e sejão causa de que elle se lhes retire , e as deixe. Por estes sinaes , e effeitos se poderá conhecer quando a alma está em castigo , ou tibieza , ou nesta purgação do espirito. Vejão-se tambem os sinaes que dá S. João da Cruz para a purgação do sentido , e o modo como ali se deve portar a creatura , que tudo serve muito para este lugar, e estado.

CAPITULO XIII.

Dos exercicios da via illuminativa , ou estado de aproveitados , e da ordem , e modo de os prescrever.

416 A Sciencia , prudencia , caridade , paciencia , e mais dotes do bom Director são mais necessarios neste estado de aproveitados do que nos outros : porque no de principiantes , como tudo vai ao sensivel , e he o mais ordinario das vias do espirito , he tambem melhor de perceber , e athe aqui com mediano talento , e experiencia se póde governar hũa alma. No de perfeitos, como tudo he na ordem sobrenatural , he Deos o principal agente que obra , e o principal Director , e por isso

pouco tem o humano Director que fazer. Mas no de proficientes, como a creatura se vê em tantos trabalhos, tantas tentações, e angustias; e outras vezes com tantas cõmunicações, e favores, e em tudo ha sensivel misturado com espiritual, e natural junto com sobrenatural, em que o demonio se póde introduzir, e fazer apparecer a mentira com capa de verdade, e fingir prova de Deos o que he só defeito da creatura, haverá muitos enganos, e falsidades, e tambem muitos perigos de retrocederem as almas no caminho da virtude, se o Director com sabia vigilancia, caritativo zêlo, e paciente cuidado não prover de cautela aos perigos, e enganos; e he bem de ver que sem sciencia, prudencia, e experiencia não poderá bem discernir entre o bom, e o máo, para sacudir a zizania, e cultivar o bom fructo do Senhor.

417 Tanto pois que o Director, segundo os sinaes, que ficão referidos, vir que a alma tem entrado no estado de proficientes, e na purgação passiva do sentido, deve revestir-se de paciencia, e caridade para a ajudar a levar a pesada cruz, que Deos lhe põe aos hombros; deve animá-la para a tolerancia dos trabalhos, que a esperão, e já vai experimentando, e capacitá-la de que esta enfermidade não he de morte, mas para que se manifeste nella a gloria de Deos; advirta-a de que he Deos o doce tyranno que a atormenta, e que se tem recebido delle os gostos, e outros bens, porque não receberá tambem delle os males, e os trabalhos? Certifique-a de que he para seu bem este purgatorio, em que a mete o Senhor, e que se o sofrer com animo, e paciencia, passará em breve aos grandes bens, que são hum Ceo na terra, para que Deos com elle a dispõe.

418 Persuada-lhe muito a conformidade com a vontade de Deos, o sofrimento, e amor aos trabalhos por amor delle, e a virtude da longanimidade em todos elles, offerecendo-se ao Senhor de todo o coração a sofrer não só os que de presente lhe dá, mas ainda outros maiores, que a sua misericordia lhe permitta; se com elles lhe der a graça para os sofrer: o que lhe será facil se

se

ſe perſuadir, como he certo, que nada ſe move ſem a vontade de Deos, o qual permitte os males para bens, e aos que ama, a eſſes caſtiga para ſua emenda; prova os juſtos com os trabalhos como o ouro na fornalha, e com elles eſtá na tribulação para os livrar, e glorificar. O meſmo deve fazer nas murmurações, deſpreſos, e perſeguições das creaturas, ſabendo de certo que eſtas são o ſinal diſtinctivo, que caracteriza os ſervos do Senhor, aos quaes elle meſmo ſe dignou abençoar por ſua boca dizendo: *Bemaventurados os que padecem perſeguição pela juſtiça*; (que he a virtude) *porque delles he o Reyno dos Ceos.* (*Math.* 5.) E S. Paulo diz que: *Todos os que quizerem viver piedoſamente em Jeſus Chriſto, hão de padecer perſeguição.* (2. *Tim.* 3.) Eſte he o pão regalado dos juſtos, e ſem elle he ſuſpeitoſa a virtude; ſe o Director governar algũa alma que o não goſte, tema-ſe da ſua virtude; e ſe elle meſmo não goſtar delle hum bom pedaço, fie-ſe tambem pouco na ſua. (*Veja-ſe o Prologo an.* 18.)

419 Como Deos chama aqui a alma, ou a tem já no eſtado da contemplação infuſa, não a faça o Director deter mais em meditações, e diſcurſos, como aconſelha S. João da Cruz; (*Llama Canc.* 3. ℣. 3. §. 6.) porque ſe cançará ſem fructo, e irá contra as diſpoſições do Senhor; mas fará que da ſua parte ſem buſcar materia particular ſe conſerve na noticia geral, e ſimplez de Deos, que he a contemplação activa, para que pondo-ſe ao modo de Deos, ou da noticia que elle lhe quer infundir, eſta a ache diſpoſta, para que juntando-ſe noticia com noticia, como diz o meſmo Santo, ſe complete, e aperfeiçoe a obra de Deos ſem contradicção, antes com cooperação da creatura: advertindo, que aindaque ao principio lhe pareça que aſſim eſtá ocioſa, e nada faz, não deixe por iſſo de perſeverar na diligencia deſſa ocioſidade, e noticia; porque, como diſſemos, ao principio he mui ſubtil, e imperceptivel, por não ſer tanto ſegundo o ſenſitivo, como as meditações antecedentes, pois eſte ſenſitivo he que o Senhor quer nella converter em eſpiritual. Se porém vir que de todo nada obra, buſque o arrimo da me-

ditação, e tente a ver se assim póde andar; porque esta he o refugio de todos os estados, quando se não póde achar outro caminho; ou para melhor dizer, em quanto por este se póde andar, não se ha de buscar outro, porque, como dissemos com S. João da Cruz, só se ha de passar á contemplação, quando se não poder meditar; e por isso se a creatura vê que buscando a meditação tambem a não póde achar, torne á contemplação, por que he final, de que nella a quer Deos, e que algũa cousa faz nella, aindaque o não perceba.

420 O que dizemos, que se não detenha aqui em meditações, e discursos, se deve entender, que os não tenha como principal, e total objecto da oração; mas não que se não valha delles como principio, e disposição para a contemplação; pois, principalmente nos principios deste estado, como vai misturado sobrenatural com natural, e espiritual com sensitivo, não ha total abstracção de imagens; antes destas se deve valer, e fecundar-se o entendimento, para dos discursos, que á cerca dellas fizer, tirar aquella noticia geral, que dissemos, a qual he a contemplação activa, em que a alma ha de pôr aqui o maior cuidado, e ha de ser o exercicio proprio da sua diligencia para Deos infundir a passiva sobre este bem lançado fundamento quando for servido. Quando Deos anda purgando a alma com esta noite escura do sentido, não deve o Director carregá-la de penitencias; porque não se deve dar afflicção ao afflicto, e por não lhe fazer mais insoportaveis os trabalhos; antes a deve consolar, e animar nelles, para que não se intimide, e se deixe do caminho do espirito, como aqui fazem muitos por se lhes representar cheio de monstros, féras, e perigos, como aos filhos de Israel pintárão os exploradores da terra da promissão; e quando não tornem atrás, sempre este medo póde fazer que não vão adiante, e ahi fiquem sempre, e ahi acabem, como tambem succedeu aos Israelitas, que de seiscentos mil só dous que não temerão, forão adiante, ficando, e acabando todos os mais pelo dezerto em castigo da sua fraqueza.

421 A

421 A materia da meditação deve aqui ser a vida, e payxão de Jesus Christo, cujos trabalhos nos são esforço, e alento para os nossos; e tambem a da bondade, misericordia, e amor de Deos, e das felicidades eternas como premio dos mesmos trabalhos, cuja esperança infunde valor, e constancia para os tolerar. Acautele-se de meditações tristes, e de temor, excepto algũa vez por acaso, ou quando o Director vir que a alma vai declinando para os vicios, e affroixando na pratica das virtudes, e exercicios santos, que então a deve despertar do lethargo com esse remedio sensivel, mas em tornando em si, torne tambem ás meditações do estado. Por ellas deve principiar a oração, e nellas póde continuar a contemplação, que tambem são materia della, se se souber extrahir a noticia geral, simplez, e confusa, que dissemos quando Deos não der, ou se não poder achar a da Divindade em si.

422 Aqui, e sempre daqui por diante deve aspirar, e fazer diligencia por se augmentar nas virtudes, principalmente na conformidade, e união da sua vontade com a de Deos: e tambem em vaziar as potencias espirituaes de noticias estranhas, e impertinentes, que isto he continuar na pratica da illuminação activa, e da união, e purgação do espirito tambem activas, cujo exercicio nunca se deve deixar, antes praticar-se com tanto mais desvélo, e diligencia, quanto se for adiantando no espirito; pois he isto obra, que nunca chega a tanta perfeição, que se lhe não possa accrescentar muita mais. A presença de Deos deve ser intellectual, e continua quanto póder ser. As jaculatorias devem ser aqui mais frequentes, e de sorte que infundão valor, e confiança em Deos, como estas: *Ainda que sou fraco, Senhor, tudo posso em vós, que me confortais. Vós sois o meu auxilio nas tribulações, que me cercão. In te Domine speravi non confundar in æternum. Domine exaudi orationem meam, & clamor meus ad te veniat.* Se o Director vir que a frequencia de sacramentos a conforta, não lhe seja escasso das mercês do Deos liberal; e ainda que lhe não seja sensivel o seu effei-

feito, não deixe de lhos fazer frequentar, porque insensivelmente o communicão ao espirito.

423 Tanto que vir que se vão retirando as trevas, e arraiando o dia; isto he, que a alma vai saindo daquella noite de trabalhos para o dia das consolações, que a seguem, o que será, como dissemos, quando Deos for servido, e ella estiver sufficientemente purgada, conheça que se vai acabando a purgação do sentido, e vai a alma entrando na illuminação passiva, e estado de gostos, consolações, e contemplação infusa conhecida, e saborosa, que dissemos, e oração de recolhimento, e quiete infusos, embriaguez, somno de potencias, e vistas dos esposos, tudo pela ordem, e como nos seus respectivos lugares se disse. Em todos estes favores, e communicações divinas deve o Director acautelar a creatura, para que os não receba com tanto apêgo, que lhe pareça que está melhor assim, do que sem elles, e se não entregue tanto ao gosto sensivel, que mais vá á oração, e exercicios pelo gosto que nelles experimenta, do que pelo amor, que deve a Deos, que será encher-se de soberba, e procurar mais o seu gosto sensivel, do que o serviço, e vontade do Senhor.

424 Persuade-lhe que estes, e outros similhantes beneficios são fazenda, e bens do Senhor, que os póde conceder a quem quizer, e ainda aos grandes peccadores sem merecimento nenhum da sua parte; e que não dão merecimento á creatura, antes a poem em maior divida, e obrigação, e será maior ingratidão o offende-lo, ou não lhe conresponder, como deve; que por isso se não desvaneça, nem deseje, ou estime com muito apêgo as sobrenaturalidades, antes tema que nellas se involva o inimigo, que muitas vezes se transforma em Anjo de luz, e finge seus gostos, visões, e cousas similhantes para enganar: por isso nem deve fazer muito caso dessas consolações sensiveis, nem dar-lhes credito, ou proceder a alguã execução do que nellas lhe for inspirado (ainda que lhe pareça ser de Deos) sem o communicar á obediencia, e seguir o dictame della; que ainda que seja de Deos, e

a obediencia mande o contrario, quer elle meſmo, e o tem dado a conhecer muitas vezes, que antes ſe ſiga a obediencia, do que a ſua inſpiração; porque ſe elle quizer, elle moverá a vontade do Director para o que elle quer. Finalmente conheça a creatura, que a virtude, e perfeição eſtá no que obrar, e não no que receber; eſtá na humildade, caridade, paciencia, deſpreſo proprio, e não nos gozos, e delicias do eſpirito; eſtá em padecer, e não em gozar; guarde o gozar para a terra do deſcanſo, agora ſeja todo o ſeu gozo o padecer, e ſer deſpreſada pelo Senhor, como pedia S. João da Cruz para ſi, como tão certo do que lhe eſtava melhor. (*Vida* §. 7.)

425 Advirta-lhe o Director que aquellas conſolações não são de dura, mas que he hũa refeição, com que o Senhor a quer alentar para os novos trabalhos, que a eſperão, e maiores q̃ os paſſados; que he o pão dos fatigados Elias para lhes dar fortaleza, com que andem o trabalhoſo caminho, que ainda lhes reſta athé chegar ao monte de Deos, que he o da perfeição; mas principalmente são para lhe dar forças, com que poſſa paſſar ſem desfalecer a pronlogada, e tenebroſa noite da purgação paſſiva do eſpirito, que immediatamente ſe lhe ſegue. O modo como ſe hão de portar hum, e outro nas visões, e favores ſobrenaturaes, e como ſe há de diſcernir o falſo do verdadeiro, ſe dirá quando ſe tratar delles no tratado ſeguinte, principalmente no capitulo quarto. (*an.* 463.) Só agora advirto ao Director com S. Thereſa (*Morada* 6. *c.* 1.) que ainda que não deve ſer facil em acreditar, nem ter por verdadeiros, e ſobrenaturaes os favores, que a creatura lhe communica mas ſer niſſo mui circunſpecto, e acautelado porque muitos podem ſer illusões do demonio, outros ficções da fantaſia, e outros malicia da creatura; tambem com tudo não deve condemna-los logo a falſidade ſem madura ponderação, e baſtante probabilidade, que para iſſo lhe dê fundamento; pois o contrario ſerá acreſcentar novo tormento á creatura, induzi-la a deſeſperação, e elle expor-ſe á imprudente temeridade de capitular a obra de Deos por obra do demonio.

426 Neſ-

426 Neste tempo das consolações he o amor de Deos; a sua bondade, a Divindade em si, e seus attributos, e perfeições toda a occupação da creatura na oração, e fóra della. Aqui infunde o Senhor presença sua intellectual, ou imaginaria quasi continua, e anda a creatura com hum amigavel, e intimo comercio com o Senhor; e quando elle não der esta presença, solicite-a ella por sua diligencia. As jaculatorias todas aqui são actos de amor de Deos, e tanto mais intensos, e frequentes quanto mais se vai incendendo o coração no mesmo amor por força dos mesmos gostos, favores, e communicações divinas. Tenha muito cuidado o Director em que a creatura não deixe ir muito o sensitivo atras das consolações, porque álem dos inconvenientes já ditos, a muita exuberancia do gosto sensivel faz atear com excesso o ardor natural, o qual consome os espiritos animaes, debilita as forças, e introduz fastio a todo o alimento, e he perigo de a constituir em hũa nimia debilidade, que a impossibilite para todos os exercicios corporaes, e espirituaes. Obrigue-a a que coma por obediencia, determine-lhe que durma o tempo necessario, e que se faça força por se não deixar attrahir com excesso daquellas sensibilidades gostosas.

427 Aindaque aqui he a contemplação infusa mais frequente, e por alguns espaços, ou dias costuma ser quasi continua, a creatura se ha de exercitar na activa, quando ella faltar, e para esta entrar pela porta da meditação da vida, e Payxão de Jesus Christo, ou da Divindade, e suas perfeições, e attributos. Aqui lhe deve o Director dar larga para que accrescente a oração athé tres horas, mas não tanto, quanto lhe pedirá o fervor sensivel pelas causas ditas. Conceda-lhe mais frequencia de communhões, e se lhe parecer conveniente, lha póde conceder quotidiana. Em penitencias deve aqui condescender mais com o grande desejo que a creatura tem de as fazer grandes, porque neste estado, como diz a Madre S. Theresa, (*Vida c.* 24.) se a creatura não faz penitencia, lha dá Deos com lhe fazer padecer muitos males; pois aqui não se ha de attender tanto ás forças da creatura,

co-

como ás que o Senhor lhe dá: e muitas vezes succede que estando com dores, ou afflicções recupere saude, e alivio com algum acto de penitencia, de que são muitos os exemplos.

428 No q mais deve empenhar seu cuidado he em a fazer despir de todo o amor proprio, timbres da carne, e apêgo aos bens, e conveniencias temporaes, que se ha isto, ainda que tenha muitos annos de oração, ou para melhor dizer, de consideração (porque se tiver oração perfeita ella tirará estes defeitos) nunca medrará muito, nem chegará a lograr o verdadeiro fructo da oração. Do apêgo aos bens do mundo diz S. Theresa, (*Mor.* 3. *c.* 2.) que he hum dos maiores embaraços para subir á união com Deos, porque repugna ter o coração unido a Deos, e ao mundo. E na verdade, se hũa creatura tem o bastante, ainda que com escassez, para se sustentar, e busca mais, e mais; se se sente com desassossego quando tem hũa perda, como póde dizer que tem deixad tudo de coração pelo Senhor, como he necessario para se unir com elle, se elle lhe vê o coração tão apegado a hum nada! Não se faça pouco caso do que parece pouco defeito, porque vai muito nisso para a perfeição, e quem tiver os sobreditos, por melhor intenção que tenha não ha de chegar á perfeição, nem á união com o Senhor.

429 Pela continuação, ou suspensão destes gostos, e communicações sobrenaturaes conhecerá o Director quando a alma sae dellas, e da illuminação passiva, e tem entrado na purgação passiva do espirito, para a qual serve muito o que na do sentido se lhe disse, (*an.* 417.) com a differença de que como esta he mais terrivel, e trabalhosa, tambem aqui deve ser maior nelle o cuidado, paciencia, e caridade; pois se póde dizer que este he o maior despenhadeiro, que tem as almas no caminho do espirito, e o passo mais trabalhoso de passar; porque álem da suspensão, que Deos lhe permitte, dos gostos, e favores sensiveis; álem das trevas, e trabalhos, em que para seu bem a introduz; o demonio raivoso da felicidade, que a espera se passar com animosa constancia esta tra-

balhoſa tormenta, poem da ſua parte maior força, e diligencia por lha fazer mais eſpantoſa a fim de a aterrar, e intimidar, para que lhe fuja, e ſe retire do que ſe lhe faz tão cuſtoſo; e Deos aqui permitte licença ao demonio para que a perſiga, e tente, como ao S. Job, e ſe a alma não he forte, animoſa, e conſtante, e não tem quem a anime, e ajude a vencer, facilmente desfalecerá na contenda, como por deſgraça aqui ſuccede a muitas, faltas de valor, e conſtancia.

430 Trate aqui o Director á alma com prudente humanidade, e brandura, não lhe dando palavras peſadas, nem ſe moſtrando com ella aſpero, e riguroſo, (ſe iſto eſtiver na ſua mão, que quando Deos o permitte não ha remedio, e elle permitte-o muitas vezes para maior tormento, e prova da creatura) e muito menos a intimide, nem lhe diga que eſtá perdida, ou illuſa; porque a póde induzir a deſeſperação; mas conſole-a, e anime como a fraca, e enferma. He bem que lhe modére as penitencias, e ainda que lhas tire de todo por algum tempo, ſe lhe parecer que convem; porque a pena, que interiormente a atormenta, excede todas as penitencias exteriores: antes ſerá conveniente que algũas vezes lhe permitta algũa honeſta recreação, ſe acaſo eſta lhe não cauſar maior pena como regularmente ſuccede; porque como a ſua triſteza, e pena não he por couſa, que lhe falte do mundo, nada do mundo lha póde aliviar, e ſó ſe aliviaria ſe lhe deſſem noticia do bem, que perdeu, e porque ſuſpira, que he a preſença do Amado.

431 He mui conveniente neſte laborioſo caminho a refeição, e fortaleza da Sagrada Communhão; por iſſo a deve receber com frequencia mais que ordinaria, e o Director a obrigue, ainda que ella lhe tenha repugnancia; porque aqui pelo ſeu fantaſtico temor, e maior conceito que faz da divina grandeza, tem grande tentação de não commungar, e o demonio a augmenta, para que faltando-lhe eſta fortaleza no eſpirito a vença mais facilmente. Ainda que Deos aqui a traz em contemplação infuſa, ſuppoſto que não conhecida nem ſaboroſa, ella ſe deve exerci-

ercitar na adquirida deduzida da meditação da vida, e Payxão do Senhor, ou das felicidades futuras, ou da eſſencia, e attributos divinos, e poucas vezes em materias, que infundão temor. A preſença de Deos he intellectual pela maior parte, e as jaculatorias conforme a eſtação, em que eſtiver o eſpirito, ſegundo a alternativa dos goſtos, e triſtezas, em que aqui ſe vê a creatura, como fica dito, (*n.* 407.) ſe em goſtos, ſejão de affectos, e amor de Deos; ſe em triſtezas, e auſencias ſejão aſpirações ſaudoſas, ou de louvor, e graças de Deos, ou de esforço, e alento nos trabalhos, e que induzão conformidade, e reſignação na divina vontade.

432 Se o Director vir que a alma do eſtado das trevas, e amarguras ſe vê paſſar ao de claridade, e goſtos do eſpirito, não julgue logo que já ſe acabou o inverno da purgação, e paſſárão os chuveiros das tribulações; mas obſerve ſe ella perſevera nos goſtos tranquilla, pacifica, e ſem ſuſto de os tornar a perder, que então ſerá final que ſe vai acabando aquella trabalhoſa tempeſtade; mas ſe vir que os goſtos não durão muito, e que entre elles ſente aquelles receios, que diſſemos, (*n.* 408.) julgue que he aquella refeição gozoſa, que ahi ſe diſſe Deos communica á alma compadecido do muito que a vê padecer, para a alentar para o que lhe reſta de trabalhos, e então faça o Director que ella ſe aproveite daquellas ſuavidades quanto baſte para ſe refazer dos trabalhos, mas que ſe não entregue a ellas com exceſſo de ſorte que paſſem tambem muito ao ſenſitivo, porque excederá o fim, porque Deos as permitte, que he ſó como refeição paſſageira, e não para goſtar de aſſento; por iſſo deve ordenar de tal ſorte o affecto, que nem extingua eſte alivio, que o Senhor miſericordioſamente lhe concede, nem permitta que o ſenſitivo ſe apegue de todo ao ſeu goſto: goſte da doçura ſem apêgo, nem propriedade, que hum, e outro exceſſo lhe ſerá prejudicial, como quem come muito do mel, que provoca a vomito.

433 O modo de temperar eſtas conſolações he que a alma tanto que vir que ellas ſe refundem no ſentido, fa-

faça força, se poder, pelas reprimir, ainda que seja por meio de algũa mortificação, e reduza ao espirito toda a força do gozo, aonde se siga a amatoria moção, a que elle excita: o que fará facilmente persuadindo-se de que brevemente lhe ha de vir maior escuridade, e trevas mais caliginosas; e tanto o serão mais quanto maior for agora a consolaçãõ; porque he alento para ellas, e o Senhor o dá á proporção do trabalho, para que he prevenção; por isso gozando tema, e temendo goze para ir tudo na ordem, e meio da virtude. Finalmente neste estado de aproveitados todo o cuidado do Director se reduz a duas cousas: que no tempo das trevas, e trabalhos console, alente, e alivie a alma quanto poder; e no tempo das consolações lhe tempere os gostos em hũa prudente medianía, e a conduza a hũa simples, e nua pobreza de espirito: pois quanto mais cedo a fizer evacuar de todo o desordenado apêgo tanto ás conveniencias temporaes, e affectos terrenos, como ás consolações espirituaes, e a fizer buscar só a Deos por amor delle só, e não de si, estimando mais o dador do que o dom, tanto mais de pressa se terminará a purgação do espirito, que não se encaminha a outra cousa senão a arrancar d'alma a propriedade, e apêgo a si.

434 Com a communicação dos favores, que Deos neste estado faz á creatura, e muito mais com os que no tratado seguinte se dirão, costumão excitar-se huns taes impetos no interior da mesma creatura, que ás vezes, (sem que ella o advirta, nem possa reprimir-se) a fazem romper em algũas palavras hũas vezes balbucientes, outras expressas, em gemidos, ou em deliquios externos, que se fazem reparaveis, e suspeitosos ao mundo, e são causa de julgarem mal della, e de a murmurarem, e perseguirem; e ás vezes, como diz S. Theresa por experiencia propria, (*Vida c.* 28.) chega a perseguição, e murmurações a tal gráo, que a julgão enganada, e illusa, e ao Confessor com ella; e muitas vezes o advertem, a seu parecer com bom zelo, que se retire della, que ali ha engano do demonio, fingimentos, e outras cousas: e se

o

o Director for pusilanime, e não tiver o espirito de valor, e da verdadeira caridade, trepidará, e a desamparará no maior perigo, e quando mais delle necessita. E como ás vezes vem estas advertencias, temores, e desconfianças de pessoas boas, sabias, e virtuosas, que com boa intenção acautelão, e querem evitar os perigos, he este o maior trabalho para a alma, e para o Director; porque a perseguição, que vem dos bons he a mais trabalhosa, porque traz comsigo o testemunho do bom zelo; que a dos máos logo se faz suspeitosa de indiscreta. Cuide pois aqui o Director em se animar a si, e á creatura; segure-a, e segure-se, que se houver bom espirito, e intenção recta, ainda que se arme todo o inferno contra elles, o Senhor os defenderá. Trabalhe a creatura quanto poder por evitar essas exterioridades, (que quando Deos quer não ha que fazer) e se sem fingimento as tiver, e por isso for murmurada tirará o proveito, que o mesmo Deos quer.

TRATADO QUINTO

DO ESTADO DE PERFEITOS, OU VIA UNITIVA, e seus exercicios.

CAPITULO I.

Em que consista o estado de Perfeitos, ou Unidos.

435 O Author da *Lucerna Mystica* (*Manud. prat. n.* 47., *e* 48.) faz differença do estado de *Perfeitos* ao de *Unidos*, e diz que o de perfeitos he só de contemplação activa, e o constitue naquelle tempo, que medêa desde os principios da purgação passiva do sentido, athé o fim da do espirito, ao qual estado com tudo já chama via unitiva, mas de união activa, tendo constituido o da via illuminativa, e de proficientes antes da purgação passiva do sentido, a qual só concede, que ahi se começa; (*n.* 44.) e ao estado de unidos

dos chama propriamente de contemplação infusa, e diz que começa quando acaba a purgação passiva do espirito, e continúa athé o divino matrimonio. (*n.* 76.) Eu porém não me posso acommodar com esta doutrina, e divisão, porque mo contradiz a experiencia, e por ser expresso de S. Theresa, e S. João da Cruz, o qual, como se tem dito, chama estado de aproveitados ao que o dito Author chama de perfeitos, no qual, como diz o Santo, e o mostra a experiencia contra o que diz o referido Author, já ha contemplação passiva, e tambem alguns espaços de união infusa, inchoada em gráo inferior, que he ao que chamamos vistas dos espposos; e ao estado de união de esponsaes, e de matrimonio divino chama o Santo estado de perfeitos. Veja-se todo o segundo livro da Noite Escura, em que o Santo trata da purgação passiva do espirito, e disposição para o divino despossorio, e se verá que em todo elle chama a esta purgação do espirito estado de aproveitados: e expressamente no primeiro capitulo do livro primeiro da Noite Escura diz, que pela purgação passiva do sentido principia o estado de aproveitados, acabado o qual entra a alma no de perfeitos, que he da divina união da alma com Deos.

436 Seguindo pois a este tão grande, e experimentado Mestre do espirito, e o commum dos Mysticos, e a mesma experiencia dizemos que o estado de *Perfeitos*, e de *Unidos*, ou de *Via unitiva* he tudo o mesmo, e começa acabada a purgação do espirito, quando o divino Espposo correndo a cortina q̃ o occultava, se manifesta alegre á sua amada, deixa cahir hũa copiosa enchente de gostos, e lhe cõmunica immensidade de favores divinos, visões, revelações, fallas, extasis, raptos, e outros que adiante diremos, athé celebrar com ella o despossorio divino, que he a que chamamos segundo Ceo, ou segunda bemaventurança na terra, para a qual se dispos, ou a dispos Deos pelas penas daquelle segundo purgatorio do espirito. Passado algum tempo, em que a alma se goza, e dá os parabens a si mesma de hũa felicidade tão grande como estar despossada, e compromettida com o Amado

do para o futuro matrimonio, como nella creſce o amor ao Eſpoſo, tambem ſe avivão as ancias, e deſejos daquelle caſto conſorcio; os quaes conhecidos pelo divino Amante, como não são menos os ſeus, antes mais, tambem ſe apreſſa quanto as diſpoſições da alma o permittem, cuja falta he ſó a que retarda aquella apertada união, e a introduz na purgação do fogo, ou do amor, terceiro purgatorio da alma, que a acriſóla, e purifica para entrar ás bodas do Cordeiro.

437 Purgada a alma, ou o amor neſte divino incendio, a introduz o Amado ao ſeu Thalamo, e celebra com ella aquelle matrimonio celeſte, em que a alma fica divinizada, toda transformada em Deos, e neſte terceiro Ceo ve, e ouve tão occultos ſegredos, e palavras, que não he licito ao homem dizê-las, como de ſi confeſſa S. Paulo: e neſte eſtado perſevera a alma ſempre creſcendo nos affectos, e familiar comercio com o Eſpoſo cada vez mais intimo, e mais ſubido, e recebendo cada vez maiores graças, e cõmunicações divinas athé que chega o feliz, e deſejado prazo de ſe diſſolver, e ir eſtar com Chriſto na Patria, aonde ſó ſe conſuma eſte feliciſſimo, e caſto matrimonio.

438 Eſte eſtado de perfeitos he já todo de contemplação infuſa, quaſi habitual mais, ou menos alta, conforme a alma ſe vai adiantando nos gráos da união, e ſegundo a cooperação, e fidelidade ás graças, e favores, que o Senhor lhe concede. Da meſma ſorte que a contemplação, aſſim vai tambem creſcendo a uniaõ com o Senhor em gráos cada vez mais altos, e ſe vai cada vez mais apertando aquelle vinculo de mutuo amor, quanto a alma vai creſcendo nos affectos, e diſpoſições para o que Deos intenta nella obrar. Aſſim a eſte eſtado pertence tratar primeiro da união infuſa, e ſeus effeitos, e gráos. Segundo dos favores, e graças ſobrenaturaes, que aqui Deos principalmente concede. Terceiro dos deſpoſorios divinos. Quarto das virtudes em gráo heroico como diſpoſição immediata ao divino matrimonio. Quinto da purgação do fogo, ou do amor. Sexto do matrimonio divi-

no;

no ; e ultimamente diremos hũa eſpecial união da alma com Jeſus Chriſto ſacramentado.

CAPITULO II.

Da União Infuſa , e ſeus effeitos , e gráos.

439 JÁ diſſemos (*an.* 208.) que a união ſe divide em adquirida , e infuſa , e ahi tratamos da adquirida como em ſeu proprio lugar , reſervando para eſte o tratar da infuſa , como tambem proprio della ; pois ainda que nos outros eſtados póde Deos conceder , e de facto concede algũas vezes alguns ratos deſta ſubida união; e no de proficientes ſe faz o primeiro gráo della , que são as viſtas dos eſpoſos , como não he por habito, nem tão permanente como neſte eſtado de perfeitos , por iſſo aqui com mais propriedade pertence o tratar della. He pois eſta *União Paſſiva* , ou *Infuſa* hum conhecimento experimental , com que Deos ſe cõmunica á alma immediatamente por hum contacto ſubſtancial com ella , e por hum gôſto interno , em q̃ as potencias ſe chegão a Deos, e o conhecem preſente , e unido ; a memoria por hũa advertencia tão fixa , que de nada mais ſe recorda ſe não do objecto , que a prende , e attrahe ; o entendimento por hum conhecimento como evidente não ſó por fé , mas tambem por dom de ſabedoria ; e a vontade por amor quaſi ſaciativo , e de fruicção , e por goſto , e experiencia : a qual união ſe faz por illapſo de Deos no centro da alma, e a enche de hũa indizivel paz , de ſorte que nada a perturba ; fortalece-a para as contrariedades , e a accende em zelo da Gloria de Deos , e ſalvação das almas ; enche a creatura de hũa profunda humildade ; faz que não tema a morte , antes que a deſeje para gozar da perfeita união.

440 Porém ainda que eſta união ſe faz em todas as tres potencias da alma , unindo-ſe todas com Deos , o entendimento ſuſpenſo com admiração gozoſa na contemplaçao altiſſima do Summo bem ; a memoria não ſe lembrando ſenão delle ; e a vontade amando-o com inexpli-

cavel

cavel doçura; com tudo a principal communicação deſta Myſtica Theologia he a vontade, e eſta he a que mais propriamente ſe une com o Eſpoſo: e aſſim, aindaque todas tres ſe digão eſtar unidas, o entendimento, e a memoria ſe ficão como á porta, e ſó a vontade entra no Sancta Sanctorum, e Myſtico Ceo deſta divina união abraçando-ſe com o ſeu Divino Eſpoſo; e ella he a que tem aqui a parte principal; e do goſto, e ſuavidade, que ella admiravelmente percebe, ſe communica ás outras potencias; pois como a vontade tem a propriedade de poſſuir, e abraçar aquillo que ama, com eſte acto toca a Deos como preſente na união, e o abraça, de cujo contacto, e percepção, como he de objecto tão bom ſobre toda a bondade, lhe naſce hum goſto, e ſuavidade tão grande, que não ſe póde explicar facilmente; e como as potencias não tem eſte acto, tambem não gozão deſta ſuavidade, ſenão mediante a vontade.

441 Para conhecer a differença que vai deſta oração de união á de quiete infuſa, dá S. Thereſa tres ſinaes. (*Morad. 5. c. 1.*) O primeiro he que na oração de quiete não eſtão unidas todas as tres potencias com Deos, ſenão *ad ſummum* a vontade, e por iſſo coſtumão chamarlhe união imperfeita, inadequada, e não conſumada; mas neſta de união eſtá unida toda a alma, e todas as tres potencias (principalmente quando he grande) eſtão occupadas em Deos; mas não tão engolfadas, que não obrem; ainda que ſó pódem empregar-ſe em Deos, e não ouſão bulir-ſe, gozando cada hũa a ſeu modo de tanto bem. O ſegundo ſinal he que na oração de quiete eſtá a alma como adormecida, não com ſomno corporal, mas com hũa ſuſpensão de potencias, que attrahe a attenção a Deos, e ſe acha goſtoſiſſima com o muito amor; mas como não he união forte, e perfeita, não ſabe diſcernir ſe dormia, ou ſe eſtava acordada; ſe foi aquillo de Deos, ou ſe foi imaginação, ou demonio; e aſſim fica com muitas duvidas, e ſuſpeitas: mas na oração de união, ſe he verdadeira, não ſó não ha temores, nem ſuſpeitas ſe ſerá, ou não de Deos, que antes fica a creatura com hũa cer-

teza fixa, que imprime o mesmo Senhor no interior da alma, de sorte que quando torna em si, de nenhũa maneira póde duvidar que esteve em Deos, e Deos nella; e com tanta firmeza, q̃ aindaque passem annos sem Deos lhe fazer mais esta mercê, nem se esquece della, nem póde duvidar que esteve ali o Senhor. Mas advirto, que póde a creatura julgar por certeza o que não he tal, e por isso sempre he necessario haver cautella, e advertir se há os outros sinaes.

442 O terceiro he que na oração de quiete ainda a alma faz algũa diligencia, supposto que suave, por gostar daquella doçura, como o menino, a quem a Máy deita o leite na boca, que ainda que não tem o trabalho de o attrahir do peito, sempre tem o de o passar da boca ao estomago; mas na de união nem ainda tem este trabalho de engulir aquelle suave alimento da doçura celeste; senão que o acha mesmo dentro de si sem saber como lho introduzio lá o Senhor; porque entra dentro do centro de nossa alma, e nos recolhe nelle a nós mesmos: e para mostrar melhor suas maravilhas não quer que tenhamos nisto mais parte, senão que a vontade se lhe tenha rendido de todo.

443 Tambem póde servir de final de differença, que na oração de quiete ainda podem entrar alguns pensamentos, e imaginações, que inquietem; mas na de união verdadeira já não ha pensamentos impertinentes, nem defeitos, porque em quanto ella dura não ha imaginação, nem memoria, nem entendimento, que possa impedir este bem: e o que mais he, que nem o demonio se póde ali intrometter, nem fazer algum damno, porque como está Deos tão unido, e junto com a substancia da alma, nem se attreve o demonio a chegar, nem entende este segredo; porque esta união he secretissima, e no mais subido do espirito: e assim como o demonio não conhece os actos das potencias espirituaes, se não se externizão, muito menos conhecerá este, que he no mais escondido dellas.

444 Os effeitos desta Mystica união são maravilhosos; porque a alma fica toda incendida no divino amor; fica redun-

redundando em goſto, e ſuavidade pacifica, e tão grande, que parece excede as forças naturaes, e que acaba a vida, ſe Deos a não conſerva. Experimenta hũa terniſſima devoção, e hũas goſtoſiſſimas lagrimas, que mais accendem, e augmentão o fogo do amor, que a abraſa, e ás vezes com tanta abundancia que parece hũa chuva celeſtial, que lhe derrete as entranhas com hũa pena tão doce, que quiſera que nunca lhe faltára. Fica-lhe hũa memoria grande das couſas divinas, e ſoberanas communicações; aindaque quando eſtava na união actual, como eſtava tão abſorta, e elevada com a admiração do entendimento, e tão encendida em caridade com o amor, e gôzo da vontade, lhe parecia que de nada ſe lembrava, mas eſtava a memoria de ſorte, que ſó a iſto attendia, ſem que podeſſe fazer reflexão ſobre outra couſa: porém depois que tornou em ſi não póde duvidar de que gozava de Deos ao modo que neſta vida ſe permitte ás que Deos favorece ſingularmente.

445 Ficão-lhe hũas grandes ancias de fazer, e padecer muito por amor de Deos; de ſorte, que athé os trabalhos dos Santos, tormentos dos martyres lhe parecem pouco por tão grande Senhor. Naſce-lhe hum deſejo de ſahir do mundo, e de ſe apartar do ſeu comercio tão penoſo, que ſó tolera o viver, por ver que he vontade de Deos. Aqui faz grandes propoſitos, e tem grandes deſejos de exercitar heroicas virtudes. Acha-ſe com profunda humildade, e perde qualquer vangloria; porque percebe, e vê claramente que tudo o que recebe, ſe lhe dá ſem o merecer, e tudo por miſericordia; e quizera deſfazer-ſe em louvores de tão liberal Eſpoſo, e Senhor, antes lhe cauſa hũa tão grande confuſão (aindaque com doçura, e ſuavidade notavel) o ver-ſe tão favorecida ſem o merecer, que não ſabe que faça por agradecer tantos favores; e por iſſo a tudo quanto lhe parece ſerá goſto do Senhor, ſe arrojará goſtoſa, e com deſcanſo por deſempenhar de algũa ſorte a ſua divida. Acha-ſe com grande animo de deſprezar todo o terreno, e tranſitorio, e o deſpreſa de ſorte, que o eſtima em nada, e tanto ſe lhe

dá de o ter, como de o perder; antes ama a pobreza, e falta do temporal. Deſcontenta-ſe do pouco que faz, ainda das obras boas; porque tudo lhe parece nada para o que lhe merece tão bom Senhor. Dezeja muito ajudar aos proximos a que ſirvão a Deos; e quizera que em tudo todos o ſerviſſem. Sente amargamente não ſó as ſuas culpas paſſadas, mas tambem as de todo o mundo; de forte que lhe treſpaſſa o coração de dor o ver que ſeja Deos offendido, e o quizera impedir á cuſta da propria vida.

446 Eſta união póde ſer cada vez mais perfeita, aſſim como o amor, e caridade, e creſcer em gráos cada vez mais ſubidos, ſegundo a diſpoſição da creatura, e perfeição, a que Deos a quer ſublimar. Da meſma ſorte ſuccede nas merces, e favores, que Deos aqui communica, que huns ſão maiores do que outros; porque Deos nunca dá tanto, que não poſſa dar muito mais, nem a creatura como finita ſe póde chegar tanto a Deos infinito, que não fique ſempre em infinita diſtancia: aſſim quanto á intenſão não ſe pódem determinar os gráos de união; mas attendendo a diverſos effeitos, e merces que Deos nella faz á alma, aſſignão os Myſticos diverſos gráos, ou modos de união. Cõmummente a dividem em *Ebria*, *Sobria*, *Fruitiva*, *Transformativa*, *extatica*, e *Impulſiva*; ainda que a hum meſmo tempo ſe pódem dar muitas deſtas em hũa união, porque ao meſmo tempo ſe achão os ſeus effeitos, que procedem de hũa meſma.

447 Chama-ſe *Ebria* quando tira ao contemplativo do ſeu natural acordo, e advertencia, e o aliena dos ſentidos, tomando a denominação da embriaguez corporal com o exceſſo do vinho, e ſe applica á embriaguez do divino amor, como já em outro lugar fica dito, (*an.* 379.) aindaque ali procedeu a embriaguez eſpiritual de hum gráo de amor, que ainda não chega a ſer união perfeita, ſenão imperfeita, e como principio deſta; mas aqui naſce da verdadeira, e perfeita união, de que tratamos neſta via unitiva, e aſſim são os ſeus effeitos mais ſubidos, e de maior perfeição, e excellencia. Chama-ſe *Sobria* quando

do deixa ao contemplativo em seu acôrdo, e advertencia natural, sem chegar a priva-lo do uso dos sentidos. Pelo que julgo que esta união sobria, não he regularmente perfeita, senão das imperfeitas, e inchoadas, como he a oração de quiete infusa, que de algũa sorte se chama, e he de união: e por isso alguns Mysticos começão a via unitiva desde este gráo de oração, porque já tem algũa cousa della; mas não me conformo com o seu parecer, porque tambem na via illuminativa, e ainda nesta unitiva se fazem muitas purgações, e mais nem por isso nenhũa dellas se chama via purgativa: e o certo he que as tres vias estão intromettidas hũas pelas outras de sorte, que em cada hũa se praticão, e pódem praticar muitos actos das outras; e qualquer dellas toma a sua denominação do principal objecto, ou exercicio della.

448 Chama-se *Fruitiva* pelo grande gôzo, que nella se cõmunica á alma, como dissemos. Chama-se *Transformativa*, porque transforma a alma em Deos; pois he proprio do amante transformar-se no amado quando o amor he intenso. Chama-se *Extatica*, porque segundo o modo ordinario sempre a união he com extasis, porque se suspendem as potencias, e ficão alienadas, e os sentidos sem uso, e nisto he que consiste o extasis como se dirá. (*an.* 477.) Chama-se *Impulsiva* quando a alma nesta união recebe tanta abundancia de amor, e tão grandes impulsos, ou impetos, ou ancias suaves, e delicadas pelo Amado, que fortemente, ainda que com grande suavidade, a leva a Deos como a seu centro, e em quem só lhe parece achará seu descanso, e seu gôzo completo.

449 Muitas vezes succede este impulso estando a alma bem descuidada, sem ter a memoria em Deos; porque o Senhor mesmo a desperta; e he a modo de hum comêta, que passa de repente, e ainda que sem ruido, entende bem a alma, que he chamada por Deos, e sem que lhe doa, se sente ferida. Outras vezes basta ouvir hũa palavra de Deos, ou ver algũa cousa, em que se manifesta a sua grandeza, bondade, ou sabedoria, para já se ver arrebatada daquella gostosa força, e suave violencia. Estes im-

impulsos não são ao sensivel como os que dissemos, (*an.* 378.) que pódem prejudicar á saude: aqui são muito ao espiritual, e com muito sossêgo; ainda que com elles sente a alma hũa grande pena gozosa, mas de tal sorte, que quizera que nunca lhe faltasse, antes sim morrer com ella.

450 A causa de ser gôzo, e pena ao mesmo tempo he porque como Deos por hũa parte a penetra de hum incendido amor, e caridade tão grande, que se abrasa docemente pelo Amado, e o contempla com o dom de sabedoria, que tem seu principio na mesma caridade, isto lhe causa hũa suavidade tão grande, e excessiva, que parece desfalece de gôzo: mas como por outra parte achando-se assim ferida de amor, e o Amado se lhe não manifesta tanto como o ama, e deseja, e não se acha de todo no centro, em que quer descansar, isto lhe causa juntamente grande sentimento, e fadiga, pois não logra como queria suas ancias: da-lhe Deos estes impulsos excessivos, para que vá a elle, e vê que não chega; sente-se como atada no meio do seu vo-o; por isso ainda que se goza de voar, sente pena por se achar embaraçada para chegar ao termo a que voava: e como conhece que lhe vem o impedimento por viver, por isso como o Apostolo se deseja dissolver, para ir estar com Christo. Daqui lhe nasce hum grande despreso das cousas caducas, e conhece claramente que tudo he vaidade, e afflicção do espirito.

451 Mas porque os Mysticos discorrem desta divina união ao modo do que succede entre os esposos carnaes, de cuja similhança usou tambem o Espirito Santo nos Cantares, por isso com especialidade reduziremos estes gráos a tres, que são *Vistas dos Esposos*, *Despozorios*, e *Matrimonio espiritual*, aludindo ao que tambem passa entre os esposos da terra, que primeiro se avistão, e propoem as mutuas conveniencias para se agradarem hum do outro, e se compromettem para os despozorios; depois se celebrão estes despozorios, e ultimamente o matrimonio; cuja divisão expressou claramente S. Theresa. (*Mor. 5. c.* 4.)

4.) Em quanto aos deſpoſorios, e matrimonio he doutrina de todos os Myſticos; e ainda que não todos expreſsão o das *Viſtas* com eſte nome, do qual uſa a Santa Madre, na realidade todos convem em hũa meſma couſa, como ſe verá por ſua explicação; pois debaixo do nome de deſpoſorios coſtumão involver o gráo das viſtas; e por eſte nome o declara S. João da Cruz juntamente com os deſpoſorios. (*Llama Canc.* 3. ℣. 3. §. 3.) E como a intenção que levamos neſte Reſumo he tratar as couſas pela ordem que ſe ſeguem, e no lugar aonde pertencem para maior explicação, e clareza, por iſſo já no ſeu lugar fica explicado o gráo de Viſtas dos Eſpoſos, do matrimonio trataremos adiante em ſeu lugar; (*an.* 519.) e agora dos deſpoſorios; mas primeiro de varios favores, e communicações ſobrenaturaes, que os coſtumão preceder, e acompanhar.

CAPITULO III.

Das Viſões, Revelações, e Locuções.

452 SUppoſto que já na via purgativa, e muito mais na illuminativa coſtuma Deos conceder *Viſões*, *Revelações*, *Locuções*, e outros favores, e graças ſobrenaturaes, como não he com tanta frequencia, nem tanto ao eſpiritual como na via unitiva, reſervei para aqui tratar de todos elles, excepto do recolhimento, e quiete infuſos, e da embriaguez, e ſomno de potencias; que eſtes ainda que tambem aqui ſuccedão no eſtado de perfeitos, e ainda em gráos mais ſubidos do que no de aproveitados, como ali ſuccedem primeiro, ahi ficão já explicados.

453 Começando pois pelas viſões, aſſim como em nós ha tres modos de perceber os objectos por tres qualidades de potencias, quaes são as corporeas, que são os ſentidos; as materiaes internas, quaes são a imaginação, fantazia &c; e eſpirituaes, quaes são as potencias d'alma; aſſim tambem podem ſucceder tres qualidades de viſões ſobrenaturaes: a primeira, e inferior chama-ſe *Corpórea*

pórea, e he a que se percebe pelos olhos do corpo, a qual ordinariamente succede aos principiantes. A segunda media chama-se *Imaginária*, e he a que se percebe pela imaginação, e conforme á imagem representada nella, a qual regularmente succede aos proficientes. A terceira, e mais superior chama-se *Intellectual*, e he a que se percebe pelo entendimento sem ser por via da fantasia, ou imaginação, e sem figura, ou imagem material, e esta he propria dos perfeitos; ainda que em cada hum dos estados costuma Deos ás vezes conceder de todas estas visões, segundo os fins, que elle nellas se propoem.

454 Pela *Corporea* se vem muitas vezes huns resplandores, e muitas apparições de Santos, de Anjos em fórma corporea, das almas, de Christo, e de Maria Santissima, e outras cousas corporeas, que Deos quer mostrar; e esta se póde fazer, ou só por imagem do corpo que Deos imprima nos olhos sem real presença do corpo; ou por emutação da mesma potencia visiva de sórte, que o perceba como que estivesse presente sem o estar; ou póde ser por presença real do corpo verdadeiro, ou apparente. Esta visão está mais sugeita a enganos do demonio, que póde tomar corpo aéreo, e transformar-se em Anjo, ou em Christo, ou outro Santo; nem estas visões pertencem para a verdadeira santidade; porque muitas vezes as tem tido pessoas perversas, como Faraó, Balaam, Balthasar, e outros; e muitas vezes são falsas, e procedem de vehemente imaginação, que muitas vezes finge como presente, o que só he imaginado, como em outro lugar fica dito, (*an.* 169.) ou de excessiva melancolia, e principio de loucura: e ainda que sejão verdadeiras, não são meritorias, só usando bem dellas; por isso não se hão de desejar, mas só as virtudes, que he em que está a perfeição: mas quem se lhe representar a imagem de Christo, de Anjo, ou Santo não as deve despresar, mas sim venerá-las em obsequio daquelle a quem representão; porque ainda que sejão fingidas pelo demonio, não ha perigo, pois só se adora aquella veneranda pessoa, que se representa nellas.

455 A visão *Imaginária* he quando sem que se veja nada com os olhos do corpo, se percebe na imaginação, e por meio della a imagem, ou figura de algum objecto, como quando se sonha; a qual imagem Deos imprime na imaginativa, e ahi a póde perceber o entendimento, como conhece naturalmente os objectos. A verdadeira visão imaginária facilmente se differença da falsa; porque esta ainda que pela sua viveza pareça verdadeira, fica com ella a alma sem fructo de piedade, e muito mais fria do que se visse hũa imagem pintada; porém a verdadeira costuma succeder á alma quando talvez o não cuida, e de repente; e commummente he de passagem; e se he de Christo, ordinariamente arrebata em extasis, deixa n'alma hũa paz suavissima, e lhe infunde temor, reverencia, e humildade. Outras vezes succedem em sonhos estas visões imaginarias, assim como as locuções, mas ainda então são mais suspeitosas de engano.

456 A visão *Intellectual* he hũa clara manifestação das cousas divinas, e celestes, que só se objectão ao entendimento espiritualmente sem algũa figura, ou imagem material por via da imaginação. E ainda que os Filosofos dizem cõmummente que nada se póde perceber com o entendimento sem que primeiro se forme a sua imagem na fantasia; isto ou não he universalmente verdadeiro, como dizem muitos; ou se entende só nos conhecimentos naturaes, e não neste que he sobrenatural. Esta visão se faz de dous modos: o primeiro he obscura, e quasi confusamente de sorte que a alma, ou só conhece a cousa em imagem espiritual, e subtilmente, ou sem imagem, nem figura nenhũa; mas conhece que a tem junto de si, ou ao lado direito, ou dentro do coração, com maior certeza do que se a visse com os olhos do corpo, como se dous estivessem dentro de hũa casa ás escuras, que sabião de certo estavão ali, ainda que se não vissem, nem faldassem.

457 Assim ali conhece a creatura de certo que o Senhor alí está por hum modo maravilhoso, o qual a instrue, e lhe falla subtilmente sem palavras sensiveis, im-

primindo-lhe na mais intima porção da alma a celestial doutrina; e desta visão resulta na alma hũa grande reverencia, e amor de Deos, e desejo de lhe agradar; e não costuma ser breve como a imaginaria; mas costuma durar a sua memoria por muitos dias, e mezes com pouca interrupção. O segundo modo he mais subido, e succede raras vezes, e he quando se representão as cousas celestiaes clara, e distinctamente por visão intellectual, de sorte que as veja o entendimento quasi intuitivamente como em si são. Os effeitos desta visão são muitos, e maravilhosos: causa paz, e tranquillidade na alma, illuminação no entendimento, gôsto glorioso, suavidade, pureza, amor de Deos, humildade, e promptidão para as cousas de Deos.

458 Nas visões puramente intellectuaes, não póde haver engano, porque o demonio não póde chegar ao interior das potencias espirituaes, senão por meio das materiaes: por isso se o Director conhecer que a visão he puramente intellectual, não duvide que he de bom espirito: mas a difficuldade está em conhecer se he puramente intellectual, ou não. Nas que são sem se perceber imagem, ou figura, não ha duvida que são intellectuaes, porque pela imaginativa não se póde perceber sem imagem; mas naquellas, em que se percebe algũa imagem, he difficultoso discernir se ella he puramente espiritual cõmunicada immediatamente ao entendimento, ou se procede tambem da imaginação, que então não he puramente intellectual; o que se póde conjecturar por estes sinaes.

459 O primeiro, se a creatura anda em estado de contemplação infusa, e de perfeitos, e em puro exercicio do espirito, que então ordinariamente são as visões conformes ao estado da oração. O segundo se da visão se seguirão affectos materiaes, e sensiveis, se deve julgar que foi imaginaria; porque a intellectual não move immediatamente o sensitivo, senão o racional, que não obra sensivelmente; e ainda que o sensitivo se mova por força do racional, he mais suave, e brandamente, de sorte que a parte superior occupada com os seus actos, quasi não attende aos que as potencias inferiores fazem pela redun-

dan-

dancia dos ſeus. O terceiro he que a visão imaginaria ordinariamente cauſa deliquios materiaes, impetos ſenſiveis, lagrimas penoſas, ſuſpiros, e outros effeitos materiaes ſenſiveis, e algũa couſa violentos: mas a intellectual produz extaſis, raptos, e outros movimentos eſpirituaes ſem impetos, nem violencias, nem eſtrepitos ſenſiveis, e materiaes; e a razão he porque são os effeitos conformes á ſua cauſa. Mas he neceſſario advertir que o demonio ás vezes finge affectos, e movimentos ſenſiveis tão ſubtis, que facilmente pódem fazer perſuadir, que são puramente eſpirituaes; porém ſe ſe examinarem bem elles darão algum final, que moſtre de quem são; ou perturbação interior, ou eſpirito pouco humilde, ou ſimilhantes.

460 A *Revelação* he hum conhecimento, que Deos infunde de algũa verdade occulta, ou myſterio; e póde ſer ou por noticia intellectual, que Deos infunda n'alma por meio de algũa clara, e expreſſiva intelligencia, a qual coſtuma proceder do dom de ſabedoria, ou do de ſciencia; ou póde ſer noticiada por algũas palavras externas, ou internas, em que a creatura perceba o ſegredo, que ſe lhe explica com ellas. Neſtas póde haver engano; mas nas primeiras não; porque são puramente intellectuaes; ſó pelo modo que diſſemos no numero precedente póde o demonio fingi-las. E em todas he bom ſe lhes não dê logo credito, e attender mais a Deos, que he a pura verdade, do que ás repreſentações, em que não eſtá a virtude.

461 As *Locuções* são de tres modos: a primeira que ſe forma com vozes externas, e ſe ouve com os ovidos do corpo: a ſegunda, que ſenão ouve externamente, mas ſe percebe tão claramente na imaginação, como ſe na realidade ſe ouviſſe: a terceira he puramente eſpiritual, que nem ſe ouve, nem ſe imagina, mas ſó eſpiritualmente ſe ouve com o ouvido do coração, e entendimento. Eſtas locuções intellectuaes, ou eſpirituaes são de tres modos: as primeiras ſe chamão palavras *Succeſſivas*: as ſegundas palavras *Formaes*: as terceiras palavras *Subſtanciaes.*

ciaes. As *Succeſſivas* são as que forma a creatura, ou a alma recolhida em contemplação, em que fórma diſcurſos, razões, e colloquios, que fóra da contemplação não ſaberia, nem ſabe formar; e lhe parece que não falla ſó; mas que eſtá fallando com outro, que lhe pergunta, e reſponde, e não ſem fundamento, porque a eſta locução aſſiſte o Eſpirito Santo, e ajuda a alma a formar ſimilhantes conceitos. Neſta tambem ſe não póde introduzir o demonio; mas póde algũa vez haver engano por defeito da creatura, que por não ſe diſpor bem para a luz divina póde de huns principios verdadeiros formar diſcurſos, e conclusões falſas, e julgar que procedem de Deos eſtas palavras, que ella ſó fórma; principalmente ſe he curioſa, e cubiçoſa de favores divinos, que ſerá enganada em caſtigo da ſua cobiça.

462 As *Formaes* são as que a alma ſente ditas por outro, e não póde duvidar diſſo; e niſto differem das ſucceſſivas em que eſtas as forma o eſpirito da creatura, e as formaes lhe são ditas *ab extrinſeco*: e tambem em que as ſucceſſivas as fórma a alma recolhida em contemplação a reſpeito do meſmo, que contempla; mas as formaes lhe ſuccedem ás vezes não recolhida, e que nem cuidava no que ſe lhe diz. Eſtas hũas vezes são mais expreſſas, outras apenas ſe percebem; hũas vezes muitas, outras poucas, hũas vezes paſsão logo, outras durão muito tempo. Neſtas póde haver engano do demonio, que as póde fingir; por iſſo não ſe deve executar o que dizem ſem maduro conſelho, reflexão, e obediencia. As *Subſtanciaes* são as que causão n'alma effeitos ſobrenaturaes; iſto he, que obrão o meſmo que dizem; v. g. ſe dizem: *Não temas*, ellas meſmas deſterrão todo o temor; ſe dizem: *Alegra-te*, já foge toda a triſteza por maior que foſſe; e niſto differem das outras locuções que não obrão o meſmo que ſignificão; e neſtas não póde haver engano, porque não póde o demonio obrar taes effeitos n'alma. Póde porém o demonio cauſar no interior o ſuſto, ou triſteza, e ao tempo que diz a palavra ſuſpender o tal effeito, e parecer que he palavra ſubſtancial; mas nunca a alma

ma ficará em paz, se não sempre com desassossego, e pouca segurança.

CAPITULO IV.

Do caso que se deve fazer das visões, revelações, e locuções, e do modo de conhecer quaes são verdadeiras, ou falsas.

463 COmo nas virtudes he que consiste a verdadeira santidade, e as Theologaes são na via o meio proximo, e immediato para a divina união, deve a alma pôr o maior cuidado no exercicio de todas, e attender só a Deos pelas Theologaes, e abstrahir-se das creaturas para se unir com o Creador; porque não póde unir-se com elle em quanto as potencias d'alma estiverem occupadas com objectos creados. Por isso nem ainda deve a alma procurar noticias claras, e distinctas de Deos; mas buscá-lo na escuridade da fé, pela qual se faz a união; e as noticias claras repugnão a essa fé. Por esta mesma razão não deve demorar-se em visões, ou revelações, nem aceitá-las, ou desejá-las com apêgo, mas renunciá-las da sua parte com humildade; porque contradizem tambem á pureza da fé, e porque pódem ser falsas, e não está nellas o ponto da perfeição.

464 O mesmo se ha de dizer das fallas successivas, e formaes: mas as substanciaes pódem desejar-se com humildade; porque não ha aqui perigo de errar, nem repugnão á pureza da fé, antes a confirmão em quanto chegão a alma a Deos, e ella o attende. Das visões, revelações, e mais favores, e communicações sobrenaturaes diz S. Boaventura (*Proces.* 3. *Relig.*) que como não são necessarias para a salvação, se não devem acreditar facilmente, nem estimar muito; porque são suspeitas, e muitas vezes são falsas, fingidas, e enganadoras, ainda que algũas verdadeiras, mas poucas; e por isso se não deve fazer muito caso dellas, por não andar á caça de hũa verdade entre muitas mentiras, como declarou S. Theresa. (*Histor. geral dos Carm. t. 2. l. 7. c. 3.*) E este he o parecer

cer da mesma em muitas partes, e de S. João da Cruz; (*Subid. l. 2. c. 11., e 17.*) e do commum dos Mysticos. Por isso como o demonio muitas vezes se transfórma em Anjo de luz, e engana muito nas sobreditas apprehensões; deve haver muita cautela em as receber, ou approvar, e sem estar certa de que he verdadeira, não a deve a creatura acreditar; antes fazer pouco caso della; porque se for de Deos, elle fará em premio desta prudencia que se verifique a sua certeza com sinaes expressivos.

465 Pelos seguintes sinaes se poderá conjecturar, ainda que não com certeza, se são de Deos, ou do demonio, ou da propria imaginação. O primeiro que assignão os Mysticos, he attender aos effeitos, que fazem n'alma; que deste modo disse Jesus Christo poderiamos conhecer a hipocresia dos Fariseos, pelo fructo que produzissem; e que a arvore má não podia dar bom fructo, nem a boa máo. Por isso se ás ditas apprehensões se seguir a santidade da vida fundada no exercicio das virtudes da humildade, paciencia, mortificação, caridade, desprêso de si, &c., e para isto inclinarem essas communicações, póde-se julgar que são verdadeiras, e que procedem de bom espirito; mas deve ser perseverante o bem, para que inclinão, e não levar mistura de malicia; porque o demonio hũas vezes occulta o mal no meio de algũas obras boas, e não se lhe dá que estas se pratiquem, com tanto que com ellas se envolva o veneno disfarçado; e outras vezes incita para hũa cousa boa, mas pouco a pouco vai incitando para algũa má, que se pareça com ella. Porém se se vir vida impura, animo soberbo, e obras más, deve-se presumir que as apprehensões são de máo espirito, ou da propria imaginação.

466 O segundo final he attender á pessoa, que as tem; porque se for mulher, como estas são muito brandas, e vivas da imaginação, e muito mais se forem melancolicas, ou enfermas da cabeça, ou dos sentidos, pódem facilmente enganar-se comsigo, ou deixar-se enganar; e muito peior se forem curiosas, e ancioſas por favores do Ceo. Tambem algũas pela sua pobreza fingem sobrenaturalidades,

des, para serem tidas por boas, e se irem sustentando por este caminho. Mas se são de costumes honestos, e se occupão em bons cuidados com humildade, e despreso de si, e sem apêgo a esses favores, por serem mulheres não se lhes devem condemnar a falsidade: antes a estas os costuma Deos conceder mais que aos homens por duas razões: a primeira porque são mais fracas, e com esta refeição as quer o Senhor alentar, se não desfalecerião: a segunda, porque são naturalmente mais devotas, e affectivas, e o Senhor lhes quer corresponder com estes doces finaes do seu amor. O terceiro final he attender ao que se revela, diz, ou representa se he bom, ou máo; se perseverа no bem; se he segundo as Escripturas; e se a alma ainda que ao principio se assuste, logo fica pacifica, ou perturbada; porque as que são de Deos, ainda que ao principio asustem, logo pacificão, e fica a alma devota, e humilhada: mas se são de máo espirito, persevera a perturbação, e sente a alma máos estimulos, e tentações.

467 Tambem será máo final se a creatura não he amiga de padecer, mortificada, paciente, humilde, obediente; e se deseja, ou gosta muito destas communicações; porque isto nasce de soberba, e pouca desconfiança de si mesma. Tambem se ha de ver se as revelações são de materia grave, e necessaria, porque as de cousas inuteis, ridiculas, e desnecessarias são suspeitosas; e muito peior se a pessoa, que as tem, faz galla dellas, e as diz sem ser ao seu Director, ou a pessoa de maduro conselho em muito segredo. Advirta-se que se quando se sente o gosto, e suavidade espiritual dos favores divinos, se sentem ao mesmo tempo alguns estimulos, ou movimentos sensuaes, estes não são causados pelos favores de Deos; mas ou pelo demonio, ou pela concupiscencia da carne, que deseja contra o espirito por força da ley, que repugna á ley do entendimento; ou tambem póde proceder de que com aquella deleitação, e gosto espiritual n'alma, como tambem redunda parte no corpo com ella tão conjuncto, e unido, e se commove muito o calor natural, se exal-

tão

tão os espiritos do concupiscivel, donde procedem naturalmente movimentos carnaes, ainda contra vontade da creatura, e sem culpa.

468 O Director deve pedir a Deos luz para saber discernir as communicações verdadeiras das falsas; e sempre julgá-las com cautela, e nunca de sorte que induza soberba, curiosidade, ou desejo dellas nas almas; nem deve ser muito affecto a ouvi-las, nem amigo de novidades, ainda que procedão de Deos, porque este o castigará com o deixar cahir em engano, e ás almas suas dirigidas convertendo-se em falsas as representações, que principiárão verdadeiras, em castigo da sua curiosidade, e occulta soberba, e presumpção. Persuada-se sempre, e o faça crer á creatura, que, como dissemos, não está nisto a santidade, e perfeição; e que ainda sendo verdadeiros favores de Deos, não se deve fazer delles muito caso: deve-se estimar mais o minimo gráo de caridade, do que as mais altas visões; porque estas pódem tê-las os grandes peccadores como Balaam, Faraó, e outros, mas não a caridade; e com estes favores nada se merece; por isso he melhor exercitar hũa obra de mortificação, do que gozar dos favores divinos.

469 Mas não se segue daqui que seja máo ter os que são verdadeiros; porque Deos sempre os concede, e ordena para fim santo, e honesto; e o mesmo, que os concede fará que produzão o effeito por elle intentado, se a creatura se humilhar, e renunciar da sua parte toda a consolação nesta vida, reconhecendo-se indigna de favores, quando só merece castigos. Por isso ainda quando o Director julgar, que são verdadeiros, faça conhecer á creatura, que como são fazenda do Senhor, os póde conceder a quem quizer, ainda sem merecimento da parte da creatura; e ainda que ella o tivesse, serião os taes favores premio, ao qual só na Patria devemos aspirar, e cá na via só merecimentos devemos appetecer; que por isso muitos Santos ainda quando o Senhor lhes offerecia que pedissem, só pedião trabalhos, e despresos, por seu amor; porque sabião que nestes está o merecimento, e não nos favores divinos.

470 Mas

470 Mas nisto não digo que lhe mande desprezar os taes favores, e muito menos que cuspa, ou faça acções, ou diga palavras irreverentes ás imagens, ou pessoas santas, que se lhe representarem, que he desatenção reprehensivel; mas que as venere com respeito ao mesmo que representão, sejão ellas representadas por quem forem, que se hum gentio nos mostrar hũa imagem de Jesus Christo, devemos adorá-la pelo que representa, sem se nos dar de que esteja em tão indigna mão. Ainda quando se julgar verdadeiro o favor, sem o desprezar, deve a creatura venerar, e estimar mais ao dador do que o dom; nem se demore muito no modo, ou na formosura, e accidentes da imagem, doçura das palavras, e outras cousas materiaes, que nella conheceu; mas attenda só aos bons movimentos, que lhe causa no interior, e siga estes como cousa de proveito, deixando os accidentes, que o não são; assim como da noz só se aproveita a medúlla, e se faz pouco caso da casca. Esta doutrina serve para todos os favores divinos, e sobrenaturaes; e ainda nos falsos evitará o perigo, porque o demonio mais tenta com o modo, e accidentes, do que com os bons movimentos.

471 Não deve o Director atemorizar, ou desprezar com máo modo a creatura, que lhe cõmunica estes favores; mas ouvi-la com boa vontade, para que se explique de sorte, que possa bem entender, e penetrar-lhe o espirito; e lhe aconselhe que lhe não occulte nada, que póde ser muito engano, e he grande perigo, e que em quanto lho não communicar, ou a algũa pessoa intelligente, e de são conselho, se fique indifferente sem acreditar, nem desprezar o que sente. Ainda que veja na creatura alguns defeitos, ou imperfeições como não sejão de pura malicia, ou com affecto a elles, não deve logo julgar as representações por máo espirito, como diz S. Theresa; (*Mor.* 6. *c.* 1.) porque os maiores Santos tinhão imperfeições, e Deos lhas permitte para os humilhar, assim como as tentações para o merecimento.

472 Não seja facil em acreditar logo, e canonizar por verdadeiras as taes communicações, nem dizer á creatura

que são verdadeiras, ou falsas, só se vir que assim convem, mas que não cuide nellas, e só cuide no exercicio das virtudes, em que está a perfeição, e merecimento, e não nos favores. Muito menos deve dar-lhe a conhecer que por aquillo a estima, ou tem por boa; mas cuide muito em a humilhar, e reprehender-lhe asperamente os defeitos de sorte que os conheça, e que elle a tem por imperfeita, e peccadora: mas deve ser com prudencia, para que lhe não cause demasiada afflicção, ou desesperação, ou seja causa de que ella lhe ganhe repugnancia de o communicar, e perca o conceito delle. Seja muito acautelado em guardar segredo, e não publicar estes favores das almas que dirige; mas será prudente que com o mesmo segredo consulte alguns Mestres experimentados, e doutos; occultando quanto poder a creatura a quem succedem os ditos favores.

473 Se estes favores forem conhecidos por verdadeiramente de Deos, será conveniente que se declarem por taes á creatura, como diz S. Theresa; (*Vida c.* 10.) porque he bem que ella conheça que Deos lhos faz sem merecimentos seus, e lhos agradeça; porque se não conhecemos que recebemos, não nos despertamos a amar; e he certo que então amamos mais, e nos vemos mais obrigados a conresponder quando recebemos mais bens, e mais beneficios. E se nos devemos lembrar dos gerais da Creação, Redempção, e dos mais que fez ao mundo, porque não será bem que conheçamos os que particularmente nos faz? Como conheça que os não recebe por merecimento seu, e que com elles não fica mais perfeita, senão mais obrigada, cessará todo o perigo de vaidade.

CAPI-

CAPITULO V.

Do Impulſo divino, e do Extaſis, e Rapto, ou Vôo do eſpirito.

474 O *Impulſo* divino he hũa certa força, ou violencia goſtoſa, com que a creatura ſe vê attrahida docemente, e excitada para tender para Deos com grande impeto do eſpirito, o qual he effeito da graça actual, e da liberalidade de Deos, com que diſpõe a alma ſem eſperar para iſſo o ſeu conſentimento. Eſtes impulſos procedem de hum altiſſimo conhecimento de Deos, que illumina a alma a modo de rayo, e com hũa vehementiſſima chama do divino amor, com que a alma he ferida como com hũa ſetta de fogo; de cuja ferida, como diz S. Thereſa, (*Vida c.* 24.) a alma deſejára morrer; e de tal ſorte a tranſporta, e domina aquella ſuaviſſima pena, e doce gloria, que não ſabe a alma que faça ſenão deſejar ſahir de ſi com impeto extraordinario; mas he tão ſaboroſa eſta pena, que não ha deleite na vida qne mais ſatisfaça. Em fim são tão fortes, ſuaves, e ſubtis eſtes impulſos, e communicados tanto ao intimo centro da alma, que apenas ſe pódem explicar; e differem muito das communicações acima ditas, e das que ſe ſeguem; porque ordinariamente ſuccedem á alma ſem tal cuidar, nem ſe lembrar de Deos, ſenão que de repente vem aquella ſetta mandada por elle, ou como hum trovão inſenſivel, e conhece a alma que a ferida foi feita pelo Eſpoſo, e não póde duvidar que elle eſtá preſente; e ás vezes rompe em vozes de gemidos, ou queixas amoroſas por aquella pena, que quizera ſe augmentaſſe, a qual hũas vezes creſce, outras ſe diminue.

475 Quem não tiver experiencia não póde bem conhecer eſtes impulſos, porque não são como aquelles vehementes cauſados pela devoção ſenſivel, de que fallamos na oração de embriaguez, (*a n.* 379.) os quaes inquietão muito, e debilitão a natureza, que com elles obra, e ſe

se não moderão, destróem a saude; mas estes são mui differentes, porque não coopera naturalmente para elles a creatura, mas provêm immediatamente de Deos, e esta pena não debilita, mas conforta: he ferida, que causa dor gostosa, e cura quando fere; quizera a alma sempre morrer desta doença, e quizera não acabar por não deixar de estar tão gostosamente doente; fica como louca, e fóra de si com esta pena gostosa, e não sabe como isto possa ser. Quando esta ferida não he muito penetrante póde ter remedio, e refrigerio, mas só em mais padecer; só os trabalhos, penitencias, e mortificações do corpo he que pódem dar algum alivio; e aindaque sejão grandes, então apenas se sentem, e he gosto o padecer dores grandes por Deos: mas este remedio não he para tirar a dor, he só para a mitigar com a das penitencias; que á dor só Deos lhe póde dar remedio, e não apparece nenhum, senao a morte.

476 Porém quando a dita setta de amor fere com vehemencia o coração, e penetra as entranhas, não ha remedio nenhum, nem ainda para mitigar esta delicioſa dor; mas de tal sorte domina a creatura, que athé lhe inhabilita o corpo para as funções naturaes, de sorte que muitas vezes não póde mover pé, nem mão; e hũas vezes se fica extatica, e immovel de pé, ou sentada, ou como está, nem póde respirar senão com hũa voz submissa, ainda que no interior dá grandes gemidos. Estes impetos claramente se vê que são de Deos, nem podem proceder de outra causa; por isso quem os tiver não tema engano, mas tema a sua ingratidão. Costumão estes impetos, ou impulsos terminar em extasis; e ainda que esta communicação he mui divina, com tudo he maís sublime outra pena delicioſa communicada no rapto, como diremos. (*a n.* 481.)

477 Ainda que os Mysticos cõmummente usão destas vozes *Extasis*, *Excesso*, *Rapto*, *Arrobamento*, ou *Arrebatamento*, *Elevação*, e *Vôo do espirito* para significar o mesmo, e S. Theresa tambem diz que he tudo o mesmo com pouca differença, (*Vida c.* 20.) com tudo o rapto algũa

gũa couſa diz mais do que o extaſis; porque eſte importa hum ſimplez exceſſo do entendimento, ſegundo o qual a alma ſe eleva, e abſtrahe ſuavemente dos ſentidos, e fóra do proprio conhecimento: mas o rapto accreſcenta ſobre iſto hũa certa violencia *ab extrinſeco*, pela qual a alma ſe eleva a eſpecular algum objecto por modo ſobrenatural, e por hũa certa ligação, pela qual algũas vezes tambem arrebata, e eleva o corpo. O exceſſo, ou extaſis hũas vezes acontece por cauſa interior, como quando a creatura vê couſas admiraveis, que a tirão fóra de ſi por força da admiração; outras vezes por cauſa ſuperior, como quando contempla couſas divinas, que a arrebatão fóra de ſi, iſto he, fóra do conhecimento, que lhe he natural; porque o amante por força do amor ſe diz que ſae fóra de ſi; e tanto o extaſis, como o rapto ſe fazem formalmente na parte intellectiva, mas a appetitiva concorre como cauſa, porque do amor naſce que a creatura ſe aliene de tudo o que não he o amado.

478 Tanto o extaſis, como o rapto, ſe são perfeitos, ſempre são com alienação de potencias, e abſtracção de ſentidos, e occupação de toda a alma; porque o objecto divino, em cuja contemplação ſe excitão, attrahe, e liga de tal ſorte os ſentidos, e a alma que a faz applicar com ſumma attenção ao que vê, que como he limitada, perde todo o ſentido a tudo o mais, e deſejára ter mais potencias que empregar em tanta admiraçao; e he ás vezes de tal ſorte, que nem ſentirá ferro, nem fogo, ainda que lhe moleſtem o corpo; porque como não ha ſenſação ſem advertencia do entendimento, e eſte eſtá tão fixamente occupado em objecto ſuperior, que lhe prende com maior força a attenção do que póde fazer qualquer objecto dos ſentidos externos, ficão eſtes abſortos, e alienados das ſuas operações, e percepções, ainda que os objectos fação nelles ſua impreſsão: aſſim como naturalmente ſuccede a hum que eſtá com o entendimento muito applicado a hũa couſa; que não percebe quaeſquer vozes, ou ſom que lhe faça impreſsão nos ouvidos, ſó ſe for tão forte, que exceda a força, com que o attrahe o objecto

jecto do entendimento. Aſſim ſe os ſentidos ficão com algũa percepção, não he extaſis verdadeiro, mas ſó algũa ſuſpensão, ou deliquio material, ou extaſis inchoado, ou inferior.

479 Por iſto, e pelo que ſe dirá ſe poderá conhecer quando eſtes exceſſos são de Deos, ou de outra cauſa; porque pódem tambem proceder de cauſa natural, ou do demonio, que pódem pôr a creatura fóra do ſeu natural. Por cauſa natural como por enfermidade, deſmaio, ou parociſmo, ou por exceſſo de admiração de couſas naturaes, ou por exceſſo de pena, ou de gôzo, que fazem ficar a creatura como paſmada, abſorta, e attonita. Pelo demonio, como ſuccede nos arrepticios; e muitas vezes para enganar as almas virtuoſas com o deſvanecimento, e vangloria lhes cauſa eſtas ſuſpensões com algumas ſuavidades, das quaes attrahidas ou com o gôſto, ou com a ſuavidade, e admiração ficão arebatados dos ſentidos; e o demonio tambem os impede da ſua operação ligando as potencias ſenſitivas, para que melhor pareça o que não he, e ſe acredite o ſeu engano. Por iſſo para ſe conhecer quaes são os verdadeiros, ou falſos, alem do que ſe diſſe no capitulo precedente, que ſe póde para aqui applicar, ſe obſervem as regras ſeguintes.

480 A primeira he que nos verdadeiros ſe repreſentão á alma couſas grandes, ſobrenaturaes, e divinas, e a incitão a amor intenſo, e ſe não houver iſto, não são verdadeiros, ſenão naturaes ſe a alma eſtá ocioſa, ou do demonio ſe ſe vê inclinada a couſas más. A ſegunda he que do que he de Deos, fica na alma hũa grande humildade, deſprêſo do mundo, e de ſuas honras, e vaidades, cuja vileza conhece claramente, e lhe dá pena o ſer-lhe neceſſario tratar eſtas couſas tranſitorias; e lhe fica grande amor de Deos, e inclinação ás virtudes. Alguns Myſticos apontão outro final, que he tornar a creatura a ſeus ſentidos, quando a manda a obediencia, e que ſe não torna em ſi, não he bom eſpirito; mas eſte final não he verdadeiro, nem infalivel. Primeiro porque ainda que o exceſſo ſeja cauſado pelo demonio, póde eſte ſuſpender a

ſua

ſua operação quando ſe põe o preceito, e fazer que a creatura torne em ſi quando manda a obediencia, e julgar-ſe verdadeiro o falſo. Segundo, porque como a creatura eſtá alienada dos ſentidos, e não percebe o preceito não he máo eſpirito o não obedecer. Terceiro, porque como eſta obra he mais de Deos que da creatura, e Deos não eſtá ſugeito aos homens, póde não fazer ceſſar a ſua obra, ainda que a obediencia mande.

481 O rapto he hũa eſpecie de extaſis mais ſubido, que ſuccede com impeto repentino. A contemplação que nelle ſe tem, he ſuperior á de recolhimento, e de quiete, e ainda á de umião ordinaria, e tem effeitos muito mais excellentes: porque na união ordinaria póde-ſe reſiſtir ao eſpirito, ainda que com difficuldade ás vezes, mas no rapto não há remedio de reſiſtir; porque vem tanto de repente, e com impeto tão forte, e accelerado, que logo abſorbe a creatura, e a aliena dos ſentidos, e lhe fere tão docemente a alma, que quizera morrer á força da ſuave dor, e pena que ſente: e ſuccede ás vezes que ſó de ouvir hũa palavra de Deos, logo ſe arrebata com impeto para o ſeu centro. No rapto não ſabe a creatura, como S. Paulo, ſe eſtá no corpo, ou fóra delle; pace-lhe que foi levada a outra região mui differente deſta, em que vio couſas maravilhoſas, o que não poderia fingir com o entendimento, ou imaginação ainda que quizeſſe.

482 Eſta manifeſtação dos ſegredos divinos hũas vezes ſe faz por viſão imaginaria, com que ve mais claramente as couſas, do que com os olhos do corpo; e muitas vezes vê alguns Santos, e os conhece, como ſe tiveſſe tratado muito com elles; outras vezes ſe faz por viſão intellectual, e he o mais ordinario, principalmente nos raptos mais ſubibos Quando a viſão foi ſó imaginária, póde a creatura, paſſado o rapto, fallar do que vio, porque lhe ficão os objectos tão impreſſos na memoria, que nunca mais ſe lhe riſcão; mas quando a viſão he intellectual, ligão-ſe, e ſuſpendem-ſe as potencias, e ſó ficão unidas a Deos com hũa certa noticia geral delle; don-

donde se sentem algũa cousa particular apenas pódem dizer que o sentirão, mas não declarar como foi; porque são aquellas cousas tão sublimes, que não he licito ao homem dizê-las; mas se a visão não he de cousas muito sublimes, ainda percebidas intellectualmente, bem se pódem explicar por algum modo.

483 E donde proceda que a alma depois da maravilhosa visão do rapto apenas se lembre em particular do que vio, e muito menos o possa declarar, o explica S. Theresa (*Mor. 6. c. 4.*) com esta comparação; que assim como o que entra no gabinete do Rey, aonde se vêm muitas pinturas de raro artificio, muitos vasos de ouro, e prata, muita variedade de pedras preciosas, e muitas alfaias, e joias preciosissimas de varias materias, tudo rico, tudo ordenado maravilhosamente, ainda que vio tudo, apenas em particular póde dizer algũa cousa, ainda que diga em geral que vio muitas cousas, mui maravilhosas, e muito menos o poderá dizer se não conhecer o que vio; assim succede nos objectos sobrenaturaes communicados por Deos, que excedem totalmente a nossa capacidade natural. O rapto he hum singular dom de Deos, e hum insigne testemunho da sua amizade; mas nem por isso deve a alma dar-se por segura, antes obrar com temor, e tremor a sua salvação. Nem deve com estas delicias esquecer-se de chorar os peccados, antes deve ser maior a dor delles, quanto maior conhecimento tem da bondade, a quem offendeu; e deve desejar antes carecer daquelles favores, do que da dor das culpas, despreso de si, e conhecimento proprio.

484 Tanto o rapto como o extasis muitas vezes succedem com elevação do corpo, mas não se segue que seja tudo o mesmo, porque esta elevação he communicação mais sublime do que o rapto, ou extasis, e só succede regularmente ás almas perfeitissimas, e já constituidas no estado do espiritual matrimonio. Nesta admiravel elevação, que hũas vezes dura mais tempo, outras menos, fica algũas vezes o corpo tão leve, que como se fora hũa pena, com hum leve sopro se póde mover de

hũa

hũa parte para outra; outras vezes fica o roſto tão reſplandecente, e formoſo, que parece já eſtá poſſuindo a gloria. E regularmente fica tão inſenſivel, que ainda que o moleſtem, ou firão não o ſente, nem dá final algum de mudança. Que a cauſa deſta elevação ſeja a vehemencia, com que o eſpirito ſe eleva para Deos, que por força da ſua elevação arrebata tambem comſigo o corpo, o eleva, e o conſerva aſſim elevado em quanto o eſpirito aſſim perſevera, he ſentença dos Myſticos; mas como poſſa o eſpirito fazer iſto he que he a difficuldade?

485 Á qual reſponde o Author da Lucerna Myſtica (*Tr. 5. c. 30.*) que como eſta elevação ſe concede ás almas perfeitiſſimas no eſtado do matrimonio, o qual ſe começa na via, e ſe conſuma na Patria, e aſſim como na Patria ſe chama bemaventurança completa, tambem na via ſe póde chamar bemaventurança inchoada; tambem aſſim como no Ceo, e matrimonio conſumado, e bemaventurança completa ſe concedem completamente ſete dotes glorioſos; tres que pertencem á alma, que ſão *Viſão*, *Comprehenção*, e *Fruicção*, e quatro, que pertencem ao corpo, que ſão *Claridade*, *Agilidade*, *Subtileza*, e *impaſſibilidade*; aſſim na terra no matrimonio rato, e bemaventurança inchoada concede Deos tambem inchoada, e inpletamente algũas vezes á creatura os meſmos ſete dotes como arras do futuro matrimonio: dos quaes na elevação ſe vê n'alma a viſão na manifeſtação que Deos ali lhe faz de ſi, e das couſas divinas: a comprehenſão no claro conhecimento, que tem da divindade, e ſuas perfeições quanto na via ſe pôde perceber: a fruicção em quanto goza de Deos preſente com incomparavel ſuavidade.

486 No corpo ſe vê a claridade no reſplendor, que muitas vezes deſpede de ſeu roſto: a agilidade, com que perde o ſeu pêſo, e gravidade, e póde com hum ſôpro ſer movido ſem reſiſtencia: a ſubtileza, com que parece muitas vezes diáfano, cryſtalino, e como celeſtial, outras ſe reduz a mui pequeno eſpaço, e paſſa por onde naturalmente não cabia; e a impaſſibilidade, com que nem ſente pena, nem dor, aindaque o firão, e moleſtem. E

daqui infere o referido Author que da communicação deſtes dotes que redundão no corpo elevado como arras do futuro matrimonio na Patria he que procede o elevar-ſe o corpo com o eſpirito; pois he certo que fica o corpo como eſpiritualizado, e ſem a gravidade, que o dote da agilidade lhe tirou, e por iſſo ſem violencia, nem pêſo, que reſiſta ao eſpirito.

487 Ainda que o demonio não póde fingir a elevação do eſpirito, que precede á do corpo, nem imitá-la, póde cauſar algum deliquio, e ſuſpensão dos ſentidos, e elevar o corpo ao meſmo tempo, e cercá-lo de reſplandores externos, como ſe tem viſto algũas vezes; por iſſo deve o Director examinar a interior occupação d'alma; porque ſe vir que com o corpo ſe eleva juntamente o eſpirito áquelle altiſſimo conhecimento, e gôzo de Deos, ſerá boa elevação; porém ſe o eſpirito ſe elevar pouco, ou nada, ſerá aſtucia do inimigo para cauſar vaidade na creatura, ou para outro fim máo. Outros favores divinos numerão os Myſticos, como são as *Senſificações* nos ſentidos, os *Tactos Subſtanciaes*, as *Lagrimas ſobrenaturaes*, o *Deliquio das forças materiaes*, a *Inſania do eſpirito*, a *Inextinguivel ſede de Deos*, a *Doença*, ou *Ferida*, ou *viva chaga* do divino amor, e outros, que todos ſe pódem reduzir aos que deixamos explicados, e quem quizer os póde ver no referido Author da Lucerna Myſtica. Tambem há hũa *embriaguez*, e *ſomno de potencias* em gráo mais ſublime do que os que ficão explicados no eſtado de proficientes; (*an.* 383.) mas como ſó differem delles por mais ſubidos, e intenſos, baſta o que ali delles ſe diſſe. *Vô-o do eſpirito*, não he outra couſa ſenão aquella elevação repentina do eſpirito, que no rapto acontece. (*S. Thereſa Vid. c.* 20.)

CAPITULO VI.

Dos Deſpoſorios divinos.

488 DE tres modos ſe deſpóſa Deos com as almas: o primeiro he por fé, e caridade, e ſe faz no Baptiſmo. O ſegundo he por livre, e voluntaria entrega d'alma a Deos com ſolemne promeſſa de ſe dar toda ao ſeu amor, e obſequio, renunciando tudo o mais, e eſte ſe faz na profiſsão Religioſa, ou ainda por eſpecial promeſſa, e efficaz reſolução da creatura. O terceiro he por myſtica, e altiſſima communicação, e amizade com Deos, e he quando eſte Senhor a une comſigo por hum eſpecial, e altiſſimo favor, e lhe infunde hum ardentiſſimo deſejo de ſe unir com elle inſeparavelmente, e lhe promette celebrar com ella o eſpiritual matrimonio, a que aſpira. Deſte terceiro *Deſpoſorio*, e divina promeſſa he que tratamos aqui; o qual ainda que ordinariamente ſe celebre entre Deo, e alma já purgada nas partes ſenſitiva, e racional, e apartada das conſolações ſenſiveis, e do comercio dos ſentidos, e formas materiaes; muitas vezes o tem o Divino Eſpoſo celebrado com algũas almas na ſua tenra idade, e ás vezes ainda antes da do commum uſo da razão; porque como elle he Senhor dos ſeus favores, prevendo a ſantidade daquellas creaturas, como impaciente da demora lhes dá muito cedo a ſegura eſperança do futuro matrimonio com o deſpoſorio preſente: aſſim lemos que a algũas almas lhes deu a mão de Eſpoſo na primeira infancia, a outras na idade juvenil, e a outras já na idade creſcida.

489 Eſte deſpoſorio hũas vezes o celebra o Divino Eſpoſo por externa viſão, e com real tradição de algum final de eſpoſa; outras por viſão imaginária; mas pela maior parte he em viſão intellectual communicada á alma toda abſorta dos ſentidos, e elevada em extaſis, arrobamento, ou rapto, em que hum, e outro amante feridos do amor ſe offerecem goſtoſiſſimos a ſer hum do ou-

tro, e fica a alma aqui já em parte saciada das ancias com que buscava o Amado, porque já o achou, e o tem, supposto que ainda não no completo vinculo de amor, já com tudo em hũa segura promessa, e esperança, e em hum gráo de união tão elevado, que a transporta toda em jubilos, e a faz gozar pacifica de Deos em hum excesso de ardentissimo amor do Esposo, que experimenta presente; mas este mesmo amor a impacienta em anciosos desejos de se unir indissoluvelmente com elle, não só no divino matrimonio, mas tambem na consumação da Patria, aonde o veja não já debaixo de véos, e em enigmas, mas o goze em si, e o veja face a face.

490 Neste sublime favor se lhe communica hum tão grande conhecimento de Deos, que fica tão elevada, e possuida do seu amor neste excesso, que se Deos a não confortára acabaria á sua violencia. Nada gosta de cuidar se não no Amado, nada lhe satisfaz o amor se não o Esposo. Conserva hũa presença de Deos como habitual, ainda que não tão perfeita como a do matrimonio divino. E assim como entre os esposos da terra depois que celebrão o despozorio se frequentão amantes visitas, recados, e dons de parte a parte, assim o Esposo Divino regala muitas vezes a sua esposa já com visitas, já com visões celestiaes, já com favores, e dons sobrenaturaes, e divinos. Aqui se continuão muito os extasis, raptos, e noticias de cousas divinas, e ás vezes succedem em publico estes favores, porque quer o Senhor dar a conhecer que escolhe aquella alma por sua; mas para ella he isto grande tormento, e tambem origem de trabalhos, e murmurações do mundo, tendo-a por fingida, invencioneira, hipocrita, e fanatica.

491 Mas he de notar que ainda que os despozorios da terra se celebrão só hũa vez, não he assim nos divinos; senão que tantas vezes se continuão, e se renova a promessa cada vez com mais firmeza, e segurança, quantas se repetem os extasis, visões, e visitas do Amado; pois aqui não vive o Esposo sempre com a alma em presença real como no espiritual matrimonio; mas, como

diz

diz S. Thereſa, (*Mor. 7. c. 2.*) ſe auſenta della algũas vezes, ou para experiencia do ſeu cuidado, e affecto, ou para prova da ſua fidelidade, ou para ſeu maior merecimento pelas fadigas, com que ella neſtas penoſas auſencias inſaciavelmente o procura; ou tambem para que ella ſe não apegue muito á conſolação de o ter preſente, e não deixe por iſſo de o amar pelo que elle merece, e o ame ſó pela conveniencia do gôzo; e por iſſo aſſim como os eſpoſos da terra neſtas auſencias padecem ſaudades, aſſim eſtes retiros do Amado são para a alma hũa ſaudade penoſa, hum incomparavel tormento maior do que quantos tem padecido, porque lhe he tanto mais ſenſivel eſta falta do ſeu unico bem, e alivio, quanto mais o tem conhecido; por iſſo não deſcanſa, nem ha para ella inſtante de refrigerio ſenão aquelle, em que gôza do Amado, e ainda eſte gôzo lhe he miſturado com pena, porque ſabe que lhe ha de durar pouco tempo, e que o Eſpoſo ſe ha de retirar outra vez; e tomára morrer para ſe unir inſeparavelmente com elle, e ſe livrar do perigo de o offender, e perdê-lo.

492 Já diſſemos alguns effeitos deſta oração de deſpoſorio; outros são os meſmos da oração de união; pois eſta o he verdadeiramente não no gráo ſupremo, nem no infimo, mas ſim no medio, como diſſemos. Aqui ſó diremos mais alguns, dos que aponta S. Thereſa tratando deſte deſpoſorio. (*Mor. 6. c. 11., e antec.*) O primeiro he aquelle grande conhecimento de Deos, e de ſuas grandezas, que diſſemos, naſcido do que elle lhe communicou na ſubida contemplação. O ſegundo he aquelle grande deſejo de morrer, e de ir gozar de Deos inamiſſivelmente, como já ſe diſſe, tanto pelo muito que o ama, e deſeja nunca já mais ſe ſeparar da ſua preſença, como pelo muito que teme offendê-lo. O terceiro he hum grande deſprêſo do mundo, e de tudo o que nelle ſe eſtima; tudo lhe cauſa faſtio porque não vê nelle o deſcanſo, e ſatisfação, que tem em Deos.

493 O quarto he hum habitual, e intenſiſſimo amor de Deos, que lhe anda ſempre acceſo, e como fumegando

do no coração, e com qualquer palavra que ouça, ou leia de Deos, ou penſamento, ou lembrança da ſua bondade, ou perfeições, ſe aviva, e levanta chama, e ſente como hũa ſetta de fogo penetrativo, que lhe fere o intimo da alma. E aindaque he breve eſta ferida, e toque, parece que a conſome, e abraſa, e lhe cauſa hũa dor tão viva no ſuperior do eſpirito, que a Santa que o experimentou, diz que por aqui conheceu como pódem as almas padecer no Purgatorio, ainda que não tenhão corpo: e que he como hum rayo, q̃ tudo conſome quanto ha da noſſa terra; cuja dor faz dar grandes gritos a quem a padece, porque não eſtá na ſua mão o reprimilos, nem tem advertencia, nem força para iſſo. E paſſado eſte breve tempo coſtuma depois andar com hũas lagrimas, e ſuſpiros por ſeu Amado, os quaes não póde muitas vezes reprimir; ainda que então melhor póde ſoffrer eſte incendio, o qual he hum inſtrumento de purgação do amor, que diremos.

494 O quinto he hũa grande dor dos ſeus peccados, a qual não ſe mitiga com a confiança de que Deos lhos terá perdoado pela dor, e penitencias, com que tem clamado á ſua miſericordia; porque como tem tanto amor a Deos, e conhecimento da ſua infinita bondade, não póde deixar de ſentir que ouveſſe tempo, em que tiveſſe offendido a tão bom, e tão amavel Senhor; e por iſſo qualquer pequena falta a afflige, porque em nada quizera deſgoſtá-lo, e ſó conſiderar que em quanto vive póde peccar, e apartar-ſe de tão amavel Eſpoſo lhe he grande tormento; por iſſo quizera não viver. Advirta aqui o Director, que aindaque o demonio não póde fingir eſte deſpoſorio com extaſis, e viſão verdadeira; póde com tudo fingir viſão externa, transformado na imagem de Chriſto, cauſar na creatura algũa ſuavidade ſenſivel, e dar-lhe a mão de fingido eſpoſo com falſas promeſſas do matrimonio futuro; mas não poderá imitar os effeitos do verdadeiro deſpoſorio; por iſſo a eſtes deve mais attender, do que á viſão, ou ſuavidade della para evitar o engano.

CAPITULO VII.

Do exercicio das Virtudes em gráo heroico.

495 ASsim como o eſtado do divino deſpoſorio já não he ordinario na alma, mas muito eſpecial, e elevado, não ſó pelo que he em ſi, mas muito mais por ſer diſpoſição para o mais ſublime, que a eſpera, qual he o do divino matrimonio, tambem ella ſe não ſatisfaz já, nem deve ſatisfazer com a perfeição ordinaria na pratica das virtudes, mas deve cuidar em as fazer ſubir ao gráo heroico, que he como ornato, e ellas são as joyas da eſpoſa, com que ella ſe adorna, e prepara para o ſeu Amado; não ſó para o dia do ſolemne matrimonio, mas tambem para todos os que com elle ha de viver unida neſte ſagrado conſorcio, em que ſempre ha de ir augmentando o luſtre das virtudes, e aperfeiçoando a meſma heroicidade dellas, porque he qualidade, que póde ſer mais e mais perfeita, e nunca chega á poſſivel perfeição. Eſtas virtudes, que ſe chamão do animo purgado, porque ſó os perfeitos as exercitão, então ſe chamão heroicas, quando ſe praticão por modo, e com perfeição mais que ordinaria, e que ſó ſe acha nas almas, que tem chegado a hum gráo perfeito de divina união, em que já não vivem ellas, mas ſó nellas vive Jeſus Chriſto. E para que ſe conheça quando ſe praticão com eſta perfeição, ou a perfeição com que ſe devem praticar para ſerem heroiças, direi aqui brevemente em que conſiſte o gráo heroico de cada hũa.

496 A *Fé* heroica não ſó conſiſte em que ſeja viva com obras, e firmada em graça, e caridade; porque eſta acha-ſe em todos os juſtos; mas accreſcenta a iſto hũa certa infalibilidade, e firmeza, que lhe parecem evidentes os ſeus myſterios; de ſorte que não lhe parece á creatura que os crê, mas que os vê claramente, porque nada que veja lhe parece tão certo, como os ditos myſterios. E eſta fé lhe infunde hum grande deſejo de ſeguir

o caminho da cruz, e de praticar todas as virtudes, que a pódem conduzir á posse das verdades que acredita. Esta he a fé que Jesus Christo queria nos seus Apostolos, e a que he necessaria para resuscitar mortos, transferir montes, e fazer milagres. A *Esperança* heroica he que seja só em Deos, e de todo o coração, e com hũa segurança indubitavel, e não instavel, e fluctuante, como he a ordinaria.

497 A *Caridade* heroica para com Deos consiste em que o amemos a elle pela sua bondade, e tudo o mais nelle por amor delle, prescindindo de que haja gloria que esperar, nem inferno que temer; e então se diz heroica quando he mais activo o incendio do divino amor, o qual se mede pelo exercicio das mais virtudes, a que excita a caridade. Quando a caridade, ou amor de Deos he heroico, he tão grande o seu ardor, que não só transforma a alma, mas algũas vezes redunda no corpo; por isso alguns Santos ainda na via tiverão alguns, ou todos os dotes do corpo glorioso algũas vezes. A *Caridade* heroica para com o proximo, não he só amar ao proximo, amigos, e inimigos, bons, e máos como a nos mesmos, que isto he preceito, que obriga a todo o Christão; mas he amar a todos em hum só corpo, ou como membros de hum só corpo, que se move por hum só espirito, e desejar, se for necessario, padecer, e morrer no exercicio da caridade.

498 A *Prudencia* heroica consiste em que o homem dirija todas as suas acções para o recto fim, e que ache o meio em todas as virtudes moraes sem declinar em nada para os extremos. Por tanto quem tiver a prudencia heroica ha de ter todas as mais em gráo heroico, porque ella he directiva de todas; e assim o que for prudente em gráo heroico, certamente tem chegado ao cume da perfeição; porque tem todas as virtudes heroicas. A *Justiça* heroiça tambem tem parte de todas as virtudes; que por isso se chama justo o que he virtuoso. Assim quem tiver a justiça em gráo heroico, ha de observar exactamente no ápice todas as leys divinas, humanas, e naturaes,

raes, que forem juſtas. Se for peſſoa, que deva deſtribuir os bens cõmuns, não deve attender á carne, e ſangue, á natural inclinação, ou affecto, mas ſó ao merecimento dos ſugeitos, e bem da republica. Não deve fazer a minima injuſtiça por penſamento, palavra, ou obra; mas dar a cada hum o que he ſeu. E ſe ha de exercitar a vindicativa, ha de caſtigar quando a juſtiça o pedir ſó com o zelo della, mas compadecendo-ſe do reo com entranhas de piedade, e compaixão.

499 A *Fortaleza* heroica he quando de tal ſorte ſe tem domadas as payxões, e ſubjugados os inimigos, que já como que ſe não ſinta a ſua guerra, e movimentos; porque ainda que fação força, he tão pequena á viſta da fortaleza que achão na alma, que parecem pigmêos contra o Gigante. Eſta meſma fortaleza foi a que animou os Santos a ſofrer grandes trabalhos pelo Senhor, e a não ceder aos tormentos, e martyrios, antes todos lhe parecerem poucos, e por iſſo deſejarem mais, e mais, e em todos eſtarem contentes, e alegres, zombando dos tyrannos, e dos tormentos como ſe nada os ſentiſſem. A *Temperança* heroica conſiſte em hũa total abſtracção de todo o deleite terreno, ainda licito tanto em materias venereas, como em comer, e beber; de ſorte que em nada já buſque o goſto, ou regalo do corpo, e como que ignore que os haja; e tudo quanto neſtas materias obrar ſeja meritorió pelo recto fim, e não defectuoſo por ſatisfação de appetite.

500 A *Religião* heroica he quando o culto que ſe dá a Deos, e aos Santos, he com a maior reverencia, reſpeito, e devoção. A *Penitencia* heroica he quando ſe exercitão rigores, que excedem de algum modo as forças humanas, e actos de dor tão intenſos que penetrão athé a divisão da alma, e do eſpirito. A *Obſervancia Regular* heroica conſiſte na exacta obſervancia de todas as leys, ainda minimas, de todos os coſtumes, e ceremonias da Religião tanto em commum, como em particular, e ainda na companhia dos inobſervantes, e relaxados: para o que o melhor meio he ter grande veneração a todos os

preceitos, leys, e determinações, ainda que pareção de pouca entidade, e respeitá-las como dictadas, e inspiradas por Deos; nem disputar se são, ou não são convenientes, antes observá-las com rendida, e prompta sugeição, e vontade. A *Obediencia* heroica consiste nos actos extraordinarios, e sublimes desta virtude; como obedecer sem hesitação, nem renitencia ainda interna, e ainda aos prelados imprudentes, e malevolos, não lhes repugnando ao preceito, que não seja contra a ley de Deos, da Igreja, ou dos Monarchas. E ainda obedecer aos iguaes, e inferiores, como fez Jesus Christo, e sua Mãy Santissima; porque quanto o preceito he mais difficultoso, tanto he mais heroica a obediencia.

501 A *Paciencia* heroica consiste na alegre, e inalteravel tolerancia nos trabalhos, dores, afflicções por amor de Deos, e da virtude; porque o ouro prova-se no fogo, e o justo na tribulação, e quem as sofrer com alegria he verdadeiramente justo. A *Mansidão* heroica consiste na perfeita moderação da ira, e conservação alegre da paz do coração, nas contradicções da propria vontade, e nos impulsos do irascivel; pois só se podem dizer verdadeiramente mansos os que não se alterão nas occasiões, que tem para isso, antes nellas se conservão pacificos, e alegres com os desprezos, e injurias, e que dão bem por mal; porque a perfeita mansidão está não só em nos não irar-mos, mas tambem em amar a quem nos dá a causa, gostar com ella, e fazer-lhe por isso bem como em recambio da occasião, que nos dá de merecimento, como fez Jesus Christo pedindo pelos mesmos, que o crucificárão. A mansidão differe da paciencia em que esta he a respeito dos males, que advem naturalmente, e a mansidão he a respeito da causa, com que o proximo nos commove o irascivel.

502 A *Resignação, e conformidade* heroica consiste em que a creatura receba tudo como vindo da mão de Deos seja bom, ou seja máo, prospero, ou adverso; porque o bom determina-o, e o máo permitte-o para melhor bem, por isso dizia o S. Job: *Se recebemos os bens da mão de*

ae Deos, porque não receberemos della os males? O que se une com Deos nesta heroica resignação, he verdadeiramente bemaventurado na terra; pois com tudo se alegra, porque em tudo acha feita a vontade de Deos, que he o que so quer, e por isso nada sente se não o que he contra ella; nada teme se não o perdê-lo, ou offendê-lo. A *Rectidão das obras, ou Pureza de intenção* heroica consiste em que se procure só a gloria, agrado, e serviço de Deos em tudo o que se pensa, diz, ou faz; que o espiritual não so se esqueça de tudo fóra de Deos, mas ainda de si mesmo por Deos; e q̃ não só obre por agradar a Deos, mas porque Deos lhe agrada, ou porque isso agrada a Deos. A *Misericordia* heroica consiste em se compadecer das miserias, e necessidades alheas como proprias, e procurar soccorrê-las, e remediá-las como suas.

503 A *Humildade* heroica não consiste só nos actos ordinarios desta virtude, como ter-se em pouco, sugeitar-se aos mais, occupar-se em ministerios humildes; mas consiste em huns actos mais eminentes, que raras vezes se praticão; como são: primeiro huma total ignorancia da sua virtude, e santidade, ao mesmo tempo que todos os mais lha conhecem. Segundo occultar quanto poder os favores de Deos, e tudo o que póde redundar em louvor proprio. Terceiro sofrer com paciencia, e sem perturbação interior, nem exterior os desprezos, injurias, e falsos testemunhos. Quarto ter grande alegria, e consolação com os desprezos. Quinto procurá-los, e fazer diligencia por elles com obras, e palavras, como cousa, que lhe he devida, e que he rasão se lhe faça tão propriamente, como he proprio á terra o andar debaixo dos pés. Sexto julgar-se a creatura mais vil, minima, e mais peccadora de todas. Setimo attribuir aos seus peccados, e ingratidões todos os males do mundo, e castigos, que Deos lhe manda. Oitavo não sentir movimento algum de soberba, ou vangloria.

504 A *Simplicidade*, ou *sinceridade*, ou *candura* de genio, e coração então he heroica, quando a creatura tem hum animo tão columbino, que nada faz com malicia,

ſimulação, ou engano, nem ainda com equivocações; porque ſuppoſto que eſtas algũa vez ſejão licitas, com tudo repugnão muito á ſanta ſimplicidade, ſe forem frequentes, a qual faz que o ſincero, e ſimplez verdadeiro não diga hũa couſa com a boca, e tenha outra no coração, que iſto he ſimulação, e refolho. O que tiver a ſimplicidade heroica aſſim como não ſabe fingir, nem enganar, aſſim o julga dos mais, e por iſſo acredita como verdade ainda os meſmos impoſſiveis que lhe affirmão, como ſe refere de S. Thomás de Aquino, que creu que voava hum boi, porque lho affirmava hum ſacerdote. Eſta ſimplicidade he loucura, e eſtulticia para com o mundo, mas he alta ſabedoria diante de Deos, e eſtes são os ſimplices, com quem são as praticas do Senhor. *Cum ſimplicibus ſermocinatio ejus.* (*Prov.* 3.)

505 A *Pobreza* heroica não conſiſte ſó na abdicação do dominio, e propriedade das couſas; mas alem diſto accreſcenta hũa ſingular renunciação do uſo de qualquer couſa, ainda minima, que não ſeja indiſpenſavelmente neceſſaria; e ainda a negação do ſeu deſejo: mas são mui poucos, ainda nos clauſtros, os que aſſim ſejão pobres; por iſſo tambem são mui poucos os que entrão no ceo do matrimonio eſpiritual, que são ſo os que aſſim o forem; pois os ricos, e apegados ás couſas do mundo nem neſte, nem no da gloria pódem entrar; e he tão certo, que Jeſus Chriſto diſſe, que era mais facil entrar hum camelo pelo fundo de hũa agulha, do que hum rico no ceo. *Facilius eſt camelum per foramen acus tranſire, quam divitem intrare in regnum cœlorum.* (*Math*, 19.) E he a razão diſto, porque ſendo a porta do ceo tão eſtreita, que ainda quem for nú de todo das couſas do mundo ſó com força, e violencia a poderá paſſar, como poderá caber por ella quem for veſtido, ou envolvido com algũa couſa, pouco que ſeja? Eſte pouco, ainda que pouco, he embaraço; e ainda que he embaraço pequeno, em quanto ſe não tirar embaraça; aſſim como hũa linha he pequena priſão, e facil de romper, mas em quanto ſe não rompe prende, e baſta para deter a

quem

quem prende. O heroico *Desprezo* do mundo accrescenta a esta pobreza hũa total negação com o coração, e desejo a todas as honras, estimações, vaidades, e divertimentos do mundo, amando só os desprezos, e o retiro por amor do Senhor, e abraçando-se com a sua cruz.

506 A *Abnegação* de si, e heroica *Austeridade* de vida consiste em sempre procurar o maior trabalho, o maior desprezo, o de que menos gosta, e menos se agrada, o que mais affligе, o mais humilde, e desprezivel, e desejar totalmente ser pobre, e privar-se de tudo o do mundo por amor de Deos. Finalmente na total deixação, e renunciação de toda a vontade propria, de toda a consolação humana, e ainda espiritual; e em se abraçar gostoso com todo o trabalho, rigor, e tribulação, que o Senhor lhe permittir. Mas porque são rarissimos os que assim o praticão, por isso são tão poucos os que sobem ao ápice da virtude. A *Castidade* heroica consiste na virgindade do corpo, e do desejo, e será heroica em quem tiver estes sinaes. Primeiro que a creatura na vigilia não sinta estimulos, nem alterações carnaes. Segundo que o entendimento não se demore em pensamentos lascivos. Terceiro que ainda que veja pessoas de differente sexo, não sinta nem leve incentivo da concupiscencia. Quarto que ainda quando trata, ou lê materias, que suscitem especies libidinosas, não sinta exaltado o appetite. Quinto que athé não tenha já sonhos deshonestos, nem os seus impuros effeitos.

507 A *Modestia* heroica consiste na perfeita composição do exterior, e então se dá quando todas as acções são bem compostas; mas principalmente se mostra no rosto sereno, humilde, e alegre sem excesso; na ordenada composição da vista, porque não deve o varão perfeito levantar os olhos se não para o ceo, e fóra disso trazê-los sempre abatidos, e empregados na terra, de que foi formado. Não deve ser facil, nem immoderado no riso, que sem necessidade he defeito, e com excesso sempre o he; e não lemos que Jesus Christo se risse huma só vez, chorando tantas. O seu andar deve ser grave,

ve, e as suas acções sem affectação. O *Silencio* heroico consiste naquella solidão, á qual Deos disse que havia de levar a alma, para ahi lhe fallar ao coração. Para ser heroico não he necessario calar sempre, antes o calar algumas vezes he máo; mas deve fallar só o necessario, e calar o superfluo; o que he mui difficultoso reduzir-se ao meio. Finalmente o gráo heroico de todas as virtudes consiste na maior perfeição da sua observancia, sem mistura de defeito, e este gráo, e heroismo das virtudes he que he necessario n'alma para entrar ao gôzo do Senhor, e felicidade do divino matrimonio, que he o gráo mais perfeito da vida do espirito; e por isso na beatificação dos santos se faz primeiro prova, e exame se tiverão as virtudes no gráo heroico.

CAPITULO VIII.

Da Purgação do Fogo, ou do Amor.

508 DEsta terceira purgação não tratão expressamente todos os Mysticos, mas muitos affirmão que e da, e expressamente a declara S. Theresa no capitulo onze das Sextas Moradas com o nome de purgatorio; e a mesma razão, álem da experiencia o persuade: pois assim como o Divino Esposo para o primeiro gráo de união, e favor da sua alegre vista com a esposa a dispos com a purgação do sentido; e para o do divino despozorio a preparou com a purgação do espirito; sendo incomparavelmente mais alto o elevado gráo de união, a que a quer sublimar no espiritual matrimonio, he sem duvida, que tambem primeiro a ha de prevenir com algum modo purgativo tanto mais subtil, e delicado, quanto mais especial he a graça q̃ ha de receber, cuja graça do matrimonio divino já dissemos se póde chamar bemaventurança na terra, ou terceiro Ceo em que a alma como S. Paulo vê, e ouve ocultos segredos, e palavras, que lhe não he licito fallar; e por isso tambem he justo q̃ para este terceiro Ceo se disponha, e a crisóle neste terceiro purgatorio.

509 Álem

509 Álem de que assim como a purgação do espirito se faz para arrancar os habitos imperfeitos, que a do sentido não póde acabar; assim he necessaria esta terceira para depurar a alma, e alimpá-la d'algũas pequenas imperfeições, que supposto não são culpaveis, e a não fazem já muito disforme, com tudo a fazem ainda improporcionada, e dissimilhante ao Esposo, com quem se ha de unir, e cuja imagem deve representar. E assim como o sabio escultor para fabricar a imagem primeiro usa de instrumentos grosseiros, e fortes, que cortão no madeiro informe, e lhe dão os primeiros desenhos, e delineamentos da imagem; depois vai cortando com outros já menos grosseiros, e que já lhe dão toda a fórma, e disposição das partes; e ultimamente para alimpar, e aperfeiçoar de todo usa dos mais delicados, e subtis; assim o Artifice Divino com o forte instrumento da purgação do sentido, corta n'alma as grossarias da materia; com o agudo da do espirito lhe dá a fórma de espirito, e a constitue já imagem sua, aindaque não limpa de todo; e com o subtil, e delicado da do fogo, ou do amor a limpa, e purifica de todo, e lhe dá a ultima perfeição, e tal perfeição, que he similhante á do Pay Celestial, como manda, e requer Jesus Christo, o que principalmente se entende neste estado do espiritual matrimonio. *Estote perfecti sicut Pater vester cœlestis perfectus est.* (*Math.* 5.)

510 E he a razão, porque como aqui se ha de unir com Deos em vinculo já em certo modo indissoluvel, e ha de ficar hũa mesma cousa com elle no espirito, assim como os esposos da terra o são na carne, he necessario q̃ o espirito da esposa se faça proporcionado, e com hũa certa similhança com o do Esposo, e q̃ o amor com que o ama, seja reciproco, e similhante ao com que he amada por elle; e como este he verdadeiramente de amicicia, alheio de outra conveniencia, que não seja da mesma esposa, e ella pelas cõmunicações, e gostos divinos, que em todo este meio do espiritual desposorio tem recebido de Deos, conserva algũa menos pureza, e rectidão no amor,

que

que supposto já he de amicicia, ainda conserva algũa mistura de concupiscencia, e apêgo á suavidade dos favores, e consolações, e ao premio da futura gloria, a que aspira; e álem disto conserva outros defeitos, como o da falta de paz, e tranquillidade no mesmo amor, o qual ainda he com algum modo de desassoslego, e inquietação, que não deixa o espirito tão quieto, e pacifico, como deve estar para a divina, e alta união do matrimonio; por isso o Senhor a mette neste purgatorio saudavel, donde saia crystalina, pura, e sem macula na substancia, e modo de amar.

511 Consiste pois esta *Purgação do amor* em hum intensissimo fogo de amor purgativo, com que o Esposo investe a alma tão fortemente que toda se vê arder, e abrazar-se, e aquelle fogo levantar chamas tão altas, que parece se quer desprender da materia, em q̃ arde, e voar ligeiro á sua esfera; e isto lhe seria consolação; mas porque vê que ainda vive, e não acaba de morrer, como queria, este não morrer lhe he tormento, e a mata porque não morre. Este amor lhe he hũa setta penetrante, que lhe traspassa a alma, e tira a vida por isso mesmo que fere sem matar. He martyrio excessivamente penoso, e prolongado, e hũa continua morte, que mata porque não mata. Por isso em quanto vive assim, não faz se não gemer, chorar, e suspirar com dor, e sentimento inconsolavel, porque se prolonga o desterro, e se lhe demora o ver o Amado, por quem suspira, e para quem vôa, e faz força o espirito: e são taõ vehementes estes vôos, e tão fortes estes impulsos, que ás vezes acabaria a vida á sua força, se Deos a não confortára.

512 Mas esta pena, ainda que taõ grande, a estima em muito a alma, e não quisera que lhe faltasse, nem a trocaria por cousa do mundo; só sim por ver, e gozar de seu Amado; porque em fim he morrer de amor de Deos, que he cousa dulcissima; e por isso succede a hum mesmo tempo achar-se com grande gôzo, e grande pena, porque he pena gozosa, e he gozo penoso. Parece q̃ não póde ser, mas bem vê que sim quem o experimenta,

rimenta, e bem o conhecêrão os martyres no goſto, que lhe cauſavão os tormentos. Eſta pena gozoſa procede de que, como a alma vai cada vez conhecendo mais a grandeza de Deos, creſce tambem no amor para com elle, e no deſejo de o gozar; e por iſſo deſeja com S. Paulo diſſolver-ſe, e ir eſtar com Chriſto; e como vê que ainda vive, e ſe lhe dilata a poſſe de tanto bem, ſe penetra de hũa penoſa affliçção, ſegundo aquillo, que a eſperança, que ſe differe, affligе a alma; mas como eſta pena ſe envolve em intimo amor, e naquelle deſejo, que a meſma pena lhe póde comprir, pois ſendo grande póde dar aſi meſma o remedio, que ſó tem, que he a morte, por iſſo he pena goſtoſa, que a alma deſeja que creſça até matar; mas porque o não acaba de fazer por iſſo he ſó que atormenta.

513 E ſuccede muitas vezes ſó de hũa palavra de que tarda a morte, ou outra ſimilhante, vir-lhe de repente aquella ſetta de fogo penetrante, e feri-la no intimo d'alma como hum rayo, que paſſa em hum inſtante, e deixa feito em cinza tudo quanto de terra acha na creatura, e a alma ficar tranſportada em abſtracção de ſentidos, e potencias, ſem liberdade para nada, excepto para o que lhe poſſa fazer eſta dor mais creſcida, que para iſto ficão mui vivas; porque o entendimento o eſtá para entender a razão, que he para ſentir o eſtar a alma auſente de Deos, e o meſmo Deos ajuda a iſto com hũa taõ viva noticia de ſi naquelle tempo, que faz creſcer a pena em tal maneira que a creatura muitas vezes rompe em gritos; e não póde ſer por menos, porque não he ſentimento no corpo, ſe não no intimo d'alma, que he muito mais forte; do qual diz de ſi S. Thereſa, (*Mor.* 6. *c.* 11.) que quando o tinha ſe lhe repreſentava ſer deſta ſorte o que ſe padece no Purgatorio, que ainda que não tem corpo padecem muito mais do que pódem padecer no mundo com elle. Mas ainda que o corpo aqui não ſente; fica taõ deſconjuntado, e os pulſos tão abertos, que em algũs dias nada póde fazer com dores.

514 E com ſer taõ grande eſta pena, e tormento,

diz a S. Madre que tudo he pouco para o que o Senhor lhe dá depois, e que he bem que custe muito o que he, e vale muito. E que como he para purificar a alma para entrar aonde se celebra o divino matrimonio, (como os que hão de entrar no Ceo, que primeiro se depurão no Purgatorio) he taõ pouco este padecer à vista daquelle gozar, como he a respeito do mar huma gotta de agua. E todo este tormento, e afflicçaõ, que não póde ser maior, sente a alma que he de tanta estimação, que ainda que em nada a alivía, a sofre de boa vontade, e sofreria toda a vida, se fosse vontade do Senhor, ainda que com ella não viviria, mas estaria sempre morrendo, que isto he que he verdadeiramente esta pena. Mas este rigor não dura muito tempo, se chegar a quatro horas será muito; porque se durasse mais seria impossivel viver sem milagre.

515 Mas estes trabalhos fortalecem tanto a alma, que a deixão sem medo para sofrer todos os do mundo; porque todos á vista destes parecem nada. Com elles fica a alma com maior desprezo do mundo, e dezapego das creaturas, porque vê que nada se não o Creador lhe póde saciar os desejos; por isso por amor deste só quer padecer, e neile empregar todo o amor, e por elle lhe he gostosa aquella pena de sorte, que a alma se vê em dous perigos de morte sem morrer como queria, huma pena, outro o gozo; que ás vezes he taõ grande, que parece não falta nada á alma para sahir do corpo; e na verdade isso lhe seria grande dita. Pois se neste tempo o o Amado se retira, como muitas vezes succede; lhe nega os favores, e consolações passadas, aqui he que cresce o tormento sem remedio; aqui são as tristezas, e os temores se lhe terá dado causa para o retiro; discorre húa, e muitas vezes pelos secretos da sua consciencia, e se conhecesse em si algum defeito desejaria despedaçar-se a golpes em castigo de tanta ingratidão.

516 Com este desamparo vendo-se a alma como em sua miseria se humilha, clama a Deos, e se afflige vendo o seu nada. Considera-se pobre dos favores divinos, deixada de Deos, e nada a consola, pois carece do seu Amado.

Amado. Mas como tem no coração o seu amor, interiormente se abraza, geme sem consolação, e padece hũa doença interior, e pena incomparavel. E desta sorte se vai mais accendendo o coração no amor de Deos, e a vontade se abraza em ancias de o gozar, com o que se vai cada vez mais aperfeiçoando o mesmo amor, e a alma pondo-se deiforme, consumindo-se toda a escoria de seus affectos, e habilitando-se para as altissimas illustrações, virtudes, dons, e favores do divino matrimonio, que he para que o Divino Esposo a dispõe com esta penosa purgação.

517 Esta purgação do fogo, ou do amor começa no estado dos divinos despozorios, e continúa interpolada com favores, e cõmunicações divinas até o espiritual matrimonio: mas ainda que aqui acaba; como Deos sempre he mais e mais cõmunicavel, e ainda no estado do matrimonio vai concedendo á alma favores cada vez mais sublimes, continuamente a vai purgando, e dispondo para elles; (que este he o modo de Deos dispôr, e prevenir com trabalhos para os gostos) mas como o amor, com que no estado do matrimonio a purga, e dispõe, não tem nenhum affecto penoso, por isso não se chama purgativo como este, que causa grande pena, o qual purga n'alma todo o terreno, e a deixa como divinizada, para que não viva já ella, mas só viva nella Jesus Christo. Mas nem por isso se deve dar por segura, nem se verá de todo livre de tentações; porque em quanto vivemos neste carcere da mortalidade não podemos viver sem guerra, e inimigos; e por mais elevados que estejamos na santidade podemos cahir, como cahirão muitos com quéda tanto mais lastimosa, quanto de mais alto a derão.

518 por isso ainda que algũas vezes se veja sem tentações, não se fie em que as não tornará a ter; nem quando se vir nellas se desanime, ou desconsole parecendolhe que já neste estado as não devia ter: pois nelle dizia de si S. Theresa (*cam. de perf. c.* 38.) que hũas vezes se achava com inteiro desapego da vontade, e outras tão apegada em cousas, de que no dia d'antes zombava,

que quasi se não conhecia ; hũas vezes tinha muito animo para obrar tudo por Deos, outras nem o tinha para matar hũa formiga por elle, se nisso achasse contradicção; hũas gostava de ser murmurada, e perseguida, outras hũa só palavra a affligia, e queria hir-se do mundo por não sofrer tanto. O mesmo diz ella sabia de outras muitas pessoas. Mas adverte a mesma Santa, (*cap.* 37.) que ainda que as almas neste estado por força das tentações caião em alguns defeitos, nunca terão o de não perdoar logo a quem as injuriou ; e que se virem que não ficão bem, e com amor á tal creatura, mas antes com desafeição, e sentimento, temão, e não creião que são de Deos os favores, que tem recebido.

CAPITULO IX.

Do Matrimonio divino.

519 A Excellencia deste espiritual *Matrimonio* declara S. João da Cruz em varias partes, principalmente na Canção 28. do seu admiravel cantico aonde diz que nelle se transforma em certo modo a alma com o Amado pela consumada união do amor ; e que a alma fica divina, e feita Deos por participação quanto he possivel na vida mortal ; pois assim como na consumação do matrimonio carnal se fazem os dous em hũa só carne, assim neste espiritual matrimonio entre Deos, e a creatura se juntão, e unem duas naturezas em hum só espirito, e amor ; e assim como a luz do fogo posta ao Sol se mistura com a luz delle, e já não luz o fogo, mas o Sol, o qual embebe em si todas as luzes, assim a pequenhez do espirito humano metido no immenso pelago de luz da Divindade já não apparece nada do que era, porque esta o absorbe, e transforma na sua mesma luz, e tudo parece Deos, e nada creatura.

520 Faz-se pois neste espiritual matrimonio hũa tal conjunção de ambas as naturezas ; e tal cõmunicação da divina com a humana, que sem algũa mutação de hũa nem

outra

outra qualquer dellas parece Deos; porque ſuppoſto iſto não ſeja, nem poſſa ſer perfeitamente na vida preſente, excede com tudo quanto ſe póde dizer, e imaginar; pois como aqui já a alma goza hũa certa eſpecie de bemaventurança, como a do ceo, já á proporção vive ſimilhante a Deos, e transformada na ſua Divindade; e como já não he ella a que vive, mas ſó vive nella Jeſus Chriſto, tambem vive vida de Deos, e góza do ſeu meſmo gôzo, e gloria na ſubſtancia d'alma nelle transformada. Da meſma ſorte fallão os Myſticos, que tratão deſte feliciſſimo eſtado, principalmente S. Thereſa, a quem devemos ſeguir, porque falla por ſciencia, e experiencia propria.

521 Vendo pois o Eſpoſo as ancias, com que a alma ſuſpira por elle, e lhe pede a leve a pós de ſi, para correr ao cheiro dos ſeus ſuaves unguentos, purgada já perfeitamente do amor da concupiſcencia, e attrahida ſó pelo da amicicia, com que deſeja prendello para nunca mais o largar athe o introduzir ao deſejado leito de flores, a chama com vozes amoroſas depois dos rigores do inverno, e horriveis tempeſtades das paſſadas purgações para o ſuave recreio da alegre primavera, e de hum tempo ſereno, e de colheita, em que ſe celebra o deſejado matrimonio. Para o que a introduz primeiro ao ſeu divino Palacio, que he aquella cela vinária aonde ordena nella a caridade, como ornato proximo, e diſpoſição immediata para entrar ás bodas do Cordeiro.

522 Eſta introdução, e diſpoſição immediata declara a Santa Madre (*Mor.7. C.1.*) deſta maneira. „ Pois quando „ Sua Mageſtade he ſervido fazer-lhe a merce deſte divino „ matrimonio, primeiro a mete na ſua morada, e quer „ Sua Mageſtade que não ſeja como outras vezes, que a „ tem metido neſtes arrobamentos; .... pois ainda q̃ en„ tão a une comſigo, não he chamada para entrar no ſeu „ centro, como aqui, mas ſó á parte ſuperior, e então „ nenhũa couſa entende, que as potencias todas ſe per„ dem. Aqui porém he de outra maneira; quer já o noſſo „ bom Deos tirar-lhe as eſcamas do olhos, e que veja, e „ entenda algũa couſa da merce, que lhe faz, ainda que

„ he

„ he por hum modo estranho: e metida naquella morada
„ por visão intellectual, por certa maneira de representa-
„ ção da verdade se lhe mostra a Santissima Trindade, e
„ todas as tres Pessoas com hũa inflamação, que primeiro
„ vem a seu espirito ao modo de hũa nuvem de grandissi-
„ ma claridade, e se lhe dá hũa noticia admiravel da ver-
„ dade deste mysterio.... Aqui se lhe cõmunicão todas as
„ tres Pessoas, e lhe fallão, e lhe dão a entender aquellas pa-
„ lavras, que disse o Senhor, que todas tres virião a mo-
„ rar n'alma, que o ama, e guarda os seus mandamen-
„ tos..... Parece que quer aqui a divina Magestade dis-
„ por a alma para mais com esta admiravel companhia.

523 Donde se vé que ainda nesta visão intellectual da Santissima Trindade não consiste o matrimonio divino, senão que ella he como hũa disposição prévia, e hum como ornato indispensavelmente necessario paraque a alma se faça capaz de tão divina merce; pois como diz a mesma Santa, fica habitualmente sempre esta presença, e companhia das tres Divinas Pessoas lá no mais interior, e fundo d'alma; mas não tão claramente como quando se lhe representa actualmente a primeira vez, ou outras, que Deos lhe quizer fazer esta graça; mas ainda, que não he com tanta luz, sempre fica habitualmente com esta divina companhia, e quando adverte se acha experimentalmente com ella tão certamente como se hũa pessoa estivesse em hũa casa com outras, e se serrassem as janellas, e ficassem ás escuras, que nem por isso ainda que as não vé, deixa de conhecer que estão ali.

524 Esta presença, e companhia das tres Divinas Pessoas, que a alma sente actualmente, e que habitualmente fica percebendo, digo eu que he hum certo grão de união, com que Deos como que introduzio a alma ao seu Palacio, e ahi a dispoẽ, e ordena nella a caridade, para que com este ornato seja digna de entrar ao gôzo do Senhor, e ao alto grão de união do matrimonio divino, ainda maior que o precedente: assim como o Rey Assuero primeiro de introduzir ao seu leito as donzellas, que escolhia por esposas, as admittia dentro do palacio, e ahi as mandava dis-

por

por com varios unguentos aromaticos, e orná-las com joias preciosíssimas por espaço de hum anno, e só depois disto erão admittidas ao seu thalamo.

525 O modo pois comque a mesma Santa diz que se celebra o espiritual matrimonio he este: (*ibi c.* 2.) A primeira vez, que Deos faz esta merce, se mostra Jesus Christo á alma por visão imaginaria da sua sacratissima humanidade, paraque ella o entenda, e conheça bem, e não esteja ignorante de que recebe tão grande dom; o que diz a Santa que assim lhe succedeu a ella, (mas a outras póde ser de outra sorte) e que lhe disse que já era tempo de que ella tomasse as cousas delle por suas, e elle tomaria conta das della, e outras palavras, que são mais para sentir, que para dizer; mas ainda aqui não he a união do matrimonio; porque esta passa secretamente no centro d'alma, e este apparecimento da humanidade do Senhor foi por meio dos sentidos, e potencias; mas o que passa na união do matrimonio espiritual he mui differente. Porque nesta apparece o Senhor no centro d'alma não em visão imaginaria, mas em intellectual, e mais delicada do que as antecedentes, como appareceu aos Apostolos sem entrar pela porta, e lhes disse: *Pax vobis.*

526 E he tão subida esta merce, e tão grande o deleite, que ali recebe a alma, que parece quer Deos naquelle instante mostrar-lhe por modo mais subido a gloria, que ha no ceo; e do modo que se póde entender, fica o espirito hũa mesma cousa com Deos, pois de tal sorte se quiz juntar com a creatura, que assim como os que já se não podem apartar, não quizera elle apartar-se della. Porém este matrimonio só se consuma perfeitamente no ceo, aonde a alma se junta, e une total, e perfeitamente com Deos em inseparavel consorcio, e vinculo indissoluvel; e por isso como nesta vida ainda se póde dissolver esta união, supposto que com difficuldade, he este matrimonio com Deos, como o matrimonio rato entre as creaturas, que ainda se póde dissolver em alguns casos, mas raros, e com difficuldade: mas em quanto elle dura visita o Senhor a sua esposa muitas vezes, não manifestando-lhe claramente

a sua

a sua face, mas cõmunicando-lhe as doçuras da sua divina presença com especial contacto: isto se entende actualmente algũas vezes álem daquella presença habitual, que dissemos lhe fica de toda a Santissima Trindade.

527 E a razão deste matrimonio he porque como pela graça, e caridade, se constitue hũa especial, e perfeitissima amizade entre Deos, e a creatura, e a amizade pede de si união entre os amantes não só por conformidade de affectos, mas tambem por inseparavel presença quanto for possivel, por isso, e por esta espiritual amizade se deixa Deos sentir da esposa intimamente presente, e a constitue sua amiga, e elle della por esta real existencia no centro d'alma. Donde se vê que este matrimonio espiritual não consiste só na união real, com que a graça une a alma com Deos; mas álem desta requer huma especial união de Deos ao entendimento, e vontade; o que se faz por illapso de Deos nestas potencias; não conhecido *intuitivè*, mas só *experimentalitèr* por indicios; porque ainda he *in caligine*, e na escuridade da fé: pois como aquella união real por graça he commua a todos os justos, não póde nella consistir a especial do matrimonio, que Deos só contráhe com as almas perfeitissimas, e assim só consiste no dito illapso.

528 E este illapso se faz desta maneira. Depois que a alma pela graça, e especial presença de Deos está como deificada, e similhante a elle pella participação da natureza divina, a mesma graça pelos habitos infusos das virtudes, que della dimanão, aperfeiçôa as potencias paraque fação seus actos perfeitos, especialmente o conhecimento, e amor, donde os mais tomão o valor, e a perfeição; e quanto mais a graça cresce, se augmenta, e se radica n'alma, tanto mais crescem o conhecimento, e o amor; e assim quando o amor chega ao oitavo gráo, que logo diremos, em que faz prender indissoluvelmente a alma com Deos, então se celebra o matrimonio espiritual; porque como diz S. Thomás, o que aperta prende; o que prende toca; o que toca não está longe; mas com hum modo maravilhoso arrebata, e he arrebatado; prende, e he preso, aperta, e he apertado; e hum, e outro se associão em vinculo de amor;

amor; porque o amor he vinculo, ou união do amante com o amado: e este une de tal sorte a alma com Deos, que ainda que ella não attenda a elle actualmente, sempre sente a sua presença no centro d'alma ou coma, ou beba, ou faça obras de virtude; porque este amor quanto he da parte de Deos he indissoluvel, e só he amissivel da parte da creatura por defeito; pois ainda não he matrimonio consumado, mas póde dissolver-se por culpa da creatura.

529 Consiste pois o matrimonio espiritual na real, e experimental união, que se faz por illapso de Deos no centro d'alma, e nas suas potencias entendimento, e vontade pelo modo dito, não por modo de acto transeunte, como nos esponsaes, mas permanente por modo de habito; porque he união de sua natureza perpetua, stavel, e permanente, que une os contrahentes não só por affecto, mas realmente; e por isso assim como no matrimonio corporal se dá maior união do que nos esponsaes, assim no espiritual. Donde se devem notar tres differenças, que ha entre o despoſorio, e o espiritual matrimonio. A primeira differença he que no despoſorio, ao menos no tempo em que se celebra, se absorbem todas as operações das potencias, e fica a alma cega, e muda, e privada de todo o sentido, e por isso não póde discernir, nem conhecer a grandeza desta graça, de que goza: mas no matrimonio abre-lhe Deos os olhos para que de algũa sorte conheça a graça, que então lhe communica, e se lhe representão as Pessoas da Santissima Trindade com visão intellectual, que tratão familiarmente com ella, e a enchem de muitos dons, e graças.

530 A segunda differença he que todas as graças, e favores, que Deos cõmunica á alma no despoſorio, as recebe por meio dos sentidos, e potencias; mas a união do matrimonio faz-se no centro d'alma, em que se manifesta Deos com visão intellectual muito mais sublime do que em outro qualquer gráo de união. A terceira differença he que na união do matrimonio além do excessivo gozo, que recebe a alma, fica como transformada

em Deos, e quasi inseparavel delle; mas no despozorio não succede o mesmo, pois ahi não sente a alma a continua presença de Deos, porque elle se esconde muitas vezes, porque o despozorio não une *inseparabiliter* como o matrimonio.

531 A differença da união entre o despozorio, e matrimonio se explica com este exemplo de S. Theresa. (*Mor. 7. c. 2.*) A união do despozorio he como se duas velas se unão tão apertadamente, q̃ acceſas ambas fação hũa só luz, e hũa só chama, mas não estão tão unidas que se não possão separar, e ficar duas como d'antes; mas o matrimonio se póde comparar com a agua, que chove sobre hum rio, que de ambas se faz hũa só, e já se não podem separar; ou com a luz de duas janellas que se ajunta na mesma casa, que ainda que na entrada são duas, dentro ficão sendo hũa só. Ou tambem com o fogo, que arde no madeiro, que em quanto o não faz em braza se vê que são dous fogo, e madeiro, ainda que unidos hum ao outro; e assim he o despozorio: mas feito o madeiro em braza fica tão transformado em fogo, e o fogo nelle que parecem hũa só cousa; e tal he a união do matrimonio.

532 Neste gráo de matrimonio não se experimentão as seccuras, trevas, e turbações interiores, que em outros gráos. Aqui fica a alma pacifica, sempre descansada, sempre em silencio, e sem estrepito, e percebe o que Deos nella obra suavemente; porque, como dissemos, não ficão as potencias sopitas, mas só atonitas, e admiradas. Tambem neste gráo ordinariamente se tirão d'alma os raptos, e extasis, que dantes tinha com frequencia, em quanto aos effeitos exteriores, que são sulpensão dos sentidos, carencia de calor natural, e quebrantamento do corpo; nem sente voar o espirito como dantes, ainda que tenha grandes motivos de devoção, mas só se recolhe dentro de si no intimo do seu centro para gozar do Esposo, que ahi habita, e de tal sorte se robora, e firma, que perde todas as debilidades, que antes padecia nos extasis, raptos, e vô-os do espirito,

ainda

ainda que conſerva tudo o que nelles era ſem imperfeição. Aqui declara o Senhor á ſua eſpoſa admiraveis ſegredos dos ſeus myſterios ; porque o mutuo amor não permitte ſegredo ; enche-a de dons precioſiſſimos , e ſe faz mutua entrega das vontades , para que de dous ſe faça hum ſó eſpirito.

533 S. João da Cruz (*Noite l. 2. c. 19. , e 20.*) depois de S. Bernardo , e S. Thomaz declara dez gráos , ou degráos da eſcada do amor , e caridade por onde ſe ſóbe a Deos , e á perfeição do eſpiritual matrimonio. O primeiro he em que a caridade faz adoecer a alma de amor. O ſegundo he em que o amor a faz procurar inceſſantemente ao Eſpoſo. O terceiro he em que a faz obrar continuamente , e tudo lhe parece pouco em obſequio do Amado. O quarto he em que a faz ſofrer ſem fatigar-ſe tolerando com goſto , e alegria por amor do Eſpoſo todas quantas fadigas , trabalhos , dores , e perſeguições lhe permittir. O quinto he em que a faz appetecer impacientemente a Deos. O ſexto he em que a faz correr velozmente para o Amado. O ſetimo he em que a faz atrever-ſe com vehemencia , e confiança para recorrer ao Senhor , e lhe preſentar com inſtancia as ſuas ſuplicas certa , e ſegura dos ſeus favores.

534 O oitavo gráo he em que o amor faz prender a alma indiſſoluvelmente com o Eſpoſo , o que já he matrimonio , porque todos os mais gráos são em diſtancia , mas eſte já he em preſença , e com eſtreito vinculo de união. O nono he em que a faz arder ſuavemente pela força do meſmo amor , com que ſe aperta com o Eſpoſo. Advirto aqui que quando S. João da Cruz diz , que eſte nono gráo de amor he dos perfeitos , quer dizer , que he , dos que chegão ao perfeito , e conſumado amor com Deos neſta vida , o qual ſó he depois que a alma por ſe ver unida , e enlaçada com Deos no ſuave matrimonio toda ſe abraza , e arde nas chamas daquelle divino incendio : e não quer dizer o Santo que eſte gráo he dos que eſtão no eſtado de perfeitos , ou via unitiva ; porque neſte ſentido não ſó eſte , mas os mais dos referidos gráos

de amor são dos perfeitos, como se colhe do que delles, e por todo este Resumo fica dito. O decimo gráo he em que o amor faz assimilhar a alma totalmente com Deos: o qual ainda que o mesmo Santo diz que já não he desta vida, pela clara visão, a que elle a conduz, se entende completa, e permanentemente; porque *inchoativè*, e *transeuntèr* ainda na vida o conseguem algũas almas perfeitissimas.

535 A união habitual, que no matrimonio se tem, não he outra cousa se não a graça habitual perfeitissima muito radicada n'alma, e dada *per modum permanentis*, mediante a qual, a alma se transforma em Deos quanto pede a medida da mesma graça, que Deos lhe concede; e esta he a graça que faz aos homens deiformes, e mais que homens, porque já toda a sua conversação he no Ceo. A esta graça habitual tão radicada se segue hũa certa união actual especial, em quanto as potencias d'alma, quanto pede o estado da vida presente, se unem com Deos; o entendimento por hum conhecimento quasi continuo, e como evidente, e a vontade por amor não só de desejo, mas de algũa sorte de saciedade, e fruicção. E desta união actual fruictiva resulta outra habitual, que se chama assim; porque com ella fica a vontade sigilada habitualmente para desprezar tudo o mais: e ainda que lhe seja necessario occupar-se em outras cousas por obediencia, ou caridade, ou obrigação de ministerio, com tudo, como se sente ordinariamente attrahida para aquelle summo bem, que antes gozava, e ainda espera, e deseja gozar, por isso se chama união habitual, ou por modo de habito.

536 E ainda que a alma nesta união habitual não tenha tão perfeita doçura, nem tão completo gosto, ou tão firme sossego dos sentidos; porque não goza do mesmo acto da união, com tudo como persiste neste estado, e goza de hũa certa deleitação, suavidade, e tranquillidade, por isso dissemos que esta segunda união habitual he o estado do matrimonio, que na união actual fruictiva se contrahio. Por esta união habitual fica hũa doce memoria

moria da passada união actual, e hũa esperança de a tornar a conseguir muitas vezes; e dimanão della no entendimento hũas certas vivas imagens mui expressivas das cousas celestiaes, que então se lhe objectáraõ, que ainda que as não póde bem declarar, servem muito á alma para a perfeita contemplação dellas, ainda que abstractiva. Neste estado do matrimonio divino he a alma levada ao paraizo espiritual, ou ao terceiro Ceo como S. Paulo; porque ali se lhe cõmunica á porporção como no Ceo hũa certa luz, e claridade superior, com que vê a Deos no centro d'alma, e o goza com admiravel suavidade, e percebe outros celestiaes arcanos.

537 Com esta união habitual, com que Deos une apertadamente a alma comsigo não só segundo a essencia, mas tambem segundo as potencias por modo de habito, e permanentemente, com a mesma une tambem comsigo muitas vezes actualmente as mesmas potencias com especial illuminação: ou para melhor dizer, todas as vezes, que as potencias se retrahem das cousas exteriores, e attendem ao interior, logo gozaõ actualmente da sociedade das tres Divinas Pessoas, que lhes cõmunicão suavissimos effeitos. E quando esta união actual se acha juntamente com a habitual não causa rapto, nem alienação dos sentidos, como a união actual fruictiva, que se dá antes da habitual, e como a dos desposorios, nem impede a alma o attender para as cousas exteriores, e interiores; antes a deixa mais expedita para todas as acções de virtude tanto interiores, como exteriores de todas as potencias, e sentidos; porque neste estado lhe cõmunica Deos o conhecimento de seus divinos segredos por idéas internas, e conceitos ao modo dos Anjos dentro do acto da fé, o qual conhecimento não impede as operações externas, antes faz a creatura mais habil como illuminada pela parte superior.

538 Mas he de saber que esta união actual nunca se concede continua, e sem interrupção; porque como ainda os justos caem muitas vezes no dia em defeitos, e culpas veniaes, & a união actual com Deos; não póde estar

tar com peccado ainda venial, por isso ainda que tenhão continua a habitual, muitas vezes se lhes interrompe a actual. E tambem porque se fosse ininterrupta, e permanente essa união seria a alma já perfeitamente bemaventurada na via; porque a bemaventurança consiste na perpetua conjuncção com o bem increado, o que só na Patria se concede. Mas ainda que nesta vida se não possa dar esta continua, e perpetua união, e por conseguinte nem bemaventurança completa, póde com tudo dar-se algũa participação da dita bemaventurança, e tanto maior quanto a operação for mais continua, e mais hũa. Por isso na vida contemplativa, que só se occupa á cerca he hũa cousa, que he a contemplação da verdade, he maior a razaõ da bemaventurança do que na activa, que se occupa em muitas cousas. Porèm nas almas perfeitissimas, e com auxilios extraordinarios póde a alma na contemplação durar em hum simplicissimo intuito, e suspensão amorosa por algũas horas, e neste sentido se devem entender os que dizem que se póde dar contemplação continua.

539 O summo gráo de contemplação, que he ver a Deos por essencia, não compete ao homem *permanenter* na vida mortal; mas com tudo no rapto per *modum transeuntis* póde succeder, e de facto a alguns Santos tem Deos concedido este supremo gráo de visão intuitiva, como foi a Moysés, a S. Paulo, e a alguns mais; e a Maria Santissima algũas vezes por muitas horas continuas. (*Mystic. Cid. P. 2. n. 14., 71., e seg.*) Nem tambem foi continuo o gráo de união affectiva, ainda nos privilegiados, porque este gráo não se dá, se não quando o coração sempre actualmente se emprega em Deos; e esta perfeição de amor he propria da caridade da Patria, que não he possivel na vida presente; só alguns tem della mais, outros menos. A Virgem Senhora a teve no summo gráo possivel na via.

540 Neste estado de matrimonio communica Deos ás almas alguns privilegios, que concedeu a Adam no estado da innocencia. Hum, e singularissimo, oi que era movido por Deos nas suas operações tanto da vida activa, como

como da contemplativa, e assim o são as taes almas, porque vivem transformadas em Deos, e já não vivem em si, mas vive Jesus Christo nellas. E assim como Adam no estado da innocencia podia exercitar hũa, e outra via activa, e contemplativa ao mesmo tempo, assim pódem as almas neste estado. Aqui andão altissimamente juntas Marta, e Maria sem ter de que se queixar hũa da outra, porque uniformes, e concordes acodem ao que he necessario, porque o Senhor com seu poder as quiz unir. Parece que tem a alma guardado hum retrete para si, e para Deos, donde nenhũa occupação a tira de estar com elle; assim como os Anjos, que nos guardão, que nem por isso faltão á visão clara de Deos.

541 Neste feliz estado he que propriamente a alma se chama templo, altar, e reino de Deos. Nesta união actual junta com a habitual consiste a felicidade inchoada, e a bemaventurança desta vida, porque he o supremo gráo de perfeição, e aqui se verifica aquelle mandato do Senhor: *Estote perfecti, sicut Pater vester cœlestis perfectus est*: isto he por imitação das virtudes do animo purgado, de que Deos he exemplar, para imitarmos, quaes são as heroicas, que deixamos explicadas, as quaes só são proprias dos bemaventurados na Patria, e de algũas almas perfeitissimas na via. Donde diz S. João da Cruz (*Llama Cant.* 2. §. 6.) q̃ quando a alma chega a esta união com Deos todos os seus effeitos, potencias, e operações de sua natureza imperfeitas se fazem como divinas; e como pela transformação elle he o que dirige a alma, já ella vive vida de de Deos, e se mudou a sua morte em vida, e as suas operações se mudárão em movimentos de Deos.

542 Mas he de advertir que ainda que os perfeitos contemplativos estejão neste tão alto gráo de perfeição, e tão transformados em Deos, nem por isso estão isentos das paixões, que perturbão o entendimento no conhecimento, e a vontade no amor; porque paixões d'alma são o mesmo que affectos, ou propensões do sensitivo, que pertencem á parte appetitiva, e de si, e de sua natureza não são más, se não quando são contra a razão, ou fóra della, e sendo impe-

imperadas, ou não prohibidas pela vontade superior; e tambem porque são materia de exercitar as virtudes oppostas aos vicios, a que ellas incitão. Porém os justos contemplativos em summo gráo commummente já não sentem as paixões em quanto são perturbativas dos actos da razão, e induzem a peccado mortal; porque da união affectiva da caridade nasce a paz, e o seu effeito, ainda que não tão perfeita como na Patria; e como a paz consiste na conformidade do appetite com a razão, desorte que esta se não aparte de si, nem de Deos, nem do amor do proximo, por isso então os justos não sentem as taes paixões. Disse: *commumente*; porque assim como os justos peccão venialmente, tambem podem peccar mortalmente, e ainda que estejão livres das paixões, não estão livres das tentações, em que podem cahir.

543 Tambem lhes fica ainda neste estado o *fomes peccati*, e os motos *primo primos*, *e o secundo primos* que delle nascem; por isso S. Paulo sentia em seus membros hũa ley, que repugnava á ley do seu entendimento; e em todos a carne deseja contra o espirito, e este contra ella. Só em Maria Santissima não ouve este fomes, e pugna das partes superior, e inferior, porque não teve peccado original, nem actual; nem tambem Adam no estado da innocencia o tinha, porque foi effeito da primeira culpa. Os perfeitos contemplativos ainda que não podem viver ordinariamente sem peccados veniaes por descuido, e inadvertencia, porque nenhum por mais justo, contemplativo, e amado de Deos que seja, depois do peccado de Adam tem vivido sem elles, nem póde evitá-los se não com especial privilegio, e graça de Deos, como he de fé o teve Maria Santissima; podem com tudo evitar os veniaes por advertencia, e propria malicia. Advirto que para que hum seja, e se chame propriamente varão contemplativo não basta que hũa ou outra vez contemple, mas he necessario que dedique toda a sua vida á contemplação.

544 Advirto ultimamente que os sobreditos effeitos da intima união com Deos, e matrimonio divino não estão sempre em hum ser; porque como disse, algũas vezes

deixa

deixa Deos a creatura em seu natural, e então parece se levantão contra ella todos os vicios, e paixões com maior força, ainda que ordinariamente he por pouco tempo; raras vezes passará de hum dia: e nesta grande tormenta, que de ordinario procede de algũa occasião, ou causa, que lhe deu, conhece a alma a paz, que possue quando não está nesta guerra, e quanto deve a Deos na grande merce, que lhe faz, e o louva por isso. Nem por estas almas estarem tão resolutas a não commetterem hũa imperfeição deixão de cahir em muitas, e ainda em pecados veniaes, que dos mortaes, ainda que não estão seguras, ordinariamente as livra o Senhor. E estas imperfeições, e venialidades são as sete quedas, que se diz na Escriptura dá o justo, e se levanta; porque neste estado he que a alma propriamente se chama justa; pois tem chegado ao estado da perfeição dos justos, que he a virtude heroica.

CAPITULO X.

Da especial união d'algũas almas perfeitissimas com Jesus Christo no Santissimo Sacramento da Eucharistia.

545 HE Sentença de muitos Mysticos com S. Boaventura, (*Itiner. 6. ætern. d. 6. e 7.*) e o ensina a experiencia que se dá hũa especial união entre algũas almas perfeitas, e Jesus Christo Sacramentado quando o recebem, e tem em seu peito cõmunicando-se-lhes ao corpo, á alma, e suas potencias por hum modo admiravel. Esta união não he só a com que as almas se unem com Christo, e se fazem moralmente hũa mesma cousa com elle por affecto de caridade, que esta he commũa a todo o Christão, que o receber dignamente mais, ou menos forte segundo a maior, ou menor graça, e disposição do sugeito: mas he hũa união real, immediata, e fruictiva com Christo no Sacramento como a do matrimonio espiritual com Deos; a qual só se concede ás almas perfeitissimas, que amão, e desejão ardentissimamente aquelle divino sustento: mas não se segue daqui

que a dita união seja só concedida ás almas no estado do matrimonio; pois assim como a união com Deos tem os tres gráos, que em seu lugar deixamos explicados, assim nesta póde Jesus Christo cõmunicar-se mais, ou menos, como for servido, ou conforme a disposição, que achar n'alma. E assim hũas vezes será esta união comparada á das vistas dos Esposos, outras á dos desposorios divinos, outras á do espiritual matrimonio.

546 Esta união não he outra cousa mais que a intima manifestação da presença de Christo, que está oculto no divino Sacramento, não tanto por visão, ou revelação, como por abraços dulcissimos, com que aperta a alma tão suave, e inefavelmente, que ella percebe certissimamente a sua real presença, e os seus doces osculos, e abraços: e para fallar em termos proprios, o conhecimento vital, e gosto do mesmo Christo, que existe no Sacramento, pelo qual conhecimento, ou divinissimo contacto se percebe realmente a sua amavel presença, se gosta a sua bondade, e doçura na fonte; e esta he a verdadeira união, e noticia experimental do mesmo Christo não só por affecto, mas por hum oculto contacto, e união immediata, e real d'alma com Christo.

547 E por isso assim como a união fruictiva, e extatica d'alma com Deos he hum certo illapso, e manifestação da parte de Deos, com o qual elle se infunde n'alma unindo-se intimamente com o entendimento em razão de luz summa, e com a vontade em razão de summo bem, e summamente deleitavel, o qual illapso se chama osculo, ou abraço de Deos, ou manifestação da sua face, e da parte d'alma he a percepção experimental deste Divino objecto por todos os sentidos internos, á qual união experimental se segue a transformação, ou liquefacção d'alma, á liquefacção se segue o extasis, ou deliquio, e a este a absorbição de Deos: assim a união real de Christo no Sacramento, que algũas vezes succede ás almas purissimas, que o recebem, não he outra cousa se não hum illapso, ou manifestação do mesmo Christo, que existe actualmente no Sacramento, o qual assim se mostra

ás

ás almas perfeitiſſimas, e muito purgadas debaixo da razão de ſumma luz, e ſummo bem, que chega com hum diviniſſimo, e inefavel contacto, não ſó á carne, mas tambem ao eſpirito.

548 Porèm eſte contacto, e união não conſiſte ſó em que Chriſto por intimo affecto, e por modo de ſuſtento obre dentro de nós, como algũs julgárão; porque eſta união he ſó moral, e por nenhuma razão ſe póde dizer real; porque então ſó pela fé ſe crê, e conhece preſente; mas conſiſte da parte de Chriſto no ſuaviſſimo, e real amplexo, e oſculo dulciſſimo, que o meſmo Senhor dá á ſua amada eſpoza, que ancioſamente o ama; e dezeja; e da parte d'alma conſiſte na mutua, e reciproca união, ou abraço, á qual ſe ſegue a experimental, e dulciſſima percepção do meſmo Chriſto, pela qual goza de hũa eſpiritual doçura no meſmo Deos: porque eſtas almas puriſſimas não ſentem ſó a união por fé, e por affecto, mas real, e conſumada com o amplexo do meſmo Chriſto.

549 Eſta união real d'alma com Chriſto na Euchariſtia provão os Myſticos com muitos textos da Eſcriptura, authoridades dos Padres, e com razões, que nelles ſe podem ver. Neſte conhecimento experimental de Chriſto o entendimento ſente, e conhece vitalmente a preſença do meſmo Senhor de tal ſorte, que não póde duvidar que eſtá elle unido a ſeu eſpirito, ainda que o não vê clara, e intuitivamente, aſſim como ás eſcuras ſe perceberia o abraço, e oſculo de outra peſſoa, e ſe teria certeza da ſua preſença, ainda que ſe não via. Mas algũas vezes o meſmo clementiſſimo Senhor ſe deixa ver não ſó na eſcuridade da fé, mas tambem clara, e intuitivamente com viſão não muito diſſimilhante (quanto a iſto) daquella com que os bemaventurados o vêm no Ceo; ainda que não com tanta plenitude de gloria, e clara viſão da eſſencia divina.

550 Neſta viſão ſe faz o entendimento tão certo da preſença de Chriſto não ſó nas eſpecies ſacramentaes, mas tambem em eſtreita união com a alma, que

esta certeza lhe faz evacuar a fé deste mysterio por aquelle breviſſimo tempo da visão clara : e se fallarmos da vontade, he certo que ella no tempo deste illapso se abraça dulciſſimamente com Chriſto immediatamente presente, e que gosta, e goza suavemente da sua amavel presença, e doce osculo ; e por isso então está perfeitiſſimamente unida com Chriſto, e o ama, e sente, e goza perfeitiſſimamente. E assim como a bemaventurança Celestial consiste na manifestação, ou manifesta visão do mesmo Deos, e na união do entendimento, e vontade com elle, assim esta união, ou vital percepção de Chriſto, que se póde chamar bemaventurança inchoada, não he outra cousa senão a percepção, ou conhecimento vital de Chriſto existente no Sacramento, com que tanto o entendimento como a vontade tocão immediatamente o mesmo Chriſto, porque estas potencias são como dous braços, com que a alma se aperta, e une com elle.

551 E assim nesta suaviſſima união a alma ainda nesta vida arrebatada fóra de si pela violencia do amor adormece, e dorme com regalado somno, e pelo excesso do entendimento arrebatado fóra de si se absorbem todos os seus sentidos internos, e externos : mas esta feliciſſima presença do Esposo não dura senão em quanto senão consomem as especies Sacramentaes, e muitas vezes nem tanto. He rara a hora, e breve a mora, diz S. Bernardo. E de tal sorte, e com modo tão maravilhoso se une Deos com as almas nesta Sacramental união, que attrahe, e transfórma em si todo o homem ; de sorte que não se póde excogitar nesta vida união mais conjuncta, e transformação mais verdadeira, nem mais perfeita : e assim como o fogo de tal sorte consome toda a materia do madeiro, que este já não parece madeiro se não fogo, e se faz hũa mesma cousa com elle, e perdida toda a similhança de madeiro de tal sorte se transfórma em fogo, que athé se chama fogo, e não madeiro ; assim a alma neste divino contacto desfazendo-se toda de si se une com Chriſto, e se transfórma nellè com modo inefavel ; de tal sorte que por aquelle breviſſimo espaço illustrada

toda

toda com o divino esplendor de Jesu Christo, e totalmente affogueada com o seu amoroso amplexo parece que se fez, e converteu toda em Christo, e póde dizer verdadeiramente com o Apostolo: *Vivo eu já não eu*; mas vive Christo em mim.

552 Mas ainda que Christo, quanto he de si, está preparado para conceder liberalmente esta manifestaçaõ de si mesmo a todos os que se disposerem dignamente para esta real união, e amplexo; com tudo são raros a quem a concede por falta de disposição; pois ainda que bebem todos os amigos, só os carissimos se chegão a inebriar. (*Cant.* 5.) Ditosa a alma; que for introduzida a esta cela vinaria, que o Amado ordenará nella a caridade. Donde se conclue que sendo tanto o fervor da Caridade nesta morada de Christo, quasi nunca acontece esta fruictiva união sem extasis, ou rapto; mas não se deve daqui inferir que sempre que a alma se eleva em extasis na recepção do Sacramento, se eleva a esta feliciſſima união; porque póde succeder o extasis sem ella, como muitas vezes succede aos principiantes por especial doçura, que algũas vezes recebem neste diviniſſimo sustento, e assim álem do extasis se requer para a união a experimental percepção, e conhecimento de Christo, e do seu oſculo, e vital amplexo.

553 Esta união assim real he só entre Christo, e a alma, e suas potencias; porque entre o nosso corpo, e o de Christo regularmente só se dá união moral mystica fundada d'algum modo no vinculo corporal, ou conjuncção do corpo de Christo com a nossa carne por meio das especies Sacramentaes; porque nem se sente realmente o corpo de Christo, nem se vê com os olhos corporaes, ou intellectuaes, mas só com os da fé, nem regularmente se percebe presente com algum outro sentido; e sem algum tacto, ou percepção do sentido não se póde dar a dita união real entre o nosso corpo, e o de Christo. Mas ainda que regularmente se não dê, com tudo algũas vezes acontece por especial favor, e disposição de Deos dar-se esta união real não em todos os que digna-

dignamente comungão, mas só naquelles, cujo entendimento se eleva por dignação divina para ella; porque nestes não só o seu espirito toca immediatamente o corpo de Christo, mas tambem a sua carne sente a presença do Senhor com inefavel contacto; porque ainda que o corpo de Christo no Sacramento seja insensivel, e imperceptivel, nestas occasiões por divina virtude toca, e he tocado, percebido immediatamente não só pelas almas perfeitissimas, mas tambem pelos corpos, que ellas animão.

554 Esta união tanto do nosso espirito, como da nossa carne com o mesmo Christo, e sua carne he similhante á que agora experimentão com elle no Ceo as almas separadas, e experimentarão tambem os corpos depois da resurreição. Pois assim como no Ceo se ha de unir Christo por modo inefavel com as almas dos bemaventurados, e estas se hão de transformar nelle de sorte que Christo viva nelles por união real, e elles em Christo; e o corpo do mesmo Christo se ha de unir á carne dos bemaventurados não por penetração, mas por hum doce amplexo, e osculo divino; assim da mesma sorte á proporção succede nesta vida a algũas almas muito purgadas; de sorte que não só Christo pelo modo dito, mas tambem a carne de Christo se une com os seus corpos, e na sua carne sentem a carne de Christo unida, e conglutinada realmente por modo inefavel; de sorte que depois que recebem o Sacramento tambem os seus corpos por dignação divina começão a perceber, e gozar os fructos da felicidade eterna. Deste contacto de Christo com a nossa carne se diriva nesta hũa virtude admiravel; porque sae de Christo tal virtude, que não só sára as almas, mas tambem os corpos, e os corrobora, e reforma, e lhes influe hũa admiravel sugeição ao espirito, e faz os seus membros armas de Justiça como dos corpos gloriosos; e elles começão a vestir as qualidades de Christo por imagem, e similhança sua.

555 A união entre Christo, e os que dignamente o recebem he de quatro maneiras. A primeira he por affe-

cto

cto de caridade, a qual he commũa a todos os que o recebem dignamente, a qual differe daquella geral, com que os juſtos ſe unem com Deos por caridade, porque a geral reſpeita propriamente a Deos, e a Sacramental reſpeita a Chriſto exiſtente realmente em nós neſte Divino Sacramento excitando-nos o eſpirito para ſe unir eſtreitamente com o do meſmo Chriſto. A ſegunda he quando Chriſto ſe une tão immediatamente com a alma em real conjunção não ſó por affecto, mas tambem por effeito, que ella percebe ſuaviſſimamente a ſua preſença; o que nunca ſuccede ſem exceſſo do entendimento, ou extaſis, e a pouquiſſimas, e muito ſantas almas. A terceira he quando não ſó as almas percebem a real preſença de Chriſto por modo inefavel na dita união, mas tambem elle ſe une com os corpos, e a noſſa carne ſente a carne de Chriſto por modo inefavel. A quarta he quando Chriſto por meio das eſpecies Sacramentaes ſe une com a carne dos que o recebem dignamente, a qual união mais ſe deve dizer moral, e Myſtica, do que real.

CAPITULO XI.

Dos exercicios da Via Unitiva, ou eſtado de perfeitos, e da ordem, e modo de os preſcrever o Director.

556 NEſte eſtado ſe deve a alma recolher com Deos ao deſerto do ſeu interior, aonde elle a chama; e a quer levar para ahi lhe fallar ao coração. E como começa a ter hum trato mais familiar com Deos, pois entra neſte eſtado pelo ſacrificio, que lhe faz, de ſi, e da ſua alma no amigavel deſpoſorio, deve guardar reſpeito, e fidelidade a hum tão amavel Epoſo, e abſtrahir-ſe de todo o comercio, e trato de creaturas, que não for ordenado á caridade, ou ſerviço do meſmo Senhor. Deve ter hũa ſanta ambição de aproveitar, e não deixar perder hum inſtante do pouco, e precioſo tempo, que lhe reſta para viver neſte mundo, trabalhando com inceſſante cuidado pelo occupar todo com Deos, ou com miniſte-

miniſterios, que conduzão ao recto fim: ha de ſer o ſeu divertimento com Deos, a ſua converſação nos Ceos, a ſua occupação as virtudes: ha de ſer o ſeu viver Jeſus Chriſto, e o morrer o ſeu lucro.

557 Quando o Director vir pelos ſinaes, que ficão inſinuados, que a alma tem acabado a terrivel, e diuturna purgação do eſpirito, e a chama Deos ao feliz eſtado da união infuſa, e deſpoſorio divino, ſeja elle vigilante, e cuidadoſo em ajudar a Deos, e á creatura capacitando-a do que Deos della pertende, que he tomar inteira poſſe do ſeu coração, e vontade, e uni-la comſigo intimamente, e toma-la por ſua verdadeira eſpoſa, para o que não deve ella já admittir reſervas no coração, nem divisão na vontade; deve o ſeu amor ſer intenſo, ſincero, unico, e total para o Amado; e o cuidado, e emprego de ſua alma, de ſuas potencias, e ſentidos todo dirigido ao ſeu obſequio, e abſtrahido de todo o creado: finalmente ha de ſer já mais do Ceo, do que da terra; ou para melhor dizer toda daquelle, e nada deſta, nem ſua; porque ſe deve diſpôr para entrar no palacio do Rey, e viver com elle em vinculo de amor; e quanto mais alta he a dignidade, a que vai ſer ſublimada, mais exactas devem ſer as diſpoſições, e mais cuidadoſo o exercicio das virtudes, que ſão o dote, e o ornato, que nella ha de achar o Senhor para a admittir por eſpoſa.

558 Quando o Senhor ſe dignar chama-la para mais alto, e admitti-la ao deſpoſorio divino, faça o Director que ella quando eſtiver no eſtado activo em tudo obre conforme aos favores, que recebe de Deos, praticando as virtudes com diligencia, e fazendo quanto poder por adquiri-las no gráo heroico, que he a diſpoſição para o futuro matrimonio. Nas viſões, locuções, extaſis, e mais favores divinos obſerve o que em ſeus reſpectivos lugares diſſemos, principalmente aqui no capitulo quarto, ſempre fazendo-a capacitar de que nelles não eſtá a virtude, nem a perfeição, nem o merecimento, e que por iſſo meſmo que ſão favores a deixão mais obrigada, e tanto mais quanto menos os merece, e por iſſo a devem

fazer

fazer mais confuſa , e humilde , e não deſvanecida , e ſatisfeita , porque não são prova de bondade nella , ſe não ſó no Senhor que lhos concede , e por iſſo deve mais temer a ſua ingratidão , e falta de conreſponden-cia.

559 Admoeſte-a que tema o engano , que póde haver, e que nada acredite , nem execute ſem o prudente dicta-me da Obediencia , a quem deve dar fiel conta de tudo : que ſó eſtime as virtudes , e as occaſiões de padecer pe-lo Senhor , e que as conſolações , e gozos os deve renun-ciar da ſua parte , e ſó eſpera-los na Patria aonde são com-pletos , eternos , e ſem perigo ; que ainda ſendo verda-deiros os acceite como taes com humildade , e como cou-ſa da mão de Deos , beijando-a , reſpeitando-a , e aten-dendo mais a ella do que ao que della recebe ; e deſtes dons tome ſó os bons movimentos , e o que póde ſervir de proveito , e de incentivo para a virtude , não atten-dendo muito ao modo da communicação , nem á ſuavida-de , que nella recebe , mas ſeguindo ſó os bons movi-mentos , ſem ſe demorar no gozo ſenſivel. Pelos effeitos conhecerá o Director de que eſpirito procedem os favo-res , como eſtá dito.

560 Na purgação do fogo , ou do amor quando o inſtrumento della for o meſmo amor , ou o meſmo fogo não deve o Director procurar-lhe lenitivos , ou meios , com que ſe diminúa o ardor , e ſe mitigue a dor , ou cure a ferida , porque ſeria encontrar a vontade , e diſ-poſição do Senhor ; antes deve fazer da ſua parte que o fogo ſe accenda mais activo ; que o amor levante la-vareda athé o Ceo ; que a dor creſça athé as portas da morte ; e que a ferida ſe profunde no coração athé che-gar a divisão d'alma , e do eſpirito : mas quando eſta purgação ſe fizer por auſencia , e retiros do Amado , que muitas vezes aqui acontecem , como eſtá dito , deve o Director haver-ſe com ella humana , e caritati-vamente animando-a , e confortando-a neſta cuſtoſiſſima auſencia , que ainda que não he por muito tempo , que não o ſofre o amor do meſmo Senhor , com tudo he maior

tormento aqui hum instante da sua ausencia do que muitas horas nas outras purgações : certifique-a de que não tardará o Esposo se ella lhe souber ser fiel ; que não cesse de o chamar, e buscar por becos, e ruas da Cidade ao modo da Esposa Santa, que peça noticias delle ás guardas da Cidade, ás filhas de Jerusalém, que são os Anjos, e Santos do Ceo, e ás creaturas da terra ; e o Senhor premiará suas fadigas com a sua doce presença : e observe o mais, que nas purgações do sentido, e do espirito fica insinuado.

561 Aqui mais propriamente, e com mais diligencia se deve a alma desoccupar de toda a propriedade, apêgo, ou desejo da propria vontade tanto a respeito de conveniencias temporaes, como do espirito ; mas em hũa perfeita aniquilação de si mesma, e dos desejos do seu coração toda se deixe nas mãos, e disposição do Senhor, para que elle obre nella o que for de seu divino beneplacito sem achar óbice, ou embaraço na creatura ás obras da sua providencia, que obra com sabedoria infinita, e sempre o que melhor conduz para o nosso bem.

562 Esta aniquilação, ou total deixação de si mesma juntamente com hũa imperturbada paz do coração em todos os acontecimentos sejão prosperos, sejão adversos, que tambem aqui deve conservar a creatura, he a que se chama propriamente *Morte Mystica*, que he morrer para todo o creado, e viver para o seu proprio querer, e sentimentos, como se ja na realidade morresse para tudo, vivendo só para Deos ; e assim como hum morto nada sente, nem já se perturba, ou inquieta, nem se alegra, nem entristece, nem estima as honras, nem as vaidades do mundo, não repara se o tratão com estimação, ou com despreso, está onde o poem, vai para onde o levão sem repugnancia, não attende a se há desgraças, ou felicidades no mundo ; porque nada já lhe emporta, e para tudo tem já os olhos fechados, como quem já não he deste mundo ; assim a alma se deve aqui suppor morta, ou matar-se mysticamente, como quem já não tem aqui a sua cidade permanente, nem he já do mundo senão do Ceo,

e

e fechou já os olhos para todos os acontecimentos, que a poſsão divertir deſte cuidado.

563 Eſta morte Myſtica, e total inadvertencia a todas as couſas creadas, q̃ não ſejão ordenadas a Deos, he diſpoſição indiſpenſavelmente neceſſaria para o matrimonio divino; porque como nelle ſe ha de fazer a alma divina, he neceſſario que não tenha nada de humana; iſto he, que nenhum cuidado humano, e terreno a domine. Faça-ſe pois aqui o Director hum caritativo tyranno, que accenda com mais actividade eſta fornalha do amor; faça que a alma ſe conſuma, queime, abraze naquelle Sagrado incendio athé ſacudir toda a eſcória, e fezes do amor proprio, que nada tenha de inquieto, e violento ainda no amor para com Deos, ſenão todo pacifico, e ſem eſtrondo, ou impulſos, que cauſem fadiga; ſenão que como o que ferido mortalmente, perdido todo o alento, ſe reclina nos braços de hum intimo amigo, e nelles morre deſcanſado, aſſim a alma ſe recline nos braços do Amado, iſto he no ſeu beneplacito, e vontade, ahi ſofra pacifica a goſtoſa dor daquella amante ferida, e ahi gozoſa, e deſcanſada morra a tudo o que não he viver no Amado, e para o Amado.

564 Nem tema o Director que a alma morra á força deſta doença mortal; porque eſta enfermidade não he de morte, mas para que ſe manifeſtem nella as obras de Deos: e ſe morreſſe, feliz morte ſeria eſta, pois era acabar como Moyſes no oſculo do Senhor. Mas no caſo que o affecto de amor, por não ſer puramente eſpiritual, ſeja tão vehemente, que deſtrua demaſiadamente as forças do corpo, procure que de algũa ſórte as refaça; mas com ſábia, e diſcreta cautela para que não ſeja mais, nem menos do que importa. Não conſinta que a alma fuja daquelle fogo purgativo, que a anda diſpondo, com o pretexto de outros exercicios, ou diverſões, pois a natureza opprimida com aquella ardente pena infuſa deſeja ás vezes aliviar-ſe do peſo, e afflicção, ainda que goſtoſa; o que de nenhũa ſórte convem; pois ſó por eſte meio ſe póde fazer a admiravel obra deſta altiſſima aniquilação, e

purgação, que regularmente não dura muito tempo; porque o Divino Esposo (a nosso modo de explicar) como impaciente de se communicar todo á sua amada no vinculo indissoluvel, não sofre demoras.

565 Este estado he todo de contemplação infusa, para a qual deve o Director dispor a alma pelo modo já mais vezes advertido, não lhe consentindo discursos, nem obras do sentido; senão que em hũa total nudez de potencias vá pela escuridade da fé, e ahi persevere athé ser illuminada do Senhor, que não tarda em visitar a alma, que assim se dispoem: mas em quanto, ou quando elle não a levar ao acto da contemplação infusa persevere ella na adquirida, que ha de ser a sua occupação activa: mas nem por isso, como diz aqui S. Theresa, (*Mor. 6. c. 7.*) deve deixar de meditar nos mysterios da nossa Redempção, e vida de Christo, de Maria Santissima, e dos Santos; porque estas memorias, principalmente a de Jesus Christo, tanto não embaração, que antes ajudão muito ao recolhimento activo, e passivo, e não encontrão a simplicidade da fé, como dissemos, (*a n. 251.*) e sempre esta deve ser a porta, e caminho por onde se vá ao Pay, e o arrimo das almas, que não acharem meio de poder meditar, ou contemplar. Mas a ordinaria materia da oração neste estado deve ser a Divindade, e seus mysterios, perfeições, e attributos; e estas mesmas perfeições se devem conhecer em Jesus Christo, quando elle for o objecto da oração, como dissemos. (*n. 228., e 251.*)

566 A presença de Deos deve ser intellectual, e contínua, e que a creatura a procure activamente quando Deos lha não der passiva. As jaculatorias sejão frequentes, e todas dirigidas ao amor de Deos, e a inflamar nelle o coração; expressivas das saudades de o ter, das ancias de o gozar, e dos desejos de se unir com elle em estreito abraço, e doce osculo. A Communhão póde aqui ser quotidiana, ou com a frequencia, que parecer ao Director; mas he bem que prove o espirito da creatura, ou lhe dê o merecimento da obediencia, e desejo negando-lha algũas vezes; e tambem para lhe tirar algũa propriе-

priedade, que vá tendo á consolação, que com ella recebe; principalmente se vir que se entristece, ou obedece com custo.

567 Como aqui he a oração a vida d'alma, e o cuidado quasi contínuo, em que se occupa, não deve o Director prescrever-lhe tempo diminuto; nunca porém tanto, que deixe de attender a outras obras de virtude, devoção, e caridade; principalmente ás da obrigação do proprio estado, ou ministerio, e muito menos ás da obediencia aos Superiores. Em penitencias não lhe seja tambem escasso, porque aqui lhe dá Deos grandes desejos de as fazer, e forças conrespondentes a ellas, e lhe he mortificação a falta de saude por não poder fazer tantas como queria; mas ainda que padeça algũas molestias como não sejão graves, não deixe de lhe dar nisto algũa larga, como, e pelo que em outro lugar fica dito. (*n.* 427.)

568 Quando o Director vir, que a divina bondade, cujas delicias são estar com os filhos dos homens, se começa a communicar á alma no matrimonio divino, e que ella já entra a gozar dos doces osculos, e castos abraços do Esposo, pouco lhe resta já que fazer na sua direcção, pois já então todo o modo de obrar d'alma he divino, e obra ao modo de Deos, como dizem os Mysticos; porque ainda que he certo que a alma obra de si, he tambem sem duvida que obra mais nella Jesus Christo, em quem já vive mais do que em si, e elle como já unido, e feito hũa mesma cousa com ella, rege, e domina misericordiosamente toda a sua moral harmonia, e se constitue seu Mestre, e particular Director, e a faz levantar espiritualmente tanto ao conhecimento divino, que todos os sentidos, potencias, e payxões vivem como cativos da razão, e o espirito tão abstrahido delles, que em nada lhe servem já de embaraço para o estreito comercio, e amigavel trato com Deos. Aqui já não ha caminho natural, e determinado para a alma, como diz S. João da Cruz, (*Symbol. do Monte Carm.*) mas só Jesus Christo he o seu caminho; e guia; por isso não tem tanto que fazer o Director.

569 Mas

569 Mas ainda que he certo que Deos a toma á sua direcção, quer com tudo que esteja sugeita ao Director para o merecimento da obediencia, e tanto que como já dissemos, (*n.* 424.) se esta he opposta em algũa cousa á divina, cede Deos da sua, e manda sugeitar á humana. Por isso ainda que com a alma, que estiver neste estado, pouco, ou nada reste que fazer ao Director em quanto á direcção interior das potencias, deve com tudo tê-la sugeita, e obediente em quanto ás operações externas, e acções commuas; mortificá-la na propria vontade; não condescender sempre com os seus desejos; prová-la com trabalhos, e actos humildes; privá-la da Sagrada Communhão algũas vezes, e obrar com ella tudo o que prudentemente julgar necessario para a conservar em humildade, despreso, e conhecimento proprio, em negação de si mesma, e pobreza de espirito; pois em quanto viver vida mortal está sugeita a perigos, e cercada de inimigos tanto mais diligentes, e raivosos, quanto mais a vem separada do seu dominio, e tanto mais humilhada, e abatida a deve trazer o Director quanto mais Deos a traz mais favorecida, e mais altamente occupada.

570 Attenda sempre o Director ás suas obras, e aos seus effeitos, para que ás vezes não seja enganada, e conduzida mais pela propria vontade, ou leveza, do que pelo espirito do Senhor: principalmente se o que intenta se oppoem á prudencia, á virtude, ou ás obrigações do proprio estado, não o acredite; pois deve regular-se mais pela prudencia, que he a perfeita regra de obrar bem, do que pela informação, ou inspiração da creatura. Conserve-a no santo temor de Deos, e persuada-a a que se não dê por segura; porque se se fiar em si, e se elevar, ou tiver algũa estimação de si mesma, cahirá tristemente com queda tanto mais ruinosa quanto de mais alto a dá; lembre-lhe que assim cahírão algũas columnas fortissimas da Igreja, das quaes hũas se tornárão a levantar por misericordia de Deos, outras derão segunda queda no Inferno, e não se levantaráõ para sempre.

571 Por isso ainda que Deos, e as suas perfeições, e attri-

attributos são o objecto, que de ordinario lhe traz occupado o entendimento, e a vontade, não deixe de lhe fazer recordar algũa vez os seus peccados, os novissimos, e a sua propria vileza, (o que tambem deve praticar nos mais estados) pára que vá seguro o edificio sobre fundamentos solidos, o qual supposto já está edificado athé o alto, cahirá se se arruinar o fundamento, que he a humildade: e he prudencia do Architecto, ainda quando vai concluindo a obra, olhar de quando em quando os alicerces, a ver se ficão seguros; que emportaráõ pouco as perfeições dos pórticos, das bases, e dos capiteis se se descuidar do fundamento, e este falte, que perderá o trabalho, e a obra. Aqui deve não ter limite a oraçaõ, porque todo o lugar, e todo o tempo he della, nem já sabe outra cousa senão contemplar o summo bem. A presença de Deos he contínua, habitual, e experimental, a qual elle mesmo infunde; e elle tambem inspira, e ensina as jaculatorias ao coração, o qual, anda em continuos colloquios com o Amado respondendo, e attendendo ao que elle lhe falla.

572 A Communhão Sacramental he bem seja quotidiana, excepto quando parecer ao Director para prova, e exercicio do espirito. As espirituaes devem ser mui frequentes; e sejão poucos os exercicios externos, porque Deos a chama á occupação interior. Penitencias poucas poderá fazer neste estado; porque aqui ordinariamente tem a saude perdida, e padece dores, e enfermidades graviſſimas; o que lhe he grande tormento, não pelo que padece, que isso lhe dá gosto, mas porque lhe embaraça o mais, que queria padecer, em grandes, e rigurosas asperezas, jejuns, e penitencias; por isso diz S. Theresa, (*Mor. 7. c. 2.*) que aqui lhe serve de grande penitencia o não a fazer, porque o fáze-la lhe he grande deleite; e que a verdadeira penitencia he quando Deos lhe tira a saude, e forças para a não poder fazer. Por tanto quando as enfermidades derem algum lugar, não tema o Director condescender prudentemente com os desejos da creatura, que Deos dá as forças como as inspirações,

e

e são aqui as penitencias remedio, que athé curão as dores, e enfermidades do corpo, como já disse. (*n.* 427.)

CAPITULO XII.

De algũas instrucções de S. João da Cruz mui uteis aos Directores.

573 COmo o intento, com que emprehendi esta obra, foi o dar algũa instrucção, e luz aos Directores, que por falta de livros não tivessem a necessaria para hũa ordinaria conducta das almas, julguei conveniente concluir este pequeno volume com algũas passagens, e doutrinas dos grandes Mestres de espirito S. João da Cruz, e S. Theresa a respeito dos Directores, que lhes podem servir de grande instrucção; para que aqui as vejão os que não poderem haver á mão as suas obras; para o que neste capitulo poremos as do S. Doutor por suas mesmas palavras, para lhes não diminuir a authoridade, o espirito, e a unção, com que persuadem; reservando as da S. Madre para o seguinte. S. João da Cruz, (*Llama. Cant.* 3. ℣. 3. §. 4., *e seguintes athé* 13. *inclusivè*) tratando da contemplação infusa, e estado de união, a que Deos chama a creatura, e para que a anda dispondo com divinas unções no estado de aproveitados diz assim.

574 §. IV. „ Convem grandemente á alma, que quer „ aproveitar, e não tornar atras, ver em cujas mãos se „ poem; porque qual for o Mestre, tal será o discipu„ lo, e qual o Pay, tal o filho. E para este caminho, „ ao menos para o mais subido delle, e ainda para o „ mediano apenas se achará hum guia cabal segundo to„ das as partes, que lhe são necessarias; porque deve „ ser sabio, discreto, e experimentado. Pois para guiar „ o espirito, ainda que o fundamento he o saber, e a „ discrição, se não ha experiencia do mais subido, não „ atinaráõ a encaminhar a alma nelle quando Deos lho „ dá, e poderião fazer-lhe grande damno. Porque não „ entendendo elles os caminhos do espirito, muitas ve„ zes

„ zes fazem perder ás almas a unção deſtes delicados un-
„ guentos, com que o Eſpirito Santo as vai diſpondo
„ para ſi, governando-as elles por outros modos raſtei-
„ ros, que tem lido, e que não ſervem ſenão para prin-
„ cipiantes. Que não ſabendo elles ſenão para principian-
„ tes, (e ainda iſſo queira Deos) não querem deixar as
„ almas paſſar (ainda que Deos as queira levar a mais)
„ daquelles principios, e modos diſcurſivos, e imagina-
„ rios, com que ellas podem fazer mui pouco ganho.

575 §. V. „ E para que melhor entendamos, he de
„ ſaber que o eſtado de principiantes he meditar, e fa-
„ zer actos diſcurſivos. Neſte eſtado neceſſario he á alma
„ que ſe lhe dê materia para que diſcorra de ſeu, e fa-
„ ça eſtes actos interiores, e ſe aproveite do fogo, e fer-
„ vor eſpiritual ſenſivel, porque aſſim lhe convem para
„ habituar os ſentidos, e appetites a couſas boas, e cevan-
„ do-os com eſte ſabor ſe deſarreigão do ſeculo. Mas quan-
„ do iſto de algum modo já eſtá feito, logo os come-
„ ça Deos a pôr neſte eſtado de contemplação; (*falla da*
„ *infuſa, e eſtado de aproveitados*) o que coſtuma ſer mui
„ em breve, maiormente em gente Religioſa, porque
„ mais brevemente negadas as couſas do ſeculo accomo-
„ dão a Deos o ſentido, e o appetite, e logo não ha
„ ſenão paſſar de meditação a contemplação, o qual he
„ já quando ceſsão os actos diſcurſivos, e meditação da
„ propria alma, e os çucos, e fervores primeiros ſenſi-
„ tivos não podendo já diſcorrer como dantes, nem achar
„ nada de arrimo pelo ſentido ficando em ſeccuras: por-
„ que lhe mudão o cabedal ao eſpirito, que não cahe em
„ ſentido. E por iſſo neſte eſtado he Deos o agente com
„ particularidade, que infunde, e enſina, e a alma a que
„ recebe bens mui eſpirituaes na contemplação, que são
„ noticia, e amor divino juntamente (iſto he) noticia
„ amoroſa ſem que a alma uſe dos ſeus actos, e diſcur-
„ ſos, porque não póde já entrar nelles como dantes.

576 §. VI. „ Donde neſte tempo (*o eſtado de aprovei-*
„ *tados*) totalmente ſe ha de levar a alma por modo con-
„ trario ao primeiro. Que ſe antes lhe davão materia pa-

„ ra meditar, e meditava, agora lha tirem, e que não
„ medite: porque (como digo) não poderá, ainda que
„ queira, e se distrahirá. E se antes buscava fervor, e o
„ achava, já o não queira, nem busque, que não só não
„ o achará por sua diligencia, mas antes tirará seccuras;
„ porque se diverte do pacifico, e quieto, que secreta-
„ mente lhe estão dando no espirito em lugar da obra,
„ que ella quer fazer pelo sentido; e assim perdendo hum,
„ não alcança o outro, pois já os bens se lhe não dão
„ pelo sentido como dantes. E por isso neste estado (*de*
„ *aproveitados, e noite passiva do sentido*) de nenhum mo-
„ do lhe hão de impor que medite, nem se exercite em
„ actos tirados á força do discurso, nem procure com
„ apego fervor, nem sabor; porque seria pôr obstaculo
„ ao principal agente, que he Deos, o qual occulta, e
„ quietamente anda pondo n'alma sabedoria, e noticia
„ amorosa sem muita differença, expressão, ou multipli-
„ cação de actos. Ainda que algũas vezes os faz especi-
„ ficar n'alma com algũa duração, e então tambem ella
„ deve andar só com advertencia amorosa a Deos, sem
„ especificar outros actos mais que aquelles, a que se
„ sente inclinada por elle, havendo-se como passivamen-
„ te sem fazer de si diligencia com advertencia amorosa,
„ simplez, e singela, como quem abre os olhos com ad-
„ vertencia de amor.

577 „ Pois assim como Deos então trata com a alma
„ em modo de dar com singela, e amorosa noticia, tam-
„ bem a alma trate com elle em modo de receber com
„ noticia, e advertencia singela, e amorosa, para que as-
„ sim se juntem noticia, com noticia, e amor com amor.
„ Porque convem aqui que o que recebe se haja ao mo-
„ do do que recebe, e não de outro, para o poder re-
„ ceber, e reter como lho dão. Donde está claro que se
„ então a alma não deixasse o seu modo ordinario de dis-
„ correr não receberia aquelle bem senão escassa, e im-
„ perfeitamente, ... e poria impedimento aos bens, que
„ lhe está Deos communicando na noticia amorosa. O
„ que no principio he em exercicio de purgação, (*pas-*

„ *siva*

„ *siva do sentido*) e depois em mais suavidade de amor;
„ (*na illuminação passiva*) á qual será impedimento qual-
„ quer arrimo de pensamento particular, discurso, ou gos-
„ to, que a alma então de seu queira ter; por isso se deve
„ conservar em súma paz, tranquillidade, e silencio, escu-
„ tando, e ouvindo aquella profunda, e delicada audição
„ de Deos, que nesta soledade falla ao coração.

578 §. VII. „ Esta maneira de ociosidade, ou esque-
„ cimento sempre vem com algum asorbimento interior.
„ Por isso em nenhũa occasião, nem tempo depois que
„ a alma tiver começado a entrar neste singelo, e ocioso
„ estado de contemplação ha de querer trazer diante de
„ si meditações, nem arrimar-se a gostos, e sabores es-
„ pirituaes, (como fica dito largamente no capitulo de-
„ cimo do livro primeiro da Noite escura, e antes no
„ capitulo ultimo do segundo livro, e no capitulo pri-
„ meiro do livro terceiro da subida do Monte Carmel-
„ lo) senão estar desarrimada, e em pé sobre tudo isto,
„ e o espirito desapegado para que Deos a tire do cati-
„ veiro, e servidão das suas operações, e a leve á ter-
„ ra da promissão, e liberdade de serena paz. Oh Mes-
„ tre espiritual, olha que a esta liberdade, e ociosidade
„ santa de filhos chama Deos a alma ao deserto, em que
„ ande vestida de festa, e com joias de ouro, e prata,
„ tendo já despojado o Egypto, e tomado suas riquezas:
„ e não só isso, senão tambem afogado seus inimigos no
„ mar da contemplação aonde o Egypcio do sentido não
„ acha pé, nem arrimo; e deixa livre ao filho de Deos,
„ que he o espirito sahido dos estreitos limites da ope-
„ ração do sentido, que he de seu baixo entender, seu
„ tosco sentir, seu pobre gostar, para que Deos lhe dê
„ o suave maná, cujo sabor ainda que tem todos os sa-
„ bores, e gostos, em que tu (*Director*) queres trazer
„ trabalhando a alma, com tudo por ser tão delicado,
„ que se faz na boca, não se sentirá se quizer sentir ou-
„ tro gosto em outra cousa, porque não o receberá.

579 „ Procura pois desarreigar a alma de todas as
„ cobiças de favores, gostos, e meditações, e não a in-

 „ quie-

„ quietes com cuidado, ou solicitidão algũa de cousas
„ de cima, e muito menos das debaixo, pondo-a em to-
„ da aniquilação, e soledade possivel; porque quanto mais
„ cedo chegar a esta ociosa tranquillidade, com tanta mais
„ abundancia se lhe vai infundindo o espirito da divina
„ sabedoria amoroso, tranquillo, solitario, suave, rou-
„ bador do espirito..... Os bens interiores, que esta ca-
„ lada contemplação deixa impressos n'alma sem ella o
„ sentir, são inestimaveis; porque em fim são unções se-
„ cretissimas, e delicadas do Espirito Santo em que se-
„ cretamente enche a alma de riquezas, dons, e graças;
„ porque sendo Deos, faz, e obra como Deos.

580 §. VIII. „ Estes bens pois, e estas grandes ri-
„ quezas; estas subidas, e delicadas unções, e noticias
„ do Espirito Santo, que por sua delicadeza, e subtil
„ pureza nem a alma, nem o que a dirige as entende,
„ senão só o que as poem n'alma para se agradar mais
„ della, com grandissima facilidade se turbão, e empe-
„ dem; basta hũa pequena obra, que a alma queira fa-
„ zer, de applicar o sentido, ou appetite de querer ape-
„ gar-se a algũa noticia, ou consolação; o que he gra-
„ ve damno, e grande dor, e lastima. Ó grave caso, e
„ muito para admirar! Que não conhecendo o damno,
„ nem parecendo quasi nada o que se interpoz, he en-
„ tão maior, e de maior dor, e prejuizo do que outro,
„ que pareceria muito maior em almas ordinarias, que
„ não estão naquelle posto de tão subido esmalte, e ma-
„ tiz: como se o rosto de hũa mui delicada pintura to-
„ casse outra mão mui tosca com alheas, e baixas cores,
„ seria o damno maior, e mais notavel, e de mais las-
„ tima, e dor, que se manchasse outras muitas mais,
„ commuas, e ordinarias.

581 „ E com ser este damno tão grande, mais do que
„ se póde encarecer, he tão commum, que apenas se
„ acha hum Mestre espiritual, que o não faça nas almas,
„ que deste modo começa Deos a recolher em contem-
„ plação: pois quantas vezes está Deos ungindo hũa al-
„ ma com algũa unção mui delicada de noticia amorosa,

„ se-

„ ſerena, pacifica, ſolitaria, e mui alheia do ſentido, e
„ do que ſe póde perceber pela imaginação, e a tem ſem
„ poder goſtar, nem meditar nada de cima, nem de bai-
„ xo, porque a traz Deos occupada naquella unção ſo-
„ litaria inclinada á ſoledade, e ocio, e virá hum (*Di-
„ rector*) que não ſabe ſenão martelar, e macear como
„ ferreiro, e porque elle não enſina mais do que iſſo,
„ dirá: Andai, deixai-vos diſſo, que he perder tempo,
„ e ocioſidade; tomai, e meditai, e fazei actos; que he
„ neceſſario que façais da voſſa parte actos, e diligen-
„ cias, que o mais são alucinações, e couſas de paſma-
„ dos?

582 „ E aſſim não entendendo eſtes (*Directores*) os
„ gráos de oração, nem vias do eſpirito, não percebem
„ que aquelles actos, que elles dizem que faça a alma,
„ e aquelle caminhar com diſcurſo já eſtá feito; pois já
„ aquella alma tem chegado á negação ſenſitiva: e que
„ quando ſe tem andado o caminho, e chegado ao termo,
„ já não ha caminhar; porque ſeria tornar a apartar-ſe
„ do termo. E aſſim não entendendo que aquella alma eſtá
„ já na vida do eſpirito, na qual não ha já diſcurſo,
„ e o ſentido ceſſa, e he Deos com particularidade o
„ agente, e o que falla ſecretamente á alma ſolitaria, el-
„ les ſobrepoem n'alma outros unguentos de groſſeiras no-
„ ticias, e çucos, em que a occupão, e tirão a ſoleda-
„ de, e recolhimento, e por conſeguinte a ſubida obra,
„ que nella Deos pintava. E aſſim a alma nem faz hũa
„ couſa, nem aproveita na outra.

583 §. IX. „ Advirtão eſtes taes, (*Directores*) e con-
„ ſiderem que o Eſpirito Santo he o principal agente,
„ e movedor das almas, que nunca perde o cuidado del-
„ las para que melhor aproveitem, e elles não são os
„ agentes, ſenão ſómente inſtrumentos para encaminhar
„ as almas pela regra da fé, e lei de Deos ſegundo o eſ-
„ pirito, que Deos vai dando a cada hũa. Aſſim ſeu cui-
„ dado ſeja não o accomodar a alma ao ſeu modo, e
„ condição propria delles; mas attendendo (ſe ſabem)
„ por onde Deos as leva; e ſenão o ſabem, deixem-nas,

„ e

„ e não as perturbem; e conforme a isto procurem en-
„ caminhar as almas a maior soledade, e liberdade, e
„ tranquillidade, dando-lhes larga para que não átem o
„ espirito a nada, quando Deos as leva por aqui.

584 „ E não se acanhem, nem fiquem duvidosos jul-
„ gando que nada se faz; que como a alma esteja dessa-
„ pegada de toda a noticia propria, e de todo o appe-
„ tite, e affectos da parte sensitiva, ... negada a toda
„ a consolação sensivel, fazendo ella da sua parte, e aju-
„ dando-a elles a isto; he impossivel segundo o modo de
„ proceder da bondade, e misericordia divina, que não
„ faça Deos o que he da sua; e mais impossivel do que
„ he o deixar de dar o raio do Sol, no lugar sereno,
„ e descubérto: pois assim como o Sol está prompto pa-
„ ra entrar em tua casa se lhe abrires a porta, assim
„ Deos entrará n'alma vazia, e a encherá de bens. Deos
„ está como o Sol sobre as almas para entrar; conten-
„ tem-se logo (*os Mestres do espirito*) com as dispor se-
„ gundo as leis da perfeição Evangelica, que consiste na
„ desnudez, e vazio do sentido, e espirito, e não quei-
„ rão passar adiante a edificar, que esse officio só he do
„ Senhor, de quem nos desce todo o dom optimo.

585 „ Pois se o Senhor não edificar a casa, em vão
„ trabalha quem a edifica. Edificará em cada alma como
„ elle quizer edificio sobrenatural; dispoem tu esse natu-
„ ral, aniquilando as suas operações, que esse he o teu
„ officio; e o de Deos (como diz o sabio) dirigi-lo
„ aos bens sobrenaturaes por modo, e maneiras, que
„ nem tu, nem a alma sabeis. E assim não digas: Ó não
„ vai a diante! Ó que não faz nada! Porque se a alma en-
„ tão não gosta de outras intelligencias mais do que dan-
„ tes, a diante vai caminhando ao sobrenatural. Ó que
„ não entende nada distinctamente! Antes se então en-
„ tendesse distinctamente não iria a diante; porque Deos
„ he incomprehensivel, e excede o entendimento. E assim
„ quanto mais for, mais se ha de ir apartando de si ca-
„ minhando em fé, crendo, e não vendo; e assim mais
„ se chega a Deos não entendendo do que entendendo

„ no

„ no ſentido dito. Aſſim não tenhas pena que o entendi-
„ mento não entenda; que antes para bem ſer lhe con-
„ vem iſto, que tu (*Director*) lhe condemnas, que não
„ ſe embarace com intelligencias diſtinctas, mas que ca-
„ minhe em perfeita fé.

586 §. X. „ Ó (dirás) que ſe o entendimento não
„ entende, ao menos a vontade eſtará ocioſa, e não a-
„ mará, porque não ſe póde amar ſenão o que ſe enten-
„ de! Verdade he iſto, maiormente nas operações, e ac-
„ tos naturaes d'alma: porém no rato da contemplação,
„ de que aqui fallamos, em que Deos a infunde n'al-
„ ma, não he neceſſario que haja noticia diſtincta, nem
„ que a alma faça muitos diſcurſos, porque então lhe
„ eſtá Deos communicando noticia amoroſa, que cauſa
„ amor em geral, e indiſtincto na vontade, como he a
„ noticia no entendimento, e aſſim he que deve ſer o
„ amor conforme a intelligencia. E são tanto melhores
„ os actos, que ſe fazem ſeguindo eſta contemplação in-
„ fuſa, e tanto mais meritorios, e ſaboroſos, quanto he
„ melhor o principio, que move eſte amor, o qual o
„ apéga á alma; porque a vontade eſtá junto de Deos
„ deſapegada de outros goſtos..... Por iſſo ainda que a
„ vontade não goſte de Deos mui particular, nem diſtinc-
„ tamente, nem o ame com tão diſtincto acto, goſta-o
„ naquella infusão geral, eſcura, e ſecretamente mais do
„ que ſe ſe governára por noticias diſtinctas.

587 §. XI. „ Tambem não ha que temer, que a me-
„ moria vá vazia de ſuas formas, e figuras; antes aſſim
„ vai mais ſegura chegando-ſe a Deos, que tambem não
„ tem fórma, nem figura. Não entendendo pois eſtes
„ (*Meſtres do eſpirito*) as almas, que vão já neſta con-
„ templação quieta, e ſolitaria, por não haverem elles
„ paſſado (nem talvez ainda chegado) de hum modo or-
„ dinario de diſcurſos, e actos, julgando que ellas aſſim
„ eſtão ocioſas, (porque o homem animal, iſto he que
„ não paſſa do ſentido, não percebe as couſas, que são
„ de Deos, como diz S. Paulo) lhes turbão a paz da
„ contemplação ſoſſegada, e quieta, que lhes dava Deos,

„ e

„ e as fazem meditar, e discorrer, e fazer actos não sem
„ grande contradicção, e repugnancia, e seccura, e distrac-
„ ção das mesmas almas, que querião estar em seu quie-
„ to, e pacifico recolhimento; e persuadem-lhes que pro-
„ curem gostos, e favores, quando lhes havião de acon-
„ selhar o contrario.

588 „ O que não podendo ellas fazer, nem entrar
„ nisso como dantes, porque já passou esse tempo, e não
„ he esse o seu caminho, desassossegão-se dobrado, jul-
„ gando que vão perdidas, e ainda elles lho ajudão a
„ crer, e seccão-lhes o espirito, e lhes tirão as unções
„ preciosas, que na soledade, e tranquillidade Deos lhes
„ punha, (o que, como disse; he grande damno) e lhes
„ poem as de barro, e lodo; pois em hum perdem, e
„ em outro penão sem proveito. Não sabem estes que
„ cousa he espirito, e fazem a Deos grande desacato, e
„ injuria metendo sua tosca mão aonde Deos obra. Por-
„ que tem custado muito a Deos chegar estas almas athé-
„ qui, e estima muito tê-las chegado a esta soledade, e
„ vazio de potencias, e operações para lhes poder fal-
„ lar ao coração, que he o que elle sempre deseja.

589 „ Porém estes espirituaes (*Padres*) não querem
„ que a alma repouse, nem sosegue, senão que sempre
„ trabalhe, e obre de maneira, que não dê lugar a que
„ Deos obre; e que o que elle vai obrando se desfaça,
„ e risque com a operação d'alma, não lançando fóra as
„ raposas pequeninas, que destroem esta florida vinha. E
„ ainda que estes algũas vezes errarão com bom zelo,
„ porque não chega a mais a sua sciencia; nem por isso
„ ficão escusados nos conselhos, q̃ temerariamente dão, sem
„ entender primeiro o caminho, e o espirito, que leva
„ a alma; e se o não entendem intrometer sua tosca mão
„ em cousa, que não sabem, não a deixando para quem
„ melhor a entenda. Que não he cousa de pequeno pe-
„ so, e culpa fazer a hũa alma perder inestimaveis bens
„ por conselhos fóra de caminho, e faze-la andar sem-
„ pre rasteira. E assim o que temerariamente erra, estan-
„ do obrigado a acertar, (como está cada hum no seu
„ offi-

„ officio) não passará sem castigo segundo o damno, que
„ fizer. Pois os negocios de Deos se hão de tratar com
„ muito cuidado, principalmente em cousa tão delicada,
„ e subida, donde se aventura quasi infinita ganancia em
„ acertar, e quasi infinito damno em errar.

590 §. XII. „ Porém se lhe quizerem dar algũa escusa,
„ aindaque eu lha não vejo, ao menos não a poderá ter
„ o (*Director*) que tratando de hũa alma, a não deixa
„ já mais sahir do seu poder pelos respeitos, e interesses
„ vãos, que elle sabe, e não ficaráõ sem castigo. Pois he
„ certo que para ir aquella alma adiante aproveitando no
„ caminho espiritual, deve mudar de estilo, e modo de
„ oração, e necessita de outro espirito, e doutrina mais
„ alta que a sua; porque nem todos sabem para todos
„ os successos, e casos, que ha no caminho espiritual, nem
„ tem espirito tão cabal, que conheção como em qual-
„ quer estado da vida do espirito ha de ser a alma le-
„ vada, e dirigida: ao menos não ha de julgar elle que
„ tem tudo, nem que Deos deixará de querer levar aquel-
„ la alma mais adiante. Assim como nem todos os que
„ sabem desbastar o madeiro, sabem entalhar a imagem;
„ nem todo o que a sabe entalhar, a sabe perfilar, e pu-
„ lir; nem o que a sabe pulir, a saberá pintar; nem o
„ que a sabe pintar saberá por-lhe a ultima mão, e per-
„ feição; porque cada hum destes não póde fazer na ima-
„ gem mais do que sabe, e se quize-se passar adiante,
„ seria deitá-la a perder.

591 „ Vejamos pois tambem se tu (*Mestre espiritual*)
„ sendo só desbastador, que só sabes pôr a alma no des-
„ prêzo do mundo, e mortificação de seus appetites, ou
„ sendo, quando muito, entalhador para a pôr em santas
„ meditações, e não sabes mais; como chegarás essa alma
„ athé a ultima perfeição de delicada pintura, que já não
„ consiste em desbastar, nem em entalhar, nem ainda em
„ perfilar, senão na obra, que Deos hade ir nella fazen-
„ do? E assim está certo, que se na tua doutrina, que
„ sempre he de hum modo, a fazes estar sempre atada,
„ ou ha de tornar a tras, ou ao menos não irá a diante.

„ Pois diz-me em que parará a imagem senão has de
„ fazer nella mais que martelar, e desbastar, o que n'al-
„ ma he o exercicio das potencias? Quando se ha de
„ acabar esta imagem? Quando, ou como se ha de dei-
„ xar para que Deos a pinte? He possivel que tu tenhas
„ todos estes officios? Que te tenhas por tão con-
„ sumado, que nunca essa alma necessite de outro senão
„ de ti? E dado que tenhas sufficiencia para algũa alma,
„ porque talvez não terá talento para passar mais a di-
„ ante; he como impossivel que a tenhas para todas as
„ que não deixas sahir de tuas maõs; porque a cada
„ hũa leva Deos por differentes caminhos; de sorte que
„ apenas se achará hum espirito, que convenha com ou-
„ tro em ametade do modo, que leva.

592 „ Quem logo haverá como S. Paulo, que se possa
„ fazer todo para todos, para ganhar todos para Christo?
„ e tu de tal sorte tyrannizas as almas, e lhes tiras a li-
„ berdade, e adjudicas para ti o espacoso, e livre da
„ doutrina Evangelica, que não só procuras que te não
„ deixem, mas, o que he peior, que se acaso algũa vez
„ sabes que algũa foi a outro pedir algum conselho, ou
„ tratar algũa cousa, que não seria conveniente tratar
„ contigo, ou a levaria Deos lá para que lhe ensinasse
„ o que tu lhe não ensinas; te portas com ella (que não
„ o digo sem vergonha) como as contendas de zelos,
„ que ha entre os casados, os quaes não são zelos, que
„ tens da honra de Deos, senão zelos da tua soberba, e
„ presumpção.

563 „ Pois como pódes tu saber que aquella alma
„ não teve necessidade de ir a outro? Indigna-se Deos
„ grandemente contra estes, e lhes promete castigo pelo
„ Profeta Ezechiel dizendo: *Não apascentavas o meu re-*
„ *banho; mas só vos cobrias com a sua lam, e comias o*
„ *seu leite: eu procurarei o meu rebanho da vossa mão.*
„ Devem pois estes taes dar liberdade a estas almas, e
„ estão obrigados a deixa-las ir a outros, e mostrar-
„ lhes para isso bom rosto, que não sabem elles por on-
„ de Deos quer aproveitar aquella alma, principalmente

„ quan-

„ quando já não gosta da sua doutrina, que he final que
„ a leva Deos adiante por outro caminho, e que necessi-
„ ta de outro Mestre; e elles mesmos lho hão de aconse-
„ lhar, que o contrario nasce de nescia soberba, e pre-
„ sumpção.

594 §. XIII. „ Porém deixemos agora este modo de
„ se portar, e digamos outro pestifero, que estes (*Di-
„ rectores*), ou outros peiores do que elles usão. Succe-
„ derá que ande Deos ungindo algũas almas com santos
„ desejos, e motivos de deixar o mundo, e mudar de
„ vida, e estado, servindo a Deos, e despresando o se-
„ culo, (que estima Deos muito tê-las chegado athé ali,
„ porque as cousas do seculo não são do coração de
„ Deos) e elles com hũas razões humanas, ou respei-
„ tos assaz contrarios á Doutrina de Jesus Christo, e sua
„ mortificação, e desprêzo de todas as cousas, estriban-
„ do-se elles em seu interesse, ou gosto, ou por temer
„ aonde não havia que temer, lho dilatão, ou difficul-
„ tão, ou (o que he peior) fazem diligencia por tirar-
„ lho do coração; porque tendo elles máo espirito, pou-
„ co devoto, e muito vestido do mundo, e pouco man-
„ so em Christo; como elles não entrão, tambem não
„ deixão entrar os outros, como diz o nosso Salvador:
„ Ay de vós que tomastes a chave da sciencia, e não en-
„ trais, e nem deixais entrar aos outros!

595 „ Porque estes na verdade estão postos como tro-
„ pêço, e tranca á porta do Ceo; não advertindo que os
„ tem Deos ali para que compéllão a entrar aos que
„ Deos chama, como lho tem mandado em seu Evange-
„ lho; e elles pelo contrario estão compellindo a que
„ não entrem pela porta estreita, que guia á vida: e des-
„ ta sorte he o Mestre espiritual hum cego, que póde
„ estorvar n'alma a guia do Espirito S. O que succede de
„ muitas maneiras, como fica dito, huns sabendo, e ou-
„ tros não sabendo; mas huns, e outros não ficarão sem
„ castigo: pois tendo-o por officio, estão obrigados a
„ saber, e attender o que fazem.

CAPITULO XIII.

De varias doutrinas de S. Thereſa de grande inſtrucção para os Directores.

596 NAõ são menos recomendaveis as inſtrucções, que a grande Meſtra do eſpirito S. Thereſa dá aos Directores em varios lugares das ſuas admiraveis Obras, dos quaes aqui copiarei os mais notaveis para quem as não tiver. No Capitulo quarto de ſua vida dá a conhecer quanto importa ter Director, e que ſeja douto, e experimentado, que perceba as materias do eſpirito, e diz aſſim: „ Não achei Meſtre, digo Confeſſor, q̃ „ me entendeſſe, ainda que o buſquei em vinte annos, o „ que me fez grande damno, para tornar muitas vezes a „ tras; e ainda para perder-me de todo; porque ſe o „ achaſſe me ajudaria a ſahir das occaſiões, que tive pa- „ ra offender a Deos.

597 No Capitulo quinto declara mais quanto importa que o Director ſeja ſabio, e quanto damno póde fazer não o ſendo, e diz: „ Grande damno fizerão á minh'al- „ ma confeſſores meio letrados; porque não os tinha de „ tão boas letras, como deſejava. Tenho viſto por expe- „ riencia que he melhor, ſendo virtuoſos, e de ſantos „ coſtumes, não ter nenhũas, do que ter poucas; por- „ que nem elles ſe fião em ſi, ſem perguntar a quem as „ tenha boas, nem eu me fiára: e bom letrado nunca „ me enganou. Os outros tambem me não querião en- „ ganar, mas não ſabião mais. Eu julgava que ſabião, „ e que não era mais obrigada do que a crê-los, como „ era couſa de mais larga, e liberdade o que me dizião, „ que ſe fora apertada, eu ſou tão roim, que buſcaria „ outros. O que era peccado venial, dizião que não era „ nenhum, e o que era graviſſimo mortal, dizião que „ era venial. Iſto me fez tanto damno, que não he mui- „ to o diga aqui para aviſo de outras peſſoas de tão gran- „ de mal. Creio permittio Deos por meus peccados que

„ elles

„ elles ſe enganaſſem, e me enganaſſem amim: e eu en-
„ ganei a outras muitas com lhes dizer o meſmo, que
„ elles me dizião. Julgo que durei neſta cegueira mais de
„ dezaſſete annos.

598 No Capitulo treze declara o meſmo mais por extenſo dizendo: „ He neceſſario aviſo ao que começa pa-
„ ra ver no que aproveita mais: para iſto he mui neceſ-
„ ſario Meſtre; ſe he experimentado, que ſe o não he,
„ muito póde errar, e trazer hũ'alma ſem a entender, nem
„ a deixar entender a ſi meſma: porque como ſabe que
„ he grande merecimento eſtar ſugeita a Meſtre, não ou-
„ ſa ſahir do que ſe lhe manda. Eu tenho achado almas
„ acurraladas, e affligidas por não ter experiencia, que
„ me fazião láſtima; e algũa, que não ſabia já que fa-
„ zer de ſi; porque não entendendo (*os Meſtres*) o eſ-
„ pirito affligem a alma, e corpo, e impedem o apro-
„ veitamento. Hũa tratou comigo, que a tinha o Meſtre
„ atada havia oito annos, a que não a deixava ſahir do
„ proprio conhecimento; e o Senhor já a tinha em ora-
„ ção de quiete, e aſſim paſſava muito trabalho.

599 „ E ainda que iſto de conhecimento proprio nun-
„ ca ſe ha de deixar, nem ha alma neſte caminho tão
„ gigante, que não neceſſite muitas vezes tornar a ſer
„ menino, e a mamar; e nunca ſe eſqueça iſto, porque
„ importa muito; pois não ha eſtado de oração tão ſu-
„ bido, que muitas vezes não ſeja neceſſario tornar ao
„ principio; e iſto dos peccados, e conhecimento pro-
„ prio he pão, com que todos os manjares ſe hão de co-
„ mer, por delicados que ſejão neſte caminho de oração,
„ e ſem eſte pão não ſe poderião ſuſtentar: mas ha ſe
„ de comer com taixa, que depois que hũa alma ſe vê
„ já rendida, e conhece claramente que não tem couſa
„ boa de ſi, e ſe vê envergonhada diante de tão grande
„ Rey, e vê o pouco, que lhe paga para o muito, que
„ lhe deve, que neceſſidade ha de gaſtar já tempo aqui,
„ ſenão ir-nos a outras couſas, que o Senhor poem di-
„ ante, e não he razão que as deixemos, que Sua Ma-
„ geſtade ſabe melhor do que nós o que nos convem
„ comer?

600 „ Aſſim

600 „ Assim importa muito ser o Mestre avisado; „ (digo de bom entendimento) e que tenha experiencia; „ e se com isto tem letras, he de grandissimo negocio, „ mas se não se podem achar estas tres cousas juntas: „ as duas primeiras importão mais; porque letrados po- „ dem procurá-los para os cõmunicar quando tíverem ne- „ cessidade. Não digo que não tratem com letrados, mas „ digo que aos principios, se elles não tem oração, apro- „ veitão pouco as letras; mas estas são grande cousa, „ porque nos ensinão aos que pouco sabemos, e nos dão „ luz..... Quero-me declarar mais. Começa hũa Reli- „ giosa a ter oração; se hum simplez a governa, e se lhe „ antoja assim, lhe fará entender que he melhor que lhe „ obedeça a elle, do que ao seu superior. E se he mulher „ casada, dirlhe-á, que he melhor qnando deve cuidar „ em sua casa, estar em oração, aindaque descontente seu „ marido: assim não sabe ordenar o tempo, nem as cou- „ sas, para que vão conforme a verdade; e por faltar-lhe „ a elle luz, não a dá aos outros, ainda que queira. E „ ainda que para isto parece que não são necessarias le- „ tras, a minha opinião sempre foi, e será que qualquer „ Christão procure tratar com quem as tenha boas, se „ póde, e quantas mais, melhor: e os que vão por cami- „ nho de oração tem disto maior necessidade, e tanta „ mais quanto mais espirituaes forem.

901 „ E não se enganem com dizer que letrados sem „ oração não são para quem a tem: eu tenho tratado „ bastantes, e sempre fui amiga delles; que ainda que „ alguns não tem experiencia, não aborrecem o espirito, „ nem o ignorão; porque na sagrada Escriptura, que tra- „ tão, sempre achão a verdade do bom espirito. Tenho „ para mim que pessoa de oração, que trate com letra- „ dos, se ella se não quer enganar. não a enganará o de- „ monio com illusões; porque creio que teme muito as „ letras humildes, e virtuosas, e sabe que será descuber- „ to, e sahirá com perda. Digo isto, porque ha opiniões „ de que não são letrados para gente de oração, senão „ tem espirito: já disse que he necessario espiritual Mes-

„ tre;

„ tré; mas ſe eſte não he letrado, grande inconveniente
„ he. E ſerá muita ajuda tratar com elles, como ſejão
„ virtuoſos; pois ainda que não tenhão eſpirito, (*Quer*
„ *dizer ainda que não ſigão a vida eſpiritual*) nos apro-
„ veitarão, e Deos lhes dará a entender o que hão de
„ enſinar, e ainda os fará eſpirituaes, paraque nos apro-
„ veitem; iſto não o digo ſem o ter experimentado, e
„ me ſuccedeu com mais de dous.

602 „ Digo pois que para render-ſe hũ'alma de todo
„ a eſtar ſugeita ſó a hum Meſtre, que erra muito em
„ não procurar que ſeja douto, virtuoſo, e experimenta-
„ do, ... e ſe tem liberdade de eſcolher, antes eſteja ſem
„ nenhum athé o achar, que o Senhor lho dará, como vá
„ com fundamento de humildade, e com deſejo de acer-
„ tar, do que ſugeitar-ſe ao que aſſim não ſeja. Louve-
„ mos muito a Deos porque haja quem com tanto traba-
„ lho tenha conſeguido a verdade, que os ignorantes
„ ignoramos. Eſpanta-me muitas vezes ver o trabalho
„ que elles tem tido para ganhar, o que ſem nenhum
„ mais que perguntar-lho póde aproveitar-me amim . . . . .
„ e poderá ſer, què julguemos alguns dos que eſtamos li-
„ vres deſſes trabalhos, e nos dão o comer guiſado, (co-
„ mo dizem) e vivendo á noſſa vontade, que por ter
„ hum pouco de mais oração nos havemos de avantajar a
„ tantos trabalhos. Bendito ſejais vós Senhor, que tão
„ inhabil, e ſem proveito me fizeſtes: mas louvo-vos
„ muito, porque deſpertais a tantos, que nos deſpertem?
„ Eſta oração havia ſer mais continua pelos que nos
„ dão luz. Que ſeriamos ſem elles entre tantas tempeſta-
„ des como agora tem a Igreja? E ſe alguns tem havido
„ máos, mais reſplandecerão os bons.

603 No Capitulo vinte e tres fallando da prudencia, e modo, com que ſe deve portar o Director para tirar dos peccados, e occaſiões as almas fracas em quanto não tem forças maiores, não querendo que logo ſejão perfeitas de repente, nem emendem tudo de hũa vez, e muito mais ſendo mulheres para não as deſanimar, principalmente quando tiverem oração, que temão ſer perigoſa,

sa, diz assim: „ Procurei que viesse a fallar-me este cle-
„ rigo, que digo, com quem pensei confessar-me, e tê-
„ lo por Mestre. Dei-lhe parte de minh'alma, e oração.
„ Começou com determinação santa a levar-me como a
„ forte (que de razão eu assim devia estar segundo a ora-
„ çao que elle vio eu tinha) para que em nenhũa manei-
„ ra offendesse a Deos. Eu como vi sua determinação tan-
„ to de repente em cousinhas, que como digo, eu não
„ tinha fortaleza para sahir logo com tanta perfeição af-
„ fligi-me, como vi que tomava as cousas de minh'alma
„ como cousa que de hũa vez havia de acabar com ella,
„ e eu via que era necessario muito mais cuidado.

604 „ Em fim entendi que não erão os meios, por
„ onde elle me levava, por onde eu me havia de reme-
„ diar; porque erão para a alma mais perfeita; e eu ain-
„ da que nas merces de Deos estava adiantada, estava
„ mui nos principios nas virtudes, e mortificação. E
„ certamente se eu não houvesse de tratar com outro al-
„ gum creio que nunca minh'alma medraria; porque da
„ afflicção que me dava, de ver que não fazia, nem me
„ parece podia fazer o que elle me dizia, bastava para
„ perder a esperança, e deixar tudo. Algũas vezes me
„ maravilho que sendo elle pessoa, que tem graça par-
„ ticular de começar a chegar as almas a Deos, como
„ não foi o Senhor servido que elle entendesse a minha?
„ e vejo que foi tudo para maior bem meu.

605 „ Concertei-me com hum cavalheiro Santo, pa-
„ ra que algũa vez me viesse a ver. Começou-me a vi-
„ sitar, e a animar-me, e a dizer-me que não cuidasse
„ que em hum dia me havia de apartar de tudo; que
„ pouco a pouco o faria Deos; que em cousas bem le-
„ vianas havia elle estado alguns annos, que não as ti-
„ nha podido acabar comsigo.... Já com discrição pou-
„ co a pouco dando meios para vencer ao demonio....
„ Como elle foi entendendo minhas imperfeições tão
„ grandes, e como lhe disse as merces, que Deos me
„ fazia; para que me desse luz, me disse que não dizia
„ hũa cousa com outra; que aquelles regalos erão de pes-

„ soas,

„ ſoas, que eſtavão já mui aproveitadas, e mortificadas;
„ que não podia deixar de temer muito; porque lhe pa-
„ recia máo eſpirito em algũas couſas, ainda que não ſe
„ determinava, mas que conſideraſſe bem tudo o que en-
„ tendia de minha oração, e lho diſſeſſe.

606 „ Como me diſſe iſto junto com o medo, que
„ eu trazia, foi grande a minha afflicção, e lagrimas.
„ Achei em hum livro todos os ſinaes que eu tinha na-
„ quelle não poder diſcorrer nada, (que iſto era o que
„ eu mais dizia, que não podia penſar nada quando ti-
„ nha aquella oração) ſinalei o que dizia, e dei-lho pa-
„ ra que elle, e o outro Clerigo, que tenho dito, ſanto,
„ e ſervo de Deos, o viſſem, e me diſſeſſem o que ha-
„ via de fazer, e que ſe lhes pareceſſe deixaria a ora-
„ ção de todo, pois paraque me havia eu de meter neſ-
„ les perigos; pois ao cabo de vinte annos quaſi que
„ havia que eu a tinha, não havia ſido com ganancia,
„ ſenão com enganos do demonio; que melhor era não
„ a ter. Aindaque tambem ſe me fazia arduo, porque já
„ eu tinha provado qual eſtava a minh'alma ſem oração;
„ aſſim que tudo via trabalhoſo, como o que eſtá meti-
„ tido em hum rio, que a qualquer parte que vá delle,
„ teme maior perigo, e elle ſe eſtá quaſi affogando. He
„ hum trabalho mui grande eſte, e deſtes tenho paſſado
„ muitos.

607 „ E he neceſſario cuidado, (*no Director*) princi-
„ palmente com mulheres; porque he muita noſſa fra-
„ queza, e poderia cauſar muito mal dizendo-lhes mui
„ claro que he demonio; mas ponderá-lo bem, e apar-
„ tá-las dos perigos, que póde haver, e aviſá-las que
„ tenhão muito ſegredo, e o tenhão elles tambem, que
„ convem muito. Fallo niſto como a quem tem cuſtado
„ bem trabalho não o terem tido algũas peſſoas, com
„ quem tenho tratado a minha oração. Creio que ſem
„ culpa ſua o permittio Deos para que eu padeceſſe. Não
„ digo que dizião o que tratava com elles em confiſsão,
„ mas como erão peſſoas, a quem eu dava conta por
„ meus temores, para que me deſſem luz, parecia-me que

„ havião de guardar segredo. Digo pois que se avisem
„ com muita discrição animando-as, e esperando tempo,
„ que o Senhor as ajudará, como fez amim; que senão
„ grande damno me fizera, segundo o que era temerosa,
„ e pusilanime.

608 „ Dado pois o livro, e feita a relação de minha
„ vida, e peccados o melhor que pude, os dous servos
„ de Deos considerárão com grande caridade, e amor o
„ que me convinha, vindo a resposta, que eu esperava
„ com bem temor, com bastante fadiga veio amim, (*o*
„ *cavalheiro*) e me disse, que a todo o parecer de ambos
„ era do demonio o que eu sentia na oração; que o que
„ me convinha era tratar com hum Padre, que me disse-
„ rão, e que não sahisse do que elle me dissesse em tudo,
„ porque estava em muito perigo, se não havia quem me
„ governasse. Amim me deu tanto temor, e pena, que
„ não sabia que fizesse, e tudo era chorar.

609 „ Mas tratando com aquelle servo de Deos, que
„ o era muito, e bem informado elle da minh'alma, co-
„ mo quem bem sabia esta linguagem, me declarou o que
„ era, e me animou muito. Disse que era Espirito de
„ Deos mui conhecidamente, e que só era necessario tor-
„ nar de novo á oração, porque não hia bem fundada,
„ nem havia começado a entender a mortificação, e era
„ assim, porque nem o nome della me parece entendia;
„ que em nenhũa màneira deixasse a oração, senão que
„ me esforçasse muito, pois Deos me fazia tão particu-
„ lare merces, ... em tudo me parecia fallava nelle o
„ Espirito Santo para curar a minh'alma, segundo se im-
„ primia nella. Fez-me grande confusão, e levou-me por
„ meios, que parecia de todo me tornava outra. Que
„ grande cousa he entender hũ'alma! Disse-me que tives-
„ se oração cada dia em hum passo da paixão ....., e q̃
„ áquelles recolhimentos, e gostos resistisse quanto po-
„ desse, desorte que não lhe desse lugar, athé que elle
„ me dissesse outra cousa. Deixou-me consolada, e esfor-
„ çada, e o Senhor me ajudou, e a elle para que enten-
„ desse minha condição, e como me havia de governar.

610 No

610 No Capitulo vinte e quatro profegue a meſma materia do quanto aproveita á alma o bom modo, e prudencia do Director, e outras boas doutrinas dizendo: „ Aſ„ ſim comecei a fazer mudança em muitas couſas, ainda „ que o confeſſor não me apertava, antes parecia que fa„ zia pouco caſo de tudo; e iſto me movia mais, por„ que me levava por modo de amor a Deos, e como „ que deixava liberdade, e não premio, ſe eu o não „ procuraſſe pelo amor. Eſtive aſſim quaſi dous mezes fa„ ſendo todo o poſſivel por reſiſtir aos regalos, e merces „ de Deos, ... e de lhe reſiſtir ganhei enſinar-me Sua „ Mageſtade; porque antes me parecia que para dar-me „ regalos na oração, era neceſſario muito recolhimento, e „ quaſi não ouſava bullir-me: depois vi o pouco, que iſ„ ſo fazia ao caſo; porque quando mais procurava di„ vertir-me, mais me cobria o Senhor daquella ſuavida„ de, que me parecia toda me rodeava, e q̃ por nenhũa „ parte podia fugir, e aſſim era, ... e muito mais ſe ſinalou „ o Senhor em me favorecer neſtes dous meſes paraque eu „ melhor entendeſſe, que não eſtava mais na minha mão.

611 „ Começou-ſe a aſſentar a oração como edificio, „ que levava fundamento, e affeiçoar-me a mais penitenn„ cia, da qual eu eſtava deſcuidada, por ſerem tão gran„ des as minhas enfermidades; e aquelle varão ſanto me „ diſſe, que algũas couſas não me podião fazer mal; que „ talvez me daria Deos tanto mal porque eu não fazia „ penitencia, e ma quereria elle dar por eſte modo. Man„ dava-me fazer algũas mortificações não mui ſaboroſas „ para mim. Tudo fazia, porque me parecia mo manda„ va o Senhor.... A eſte tempo veio a eſte lugar o Pa„ dre Franciſco (*de Borja*) .... e depois que me ouvio „ me diſſe, que era eſpirito de Deos, e que lhe parecia „ não era bem reſiſtir-lhe mais; que athé então eſtava „ bem feito; mas que era erro reſiſtir já mais, que ſem „ o eu procurar me deixaſſe ir, para onde Deos me le„ vaſſe.

612 No Capitulo vinte e cinco da meſma ſua vida fallando a reſpeito dos Directores demaſiadamente timo-

ratos, e incredulos a reſpeito de ſobrenaturalidades crendo que nada he de Deos, diz aſſim. „ O caſo he que „ quando he demonio parece que ſe eſcondem todos os „ bens, e fogem d'alma, conforme ao que fica deſabrida, e alvorotada, e ſem nenhum effeito bom; porque „ ainda que parece poem bons deſejos, não ſão fortes; „ e a humildade, que deixa, he falſa, alvorotada, e ſem „ ſuavidade. Parece-me que quem tem experiencia do „ bom eſpirito, o entenderá. Mas com tudo póde fazer „ muitos embuſtes o demonio, e aſſim não ha neſte particular couſa tão certa, que o não ſeja mais o temer, e „ e ir ſempre com aviſo, e ter Meſtre, que ſeja letrado, „ e não lhe calar nada, e com iſto nenhum damno póde „ vir, aindaque amim me vierão baſtantes damnos por „ eſtes temores demaſiados, que tem algũas peſſoas.

613 „ Em eſpecial me ſuccedeu hũa vez, que ſe havião juntado muitos, a quem eu dava grande credito, „ .... q̃ me tinhão muito amor, e temião não foſſe enganada; e eu tambem trazia grande temor quando não „ eſtava na oração, que eſtando nella, e fazendo-me o „ Senho- algũa merce, logo me ſegurava; creio erão „ cinco, ou ſeis todos mui ſervos de Deos; e diſſe-me „ o meu confeſſor que todos ſe determinavão em que era „ o demonio, que não commungaſſe tanto a miudo, e „ que procuraſſe diſtrahir-me de ſorte que não tiveſſe retiro, nem ſoledade. Eu era temoroſa em extremo, e „ ajudava-me o mal do coração; e como vi que tantos „ o affirmavão, e eu não podia crer, deu-me grande eſcrupulo, parecendo-me pouca humildade, pois ſendo „ todos de melhor vida ſem comparação do que eu, e „ letrados, porque os não havia de crer? Fui-me á Igreja com eſta afflicção, ... ſem ter peſſoa com quem „ tratar, porque todos erão contra mim. Huns me parecia fazião eſcarneo de mim julgando tudo imaginação: outros aviſavão ao confeſſor, que ſe guarda-ſe de „ mim: outros que era claramente demonio: ſó o confeſſor ſempre me conſolava, e me dizia, que ainda „ que foſſe demonio, não offendendo eu a Deos, não

„ me

„ me podia fazer nada ; que elle me livraria ; e que o
„ pediſſe muito a Deos.

614 „ Eſtando neſta afflicção o Senhor me animou,
„ e fortaleceu de tal ſorte, que com a fé de que os de-
„ monios me não podião fazer mal nenhum ſem licen-
„ ça do Senhor, tomei fortaleza para combater com to-
„ do o inferno. E ſem dúvida fiquei tão ſoſſegada, e
„ tanto ſem medo dos demonios, que parecia antes el-
„ les mo tinhão a mim, e ficou-me hum tal ſenhorio
„ contra elles, que não ſe me dá mais delles, que de
„ moſcas. Parecem-me tão cobardes, que em vendo que
„ os deſprezão não lhes fica força. Não ſabem eſtes ini-
„ migos de facto acommetter ſe não a quem vêm que ſe
„ lhes rende, ou quando Deos o permitte para maior
„ bem dos ſeus ſervos que os tentem, e atormentem....
„ Não entendo eſtes medos, demonio, demonio, aonde
„ podemos dizer Deos, Deos, e fazê-lo tremer. Sim;
„ pois bem ſabemos que não ſe póde bullir, ſe o Se-
„ nhor lho não permittir. Que he iſto? He ſem dúvida
„ que tenho já mais medo aos que tão grande o tem ao
„ demonio, do que a elle meſmo; porque elle não me
„ póde fazer nada, e eſtes em eſpecial ſe são Confeſſo-
„ res inquietão muito; e eu paſſei por iſſo alguns annos
„ de tanto trabalho, que agora me eſpanto como o pu-
„ de ſofrer.

615 No Capitulo vinte e ſeis dá hũa importante dou-
trina para ſe ſaber a obediencia, que ſe deve ter ao Di-
rector, e a humildade, e paciencia, com que ſe de-
vem ouvir as ſuas reprehensões por aſperas que ſejão di-
zendo: „ O mais ſeguro he, como muitas vezes me tem
„ dito o Senhor, que não deixe de communicar toda mi-
„ nha alma, e as mercês, que o Senhor me faz, com
„ o Confeſſor, e que ſeja letrado, e que lhe obedeça.
„ Iſto muitas vezes mo tem dito. Tinha eu hum Con-
„ feſſor, que me mortificava muito, e algũas vezes me
„ affligia, e dava grande trabalho, porque me inquieta-
„ va muito, e era o que mais me aproveitou, ao que
„ me parece: e ainda que lhe tinha muito amor tinha

„ algũ-

„ algũas tentações de o deixar, e me parecia que aquel-
„ las penas, que me dava, me estorvavão da Oração.
„ Cada vez que estava determinada a isto, entendia lo-
„ go que o não fizesse, e hũa reprehensão que me des-
„ fazia mais do que quanto o Confessor me fazia: algũas
„ vezes me fatigava, questão por hũa parte, e reprehen-
„ são por outra; e tudo me era necessario, segundo o que
„ tinha pouco dobrada a vontade. Disse-me hũa vez (*o*
„ *Senhor*) que não era obedecer se não estava determi-
„ nada a padecer; que pozesse os olhos no que elle ti-
„ nha padecido, e tudo se me faria facil.

616 „ Aconselhou-me hũa vez hum Confessor, que já
„ que estava provado ser bom espirito, que calasse, e
„ não desse já parte a ninguem, porque melhor era já
„ calar estas cousas. A mim não me pareceu mal,
„ porque me custava mais dizer estas cousas do que con-
„ fessar peccados graves.... Mas entendi então que tinha
„ sido mui mal aconselhada por aquelle Confessor; que
„ de nenhũa sorte calasse nada ao que me confessava, por-
„ que nisto havia grande segurança, e fazendo o contra-
„ rio poderia ser enganar-me algũa vez: sempre quando
„ o Senhor me mandava hũa cousa na Oração, se o Con-
„ fessor me dizia outra, me tornava o mesmo Senhor a
„ a dizer, que obedecesse: e depois Sua Magestade o mo-
„ via para que mo tornasse a mandar.

617 No Capitulo vinte e nove declara a prudencia, que deve ter o Director no que manda, e o acerto que he obedecer-lhe, ainda que elle não acerte no preceito, e diz assim. „ Como as visões forão crescendo, hum (*Con-*
„ *fessor*) começou a dizer que claramente era demonio.
„ Mandava-me que já que não podia resistir, que fizesse
„ o final da Cruz quando algũa visão viesse, e lhe desse
„ figas, e que tivesse certo que era demonio, e com isto
„ não viria. A mim me era isto grande pena; .... mas
„ em fim fazia quanto me mandava.... Dava-me este dar
„ figas grande pena quando via esta visão do Senhor;
„ porque quando o via presente, ainda que me fizessem
„ em pedaços, não poderia crer que era o demonio; e

„ assim

„ assim era hum genero de penitencia grande para mim. „ E por não andar sempre a benzer-me tomava hũa Cruz „ na mão. Isto fazia quasi sempre, mas as figas não tão „ continuas, porque o sentia muito : Lembrava-me das „ injurias, que lhe tinhão feito os Judeos, e suplicava-„ lhe me perdoasse pois eu o fazia por obedecer ao que „ tinha em seu lugar, e que não me culpasse, pois erão „ os ministros, que elle tinha posto na sua Igreja. E o „ Senhor me dizia, que não se me desse de nada, que „ bem fazia em obedecer, mas que elle faria que se en-„ tendesse a verdade. Quando me tiravão a Oração me „ pareceu que o Senhor se tinha enojado; e elle me disse „ que lhes disseſſe que já aquillo era tyrannia.

618 No Capitulo trinta fallando dos grandes trabalhos, com que Deos prova, e purifica as almas espirituaes diz : „ Pois ir ao Confessor, isto he certo que muitas vezes „ me succedia o que direi, que com serem tão santos „ me dizião palavras, e me ralhavão com hũa aspereza, „ que depois que eu lhas dizia elles mesmos se espanta-„ vão, e me dizião que não estava mais em sua mão: „ porque ainda que fazião muito da sua parte para o não „ fazer quando tivesse similhantes trabalhos de corpo, „ e alma, porque algũas vezes depois lhe fazia lastima, „ e ainda escrupulo, naã podião deixar de o fazer. Não „ dizião palavras de offensa de Deos, mas as mais des-„ gostadas, que se sofrião para confessar; e ainda que ou-„ tras vezes as sofria, e gostava, então tudo me era tor-„ mento.

619 No Capitulo ultimo de sua vida declara por boca do Senhor, que não he máo o communicar, e ter amor licito aos Directores, e como se hão de tratar, dizendo. „ Estava hum dia espantada, se era apêgo, e „ amor proprio o ter gosto de estar com as pessoas, com „ quem tratei a minha alma, e ter-lhes amor, e aos que „ vejo mui servos de Deos, que me consolava, e me „ disse (*o Senhor*) que se a hum enfermo, que estava „ em perigo de morte, lhe parece que lhe dá saude hum „ Medico, que não era virtude deixar de lho agradecer,

„ e

„ e de o amar. Que seria de mim se me não fossem estas
„ pessoas? Que a conversação dos bons não prejudicava;
„ mas q̃ sempre fossem minhas palavras pezadas, e santas,
„ e que não deixasse de os tratar, que o seu trato me
„ seria mais de proveito, que de damno. Consolou-me
„ muito isto, porque algũas vezes parecendo apêgo que-
„ ria de todo não os tratar.

620 Esta mesma materia expende a Santa Madre mais por extenso no Capitulo quarto do caminho da Perfeição dizendo: „ As pessoas, que tratão de Oração, se vêm „ que o Confessor he santo, e que lhes entende o mo- „ do de proceder, tomão-lhe muito amor. E aqui dá o „ demonio grande bataria de escrupulos, que desassosse- „ ga a alma bastante, que he o que elle pertende; em „ especial se o Confessor a traz a maior perfeição, aper- „ ta-a tanto a tentação, que o vem a deixar, e com tu- „ do nem com hum, nem com outro se vê livre della. „ O que nisto podem fazer (*as almas*) he fazer dili- „ gencia por não occupar o pensamento em se tem, ou „ não tem amor; se não, se o tem, tenhão; pois se „ temos muito amor a quem nos faz alguns bens „ ao corpo, quem sempre procura, e trabalha por „ no-los fazer á alma porque lhe não havemos de „ querer bem? Antes tenho por grande principio de „ aproveitar muito o ter amor ao Confessor se he santo, „ e espiritual, e vejo que faz muito por aproveitar a mi- „ nha alma.

621 „ Mas se elle não he tal, como aqui digo, aqui „ está o perigo, e póde fazer grandissimo damno conhe- „ cer elle que lhe tem inclinação. E porque com diffi- „ culdade se conhecerá qual he assim bom, he necessa- „ rio ter grande cuidado, e cautela. O melhor seria „ não lhe dizer, nem dar a conhecer este amor: mas „ aperta tanto o demonio, que não dá esse lugar, por- „ que lhe parecerá que quanto tem que confessar tudo „ he isso, e que está obrigada a confessá-lo. Por isto qui- „ zera eu que crêssem que não he nada, nem fizessem „ caso disso. Levem pois este aviso; se entenderem que

„ todas

„ todas as praticas do Confeſſor são para aproveitar a „ ſua alma, e não lhe virem, nem entenderem outra „ vaidade, (que logo ſe dá a conhecer a quem ſe não „ quizer fazer boba) e ſe o conhecerem temente a Deos, „ por nenhũa tentação, que ellas tenhão de muita af- „ feição, ſe fatiguem, mas deſprezem, e apartem a viſ- „ ta da tentação, que depois que o demonio ſe canſar, „ ella ſe lhes tirará. Mas ſe no confeſſor ſe conhece que „ vai encaminhando a algũa vaidade, tudo tenhão por „ ſuſpeitoſo, e de nenhũa ſorte, ainda que ſejão prati- „ cas boas, as tenhão com elle; mas confeſſem-ſe com „ brevidade, e concluão. E o melhor, e mais acertado „ he mudar delle, ſe ſe póde fazer ſem o deſacreditar.

622 No Capitulo vinte e hum do meſmo caminho de perfeição tratando da reſolução, que ſe deve ter no caminho da virtude ſem fazer caſo de ditos, e murmuraçoes do mundo, e de quem o tem por caminho cheio de perigos, e enganos diz: „ Importa muito, e tudo hũa „ grande, e determinada reſolução de não parar athé che- „ gar á perfeição, venha o que vier, ſucceda o que ſuc- „ ceder, trabalhe-ſe o que ſe trabalhar, murmure quem „ murmurar; quer chegue lá, quer morra no caminho; „ tenha, ou não tenha coração para os trabalhos, que ha „ nelle; mas que ſe funda o mundo: pois muitas vezes „ ſuccede dizerem-nos: O' que ha perigos: fulana por „ eſte caminho ſe perdeu; o outro ſe enganou; o outro „ que rezava muito, cahio; dão máo credito da virtude; „ não he para mulheres eſte caminho, que lhes pode- „ rão vir illusões; melhor ſerá que fiem; não lhes são „ neceſſarias eſſas delicadezas; baſta o *Pater noſter*, e „ *Ave Maria*: iſto dizem, e couſas ſimilhantes...,.

623 „ Mas nenhum caſo façaes dos medos, que vos „ poſerem, nem dos perigos, que vos pintarem. Como „ poſſo eu ir ſem perigos ganhar hum grande theſouro „ por hum caminho aonde ha tantos ladrões? Pois bem „ anda o mundo para vo-lo deixar levar em paz! E ſe „ a vós, que o ides a ganhar, ou a roubar (como diz o Se- „ nhor que o levão os esforçados) pelo caminho real, e

„ por caminho seguro, pelo que foi o nosso Rey, e pelo
„ que forão todos os escolhidos, e Santos, se por este
„ vos dizem que ha perigos, e vos poem tantos temo-
„ res, que perigos levarão os que a seu parecer vão a
„ ganhar este bem sem caminho nenhum? O' filhas mi-
„ nhas, que muitos mais perigos sem comparação levão
„ elles; mas não os entendem, nem conhecem athé ca-
„ hirem no verdadeiro perigo, quando não ha quem lhes
„ dê a mão.

624 „ Crede-me pois vós, e não vos engane ninguem
„ em vos mostrar outro caminho, que não seja o da ora-
„ ção. Quem vos disser que isto he perigo, tende-o a el-
„ le pelo mesmo perigo, e fugi delle, e não vos esqueça
„ isto, que vos será necessario este conselho. Perigoso
„ será não ter humildade, e as outras virtudes; mas ca-
„ minho de oração caminho de perigos? Nunca Deos tal
„ permitta; que parece que o demonio tem inventado,
„ estes medos, e para isso tem sido manhoso em fazer
„ cahir alguns, que tinhão oração. E vejão tão grande
„ cegueira, que não repara o mundo em milhares, que
„ tem cahido em heresia, e em grandes males sem ter
„ oração, nem saber que cousa ella era, e entre muitos
„ destes se o demonio por fazer melhor o seu negocio
„ fez cahir alguns bem contados, que tinhão oração,
„ tem posto a alguns tanto medo ás cousas de virtude. Es-
„ tes, que cuidão que assim se livrão, attendão que fo-
„ gem do bem para se livrarem do mal. Nunca vi tal in-
„ venção; parece demonio.

625 „ Mas entre estes males sempre ha hum grande
„ bem, e he que sempre vereis alguns, q̃ vos ajudem, ...
„ quando em hum tempo de tribulação, em hũa zizania,
„ que ha semeado o demonio, que parece leva a todos
„ atras de si cegos, porque he debaixo de bom zelo, le-
„ vanta Deos a hum, que lhes abra os olhos, e diga,
„ que attendão que o demonio lhes pôs nevoas nos olhos,
„ para não verem o caminho. Que grandeza de Deos, que
„ póde mais ás vezes hum homem só, ou dous, que di-
„ gão verdade, do que muitos juntos dos outros! Tor-

„ na

„ na pouco a pouco a descubrir o caminho, e da-lhes animo.
„ Se dizem que ha perigo na oração, procura que se enten-
„ da quam boa he a oração, senão por palavras, por
„ obras. Se dizem que não he bom communhões a meu-
„ do, então as frequenta mais: e assim como haja hum,
„ ou dous, que sem temor sigão o melhor, logo torna
„ o Senhor pouco a pouco a ganhar o perdido.

626 „ Assim, Irmãas, deixai-vos destes medos; nun-
„ ca façais caso de cousas similhantes da opinião do vul-
„ go; vede que não são tempos estes de crer a todos,
„ senão aos que vires que vão conforme a vida de Chris-
„ to..... Deixai-vos de temores aonde não ha que te-
„ mer. E se algum vo-lo pozer, declarai-lhe com humil-
„ dade o caminho; dizei que tendes regra, que vos man-
„ da orar. Se vos disserem que oreis vocalmente, pergun-
„ tai-lhe se o entendimento, e coração hão de estar no
„ que dizeis quando rezais? Se vos disserem que sim,
„ (que não poderáã dizer outra cousa) vedes ahi con-
„ fesão, que de força haveis de ter oração mental, e
„ ainda contemplação, se Deos vo-la der.

627 No capitulo primeiro das Sextas Moradas fallando dos Confessores demasiadamente incredulos em materia devisões, e favores divinos, julgando tudo falso, e suspeitoso, diz assim: „ Comecemos pelo tormento, que
„ dá achar hum Confessor tão desconfiado, e pouco ex-
„ perimentado, que não ha cousa, que tenha por segu-
„ ra; tudo teme, em tudo põe dúvida, como vê cousas
„ não ordinarias: principalmente se na alma, que as tem
„ vê algũa imperfeição, (que lhes parece hão de ser An-
„ jos a quem Deos fizer estas mercês, e he impossivel
„ serem em tudo perfeitas em quanto viverem neste cor-
„ po) logo tudo he condemnado a demonio, ou melan-
„ colia. E desta está o mundo tão cheio, e faz o demo-
„ nio tantos damnos por este caminho, que tem muita ra-
„ zão os Confessores de o temer, e de se acautelarem bem.
„ Mas a pobre alma, que anda com o mesmo temor,
„ e vai ao confessor como a juiz, e este a condemna,
„ não póde deixar de receber tão grande tormento, e

„ turbação, que só entenderá o grande trabalho, que he,
„ quem tiver passado por elle. Pois o he grande para
„ estas almas imaginar que por seus peccados ha de per-
„ mittir Deos que sejão enganadas. ... E quando vão
„ buscar consolação com o Confessor, parece que tem
„ acodido os demonios a elle, para que as atormente
„ mais. E assim tratando hum com hũa alma, que esta-
„ va neste tormento, depois de passado, lhe dizia a ella
„ que o avizasse quando elle estivesse assim desabrido; e
„ sempre era tanto peior, que veio a entender não es-
„ tava mais na sua mão.

628 Finalmente no capitulo nono das mesmas Sextas Moradas fallando sobre a mesma materia de visões, e do modo de as discernir, e conhecer, diz assim: „ Como os
„ Confessores não podem ver isto, nem talvez a creatu-
„ ra, a quem Deos faz esta mercê, poderá sabê-lo di-
„ zer, temem, e com muita razão; e assim he necessa-
„ rio ir com aviso até esperar tempo do fructo, que fa-
„ zem estas apparições, e ir pouco a pouco vendo a hu-
„ mildade, com que deixão a alma, e a fortaleza na vir-
„ tude, que se he demonio brevemente dará final, e o
„ colherão em mil mentiras. Se o confessor tem experien-
„ cia, e tem passado por estas cousas, pouco tempo lhe
„ basta para o entender, que logo na relação verá se he
„ Deos, ou imaginação, ou demonio; especialmente se
„ o Senhor lhe tem dado o dom de conhecer espiritos,
„ que se o tem, e letras, aindaque não tenha experien-
„ cia, o conhecerá mui bem.

629 „ O que he mui necessario, Irmãs, he que an-
„ deis com grande clareza, e verdade com o confessor.
„ não digo em dizer os peccados, que isso claro está,
„ mas em dar conta da oração; porque senão ha isto,
„ não seguro que vades bem, nem que he Deos o que
„ vos ensina. que este he mui amigo que ao que está em
„ seu lugar se trate com a verdade, e clareza, que com elle
„ mesmo, desejando entenda todos os seus pensamentos
„ por pequenos que sejão, quanto mais as obras. E se
„ tiveres isto, não andeis turbadas, e inquietas, que ainda

„ que

„ que não foſſe de Deos , ſe tiveres humildade , e boa
„ conſciencia , não vos fará mal ; pois ſabe o Senhor ti-
„ rar bens dos males , e que pelo caminho por onde o
„ demonio vos queria fazer perder , ganheis mais , julgan-
„ do que o Senhor vos faz grandes merces , e por iſſo
„ vos esforceis a contentar-lhe melhor , e andar ſempre
„ occupada a memoria na ſua figura ; como dizia hum
„ letrado , que o demonio he grande pintor , e ſe lhe
„ moſtraſſe bem ao vivo hũa imagem do Senhor , que não
„ lhe peſaria , para com ella avivar a devoção , e fazer
„ guerra ao demonio com as ſuas meſmas maldades.

630 „ Que ainda que hum pintor ſeja muito máo ,
„ não por iſſo ſe ha de deixar de reverenciar a imagem ,
„ que faz , ſe he de todo o noſſo bem. Parecia-lhe mui
„ mal o q̃ alguns aconſelhão , que dem figas quando aſſim
„ virem algũa viſão ; porque dizia que aonde quer que
„ vejamos pintado o noſſo Rey , o havemos de reveren-
„ ciar , e vejo que tem razão ; pois ainda cá ſe ſentiria
„ hũa peſſoa , que quer bem a outra , ſe ſoubeſſe que fa-
„ zia vituperios ao ſeu retrato , nem goſtaria diſſo. Pois
„ quanto mais pede a razão que ſempre ſe tenha reſpei-
„ to aonde quer que virmos hum Crucifixo , ou qualquer
„ retrato do noſſo Imperador? Ainda que tenho eſcripto
„ iſto em outra parte , me folguei de o pôr aqui , por-
„ que vi que hũa peſſoa andou afflicta porque lhe man-
„ davão tomar eſte remedio ; não ſei quem o inventou
„ tanto para atormentar a quem não póde deixar de obe-
„ decer , ſe o Confeſſor lhe dá eſte conſelho , parecendo-
„ lhe vai perdida , ſe o não faz. O meu conſelho he que
„ ainda que vo-lo dem , lhe digais eſta razão com hu-
„ mildade , e que o não tomeis : em extremo me qua-
„ drárão as boas razões , que me deu quem mo diſſe neſ-
„ te caſo.

FOR-

FORMULARIO PRATICO
DA ORAÇÃO MENTAL, E MAIS EXERCICIOS DEVOTOS.

ASSIM como não basta saber o que he bom, se se não obra, assim não seria completo este Resumo, se depois de dar hũa sufficiente instrucção da theorica da vida do espirito; não desse tambem algũas normas do modo de a exercitar praticamente; e ainda que isto já de algũa sorte fica em varias partes observado, reservei para este lugar dar juntamente a forma de praticar os mais necessarios, e ordinarios exercicios, que devem ter as almas espirituaes, e que as conduzem á perfeição, para que seja mais facil aos Directores a conduta das almas, e a estas a pratica dos mesmos exercicios, quaes são os da oração mental, confissão, cõmunhão sacramental, e espiritual, modo de ouvir missa, de visitar a via-sacra, de fazer os exercicios de retiros, da Cruz, da morte, presença de Deos, o quotidiano, e outros mais; o que tudo vai exposto nos seguintes paragrafos, com a clareza, e brevidade possivel.

§. I.

ORAÇÃO MENTAL.

631 O Methodo de oração mental, e meditações para ella, que compôs o illuminado espirito do P. Fr. Manoel de Deos, he tão precioso, e tão completo, que de poucos poderá ser igualado, e de nenhum excedido facilmente no espirito, unção, e viveza, com que persuade, toca, penetra, e move; e na discrição, com que em pouco diz muito, nada superfluo, tudo o necessario, e tudo o mais efficaz, e mais proprio para inflamar os corações; por isso aconselho o seu uso a quem o poder ter; e para quem o não tiver devêra eu aqui copiá-

piá-lo, mas porque tambem muitas vezes o melhor manjar enfaſtia, e ſe goſta do que não he tão ſuave, para eſtes enfermos do goſto darei aqui o ſeguinte, e porei duas meditações, ou pontos para cada dia da ſemana em cada hum dos tres eſtados, para que poſsão ſervir a quem não tiver outros livros.

632 O lugar mais proprio para a oração são os templos, oratorios, e lugares deſtinados para dar culto a Deos, e aos ſeus Santos; porque ainda que Deos eſtá em toda a parte, nos lugares ſagrados, e devotos eſtá com hũa particular aſſiſtencia, e ahi promette ouvir, e attender as ſuplicas dos corações humilhados, e acceitar os votos, que ſe offerecerem na ſua preſença; mas quando não poder ſer ahi, qualquer lugar he proprio para ella. A oração de muitos unidos em hum ſó eſpirito he mais poderoſa, e mais ouvida de Deos, o qual diz que aonde eſtiverem dous, ou tres congregados em o ſeu nome, ahi eſtá elle com elles. Aſſim como o cordão de tres voltas com difficuldade ſe rompe, aſſim he mais forte diante de Deos a oração de muitos unida. Quando muitos dão vozes juntamente, ouvem-ſe mais, do que quando clama hum ſó. E no povo grave goſta de ſer louvado o Senhor; por iſſo quem a poder fazer de ſociedade, não ſe engane cuidando que a fará melhor ſó.

633 A poſtura do corpo deve ſer de joelhos com as mãos levantadas, ou cruzadas diante do peito, os olhos fechados, ou baixos, ou poſtos em algũa devota imagem, e não diſcorrendo por hũa, e outra parte, por que a viſta dos objectos fará diſtrahir o entendimento. Tambem ſe póde orar de pé, ou proſtrado por terra, ou parte da oração de hum modo, parte de outro. Mas quando de nenhum dos tres poſſa ſer, antes ſe faça eſtando ſentado, ou deitado do que ſe deixe de fazer, porque muitos Santos eſtiverão por annos paraliticos, e na meſma cama, em que jazião, fazião a contemplação mais ſubida; e ſentados eſtavão em oração os Apoſtolos quando deſceu ſobre elles o Eſpirito Santo. Eſteja o eſpirito, e o coração bem humilde, com bem devoção, e reverencia, que o corpo

he

he ſacco de terra, que onde quer, e como quer que eſtiver pouco emporta; mas ſe ſe deixar vencer da perguiça, ou da nimia delicadeza para não eſtar em poſtura de devoção, tambem o eſpirito não eſtará mui devoto.

Preparação.

634 POſto de joelhos, e feito o ſinal da Cruz, conſidere preſente toda a Santiſſima Trindade, que ali eſtá eſperando os obſequios, e affectos do ſeu coração, e a ſaudará com o verſo: *Gloria Patri, &c.* inclinado em tanto profundamente: e firmando-ſe em hũa viva, e indubitavel fé, e certo conhecimento de que ahi eſtá Deos preſente, todo olhos, e todo entendimento para ver, e conhecer tudo o que paſſa pelo ſeu interior, e exterior, dirá: *Creio meu Deos, e confeſſo que aqui eſtou na voſſa divina preſença, e dentro da voſſa immenſidade todo cheio, e todo cercado de Vós, e que Vós aqui me eſtais vendo, e conhecendo os mais occultos ſegredos, e affectos de meu coração. O' quem, meu Deos, o tivera tão inflamado nos incendios do voſſo amor, que o fizera agradavel aos voſſos olhos! Mas ay de mim que ſó nelle eſtais vendo ingratidões, e offenſas voſſas! Eu me confundo abatido athé o abyſmo do meu nada, e pegado com o pó da terra me cubro de pejo, e confuſão de apparecer aſſim diante da voſſa grandeza, e mageſtade, e que ſendo vós a meſma pureza, e ſantidade, admittais em voſſa preſença, e permittais que vos eſteja tocando, e meſmo dentro de Vós, e vos tenha dentro de ſi hum vaſo de immundicia; a meſma vileza da terra; eſte peccador ingrato, que merecia eſtar no Inferno debaixo dos pes dos demonios; eſté deſobediente filho prodigo, que vos tem virado as coſtas; que ſe auſentou de Vós pela culpa; que deſperdiçou as voſſas graças; que peccou contra o Ceo, e á voſſa viſta, e que tem conreſpondido com offenſas ao voſſo amor.*

635 *O' quanto me peſa já de ter conreſpondido tão mal a hum Pay tão bom! Mas a voſſa meſma bondade me dá hũas firmes eſperanças do perdão, e me anima a pedir-vo-*

lo

lo com a confiança de filho, ainda que máo; pois ainda que eu tenho sido máo filho, Vós sempre sois bom Pay. Eu me volto a Vós, Pay Divino, e proſtrado em minha face diante da voſſa grandeza vos adoro, e venero com o mais profundo reſpeito, e deſejára que vos adoraſſem por mim todas as creaturas do univerſo; e confeſſando a voſſa infinita bondade recorro á multidão das voſſas miſericordias; e arrependido do mal que fiz em vos deixar, torno a buſcar em Vós o bem, que perdi por minha culpa. Recebei-me Pay meu em voſſa caſa; admitti-me de novo á voſſa graça; concedei-me benigno a voſſa benção; e fazei-me como hum dos voſſos ſervos, que ſó me occupe em vos ſervir, e amar.

636 *E principalmente neſta hora quando eu venho reconciliar-me comvoſco; humilhar-me em voſſa divina preſença; derramar meu coração diante de Vós; e tratar comvoſco da ſalvação de minha alma; ancioſo de comer em voſſa caſa o pão dos filhos, e beber as aguas da graça das fontes do Salvador; deſejando empregar em voſſo obſequio todos meus ſentidos, e potencias; aproveitar comvoſco eſte bocadinho de tempo; e fazer com fruĉto a minha oração; dignai-vos, Pay das luzes, Divino dador dos dons, mandar á minha alma o voſſo Divino Eſpirito, que como fogo do Ceo, e fonte de luz eterna, deſterre della as trevas da ignorancia, fecunde minha memoria, illumine meu entendimento, inflame minha vontade, e deixe cahir em meu coração hũa lingua daquelle fogo, que deſceu ſobre os Apoſtolos, para que inflamado todo nas chamas de voſſo amor, ſó tenha ſentimentos piedoſos, e affeĉtos do voſſo agrado. Fazei comigo, bom Deos, eſta grande miſericordia pela voſſa meſma bondade, e pelos merecimentos de voſſo Unigenito Filho, e meu Senhor Jeſus Chriſto, e de voſſa Eſpoſa, e minha Mãy, e Senhora Maria Santiſſima, em cujo nome, e no voſſo começo a minha oração, e mando aos demonios do Inferno me não embaracem o ſeu fruĉto.*

637 Quem ſouber o hymno *Veni Creator Spiritus*, e o recitar com pauſa, e devoção receberá unções ſantas, e illuſtrações daquella Luz increada. Feita a preparação ſe lerá o ponto, ou ſe terá lido dantes, e fazendo madura

reflexão ſobre as circunſtancias, que mais moverão a vontade, neſtas meditará com vagar, pelo modo que em ſeu lugar fica dito, (*an.* 123.) affervorando-ſe de quando em quando com alguns affectos, e jaculatorias devotas, as quaes proferirá em tom devoto, ſe for em commum a oração, para que poſsão mover, e deſpertar o fervor aos circunſtantes. Hũas vezes as encaminhará a dor das culpas, outras a vivos propoſitos de emenda; outras ſerão actos de amor de Deos, e ſupplicas ao meſmo Senhor, que lhe conceda as virtudes, de que neceſſita, graças, e auxilios para o não offender, e remedio de todás as ſuas neceſſidades; e algũas vezes na meditação ſe lembre da payxão, ou vicio, em que ſe vê mais tentado, e tire por fructo da oração a emenda dos defeitos, o vencimento deſſa payxão, e a diligencia por adquirir a virtude a ella contraria, que eſte he o principal fim da oração. Sempre concluirá a meditação com acto de contrição; e ſerá bom que commungue eſpiritualmente, e depois dará as graças ſeguintes.

Acção de Graças, Offerecimento, e Petição.

638 Acabado o tempo da meditação concluirá a oração dizendo: *Graças, e louvores infinitos vos ſejão dados, bom Deos, pela voſſa meſma bondade, e pela grande miſericordia que uſais, e tendes uſado comigo em me creares, remires, e me conſervares a vida, e me dares tempo, e auxilios para me converter a Vós, e me arrepender de minhas culpas, merecendo eu por ellas eſtar já ardendo no Inferno. Oh quem vos poděra louvar como mereceis! Mas como vos póde louvar quem vos offende? Louve-vos por mim toda eſſa Corte celeſte, Maria Santiſſima, e todos os Anjos, e Santos do Ceo; eu vos offereço aquelles doces canticos, que elles vos eſtão preſentando continuamente no throno de voſſa gloria, e deſejára unir com elles o meu eſpirito, e o de todas as creaturas do Univerſo, e que de todas foſſes amado, ſervido, e louvado como mereceis.*

639 Oh

639 *Oh quem, meu Deos, ſe vos podéra moſtrar agradecido! Quem tivera que vos offerecer em retribuição de tantas miſericordias, tantos, e tão grandes beneficios como tendes feito, e eſtais fazendo a eſta vil creatura! Mas que vos poderá dar quem he tão pobre? Que vos poderá offerecer quem não tem em ſi ſenaõ maldades? Se eu aſſim como ſou, todo ſou voſſo, e ſe algum bem ha em mim, todo vos devo, que poderei achar em mim digno de Vós, que não ſeja beneficio, que vos deva? Mas he tanta a voſſa bondade, que conhecendo a minha pobreza, e querendo que vos pague a minha divida, me dais Vós meſmo hum theſouro infinito, donde vos poſſa pagar quanto vos devo, e quanto vos poſſa dever; mas então me deixais ainda mais devedor, quando me deixais mais empenhado. Os infinitos merecimentos de voſſo Unigenito Filho Jeſus Chriſto são hum ſeguro fiador de todas as minhas dividas: hũa ſó gotta de ſeu precioſiſſimo Sangue he baſtante para ſatisfazer por mil mundos; pois com eſta confiança, Senhor, eu vos offereço em ſatisfação de minhas culpas, e agradecimento dos beneficios, e graças que vos devo, não ſó hũa gotta, mas toda a copioſa corrente daquelle preço da Redempção humana, os merecimentos da ſua ſantiſſima Vida, Payxão, e Morte, e os de ſua puriſſima Mãy, e minha Senhora Maria Santiſſima, e de todos os Anjos, e Santos do Ceo; e ſe em mim houver couſa que vos poſſa agradar ainda do meſmo que he voſſo, eu vo-la offereço tambem. Offereço-vos minha alma, minha vida, meu coraçaõ, o meu ſer, a minha liberdade com huns ancioſos deſejos de vos ſervir, e amar como devo, e com huns vivos proteſtos de aſſim o executar, de emendar minha vida, evitar as voſſas offenſas, e ſolicitar as virtudes, com que nos poſſa agradar.*

640 *Fazei Vós, bom Deos, que eu aſſim o execute por fruĉto da minha oração. Eu vos rogo, Senhor, humildemente que não deſatendais as ſupplicas deſte ingrato filho voſſo, que arrependido de vos ter virado as coſtas já torna contrito a voſſos pés ſuplicar-vos a voſſa miſericordia; não ma negueis Pay Divino, por quem ſois; não me deſampareis, que eu ſou mui fraco, e ſem o voſſo auxilio nada*

posso; Perdoai-me, Senhor, as minhas, culpas, e concedei-me a graça efficaz para que vos não torne mais a offender, e para vos servir, e amar como mereceis; para alcançar as virtudes que me são necessarias; para resistir ás tentações de meus inimigos, e para me vencer na desordem de minhas payxões, e appetites. Rogo-vos tambem pelo estado da Santa Igreja Catholica, pelo Summo Pontifice, e mais Prelados, e Ministros sagrados: pelo augmento da Fé, extirpação das heresias, conversão dos Gentios, paz e concordia entre os Principes Christãos; pelos peccadores, para que se convertão á vossa graça; e pelos justos, para que se conservem nella. Rogo-vos pelos meus bemfeitores, parentes, amigos, e inimigos; pelos que se encomendão nas minhas orações, e pelos que me encomendão nas suas. Rogo-vos pela felicidade espiritual, e temporal deste Reyno, pelo nosso Rey, e por toda a familia Real. Rogo-vos pelas bemditas almas do Purgatorio, especialmente pelas de minha maior obrigação. Ultimamente vos peço, que como Pay de misericordia me lanceis a vossa benção, e me concedais o dom de perseverança no bem athé a morte, para que acabando a vida em vossa graça, vos vá louvar, e gozar na eterna Gloria. Tudo vos peço pelos infinitos merecimentos de vosso Unigenito Filho, e meu Senhor Jesus Christo, que com vosco, e com o Espirito Santo vive, e reina por todos os seculos dos seculos. Amen.

MEDITAÇÕES

Para os principiantes, e via purgativa.

I. PONTO.

Do fim para que fomos creados.

641 COnsidera que foste creado unicamente para amar, e servir a Deos nesta vida, e goza-lo na vida eterna. Este foi o unico intento com que Deos te deu o ser, e te extrahio do nada que eras; por isso te deu hũa alma capaz de o amar, e gozar; e

para

para isso te conserva a vida, e te fortalece com santas inspirações: todas tuas obras, e cuidados devem dirigir-se unicamente a este fim, e toda a diligencia, que não empregares no negocio da salvação he diligencia errada, e contraria ao teu dever. Ah! E quem não pasma de ver o pouco, ou nada que os homens cuidão neste unico, e só importante negocio, e o muito que occupão seus cuidados em negocios terrenos, e contrarios ao fim do seu destino! Se virão as costas ao Ceo, como pódem dizer que caminhão direitos a elle? Todas as creaturas do Universo cumprem com o fim para que as destinou o Creador, só o homem he a unica das creaturas que se aparta do seu destino, e que não cumpre com o fim da sua creação. Quem o podéra crer, se o não vira? A creatura mais perfeita, e mais nobre de quantas Deos creou sobre a terra, e a unica, que nella creou para hum fim sobrenatural, e eterno, a mais estimada, e mais favorecida de Deos, só esta ha de encontrar as sabias intenções do Creador, e frustrar os acertados projectos da sua providencia! Oh ingratidão abominavel! Oh ignorancia fatal! Desperta, desperta descuidado, olha para onde foste creado, e vê para onde vas caminhando; emenda os passos errados, deixa os caminhos do mundo, e segue o do Ceo, que só te póde conduzir ao teu fim, que he Deos.

II. PONTO.

Do conhecimento proprio pela vileza do nosso principio.

642 COnsidera que es feito de barro, hũa pouca de terra, hum pó, e que em pó te has de tornar: tudo quanto cuidas que es mais do que isto, he engano da tua cegueira, he vaidade da tua vã fantasia. Honras, estimações, grandezas do mundo tudo se desvanece em fumo, tudo vem a parar na sepultura; parecem o que não são, e não são o que parecem; quem as estima dá só a estimação ás apparencias; e não he loucura correr atrás das sombras? Que engano he logo fazer tanto caso da terra, e estimar tanto o pó! Este ou esteja na

casa,

caſa, ou na rua; no palacio, ou na choupana; no altar, ou no pavimento; no lugar elevado, ou no abatido, ſempre he pó deſpreſivel, ſempre tem a meſma vileza: logo porque has de eſtimar o teu pó, ſó porque agora eſtá talvez mais altivo, ſe por iſſo meſmo eſtá a riſcos de ſe deſpenhar de mais alto, e ficar mais abatido! Ah! conhece, conhece o que es, e o que has de ſer, e não te enganes com o que cuidas que es; humilha-te diante de Deos; confunde-te de que ſendo tão vil te viraſſes contra o Autor do teu ſer. Conhece que deves ſer deſpreſado, e andar debaixo dos pés, que he o lugar proprio da terra; que he injuſtiça ſe te derem eſtimação, pois te dão o q̃ te não he devido; humilha-te á viſta do teu nada, e tu ſerás exaltado; porque ſe te elevares altivo ſerás humilhado, e abatido por Deos athé o abyſmo.

III. PONTO.

Do peccado mortal.

643 COnſidera que horrenda, e abominavel couſa he hum peccado mortal: com elle fica a alma feita demonio, tão feia, tão negra como o meſmo demonio; tão eſpantoſa que ſe ſe viſſe a ſua fealdade na terra baſtaria para matar de repente o mundo todo. O peccado mortal he hũa marca, e ſello de Satanáz, com que marca a alma por ſua; faz a alma inimiga de Deos, e a Deos inimigo da alma; faz que Deos a riſque logo do livro dos juſtos, e eſcreva a ſentença da ſua condemnação, e lhe chame maldita para ſempre; hum ſó peccado mereceu a deſgraça, e miſerias da noſſa natureza, e por hum forão os demonios arrojados do Ceo, e arderão no Inferno para ſempre. O peccado mortal mette a Deos debaixo dos pes, deſpreza-o, e lhe nega o ſer, e a Divindade: crucifica de novo a Jeſus Chriſto, e o trata com mais crueldade do que os meſmos Judeos; adora o demonio, mette-o no coração, e lhe dá poſſe delle, negando-o a Deos que o pede. Olha para ti, peccador, com os olhos da fé, e vê o que es quando eſtás em peccado! Ah!

Ah! não sei como não tens medo de ti mesmo! Não tens horror de ti, porque te não ves, que se te viras, fugiras de ti; antes quererias estar no Inferno, do que ver a tua fealdade. E estás tão feio, e páras? estás em tanta desgraça, e dormes, ris, jogas, e te divertes? Ah! se continúas assim, digo que perdeste o juizo com a graça: torna, torna para o teu Deos, que ainda te quer; lava-te nas aguas da penitencia antes que morras no peccado, e dessa desgraça passes a ser desgraçado para sempre.

IV. PONTO.

Do peccado venial.

644 COnsidera que grande mal he hum peccado venial: he tão grande, que juntos todos os males do mundo, não são tão grande mal como elle; só o peccado mortal o excede na maldade, e nenhum outro mal o iguala: não se chama venial porque deixe de ser hũa grande maldade, e ingratidão contra Deos; mas porque não priva da graça; e pela misericordia, e bondade com que o Senhor o perdôa facilmente; mas supposto não prive da graça de Deos, vai enfraquecendo a alma como a febre lenta, que debilita o corpo; desmerece os auxilios do Senhor, e vai dispondo a alma para o mortal, em que infalivelmente cahirá quem fizer pouco caso dos veniaes. He hũa descortesia, e dasatenção injuriosa, que o peccador faz a Deos, e tão grave, supposto se chama leve, que não he licito comette-lo por quanto tem o mundo, nem ainda por salvar o mundo todo; menor mal he que se perca o mundo todo, e que vão todas as almas para o Inferno, do que hum só peccado venial. Olha como tens andado enganado, cuidando que hum peccado venial he quasi nada: olha que immensidade delles comettes cada instante, e vê o perigo em que andas, se não es mais cuidadoso em os evitar: e que mal será o peccado mortal, quando o venial he tão grande! Arrepende-te, e emenda-te de todos, e pede a Deos graça para isso.

V.

V. PONTO.

Das miſerias da vida, a que nos ſugeitou o peccado.

645 COnſidera, que ſe não fôra o peccado tudo em nós havia de ſer paz, e alegria; tudo deſcanſo, tudo felicidades; na innocencia havia de dominar a razão ſem reſiſtencia das payxões; a virtude, e o amor de Deos havião de ſer naturaes ao homem, ſem ſer neceſſario fazer-nos força a nós meſmos; os inimigos havião de eſtar preſos, e ſem forças, e as tentações nada havião de cuſtar a vencer; as inclinações todas havião de ſer para o bem, e nada havia de haver penoſo para a natureza; as arvores, os campos havião de dar fructos em abundancia ſem o trabalho de os cultivar, e para termos tudo o neceſſario não havia de ſer preciſo romper as entranhas da terra para extráhir o ouro a tanto cuſto; em fim a morte não havia de ſer horroroſa, e ſe teria por dita quando ella vieſſe, porque nella começaria a vida eterna: mas o peccado tranſtornou toda a ordem da natureza, e perverteu a harmonia da innocencia; condemnou-nos aos horrores da morte, e a comermos o pão á cuſta do noſſo trabalho; fez a natureza rebelde á razão, deſordenou as payxões, deu força aos inimigos, fez-nos repugnante a virtude, e ſugeitou-nos a hũa infinidade de miſerias, trabalhos, canſeiras, e perigos. Oh que feia, e que horrenda couſa he o peccado, pois he origem de tantos males! E quem fará caſo de hũa vida tão miſeravel, cheia de tantas canſeiras! Reſolve-te a ſofrer com paciencia, e como caſtigo os trabalhos da vida, que eſte ſó he o modo de remediar as ſuas deſgraças; aſpira ao deſcanſo, e aos goſtos da vida eterna, chora o peccado, que lançou ſobre nós a maldição dos trabalhos, e miſerias da vida preſente.

VI. PONTO.
Da brevidade da vida.

646 CONsidera, que aindaque a vida não tivera outra miseria em si, bastava a da brevidade, com que passa, para se não fazer estimavel: se mil annos em comparação da eternidade são como o dia de hontem, que passou, que será o limitado prazo da vida humana! Hum instante ainda he parte de tempo; hum relampago ainda se vê durar algum espaço, mas em comparação da immensa eternidade nem he instante, e ainda he menos que hum relampago a vida mortal: ou se goze, ou se padeça no mundo, tudo desaparece em hum instante, tudo passa ligeiro como o fumo. Ves quanto tem succedido no mundo, olha como já tudo passou como se não fôra; pois assim ha de passar o futuro: só na eternidade nada passa, tudo está sempre presente, e sempre o mesmo: a gloria de Abel, e o inferno de Caim estão agora como se hoje principiassem, e daqui a milhares de annos estarão no principio como agora. A vida presente mais se póde chamar hũa morte continuada, pois quanto mais vai, mais nos vai levando á morte; qualquer instante que vivemos, já esse nos falta á vida, e estamos mais perto da morte; logo quem mais vive mais morre; pois que caso se deve fazer de hũa vida tão mortal? E não será loucura, e engano grande querer viver esta pouca, e breve vida em regalos, e deleites do corpo, e depois ir viver hũa eternidade sempre em trabalhos, e em tormentos do corpo, e d'alma? Oh cegueira! Abre os olhos para a veres bem, e resolvete a viver mortificado na vida, e a renunciar os gostos, e os falsos deleites della para ires viver regalado com Deos na vida eterna.

VII. PONTO.
Da Morte.

647 CONsidera que has de morrer certamente ; he maldição do peccado, e eſtatuto de Deos irrevogavel para todo o vivente. Que has de morrer he certo, o quando, e como, não o ſabes ; poderá ſer neſte dia, neſte mez, ou neſte anno, poderá ſer de hum accidente, de hum perigo, e de repente ſem teres tempo de te confeſſar, nem diſpor ; póde ſer quando eſtiveres em peccado ſem poder ter dor, nem arrependimento delle, e que immediatamente ſejas condemnado : iſto tem ſuccedido a milhares d'almas ; neſte meſmo dia ſuccederia a muitas, que talvez terião feito bem vezes eſtas meſmas reflexões ; e não poderá ſucceder-te ati meſmo ? E ſe aſſim ſor ? Oh deſgraçado de ti, que terás morte peſſima, e eternidade infeliz ! Pois ſabe que ſe viveres mal, aſſim has de morrer ; qual for a tua vida, tal ha de ſer a tua morte : vê pois o perigo em que andas, e acautela-te em quanto tens tempo ; arrepende-te do mal que tens vivido tão deſcuidado da morte, e cuida em viver bem para morrer bem.

VIII. PONTO.
Do Juizo particular.

648 CONſidera, que no meſmo inſtante que eſpiares, logo tua alma ha de ſer preſentada ao tribunal do ſupremo Juiz ; ali hão de apparecer todas as tuas obras boas, e más, ainda o mais occulto penſamento do teu coração ; ali ſerás accuſado pelos demonios, que pediráõ tua alma como ſua para a atormentarem para ſempre ; e ſe morres em peccado tudo ſerá contra ti athé o teu meſmo Anjo da guarda, diante de quem fizeſte os males ; o ſupremo Juiz te amaldiçoará, e te entregará aos demonios, que como lobos famintos inveſtiráõ a ti furioſos, e te arrebataráõ para o Inferno, e te eſta-

estarão ahi despedaçando em quanto Deos for Deos. Ah! quem não pasma só com esta espantosa lembrança! Olha se agora morresses em peccado q̃ desgraçado eras! Cuida pois em te arrepender das culpas, e lava-las com lagrimas de penitencia, que assim não appareceráõ diante de Deos; julga-te agora a ti mesmo, e condemna-te ao castigo das culpas, e não temerás o Juizo do Senhor.

IX. PONTO.
Do Juizo Universal.

649 COnsidera, que no ultimo dia do mundo se ha de ouvir em todo elle a espantosa voz do Archanjo convocando todas as gentes a juizo; logo appareceráõ todas em corpo, e alma no Valle de Josafat, aonde descerá Jesus Christo em throno de magestade, e severidade de Juiz, acompanhado de toda a corte celestial: ali appareceráõ em publico as culpas de todas, e cada hũa das almas, e serão conhecidas de todas as creaturas do ceo, da terra, e do inferno, e as saberá quem nunca as soube, e conhecerá claramente a quem as cometteu, ainda que nunca o visse. Logo o supremo Juiz mandará apartar os máos á sua maõ esquerda com os demonios, e os bons á direita com os Anjos, e dirá aos bons: *Vinde bemditos de meu Pay possui o Reyno, que está preparado para vós desde o principio do mundo*: e aos máos dirá: *Apartai-vos de mim malditos para o fogo eterno, que está preparado para o demonio, e e para os seus anjos*: e no mesmo ponto subiráõ os justos com elle para o Ceo, e abrindo-se a terra cahiráõ os máos com os demonios no inferno para sempre. Ah! não sei como se não congela o sangue, e se não perde a vida só em considerar este espantoso successo! E que será o ve-lo, e presenciá-lo! Peccador, se não queres que seja para ti de ira, e de amargura aquelle dia tremendo, accusa-te agora no juizo da penitencia, e executa a sentença de dor, e de emenda, a que elle te condemna; vive daqui por diante como se logo houvesses de apparecer no tribunal do juizo,

e assim ouvirás a sentença dos justos, e escaparás da maldição do Senhor.

X. PONTO.
Do Inferno.

650 COnsidera, que se morreres em peccado logo tua alma he levada pelos demonios ao Inferno, áquella fornalha ardente, áquelle golfo immenso de fogo abrasador tão activo, que em sua comparação he só como se fôra pintado o nosso fogo: ali os companheiros continuos são demonios, condemnados, serpentes, dragões, feras, e bichos peçonhentos; a alma se estará consumindo, sem nunca acabar de consumir-se, penetrada de fogo como está o ferro em brasa; o sangue, os miolos, e todos os humores do corpo estarão fervendo em cachão, e tu, e toda aquella maldita canalha te has de estar amaldiçoando a ti, a Deos, a Maria Santissima, e comendote de raiva, e desesperação por ter perdido a Deos para sempre, podendo gozá-lo eternamente. Ay de ti se fores assim desgraçado! Ay de ti se cahes no inferno, que aonde cahires, e do modo que cahires assim estarás para sempre sem te virar, nem bulir! se não podes parar muito tempo de hum lado em cama regalada, como sofrerás sem mover-te em cama de fogo para sempre? se não podes suportar hum dedo hum instante nas chamas do fogo elemental, como sofrerás estar todo sepultado no abysmo de ardores sempiternos, no meio do fogo devorante, todo trespassado de fogo, engolindo, e respirando fogo! Oh Jesus que tormento! Chora as culpas, com q̃ o tens merecido, e acautela-te do perigo em que estás.

XI. PONTO.
Da Gloria.

651 COnsidéra a felicidade de hũa alma, que morre em graça de Deos, q̃ depois de purgada dos defeitos he levada pelos Anjos a habitar na terra dos viventes, nos eternos palacios da gloria, aonde todos os sen-

sentidos, e potencias estarão transportados em jubilos, e consolações infinitas. Oh que gôzo será ver a formosura dos Anjos, e dos bemaventurados, que cada hum delles resplandece sete vezes mais que o Sol! que será ver a gloria, e a formosura de Christo, e de Maria Santissima! E que será ver a face do mesmo Deos, a gloria de toda a Santissima Trindade, aquella formosura increada donde dimana toda a formosura finita, e á vista da qual todas as mais são como hum ponto em comparação do Universo, como hũa gottinha em comparação do mar! Mas que será estar possuindo em gôzo immenso a mesma gloria, e formosura de Deos! Que será estar hũa alma toda transformada em Deos, feita similhante a elle, transportada em gôzo infinito, sem o mais leve pesar, nem receio de o poder ter; tudo paz, tudo descanso, tudo delicias, tudo doçuras, tudo felicidades eternas, sem receio de as haver de perder! Olha o que podes ganhar pela virtude; olha o que podes perder pela culpa! Se á vista disto não morres de saudades por te ver na alegre cidade de Sião, na Jerusalem triunfante, na feliz terra dos justos, digo, que gostas mais do desterro que da Patria, e que não es digno della. Olha para onde vas caminhando, repara os passos que dás, e se não são pelo caminho do Ceo, emenda-os por não perder tanto bem.

XII. PONTO.
Da Eternidade.

652 COnsidera, que ou te salves, ou te condemnes has de ser eterno, ou no gôzo, ou na pena: se fores feliz, has de ser feliz para sempre, sempre, sempre; se fores maldito nunca has de deixar de o ser, nunca, nunca: em quanto Deos for Deos has tu de ser ditoso, ou desgraçado: passaráõ mil milhões de milhões de centenas de seculos, e a eternidade estará ainda então tão inteira como agora, tão inexhaurivel como se então começára: se cada mil annos se tirasse hũa pequena arêa do mar, só seis se terião tirado desde que o mundo he mundo,

do, e quando deſte modo, e com eſte vagar, e interrupção de ſeculos ſe tiveſſem tirado todas, e mil vezes dobradas as arêas que ha no mar, e na terra nada faltaria á eternidade; ſe fores deſgraçado, então o has de ſer tanto como ſe então começáras, ainda te faltará tanto da eternidade, como faltava no ponto que cahiſte no Inferno: finalmente conſidera quanta ſucceſsão de ſeculos poderes imaginar, canſarás a imaginação, mas não chegarás com ella ao fim da eternidade, porque o não tem. Oh eternidade! Oh incomprehenſivel, e eſpantoſa eternidade! Será poſſivel que alguem ſe lembre de ti, e ainda peque! Poderá alguem conhecer-te, e atrever-ſe a comprar por hum inſtante de falſo deleite hum ſempre ſempre penar; hum ſem fim ſem fim de tormento! Ah louco peccador, ſe eſte eſpantoſo eſtrondo *Eternidade* te não faz temer, e tremer, digo que es mais duro que hũa rocha, mais inſenſivel que hum penhaſco. Reflete bem, e cahe em ti meſmo, e arrepende-te agora, para que te não arrependas ſem remedio eternamente.

XIII. PONTO.

Da difficuldade da ſalvação.

653 COnſidera o que diz o Divino Salvador, que o caminho que leva á vida he muito eſtreito, e que são mui poucos os que o andão; que he apertada a porta do Ceo, e poucos entrão por ella; e a razão he como elle diz, porque o Reyno de Deos ſó ſe leva á força, ſó com grande violencia ſe rouba. E ſendo tão poucos os que poem a força devida, e ſe fazem a neceſſaria violencia para ir ao Ceo, poderemos crer que são muitos os que ſe ſalvão? A ſalvação não he algum negocio de pouca importancia, nem tão facil, que com qualquer diligencia pequena ſe conſiga, como erradamente cuidão os mundanos; he hum negocio o mais importante, e que nada importa tanto como elle; he hum negocio cuſtoſiſſimo, hum negocio o mais difficultoſo, e que ſó ſe conſegue á cuſta de diligencias penoſas, trabalhos,

ſuo-

fuores, penitencias, e outros exercicios cuſtoſos a natureza rebelde. O meſmo Jeſus Chriſto foi neceſſario padecer para haver de entrar na Gloria; e elle meſmo diſſe, que quem não levar com elle a ſua Cruz não he digno delle; e a Cruz já ſe vê que ha de ſer peſada, que ha de cuſtar trabalho a levar: não houve Santo que para ſe ſalvar não fizeſſe hũa vida auſtera, cuſtoſa, e penitente, e ainda aſſim apenas fizerão o baſtante para ſe ſalvar; e ſe o juſto eſcaſſamente ſe ſalva, o impio, e o peccador aonde pararáõ? e á viſta diſto julgas tu que farás o baſtante para te ſalvares poſto neſſa tibieza, neſſa negligencia, neſſa ineptidão para o bem; neſſa repugnancia ao padecer, e neſſa inclinação ao deſcanſo, aos regalos, e aos deleites mundanos? Ah deſgraçado, que deſſe modo vas pelo caminho largo da perdição! Torna já atraz nelle, e vira-te ao da penitencia, que he ſó o que leva á vida.

XIV. PONTO.

Da reſiſtencia ás graças.

654 COnſidera, que aſſim como o ſuſtento dá forças ao corpo, e a falta delle lhas tira, aſſim a alma ſe fortalece ſendo fiel ás graças, e inſpirações divinas, que são o ſuſtento do eſpirito, e ſe debilita reſiſtindo aos divinos auxilios: quanto mais eſtes ſe abração, tanto mais, e maiores os dá Deos, e quanto mais ſe deſprezão, tanto mais os nega em caſtigo, athe que chegando a hum certo termo de deſprezo, delampara Deos de todo a creatura, e lhe nega toda a graça efficaz, ſem a qual não obrará já mais a ſalvação, e fica entregue ao ſentido reprobo, e aos deſejos de ſeu coração, athe que morra em impenitencia final. He eſta hũa verdade terrivel, e hum ſegredo da ſabia providencia, que faz tremer as almas mais juſtas: e quanto mais devião temer os peccadores! Se tu não temes, nem te aſſuſtas com ella, ſabe que por iſſo meſmo deves temer, e tremer que não ſeja já por te ir Deos diminuindo as graças, e negando maiores auxilios em caſtigo de os teres deſprezado athe

ago-

agora, e que assim vas descaindo de forças, e desmerecendo as luzes do Espirito Santo, sem o qual não podes dizer Jesus. Examina-te seriamente, e vê quantas vezes tens sido chamado para a virtude, quantas vezes te tem Deos tocado o coração para que deixes os descaminhos da culpa, e te convertas a elle, e quantas vezes tens desprezado estas santas inspirações! Resolve-te deveras a abraçá-las daqui em diante, para evitar o perigo em que estás do desamparo de Deos.

MEDITAÇÕES

Para os Proficientes, e via Illuminativa.

I. PONTO.

Da Encarnação do Verbo Divino.

655 COnsidera, como chegada a sagrada enchente dos tempos, em q̃ nos decretos eternos estava destinado havião de orvalhar os Ceos lá do alto, e chover as nuvens o Justo, sahio o Unigenito de Deos do seio do Eterno Pay, e desceu ao ventre da Virgem, aonde unindo-se á nossa natureza, com a nossa carne, tomou sobre si as nossas miserias, fez-se cargo das nossas culpas, como se elle fosse o culpado, para satisfazer por ellas á sua mesma justiça; e exaltou tanto a natureza humana, que a fez participante da Divina pela união Hypostatica, e nos tornou a investir no perdido direito da gloria, e na herança eterna, de que nos tinha desherdado a culpa, tudo pelo amor que nos tinha, tão pouco merecido de nós; tudo por compayxão da desgraça, que herdamos de nossos primeiros Pays. Quem não pasma com tanta misericordia! Quem não se admira de tão infinita bondade! Quem não se abysma de ver tão abatida a magestade do Ceo; tão humilhada a mesma Divindade; o Deos grande unido a hum bocadinho de barro; o que não cabe nos Ceos estreitado no ventre de hũa Virgem; o Senhor feito servo por amor dos servos ingra-

tos! Oh Ceos, que admirados vos vejo, não sei se mais da nossa ingratidão, que das misericordias do Senhor! Oh coração humano, se tens o fogo do Ceo na terra, que te falta para te aqueceres, e abrasares! Se ainda assim perseveras na tua frialdade, e não te inflamas nos incendios do amor para com o Deos amante, digo que estás mais frio que a mesma neve.

II. PONTO.
Do Nascimento de Christo.

656 COnsidera como passados nove mezes, que esteve recolhido no ventre da Virgem o Senhor, que não cabe nos Ceos, nasceo ao mundo em similhança da carne do peccado: nasceu não em algum soberbo palacio, não em algum lugar magestoso ornado com a vaidade da terra, mas em hum pequeno cantinho, em hum humilde presepio, em hum alvergue de brutos, hũa tosca gruta aberta ás inclemencias do tempo no maior rigor do inverno: ali nasce pobre, humilde, e desamparado dos homens o que nos vem exaltar, enriquecer, e amparar nas nossas necessidades: mas elle ali assim mesmo pobre, e humilde, como está, he verdadeiramente o Filho unigenito de Deos, o Senhor dos Ceos, e da terra, o que tem todo o poder do Pay em suas mãos. Ali he adorado dos Anjos, que ali estão fazendo Corte ao seu Rey, ali lhe rendem vassalagem os Reys da terra, ali o adorão os pastores, o respeitão os brutos; e athé o visitão as estrellas. Aquelle terno infante assim pequenino he o Deos grande; assim chorando he aquelle Senhor, que faz a consolação dos justos; assim delicado, assim nú, assim tritando de frio he o Deos forte de Israel, que veste os lirios do campo, que sustenta em tres dedos a maquina do Universo; he o fogo do Ceo, que veio accender-se na terra. Aquelle mesmo, que está reclinado em hũas palhas, abatido a hum lugar despresivel, he o q̃ no Ceo está sentado á mão direita do Pay, em throno de Serafins, pizando Cherubins. Oh mundo sober-

bo, acaba já de confundir-te á viſta da humildade, que te vem enſinar o teu Deos; já agora não terás deſculpa nas tuas vaidades vendo-as deſpreſadas pelo Senhor do Ceo, e da terra. Alma minha, parece te vejo confuſa, e abſorta com o que vês; e haverá algũa no mundo, que não paſme, e não ſe interneça á viſta de tão devoto, e tão admiravel Myſterio? Olha quanto he eſtimavel a humildade, que foi a primeira, que quiz o teu Deos! aprende-a daquelle Meſtre Divino, e ſerás exaltada como elle; vai em eſpirito áquella humilde lapinha, proſtra-te aos pés daquelle bello Menino; beija-lhos com muita ternura; e pede-lhe que te dê verdadeira humildade de coração.

III. PONTO.

Da Circuncisão do Senhor.

657 COnſidera como paſſados oito dias de naſcido o Salvador como impaciente em ſuas veias o ſangue, que vinha derramar por nós, ainda que não eſtava obrigado á ley da Circuncisão, quiz ſofrer o golpe, e as dores por ſe enſaiar já deſde então nos tormentos, com que havia de obrar a noſſa Redempção, e por merecer o ſacratiſſimo nome de Jeſus, que na Circuncisão lhe foi poſto: e ainda que chorou como menino, não foi porque não goſtaſſe das dores, mas por nos dar a conhecer que era homem, e não duvidaſſe-mos tratalo como irmão; e porque com aquellas innocentes lagrimas quiz remediar a triſte maldição, que nos faz chorar deſde o noſſo primeiro principio. Oh meu doce Jeſus, e amado Salvador, que cedo moſtrais que o ſois em padecer, e derramar ſangue por mim! Que apreſſado andais em me ſolicitar o alivio com as voſſas lagrimas! Já agora que vejo remediada a ruina da culpa original converterei minhas lagrimas a chorar as culpas actuaes, com que vos tenho deſagradecido as que derramaſtes por mim. Alma minha, vê o teu Deos já ferido por teu amor, e vê a preſſa; com que ſolicita o teu remedio; aprende delle o amor aos trabalhos, e goſta de padecer tambem

por

por amor delle; circuncida tambem a tua carne cortando as payxões, e appetites; reſolve-te a viver mortificada, e penitente; chora as feridas, que te tem feito a culpa, e merecerás o nome Chriſtão como o Salvador o de Jeſus.

IV. PONTO.

A Fugida do Senhor para o Egypto.

658 COnſidera como intentando Herodes matar ao Author da vida ſe vio eſte obrigado a fugir para o Egypto, não porque não tiveſſe poder para ſe defender, ſe quizeſſe; mas para nos enſinar a prudencia de não eſperarmos milagres no que podemos nós meſmos á cuſta da noſſa diligencia, e porque queria padecer os trabalhos, e incomodidades daquelle deſerto, e prolongado caminho por noſſo amor, e viver deſterrado como nós para nos aliviar as fadigas do noſſo deſterro. Oh meu amado peregrino, que prompto andais em remediar todas as deſgraças, a que me ſugeitou a culpa! foi hũa dellas o ſer condemnado a hum perpetuo deſterro; mas por ella quizeſtes vós ſer deſterrado, para que deixando eu de o ſer achaſſe o caminho da Patria, e foſſe viver nella com voſco na paz do eterno deſcanſo! Alma minha, acompanha ao teu doce Jeſus naquella peregrinação tão cuſtoſa; aprende delle a fugir os perigos, que te ameação a morte d'alma; e a querer antes perder os bens terrenos, o deſcanſo, e a patria, e andar peregrinando no mundo do que pôrte a perigo de incorrer na morte eterna: aprende a ſofrer com goſto por teu Amado as incomodidades da vida, pois elle as quiz tanto ſofrer por teu amor.

V. PONTO.

Do Jejum, e tentações do Senhor.

659 COnſidera como querendo o noſſo Salvador começar a pregação Evangelica ſe retirou ſó a hum deſerto aonde jejuando quarenta dias, e quarenta noites ſem algum humano ſuſtento, ſendo ſua occupação

orar, o seu descanso vigilia, sua cama a terra núa, exposto sem algum reparo ás inclemencias do tempo, por ultimo teve fome o que sustenta todo o vivente, e foi tentado tres vezes o que vinha ligar o demonio, para que não nos podesse mais enganar, e para que nos fosse mais facil vencer as tentações. Aprende daqui, alma minha, que tens muito, que aprender na eschola daquelle deserto: se o Salvador, o Deos poderoso, a mesma santidade, a mesma fortaleza do Ceo para a obra do seu Ministerio, e para vencer as tentações do demonio se dispoem com tanto rigor, e asperezas, se fortalece com tão austero jejum, tão continuada vigilia, e oração, como podes tu exercitar obras de virtude, nem praticar com perfeição algum ministerio, nem resistir não só ás tentações do demonio, mas tambem ás do mundo, e da carne occupada só em regalos, divertimentos, descansos, sem algũa vigilancia, nem cuidado, sem penitencias, sem macerações da carne, e sem algum recurso a Deos na oração. Resolve-te pois, e está certa que sem vida austéra, e oração contínua, nem poderás fazer cousa boa, nem terás forças para vencer as tentações de teus inimigos.

VI. PONTO.

Da Pregação, e trabalhos de Jesus Christo.

660 COnsidera que trabalhos padeceria Jesus Christo por mais de tres annos continuos sem cessar na fadiga da sua pregação; correndo caminhos, desertos, Cidades, povos, montes, sempre descalço; padecendo frios, calmas, sedes, fomes, sem provisão para o sustento do corpo; pedindo-o de esmola para si, e seus discipulos; occupando-se em continuas fadigas pelo bem das almas, que vinha remir; pregando sem cessar; evangelizando o Reyno de Deos; curando enfermos; resuscitando mortos; lançando fóra demonios; confirmando justos; convertendo peccadores; e estabelecendo com exemplos, e com palavras a doutrina da Ley Evangelica; e com tudo foi invejado, perseguido, murmurado, e ti-

do

do por homem injuſto, falſario, impoſtor, feiticeiro, e contrario á Ley do Senhor, que elle meſmo tinha ditado ao ſeu povo. Ah meu Divino Salvador, vós trabalhais por amor de nós, e nos ſervis como Miniſtro, e como ſervo, mas que mal pago ſois do voſſo ſerviço, e que mal agradecido do voſſo Miniſterio! Ah homem ingrato, pondera bem o pouco que agradeces ao teu Senhor o muito que trabalhou por amor de ti, e confunde-te de hũa tal ſem razão para com quem tanto te ama. Alma minha, não ſejas tu aſſim deſagradecida, ſe teu Deos trabalhou tanto por ti, trabalha tu tambem por teu Deos, que iſſo he trabalhar por ti tambem; não deixes os ſeus trabalhos fruſtrados, e que por tua negligencia ſe perca em ti o fructo das grandes deligencias, que o meſmo Senhor fez por te Salvar.

VII. PONTO.

Da Inſtituição do Santiſſimo Sacramento.

661 COnſidera como chegando o amor de Jeſus Chriſto ao fim das ſuas finezas para com os homens, vendo que ſe ia ao Pay, e nos deixava, não lhe ſofrendo o coração a ſaudade de ſe apartar dos filhos dos homens, com quem tinha as ſuas delicias, depois de celebrar a ceia legal com ſeus diſcipulos, poſto de joelhos a ſeus pés, lavando-lhos, beijando-lhos, e chegando-os ao coração, em fim obrou aquella cifra do ſeu amor, a obra maior do ſeu poder, o maximo dos ſeus milagres, o maior exceſſo das ſuas finezas na inſtituição do Santiſſimo Sacramento, em que ſe nos dá a ſi meſmo nas eſpecies de pão, e de vinho, e ſe deixou ficar com noſco athé a conſumação dos ſeculos, tão certa, tão verdadeira, e realmente como elle era no mundo, e como eſtá no Ceo ſentado á direita do Eterno Pay. Oh pequenhez do humano entendimento, comprehende, ſe pódes, eſte incomprehenſivel Myſterio! Paſma do que aqui ſe te dá a conhecer! Abyſma-te do grande Sacramento, que ſe te dá por objecto á tua fé! Alma minha, que

tens que invejar aos felizes tempos, em que Jeſus Chriſto viveu no mundo, ou ás ditoſas almas, que o vírão, e tratárão com elle? E que tens tu que invejar ao meſmo Ceo? Tudo, e o meſmo tens tu, que tiverão aquellas almas, e aquelles tempos; nada tem o Ceo em ſi, que tu não tenhas no Sacramento de teus altares; aquella meſma carne, aquelle meſmo corpo, que naſceu do ventre da Virgem, e que padeceu por ti, não hum como elle, mas elle meſmo realmente he o que tu tocas, recebes, e tens comtigo; o meſmo ſangue, que por ti ſe derramou; a meſma alma; a meſma Divindade, todo o Chriſto em fim, e todo o Deos, tudo iſto tens, e recebes! Ah! e tráta-lo como tal? he a tua diſpoſição para o receber, e tratar como pede a ſantidade de tal Myſterio? Jeſus Chriſto meſmo ſe prevenio para elle com tantos actos de humildade, de amor, e de caridade; e diſpoz elle meſmo os ſeus diſcipulos lavando-os athé das manchas do corpo; e que pureza não deves tu procurar! lava-te toda nas aguas da penitencia; humilha-te athé o conhecimento do teu nada; abraza-te nas chamas da caridade, e amor de Deos, e do proximo; e ainda aſſim recebe com temor, e reſpeito aquelle Sacramento de vida, e fica depois como quem tem a Deos dentro de ſi.

VIII PONTO.

Da Oração do Horto, e Prisão do Senhor.

662 COnſidera como ſabendo o Senhor, que era chegada a ſua hora, em que ia a dar a vida pelos homens, ſe foi prevenir com as armas da oração para o grande conflicto, em que com a ſua morte havia de triunfar da morte, e do inferno; e apartando-ſe de ſeus diſcipulos para o Horto de Gethſemani foi tal a anguſtia de ſua prolixa oração; tal a ancia, com que deſejava ſalvar a todas as almas; que vendo que muitas ſe havião de condemnar, lhe era eſte o mais cuſtoſo caliz de amargura, e trez vezes pedio ao Eterno Pay lho transferiſſe, ſe era ſua divina vontade; mas vendo que muitas

se não havião de aproveitar do seu sangue, rebentou este de dor athé correr pela terra, e a força do sentimento levou o Senhor tres vezes a tais agonias da morte, que necessitou de que hum Anjo do Ceo o confortasse: mas quanto mais se abrazava em incendios de amor para com os homens tanto mais se refinava o odio do traidor Judas para com elle, o qual vindo com hũa multidão de soldados, e dando hum osculo de fingida paz no bellissimo rosto do Senhor, foi este preso por aquella vil canalha; rodeado de cordas, e cadeas; cercado de armas, e guardas, como se fora hum mal feitor, ou algum famoso ladrão; e mal tratado com bofetadas, injurias, impuxões, quedas, e outros maos tormentos, e despresos, que se pódem esperar de hũa gente vil, e deshumana accesa em raiva por suggestão de lucifer. Oh Jesus meu, que ensaio este para a trabalhosa tragedia, que vos espera! Que custosa vos será a jornada da Payxão quando só os primeiros passos vos dão tanto que padecer, e que sentir! Alma minha, serias tu hũa daquellas infelizes, que fizerão suar sangue no Horto a Jesus Christo! Serias tu hũa das que elle ali vio senão havião de aproveitar do seu sangue? Que seja possivel que o Redemptor te visse ali condemnada, e que ainda não morras de espanto! E quantos osculos fingidos, e de entrega tens tu dado no rosto do Salvador? Ah! converte-te, e chora amargamente as tuas culpas, e assim adoçarás as amarguras do Redemptor; dá em seus pés humildes osculos de hum arrependimento serio, prende-te com ligaduras dos seus preceitos, e assim o livrarás a elle, e a ti das prisões, com que as tuas culpas a ti, e a elle prendêrão, e não deixarás em ti frustrado o preço da Redempção.

IX. PONTO.

Dos açoutes do Senhor.

663 COnsidera como entregando Pilatos o innocente Jesus á vontade dos impios ministros, sendo por elles despido á vista do innumeravel concurso, e pre-

preſo a hũa columna; em que açoutavão a gente mais vil, e os mais facinoroſos culpados, revezados de dous em dous ſeis robuſtos, e deshumanos algozes encarniçados como raivoſas feras no Sacratiſſimo Corpo do Senhor deſcarregárão nelle athé canſar tão furioſa tempeſtade de golpes, que entumeſcendo a carne, raſgando as vêas, correo pela terra o ſangue, o preço da noſſa liberdade; e não ſatisfeita com iſſo a furia dos verdugos incitados pelas ſuggeſtões de Lucifer deſcarregavão golpes, fazião feridas ſobre feridas athé deſcobrirem os oſſos, e cahirem pedaços de carne na terra, e o porem como lamenta Jeremias ſem ter parte, que não eſtiveſſe ferida deſde a planta dos pés athé a cabeça, em cujo tormento por tres vezes chegou ao tranſito da morte; e eſpiraria ſe o Eterno Pay lhe não conſervára a vida por milagre para o que ainda lhe reſtava, que padecer. Que coração, ainda ſem ſer Catholico, ſó a ouvir tão laſtimoſo tormento deixaria de ſe penetrar de hũa natural ternura, e compayxão? E com tudo os Chriſtãos ouvem com indifferença eſta ſenſivel narração, como couſa, que nada lhes pertence, ou como ſe fora hũa fabula, ou fingimento. Não ſejas tu aſſim, alma minha; faz bem reflexão neſte ponto, e baſtará iſto para te converteres de veras; proſtra-te aos pés do penalizado Jeſus; abraça-te com aquella columna; lava-te com o ſangue, que corre de ſuas feridas; prende-te com aquellas prisões; offerece-te a padecer, e morrer juntamente com elle; e lhe alleviarás as dores dos açoutes, que mais que os verdugos deſcarregárão nelle as tuas culpas.

X. PONTO.

Da Coroação de eſpinhos.

664 COnſidera como canſados os miniſtros de açoutar, e ancioſo o Senhor de padecer o ſentarão nú em hũa pedra, e pondo-lhe aos hombros hũa velha, e lacerada purpura de eſcarneo, na mão hũa cana verde por Sceptro, foi a coroa deſte Rey, que o era de Ceos, e terra, hum enlaçado junco marinho com tão pe-

penetrantes espinhos, que lhe fizerão setenta e duas feridas, e outras tantas fontes de sangue em sua sagrada cabeça, e tão profundas, que hũas chegáraõ ao cerebro, outras aos olhos, e assim feito Rey de ludibrio, o adoravão de escarneo, e o ferião deveras, dando-lhe crueis bofetadas, e grandes golpes sobre a coroa de espinhos, que mais lha profundavão em sua divina cabeça, e arrojando-lhe ao rosto salivas, e escarros mui nojentos, feias, e asqueroſas immundicias, e aos ouvidos, e coração horriveis, e abominaveis blasfemias. Olha, peccador, o que fizerão as loucuras da tua cabeça; por ellas te coroaste de rosas verdes, que logo se murchárão, e se convertêrão em agudos espinhos para a sacrosanta cabeça de Jesus. Oh meu Divino Salvador, em que despresivel imagem vos vejo! Mas eu nella mesma vos adoro, e vos reconheço por imagem do Eterno Pay, figura da sua substancia: Vós estais ahi Rey fingido, Rey de zombaria, e de escarneo, mas eu vos respeito assim mesmo, e vos adoro por verdadeiro Rey, e Senhor dos Ceos, e da terra. Anjos do Ceo, e tu, alma minha, com elles desagravai os despresos do Creador com lhe dar honra, e gloria por todos os seculos dos seculos.

XI. PONTO.

Da Sentença de morte, e Cruz ás costas.

665 COnsidera como vendo-se Pilatos precisado a satisfazer ao odio dos Judeos, temendo desagradar-lhes, e que o accusassem a Cesar, sentenceou á morte o Author da vida, mandando que fosse crucificado aquelle homem por mal feitor, blasfemo, sedicioso, e amotinador do povo, depois de ter confessado que não achava nelle causa para o condemnar; tanto póde hum temor, hum respeito, em hũa conveniencia humana, que corrompe athé o mesmo dictame da razão. Logo lhe pozerão aos hombros hũa pesadissima Cruz, com que começou gostoso a caminhar para o Calvario a ser nella crucificado por nosso amor, indo gemendo com o peso,

encurvado debaixo do duro lenho, ajoelhando, e cahindo a cada paſſo por força do peſo, e dos empuxões, que lhe davão, e por falta de forças pelo muito ſangue, que tinha derramado, e infinitos tormentos, que o tinhão reduzido a extrema fraqueza. Oh meu amado Redemptor; que peſada vos he a carga de minhas culpas, que vos faz cahir por terra ſendo a fortaleza do Ceo! Se os meus peccados vos fazem cahir a Vós na terra, quanto devo temer que amim me fação precipitar no Inferno aonde me condemne a voſſa juſta juſtiça em ſatisfação da injuſta ſentença, com que por elles foſtes condemnado á morte! Alma minha, ſe julgas foi injuſto Pilatos em condemnar á morte a quem não conhecia por Deos, conhece que injuſtiça ſerá têre-lo tu condemnado tantas vezes quantas peccaſte ſabendo que he o teu Deos, e Senhor! Apreſſa-te a ſeguir os ſeus paſſos, ajuda-lhe a levar o peſo da Cruz, e leva com goſto, e paciencia a que elle te dá, e aſſim lhe farás a ſua mais leve, e merecerás que ſe revogue a ſentença de morte eterna, que por tuas culpas mereceſte, e ſe te dê a da ſalvação, que te merecem os tormentos do Redemptor.

XII. PONTO.

De quando crucificárão o Senhor.

666. COnſidera como chegando o fatigado Jeſus com aquelle peſado madeiro ao alto do monte Calvario theatro do maior ſucceſſo, que víraõ, e verão as idades do mundo, mandando os algozes com imperio ao innocente Iſaac, que ſe eſtendeſe na Cruz, ali o pregárão de mãos, e pés com groſſos gravos á força de repetidos golpes de martelo, e arvorando com elle a Santa Cruz, ficou aquelle Sagrado Corpo pendente ſó dos cravos, fazendo o peſo raſgar muito mais as feridas, por onde acabou de ſacudir as ultimas gottas de ſeu ſacratiſſimo ſangue, e eſgotar todas as veas daquelle preciosiſſimo theſouro, todo gaſto em pagar as noſſas dividas. Alma minha, deſoccupa-te de todo o cuidado terreno,

no, faz aqui hũa séria reflexão no que padeceria o Salvador neste riguroſiſſimo tormento! Qualquer pequena ferida no corpo que dores não cauſa! E que ſería ao atraveſſar as mãos, e pés do Redemptor por partes tão ſenſiveis, o que não podia ſer ſem deſconjuntar oſſos, e ferir nervos! Que tormento perſeverar tres horas ſuſpenſo, e pendurado dos cravos por aquellas doloroſas feridas! Ay Jeſus meu, que o coração me palpita, e ſe me ſobreſalta de dor, e a alma ſe me treſpaſſa de ſentimento ſó de conſiderar eſte paſſo tão laſtimoſo; e que ſería em Vós o ſenti-lo! Mas ay! quantas vezes vo-lo tenho eu repetido crucificando-vos tantas de novo quantas vos tenho offendido! Perdoai-me, miſericordioſiſſimo Senhor, pelas dores que neſte paſſo ſentiſtes, e pelas meſmas me dai graça para que vos não torne mais a offender, por vos não tornar mais a crucificar.

XIII. PONTO.

Da morte, e ſepultura do Senhor.

667 COnſidera como depois de eſtar tres horas ſuſpenſo na Santa Cruz o miſericordioſiſſimo Senhor, clamando ao Eterno Pay com clamor valido, entregando ſua alma nas mãos do meſmo Eterno Pay, inclinando a cabeça, eſpirou; conſumando a obra da noſſa Redempção, e fechando a eſcriptura da noſſa liberdade comprada á cuſta da ſua vida. Logo o Ceo ſe veſtio de luto; o Sol, e a Lua perdêrão as luzes; a terra tremeu horrorizada; as pedras ſe quebrárão de ſentidas pela morte do Creador; cujo Sacratiſſimo Corpo depois de deſcido da Cruz foi poſto nos braços da magoadiſſima Mãy, que depois de ter preſenciado todo o laſtimoſo ſucceſſo da payxão agora eſtá reſiſtando todos os eſtragos, que naquelle divino cadaver fizerão os tormentos, avivando em ſeu coração todas as feridas, que via no corpo do Filho; e entregando-o aos piedoſos varões, depois de o acompanhar athé o meterem no Sepulchro, ſe foi ella ſepultar na ſua penoſa Soledade. Quantos objec-

tos todos ternos, e capazes de te moverem; se offerecem aqui, alma minha! Se á vista delles tu perseveras insensivel, digo que es mais dura que as mesmas pedras, e menos piedosa que as mesmas creaturas insensiveis! Vê a morte entrar no sagrado peito, e tomar posse da vida mais estimavel, só por te dar a vida, q̃ te tinha tirado a culpa. Olha bem para o despedaçado Corpo do Filho, reflete no magoado coração da triste Mãy, e conhece que a hum, e outro ferírão, e mal tratárão as tuas culpas. Vê sem vida o Author da vida, e conhece que tu lhe deste a morte: arrepende-te do mal que fizeste; vai chorar as culpas junto do Sepulchro de Jesus, ou no Cenaculo aos pés da magoada Senhora, e acharás misericordia em hum, e outro.

XIV. PONTO.

Da Resurreição do Senhor.

668 COnsidera que depois de estar tres dias no Sepulchro o Sagrado Corpo de Jesus, e sua alma no Limbo consolando as dos Justos, e Santos, que ahi o esperavão á tantos seculos, tornando esta a unir-se ao defunto Corpo, sahio o Salvador do Sepulchro, vivo como se não fora morto; triunfante do inferno, da morte, e do peccado; tão refulgente, que á sua vista parecia escura a luz do Sol; tão alegre, que fazia a alegria dos Anjos, e dos Santos; tão glorioso, que a elle se trasladou toda a gloria do Paraiso: de suas Chagas sahião tão refulgentes resplandores, que como estrellas de Firmamento alegravão aquelle mystico, e verdadeiro Ceo; e apparecendo assim glorioso a sua Santissima Mãy a unio intimamente comsigo, e a transformou em si mesmo transportando-a ao jubilo, e á gloria de que elle gozava, para q̃ o acompanhasse nas glorias a que o tinha acompanhado nas penas. Deste modo he que o Eterno Pay remunerou a Christo os seus tormentos, e assim paga Deos a quem o serve: a proporção que são os obsequios para com elle, assim são os premios, com que o Senhor

os

os remunera. Alma minha, se athégora acompanhaste nas penas a Jesus, e a Maria, alegra-te tambem com elles, e faz-lhes sociedade nas glorias: Vê que proveito dá o padecer: athé Christo se não padecera não gozara; foi-lhe necessario padecer para haver de entrar na sua gloria; mas ainda que forão grandes os tormentos, a gloria foi infinitamente maior: resolve-te pois a querer padecer com gosto, e paciencia, e virás a ser glorioſa com Christo.

MEDITAÇÕES

Para os Perfeitos, e via Unitiva.

I. PONTO.

Do ser de Deos increado.

669 COnsidera que cousa será o Deos do Ceo, e da terra; o Creador de todo o Universo; aquelle mar immenso da Divindade, pelago de todas as perfeições, origem de todos os bens, principio sem principio de todo o creado, qne tudo sustenta, conserva, e governa com suavidade, e sabia providencia, sem que nada lhe custe mais que hum acto da sua divina vontade: aquelle ser increado, aquella divina Essencia indivisa em tres Divinas Pessoas, q̃ de si mesma procede, e tudo procede della: aquella luz increada, aquella formosura divina, cuja só vista absorbe, e transporta em jubilo infinito a todos os Anjos, e Santos, e fórma a eterna felicidade dos Justos, e de todos os habitadores da Jerusalem triunfante: aquelle Senhor de tão infinitas perfeições, que nenhum entendimento creado as póde comprehender, nem conhecer, para quem desejão olhar os mesmos Anjos: aquella fonte de delicias, aquelle rio caudoloso de consolações, e doçuras, que alegra a Santa Cidade de Deos; finalmente aquelle Deos unico, e singular, que só elle he, e fóra delle não há outro Deos, e que desde a eternidade existe em si mesmo por essencia. Oh causa das causas,

ſas, principio ſem principio, mar immenſo de perfeições, pelago de toda a bondade, abyſmo do ſer infinito, quando me perderei neſſe abyſmo, quando me eſconderei neſſe pelago, quando me perfundarei neſſe mar! Quando morrerei a mim para gozar de vós, fonte de delicias eternas, origem de todos os bens! Ah coração, como não eſtalas de amor, como não morres de ſaudades por ires ver, e gozar da face de Deos eterno!

II. PONTO.

Do Myſterio da Santiſſima Trindade.

670 COnſidera aquelle inefavel, e incomprehenſivel Myſterio da Santiſſima Trindade, em que a Eſſencia Divina, porque he infinitamente perfeita, não póde deixar de communicar-ſe ás tres Divinas Peſſoas, ficando ella ſempre hũa ſó, e communicando-ſe ao Pay por ſi meſma por hum acto da ſua memoria fecunda, ao Filho por hum acto do entendimento do Pay, e ao Eſpirito Santo pelo amor da vontade, com que ſe amão o Pay, e o Filho, ſendo todas tres igualmente eternas, infinitas, immenſas; e de igual perfeição; obrando todas por hũa ſó vontade, conhecendo por hum ſó entendimento; e tendo a meſma Eſſencia, e Natureza unidas eſſencialmente na meſma Divindade, são realmente deſtinctas entre ſi, ſem que nunca ſe poſsão ſeparar, nem eſtar hũa ſem as outras, nem obrar hũa ſem que obrem todas juntamente; e ainda que procedem hũas de outras, nenhũa he primeiro, nem depois, todas tres são principio ſem principio, todas tres são hum Deos eternamente o meſmo, e immutavel. Oh Myſterio dos myſterios a aonde ſe perde o entendimento humano, quem poderá comprehender o que he incomprehenſivel athé aos meſmos Anjos? Se a S. Agoſtinho diſſe hum delles que mais facilmente caberia todo o mar em hũa pequena covinha do que o Myſterio da Trindade no entendimento creado, que poderá comprehender apequenhez do meu ectendimento? Eu vos adoro, e reſpeito Santa, e indiviſa Trindade; creio, e

venero a infabilidade desta verdade de fé; eu cativo a ella o meu entendimento, e discurso, e ainda que a não posso conhecer como he, basta-me saber que assim he, para a adorar, e venerar. Confirmai vós Deos Trino, e Uno a minha fé. Deos Padre, Deos Filho, e Deos Espirito Santo, fazei que eu vá ver, e comprehender no Ceo o que creio firmemente na terra.

III. PONTO.
Da Immensidade de Deos.

671 COnsidera que Deos he hum espirito purissimo, infinito, immenso, espiritualmente extenso, e dilatado a todo o espaço existente, e imaginavel, sem que haja parte, ou lugar aonde não assista realmente por sua mesma substancia: se formos ao Ceo, ahi está; se descermos ao Inferno, está presente; se sahirmos fóra do Ceo a esses espaços immensos tudo enche; se rodearmos a terra, não póde haver lugar, em que nos não esteja presente; e agora aqui está realmente junto de nós, com nosco, e mesmo dentro de nós; em nossa alma, em nosso coração, e mesmo penetrado com a nossa carne, e com a mesma medúlla dos ossos: em toda a parte he todo olhos, e todo entendimento, que penetra, vê, e conhece todas as nossas operações externas, e internas; os actos mais occultos da nossa memoria, do nosso entendimento, e vontade; contando todos os movimentos do nosso coração, e todas as pulsações das nossas arterias, e sendo testemunha de todas as nossas obras, dos nossos pensamentos, e palavras, sem que nada se lhe possa occultar, e de nada se possa esquecer. Alma minha, se tens hum bocadinho de fé desta infalivel verdade, e ainda te atreves a fazer, ou pensar cousa, que desagrade ao Deos, que tens comtigo, e em ti mesma, ou não obras como Christã, ou tens pouco temor, e respeito ao Deos immenso. Quem se attreveria a offender ao Rey da terra á sua face, e mesmo na sua presença? E sabes que tens presente, e mesmo dentro

tro em ti o Rey do Ceo, que te está vendo, tocando; e conhecendo, e attreverte-hás a peccar á sua vista? Ah meu Deos, que cegos andamos em não ver que vós nos estais vendo! Alumiai, Senhor, minha cegueira; e pois estais sempre comigo, fazei que eu esteja sempre com vosco; que vos veja com os olhos da fé, e que a nada attenda, nem ame fora de vós; e se vós estais comigo, que posso eu querer, ou temer se não a vós? só a vós amo, a vós respeito, e adoro presente em todo o lugar; e pois em todo me vedes, e estais presente, vós sereis desde aqui testemunha do meu amor para com vosco assim como a tendes sido athégora das minhas ingratidões.

IV. PONTO.

Da grandeza, e Magestade de Deos.

672 COnsidera que tens hum Deos, que he tão grande, excelso, e magestoso, que só elle he grande por essencia, e tudo fóra delle he pequeno, he nada, e tudo desaparece á sua vista. Que tem que ver a magestade dos reys da terra, a ostentação, e grandeza dos seus faustos, a extensão dos seus dominios, a multidão lustrosa dos vassallos, e a magnificencia do seu poder em comparação da Magestade, e grandeza do Rey dos Ceos? Hum só vassalo do Imperador da Gloria he mais magestoso que todos os reys da terra: se o Rey do Ceo o mandasse, hum só Anjo destruiria o mundo todo em hum instante; venceria todo o poder junto de todos os exercitos dos reys da terra: que será logo a Magestade do Rey excelso, que se serve com mil milhões de vassallos tão excelsos, e magestosos; e dez mil vezes cem mil assistem á roda do seu throno! No Ceo todos os Vassallos do Rey tem a grandeza, e magestade de reys; qual será logo a magestade do Rey dos reys, e Senhor dos senhores? Que glorioso será o seu throno excelso, e elevado, assentado sobre incendidos Cherubins, rodeado de abrazados Serafins, aonde elle he respeitado, louvado, e adorado por todos os cortesãos, do Empyreo. Oh Deos

Gran-

Grande, excelso, e mageſtoſo, quando acabarei de conhecer o meu nada, a minha pequenhez á viſta da voſſa grandeza! Quando deixarei de me enſoberbecer, e exaltar a mim meſmo, ſabendo que ſó vós ſois o excelſo, alto, e mageſtoſo, e q̃ convem q̃ vós ſejais engradecido, e exaltado, e eu ſó humilhado, e abatido! ſó vós meu Deos, ſejais magnificado, e ſobreexaltado para ſempre: voſſa ſeja a virtude, a gloria, e o louvor, voſſo ſeja o poder, a honra, e a mageſtade por todos os ſeculos dos ſeculos. Amen.

V. PONTO.

Da Omnipotencia de Deos.

673 COnſidera o infinito poder de Deos, com que ſem mais trabalho que hum acto da ſua divina vontade creou do nada toda eſta maquina do Univerſo, e póde com a meſma facilidade crear infinitos mundos, ſe quizer: nada he impoſſivel á ſua Omnipotencia, ſe não o que he imperfeição; tudo quanto há, e póde haver, eſtá ſugeito aos decretos da ſua divina vontade; elle diſſe, e tudo foi feito, elle mandou, e tudo foi creado; ſó com o ſeu querer ſuſtenta, e conſerva como em tres dedos todo o Univerſo, recolhe o mar em legitimos termos; manda que não paſſe da li; e ſe quizer, ſem mais diligencia que o meſmo ſeu querer, Ceos, e terra, mar, Anjos, e homens, e tudo quanto ha fóra de Deos ſe reduzirá a hum puro nada, e ficará tudo naquelle chaos informe, em que eſtava quando elle creou o Univerſo. Omnipotente Senhor, e Deos meu, que ſeja poſſivel que ſendo vós de infinito poder, ſe viraſſe contra vós eſte vil bichinho da terra, a meſma fraqueza, hum nada! Que ſe levantaſſe contra o Ceo o pó da terra! Ah Senhor! aonde tinha eu o juizo quando ſem temer o poder do voſſo braço vos deſafiei, appreſentei batalha, e ſahi a campo a contender comvoſco, quando deſpreſando os decretos da voſſa divina vontade ſeguia os errados dictames da minha? Não vos lembreis, Senhor, das minhas ignorancias; eſquecei-vos dos delic-

tos da minha mocidade; e lembrai-vos só das voſſas piedades, e das voſſas miſericordias, que são deſde os ſeculos: pois ſois piedoſo, e Omnipotente, ſe quizeres podeis-me limpar da lepra de minhas culpas; rogo-vos que uzeis comigo do voſſo grande poder, e purifiqueis meu coração de tudo quanto lhe impede o penetrar-ſe do voſſo ſanto temor, que o conduza a reſpeitar-vos, temer-vos, e amar-vos como Senhor Omnipotente.

VI. PONTO.

Do amor de Deos para com noſco.

674 COnſidera que ſendo o amor de Deos infinito, e o homem hũa vil, e deſpreſivel creatura, Deos emprega nelle todo o ſeu amor deſde os ſeculos como ſe nada mais tivera que amar; ama ao homem com todo, e com o meſmo amor, com que ſe ama a ſi meſmo; eſtá Deos deſde a eternidade todo occupado em amar ao homem, como ſe elle fora o unico objecto das ſuas complacencias; ainda não havia, nem era creado o homem, e já Deos o amava com o meſmo amor, com que agora o ama; por eſte amor o creou á ſua imagem, e ſimilhança, e por amor do homem creou os Ceos, e a terra, e tudo o que nelles ha, e tudo ſugeitou debaixo dos ſeus pés; e não ſatisfeito com todas eſtas moſtras do ſeu amor fez o homem hũa meſma couſa comſigo unindo a ſi a natureza humana, e fazendo-a participante da divina, e tendo as ſuas delicias em viver com os filhos dos homens; finalmente para o homem, e por amor delle, tem deſtinada a eterna, e infinita felicidade da Gloria, que não he nada menos ſenão a meſma, de que goza o meſmo Deos; a poſſe, e gozo do meſmo Deos he que he a felicidade do homem, e para eſta he que elle o creou ſem ſe propor outro fim na creação do homem; não ſe ſatisfaria o ſeu amor ſe o não fizeſſe tão feliz como o meſmo Deos; e com tudo o homem he a unica creatura, que não ama a Deos, a unica que o offende. Que paſmo! Que eſpanto! Que feia ſem razão!

Ah Deos amante, que he o homem que assim o magnificais, e pondes o vosso coração para com elle? E como he possivel que amando-o Vós tanto, elle vos ame tão pouco? Se Vós lhe destes hum coração capaz de vos amar, como póde o homem ter coração que vos não ame, ou ame outra cousa mais que a Vós! Oh coração meu, já agora nada mais amarás do que a teu Deos; tanto amor merece hũa fiel correspondencia; longe de ti todo o amor profano, todo o affecto, que não seja para o teu Creador; assim o protesto, meu Deos, fazei Vós pelo amor, que me tendes, que eu vos tenha o que devo, e que prometo.

VII. PONTO.

Da Bondade de Deos.

675 COnsidera q̃ Deos he infinitamente bom, e como o q̃ he bom he amavel he tambem Deos infinitamente amavel; quem conhecer claramente a infinita bondade de Deos não póde deixar de o amar; por isso não he já meritorio o amor, q̃ lhe tem os bemaventurados no Ceo, porque não pódem deixar de o ter; he amor necessario, e não livre; porque a infinita bondade, e summa amabilidade de Deos lhes prende, e attrahe com tal força a vontade, e o amor, que lhes não deixa lugar nem de suspender, nem de mudar os seus actos; os mesmos demonios, e condemnados do Inferno, que necessariamente o aborrecem, e lhe tem hum odio entranhavel, se vissem claramente a sua bondade, logo converterião todo o odio em amor, e não poderião deixar de o amar: esta bondade a exercita Deos tanto com o homem, que podendo sepultá-lo no Inferno assim que pecca, elle o sofre, e elle o espera, elle o chama, elle lhe falla ao coração palavras de Pay, de amigo, e de ternura, e solicita com santas inspirações todos os meios para o reduzir ao seu gremio; e apenas o peccador se converte, Deos, e todo o Ceo se alegra, e o mesmo Deos o recebe em seus braços; lhe dá osculo de paz, e de amor; trata-o por amigo, como se nunca o tivera offendido. Oh meu bom Deos; quem não

paſma com tanta bondade! Mas quem ſe não admira de que ſeja tanta a maldade do homem, que ſe valha da voſſa meſma bondade para vos offender! Que por iſſo meſmo que Vós ſois bom, não ſe lhe dê ao homem de ſer máo, fiado em que a Voſſa infinita bondade ha de diſſimular as ſuas maldades! Ó ingratidão feia! Ó fealdade inaudita! Não permitais meu Deos, que em mim ſe aclie hũa ſem razão tão aleivoſa, hum delicto tão execrando; eu me valerei da voſſa bondade para incentivo do meu amor, da minha conreſpondencia, e de hũa dor firme, e arrependimento efficaz do mal, que tenho uſado athégora da meſma voſſa bondade.

VIII. PONTO.
Da Miſericordia de Deos.

676 COnſidera a infinita miſericordia de Deos para com o homem, que compadecido da ſua miſeria, e deſgraça, em que incorreu pela culpa, ſe obrigou por ſi meſmo a ſolicitar-lhe o remedio não menos que mandando ſeu Unigenito Filho ao mundo fazer-ſe homem, viver com os homens, padecer, e morrer por elles morte afrontoſa; dar-nos hũa lei de amor, e de ſalvaçaõ; lei ſuave, doce, e immaculada; cheia de myſterios ſagrados, e ſantos ſacramentos para remedio de noſſos males, e fortaleza do noſſo eſpirito; e com tudo ſendo ainda o homem ingrato, virando as coſtas á meſma lei ſanta, tratando com deſprezo os ſagrados myſterios da Redempção, abuſando dos ſacramentos, e offendendo ao meſmo Deos de piedades, elle lembrado ſó da ſua miſericordia, conhecendo a fragilidade do homem, e o barro, de que o fez, diſſimúla as ſuas offenſas; envia-lhe graças ſaudaveis; toca-lhe fortemente o coração; ſolicita os meios de o converter; eſpera-lhe tempo para iſſo; e no meſmo inſtante que o peccador geme arrependido, já o miſericordioſo Senhor o abſolve das ſuas culpas, e o recebe no ſeio da ſua miſericordia. Alma minha, que fazes que te não confundes, e admiras das miſericordias do Senhor,

e

e te não despertas a agradecer-lhas fiel, e a esperar nellas com hũa confiança segura acompanhada de obras de justiça? Eu vos rogo misericordioso Deos, que useis comigo da vossa costumada misericordia, me perdoeis as vossas offensas, eme deis auxilios, e graças saudaveis, para que eu vos não torne a offender, e vá cantar comvosco eternamente as vossas misericordias.

IX. PONTO.
Da Justiça Divina.

677 COnsidera que a Justiça he hũa perfeição, e attributo de Deos igual ao da sua misericordia, amor, e bondade: he Deos de infinita justiça, assim como he de infinita misericordia; e assim como Deos não póde deixar de ser misericordioso, tambem não póde deixar de ser justo, e recto no seu obrar, e para isso he necessario que obre com igualdade da justiça em premiar, e castigar; não seria Deos bom, nem justo, e faltaria ao ser de Deos se assim como premea os bons, e as virtudes, não castigára os máos, e os peccados; quando a justiça está clamando pela sua satisfação não póde encontrá-la a misericorda, ou bondade; sem se satisfazer á justiça, nada póde a misericordia; solicitará esta a satisfação da justiça, mas perdoar sem a satisfazer, he impossivel, antes zela a sua equidade: assim como a gloria he coroa de justiça, que Deos não póde negar a quem a merecer com virtudes, assim he castigo da justiça o inferno, que Deos não póde deixar de dar a quem o merecer com obras de iniquidade. Justo sois Senhor, e recto he o vosso juizo; mas quem não temerá o vosso juizo justo? E que posso eu esperar senão o rigor da vossa justa justiça se só esta tenho concitado contra mim, e em nada a tenho satisfeito, nem merecido a vossa misericordia? mas se ainda a posso merecer, e satisfazer á vossa justiça com obras de penitencia, eu as protesto fazer banhadas no sangue de meu Senhor Jesus Christo, unidas com os seus merecimentos, e por estes espero alcançar a vossa misericordia, e aplacar a vossa justiça.

X. PON-

X. PONTO.

Da Formoſura de Deos.

678 COnſidera que couſa ſerá aquella incomparavel, e infinita formoſura de Deos donde a participão todas as formoſuras creadas, e todas á ſua viſta são nada: em ſua comparação o ſol he eſcuro, a lua he feia, as eſtrellas são carvões; todas as bellezas da terra tudo o que he delicioſo, e agradavel á viſta, he feio, e abominavel em comparação da formoſura increada; ſó a viſta da formoſa face de Deos fórma toda a felicidade dos juſtos; baſta verem a formoſura de Deos para ficarem tranſportados em jubilo eterno, e todos transformados na imagem da Divindade; era impoſſivel verem a formoſura de Deos claramente, e deixarem de ſer bemaventurados no meſmo inſtante; os meſmos demonios, e os condemnados do Inferno deixarião de o ſer, e ſerião cheios de gloria no meſmo inſtante que viſſem a Deos claramente; ſó a formoſura de hum bemaventurado he tão grande, que quem a viſſe morreria á força do jubilo; que ſerá logo aquelle immenſo mar de perfeições, a origem de todas as graças, donde dimana toda a formoſura creada, e toda he fealdade á ſua viſta? Que eſperas, alma minha, que não trabalhas, nem te dás préſſa para ir ver, e gozar daquella formoſura infinita? Como te attreves a pôr os olhos em algũa formoſura do mundo ſabendo que eſſa viſta te póde privar de ver a face de Deos? Ah que tarde vos conheci, e que tarde vos amei formoſura tão antiga, formoſura ſempre nova! Daqui em diante eu apartarei meus olhos por não verem a vaidade; tudo o do mundo ſerá fealdade á minha viſta, e ſó aſpirarei a ver-vos, formoſura ſempre amavel.

XI. PONTO.

Da Infinidade de Deos.

679 COnſidera que Deos he infinito em todo o genero de perfeições; infinito no poder, infinito na ſciencia; infinito na grandeza, infinito na formozura,

zura, na bondade, na mageſtade, e no ſer; nada nelle tem termo, nem limite; tudo excede toda a grandeza imaginavel; por mais que ſe diſcorra em qualquer attributo, ou perfeição de Deos, por mais perfeições que ſe lhe attribuão, nunca ſe podem conhecer como são; porque tanto Deos, como as ſuas perfeições são incomprehenſiveis a todo o entendimento creado; ſó o divino as póde comprehender, porque he infinito como ellas; nem os bemaventurados, nem Maria Santiſſima podem comprehender totalmente a grandeza das perfeições de Deos; nem ainda Chriſto com o entendimento humano ſe comprehende a ſi meſmo em quanto Deos, nem conhece, nem póde conhecer totalmente todas as perfeições da Divindade; porque como são infinitas, não podem ſer comprehendidas cabalmente pelo entendimento finito, qual he o humano de Chriſto. Oh abyſmo de perfeições! Oh pelago immenſo de grandeza! Já não aſpiro a comprehender eſſa infinidade incomprehenſivel, porque conheço a pequenhez do meu entendimento; baſta que eu a creia, e admire, a adore, e a reſpeite com o mais profundo acatamento, e que á viſta de tanta grandeza eu me confunda, humilhe, e abata, reconhecendo o nada que ſou, e as imperfeições, que me fazem infinitamente diſtante das voſſas perfeições infinitas.

XII. PONTO.
Da Eternidade de Deos.

680 COnſidera que não ſó ha de ſer Deos eterno para ſempre, mas tambem he eterno deſde ſempre; ha de ſer interminavel no fim, e he interminavel no principio; nem teve eſte, nem poderá ter aquelle; a eternidade ſem fim communica-a Deos aos eſpiritos, mas a eternidade ſem principio he privativa de Deos, que a nada mais a póde communicar. Mas aindaque a meſma razão dita que haja hũa cauſa primeira increada, que ſeja principio ſem principio, origem de tudo ſem ter origem de nada, que a tudo dê o ſer, e nada lhe dê o ſer a ella, ſenão ella ſó a ſi meſma; com tudo a meſma razão ſe perde,

de, todo o discurso se confunde em considerar como possa ser este ser sem nunca começar ater ser? como procede Deos de si mesmo, sem existir primeiro, nem deixar nunca de existir quando procede de si? Corre o entendimento todos os espaços desta imaginada duração antes de ser creado o mundo, cansa a idêa, mas não chega ao principio de Deos, porque o não tem, nem póde ter; conhece que nenhúa cousa o produzio, nem creou; que he elle em si sem principio; que procede mesmo de si desde a eternidade interminavel, que já desde ella mesma he infinitamente perfeito, Omnipotente, immenso, omnisciente; mas como seja isto, ou possa ser, não cabe na capacidade do entendimento creado. Alma minha, quanto mais conheceres, e admirares em Deos, tanto mais terás que admirar, e conhecer: comprehende se podes que cousa he ser principio sem principio; viver desde a eternidade sem nunca começar a viver; ter ser desde os seculos sem começar a ter ser, nem nunca deixar de ter sido; e vendo que o entendimento se perde, o discurso se cansa, a idêa se confunde; suspende-te admirada, e adora o eterno, e incomprehensivel ser de teu Deos. Vosso seja o louvor, Deos eterno, vossa seja a honra, e a gloria, assim como era no principio, agora, e sempre, e por todos os seculos dos seculos. Amen.

XIII. PONTO.

Da Sciencia de Deos.

681 COnsidera a infinita sciencia de Deos, com q̃ desde a mesma eternidade sem principio conhece, e tem presentes não só todas as suas perfeições infinitas, mas tambem todas as creaturas do Universo preteritas, presentes, futuras, e possiveis; quantos actos, e movimentos ha, e póde ter a memoria, entendimento, e vontade de cada hũa; quantas palavras, quantas acções havião, e podião praticar todas as creaturas, que tem havido, ha, e póde haver, todas as pulsações das arterias, todos os movimentos de todas, e cada hũa das mesmas

meſmas folhas das arvores; não ha, nem póde haver couſa por minima, e mais oculta que ſeja, que não eſteja deſde a eternidade tão preſente, e tão clara ao entendimento de Deos, como elle eſtá a ſi meſmo. Já deſde então conhece toda a ſerie, toda a mudança dos tempos, e os inſtantes da ſua duração; conhece todas as creaturas por ſeus nomes, por ſuas naturezas, e differenças; toda a ſerie da ſua vida, e o fim, que ha de ter cada hũa; já ſabe as que ſe hão de ſalvar, e condemnar; e já deſde eſſa meſma eternidade tem decretado a ſalvação dos juſtos, e a condemnação dos réprobos; porque como já deſde o meſmo principío ſem principio conhece os auxilios, e graças, que a cada hum ha de dar, e os que os hão de abraçar, ou deſprezar, e por iſſo meſmo quaes hão de fazer obras de ſalvação, ou de condemnação, conforme as obras, que conhece, e a graça, ou impenitencia final, em que vê que hão de acabar, aſſim poem o decreto irrevogavel da ſua predeſtinação, ou reprovação eterna. Oh altura de riquezas da ſabedoria, e da ſciencia de Deos, quam incomprehenſiveis são os ſeus juizos, e inveſtigaveis ſeus caminhos! Quem conſiderando neſta preſciencia, e previsão do entendimento divino lhe não tremerá de vacilante o diſcurſo? Alma minha, olha que na ſciencia, e nos decretos de Deos já es predeſtinada, ou condemnada; e qual ſerá a tua ſorte? Olha para as tuas obras, que ſegundo ellas he o conhecimento de Deos, e ſegundo eſte he o decreto da tua ſorte eterna: e ſe athé agora preſentaſte obras de perdição ao conhecimento divino, faze que elle conheça em ti, daqui em diante obras de ſantificação, e juſtiça, de hum arrependimento ſério, de hũa penitencia ſevera, e de hũa perſeverante virtude, que eſte ſerá o final de que na meſma ſciencia eterna eſtá decretada a tua predeſtinação feliz.

XIV. PONTO.
Da Providencia de Deos.

682 CONsidera a diſcreta, e ſabia providencia com que Deos creou a fabrica do Univerſo, e com que tudo diſpoz em numero, pêſo, e medida, tudo governa, e ordena com ſuavidade, e acerto; nada ſe move no mundo ſem que Deos o mova com eſpecial providencia; hũa folhinha não bole, hum vil bichinho não naſce, hũa pequenina planta não creſce ſem diſpoſição da ſabia providencia, hum cabelo da noſſa cabeça não cahe ſem que Deos o faça cahir; não podemos dizer nem Jeſus ſenão no Eſpirito Santo; ſe Deos nos deixaſſe da ſua mão providente, nada poderiamos obrar, e tudo, ſe Deos o deixaſſe, em hum inſtante deixaria de ſer, e de exiſtir, e ſe reduziria a hum nada. Todas as acções do noſſo corpo, todas as operações do noſſo eſpirito são regidas pela providencia divina; ſem ella não poderiamos mover-nos, não poderiamos viver, reſpirar, fallar, diſcorrer, amar, ou aborrecer; e o que mais he, que as meſmas obras, as meſmas acções do peccado não as podemos nós praticar ſem a aſſiſtencia, e adjutorio da meſma providencia, arraſtando nos em certo modo ao meſmo Deos para nos ajudar a peccar, que por iſſo elle ſe queixa de nós, que o fizemos ſervir nos noſſos peccados. Ay Deos de amor, que horrenda couſa eſta! He poſſivel que não podendo eu viver ſem vós, me valha da vida, que me conſervais, para vos inſultar? Que não podendo eu mover-me ſem que me mova á voſſa providencia, faça que vós me ſirvais em hũas obras tão vís como as do peccado! Menor injuria era o açoutar-vos, eſcarnecer-vos, arraſtar-vos como fizerão os miniſtros da Paixão, do que violentar-vos á vileza de hũa ſervidão tão indigna. Ah Senhor! Que envergonhado eſtou na voſſa preſença! Mas como athé eſte acto de compunção eu o não poſſo ter ſem vós, tambem o arrependimento, que já começo a ter, vejo que he mudança da dextra do Excelſo: confirmai, Senhor, o que já obraſ-

tes

tes em mim, e permitti que a voſſa providencia ſó me conduza a obras do voſſo agrado, em que eu em nada a violente para as voſſas offenſas.

§. II.

MODO DE CONFESSAR.

683 HE o Sacramento da Penitencia hũa ſegunda taboa depois do naufragio da culpa; do qual depois do Baptiſmo ſó ella nos póde livrar; mas aſſim como em hum naufragio são poucos os que acaſo ſe ſalvão em hũa taboa, e eſtes por entre as amargoſas aguas do mar, e ſó apegando-ſe com força, eſegurança á meſma taboa; aſſim por falta das diſpoſições verdadeiras são raros os que ſe ſalvão na taboa da Penitencia no naufragio da culpa mortal, e ainda eſſes ſó por entre as amargoſas aguas, e lagrimas de hũa dor penetrante, e verdadeira, apegando-ſe bem á taboa da Penitencia com todas as diligencias neceſſarias de exame, inteireza, verdade, dor, propoſito de emenda, e ſatisfação penal; e como eſtas diſpoſições são muitas, e devem ſer mui efficazes, he bem de temer que ſe achem em bem poucos penitentes; e muito menos naquelles que abandonando a vida do eſpirito, deſcuidados do negocio da ſalvação, raras vezes ſolicitão eſte ſagrado lavacro, e ainda então com tão pouca ſeriedade, compunção, e diligencia, como ſe fora hum acto profano, e não houvera mais que confeſſar as culpas para receber o perdão, e a graça do Sacramento.

684 E ainda que eſte foi inſtituido mais propriamente para remedio de culpas graves; porque as leves nem ha obrigação de as confeſſar, nem he neceſſaria a Penitencia para o ſeu perdão; mas baſta a dor, e diſplicencia dellas com os ſacramentaes; he com tudo mui louvavel a praxe das peſſoas virtuoſas de ſe confeſſarem com frequencia ainda ſó de peccados veniaes, para receberem a graça do Sacramento, e por meio della a reconcilia-

ção com Deos ainda das meſmas culpas leves : porque o Sacramento as perdoa pela ſua meſma virtude , e os Sacramentaes ſó pela diligencia da creatura. Mas como as almas timoratas coſtumão padecer grande tribulação , e trabalho com as confiſsões , temendo não fiquem bem feitas , ou porque não farião exame ſufficiente , ou porque não ſe confeſſarião de tudo , nem todas as circunſtancias, ou porque não terião dor verdadeira : darei aqui algũas advertencias para ſeu ſoſſego.

685 Quanto ao exame advirto , que eſte ſó he neceſſario para a confiſsão de culpas graves ; e para eſta em peſſoas de mediano diſcurſo , e não de vida enlaçada baſtará para a confiſsão de hum anno que dous , ou tres dias antes gaſte cada dia hũa hora em examinar a conſciencia ; para a de hum mez baſtará hũa hora , ou meia de exame , e menos para os que ſe confeſsão mais vezes ; e aos ruſticos mais ſerve de exame a diligencia do Confeſſor do que a ſua. Quem ordinariamente ſó coſtuma cahir em culpas leves , principalmente ſe tem o louvavel coſtume de examinar todas as noites as obras do dia , não tem obrigação de fazer exame para o Sacramento , e baſtará que para a confiſsão de oito , ou dez dias recorde ſe quizer com paz , e tranquillidade do animo por meio quarto de hora , ou menos os defeitos mais ordinarios , principalmente os da payxão dominante ; pois quem he de timorata conſciencia logo lê nella o que lha offendeu com mais força , e iſto baſta que lembre.

686 Quanto á integridade deve ſaber-ſe que ſó ha obrigação de confeſſar todos os peccados mortaes certos, ou exiſtimados , ou duvidoſos com todas as ſuas circunſtancias , que mudão de eſpecie. Os veniaes ninguem tem obrigação de os confeſſar ; e póde a creatura ſe quizer confeſſar huns , e calar outros ſem que por iſſo fique nulla a confiſsão , como tenha dor de algum , ou alguns dos que confeſſa , ou de algum grave , ou leve da vida paſſada , que de novo ſogeite ao Sacramento ; pois he materia ſufficiente para elle qualquer peccado grave , ou leve, ainda que já confeſſado , ſe ſe confeſſa de novo. E aſſim como

como não ha obrigação de confeſſar os peccados veniaes, tambem a não ha de declarar o ſeu numero, ou circunſtancias, mas baſta confeſſalos de baixo de algũa clauſula, que os inclúa em eſpecie, como dizendo: *Accuſo-me que diſſe algũas mentiras leves*: *Accuſo-me de todas as impaciencias leves, que tenho tido.* O meſmo ſe diz dos peccados mortaes já confeſſados, ſe ſe confeſsão de novo, que baſta dizer v. g.: *Accuſo-me de todos os peccados mortaes, que tenho comettido contra o ſexto preceito &c.*

687 Com eſta expreſsão em geral das culpas leves ficão perdoadas pelo Sacramento todas aquellas, a que ſe eſtendeu a dor: e ſe algũas dellas ficárão por eſquecimento, ou por vontade, todas ficão perdoadas pelo Sacramento, com tanto que tenha dor em geral de tudo quanto tiver offendido a Deos grave, ou levemente, e faça tenção de receber o perdão de tudo por virtude do meſmo Sacramento. O que devem advertir muito as almas para não importunarem de novo os Confeſſores com venialidades, que lhes lembrão depois da confiſsão; e os Confeſſores o devem tambem advertir para as fazer pacificar, e diſpôr com ſoſſego para a Sagrada Communhão, ſem occupar-ſe em imaginações, ou lembranças de ſe diſſerão tudo, ou não.

688 E ſe eſtiverem bem niſto advertidas evitarão prolixidades nas confiſsões, importunações aos Confeſſores, e ſahirão do engano de cuidarem que eſtá o ponto em dizer tudo, e de porem mais cuidado em explicar miudezas deſneceſſarias, do que em formar hũa dor bem forte, e penetrante, e hum firme propoſito de emenda, que he mais principal, e mais neceſſario para o valor do Sacramento do que a integridade, e expreſsão das culpas: a dor, e o propoſito de emenda são neceſſarios para a confiſsão, ainda que ſeja ſó de culpas leves, mas a integridade em as explicar não he tão neceſſaria, como fica dito; eſta póde ſuprir-ſe com a dor, e deixar-ſe em alguns caſos ainda em culpas mortaes; mas a dor, e propoſito de emenda nunca ſe podem deixar, e ſó ſe podem ſuprir por ſi meſmos.

689 Quan-

689 Quanto á dor costumão ser attribuladas as almas timoratas, parecendo-lhes que a não tem, porque a não sentem: mas devem advertir que a dor he hum acto espiritual, que não se póde perceber sensivelmente, e muitas vezes a póde ter maior quem cuida que a não tem, do que quem derrama muitas lagrimas sensiveis, e de compunção. A dor dos peccados mortaes he necessario que seja geral de todos os que ainda não tem confessado outras vezes; mas a dos veniaes, ou dos mortaes já confessados póde ser de alguns, e não de todos; e assim se na confissão se accusou de hũa mentira leve, e de hũa palavra ociosa, e tiver dor desta, e não daquella, não deixa de fazer bom Sacramento.

690 Tambem não he necessario que a dor se tenha no acto da confissão; basta que se tenha tido d'antes, (mas não depois) e senão tenha retratado ou com acto contrario na vontade, ou com peccado mortal; ou, se a confissão he só de veniaes, com venial daquella epecie, de que são os de que formou a dor; por exemplo, se no exame, ou antes da confissão teve dor de hũa impaciencia leve, e depois se não tornou a impacientar, ainda que mentisse, jurasse com verdade sem necessidade, ou dissesse palavras ociosas, basta para o valor do Sacramento, em que confessa aquella impaciencia, a dor, que teve della no exame, ou antes da confissão, ainda que fossem dous, tres, oito, ou mais dias antes della. Isto mesmo se entende dos peccados mortaes já confessados, que se se tornão a sogeitar ao Sacramento, e não se tem commettido algum peccado mortal depois que a primeira vez se confessárão, com que se retratasse a dor, basta para a nova confissão desses peccados a mesma dor, que delles se teve nessa primeira confissão. Por isso he bem que quem se confessa faça tenção de renovar no Sacramento todos os actos de dor, que tiver tido proxima, e remotamentente de todos os seus peccados; e que, antes de se pór aos pés do Confessor, faça actos de contrição, e attrição, e tenha cuidado em os não retratar pelo modo dito. O proposito de emenda deve ser geral de todos os peccados

cados mortaes, ainda dos já confeſſados; mas quanto aos veniaes, baſta que ſe tenha de algum, ou alguns dos que ſe fazem materia da dor no Sacramento para eſte ficar fructuoſo, ainda que ſe não tenha dos mais.

691 Iſto ſuppoſto, darei aqui hũa norma de fazer as confiſſões ordinarias, não para que ſe vá dizer aos pés do confeſſor por modo de hũa oração, que ſe ſabe de memoria, e como por coſtume; mas para que della poſſa a creatura colligir o modo de confeſſar as culpas, que tiver; ſempre porém com reflexão, e conhecimento dellas, para o que, ſe em algũas clauſulas, das que aqui ſe poem, ſenão achar com defeitos, não as diga, que ſerá mentir na confiſsão confeſſar peccados, que não tem: bem advertido que em poucas, ou nenhũas deixará de os ter; e ainda que os não conheça, não ſe julgue ſem elles, porque ſe o juſto cahe ſete vezes no dia em culpas leves, q̃ iſto he cahir ficando juſto, em quantas cahirá quem he peccador miſeravel? Por iſſo David pedia a Deos que o purificaſſe dos ſeus defeitos occultos, e que lhe perdoaſſe pelos peccados alheios, porque nẽo ſó o são em nós os que fazemos, ſenão tambem os que damos cauſa a que ſe fação; e athé as ignorancias tem ſua eſpecie de culpa diante de Deos, principalmente quando procedem de falta de diligencia, e cuidado: por iſſo na ley eſcripta ſe impunhão certas penitencias ás almas, que peccaſſem por ignorancia; e o certo he que ninguem he perfeito diante de Deos; pois athé nos ſeus Anjos acha pravidades.

692 E ſe bem reflectirmos na perfeição, a que nos eſtreita a obrigação de Chriſtãos, veremos que a cada inſtante cahimos em mil defeitos, que o são na realidade. Baſta o primeiro preceito da ley para nos deſenganar neſta parte, pelo muito que faltamos ao encher. Diz elle: *Amarás a teu Deos de todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças, e com todo o teu entendimento; e ao teu proximo como ati meſmo.* (*Luc.* 10.) Ora para amar a Deos com todo o coração, alma, forças, e entendimento, nada do coração, entendimento, alma, e forças ſe ha de occupar em outro affecto, em outro

outro cuidado, ou diligencia que não seja amar, e servir a Deos, e em ordem a elle: para amar ao proximo como a nós mesmo, havemos de querer para elle o mesmo, que quizeramos para nós, e nao havemos de querer para elle o que para nós não quizeramos. Considere pois cada hum nisto, e veja quanto falta só neste preceito da ley, e á proporção deste conhecerá quantos defeitos terá em todos os mais mandamentos, quanta falta de rectidão em suas obras, pensamentos, e palavras, e verá claro que em tudo, ou no mais do que no seguinte methodo se declara, tem defeitos, que emendar, e de que se confessar, e arrepender.

METHODO DA CONFISSÃO ORDINARIA.

693 EXaminada a Consciencia, se lembrará o peccador em geral do muito que tem offendido a Deos em toda a vida, e em especial desde a confissão antecedente, principalmente dos peccados, que hão de ser materia certa da proxima confissão, e movendo-se á dor de todos pelos motivos da summa bondade, e amabilidade do Deos, a quem tem offendido; pela sem razão, e ingratidão, que he offender a quem tanto o ama; pela mesma fealdade do peccado, e porque com elles tem concitado a divina justiça, que o póde condenar ao Interno, e privar da felicidade da Gloria, faça vivos, e penetrantes actos de contrição, e attrição, acompanhados de firmes propositos de não peccar nunca mais mortalmente em toda a vida; e se a confissão for só de culpas leves, deve propor ao menos emendar-se de algũa daquellas, sobre que firma a dor para o Sacramento, como está dito: e será bom que pouco antes de começar a confissão renove os actos de dor, e de proposito com tenção de que estes, e os que fez no exame, e todos os da sua vida lhe sirvão para o Sacramento.

694 Posto de joelhos aos pés do Confessor dirá: *Louvado seja o Santissimo Sacramento*: e fazendo o final da Cruz, dirá a confissão athe o meio profundamente inclinado,

nado, batendo tres vezes no peito quando diſſer: *Minha culpa, minha culpa, minha grande culpa*: e aſſim meſmo inclinado renovará os actos de dor brevemente, e levantando-ſe diga.

695 Padre, ha tantos dias que me confeſſei: ſatisfiz a penitencia, que me derão, mas de todos os defeitos, que niſſo tiveſſe, me accuſo. Accuſo-me de não examinar a conſciencia com a deligencia devida. Accuſo-me de não trazer a eſte ſanto Sacramento a dor, arrependimento, e diſpoſição, que devia trazer. Accuſo-me da pouca emenda, que tive das minhas culpas; de não cumprir meus propoſitos como os prometo, nem os fazer com a efficacia devida. Accuſo-me da pouca devoção, com que me preparei para a Sagrada Communhão, e não dar depois a Deos as graças devidas por tão alto beneficio, como me fez, nem tirar della o fructo, e aproveitamento, que devia tirar.

696 No primeiro mandamento me accuſo de não amar a Deos como devo, e ao proximo como Deos manda; e de não ter as virtudes da fé, eſperança, e caridade no gráo perfeito, em que as devia ter, nem fazer os ſeus actos com o fervor, e frequencia devida. Eſpecialmente ..... (*Aqui, e do meſmo modo nos mais preceitos, dirá algum defeito particular, ou eſcrupulo, ſe o tiver, como v. g. ſe teve algũa duvida, ou tentação contra a fé, ou contra a eſperança, a que não reſiſtiſſe com toda a brevidade &c. mas ſe não tiver couſa particular, não dirá*: Eſpecialmente; *aſſim neſte mandameuto como nos mais.*)

697 No ſegundo mandamento me accuſo de todas as pragas, que tenha rogado com deſejo de que empeção, ou ſem elle; e de todas as juras falſas, ou verdeiras ſem neceſſidade. Eſpecialmente ..... (*ſe neſte, ou em algum mandamento lhe parecer que não terá tido defeitos, dirá que nelle lhe não lembra de que ſe accuſe.*)

698 No terceiro me accuſo da falta de devoção, com que ſantifico os dias ſantos, com que aſſiſto ao ſanto ſacrificio da Miſſa, e mais officios divinos, e com que cumpro as minhas devoções, e exercicios eſpirituaes; e da

falta de reverencia, e reſpeito com que eſtou nos templos, e lugares ſagrados, e diante das ſantas imagens: accuſo-me de todo o trabalho ſervil, em que me tenha occupado ao dia ſanto, e não obſervar os jejuns, e mais preceitos da Santa Igreja com a perfeição devída. Eſpecialmente ..... (*Se tiver alguns votos, ou promeſſas, aqui ſe deve accuſar dos defeitos, que tiver na ſua obſervancia.*

699 No quarto me accuſo de não honrar como devo as peſſoas a quem devo ſogeição, e reſpeito, nem obedecer com a devida promptidão aos meus ſuperiores temporaes, e eſpirituaes, nem dar o verdadeiro culto, e veneração a Deos, a Maria Santiſſima, e a todos os Anjos, e Santos. Eſpecialmente ..... (*Se for Pay, ou Mãy de familias, ou ſuperior, que tenha ſubditos, ſe accuſará aqui das omiſsões, que tiver na boa educação, exemplo, e vigilancia, que deve ter ſobre os ſeus domeſticos, e mais obrigação do ſeu eſtado, e miniſterio.*)

700 No quinto me accuſo de todos os aborrecimentos, diſplicencias, e deſejos de vingança, que tenha tido contra o proximo, e de me não compadecer dos ſeus males, e faltas como devo. Eſpecialmente .....

701 No ſexto me accuſo de toda a falta de pureza em penſamentos, palavras, e obras; de todas as viſtas curioſas, e de todo o perigo, a que por ellas, ou por outra cauſa me poſeſſe de offender a caſtidade. Eſpecialmente. ....

702 No ſetimo me accuſo do tempo, que gaſto mal, e ocioſamente devendo-o empregar no ſerviço de Deos, e no negocio da minha ſalvação. Accuſo-me de todas as palavras ocioſas, e deſneceſſarias, de que hei de dar conta no dia do Juizo, principalmente das que dou nas Igrejas, e lugares ſagrados. Accuſo-me de toda a ingratidão, com que me tenho portado para com Deos em lhe não agradecer os beneficios, que me tem feito, nem conreſponder aos ſeus auxilios, nem temer a eſtreita conta, que lhe hei de dar, e o juizo rigoroſo, que me ha de fazer. Eſpecialmente .....

703 No oitavo me accuſo de todas as mentiras, que diſſeſſe, ou falſos teſtemunhos, que levantaſſe. Accuſo-me de

toda

toda a suspeita, presumpção, juizo temerario, ou murmuração do proximo. Especialmente .....

704 No nono, e decimo me accuso de todos os desejos impuros, e injustos, que não refreasse como devia. Accuso-me de toda a cobiça, ambição, e desejo de riquezas, e das cousas do mundo, e de as não desprezar como devo, antes pôr nellas mais cuidado, e diligencia, que nas do Ceo, e do espirito. Accuso-me de tudo o mais em q̃ tenha offendido a Deos em todos os dez mandamentos, que me não lembre para me accusar.

705 Nos peccados mortaes me accuso de toda a soberba, vaidade, vangloria, altivez, amor proprio, e estimação de mim mesmo, e de todo o vão desejo de honras, e estimações mundanas. Accuso-me do toda a falta de humildade, e conhecimento proprio, e de não ser amigo dos desprezos, e injurias por amor do Senhor, antes desprezar, e injuriar muitas vezes ao meu proximo. Especialmente .....

706 Accusome de toda a avareza, e apêgo aos bens terrenos; e de não usar delles como Deos quer, e manda; e de os não repartir com os pobres, e necessitados, nem praticar com estes as obras de misericordia, e caridade.

707 Accuso-me de todo o excesso de regalo, delicadeza, e descanso, ou ornato superfluo com que tenha tratado o corpo, e dado causa aos insultos da luxuria.

708 Accuso-me de toda a ira, impaciencia, faltas de sofrimento, e de paz do coração, que tenha tido; e de não sofrer os trabalhos, injurias, perseguições, adversidades pelo amor de Deos, nem me conformar com a sua divina vontade em todas as contradicções da minha.

709 Accuso-me de todo o excesso da gula em comer, e beber mais por gosto, e regalo do corpo, do que pôr soccorrer a necessidade da natureza; e muitas vezes mais do necessario, e fóra das horas costumadas. Accuso-me de toda a falta de mortificação do corpo, e não o tratar com a aspereza devida como inimigo, para o sugeitar á ley do espirito.

710 Accuſo-me de toda a inveja, que tenha tido pelos bens, e fortunas temporaes, e eſpirituaes do meu proximo.

711 Accuſo-me de toda a perguiça, tibieza, e negligencia nos meus exercicios, e obrigações eſpirituaes, e temporaes. Accuſo-me de não aſpirar á perfeição como devo; de não cumprir as obrigações de chriſtão, e do meu proprio eſtado, nem cuidar como devo na emenda de minha vida, e no negocio da minha ſalvação. Accuſo-me de não ſer caritativo, manſo, e humilde de coração; de não refrear como devo as minhas paixões, e appetites deſordenados; de não praticar as virtudes como devo, nem fazer diligencia por adquirir as que me faltão. Accuſo-me de não mortificar, nem trazer recolhidos os meus ſentidos, e potencias, não as empregar em Deos como devo, nem andar ſempre na ſua preſença, principalmente na oração, e mais exercicios eſpirituaes, que tudo faço com diſtracção, e muitas imperfeições. Accuſo-me de não recordar os meus noviſſimos, e a eternidade que me eſpera, para deſpertador da minha emenda. Accuſo-me de não ſer recto em minhas intenções, obras, e palavras, e não as dirigir todas para o recto fim, para que Deos me creou, de o amar, e ſervir neſta vida para o ir gozar na eterna bemaventurança.

712 Accuſo-me geralmente de todos os meus peccados mortaes, e veniaes de toda a minha vida confeſſados, e não confeſſados, lembrados, e eſquecidos; e de todos os ſacrilegios, que tiver feito em minhas confiſsões, e communhões por falta da dor, propoſito, ou diſpoſição neceſſaria. Accuſo-me de tudo quanto Deos ſabe que o tenho offendido por penſamentos palavras, e obras; e renovo neſta confiſsão todas as confiſsões da minha vida, e todos os actos de dor, e propoſito de emenda, que nellas, e fóra dellas tiver feito: e ſugeito a eſte Santo Sacramento todos os peccados, que em todas ellas forão materia da dor, e eſpecialmente para materia mais certa deſta me accuſo..... (*Aqui dará por materia, ſe for neceſſario, algum peccado, ou peccados certos.*

tos da vida passada, como v. g. hum pensamento consentido, ou hũa acção desoneſta, tendo no ſentido qual foi; ou todos os penſamentos conſentidos contra a caſtidade; ou o ultimo delles; ou todos os peccados graves contra o ſexto mandamento. &c. E concluirá: E me peſa muito de ter offendido a Deos por elle ſer quem he infinitamente bom, e digno de ſer amado, e porque o amo, e eſtimo ſobre todas as couſas: e tambem me peſa pela meſma graveza, e fealdade do peccado, pelo temor do inferno, e perda da Gloria, com que Deos me póde caſtigar; e proponho com a ſua divina graça nunca mais o tornar a offender, e lhe peço o perdão de minhas culpas, o qual eſpero alcançar pelos infinitos merecimentos da Paixão, e morte de meu Senhor Jeſus Chriſto; e a V. R. peço me abſolva de minhas culpas, e me dê a penitencia, que por ellas mereço. *E por tanto peço, e rogo &c.*

713 Aſſim concluirá a confiſsão profundamente inclinado, e aſſim meſmo repetirá os actos de contrição, e attrição brevemente, lembrando-ſe em geral das culpas, que confeſſou, e eſpecialmente das que deu por materia mais certa para o ſacramento, que ſobre eſtas ha de firmar particularmente a dor, e o propoſito de emenda: e levantando-ſe attenda com humildade ás advertencias, e reprehensões do confeſſor, conhecendo que não he elle o que falla, mas ſim o Eſpirito do Senhor, que falla nelle; e recebendo com ſugeição a penitencia, ſe tornará a inclinar, e a repetir os actos de dor em quanto o abſolve. Para ſoſſêgo de algũas almas, que não ficão ſatisfeitas ſe o confeſſor as não reprehende, ou lhes não dá muitas advertencias, e conſelhos, advirto que eſtas ſó são convenientes para motivar os penitentes á dor, e á emenda, e não neceſſarias para o valor do Sacramento; e por iſſo ſe o penitente tiver dor, e propoſito de emenda, baſta que o confeſſor lhe dê a penitencia, e o abſolva, ainda que não diga mais nada.

METHODO DA CONFISSÃO DE POUCOS DIAS.

714 O Sobredito modo de confeſſar he para as confiſsões ordinarias que ſe fazem v. g. de oito, ou dez, ou quinze dias; mas quando por alguma culpa, ou duvida ſeja neceſſario confeſſar-ſe, e receber a abſolvição de menos dias não he neceſſario fazer tão dilatado preambulo: mas feita a confiſsão athé o meio, como acima, dirá.

715 Padre confeſſei-me tal dia; ſatisfiz a penitencia; mas de todos os defeitos, que niſſo tiveſſe, e de todos os d aminha vida me accuſo. O que por hora mais me aggrava a conſciencia he .... (*Aqui dirá as culpas, ou dúvidas, que o obrigão a confeſſar-ſe.*) E concluirá como acima dizendo: Accuſo-me geralmente &c. e fará todos os actos como no fim da confiſsão ordinaria. E ainda eſte modo baſta para a meſma confiſsão ordinaria, principalmente ſendo dia de grande concurſo, em que pede a caridade ſe não demore o Confeſſor mais do preciſo; e o modo acima poſto baſtará hũa vez cada mez, ou quando parecer ao Director, e ainda então não he neceſſario dizer tudo o que ali ſe lembra, ſe não ſó aquillo, em que ſe ſentir mais culpado; e ou diga tudo, ou parte ſeja ſempre com reflexão, e conhecimento de que em tudo eſtá comprehendido, e tem defeitos, e não como oração de coſtume.

§. III.

COMMUNHÃO SACRAMENTAL.

716 HE tão tremendo o acto da Sagrada Communhão, que athé o meſmo Chriſto quando ſe recebeu Sacramentado ſe humilhou, e encolheu, e teve hum certo temor em quanto homem reconhecendo-ſe inferior á Divindade, que nelle recebia; quanto logo deve temer, e tremer o peccador quando recebe dentro em

ſi

si a mesma Santidade, a Divindade, e humanidade de Christo, para o que não era disposição bastante a pureza dos mesmos Anjos! Elle porèm he hum Sacramento de amor, hũa refeição de pobres famintos, hum remedio de necessitados, e enfermos; he a fortaleza dos fracos, hũa esmola do Deos liberal, hum banquete do grande Rey, para o qual elle convida, e chama não os ricos, os nobres, os fortes, e robustos, quaes são os Anjos, mas sim os pobres, miseraveis, os fracos, os cegos, e aleijados, quaes são os homens, e se escandaliza, e sente em grande maneira de que elles com frivolos pretextos, com vans desculpas, e só porque se sentem indignos, se izentem de vir á grande ceia, quando só para elles he que a fez por isso mesmo que erão indignos, e miseraveis para os fazer dignos, e eternamente felizes.

717 Por tanto como não haja culpas graves, e se detestem as leves, não deve acanhar-nos a nossa indignidade, miseria, e pobreza para deixarmos de frequentar a mesa sacrosanta; pareceria soberba se alguem presumisse que se poderia dispor dignamente á força da propria diligencia para o que nem os Anjos são dignos; e seria grande erro, e falsa humildade se por se julgar indígno, (como não haja culpa grave) se retrahisse daquelle divino banquete, pois assim nem na Paschoa, nem hũa só vez na vida haveria quem pudesse commungar dignamente.

718 Anime-se pois a creatura, e vá com confiança ao sagrado convite, ainda que se julgue indigna, pois o Senhor assim a admitte, como leve vestida a veste nupcial da graça; se não for a elle como nobre, rica, e bem ornada, vá como pobre, vil, e desprezivel, que estes são os chamados á solemnidade do Rey: Se não está forte de virtudes, vá buscar as virtudes, e a fortaleza ao seu principio: se está faminta de graças, vá saciar a fome com o sustento da Gloria: se padece sêde de justiça, vá facia-la naquella fonte de graças: se está fria sem o fervor do espirito, vá aquecer-se áquelle fogo divino: se está enferma, vá receber a medicina Celeste, e o melhor remedio das almas, pois he remedio, medico, e medicina

na juntamente: em fim se não póde ir como digna, e merecedora á mesa do Senhor, vá como necessitada, pobre, e miseravel buscar o remedio, e o soccorro naquelle thesouro de riquezas, e de bens; que nos pobres para serem soccorridos, e nos enfermos, para serem curados só se attende á necessidade, e não aos merecimentos. Conheça a creatura a sua indignidade, e pobreza; mas humilhe-se, e confunda-se de que o Senhor assim a queira, e chame á sua mesa, e assim confusa, e humilhada receba o dom Celeste, que assim será mais agradavel ao Deos liberal, do que se o recusar com o pretexto da propria indignidade.

719 A frequencia, com que as almas devem receber o pão dos Anjos, a deixa o S. P. Innocencio XI. á prudencia, discrição, e juizo dos Directores, os quaes não devem ser tão escassos das mercês do Deos liberal, que deixem andar as almas famintas do alimento da vida, principalmente as que estiverem adiantadas na virtude, ou tiverem particular necessidade; pois he certo que quanto menos vezes se communga, menos fervor se experimenta; e sendo hũa communhão a melhor disposição para a outra, pouca disposição poderá persistir, quando medear muito tempo entre hũa, e outra; e o Sagrado Concilio Tridentino diz que: *desejára que em todas as Missas commungassem sacramentalmente todos os fieis assistentes*: (*Sess.* 22. *c.* 6.)

720 Mas não devem tambem os Directores ser tão prodigos dos thesouros do Santuario, que indifferentemente admittão com igual frequencia todas as almas ao divino banquete; pois supposto basta não ter peccado mortal para poder commungar licitamente, ainda sem confissão; porque para o perdão das culpas leves ha os Sacramentais juntos com a displicencia dellas, e com esta mesma os perdoa a absolvição do Sacerdote, que ministra o Sacramento; e tambem este mesmo os perdoa, pois he Sacramento de vivos; com tudo deve o Director regular a frequencia de o receber segundo a maior perfeição; ou necessidade da creatura; e tambem conforme o fructo, que tirar

rar da Sagrada Communhão; e a quotidiana não a deve conceder ſenão ás almas ſublimadas a mui elevado gráo de virtude, ou vexadas com neceſſidade mais que ordinaria, quaes são os energumenos, ou perſeguidos de graves tentações, que poſsão vencer melhor com a frequente communhão &c. Na inſtrucção que demos aos Directores no fim de cada hum dos eſtados, acharão o modo regular de preſcrever eſta frequencia.

721 Do dito ſe colhe que he licita, ſanta, e louvavel a frequencia da Sagrada Communhão regulada pela obediencia; ainda ſem preceder confiſsão; e que he ignorancia preverſa, e impiedade malevola em quem eſtranha, e murmura de quem aſſim a frequenta; e que he delicto reprehenſivel, e injuſto em alguns Parochos, e Sacerdotes por eſte errado parecer negarem a communhão ás almas, que lha pedem por obediencia dos ſeus Directores; e muito mais, que peccão graviſſimamente os que na meſmeſma ſagrada meſa, concedendo-a a outras, a negão a eſtas, acção eſcandaloſa, que ainda aos peccadores publicos ſe não póde fazer, ſe no em circunſtancias de notoriedade indubitavel.

722 Eſtes eſcaſſos, e infieis diſpenſeiros dos grandes myſterios de Deos ſerão reſponſaveis ao meſmo Senhor não ſó por eſta impiedade, e falta de caridade tão repugnante ao miniſterio ſagrado, mas tambem por privarem as almas dos abundantes fructos, e ſaudaveis effeitos, que cauſa a Sagrada Communhão em quem a recebe diſpoſto; dos quaes são ſeis os mais principaes. O primeiro he o augmento da graça habitual. O ſegundo he o perdão dos peccados veniaes, de que ſe tem diſplicencia, e deſejo de emenda, ainda que ſe não confeſſem. O terceiro he a preſervação de cahir nos mortaes; porque dá forças contra as tentações, e debilita os inimigos tentadores. O quarto he a doçura Celeſtial, e ſuavidade do eſpirito, que recebe a alma, ainda que ás vezes a não perceba ſenſivelmente. O quinto he hũa união moral, que reſulta entre o Corpo de Chriſto, e o de quem o recebe. O ſexto he hũa redundancia de affectos d'alma, que

reſulta tambem no corpo, e ſe dá a conhecer na humildade, modeſtia, devoção, paz, alegria, ſilencio, e compoſtura de acções, que a creatura tem depois da communhão; e ſe as não tem, he ſinal da indiſpoſição, e falta de devoção, e reverencia, com que commungou.

723 A diſpoſição que deve preceder, e acompanhar a creatura á meſa ſacroſanta he hũa viva fé, e conhecimento da grandeza, e ſantidade do myſterio, e realidade do Sacramento, que recebe; hũa humildade profunda, e reconhecimento da ſua propria vileza, e indignidade; hũa confiança firme no amor, e bondade do Senhor, que quer entrar em ſua alma; hum ancioſo deſejo de ſe diſpor dignamente, e de apparecer diante delle agradavel á ſua viſta; para o que deteſtando primeiro todas as ſuas culpas, e imperfeições, e tomando agua benta, pedirá ao meſmo Senhor Sacramentado, e a Maria Santiſſima lhe dem graça, e a diſpoſição devida para o receber dignamente, cujo favor procurará merecer-lhes com aquellas quatro humiliações profundas, que approvou a meſma Senhora, as primeiras tres em louvor do divino Sacramento, e quarta em reverencia da parte da carne, e ſangue de Maria Santiſſima, que eſtá no meſmo Sacramento. Fará tambem a eſte algũas fervoroſas, e amantes jaculatorias, as quaes quizera que foſſem mais naſcidas do affecto, e abundancia do coração, ainda que ſimplez nas palavras, e raſteiras no eſtilo, do que eſtudadas por livros, e ditas porque ſe ſabem de cór ſem devoção, nem atenção, nem ſentido.

724 Tanto que receber o Senhor Sacramentado ſe recolha com elle ao fundo do ſeu coração, e conheça que eſtá ſua alma feita verdadeiramente hum Ceo aberto; que nada tem o Empyreo em ſi meſmo, que ella não tenha dentro em ſi tão certa, e realmente como o Ceo; pois não ſó tem em ſi realmente a Jeſus Chriſto, mas tambem toda a Santiſſima Trindade aſſiſtida, e acompanhada dos Cortesãos Celeſtiaes, adorada, e reſpeitada ahi meſmo de hũa infinita multidão de ſantos Anjos, e de abraſados Serafins; conheça que eſtá feita cuſtodia da hoſtia ſacro-

ſanta

ſanta, Sacrario do Sacramento, Arca do divino Maná, ſantuario, e propiciatorio da Mageſtade de Deos, throno da ſua grandeza, e templo do Santo dos Santos.

725 Faça reflexão no divino hoſpede, que tem em ſua pobre morada, e feita Martha ſolícita, e Maria contemplativa ſe apreſſe para os ſeus devidos obſequios, e poſta a ſeus pés em hum ſuave deſcanſo, ahi o adore, venere, ame, reſpeite; eſcute as palavras de vida, que elle lhe falla ao interior do eſpirito; communique com elle os ſegredos de ſeu coração; diga-lhe mil finos amores, e lhe preſente as ſuas humildes rogativas com certeza, e confiança de que elle goſta muito de as ouvir, e que para lhe fazer beneficios, e favores fez as ſuas delicias em habitar em ſua alma. Finalmente lhe preſente mil enternecidos affectos, e amantes jaculatorias naſcidas do fundo do coração quanto mais ſimplez, quanto mais humildes poder.

726 Não quero com tudo reprovar que ſe dem graças, ou ſe faça a preparação por algum livro devoto dos muitos, e bons, que para iſſo trazem fervoroſas jaculatorias, bem capazes de inſpirar devoção nas almas tibias; antes aconſelho q̃ delles ſe aproveite quem ſem elles não ſouber produzir ſanctos affectos; mas como o q̃ ſe diz de memoria, (como ordinariamente ſuccede nas graças, que ſe dão, por livros) ſe coſtuma dizer ſem ſentido, e com menos devoção, e attenção que o que ſe diſcorre de novo, aconſelho que quem podér formar de ſi novos affectos, ainda que não ſejão tão cultos, e diſcretos como os que trazem os livros, offereça antes a Deos a pobreza da ſua caſa, do que a riqueza da alheia; pois a maior diſcrição, e ſabedoria dos homens he eſtulticia diante de Deos, a quem agradão as deprecações dos humildes, e com os ſimplez goſta de ter muitas praticas; por iſſo lhe agradou mais a humildade, e ſimplez deprecação do publicano, do que a pompoſa, e diſcreta gratulação do Fariſeu.

§. IV.

COMMUNHÃO ESPIRITUAL.

727 HE tão recomendavel eſte devoto exercicio da communhão eſpiritual, que já o Sagrado Concilio Tridentino ſuppõe que os fieis aſſim commungavão eſpiritualmente quando aſſiſtião ao S. Sacrificio da Miſſa : *In eis populus ſpiritualiter communicet.* (*Seſ.* 22. *c.* 6.) Por iſſo he mui frequentada das almas eſpirituaes, e a aconſelhão muito os Myſticos, e della tirão muitas vezes as almas devotas os meſmos affectos, e effeitos que da Communhão Sacramental. Conſiſte ella em huns vivos, e ancioſos deſejos de receber ao Senhor Sacramentado, em hũas devotas ſúplicas, amantes jaculatorias, e ternos colloquios, com que a creatura lhe pede que venha em eſpirito a ſua alma, lha encha de abundantes graças, dons, e bençõeſ da ſua mão poderoſa, e ſe goza com elle em eſpirito, e amor; e ſe faz deſta maneira.

728 Avivando em ſi a alma devota hum grande deſejo de receber o Senhor Sacramentado, ſe lembre em geral das ſuas culpas, e fazendo hum acto de contrição, e a confiſsão geral, como quem ſe confeſſa ao meſmo Deos, ſe humilhe no ſeu interior diante delle, como quem recebe delle a abſolvição das culpas; logo repreſentando na ſua idêa a ſagrada particula na mão do Sacerdote, ou meſmo no vaſo do Sacrario, dirá: *Eſte he o Cordeiro de Deos ; eſte he o que tira os peccados do mundo*, e dizendo tres vezes como na Communhão Sacramental: *Senhor, eu não ſou digno &c.* batendo no peito juntamente, ſe repreſente que o Sacerdote lhe dá a Sagrada Communhão, ou que o meſmo Senhor Sacramentado vem entrar em ſeu coração, e aſſim lhe dirá : Vinde, vinde, Deos de minha alma, amor de meu coração, vinde em eſpirito a eſta pobre morada, pois não poſſo agora de outro modo ſaciar o ancioſo deſejo de vos receber realmente; entrai, Senhor, ao interior de minha alma, encheia

cheia de gozo celeste, enriqueceia de graças, apartai della todo o inquinamento da culpa, e a fazei digna de ser morada, e habitação vossa, em que tenhais as vossas delicias, e descanso.

729 E recolhendo-se ao interior de sua alma como na Communhão Sacramental fará as mesmas reflexões, e considerará que ahi tem em espirito o que lá possuía realmente, e gozando-se espiritualmente lhe renderá as graças por este singular beneficio com algũas jaculatorias; e se souber a antifona: *O Sacrum convivium &c.* com o verso, e oração do Sacramento, com ella dará as graças, e concluirá este exercicio. A communhão espiritual póde-se fazer no dia muitas vezes, ainda não estando em jejum, e ainda tendo peccado mortal, com tanto que faça diligencia por se pôr em graça de Deos com actos de contrição: mas por evitar algũa irreverencía, ainda que só em desejo, será melhor que quem tiver certeza que está em peccado mortal faça a communhão espiritual não com desejo de receber o Senhor Sacramentado, mas sim de estar em graça para o poder receber. Quando se não poder fazer com o vagar sobredito por algũa causa; e tambem quando a creatura frequenta muito este devoto exercicio, bastará que representando presente o Sacramento augusto tenha hum breve, mas fervoroso desejo de o receber, e passando logo a considerá-lo espiritualmente em sua alma, o louve com algũa jaculatoria devota, e tem feito a communhão espiritual verdadeira.

§. V.

MODO DE OUVIR MISSA.

730 O Altissimo, e tremendo Sacrificio da Missa he o exercicio mais santo, o mysterio mais veneravel, que Jesus Christo instituio na Santa Igreja; he hum compendio dos principaes mysterios da nossa Redempção, e hum memorial perenne da Sagrada Payxão do Redemptor, em que elle a renova por modo incruento, e

e por meio das ſagradas eſpecies de pão, e de vinho, ſe nos dá como ſeguro penhor da Gloria futura; por iſſo devem não ſó as almas eſpirituaes, e devotas, mas tambem todo o Chriſtão não paſſar, podendo ſer, dia nenhum ſem ir aſſiſtir á ſolemnidade do grande Rey, e aproveitar-ſe do infinito theſouro de graças, e miſericordias, que naquelle alto Myſterio nos deixou Jeſus Chriſto para noſſo bem.

731 Mas deve aſſiſtir-ſe áquelle tremendo Sacrificio com o mais profundo reſpeito; pois ali aſſiſtem os Anjos com o mais rendido acatamento adorando ao Deos Santo, que nelle ſe ſacrifica realmente, e eſtão invejando a ſorte dos homens, por amor de quem o Senhor o inſtituio para os fazer participantes da hoſtia ſaudavel, daquelle Deos de infinita grandeza, e formoſura, em quem os Anjos deſejão empregar ſua viſta, já que não gozão a felicidade de o poder goſtar como os homens; pelo que quanto mais fructuoſa á creatura, e agradavel a Deos he a devota aſſiſtencia a eſte veneravel Myſterio, tanto mais criminoſa, e abominavel ſerá a feia deſatenção, e irreverencia, com que muitos Chriſtãos ali eſtão forçados, e indevotos, e tão pouco penetrados da veneração, e reſpeito, que lhe he devido, como ſe foſſe hum acto profano, ou repreſentação pouco ſéria.

732 Para evitar pois eſte execrando delicto, procure todo o fiel attender com a maior devoção para os Myſterios da Sagrada Payxão de Jeſus Chriſto, que no meſmo ſacrificio ſe incluem, indo-os meditando pela ordem, e ao tempo, que nelle ſe vão repreſentando, acompanhando a meditação com ternos, e piedoſos affectos mais no coração, que com palavras, para o que aqui vão declarados todos os myſterios da Miſſa juntos com os da Payxao, que repreſentão, para que os poſſa meditar quem a quizer ouvir com attenção: mas primeiro deve principiar por hum acto de contrição, que póde fazer antes que o Sacerdote venha para o altar, e tambem o offerecimento da Miſſa, o qual deve fazer unindo a ſua intenção com a do meſmo Sacerdote; e depois offerecendo os fructos

do

do sacrificio por si, pelas necessidades da Igreja, pelas Almas do Purgatorio, e por quem mais lhe parecer. Neste offerecimento vai incluida a intenção de ouvir Missa.

Mysterios da Payxão representados na Missa.

633 QUando o Sacerdote vem para o Altar, representa a Jesus Christo na noite da Ceia indo com seus Discipulos a orar no Horto de Gethsemani.

O Sacerdote começando a Missa, representa o Senhor já orando no horto.

Quando o Sacerdote se inclina a dizer a confissão, representa a Jesus Christo no horto prostrado por terra orando, e suando sangue em agonias.

Quando o Sacerdote chega ao altar, e o beija, significa quando o Senhor sahio ao encontro a seus inimigos, e Judas lhe deu o osculo fingido, e o Senhor foi prezo.

O Sacerdote indo do meio do altar para a parte da Epistola ler o introito, representa a Christo Jesus quando depois de prezo foi levado a casa de Anás.

Benzendo-se o Sacerdote, e dizendo o introito, significa quando o Senhor esteve em casa de Anás, e a cruel bofetada, que ahi lhe derão.

Voltando o Sacerdote para o meio do altar a dizer os Kyrios, significa o Senhor levado a casa de Caifaz, aonde o negou S. Pedro.

No primeiro *Dominus vobiscum*, que diz o Sacerdote, virado para o povo, representa a Christo voltando o rosto para S. Pedro, e pondo nelle os seus divinos olhos, depois de elle o haver negado.

O Sacerdote tornando para a parte da Epistola, representa a Jesus levado a casa de Pilatos.

Ao dizer as Orações, e a Epistola, representa as muitas, e injustas accusações, que contra o innocentissimo Senhor se fizerão na presença de Pilatos.

Quando o Sacerdote torna ao meio do altar, e ahi inclinado diz: *Munda cor meum*, representa a Christo levado

vado a caſa de Herodes , aonde não reſpondeo palavra ás perguntas , que elle lhe fez , nem aos teſtemunhos , com que o accuſavão.

Paſſando o Sacerdote para a parte do Evangelho , e lendo-o, ſignifica o Senhor tornando a caſa de Pilatos , e ſendo ahi accuſado , e arguido de novo.

Tornando o Sacerdote ao meio do altar , repreſenta a Chriſto levado ao lugar dos açoutes.

Quando deſcobre o Caliz , ſignifica o deſpirem ao Senhor para o açoutarem.

Quando o Sacerdote pondo os olhos no Ceo , offerece a hoſtia , repreſenta a Chriſto atado á Columna , recebendo ſinco mil açoutes , offerecendo-os por nós ao Eterno Pay.

Quando offerece o Caliz , repreſenta o Senhor offerecendo por noſſo remedio o ſangue , que já derramava.

Quando o Sacerdote cobre o Caliz , ſignifica quando depois de açoutado Jeſus Chriſto o coroarão de eſpinhos.

Lavar o Sacerdote as mãos , ſignifica quando Pilatos as lavou em ſinal de que não achava em Chriſto culpas, para o condemnar.

O Sacerdote virado para o povo dizendo : *Orate fratres* , repreſenta a Chriſto moſtrado por Pilatos ao povo quando diſſe : *Ecce Homo.*

As Orações , e o *Prefacio* , que diz o Sacerdote , ſignificão a ſentença de morte , que ſe firmou , e publicou contra Chriſto.

Quando o Sacerdote ſe inclina a dizer : *Sanctus* , repreſenta a Jeſus Chriſto acceitando a ſentença de morte, e inclinando-ſe a receber a Cruz em ſeus hombros.

Quando o Sacerdote ſe inclina ſegunda vez , e beija o altar , repreſenta a Jeſus Chriſto cahido por terra com a Santa Cruz.

Ao primeiro *Memento* ſe repreſenta a Jeſus Chriſto caminhando com a Cruz para o Calvario , offerecendo ſeus paſſos , e quédas ao Eterno Pay por noſſo remedio.

Quando o Sacerdote eſtende as mãos ambas ſobre o Caliz , repreſenta quando , indo o Senhor com a Cruz ajuda-

ajudado do Cyrineo, a S. Veronica chegou alimpar-lhe o rosto com hũa toalha, em que lhe deixou esculpido o retrato de seu divino rosto.

As Cruzes, que faz o Sacerdote sobre a hostia, e Caliz, significão como, chegado Jesus Christo ao Calvario, o mandárão estender sobre a Cruz, e nella o pregárão de mãos, e pés com duros cravos á força de golpes de martelo.

A elevação da hostia significa quando levantárão a Santa Cruz com o Sagrado Corpo do Senhor.

A elevação do Caliz significa o Sacratissimo Sangue do Senhor, que desde o alto da Cruz corria de suas chagas.

Ao segundo *Memento* se representa a Jesus Christo rogando desde a Cruz ao Eterno Pay pelos mesmos, que o crucificárão.

Quando o Sacerdote diz: *Nobis quoque peccatoribus*, significa como o bom Ladrão se arrependeu, e o Senhor lhe perdo-ou.

Quando o Sacerdote eleva a hostia, e Caliz juntamente, significa quando derão ao Senhor fel, e vinagre na Cruz.

O Sacerdote dizendo o *Pater noster*, representa a Jesus Christo recomendando o Evangelista a sua Mãy, e a Mãy ao Evangelista, e as mais palavras, que disse sobre a Cruz.

O dividir a hostia significa espirar o Senhos separando-se a Alma divina do Sacratissimo Corpo.

Lançar no Caliz hũa particula da hostia consagrada significa descer o Senhor ao Limbo depois de espirar.

Dizer o Sacerdote: *Agnus Dei*, batendo no peito significa a conversão do Centurião, e de muitos peccadores arrependidos por virtude da morte do Senhor.

Aqui se arrependerá tambem de suas culpas o que ouve Missa, e em quanto o Sacerdote diz as orações antes da communhão, (as quaes representão como o Senhor foi descido da Cruz, e posto nos braços da sentidissima Virgem) se preparará tambem para commungar espiritualmente, o que fará ao mesmo tempo que o Sacerdote communga.

Quando o Sacerdote communga representa quando o Sagrado Corpo do Senhor foi depositado no Sepulchro.

A purificação do Caliz com o vinho, que o Sacerdote recebe depois da Communhão, representa como o Sagrado Corpo do Senhor foi embalsamado no Sepulcro.

Quando o Sacerdote dobra os Corporaes, e cobre o Caliz, significa como o Senhor foi envolto no Sudario, e depois cerrado, e fellado o Sepulcro.

Quando o Sacerdote vai do meyo do altar para o lado da Epistola dizer o *Post communio*, representa o Senhor resuscitado glorioso, sahindo do sepulcro, e apparecendo a sua Santissima Mãy.

Quando torna ao meio do altar dizer: *Dominus vobiscum* virado ao povo, significa o apparecimento do Senhor resuscitado a seus discipulos, e ás Marias.

Quando diz as ultimas orações ao lado da Epistola, representa a communicação, e apparições que Jesus Christo teve com os discipulos nos quarenta dias, que se demorou na terra.

No ultimo *Dominus vobiscum*, e *Ite Missa est*, se representa a glorioſa Ascenção de nosso Redemptor aos Ceos.

A benção, que o Sacerdote lança ao povo, significa a vinda do Espirito Santo sobre os Apostolos.

O ultimo Evangelho representa a prégação, e publicação da Ley Evangelica em todo o mundo.

734 Se este modo de meditar nos Mysterios da Missa pela multidão, e variedade delles se não accomodar á capacidade de algũas almas, escolhão hum só Mysterio da Payxão, e nelle meditem toda a Missa, e assim a ouvirão com fructo, e attenção. Quem não tiver comodidade de ir á Missa, póde-a ouvir spiritualmente em sua casa posto de joelhos, e representando na sua ideia o Sacerdote dizendo-a, e indo meditando os seus Mysterios pela ordem sobredita.

§. VI.

ESTAÇAO DO SS. SACRAMENTO.

735 OS filhos de todas as tres Ordens do Seraphico P. S. Francisco, e os que com elles communicão nos privilegios, por concessão de muitos Summos Pontifices rezando a Estação do SS. Sacramento, que consta de seis Padre Nossos, e seis Ave Marias, e outros tantos *Gloria Patri &c.* Os primeiros cinco pelo estado da Santa Igreja Catholica, extirpação das heresias, paz, e concordia &c. o sexto pelo Pontifice, que concedeu as indulgencias, ganhão todas as de Roma, Jerusalem, S. Thiago, e Porciuncula, as quaes são innumeraveis. Só das plenarias contão alguns Authores quatrocentas e vinte, e outros mais; e das não plenarias he hum sem numero dellas. Faça, quem a rezar, tenção de lucrar todas as que lhe forem concedidas, que para isso não he necessario saber-lhe o numero. Bastava a espiritual conveniencia deste riquissimo thesouro de graças para estimular os fieis a pertenderem ser Filhos do Patriarcha Serafico ao menos da Ordem Terceira.

736 Chama-se *Estação do Santissimo Sacramento*, porque foi concedida no seu principio com a condição de se rezar diante do mesmo Sacramento augusto; mas outros Summos Pontifices concedêrão, que se lucrassem as indulgencias em qualquer parte que se rezasse. Não he necessario, para se lucrarem, que se reze com os braços em cruz; mas será o melhor, podendo ser; pois obriga muito a Deos este modo de orar, como se vio já em Moysés, que quando assim orava na occasião das batalhas, prevalecia o seu exercito, e se os braços seião abaixando, ião prevalecendo os inimigos; e já succedeu virem as almas do Purgatorio sustentar os braços de hum seu devoto, que por debilitados os não podia assim ter. He louvavel o modo, com que algũas almas rezão a Estação meditada pelos mysterios da Payxão de Jesus Christo, como se segue.

1. Deſde o horto de Gethſemani athé a caſa de Anaz. P. N. A. M. Gl.

2. De caſa de Anaz a caſa de Caifaz. P. N. A. M. Gl.

3. De caſa de Caifaz a caſa de Pilatos. P. N. A. M. Gl.

4. De caſa de Pilatos a caſa de Herodes. P. N. A. M. Gl.

5. De Caſa de Herodes outra vez a caſa de Pilatos. P. N. A. M. Gl.

6. De caſa de Pilatos ao monte Calvario, onde foi pregado na Cruz. P. N. A. M. Gl.

§. VII.

EXERCICIOS DE DIAS DE RETIRO.

737 SE todo o homem prudente na adminiſtração dos negocios, e contratos toma muitos dias, e horas, em que ſeparado de outros cuidados ſe recolhe a fazer contas comſigo, examinar os lucros, e os detrimentos para evitar eſtes, e ſegurar bem aquelles, pena de ſe perder no negocio; quanto mais no unico, e importante negocio da ſalvação devemos nós pôr, ſenão mais, ao menos as meſmas diligencias, e cuidados, que poem os homens nos ſeus negocios caducos? Por iſſo he juſto, e louvavel, e recomendado muito por muitos Summos Pontifices, que todo o fiel, que aſpirar á ſalvação, hũa, ou mais vezes no anno tome alguns dias de retiro, em que ſeparado das creaturas ſe abſolva de todo o cuidado terreno, e ſe recolha ao interior do ſeu cubiculo, e do ſeu coração a fazer contas comſigo, deitar as medidas convenientes á vida do eſpirito, examinar ſe lucra, ou perde no contrato, em que nada lhe vai menos do que ſalvar, ou perder a ſua alma.

738 Para incitar a eſta louvavel diligencia concedeu Paulo V. indulgencia plenaria a todos os Religioſos, e Religioſas, que por eſpaço de dez dias continuos com licença de ſeus ſuperiores ſe recolherem na ſua cella ſeparados de negocios, e trato com outras peſſoas, que

não

não sejão o Prelado, e Director; e por esse tempo se applicarem á lição de livros piedosos, que induzão o espirito á devoção, e se occuparem em outros exercicios espirituaes, meditando muitas vezes nos mysterios da Fé Catholica, nos beneficios de Deos, nos quatro novissimos, na Payxão de nosso Redemptor, e praticarem outras jaculatorias, e orações vocaes, tendo sempre entre dia, e noite duas horas ao menos de Oração mental, e fazendo dentro dos ditos dez dias confisão geral, ou annual, ou ordinaria, commungarem, ou disserem Missa hũa vez; a qual concesão estendeo Gregorio XV. a todos os Terceiros, e Irmãos do cordão de S. Francisco; e quanto aos Religiosos menores concedeu Alexandre VII. que podessem ganhar a dita indulgencia ló com oito dias dos exercicios referidos; mas quem quizer os póde ter por quinze, vinte, trinta e tres dias, e mais.

739 O grande bem, que communica ao espirito a prática destes recomendaveis exercicios, só o conhece quem o experimenta, que sao todos os que os fazem com verdadeiro espirito, e vontade; pois ninguem entra nelles com desejo de se aproveitar na virtude, que não saia delles com muitas melhoras no espirito, e com novas resoluções de reformar sua vida, vencer as paixões do apetite, e cuidar de veras na sua salvação. Nem podia deixar de ser assim sendo como foi a Authora delles Maria Santissima, que por muitas vezes, e por muitos dias cada vez os praticou, e os recomenda com muita efficacia a sua fiel Chronista Maria de Agreda para si, e suas Subditas; e para isso lhe mandou escrever hum tratado particular da prática destes retiros: pelo que não podemos duvidar não deixará de ter o amparo, e protecção desta divina Senhora quem emprehender hũa obra tanto do seu agrado: por isso he bem que quem entrar nelles tome a mesma Senhora por sua guia, protectora, e advogada.

740 Á prudente discrição do Director, sem cujo dictame se não devem praticar estes retiros, pertence determinar os exercicios, que nelles se devem fazer. O essencial he o que já fica insinuado, retiro de creaturas, silencio,

cio, lição de livros piedosos, jaculatorias, e orações vocaes, e duas horas ao menos de Oração mental nos mysterios da Fé, beneficios de Deos, noviſſimos, e Payxão do Senhor; mas a ordem, modo, e tempo, e os mais exercicios, que álem deſtes deve fazer a creatura, ficão á diſpoſição do Director. As almas principiantes não ſe devem opprimir muito nelles, nem com meditações prolixas, nem com rigores, e mortificações exceſſivas; porque como ainda não eſtá o eſpirito forte, canſará, ou ſe lhe fará deſabrido o caminho da virtude: ás proficientes póde-ſe dar mais larga, mas ſempre nos meios da prudencia: mas ás perfeitas, principalmente em gráos adiantados, não ſe deve limitar tempo de oração, porque todo o he deſta para ellas; o meſmo ſe diz da lição, jaculatorias, e devoções vocaes; e á proporção ſe lhes pódem conceder as penitencias. O ordinario, que todos devem obſervar neſtes dias he o ſeguinte.

741 Na veſpora do primeiro dia ſe terá meia hora, ou hum quarto de conſideração nas obrigações do proprio eſtado, na importancia da ſalvação, na neceſſidade que ha de cuidar nella, na difficuldade de a conſeguir, quaes são os maiores obſtaculos que a difficultão, e que meios ſerão mais proprios, e mais neceſſarios para os evitar, e daqui ſe firmará o exercitante em hũa efficaz reſolução, e vivo propoſito de cortar de raiz todas as ſuas payxões; principalmente a que lhe he maior occaſião de ruina, e mais lhe embaraça a virtude; e de praticar todos os meios, que julgar mais convenientes para iſſo; e a eſte fim dirigirá os ſeus exercicios; pedindo para iſſo a Deos graça, e auxilio a Maria SS., e aos Anjos, e Santos da ſua devoção, dos quais tomará hum para cada dia por ſeu protector, e advogado, que lhe alcance de Deos graça, para que tudo nelle faça com a perfeição devida. Eſta reſolução, e fim para que deſtina os exercicios, he bem que os ponha em lembrança, e os leia todos os dias de manhã, ou ao menos os recomende bem á memoria, e os recorde muitas vezes para deſpertador da ſua diligencia. Feita eſta conſideração, e propoſitos,

lerá

lerá á noite o ponto para a Oração de manhã; o que deve praticar todos os dias para a poder fazer cedo como deve.

742 No primeiro dia fara por acordar algũa couſa ante-manhã, e recordando logo a reſolução que emprehendeu, reflectindo na obra a que vai dar principio, ſe levantará com preſteza, e depois de veſtido ſe proſtrará por terra adorando a SS. Trindade, pedindo-lhe a ſua benção, a Maria SS. e ao Santo protector daquelle dia para começar os ſeus exercicios, a que dará principio, fazendo logo a primeira meditação no ponto, que tiver lido na veſpera. A oração, ou ſejão ſó duas horas cada dia, ou ſejão tres, quatro, ou mais, ſempre ſe hade fazer por quatro vezes no dia. Feita a oração, irá ouvir Miſſa podendo, e ſe não tiver comodidade para iſſo, a ouvirá eſpiritualmente, como acima ſe diſſe. Na Igreja ſe porá em algum lugar retirado, e depois de ouvir Miſſa, ou as que lhe determinar a obediencia, e de ſe confeſſar, ou commungar, como ella diſpoſer, e viſitar o SS. Sacramento com a eſtação, e rezar mais algũas devoções, ſe recolherá a caſa.

743 Ahi lerá meia hora de lição eſpiritual, depois da qual ſe póde exercitar em algũa occupação manual no tempo que lhe reſtar, athé o ſer de fazer a ſegunda meditação, para a qual lerá o ponto, e a terá de ſorte, q̃ a acabe meio quarto de hora antes de jantar, o qual occupará em examinar a conſciencia, não ſó do modo com que athé ali ſe tem portado nos exercicios deſte dia, mas tambem em geral no modo da ſua vida, e na neceſſidade que tem de a reformar; e fazendo actos de contrição commungará eſpiritualmente; e álem deſta fará mais quatro, ou cinco communhões eſpirituaes por todo o dia. Ao jantar, e ſempre quando comer no tempo dos exercicios, ſeja com o fim de ſoccorrer a neceſſidade da natureza, e não por goſto, e regalo; e ſempre ſe abſtenha em parte, ou em tudo daquillo de que mais goſta; e tendo occaſião, e eſpirito, póde diſſaborear o alimento com agua, ou cinza, como fazia David, e muitos Santos, e o fazem almas perfeitas.

744 As

744 As duas horas, que ſe ſeguem immediatas ao jantar, não as occupe em meditações prolixas, nem lições de muita reflexão; mas póde nellas ter algum honeſto recreio, tomar hum breve eſpaço de ſomno, ou ler vidas de Santos, que agradão, e aproveitão ao eſpirito. Depois terá meia hora, ou hum quarto de conſideraçaõ nas meterias, e pelo modo que a teve na veſpera do retiro: mas ſe ouver de fazer confiſsão geral no fim dos exercicios, ſerá eſta meia hora de exame para ella. Logo lerá o ponto, e fará a terceira meditação; depois da qual viſitará a Via ſacra, e rezará algũas devoções, e terá outra meia hora de lição eſpiritual, e o tempo que lhe reſtar athe a noite o póde occupar em algum trabalho honeſto; ou em ler vidas de Santos; (mas nunca livros profanos, ou de divertimentos ocioſos) e poderá dar hum paſſeio por algum lugar retirado por dar deſafogo á natureſa, e maior alento ao eſpirito. Tanto que for noite lerá o ponto, e fará a quarta meditação; e antes, ou depois de ceia rezará o Roſario, ou Coroa da Senhora, a novena das almas, e mais algũas devoções. Antes de ſe deitar fará exame das obras de todo o dia, ſe confeſſará a Deos, e a Maria SS. dos defeitos, e fazendo actos de contrição commungará eſpiritualmente como por viatico, ſuppondo que aquella noite póde morrer, e ſe recolherá conſiderando que o ſomno he a ſombra da morte, a cama a imagem da ſepultura, e a roupa a da terra, e oſſos, com que o hão de cobrir. Não deve dormir mais que ſeis horas, ou menos; que excede-las, mais he regalo, que mortificação de exercitante.

745 Eſta ordem de exercicios obſervará nos mais dias, ſe a não alterar a obediencia. Deve guardar ſilencio rigoroſo, não fallando ſenão com o Director, ou com o Prelado, tendo-o. Só ſe for tão preciſo dizer algũa palavra, que ſe a não diſſeſſe deſagradaria a Deos. Não deve eſcrever, nem receber cartas, nem recados, e ſe ſe offerecer algum negocio depreſſa, ſe póde tratar com o Director, ou Prelado; mas ſendo o exercitante ſecular previnirá algũa peſſoa confidente antes de entrar nos exercí-

ercicios para eſtes, e outros ſimilhantes ſucceſſos; e ſe for couſa que poſſa eſperar, melhor he que eſpere do que perturbar o ſilencio, e recolhimento interior. Hũa, ou duas vezes ao menos no tempo dos exercicios deve fazer o da Cruz, e o da morte pelo modo que a diante ſe dirá. Os Religioſos devem não faltar em nada aos actos da vida commua, que eſtes são mais perfeitos do que qualquer particular exercicio.

746 Todos os dias deve o exercitante fazer algũas mortificações corporaes. Ordinariamente baſtarão duas, ou tres horas de cilicio, deciplina por tempo de hũa eſtação, jejum nas ſextas, e ſabbados que occorrerem, e nos outros dias abſter-ſe de fructas, ou algum manjar de mais goſto. Nas communidades Religioſas ha o louvavel coſtume de fazer o exercitante todos, ou alguns dias alguns actos publicos de humildade; cujo merecimento pódem ſupprir os ſeculares, fazendo particularmente alguns que o eſpirito lhe ditará, e ſaberá inventar a ſanta induſtria, ou a obediencia diſpoſer. As jaculatorias ſerão deſtinadas pelo Director, e álem deſtas póde a creatura fazer as que lhe pedir o eſpirito, as quaes devem ſer mui frequentes, aſſim como os actos de amor de Deos. Tambem deve fazer todos os dias os de fé, eſperança, e caridade, contrição, e attrição ao menos hũa vez, ou duas. A preſença de Deos deve ſer continua ſem interrupção, quanto poder a humana fraqueza, tendo muita vigilancia de que ſe não perca o ſentido de Deos, nem dos propoſitos que fez, nem da obra ſanta, em que anda. Em fim já que conſagra a Deos eſtes dias, offereça-lhe ſacrificio de victima ſem mancha, e dos fructos mais eſcolhidos; que elle não quer em ſeu altar hoſtia maculada; e regeita o holocauſto, que não faz ſubir ao ſeu throno o fumo da verdadeira devoção.

747 Algũas almas haverá, que, ou por precisão de negocios, ou ſe lhes fazer violento, ſe não attrevão a viver oito, ou dez dias retiradas, e em ſolidão com Deos; mas nenhũa deſculpa terão, nem occupação nenhũa ſerá baſtante paraque não poſſão eſcolher hum dia cada mez

para tratarem ſeriamente o negocio da ſua alma, e ſalvação. Pouco caſo fará de hũa, e outra quem depois de gaſtar vinte e nove, ou trinta dias na ſolicitidão dos bens caducos, que ſó ſervem para a brevidade da vida, achar muito hum ſó para diligenciar os do Ceo, que ſervem para a vida eterna. He neceſſario haver bem faſtio á virtude, e bem eſquecimento da ſalvação para ſe julgar que he obra ſuperflua hum retiro, e que gaſtar niſſo hum dia cada mez, he perder no anno doze dias, quando não ſe repara em perder vinte, cem, ou todos em jogos, aſſembleas, divertimentos ocioſos, e ajuntamentos perigoſos.

748 Quem pois he, ou quer ſer de Deos, ponha-ſe da parte de Deos, que o contrario he ir caminho errado, ou quando muito claudicar parte para Deos, parte para Baal; e ſervir a dois ſenhores he impoſſivel. Quem não quizer ſer alcançado em contas, ajuſte-as em quanto tem tempo, para o que ainda he pouco hum dia cada mez, mas aproveite ao menos eſte pouco. Eſtes retiros do mez ſe farão como hum dos dez referidos: excepto que de mais ſe fará hum quarto d'hora de exame no que neſſe mez ſe adiantou, ou atrazou na virtude, e como cumprio os propoſitos do retiro do mez antecedente para emendar os defeitos, e ſe firmar em novos propoſitos; e eſtes porá em lembrança, e os recordará algũas vezes no mez, e tornará a examinar no ſeguinte dia de retiro; e de tudo dará conta ao Director. Quem aſſim for cuidadoſo merecerá que o Senhor lhe chame ſervo fiel, e prudente, o conſtitua em couſas grandes, e o introduza ao gozo do meſmo Senhor.

§. VIII.

EXERCICIO DA CRUZ.

749 O Exercicio da Cruz, he hũa terna, e amorosa companhia que o exercitante faz a Jesus Christo em todo o progresso da sua dolorosa Payxão, repartido em quinze estações desde o Cenaculo athé o monte Calvario; do qual foi tambem Authora Maria SS. que o fazia todas as semanas com admiravel fervor, e o recomenda em grande maneira a sua veneravel Chronista, o que he bastante para se fazer o maior apreço, e estimação deste devoto exercicio. Os dias, em que se ha de fazer, e tempo que nelle se ha de occupar, fica á determinação do Director, ou da mesma creatura segundo o espirito, e occupações que tiver. Não he necessario que se faça todo de hũa vez, mas póde ser repartido por duas, tres, ou mais. O dia mais proprio para elle he a sexta feira, em que se pódem fazer de manhã oito estações, e sete de tarde, mas se se fizer por tres vezes, se farão as primeiras quatro estações na quinta de tarde, as cinco que se seguem na sexta de manhã, e as ultimas seis de tarde, e assim se proporcionão com as horas, em que forão os seus dolorosos mysterios. Terse-ha prevenida hũa coroa de espinhos, hũa corda, e hũa cruz, podendo ser, e não podendo, se fará sem isso, que não he da essencia.

750 Para se principiar estando descalço, e tendo posto hum cilicio, se prostrará por terra o exercitante adorando a SS. Trindade, reconhecendo-se indigno, e sem cabedaes para fazer tão santo exercicio, e profundandose no conhecimento da sua pobresa, pedirá ao Senhor hũa esmola da sua graça, e auxilio para o fazer com agrado de sua divina Magestade; e para este fim tome por sua protectora neste exercicio a Virgem Senhora das Dores, a quem rogará humildemente, que o queira tomar debaixo da sua protecção, e amparo, ensinando-o como

Meſtra a fazer em tudo o agrado do Altiſſimo, e fazendo hum acto de contrição, tome a benção á meſma Senhora, e dê principio ao exercicio da maneira ſeguinte.

I. ESTAÇÃO.
No Cenaculo.

751 FArá primeiro de nada hũa deciplina em quanto diz quinze vezes com algũa pauſa: *Pequei, Senhor, tende miſericordia de mim*; e não a podendo fazer, rezará hũa eſtação com os braços em cruz, e no fim proſtrado por terra, batendo cinco vezes no peito, diga outras tantas: *Pequei, Senhor, &c.*

752 Logo ſe porá de joelhos conſiderando que aſſim ſe pôs Jeſus Chriſto aos pés dos diſcipulos, e o que mais he, que ſe proſtrou aos do ingrato, e traidor Judas, e lhos lavou, beijou, e chegou ao coração: beijará doze vezes a terra com a conſideração de que ſe proſtra aos pés das creaturas mais vis, e mais perdidas do mundo, julgando-ſe pela mais ingrata de todas, e ainda mais do que o meſmo Judas.

753 Conſidere tambem a ſumma bondade, e amor que Jeſus Chriſto nos teve na inſtituição do SS. Sacramento, e em louvor delle rezará a eſtação em cruz, e tendo em tudo gaſto hum quarto de hora, faça acto de contrição, e a confiſsão, commungue eſpiritualmente, e dê ao meſmo Senhor graças por tudo brevemente.

II. ESTAÇÃO.
Oração do Horto, e Priſão.

754 COnſidere a Jeſus Chriſto orando em agonias de morte, ſuando ſangue athe regar a terra na memoria dos terriveis tormentos que o eſperavão. Proſtre-ſe tres vezes por terra athe a tocar com o roſto, dizendo a cada hũa o *Gloria Patri &c.* em louvor das tres orações que o Senhor fez. Conſidere o fingido oſculo de Judas, e a priſão do innocentiſſimo Senhor, e rezará

zará hum *Padre noſſo* em louvor da brandura com que o Senhor recebeu a Judas, e aos inimigos, e dirá de todo o coração que perdoa a ſeus inimigos, e a quem o injuriar, ou deſpreſar. Depois porá hũa corda ao peſcoço, e cintura em memoria da injuſta prisão do Salvador, a qual ſó tirará na duodecima eſtação; e acabará com acto de amor de Deos, e contrição, tendo gaſto meio quarto de hora. E levantando-ſe para a terceira eſtação tornará logo a proſtrar-ſe com o roſto athe a terra em memoria das quedas, que deu o Redemptor do horto athé caſa de Anaz.

III. ESTAÇÃO.
Em caſa de Anaz.

755 COnſidere a liberdade do Ceo, a meſma innocencia preſa, e accuſada diante de Anaz; a humildade, com que o Senhor ouve os improperios; a manſidão com que reſponde a hũa pergunta, e a temeridade ſacrilega do injuſto Malco, com que deſcarregou hũa cruel bofetada no belliſſimo roſto do Senhor. Dará em ſi hũa bofetada, e pedirá ao meſmo Senhor por quem o tiver injuriado; e proteſtando ſofrer tudo dahi em diante com manſidão, e paciencia, rezará hum P. N. por ſeus inimigos; e gaſtando meio quarto de hora neſte paſſo, acabará com acto de amor de Deos, e do proximo.

IV. ESTAÇÃO.
Em caza de Caifaz.

756 COnſidere como em caza de Caifaz foi vilmente tratado o bom Jeſus, ſendo eſcarnecido, esbofeteado, cuſpido, e tratado como homem facinoroſo, e malfeitor: ali foi negado por S. Pedro, e finalmente metido, e prèſo em hum eſcuro, e horrendo calabouço cheio de fétido, e immundicias. Aqui faça companhia ao ſeu Amado, que fica ſó, e preſo naquelle immundo carcere: diga-lhe muitos affectos, que o conſolem naquel-

naquella triſteza, e deſamparo, e proſtrado a ſeus pés o adore, e reconheça por verdadeiro Deos, e Senhor de Ceos, e terra; e em deſagravo das injurias com que o tratarão, convocará os Anjos do ceo para lhe darem louvores, gloria, e honra, e com elles dirá tres vezes: *Louvado, e exaltado ſejais para ſempre eterno Deos; todas as creaturas vos louvem, e vos adorem por todos os ſeculos dos ſeculos.* E depois de gaſtar aqui meio quarto, pedirá a benção ao Senhor, e acabará.

757 *Mas ſe repartir aqui o exercicio, (e ſempre que nelle fizer pauſa) fará acto de contrição, e a confiſsão, e commungando eſpiritualmente, dará graças a Deos como no fim da Oração mental; e ultimamente rezará hum* P. N. *e hũa* Salve Raynha.

V. ESTAÇÃO.
Em caſa de Pilatos.

758 *Se dividiſſe o exercicio, para entrar de novo a elle, (e aſſim fará ſempre que começar de novo) fará a meſma preparação, que fez ao principio antes da primeira eſtação, e depois continuará com eſta como ſe ſegue.*

759 COnſidere como em caſa de Pilatos foi accuſado de novo o innocentiſſimo Jeſus, arguido com muitos falſos teſtemunhos, e tratado de blasfemo, injuſto, traidor, e amotinador do povo, o que tudo elle ſofreu com ſumma humildade, e ſilencio ſem abrir ſua boca para ſe deſculpar, nem defender. Deſeje imitar a eſte Divino Meſtre da humildade, e proponha de nunca mais ſe deſculpar, e de ſofrer quando o murmurarem, ſeja falſa, ou verdadeiramente; e pelo que athe ali não tem feito, e pelo pouco ſilencio, que tem obſervado em ſuas palavras, rezarà cinco vezes o *Padre Noſſo* dizendo a cada hum: *Pequei, Senhor, tende miſericordia de mim.* E gaſtando em tudo meio quarto, acabarà com acto de contrição, e amor de Deos.

VI. ES-

VI. ESTAÇÃO.
Em caſa de Herodes.

760 COnſidere como na caſa deſte injuſto Rey foi tratado como louco o Senhor de ſabedoria infinita, e lhe veſtirão hũa roupa de zombaria como a homem ſem juizo, ſem que o Senhor fallaſſe hũa ſó palavra: conheça o pouco q̃ niſto tem imitado a Jeſus Chriſto, faltando ao ſilencio, e modeſtia de palavras, ſem manſidão de animo, nem brandura de coração, e por todos eſtes defeitos porà hũa mordaça na boca, e dilatando-ſe meio quarto de hora em oração, e ſilencio, concluirà com acto de contrição, e amor de Deos.

VII. ESTAÇÃO.
Aonde o Senhor foi açoutado em caſa de Pilatos.

761 COnſidere o terribiliſſimo tormento dos açoutes, com que trez vezes, revezados os verdugos, deſpedaçàrão a golpes o delicadiſſimo corpo do Senhor, athé lhe deſcobrirem os oſſos, cahirem pedaços de carne, e correr pela terra ſeu ſangue; em cujo tormento lhe deslocarão tres oſſos, e chegou tres vezes ás agonias da morte. Tomará hũa deciplina por tres intervalos, dando em cada hum cincoenta golpes, para conreſponder ás tres vezes que ſe mudarão os miniſtros a açoutar o Senhor, e não podendo tomar a deciplina rezará tres *P. N.* e tres *Credos*. Neſte doloroſiſſimo paſſo ſe dilatará hum quarto de hora, acompanhando ao Senhor com eſpirituaes affectos da alma, e rezando tres vezes o *Padre Noſſo* em veneração dos tres oſſos que lhe deslocarão, concluirá com acto de contrição, e amor de Deos.

VIII. ESTAÇÃO.

Na ſala aonde foi coroado de eſpinhos em caſa de Pilatos.

762 COnſidere que intenſas ſerião as dores, que affligirão a divina cabeça do Salvador penetrada com ſetenta e duas agudas pontas da coroa de eſpinhos, que lhe profundarão nella com impiedade; veja a ſeu Amado cuberto com hũa velha purpura de eſcarneo, com ſceptro de vilipendio na mão, e elle todo eſcarnecido, esbofeteado, cuſpido, injuriado, e tratado como Rey fingido: na conſideração deſte doloroſo paſſo, em que tanto tem que imitar, porá hũa coroa de eſpinhos na cabeça, que ſó tirará na decima quarta eſtação, e no meio da meditação, que durará meio quarto, dará em ſi algũas bofetadas, e deſaggravará as injurias de ſeu Deos com lhe dar louvores, e gloria, convocando para iſſo os Anjos, e a todas as creaturas do univerſo, e proſtrando-ſe por terra o adore por Deos, e Rey verdadeiro, e acabe dizendo dez vezes: *Louvado, e exaltado ſejais &c.* como na quarta eſtação.

763 *Se o exercicio ſe dividir em duas partes, aqui concluirá a primeira como ſe diſſe na quarta eſtação, e principiará a ſeguinte como ſe diſſe na quinta.*

IX. ESTAÇÃO.

O paſſo do Ecce Homo.

764 COnſidere a Jeſus aſſim deſcarnado, e cheio de ignominia poſto á viſta de hũa multidão de gente ingrata, que o aborrecia de morte, e que com altas vozes clamava, que foſſe crucificado; lembre-ſe que tantas vezes, quantas peccou, levantou contra o innocente Jeſus a meſma deſtemperada voz, e que como aquelle povo injuſto antes eſcolheu a liberdade de hum impoſtor, hum homicida, hum Barabas, do que a do Senhor do Univerſo. Medite meio quarto de hora neſte doloroſo

so passo, e acabe com dez genuflexões, ou prostrações, dizendo a cada hũa: *Louvado, e exaltado sejais &c.* como na quarta estação.

765 *Se repartir o exercicio em tres partes, aqui acabará a segunda como na quarta estação.*

X. ESTAÇÃO.

Desde a sentença até a porta Judiciaria com a Cruz ás costas.

766 COnsidere a iniqua, e injuriosa sentença de morte, que derão contra o Author da vida; o pesado lenho da cruz, que pozerão a seus divinos hombros; o grande gosto comque a recebe, e leva por nosso amor, e para nosso exemplo; as quedas, que com ella vai dando; o encontro com sua dolorosa Mãy na rua da Amargura; e a fraqueza, que o obrigou a admittir o obsequio do Cyreneu para o ajudar: offereça-se tambem para o mesmo; e ouvindo a voz do Senhor, que o chama para que o siga com a sua cruz, tomará aos hombros a que tiver prevenida, e dando com ella tres voltas ao redor da casa, se prostrará hũa vez por terra em reverencia da primeira queda que o Senhor deu com a Cruz. Na memoria do doloroso encontro da Senhora rezará tres *Ave Marias.* Ultimamente considerando tão afeado o rosto do Senhor, que necessitou do obsequio, com que lho limpou a veronica, lhe peça imprima em seu coração aquella sagrada imagem, e gastando em tudo hum quarto de hora, conclua com acto de contrição, e amor de Deos.

XI. ESTAÇÃO.

Desde a porta Judiciaria athe as Filhas de Jerusalem.

767 COnsidere o Senhor cahido segunda vez com a S. Cruz na porta Judiciaria, e prostrando-se por terra fará companhia ao penalizado Jesus, e estando assim por tempo de hũa estação, beijará a terra cinco vezes; e tornando-se a levantar de joelhos, consi-

dere as amoroſas palavras que o Senhor diſſe ás Filhas de Jeruſalem, que choraſſem as ſuas culpas como cauſa daquellas penas, e tomando para ſi eſta tão ſanta doutrina, chore as ſuas culpas com hum acto de contrição, e tendo gaſto meio quarto de hora, concluirá rezando tres vezes o *Padre Noſſo*, *Ave Maria*, e *Gloria Patri*. &c.

XII. ESTAÇÃO.
Athe que crucificarão ao Senhor.

768 COnſidere a terceira queda do Senhor, em que cahio por terra com ſua ſantiſſima boca; e ſe proſtrará tambem com a boca em terra, e aſſim rezará tres vezes o *Padre noſſo*: levante-ſe de joelhos, e conſidere quando deſpirão ao Senhor a tunica renovando-lhe as feridas, a que hia pegada; ſinta as dores, que teria então o Amado, e em memoria dellas, pondo a Cruz de parte, tome hũa deciplina de cincoenta golpes. Depois conſiderando que exceſſivas ſerião as dores, quando atraveſſárão com duros cravos as mãos, e pes do manſiſſimo Cordeiro, andará dez paſſos de joelhos, e o corpo inclinado, conſiderando que aſſim arraſtarão o Senhor deſde onde o crucificarão athe onde levantarão a Cruz. Logo offerecerá ao Eterno Pay o ſacrificio de ſeu Unigenito Filho dizendo.

769 Eterno Padre, e Senhor meu, á voſſa mageſtade, e juſtiça offereço as obras perfeitiſſimas que na terra obrou voſſo Unigenito Filho pela ſalvação do Genero Humano, do meſmo modo, e por aquillo meſmo que elle as offereceu. Offereço-vos com elle a ſua Santiſſima Mãy, ſeu amor, ſuas obras perfeitiſſimas, ſuas dores, ſuas penas, ſeus cuidados, e prudentiſſima vigilancia em o ſervir, e acompanhar athe a morte. Offereço-vos a S. Igreja que fundou, os ſeus Apoſtolos, e toda a congregação dos Fieis, que agora he, e ſerá athe o fim do mundo, e com ella a todos os mortaes filhos de Adam, e o amor, e vontade, com que por todos padeceu, e quanto he da ſua parte deſeja que todos ſe ſalvem, e ſe aproveitem da

Re-

Redempção copiosa, e consigão a Gloria, que para todos mereceu. Aceitai, Deos Altissimo, este sacrificio acceptavel em satisfação de todos os peccados dos homens, e especialmente dos meus, e por elle nos concedei o perdão, e a vossa misericordia, e attendei benigno pelas necessidades da vossa Igreja gerada com o precioso sangue de vosso Filho. Amen.

770 Logo tendo a Cruz encostada ao alto, se porá com os braços estendidos como crucificado nella, e assim estará por tempo de hũa estação, e em tanto dirá sette vezes: *Louvem-vos os Anjos, e todas as creaturas do Ceo, e da terra, Redemptor do mundo, por tudo o que vos dignastes padecer pela salvação da minha alma.* E tendo gasto algũa cousa mais de meio quarto, concluirá.

XIII. ESTAÇÃO.

Desde que crucificarão o Senhor athe que espirou.

771 COnsidere que dores padeceria o Salvador ao levantar a Cruz ao alto com o peso do corpo pendente só de tres cravos por partes tão sensiveis! Considere as sete palavras, que o Senhor disse na Cruz, principalmente aquella, em que pedio o perdão para os que o crucificarão, e peça tambem pelos seus inimigos, perdoando-lhes de todo o coração. Peça ao Senhor como o bom ladrão que se lembre da sua alma, e a Maria Santissima que o admitta no ditoso numero de seus filhos. Tomará na boca algũa cousa amargosa, como mastigando losna, ou hũa folha de oliveira, gostando o çuco em memoria do fel, e vinagre, que derão ao Senhor, e considerando como elle espirou, entregando seu espirito nas mãos do Eterno Pay, encomende sua alma nas mãos do mesmo Senhor, estando sempre, quanto poder, em forma de crucificado na Cruz. Logo virando-se para Maria Santissima lhe dirá: *Acompanho-vos, magoadissima Senhora, no doloroso sentimento da morte de vosso Unigenito Filho, e meu Senhor Jesus Christo*; e pondo a Cruz encostada, a adorará de joelhos dizendo: *Deos te salve,*

Cruz Santissima, instrumento da minha Redempção, e leito de meu Divino Esposo, o que repetirá tres vezes, e fará muitos actos de resignação, e muitos protestos de morrer totalmente para o mundo; e tornando a por-se como d'antes em fórma de crucificado, assim reze a estação, e acabe com hum *Credo*, *Salve Rainha*, e acto de amor de Deos, tendo gasto em tudo hum quarto de hora.

XIV. ESTAÇÃO.

A Chaga do Lado, Descendimento, e Enterro do Senhor.

772 Considere com algum vagar a grande chaga, que com hũa lança abrirão no Lado do Senhor; olhe-a como porta franca de piedade, que abrio o amor para introduzir por ella as almas ao Paraiso; meta-se nella, e ali queira sempre viver, e dali registe os segredos do Divino Amor no sagrado Coração aberto. Fará cinco prostrações athé a terra cada hũa a sua chaga dizendo: *Adoro-te chaga Divina aberta por meu amor, donde sahio o preço da minha Redempção.* Considere como todas as creaturas do universo sentirão a morte do Creador, e sinta com ellas a causa que lhe deu, fazendo acto de contrição. Ajude a Senhora a descer da Cruz, e amortalhar o doce Filho, e acompanhando-o athe o meter no sepulchro, ahi o adore, e com a Senhora se despeça de seu Amado para se recolher com ella á sua soledade. E rezando tres *Credos* á morte do Senhor, acabará com acto de amor de Deos, tendo gasto meio quarto de hora.

XV. E ULTIMA ESTAÇÃO.

Em que se acompanha a Senhora athe o Cenaculo, e na sua Soledade.

773 Considere os gemidos com que a triste Máy se despediria do sepulchro, em que deixava depositado o thesouro de sua alma, as delicias do seu coração; e o terno affecto, com que tornando aonde estava a S. Cruz a saudou, e adorou, e se retirou para o Cenacu-

naculo a ſentir o rigor da ſua penoſa ſoledade: acompanhe a Senhora em tudo com affectos, e ternura de filho, e ſe deſpedirá della com ſete *Ave Marias* em reverencia das ſuas ſette dores, e ſe retire por meio quarto de hora ao interior de ſeu coração, a viver em ſoledade, e neſte meio quarto, com a Senhora, recorde de novo todo o progreſſo da Payxão deſde a primeira eſtação, athe eſta ultima, e examine os defeitos, e pouco fervor, com que fez eſte ſanto exercicio; e fazendo acto de contrição, e a confiſsão, commungue eſpiritualmente, e dê graças como no fim da Oração, como ſe diſſe no fim da quarta eſtação. Depois tomará hũa deciplina por tempo de hũa eſtação por todos os defeitos, com que fez eſte ſanto exercicio.

774. E ſe não tiver commodidade de fazer eſta, ou algũa das outras, reze a eſtação em lugar dellas Tambem as póde ter tomado antes, ou tomá-las depois todas juntas. Todo o exercicio ſe ha de fazer com cilicio, e deſcalço, podendo ſer. E ſe ſe não poder fazer com o vagar que aqui ſe inſinúa, pode fazer-ſe com mais brevidade, e tambem com mais demora quem tiver devoção para iſſo; aſſim como tambem ſe póde repartir por mais vezes, e por mais dias, ou fazer-ſe todo em hum, ou de hũa vez, como ouver commodo, e occaſião. As eſtações da V. Maria de la Antigua pouco differem do exercicio da Cruz, por iſſo ſe não expendem aqui.

§. IX.

EXERCICIO DA MORTE.

775 NAda ha mais juſto, e racionavel do que occupar-ſe o homem nos triſtes enſaios da morte, funebre papel, que todo o vivente vai a repreſentar no miſeravel theatro do mundo, e ſe ſe erra, nada vai menos do que hũa confuſão ſempiterna: para evitar eſta, praticão muitas vezes as almas piedoſas eſte ſaudavel exercicio; o qual tambem ſe póde dividir em

em duas, ou mais partes, ou fazer-se todo de hũa vez; segundo a commodidade da creatura; e nelle se gastará hora e meia, ou duas horas; e tambem se fará descalço, e com cilicio, podendo ser.

776 Fará a preparação como no exercicio da Cruz, tomando por sua protectora a Maria SS. da Boa Morte, e tomando nas mãos hũa caveira, se a tiver, com ella, ou sem ella se detenha por meio quarto de hora na consideração da morte, e de que brevemente se hade reduzir áquelle estado, e se for necessario para esta meditação lerá o ponto da morte, que fica escripto n. 647. e no fim da meditação se prostrará por terra por algum espaço beijando-a, e dizendo: *Terra sou, e em terra me hei de tornar.*

777 Desta meditação passe a considerar que Deos o chama a juizo, para dar contas diante do seu divino Tribunal; lembre-se do mal que as tem ajustado, o muito que tem de que as dar, e o rigor com que lhe hão de ser tiradas, para o que lerá o ponto do juizo particular, ou universal, que tambem ficão escriptos n. 648. e seguintes; e tirando daqui motivos para reformar sua vida, examinará os defeitos de que mais necessita emendar-se, e os peccados de que mais se teme diante de Deos, e fazendo vivos protestos de se emendar de huns, e de outros, e de todos os de sua vida, de todos pedirá a Deos perdão, e acabará com acto de contrição, e amor de Deos, tendo gasto meio quarto de hora, ou pouco mais.

778 Depois se considere posto em hũa cama cheio de intensas dores, afflicções, e ardente febre, já sem alentos, já desenganado dos Medicos, e que o Confessor lhe adverte que se prepare para morrer, e receber os Sacramentos, que dali não ha escapar; pondere com que susto, e afflicção ouvirá este triste desengano; que perturbações, que temores lhe acometterão a alma, e consciencia vendo já a morte vezinha, e a sua vida tão cheia de peccados; nesta meditação se dilate por meio quarto d'hora, e vendo que he já infalivel o morrer pedirá a

Deos

Deos os Sacramentos com a Oração seguinte.

779 Senhor, e Deos immortal, meus delictos me argúem, meus peccados me conturbão, o conhecer-vos offendido me afflige, e desalenta o coração; porêm está minha alma sequiosa pelas aguas de vossa graça, que diz Isaîas, tiremos das fontes do Salvador. Por vossa grande bondade, e misericordia vos suplico, Padre Eterno, pelo que amais a vosso Unigenito Filho, e a sua Santissima Mãy, e a todos os vossos amigos, que eu morra com todos os Sacramentos necessarios, e suba por esta verdadeira escada de Jacob, para que no fim della, e de meu cativeiro ache a Vossa Alteza como a meu altissimo fim. Confesso de coração os sete Sacramentos da vossa Igreja agora, e para sempre, e os venero, adoro, e respeito como remedios, que nella nos deixastes, e sinais do vosso amor; e para a hora da minha morte vos peço, Senhor, me aproveite delles, comprindo o desejo ardentissimo de minha alma de ser dos escolhidos, pois sou dos chamados. Levantai-me se estou cahido, e seja membro vivo deste corpo, cuja cabeça he Christo meu Senhor.

780 Feita esta petição examinará a consciencia brevemente, e recordando em commum os peccados de sua vida, se prostrará por terra aos pés de Jesus Christo, confessando-os com humildade ao mesmo Senhor dizendo a confissão, e esperando da sua misericordia, e bondade, que delles lhe dará a absolvição, a receberá fazendo hum vivo acto de contrição, e attrição, e asi mesmo se dará a penitencia fazendo hũa deciplina por tempo de hũa estação, que tambem rezará em penitencia pelas almas.

781 Logo se disporá para commungar espiritualmente como por Viatico, para o que meditará primeiro por algum tempo na realidade, grandeza, e santidade do Santissimo Sacramento, para o que lerá o ponto da sua meditação, que fica no n. 661., e suppondo que o Sacerdote lhe vem ministrar o Viatico acompanhado de muita gente, primeiro perdoará de coração a todos os seus inimigos, e pedirá perdão a todas as creaturas do Univer-

ſo do muito que tem offendido ao Creador, e a ellas; e fazendo de novo a confiſsão, e acto de contrição, e amor de Deos, commungará eſpiritualmente como por Viatico; e ſe ouver de dividir o exercicio em duas partes, dará graças aqui como no fim da Oração; mas ſe o não dividir, dará ſó graças como na communhão eſpiritual. Depois das graças lerá o ſeu teſtamento na fórma ſeguinte.

782 Em nome da SS. Trindade Padre, Filho, e Eſpirito Santo Amen. Eu N. encomendo minha alma á SS. Trindade, que a creou, e a Jeſus Chriſto, que a remio. Creio, e confeſſo em preſença de Deos Omnipotente, da SS. Virgem Maria minha Senhora, e de toda a Corte do Ceo tudo o que crê, e enſina a S. Madre Igreja de Roma, e neſta fé deſejo viver, e morrer. Proteſto que tudo, quanto tenho, o recebi de Deos por ſua miſericordia, e por iſſo ſó a elle o deixo, e entrego como a ſeu verdadeiro Senhor, e unico, e legitimo herdeiro de todos os meus bens. Graças, auxilios, dons, beneficios; e tudo o que he eſtimavel, eu o entrego nas mãos do Supremo dador dos dons; minha alma com todas as ſuas potencias, meu corpo com todos os ſeus ſentidos, todo o meu ſer, e minha vida tudo entrego nas mãos do Creador, para que de tudo, e de mim diſponha conforme a ſua divina vontade, na qual ſugeito a minha; e de boa vontade acceito a morte quando for ſervido chamar-me; e ainda que deſejo, e eſpero a Gloria pela ſua infinita miſericordia, e pelos merecimentos de meu Senhor Jeſus Chriſto, acceitarei o inferno, que por minhas culpas tenho merecido, ſe a ſua rectidão aſſim o diſpozer para ſatisfação da ſua juſtiça; á qual me confeſſo muito devedor, e ainda que nada tenho de meu, com q̃ a ſatisfaça, eu me valho para iſſo do infinito theſouro do Sacratiſſimo Sangue, e merecimentos de meu Senhor Jeſus Chriſto, e de minha Mãy, e Senhora Maria SS. e dos Santos, e Anjos meus advogados, principalmente o Archanjo S. Miguel, e o Anjo da minha guarda, aos quaes rogo que na hora da minha morte me aſſiſtão, e me defendão de meus inimigos, e quando minh'alma ſahir do corpo,

ma

ma entreguem, como eu a entrego, nas mãos de meu Senhor Jesus Christo, para que com elle, e com todos os bemaventurados do Ceo viva participante da sua Gloria. Amen.

783 *Aqui acabará a primeira parte, se dividir o exercicio, e para começar a segunda fará a preparação como ao principio; mas se a não dividir, continuará sem mais preparação como se segue.*

784 Lido o testamento, em que vai incluida a protestação da fé, posto de joelhos se considere já em agonias, em que o Sacerdote lhe vem ministrar a Extrema-Unção: represente-se já lutando com a morte, que angustias, que sustos, que temores vendo-se já vezinho á eternidade, e á conta, que o espera! Olhe para si, veja-se hum espectaculo da morte, o rosto macilento, os olhos quebrados, a vista perdida, o nariz affilado, a respiração apressada, o peito levantado, o pulso intercadente, as extremidades frias, o frio suor banhando-lhe o rosto, hũa natural lagrima sendo triste correio do seu fim, e elle já sem acordo fazendo visagens, trocendo a boca, revirando os olhos, e os membros todos em convulsões medonhas, e veja o horreroso espectaculo, em que vem a parar os melindres, os asseios, os regalos, as formosuras, as delicadezas do corpo. Considere no seu interior hũa terrivel batalha, em que os inimigos conjurados contra sua alma a combatem com tentações formidaveis já contra a fé, já contra a esperança, já com sentimento de deixar o mundo, os seus prazeres, as suas riquezas, e talvez algũa amizade perigosa, e á vista disto faça hũa total negação de affecto a todo o creado, e faça actos de fé, esperança, e caridade; e representando na sua idêa que o Sacerdote, metendo-lhe hũa vela na mão, lhe está fazendo o Officio da agonia, o fará agora a si mesmo primeiro assim de joelhos dizendo a seguinte

Ladainha, e Encomendação d'alma.

Chisto tende misericordia de mim.

Chriſto tende miſericordia de mim.
Chriſto tende miſericordia de mim.
Santa Maria, Ora pro me.
Todos os Anjos, e Archanjos, Orate pro me.
Santo Abel, Ora.
Todos os Coros dos Juſtos, Orate.
Santo Abraham, Ora.
S. João Baptiſta, Ora.
S. Joſé, Ora.
Todos os Santos Patriarcas, e Profetas, Orate.
S. Pedro, Ora.
S. Paulo, ora.
S. João, Ora.
Todos os Santos Apoſtolos, e Evangeliſtas, Orate.
Todos os Santos Diſcipulos do Senhor, Orate.
Todos os Santos Innocentes, Orate.
S. Eſtevão, Ora.
S. Lourenço, Ora.
Todos os Santos Martyres, Orate.
S. Silveſtre, Ora.
S. Gregorio, Ora.
Santo Agoſtinho, Ora.
Todos os Santos Pontifices, e Confeſſores, Orate.
S. Bento, Ora.
S. Franciſco, Ora.
Todos os Santos Monges, e Heremitas, Orate.
Santa Maria Magdalena, Ora.
S. Luzia, Ora.
Todas as Santas Virgens, e Veuvas, Orate.
Todos os Santos, e Santas de Deos, Intercedei por mim.
Sede propicio, Perdoaime Senhor.
Sede propicio, Livrai-me Senhor.
Sede propicio, Livrai-me Senhor.
Da voſſa Ira, Livrai-me.
Do perigo da morte, Livrai-me.
Das penas do Inferno, Livrai-me.
De todo o mal, Livrai-me.
Do poder do diabo, Livrai-me.

Por

Por voſſa Natividade, Livrai-me.
Por voſſa Cruz, e Payxão, Livrai-me.
Por voſſa Morte, e ſepultura, Livrai-me.
Por voſſa glorioſa Reſurreição, Livrai-me.
Por voſſa admiravel Aſcenção, Livrai-me.
Pela graça do Eſpirito Santo Paraclito, Livrai-me.
No dia do Juizo, Livrai-me.
De todos os peccados, Livrai-me.
Tende miſericordia de min, Eu vos rogo ouvi-me.
Tende miſericordia de mim, Eu vos rogo ouvi-me.
Tende miſericordia de mim, Eu vos rogo ouvi-me.

Contimía a encomendação d'alma.

Oração.

785 PArte deſte mundo, alma Chriſtãa, em nome de Deos Padre, que te creou; em nome de Deos Filho, que por ti naſceu, e padeceu; em nome do Eſpirito Santo, que em ti ſe infundio; em nome dos Anjos, Archanjos, Thronos, e Dominações; em nome dos Principados, e Poteſtades; em nome dos Cherubins, e Serafins; em nome dos Patriarchas, e Profetas; em nome dos SS. Apoſtolos, e Evangeliſtas; em nome dos SS. Martyres, e Confeſſores; em nome dos SS. Monges, e Eremitas; em nome das SS. Virgens, e de todos os Santos, e Santas de Deos; hoje ſeja o teu lugar em paz, e a tua habitação na Santa Cidade de Sião, pelo meſmo Chriſto noſſo Senhor. Amen.

Oração.

786 DEos miſericordioſo, Deos Clemente, Deos, que ſegundo a multidão de voſſas miſericordias, e miſerações apagais os peccados dos penitentes, e desfazeis as culpas, crimes, e delictos paſſados com o perdão de remiſsão, vede favoravelmente a eſte voſſo ſervo, pois vos roga, que ouçaes a quem vos chama, e pede perdão de todas ſuas culpas, e peccados com toda

a confiſsão de coração. Renovai nelle piedoſiſſimo Pay tudo o que eſtá riſcado, e manchado com o engano do diabo, corrompido com a fragilidade terrena; enlaçai, e ajuntai eſte membro da Redempção á unidade do Corpo da Igreja; tende miſericordia, Senhor, de ſeus gemidos; tende compaixão de ſuas lagrimas, e admitti ao Sacramento da voſſa reconciliação a quem não tem confiança ſe não em voſſa miſericordia. Por Chriſto noſſo Senhor. Amen.

787 Encomendo-te, Irmão cariſſimo, a Deos Omnipotente, e te entrego áquelle, que te creou; porque quando pagares a divida da humanidade, vendo a morte, te voltes a teu Creador, o qual te havia formado do pó da terra. A' tua alma quando ſe apartar do corpo occorra a Congregação reſplandecente dos Santos Anjos; venha o Senado judicial dos Apoſtolos; e o exercito triunfante dos Martyres ſe chegue ati; o eſquadrão cheio de lirios, e açucenas dos rutilantes Confeſſores te rodêe; receba-te o Coro alegre das Virgens, e te aperte o abraço de hũa quietação bemaventurada no ſeio dos Patriarchas; e o aprazivel e feſtivo ſemblante de Jeſus Chriſto te appareça, o qual te determine que lhe eſtejas ſempre preſente entre os que lhe aſſiſtem; e ignores tudo o que dá horror nas trevas, o que faz ranger os dentes nas chamas, e o que afflige nos tormentos. Renda-ſe ati o feiſſimo Satanás com ſeus ſequazes, e trema em tua ſahida acompanhando-te os Anjos. Fuja aquelle Cáos confuſo da eterna noite; levante-ſe Deos, e ſejão diſſipados, e deſtruidos ſeus inimigos; fujão de ſua face os que o aborrecêrão, e faltem como o fumo; e como a cera ſe derrete diante do fogo aſſim pereção os peccadores diante da face de Deos, e os juſtos ſejão regalados diante de Deos, e cheios de alegria, confundão-ſe, e envergonhem-ſe todas as legiões do Inferno, e os miniſtros de ſatanás não ſe attrevão a impedir teu caminho. Livre-te do tormento Chriſto, que por ti foi crucificado. Livre-te Chriſto, que quiz morrer por ti. Colloque-te Chriſto Filho de Deos vivo dentro das verdes floreſtas ſempre amenas

nas em ſeu Paraiſo ; e aquelle Paſtor verdadeiro te conheça entre as ſuas ovelhas ; elle te abſolva de todos os teus peccados, e te conſtitúa, e ponha á ſua mão direita, na ſorte dos ſeus eſcolhidos. Vejas face a face teu Redemptor, e aſſiſtindo ſempre preſente vejas a verdade manifeſtiſſima com olhos bemaventurados ; poſto pois entre os eſquadrões dos Bemaventurados gozes da doçura da contemplação divina por ſeculos dos ſeculos. Amen.

Oração.

788 REcebei, Senhor, o voſſo ſervo para o lugar de eſperar para ſi a ſalvação por voſſa miſericordia. Amen.

Livrai, Senhor, a alma de voſſo ſervo de todos os perigos do Inferno, e dos laços das penas, e de todas as tribulações. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a Enoch, e Elias da commum morte do mundo. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a Noé do dilúvio. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a Abraham do fogo dos Caldeos. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a Job de ſuas paixões. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a Iſaac do ſacrificio, e das maõs de ſeu Pay Abraham. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a Loth de Sodoma, e de ſuas chamas. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a Moyſes da mão de Faraó Rey do Egypto. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a Daniel do lago dos leões. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes aos tres meninos da fornalha de fogo ardente, e das maõs do iniquo Rey. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a Suſana do falſo teſtemunho. Amen.

Li-

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a David das maõs de Saul, e de Goliath. Amen.

Livrai-a, Senhor, como livraſtes a S. Pedro, e S. Paulo dos carceres. Amen.

E como livraſtes a bemaventurada S. Tecla voſſa Virgem, e Martyr de tres tormentos atrociſſimos aſſim vos digneis livrar a alma de voſſo ſervo, e façaes que goze com voſco dos bens celeſtiaes. Amen.

Oração.

789 ENncomendamos-vos, Senhor, a alma de voſſo ſervo, e vos rogamos, Senhor Jeſus Chriſto, Salvador do mnndo, que vos não detenhaes em a collocar nos ſeios dos voſſos Patriarchas, pela qual miſericordioſamente baixaſtes á terra. Reconhecei, Senhor, a voſſa creatura creada não por deoſes alheios, ſenão ſó por vós, Deos vivo, e verdadeiro, que não ha outro Deos fóra de vós, e não he ſegundo voſſas obras condemná-la. Alegrai, Senhor, ſu'alma á voſſa viſta, e não vos lembreis de ſuas maldades antigas; porque ainda q̃ peccou, não negou ao Padre, nem ao Filho, nem ao Eſpirito Santo, mas antes os ha crido, e teve em ſi o zelo de Deos, e adorou com fidelidade ao Deos, que a fez, e a todas as couſas.

Oração.

790 ROgamoſ-vos, Senhor, que vos não lembreis dos delictos da ſua mocidade, e de ſuas ignorancias; mas ſegundo a voſſa grande miſericordia vos lembrai della na gloria de voſſa claridade; os Ceos ſe lhe aibrão, e ſe alegrem com ella os Anjos. Recebei Senhor, em voſſo Reyno a voſſo ſervo; recebido ſeja por S. Miguel Archanjo de Deos, que mereceu o Principado da milicia celeſte. Saião-lhe ao encontro os SS. Anjos de Deos, e o levem á Cidade celeſtial Jeruſalem. Receba-o S. Pedro Apoſtolo, a quem Deos entregou as chaves

ves do Reyno celeſtial. Ajude-o S. Paulo, que foi digno de ſer vaſo de eleição. Interceda por elle S. João Apoſtolo eſcolhido de Deos, a quem forão revelados os ſegredos celeſtes. Roguem por elle todos os Santos Apoſtolos, a quem o Senhor deu poder de ligar, e abſolver. Intercedão por elle todos os Santos, e eſcolhidos de Deos, os quaes padecerão tormentos neſte ſeculo pelo nome de Jeſus Chriſto, para que, livre das ligaduras da carne, mereça chegar á gloria do Reino celeſtial concedendo-lho noſſo Senhor Jeſus Chriſto, que com o Padre, e o Eſpirito Santo vive, e reina por todos os ſeculos dos ſeculos. Amen.

791 *Acabada eſta encomendação d'alma, (a qual ſe póde fazer a qualquer moribundo, que por iſſo ſe pôs por extenſo) ſe porá em fórma de agonizante com hum crucifixo na mão, ou defronte, e aſſim ſe demore por algum eſpaço, conſiderando-ſe no artigo da morte, e depois lerá na meſma poſtura com grande fervor a ſeguinte*

MEDITAÇÃO
Da agonia da morte.

792 QUe anguſtias, que agonias ſerão as minhas ao dividir-ſe a alma do corpo! Quanto cuſtará romper-ſe aquelle vinculo apertado, com que Deos unio eſtas duas partes do humano compoſto! Que violencia ſentirá a alma quando he arrancada como á força daquella morada, que lhe he natural, que he propria habitação ſua, e que para adeixar he neceſſario cortar-ſe com violento golpe o fio da vida, que tanto amava! Eſtas terriveis ancias, eſta agonia inſoportavel, que paſſa no interior, ainda ſe deixa ver como em ſombras naquelles horriveis trageitos da boca, naquelle eſpantado da viſta, naquelle torcer de corpo, naquelle apreſſado, afflicto, e difficultoſo da reſpiração, naquelle eſtortor da garganta, naquelle levantado do peito, naquelle ſuor frio, que corre pelo roſto, e naquella lagrima, que a ſeu peſar chora a natureza, porque já ſe acaba ó ſeu prazo,

prazo, e se vê obrigada a sofrer hũa sensivel ferida em si mesma; mas isto, que se mostra cá fora, não he mais que hũa debil sombra, hũa mui ligeira apparencia do horroroso tormento, com que se está consumindo o interior, e do furioso tropel de dores, que insensivelmente ataca o coração.

793 Mas que tem que ver nada disto para a indizivel tribulação, com que estará atormentada minha alma na triste consideração desta arriscada passagem para a casa da minha eternidade! Que infinidade de reflexões farei naquella hora todas tristes, todas melancolicas, todas capazes de me dobrar o tormento! A perturbação, o susto, o horror tomará posse da maior parte d'alma, e ella toda entregue a hum abysmo de remorsos interiores apenas terá alentos para conhecer a grandeza do perigo, e o tempestivo do mesmo conhecimento para o seu remedio. Quaes serão então os meus sentimentos, quando já sem sentidos para tudo só o meu interior estará livre para considerar que tudo para mim está acabado; grandezas, estimações, riquezas, regalos, divertimentos tudo em menos de meio quarto de hora se acaba, e se desvanece como fumo, e só me resta hũa sepultura para o corpo, e hũa eternidade para a alma! Esta se olha para o que merece, já se vê cahir no Inferno; se quer virar-se para a misericordia de Deos, vè posta diante a divina justiça a pedir satisfação de hum sem numero de culpas, que teme não estarão perdoadas pela pouca, ou nenhũa penitencia, que fez quando podia, se quer appellar para o sangue de Jesus Christo, teme-o fiscal pelo muito que o calcou com os pés, e mesmo pela impiedade, com que lho fez correr tantas vezes.

794 Ah! eu então direi possuido todo de assombro, e sobresalto: Eu estou passando já desta vida; se não estou em graça, estou perdido eternamente, e eu tenho muitas razões para temer que não estarei digno de perdão; logo não me salvo; logo condemno-me! E neste terrivel temor, que se espalha por toda a alma com hũa turbação, que enfraquece, e offusca o entendimento, poderá

derá ella dar hum gemido de dor, que seja bastante para applacar o clamor da divina justiça? Ah Senhor! se estas reflexões ainda vistas de longe tanto horrorizão, que será vê-las ao perto? que será senti-las na realidade! Mas que terriveis me serão então estas mesmas, que faço agora, se tendo tempo não me aproveito dellas, e me não disponho para não ter naquella hora idéas tão funestas! Vós, Senhor, de quem agora me vem esta graça, confirmai o que já obrastes em mim, e permitti que me não seja infructuosa esta lembrança: morra eu já agora a tudo o que não he viver em vós, para vós, para que depois me não seja a morte custosa: morra agora minha alma com a morte dos justos, que he preciosa, para que depois não morra com a dos peccadores, que he pessima. Em vossas mãos encomendo minha alma, e meu espirito pois me remistes, Senhor Deos da verdade. Dulcissimo Jesus sede comigo. Jesus, Jesus, Jesus, sede para mim Jesus; Maria Mãy de Jesus, José Esposo de Maria amparai-me, e soccorrei-me agora, e na hora da minha morte. Jesus, Maria, José, sede comigo, e defendei-me na ultima agonia. Anjo Santo da minha guarda, defendei então minha alma dos demonios, e a entregai a vosso Creador, e meu Jesus, Jesus, Jesus.

795 Lida esta meditação, faça por algum espaço reflexão nas verdades, que ella contém, e depois cerrando os olhos, se ponha em fórma de morto, e suppondo-se já defunto, primeiro examine o que passa a breves espaços por seu corpo; veja como apenas espira já tudo fica em hum melancolico silencio, excepto hũa, ou duas pessoas que deitão algũas lagrimas talvez mais por satisfazer ao mundo do que por força do sentimento, que ainda sendo verdadeiro só dura em quanto se tocão os sinos; olhe como seu corpo he amortalhado, e já causa horror, e asco a tudo; aquelle corpo tão delicado, tão melindroso, tão cheio de regalos, que qualquer desasseio o offendia; aquelle, que tinha nojo athé dos melhores guisados, ahi está causando nojo a tudo, menos aos bichos, que no sepulchro, aonde logo he levado, e enterrado,

para que não apeſte com o máo cheiro, entrão logo a cevar-ſe na ſua carne podre, e a breves dias lhe deixão os oſſos eſcarnados, e aquelle roſto tão prezado da formoſura, aquelle que era atractivo dos agrados, ahi eſtá reduzido a hũa feia caveira, que poem medo aos meſmos, que antes goſtavão de a ver quando cuberta com aquelle veo corruptivel, que tão brevemente ſe rompeu.

796 Depois paſſe a conſiderar o que paſſa ſua alma diante do juſto Juiz. Ouça-a ahi accuſada pelos demonios, e defendida pejo ſeu Anjo da guarda, eſte alegando as boas obras, que fez, aquelles as culpas, que commetteu; e ſuppondo que he mandada reſponder aos cargos dos ſeus accuſadores, conhecendo que nada tem que reſponder, convertida ao Supremo Juiz dirá a ſeguinte

Oração.

797 SEnhor, juſto Juiz, recto Juiz, bem conheço que por meus peccados mereço o inferno, e aquella tremenda ſentença: *Vai-te maldito de meu Pay ao fogo eterno*; porque vos tenho offendido atrevidamente: porèm ainda que ſou pó, e cinza, e o peior dos filhos de Adam, a voſſos pés me ponho admittindo, Senhor, o inferno para que voſſa mageſtade fique vingada, e paga deſte deſagradecido; porèm não he ſegundo a voſſa piedade arrojar aos pobres, que vos chamão. Supplico-vos, piedoſiſſimo Pay meu, que me olheis com os olhos de miſericordia, e que não arrojeis ao Inferno a eſte filho prodigo, pois não vos louvarão os mortos, nem todos os que deſcem ao Inferno. Não vá eu aonde não vos reverencêe, veja, e louve: Olhai, piedoſiſſimo, e Clementiſſimo Senhor, eſta deſvalida ovelha, que como bom Paſtor trouxeſtes tanto tempo em voſſos hombros; nao, não me arrojeis da voſſa face.

798 Padre Eterno, olhai os mericimentos de voſſo Filho meu Redemptor; ponde os olhos em ſeu Naſcimento, peregrinação, ſuor de ſangue, ignominias, açoutes, afflicções, e morte de Cruz, que poſto, e encravado nella ſacrifi-

crificio he, que póde applacar a voſſa juſtiça, e obrigar a voſſa miſericordia. Ouvi-lhe dizer: *Pay perdoai a eſtes, que não ſabem o que fazem*: eu ſou hum delles, que não ſoube o que fiz em offender-vos. Olhai pois os merecimentos de meu Senhor, e Irmão, que o he, pois diſſe Sua Mageſtade: Vou a meu Pay, e a voſſo Pay, a meu Deos, e a voſſo Deos. Neſtas palavras nos fez herdeiros deſte theſouro, e patrimonio; todos ſeus merecimentos são meus: deſcontai por elles meus peccados, que eu ſei me ſobrará com que pagar. Lavai eterno Deos minha alma com o ſangue do Cordeiro, e com iſſo ficará limpa. Tambem offereço o theſouro da Santa Igreja, os merecimentos de minha Mãy, e Senhora a Virgem Maria, e de todos os Santos. Venhão a eſta factura de voſſas mãos, Senhor, voſſas miſericordias liberaliſſimas, e ſe depois deſte exercicio ſois ſervido de dar-me algum dia mais de vida, ſeja para melhorá-la, e para que morto a todo o terreno não tenha outro querer, viver, nem obrar ſenão em vós por vós, e ſegundo voſſo agrado, e vontade. Amen.

799 Suppondo agora que pelos merecimentos de Jeſus Chriſto, e interceſsão de Maria Santiſſima ſua alma he mandada levar pelos Santos Anjos a gozar da felicidade da Gloria, pondo os olhos na formoſura do Paraiſo, Patria noſſa amada, ſe abraze em ancioſos deſejos, e amoroſas ſaudades de ſe ver já neſſa Jeruſalem triunfante, e poſto de joelhos diga a ſeguinte

Oração.

800 O' Cidade Santa de Sião, quando entrarei por tuas portas! Ó deſcanſo de paz, quando te poſſuirei! Ó luz ſem noite, quando me alumiarás! Ó Tabernaculo Santo, aonde não ha morte, nem choro, nem clamor, nem anguſtia, nem dor, nem culpa; aonde he ſaciado o faminto, refrigerado o ſequioſo, e ſe cumpre todo o deſejo! Ó Cidade Santa Jeruſalem, que es como hum vidro puriſſimo, teus fundamentos ornados

de pedras precioſas, não neceſſitas de luz, porque a claridade de Deos te illumina, e a tua lucerna he o Cordeiro! Caſa Santa do Deos de Sião, não entrará em ti couſa manchada, porque has de permanecer em pureza, e ſantidade para ſempre; quando entrarei apoſſuir-te? O todo poderoſo me lave, e purifique, para que eu goze das floreſtas ſempre amenas, e deleitaveis. Quando verei a cauſa principal da tua Gloria! Quando verei a meu Pay, meu amigo, meu Paſtor, meu Eſpoſo, meu Amado, minha alegria, e unico objecto do meu amor! Dulciſſimo amor meu, levai-me atrás dos cheiros dos voſſos unguentos, enſinai-me aonde tendes aſſiſtencia ao meio dia, e dia ſem noite. Pay meu, dai-me a eſtóla da immortalidade, apertem-me voſſos braços, e goze de voſſa viſta ſempiterna. Quando vos verei, bondade infinita! Quando vos poſſuirei, gloria minha! Quando vos manifeſtareis formoſura minha, Eſpoſo meu, cauſa de todos os gozos! Quando me dareis o oſculo de voſſa boca, para que fique unido com o abraço eterno de voſſa Divindade? Amor meu dulciſſimo, chegue meu affecto a ſeu ultimo fim; falle meu coração, e calle minha lingua, que não ſabe dizer o que quer, e ninguem me deſperte athé que eu queira; deixai-me filhas de Jeruſalem com o Eſpoſo.

801 Ultimamente; ſuppondo que ſua alma entra pelas portas da Celeſtial Jeruſalem, chegará a proſtrar-ſe diante do Throno de Deos, e ahi o adore, e a Maria Santiſſima, e a todos os Anjos, e Santos, e lhe dará louvores, gloria, e honra, e continuará a dar ahi graças a Deos como no fim da Oração commungando eſpiritualmente, e concluirá tomando hũa deciplina por tempo de hũa eſtação por todos os ſeus peccados, que lhe tem deſmerecido a gloria, e por todos os defeitos, que tiveſſe neſte ſanto exercicio.

§. X.

§. X.

EXERCICIO DA VIA SACRA.

802 HE eſte ſagrado Exercicio hum dos mais ricos, e mais proveitoſos theſouros da Igreja para os Fies, e a melhor devoção que elles podem praticar; pois álem das muitas, e innumeraveis graças, e indulgencias, que tem concedido os Summos Pontifices a quem o exercitar, elle he ao meſmo tempo Oração vocal, e mental; he hũa eſcola aonde eſta ſe aprende a fazer, e he hũa recordação terna do ſingular beneficio da Redempção capaz de deſpertar nos Chriſtãos a devoção, e o agradecimento a Deos por hum tão ſingular beneficio, e em que elles melhor ſe manifeſtão ſer diſcipulos de Jeſus Chriſto; pois ſe elle diſſe que quem o quizer ſer ha de tomar a ſua Cruz, e ſeguî-lo, em quem melhor ſe vê praticada eſta maxima da perfeição, ſe não em quem o acompanha fielmente em todos os paſſos, que elle deu com a ſua Cruz deſde Jeruſalém para o Calvario?

803 Conſta eſte ſanto exercicio de catorze Eſtações deſde o Pretorio de Pilatos athé o Santo Sepulchro; quem tiver quinze para o exercicio da Cruz, na decimaquinta póde fazer memoria da Soledade da Senhora; ou do lugar onde o Senhor appareceu reſuſcitado á Magdalena, que tambem lhe são concedidas indulgencias. Para ganhar as que são concedidas a quem viſitar as ditas eſtações não he neceſſario andar o numero de paſſos, que de hũas para outras andou o Senhor, ainda que ſeria o mais perfeito, mas ſempre ſe devem andar alguns, para ſe vereficar que anda o caminho, ou *Via Sacra*. Os paſſos, que de hũa a outra eſtação andou o Senhor, e de que ellas conſtão, são os ſeguintes: Da primeira athé a ſegunda 21, deſta á terceira 80, deſta á quarta 70, deſta á quinta 71, deſta á ſexta 191, deſta á ſetima 366, deſta á oitava 348, deſta á nona 171, deſta á decima 18, deſta á undecima 12, deſta á duodecima

cima 14, deſta á decimaterceira 13, deſta á ultima 30.

804 Só os Prelados da Religião Serafica, ou com ſua licença algum ſubdito ſeu, que ſeja Prégador, ou Confeſſor approvado, podem erigir Vias Sacras; e ſe for em lugar publico tambem ſe requer licença do Ordinario, e Parocho do lugar. Podem-ſe erigir em qualquer lugar decente, e tambem em caſas particulares, mas he bem que comecem, ou acabem em algum lugar piedoſo como Capela, Oratorio, ou lugar aonde ſe venera algũa ſagrada imagem. A obra injunta, e eſſencialmente neceſſaria para ſe lucrarem as indulgencias he ſó o meditar em cada Cruz, ainda que brevemente, no paſſo da Payxão, que nella ſe repreſenta, e por coſtume rezar hum P. N. e hũa A. M., e fazer hum breve acto de contrição. Aſſim ainda que ſerá mais perfeição ajoelhar, preſignar, beijar a terra a cada Cruz, nada diſto he da eſſencia, aſſim como tambem o não he gaſtar muito tempo a meditar: por iſſo a póde viſitar de pé, e com brevidade quem não tiver tempo, nem commodidade para mais demora. E quem a não poder viſitar realmente, e lho pedir a devoção, viſite-a eſpiritualmente recordando em ſua memoria as eſtações por ſua ordem com affecto de piedade, que ainda que não lucra as indulgencias terá o meſmo merecimento, ou maior pelo bom coração, que Deos lhe conhece.

805 Do dito ſe vê que não he neceſſario ler, nem dizer as meditações, que para iſſo trazem os livros devotos; mas quem não ſouber meditar ſem iſſo, ou com ellas ſe lhe affervorar mais o eſpirito, póde uzar das que julgar mais devotas. Quanto a mim nenhũas acho, nem ſei que as poſſa haver, que o ſejão mais, nem com maior propriedade, eſpirito, e unção do que as do ſempre memoravel, e piedoſo P. Fr. Manoel de Deos. Para quem as não tiver, ou outras de ſeu goſto, ou não tiver tempo para mais largas meditações ponho aqui o ſeguinte breve methodo de viſitar a Via Sacra. Quem quizer fazer com mais perfeição eſte devoto exercicio, tendo oportunidade de retiro, e ſolidão, póde fazê-lo deſcalço; e na primeira eſtação porá hũa coroa de eſpinhos, que ſó tirará na

decima

decima terceira; hũa corda ao peſcoço, e cintura, que ſó tirará na decima. Na ſegunda tomará hũa Cruz ao hombro, com que ſe proſtrará na terceira, ſetima, e nona, e neſta tocará a terra com a boca. Na decima a porá de parte, e tomará na boca algum amargo. Na undecima, e duodecima tendo a Cruz encoſtada ao alto fará a meditação com os braços em cruz, e deixando-a na duodecima continuará as mais, e na decimaquarta fará a meditação proſtrado como defunto, conſiderando-ſe ſepultado com Jeſus Chriſto.

ACTO DE CONTRIÇÃO.

806 PEſa-me Senhor de vos haver offendido por ſeres vós quem ſois, porque vos amo ſobre todas as couſas, proponho com a voſſa graça nunca mais vos tornar a offender.

OFFERECIMENTO.

807 SOberano Senhor, eu offereço a Voſſa Divina Mageſtade tudo, quanto neſte exercicio fizer, em louvor da voſſa Sagrada Morte, e Payxão; e applico por mim as indulgencias, que me forem neceſſarias, as mais pelas Almas do Purgatorio por aquella ordem, que he nos voſſos olhos de maior agrado, e vos rogo pelos Pontifices, que as concedêrão, e por tudo o que elles quizerão, e eu devo rogarvos.

†

PRIMEIRA ESTAÇÃO.

808 EM *que ſe medita como depois de açoutarem ao Senhor tão cruelmente, que raſgando-lhe as carnes, e cahindo pedaços dellas por terra, fazendo-lha regar com o ſeu ſangue, chegou tres vezes ao tranſito da morte; lhe derão a injuſta ſentença.*

ORA-

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo, por aquelle grande amor, e piedade, com que sofrestes ser açoutado cruelmente, e sentenciado á morte para meu remedio, vos rogo me deis graça para que saiba castigar meus delictos, e sofrer os trabalhos, e injurias por vosso amor, com que mereça me deis a sentença da eterna vida. Amen. *Padre Nosso, Ave Maria. Pesa-me &c.* como acima, *o P. N. e A. M. podem rezar-se indo de hũa estação para outra.*

†

SEGUNDA ESTAÇÃO.

809 EM *que se medita como, lida publicamente a sentença de morte contra o innocente Senhor, lhe poserão aos hombros o pezado lenho da Cruz.*

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo, por aquella ternura, com que recebendo em vossos hombros o pezo da Santa Cruz tomastes sobre vós a carga de minhas culpas, vos rogo me alivieis do pezo dellas, para que eu vos possa seguir com a minha Cruz, e andar livremente sobre os vossos passos o seu sagrado caminho. Amen. *P. N. A. M. Pesa-me &c.*

†

TERCEIRA ESTAÇÃO.

810 EM *que se medita como o Senhor cahio a primeira vez em terra com a Santa Cruz.*

ORA-

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo; por aquella fraqueza, que vos obrigou a cahir por terra com a Santa Cruz, vos rogo que me deis graça para me levantar das quedas de minhas culpas. Amen. *P. N. A M. Pesa-me &c.*

†

QUARTA ESTAÇÃO.

811 EM *que se medita como Maria Santissima sahio ao encontro a seu amado Filho na rua da Amargura.*

ORAÇÃO.

O' Magoada Senhora, por aquella amargura, que sentistes quando encontrastes o vosso doce Jesus todo fatigado, e afflicto, encurvado debaixo do duro lenho, vos rogo me ensineis a buscá-lo pelo caminho da Cruz, e que tenha a consolação de o encontrar por graça. Amen. *P. N. A. M. Pesa-me &c.*

†

QUINTA ESTAÇÃO.

812 EM *què se medita como o Cyrineo ajudou a levar a Cruz ao Senhor, que por mui fatigado, e enfraquecido parecia espirar com o peso.*

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo, por aquella grande fadiga, e fraqueza, a que vos reduzio o grande peso da Cruz, e vos fez precisar de quem vos ajudasse a leva-la, vos rogo me deis fortaleza no espirito para levar por vosso amor a Cruz dos trabalhos, que me deres. Amen. *P. N. A. M. Pesa-me &c.*

†

SEXTA ESTAÇÃO.

813 *EM que se medita como a Santa Veronica compadecida de ver afeado o rosto do Senhor com salivas, escarros, sangue, e feias imundicias lho limpou com hũa toalha, em que elle lho deixou retratado.*

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo, por aquella summa bondade, com que pagastes á piedosa Veronica o obsequio da sua compayxão imprimindo-lhe o formoso retrato de vosso divino rosto na toalha, com que volo limpou compassiva, vos rogo que estampeis em minha alma a vossa imagem, para que vivendo em vós transformada se risque nella o feio retrato da culpa, e toda se occupe nos obsequios de vos servir, e amar. Amen. *P. N. A. M. Pesa-me &c.*

†

SETIMA ESTAÇÃO.

814 *EM que se medita como o Senhor cahio segunda vez em terra com a Santa Cruz na porta Judiciaria.*

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo, pela repetição das vossas sensiveis quedas vos rogo que me livreis das reincidencias na culpa. Amen. *P. N. A. M. Pesa-me &c.*

†

OITAVA ESTAÇÃO.

815 *EM que se medita na saudavel doutrina, que o Senhor deu ás Filhas de Jerusalem, que choravão compadecidas.*

ORA-

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo, e Mestre Soberano, por aquella ardente caridade com que ensinastes ás Filhas de Jerusalem, que primeiro devião chorar suas culpas para chorarem bem vossas penas, vos rogo me façais aprender esta lição, e que eu saiba chorar bem vossas penas chorando primeiro as minhas culpas, como causa dellas. Amen. *P. N. A. M. Pesa-me &c.*

†

NONA ESTAÇÃO.

816 EM *que se medita como o Senhor cahio terceira vez em terra prostrado totalmente pela muita fraqueza athé chegar a tocá-la com a sua santissima boca.*

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo, por aquella grande fadiga, e desalento, que vos obrigou a cahir por terra com vossa santissima boca, vos rogo me deis hũa profunda humildade, que me faça cahir na terra do proprio conhecimento, e me prostre rendido a vossos pés á força de hum grande pêso de amor, e de hũa contrição penetrante, que me obrigue a dar nelles ternos, humildes, e reverentes osculos. Amen. *P. N. A. M. Pesa-me &c.*

†

DECIMA ESTAÇÃO.

817 EM *que se medita como derão ao Senhor o vinho misturado com fel, lhe despirão com violencia a tunica, deixando em carne viva as feridas, a que estava pegada, e lhe tornárão a pôr a Coroa de espinhos, que com ella sahio, rasgando mais as feridas, e fazendo outras de novo.*

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo, por aquella amargura, e dores, que sentistes, quando vos derão a beber fel, e vinagre, vos arrancarão a tunica, e a carne com ella

juntamente, e vos tornárão a profundar a Coroa de espinhos cauſando-vos com novas feridas novas penas, vos rogo me façais digno de beber com goſto athé as fézes o amargoſo Caliz de voſſa Payxão Sagrada, e que eu me diſpa de todas as inclinações da carne, para que com voſco ſeja coroado de Gloria. Amen. *P. N. A. M. Peſa-me &c.*

†

UNDECIMA ESTAÇÃO.

818 EM *que ſe medita como o Senhor foi pregado de mãos, e pés na Santa Cruz com cravos groſſos á força de marteladas.*

ORÇÃO.

O' Senhor meu Jeſus Chriſto, pelo exceſſivo tormento, que ſentiſtes quando vos pregárão na Cruz, vos rogo me deis graça, para que eu viva crucificado para o mundo, e o mundo para mim, para que prêſa a minha liberdade, ſó a tenha, e queira para vos ſervir, e amar. Amen. *P. N. A. M. Peſa-me &c.*

†

DUODECIMA ESTAÇÃO.

819 EM *que ſe medita como o Snhor, depois de eſtar tres horas elevado na Santa Cruz pendente ſó por tres cravos, conſumada a obra da Redempção, clamando em alta voz, eſpirou.*

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jeſus Chriſto, por aquella ſuma agonia, e clamor válido, com que acceitando a morte para me dar vida, entregaſtes voſſa alma nas mãos do Eterno Pay, vos rogo, que na hora da minha morte recebais minha alma em voſſas mãos, e ma leveis a viver com voſco na vida eterna. Amen. *P. N. A. M. Peſa-me &c.*

DECI-

†

DECIMA TERCEIRA ESTAÇÃO.

820 EM *que se medita como o Santissimo Corpo do Senhor, depois de descido da Cruz, foi posto nos braços de sua sentidissima Mãy.*

ORAÇÃO.

O' Penalizada Senhora, pela grande dor, que sentistes em vosso magoado coração, quando descido da Cruz o Sagrado cadaver de vosso querido Filho, o tivestes assim ferido, e descarnado em vossos braços, vos rogo que me tomeis tambem nelles como miseravel filho vosso ferido, e morto pela culpa, para me restituires á saude, e vida da graça. Amen. *P. N. A. M. Pesa-me &c.*

†

DECIMA QUARTA ESTAÇÃO.

821 EM *que se medita como o Santissimo Corpo do Senhor foi depositado no Sepulchro por Maria Santissima, e outros piedosos fieis.*

ORAÇÃO.

O' Senhor meu Jesus Christo, por aquella ternura, e piedade, com que vossa Santissima Mãy vos depositou em o coração da terra, vos rogo entreis tambem, e habiteis na terra de meu coração, e delle façais nascer hũa copiosa fonte de lagrimas, para que eu chore como devo a vossa sagrada morte, e Payxão, e a causa, que lhe dei com minhas culpas. Amen. *P.N. A.M. Pesa-me &c.*

†

DECIMA QUINTA ESTAÇÃO.

822 EM *que se medita na Soledade da Senhora.*

ORAÇÃO.

O' Magoadissima Senhora, eu vos acompanho nas penas da vossa dolorosa Soledade, e por ella vos rogo me acompanheis sempre com o vosso amparo neste triste, e penoso deserto do mundo, para ir ser companheiro vosso,

ſo, e de voſſo Unigenito Filho nas alegrias, e gozos da Patria Celeſtial. Amen. *Ave Maria.*

§. XI.
DIRECÇÃO UNIVERSAL.

823 HE digno de compaixão ver muitas almas com excellentes deſejos da virtude, mas que deixão de a praticar, ou porque não tem, nem pódem ter Director, ou porque podendo-o ter, e fazendo diligencia por iſſo, elles ſe lhes negão mais por perguiça, e falta de caridade, do que de aptidão para iſſo, como ſe diſſe no Prologo; e como ellas por hũa parte temem errar ſe ſe guiarem pelo ſeu proprio dictame, e por outra a propria fragilidade, e froxidão as faz perſuadir, que ſem Director a nada mais são obrigadas; ou ſe deixão andar em hũa vida eſteril, e ocioſa; ou declinão miſeravelmente para os vicios, que he o mais ordinario; do que tudo ſe fará cargo terrivel aos Directores, que podendo-o evitar ſe tiveſſem zelo, e eſpirito de Deos, póde mais nelles o amor do deſcanſo, do que o de Deos, e do proximo.

824 Mas não cuidem por iſſo eſſas almas que ficão baſtantemente deſculpadas diante de Deos; pois elle meſmo, que hé luz verdadeira, que illumina a todo o homem, ſinalou ſobre nós a luz da ſua divina face, e ſe obrigou a ſer guia de quem o quizer ſeguir: e todas as leys natural da razão, eſcripta, e da graça conſpirão uniformes nas maximas do bom acerto, clamando com as eſcripturas, que nos apartemos do mal, e ſigamos o bem. E Jeſus Chriſto, que he o verdadeiro Director, nos dá hũa tão completa direcção no ſeu Evangelho, que quem o ſeguir, e praticar o que ella enſina ſerá perfeito, e ſanto no mais elevado gráo de ſantidade. Elle ali nos manda, e aconſelha a oração não ſó frequente, mas contínua; elle nos manda o culto de Deos, e das couſas ſantas; elle nos manda amar a Deos, e ao proximo; manda fazer penitencia, confeſſar os peccados, receber ſeu Corpo Sacramentado; aconſelha a humildade, paciencia, ſofri-

sofrimento nas injurias, abrandura de coração, a pobreza, o desapego dos cuidados, e bens terrenos; finalmente a pratica de todas as virtudes, e de maior perfeição do que pódem aconselhar todos os Directores da terra; que desculpa terá logo quem a não praticar?

825 Mas porque não basta tudo isto para despertar as almas pusilanimes, que ou trepidão aonde não há que temer, ou se conservão immoveis por propria negligencia, para que em nada tenhão desculpa, eu me offereço por Director ás que o não poderem achar, e desejarem seguir o caminho da virtude; e não será a primeira vez que hum tronco secco o foi de hũa alma assim necessitada, e ancioſa. Sigão a seguinte breve direcção, que he propria para todos os estados, e pessoas, e não ha Christão, que a não possa praticar facilmente; e ella basta para as fazer verdadeiramente perfeitas, e espirituaes: e já não podem dizer que não tem Director, nem obediencia, ou direcção, que sigão, pois seguem esta, que aqui lhes dou, e assim vão seguras, e livres de enganos, e eu serei responsavel a Deos de todo o que ouver na prática dos dictames, e direção que aqui lhes proponho já.

826 Qualquer alma, que quizer seguir a vida do espirito, confesse-se, e commungue pouco mais, ou menos todos os oito dias, e nos de especial festividade, e indulgencia, ainda que sejão muitos, e continuados; e se no meio do referido espaço de oito dias se não sentir com consciencia de culpa grave certa, ou duvidoſa, occorrendo dia de festa, ou indulgencia, poderá commungar sem ser necessario confessar-se, mas sempre faça actos de dor, e detestação do peccado.

827 Faça cada dia hũa hora de oração mental dividida em duas vezes parte de manhã, parte á noite; hũa vez nas meditações dos principiantes, que ficão a n. 641., outra nas dos proficientes, que ficão a n. 655., e nella tire o fructo, e produza os affectos, que neste resumo se ensinão principalmente a n. 127., e a n. 136.

828 Ouça Missa todos os dias podendo, e não podendo, a medite espiritualmente, como se disse. (*n.* 734.)

829 Re-

829 Reze cada dia a Coroa da Senhora meditada, ou o Roſario, ou o Terço delle com devoção, a Novena das almas, e a eſtação do Santiſſimo Sacramento. Viſite devotamente a Via Sacra todos os dias, que poder, mas ao menos nos dias Santos, e Sextas feiras tendo commodidade para iſſo, e ſe a não tiver, a viſite eſpiritualmente como fica dito. *n.* 804.)

830 Póde rezar mais algũas devoções poucas, e breves; porque não ſe deve carregar muito de orações vocaes, que a ſua multiplicidade fatiga o eſpirito, e faz que para ſe comprirem todas nenhũas ſe ſatisfação com devoção, nem perfeição: antes ſejão poucas, e perfeitas, do que muitas ſem attenção.

831 Ponha o ponto da perfeição não na devoção accidental, quaes ſão a rezas vocaes, mas ſim na eſſencial, que he a pratica das virtudes, principalmente da humildade, caridade, e paciencia; a mortificação das payxões; a abſtracção de vaidades, ocioſidades, comercios perigoſos, e praticas ocioſas, e ſuperfluas, principalmente com peſſoas, que não fação profiſsão da virtude, e com as de differente ſexo.

832 Traga ſempre a Deos preſente quanto poder por algum dos modos que em ſeu lugar fica dito. (*a n.* 226.)

833. Cuide muito na guarda, mortificação, e boa ordem dos ſentidos, e potencias, izentando-os de actos perigoſos, e ocioſos. Não ſeja muito facil em fallar, que aſſim errará menos; pois diz a Eſcriptura, que no muito fallar não faltará o peccado; e quando não haja outro, ha o das palavras ocioſas, de que diz a meſma Eſcriptura que ſe ha de dar conta no dia do Juizo. Leia todos os dias, ou ouça ler ao menos hum quarto de hora de lição eſpiritual.

834 Faça todos os dias muitos actos de amor de Deos; e muitas, e fervoroſas jaculatorias; e ſe lhe não lembrar outra, repita eſta muitas vezes: *Senhor tende miſericordia de mim.* Commungue eſpiritualmente a todas as Miſſas, que ouvir, e as mais vezes que lhe pedir a devoção, que não ſejão menos de tres cada dia. Deſtes tres exercicios

cicios quantos mais fizer melhor faz.

835 Faça hum dia de retiro cada mez, e os de oito, ou dez dias hũa vez no anno, podendo. Faça todos os mezes o exercicio da Cruz, e o da morte.

836 Jejue nas Sextas, e Sabbados. Faça diſciplina (não com inſtrumento de ferro) nas Segundas, Quartas, e Sextas por tempo, em que ſe reze hũa eſtação. Ponha hum cilicio (não na cintura) nas Terças, Quintas, e Sabbados por tempo de hũa, ou duas horas. Tudo ſe entende podendo, e não tendo enfermidade maior, nem faça mais mortificações corporaes ſem conſelho, nem ponha nellas o ponto da perfeição, que ſó eſtá nas mortificações das payxões, e na verdadeira humildade, e pratica das virtudes. Occupe o tempo, que lhe reſtar dos exercicios, em algum trabalho honeſto, evitando ſempre a ocioſidade, que he inimiga da alma.

837 Á noite faça exame de conſciencia pouco antes de ſe deitar, em que recorde as obras boas, e más, que fez em todo o dia; e pelas boas dará louvores a Deos, e lhas attribuirá, porque são ſuas; das más, e dos defeitos lhe peça perdão fazendo actos de contrição, e propoſitos de emenda. Quando ſe deitar conſidere que póde não ſe levantar ſenão para a ſepultura. Não durma ſem neceſſidade mais de ſete horas, nem menos de cinco; ſe dormir ſó ſeis he bem baſtante. Pratique quanto poder o exercicio quotidiano, que a diante vai poſto; e creia-me que vai por caminho ſeguro, e de virtude, ainda que não tenha mais Director, nem outra direcção ſenão eſta, que aqui lhe dou.

838 E para que ſe affeiçoe mais á virtude, e conheça em que conſiſte a perfeição, e ſe eſtimúle á diligencia de a conſeguir, e ella, e todas as mais á viſta de documentos ſólidos, e efficazes ſe perſuadão da neceſſidade, que tem de ſolicitar a ſalvação a todo o cuſto, e que ſem trabalho não há premio, ſem contenda não há coroa, ſem diligencia não há gloria, ſem violencia, e força não há Ceo, aqui lhes offereço os ſeguintes.

§. XII.

ESTIMULOS DA PERFEIÇÃO.

Em varias doutrinas do Evangelho, Maximas de Santos, e Sentenças de Sabios.

839 SEde vós perfeitos assim como he perfeito o vosso Pay Celestial. *He de Jesus Christo no seu Evangelho.*

O que quer vir a pôs de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. *Do mesmo.*

O que não toma a sua cruz, e me segue com ella, não he digno de mim.

Trabalhai por entrar pela porta estreita: porque he mui larga a porta, e espaçoso o caminho, que leva á perdição, e são muitos os que entrão por elle. Ó como he apertada a porta, e estreito o caminho, que leva á vida; e poucos são os que o achão!

O Reyno dos Ceos padece força, e só os violentos o roubão.

Se vos não fizeres como meninos, não entrareis no Reyno dos Ceos.

Se não fizeres penitencia, sem duvida perecereis

Mais facil he passar hum camelo pelo fundo de hũa agulha, do que entrar hum rico no Reyno dos Ceos.

Se queres ser perfeito, vende tudo o que tens, e o dá aos pobres, e segue-me.

Bemaventurados os pobres de espirito; porque delles he o Reyno dos Ceos.

Bemaventurados os que chorão; porque elles serão consolados.

Bemaventurados os que padecem perseguição pela Justiça; (*que he a virtude*) porque delles he o Reyno dos Ceos.

Bemaventurados sois quando vos amaldiçoarem, perseguirem, e vos levantarem falsos testemunhos por amor

de

de mim: alegrai-vos, e tende prazer, porque o vosso premio he copioso nos Ceos.

Não vos admireis se o mundo vos aborrece, porque primeiro me aborreceu a mim, do que a vós.

Vós lamentareis, e chorareis, e o mundo se alegrará; vós vos entristecereis; mas a vossa tristeza se há de converter em gozo, e alegria.

Bemaventurados os que agora chorais; pois vós rireis.

Ay de vós os que agora rides; porque vos lamentareis, e chorareis!

Na vossa paciencia possuireis as vossas almas.

Aprendei de mim, que sou manso, e humilde de coração.

Se te derem hũa bofetada na face direita, offerecelhe tambem a outra.

Amai aos vossos inimigos, orai pelos que vos perseguem, e calũnião, e fazei bem aos que vos querem mal.

Estai preparados, porque na hora, que menos o cuidares, virá o Filho do homem.

Vigiai, porque não sabeis o, dia nem a hora.

Convem sempre orar, e nunca desfalecer.

O decíma he tudo do Sagrado Evangelho.

840 Não há exercicio mais proveitoso para a alma que o padecer. *De Maria Santissima.*

O leve, e momentaneo da nossa tribulação obra em nós hum eterno peso de Gloria. *Do Apostolo S. Paulo.*

Virá o dia do Senhor como vem de noite o Ladrão. *Do mesmo.*

Todos os que quizerem viver piedosamente em Jesus Christo, hão de padecer perseguição. *Do mesmo.*

Se o Justo apenas se salvará, o impio, e o peccador aonde pararáõ? *De S. Pedro Apostolo.*

841 Se tu mesmo não cuidas na perfeição, nem Deos, nem o Director ta darão. *De S. Antão Abbade.*

Pela porta do despreso se entra ao palacio da perfeição. *De Zacharias Monge.*

Não serás humilde se não fores despresado. *De Florencio.*

Nada tens aproveitado em quanto te não julgas o mais vil. *De Gerſon.*

São dous os ſignaes do homem eſpiritual; abſter-ſe de palavras ocioſas, e levar com goſto os deſpreſos. *De S. Thomaz.*

Para a perfeição importa irmos não andando, mas correndo: não correndo, mas voando. *De S. Maria Magdalena de Pazzi.*

Ó que vergonha! nós entre roſas, e Chriſto entre eſpinhas. *Da meſma.*

Não póde acontecer couſa mais glorioſa ao homem, do que o padecer por Chriſto. *De S. Fellipe Neri.*

Os trabalhos não são ira de Deos, ſenão miſericordia. *De Chryſoſtomo.*

Quem não buſca a Cruz de Chriſto, não buſca a Gloria de Chriſto. *De S. João da Cruz.*

Sofre ſofrer-te-ão *De hum Padre do hermo.*

Se fores ſofredor, ſerás orador. *De S. Nilo.*

Ser perſeguido ſem culpa he bocado ſem oſſo. *Do P. Baltaſar Alvres.*

Vai para a tentação quem não vai para a oração. *De Chryſologo.*

Para quem Deos he tudo, o mundo he nada. *De S. Franciſco de Salles.*

Hũa onça de obra feita no meio das trevas, e ſeccuras com a ponta do eſpirito vale mais qne cem libras feitas entre conſolações, e devotos ſentimentos. *Do meſmo.*

Ó como me parece feia a terra quando ponho os olhos no Ceo! *De S. Felippe Neri.*

A Cruz he a porta real para entrar no templo da perfeição, quem buſcar outra não entrará já mais. *Do P. Bernardez.*

Foges da Cruz? encontrarás outra maior. *Do meſmo.*

Quem não ſabe padecer por amor de Deos nada ſabe. *Do meſmo.*

Por iſſo não aproveitamos no eſpirito, porque furtamos os hombros aos trabalhos, e neſciamente queremos ajuntar virtudes a pouco cuſto, o que he impoſſivel. *Do meſmo.*

Se

Se Deos me sofre o muito, porque não sofrei o pouco a meu Irmão? *Do mesmo.*

Virtude sem trabalhar, e padecer não a verás já mais: ainda nas cousas materiaes nada ha perfeito sem ser trabalhado á custa de fogo, golpes, e marteladas. *Do mesmo.*

Dizes que desejas amar a Deos, e lhe pedes affectuosamente este amor? Bem fazes. Mas adverte que amar a Deos he padecer por elle de boamente; he não te amar a ti proprio; he amar a cruz dos despresos, afrontas, dores, pobreza, &c., he perdoar as injurias, e ainda deseja-las, e agradecê-las; he dar bem por mal, sofrendo, e metendo no coração todos os proximos. Trabalha por fazer isto, que isto he amar a Deos, e sem isto não ha amá-lo. *Do mesmo.*

Ponhamos mais cuidado na mortificação, que na oração; porque o não mortificado busca a oração, e não a acha; e ao mortificado a mesma oração o busca, e o acha. *Do mesmo.*

Toda a consolação do espirito, ou leva antes, ou se lhe segue depois, a tribulação, e trabalho; porque a fazenda de Deos toda leva a real marca da Cruz. *Do mesmo.*

Mais estima Deos hũa alma resignada, que recebe por seu amor qualquer interior desamparo, e trabalho, do que se tivera todas as consolações espirituaes. *Do mesmo.*

A mosca pegada ao mel não póde voar; e a alma que procura sabores do espirito, empede o vo-o da contemplação. *Do mesmo.*

Se algũa cousa obraste, ou disseste contra teu Irmão, no tempo da oração o pagarás; porqne buscas a hum Senhor, que tambem he Pay do que aborreces. *Do mesmo.*

Quem pertende orar conservando no coração o sentimento da injuria, he como o que vai buscar a agua em vaso furado. *Do mesmo.*

Quem amontôa exercicios de virtude sem primeiro cuidar na humildade leva pó nas palmas das mãos contra o vento. *Do mesmo.*

Se fores humilde de verdade, acharás que he impossi-

possivel que ninguem te aggrave ; porque ao nada ninguem deseſtima , e ſempre lhe ſobra honra ; a terra não ſe queixa de que a piſem ; proſtra-te na terra , e eſtarás livre das quedas. *Do meſmo.*

Se Cahiſte em algũa culpa , não te affliijas , nem perturbes ; que hum vicio não ſe remedea com outro : mas volta-te a ti , e vê o que es ; volta-te a Deos a pedir-lhe perdão , e aſſim tornarás a temperar o inſtrumento do teu eſpirito. *Do meſmo.*

He melhor mil vezes morrer , do que offender a Deos ainda leviſſimamente. *De hum Sabio.*

O Ceo he a minha Patria ; eſta he a minha herança ; aqui ponho todo o meu cuidado. *De Anaxagoras Gentio.*

A virtude excede a tudo o mais de tal ſorte que apenas ſe póde explicar. *De Cicero Gentio.*

Todo o tempo que não cuidas em Deos , dá-o por perdido. *De Syxto Gentio.*

Toda a vida devemos aprender a morrer. *De Seneca Gentio.*

Aſſim has de viver com os homens como que Deos te eſtá vendo ; e aſſim has de fallar com Deos , como ſe te vírão os homens. *Do meſmo.*

§. XIII.

EXERCICIO QUOTIDIANO.

842 HE Deos o noſſo primeiro principio , e deve ſer o noſſo ultimo fim , a que ſe dirijão todas as noſſas obras. Elle ſó para o ſervir nos creou ; para iſſo he que nos deu as potencias , e ſentidos , nos conſerva a vida , e nos dá o tempo , annos , e dias ; por iſſo todos os dias , todo o tempo , toda a vida , todos os ſentidos , e potencias devemos empregar ſempre em o ſervir , e amar ; e o tempo , que niſſo não occuparmos , he tão perdido , que athé os gentios o conhecem , como a cima ſe diſſe ; por iſſo o meſmo Redemptor nos adverte

te que quem o quizer seguir, ha de levar todos os dias a sua Cruz. (*Luc.* 9.) Deve pois o servo de Deos, que aspira a seguir a Jesus Christo pelo caminho da perfeição, não perder hora, nem instante, que não occupe nesta santa diligencia, fazendo tudo com recta intenção de lhe agradar como nos manda o Apostolo dizendo: *Tudo quanto fazeis, ou em palavra, ou em obra, tudo seja em nome de nosso Senhor Jesus Christo*: (*Colos.* 3.) e em outra parte: *Ou comais, ou bebais, ou façais outra qualquer cousa; tudo fazei para gloria de Deos.* (1. *Corint.* 10.) Tudo conseguirá o servo de Deos se empregar todos os dias o tempo como aqui se lhe insinúa.

843 Tanto que pela manhã acordar, ou ainda de noite, seja Deos o primeiro, que occupe a sua lembrança, e seja a primeira obra do seu cuidado o louvar ao mesmo Deos, e a toda a Santissima Trindade ao menos com hum *Gloria Patri*, *&c.*, e faça muito por se não deixar logo possuir da tibieza, porque do fervor, com que se começa o dia, pende muito o com que se fazem as obras de todo elle. Quando se levantar da cama considere que assim se há de levantar da sepultura quando do triste somno da morte o despertar a horrivel trombeta do Juizo. Quando se vestir considere, que depois de despido seu corpo da carne, que lhe hão de romper os feios bichos, ha de tornar a vestir-se della para apparecer diante do Supremo Juiz.

844 Depois de vestido se arme logo contra seus inimigos com o signal da Cruz, e considerando que se levanta para contender com elles, se lembre de quaes são os que maior guerra lhe fazem, a que vicio se vê mais inclinado, qual he a payxão dominante, que tem proposto vencer, e a virtude a ella opposta, que traz entre mãos para a adquirir; e vestido de fortaleza, e de firme confiança no divino auxilio se anime a contender nesse dia valeroso para não se deixar vencer desses inimigos; antes triunfar delles, e exercitar a virtude, que pertende. Considere que este póde ser o ultimo dia de sua vida, e que deve nelle fazer suas obras como se não tive-

ra

ra outro que viver. E esta boa consideração deve conservar todo o dia fazendo nelle qualquer obra com a consideração de q̃ a faz diante de Deos; e como se acabada ella houvesse de ir dar conta a Deos da perfeição, ou imperfeição, com que a fez.

845 Logo prostrado diante de Deos derrame seu coração em sua divina presença, firmando-se na viva fé de que elle ahi o está vendo, recebendo as suas humiliações, e prompto para o ajudar, e confirmar os seus bons propositos; e com algũa jaculatoria lhe agradeça o beneficio de o deixar chegar áquelle dia: peça-lhe a sua divina benção, graça, e auxilio para em todo elle lhe agradar, e que todas, suas obras pensamentos, e palavras sejão em seu santo serviço, e para maior gloria sua.

846 Faça logo vivos protestos de que em nada o quer offender, antes que tudo quer fazer por seu amor; e que ainda nas obras, em que se descuidar deste protesto, se reporta a elle, como se então o fizera. O mesmo deve fazer de que não he sua tenção consentir em todo o dia em tentação algũa do inimigo; antes a todas he a sua vontade reziſtir com o auxilio de Deos, que nunca lhe ha de faltar; e se em algũa se demorar sem advertencia, he sua tenção reduzi-la a esta geral repulsa: e quando de dia se vir vexado com algũa tentação lembrando-se do que pela manhã protestou, diga: *Estou pelo dito.* Faça logo tenção de merecer em todas as obras, que fizer; e de lucrar as indulgencias, que por ellas lhe forem concedidas. Póde dizer a seguinte oração, que dizia todos os dias de manhã Maria Santissima.

ORAÇÃO.

847 ALtissimo Senhor, e Deos eterno, ante vosso acatamento prostrado se presenta este vil bichinho da terra, e a menor de vossas creaturas, e vos dou infinitas graças, e louvores por vosso ser immutavel, perfeições infinitas, e porque me creastes de nada; e reconhecendo-me creatura, e feitura vossa vos bendigo, e ado-

adoro, dando-vos honra, e magnificencia como a Supremo Senhor meu, e de tudo o que tem ſer. Eu, Senhor, levanto meu eſpirito a pôrme em voſſas mãos, e com profunda humildade, e reſignação me offereço nellas, e vos ſupplico que façais de mim ſegundo a voſſa Santiſſima vontade neſte dia, e nos de mais, que me reſtão de vida, e me enfineis o que for de maior agrado, e beneplacito voſſo; e para comprir iſto melhor, he minha intenção repeti-lo muitas vezes nas obras exteriores deſte dia, e nas interiores conſultar primeiro a voſſa Mageſtade, pedir-vos conſelho, licença, e benção para todos. Amen.

848 Profunde-ſe logo de manhã na humildade reconhecendo-ſe indigno de andar no mundo, no meio das creaturas ſendo a mais vil de todas, e a mais ingrata aos beneficios de Deos. Conſidere o mundo, em que anda, e com que ha de tratar naquelle dia, que he hum valle de lagrimas, e de miſerias, e trabalhos, cheo de perigos, e deſgraças, e hum theatro de guerra, em que ſáe a contender com ſeus inimigos. Deſconfie logo de ſi, que por ſua miſeria poderá offender a Deos naquelle dia; mas confie muito no meſmo Senhor, que o ha de ajudar para que o não offenda, e lhe perdoará por ſua miſericordia, ſe por miſeria cahir em algũa culpa.

849 Logo ſe prepare para a Oração, que fará ao menos por tempo de meia hora, e no fim commungue eſpiritualmente introduzindo a Jeſus Chriſto aſſim em ſeu coração como alimento eſpiritual de ſua alma; e com a fortaleza deſte divino ſuſtento, ainda ſó em eſpirito, ſe reforçará a meſma alma para não enfraquecer no que lhe for preciſo tratar com o mundo. Todos os dias, quanto poder, aſſiſta ao tremendo Sacrificio da Miſſa pelo modo, que fica inſinuado, e commungará eſpiritualmente com o Sacerdote, como ali ſe diſſe.

850 Logo pela manhã ſe ha de radicar no ſanto exercicio da preſença de Deos; e eſte ha de ſer o ſeu maior cuidado em todo o dia avivar-ſe em hũa conſtante, e profunda fé de que elle o eſtá ſempre vendo, e conhecendo

ainda o mais oculto penſamento , e affecto de ſeu coração ; e que o meſmo , que agora he teſtemunha de ſuas obras , ha de ſer depois o Juiz dellas. Se o ſervo de Deos não tirar do entendimento eſta ſanta conſideração , poſſo-lhe ſegurar que he já bemeventurado na terra ; pois ſe a bemaventurança do Ceo conſiſte em eſtarem as almas na preſença de Deos , vendo-o com os olhos do entendimento , iſto meſmo á proporção gozão na terra as que vendo-o com os olhos da fé andão na ſua preſença. Eſta ſe póde ter de algum dos modos , que em ſeu lugar ficão apontados ; (*an.* 226.) mas ſempre ſe lembre muitas vezes da doloroſa Payxão de Jeſus Chriſto , inflamando-ſe em ſantos deſejos de o acompanhar nella , de levar com goſto o pezo da ſua Cruz , e de ſe fazer participante do Caliz dos ſeus trabalhos ; e com iſto ſe anime a padecer pelo meſmo Senhor ; certo de que quanto mais padecer, tanto mais lhe agrada ; e que eſte he o melhor modo de ſubir ligeiro ao cume da perfeição.

851 Muitas , e repetidas vezes no dia ſe entretenha com Jeſus Chriſto em amantes jaculatorias , que cuſtão pouco , e valem muito como v. g. algũas deſtas : *O' Jeſus de minha alma , quem fora digno de vós ! O' Eſpoſo Divino , quem vos amára como mereceis ! O' Deos de amor, o meu coração he voſſo &c.* Nas obras do dia cuide muito em que todas ſejão feitas com recta intenção de agradar a Deos , ainda o meſmo comer , beber , e dormir , que athé neſtas póde merecer ſe as conſiderar como miſerias da vida ; e que são determinadas por Deos para conſervação da vida , de que elle ſó he Senhor , e que ſó elle póde tirar , e quer que a conſervemos para o ſervir ; e para eſte fim ſe devem terminar todas as diligencias , que fizermos para a ſua conſervação.

852 Cuide muito de dia no exercicio das virtudes , principalmente na da Caridade , e humildade amando , e deſejando ſervir a todas as créaturas , e tendo-ſe ſempre pela mais vil , e deſprezivel de todas , que aſſim o julgava de ſi Maria SS. Na da paciencia , e conformidade com a vontade de Deos attribuindo a diſpoſição deſta tudo

do o que encontrar a ſua propria, e por iſſo ſofrendo-o com paz do coração, com goſto, e com animo impertubado. Na do ſilencio fallando ſó o neceſſario; antes declinando para o diminuto, que para o ſuperfluo; porque diz a Eſcriptura que, *No muito fallar não faltará peccado*: e em outra parte que de toda a palavra ociosa ſe ha de dar conta no dia de Juizo: e ociosa he toda a que não he neceſſaria para algum fim honeſto; falle com as creaturas com docilidade de geneo, e brandura de palavras, para as não eſcandalizar com o melancolico do ſemblante, e deſabrido do modo; mas iſente-ſe quanto poder do trato com ellas, quando o não pedir a caridade, a neceſſidade, ou urbanidade, que tambem he virtude. Falle mais com os mortos, que com os vivos; para o que occupará algum tempo em ler, ou ouvir lições eſpirituaes.

853 Por entre dia faça por não eſtar ocioſo nem hum ſó inſtante, porque a ocioſidade he inimiga d'alma, e a que abre a porta ás tentações; pois em quanto o entendimento eſtá occupado, não póde dar attenção ao tentador; por iſſo os Padres do Hermo, quando não tinhão outra couſa, que fazer, occupavão o tempo em fazer paredes, ſem outra precisão mais que evitar a ocioſidade, e depois de feitas as desfazião, e tornavão de novo a fazer, ſó por terem, em que ſe occupar; e a experiencia moſtra que os mais ocioſos são os mais entregues aos vicios.

854 De tudo quanto vir, ou ouvir, ou ſe lembrar, deve tirar motivos ou para os louvores de Deos, ou para proveitoſos affectos, e diſcurſos, e tudo deve ordenar para o agrado do Creador. Por exemplo: Quando come póde conſiderar que he pobre, que tudo o que tem he de Deos, o qual como Pay, e Senhor o ſuſtenta com aquella eſmola, a qual lhe deve agradecer como tal; conſidere que ſe os manjares causão goſto, que farão aquellas delicias do Ceo, aquella torrente de doçuras, que ſempre ſe goſtão ſem faſtio, e em cuja comparação amarga o mais delicioſo da terra! E á viſta diſto ſe envergo-

nhe de cuidar mais no regalo do corpo, que no ſuſtento d'alma, e reſolva-ſe a comer mais por neceſſidade que por goſto.

855 Quando ouvir cantar, ou tocar ſonoras muſicas lembre-ſe das que farão os Coros dos Anjos diante do Throno de Deos, e inflame-ſe em deſejos de ir ouvi-las, e acompanhá-las. Quando ouvir ralhos, vozes, ou eſtrondos deſtemperados, lembre-ſe dos alaridos, e horrores do Inferno, e das maldições, e blasfemias, que os demonios, e condemnados eſtão vomitando contra Deos, e tema não os vá acompanhar nellas. Quando vir fogo, e fumo, lembre-ſe do tenebroſo, e activo do fogo do Inferno, em cuja comparação he ſó como pintado o da terra, e ſe neſte não podemos ſoportar hum dedo hum ſó inſtante, quem ſe atreverá a arder naquelle eternamenmente? Quando vir algũa couſa formoſa, lembre-ſe que toda a formoſura do mundo he participada de Deos, que ſó he formoſo por eſſencia, e quando a das creaturas agrada ſendo nada, que ſerá a do meſmo Creador, que he infinita? Quando olhar para o bello ornato dos Ceos, para a formoſura do Sol, para o luzido dos aſtros, para o lindo matiz das eſtrellas, inflame-ſe em amantes ſaudades da Patria Celeſtial, e conſidere quanta ſerá lá dentro a ſua formoſura, quando ſó as paredes são tão lindas!

856 Quando vir correr agua, lembre-ſe que aſſim corre a ſua vida ligeira para a morte; e que mais fiel he a agua ao ſeu centro correndo para elle ſem ceſſar, do que he ſua alma em correr para o ſeu Creador, que he o ſeu centro. Quando vir couſas nojentas, lempre-ſe que muito mais aſqueroſas as trágão á força os condemnados. Quando vir moribundos, defuntos, ou officios por elles, lembre-ſe que brevemente ha de fazer a meſma figura. Quando tocarem os ſinos a defuntos, conſidere quando aſſim tocarão na ſua morte; e quando tocarem a Officios Divinos, lembre-ſe que são nuncios de Deos, que o chamão para os ſeus louvores. E quando der horas o relogio, ſupponha que he hum pregoeiro de Deos que lhe clama:

clama: *Já lá vai mais huma hora da tua vida; lembra-te do Deos, que ta deu, e ta póde tirar na hora, que ſe ſegue; vive nella como ſe nella ouveſſes de morrer*; e com eſta lembrança recordará os prepoſitos da manhã, a payxão que intenta vencer, e a virtude, que deſeja adquirir; renove os protẽſtos; repita a jaculatoria do dia, ou outra; e reze hũa *Ave Maria* como he louvavel coſtume das peſſoas devotas.

857 Quando trabalhar, tiver dores, canſeiras, afflicções, conheça que tudo he effeito do peccado, e maldição, que Deos por elle nos deitou, e que ſe não foſſe a culpa tudo havia de ſer paz, deſcanſo, ſaude, felicidades, e gozos. Quando entrar na Igreja, lembre-ſe que he caſa de Deos, em q̃ deve eſtar com o maior reſpeito, e acatamento. Finalmente ſe o coração andar bem dado a Deos, alheio de cuidados ocioſos, e eſtranhos á virtude, a meſma razão lhe enſinará o modo de ſe ſervir de tudo para conſiderações proveitoſas ao eſpirito, e agradaveis a Deos como proprias do vivente eſpiritual.

858 Se por miſeria cahir em algum defeito, ou peccado, ainda que ſeja mui grave, nem por iſſo deixe de continuar dahi por diante eſta boa ordem do ſeu interior; nem ſe perturbe com deſaſſoſsêgo, nem perca a paz do coração; que ſerá fazer hum mal depois de outro; mas com muita humildade, dor, e paz do coração ſe converta logo a Deos, e lhe peça perdão dizendo: *Senhor, eu obrei como quem ſou; que ſe podia eſperar do barro ſe não fragilidades? Se a voſſa bondade me não tivera mão, commetteria eu muito maiores peccados: Obrai vós agora comigo como quem ſois; como Pay de miſericordia uſai-a comigo, pois ſabeis o barro de que me fizeſtes.* Finalmente em todo o dia ſe conſidere cercado de inimigos, e que a ſua propria vontade he a ſua maior inimiga, por iſſo ſe deve oppor a ella quando for deſordenada, e inclinada ao mal, e ſó fazê-la quando Deos lha mover para o bem; ſe armar guerra contra ſi vencerá. Quanto lhe ſucceder adverſo, e contrario ao ſeu goſto, e vontate, ainda os meſmos

meſmos males, tudo attribua a permiſsão, providencía, ou determinação divina, que, como diz S. Agoſtinho, julgou melhor fazer bens dos males, do que permittir que não ouveſſe males nenhũs, e por iſſo nada deve ſentir, nem entriſtecer-ſe, ou apaixonar-ſe, antes conformar-ſe em tudo com a divina vontade, certo de que hũa folhinha de hũa arvore ſe não move; hum cabello de noſſa cabeça não cáe ſem diſpoſição do Altiſſimo.

859 Cuide muito em ſe exercitar de dia em algũas mortificações pequenas, que são exercicios de pouco trabalho, e muito proveito, e merecimento, como v. g. deixar de comer hum bocado, em que teria grande goſto; deixar de dizer hũa graça, ou hũa palavra, que lhe pedia a inclinação; não olhar para hũa couſa, que muito deſejava ver, ainda ſendo licita; ſofrer hũa moſca no roſto por algum tempo; pôr o joelho em terra, ou beijála algũas vezes em reverencia de Deos; não ſe deſculpar quando o culpão falſa, ou verdadeiramente; ou outras couſas ſimilhantes, que são pequenas no trabalho, mas feitas pelo amor de Deos, são muito grandes, e cada hũa dellas vale mais que todos os bens do mundo, e ainda mais do que toda a formoſura material dos Ceos, ainda do meſmo Empyreo. Eſtes são os cilicios, as deciplinas, e as penitencias mais agradaveis a Deos, e hum martyrio maior que o dos meſmos martyres, porque he mais continuado.

860 Quando ſe for acabando o dia, lembre-ſe da brevidade, com que paſſa o tempo, e que deve aproveitar o que tem, para que lhe não falte quando o queira. A' noite, depois de rezar as ſuas devoções, que devem ſer poucas, e bem rezadas, acompanhando o coração o que a lingua profere, fará outra vez Oração mental como de manhã. Quando for para ſe deitar faça exame de conſciencia, recordando as obras do dia, como comprio os ſeus propoſitos; como fes os ſeus exercicios; as faltas, que teve em huns, e outros, e os defeitos, ou culpas, em que cahio; e ſe achar em ſi algum bem logo o attribua a Deos, que he a fonte, e a origem de todo, e lhe

de

dê graças por isso, e pelos mais beneficios, auxilios, e misericordias, com que o favoreceu neste dia; e dos defeitos, e culpas lhe peça humildemente perdão attribuindo-as á propria miseria, e fragilidade, e as mais aggravantes as recomende á memoria para as sugeitar ao Sacramento da penitencia; e prostrando-se diante de Deos, fará a confissão, como quem confessa as suas culpas ao mesmo Senhor, e fazendo acto de contrição pelas desse dia, e pelas de toda a sua vida, se dará a si mesmo algũa leve penitencia, como v. g. hum *Credo*, ou hum *Padre nosso*, ou beixar cinco vezes a terra &c., e esperará de Deos o perdão, e a absolvição de tudo por sua misericordia.

861 Logo considerando que a cama he a imagem da sepultura, e o somno o retrato da morte, commungará espiritualmente como por Viatico lembrando-se que da cama se póde aquella noite levantar só para a sepultura. Fará por ter agua benta no seu apozento, e a deitará em si, na cama, e na casa considerando que assim lha deitarão depois de morto; e he mui conveniente isto para affugentar o demonio, que foge donde ella chega. Fará tres cruzes sobre a cama hũa no cima, outra no meio, outra no fundo dizendo: Virgem ✠ antes do parto; Virgem ✠ no parto; Virgem ✠ depois do parto; e a cada hũa rezará hũa *Ave Maria* á pureza de Maria Santissima, e pedirá a Deos, á Senhora, e ao seu Anjo da guarda que o livrem, e defendão aquella noite de máos sonhos, e offensas de Deos, e proteste, que he sua vontado resistir, e detestar todos os sonhos máos, e fantasmas noturnas.

862 Quando se deitar, considére que se deita na sepultura, e que a roupa, com que se cobre, he a terra, e ossos, com que nella o hão de cobrir. Ja deitado, encomende sua alma ao Creador dizendo: *Em vossas mãos, Senhor, encomendo o meu espirito; pois me remistes, Senhor Deos de verdade*: E por sua alma reze ao menos hum *Padre nosso*, e hũa *Ave Maria* como se já estivera morto. E este, e tudo quanto poder, applique pelas do Purgatorio,

torio, de quem deve ſer muito devoto, e compadecido. Ultimamente fazendo o ſinal da Cruz fará depois tres Cruzes ſobre o coração dizendo: Je ✠ ſus, Je ✠ ſus, Je ✠ ſus, ſede para mim Jeſus. Faça muito porque o ſomno o ache com palavras ſantas na boca, para que, aſſim como ſe deita com Deos, com elle ſe levante para os ſeus divinos louvores.

863 Eſta he a eſtrada do Paraiſo, eſte o atalho ſeguro para o Ceo; eſta a lucerna do eſpirito, que deſterra d'alma as eſcuras trevas, com que Lucifer lhe occulta os perigos da vida, e as felicidades de quem ſegue a do eſpirito. Eſta he a torre fortiſſima, donde pendem mil eſcudos; eſta a fortaleza invencivel, o muro inexpugnavel contra todas as batarias do inferno. Eſta finalmente he a vida, em que ſe gozão as ſuaves delicias do eſpirito, e a alegre companhia de Jeſus Chriſto, e a que ſó ſe deve chamar vida; eſta a que cauſa proveito á alma, alegria a Deos, conſolação aos Anjos, júbilo aos Santos, horror ao inferno, deſeſperação aos demonios, confuſão aos condemnados. Caminhe o ſervo de Deos por eſta ſegura vereda, não decline nem para a direita, nem para a eſquerda, e eu lhe ſeguro a feliz chegada á alegre Patria; poſſe do eterno júbilo; o gozo da ſalvação glorioſa; e a conſolação d'alma no goſtoſo abraço de Deos vivo; de quem ſeja o louvor, a honra, e gloria por todos os ſeculos dos ſeculos. Amen.

FIM.

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE
COIMBRA

D. F. F. D. I. M.

D. R. 79. U. 36.

D. F. F. D. I. M.